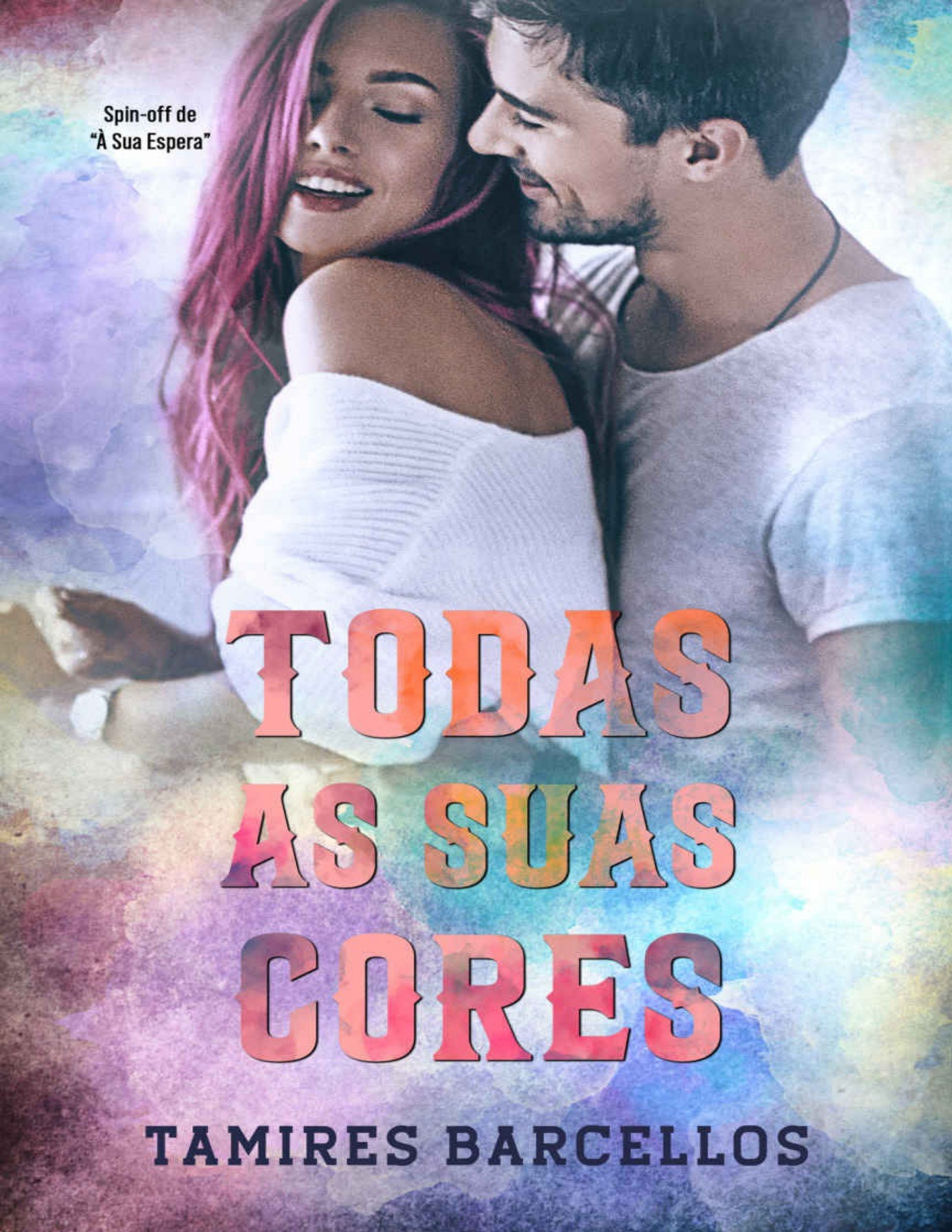


A romantic couple is shown in a close embrace. The woman, with long, wavy pink hair, is wearing a white off-the-shoulder top and has her eyes closed with a smile. The man, with dark hair and a beard, is wearing a light blue t-shirt and is looking down at her. The background is a vibrant, abstract watercolor wash in shades of pink, purple, blue, and yellow.

Spin-off de
"À Sua Espera"

TODAS AS SUAS CORES

TAMIRES BARCELLOS



TODAS AS SUAS CORES

TAMIRES BARCELLOS

Spin-off de
"À Sua Espera"

Copyright © 2020 por Tamires Barcellos

Todos os direitos reservados.

Revisão e leitura crítica: Raquel Moreno

Capa: Dri K. K.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra
sem a autorização prévia da autora.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.



Caio

Santo Elias era a minha casa. Eu poderia passar semanas viajando de um lugar para o outro, hospedado em hotéis ou até mesmo em casa de amigos, dormindo no quarto de hóspedes na casa dos meus pais em Goiânia ou no apartamento que mantinha na cidade, mas era em Santo Elias que eu me sentia conectado comigo mesmo e com as minhas raízes, por isso, todas as vezes que eu estava voltando para a cidade, gostava de pisar fundo no acelerador para poder chegar o quanto antes.

“*Radioactive*”, de *Imagine Dragons*, tocava bem alto no rádio do meu carro e abri a janela ao meu lado para sentir a brisa fresca do início da noite. A estrada estava parcialmente vazia e eu já pensava em uma forma prazerosa de encerrar aquele dia. Metade de mim queria apenas ficar jogada no sofá assistindo a algum filme e a outra metade queria sair para aproveitar a noite em Santo Elias. Apesar de ser uma cidade do interior, o fato de ter muitas fazendas fazia com que a rotatividade de turistas fosse bem grande e era disso que eu mais gostava, o fato de sempre ter alguém novo para conhecer.

Meu celular vibrou em meu bolso e o apoiei no suporte no console do carro vendo o nome de Davi, um antigo amigo, brilhar na tela. Abaixei o som e atendi no terceiro toque:

— Fala, Davi! Seu sumido!

— Cara, estou atolado de trabalho até o pescoço, mas consegui te ligar agora, porque tive uma folga. Adivinhe onde estou?

— Onde?

— Em Santo Elias! Vim visitar o meu velho e vou passar a noite na cidade, queria saber se a gente poderia tomar uma cerveja no Bar das Onze.

E, simples assim, aquela vontade de ficar deitado no sofá foi embora.

— Claro! Eu estou chegando na cidade, a gente se encontra umas nove

horas, pode ser?

— Perfeito, até mais tarde.

— Até.

Desliguei o celular e pensei em ligar para Ramon e o convidar para nos acompanhar, mas logo descartei a ideia. Meu melhor amigo não era muito chegado à farra e agora que tinha uma hóspede que, querendo ou não, eu tinha quase certeza de que mexia demais com ele, sabia que sua resposta seria um autêntico “não”. Sem querer, comecei a rir. Acho que não havia, no mundo inteiro, dois melhores amigos tão diferentes quanto eu e Ramon.

Enquanto ele era todo fechado, sério, chato até a raiz dos cabelos, eu era mais de “bem com a vida”. Nossa diferença de idade era muito pouca, mas eu costumava pensar que eu tinha a mente mais jovem do que a minha idade. Não era algo ruim querer aproveitar a vida ao máximo, principalmente porque o dia seguinte era incerto e não podíamos fazer muita coisa além de viver o presente.

Mas eu entendia o lado de Ramon. Ao contrário de mim, que nunca fui rico, mas tive uma vida confortável, que nunca passei por dificuldades e vivi em uma família bem estruturada, meu melhor amigo teve que enfrentar muita coisa quando ainda era muito novo. Era amigo de Ramon desde a infância, então, estive presente em cada etapa da sua vida e sabia de cor todas as dificuldades que ele teve que encarar e superar, o medo de perder as suas terras, a dor de enterrar os pais ainda tão jovem, sua luta para reerguer a fazenda e se tornar o empresário de sucesso que era hoje. Sentia muito orgulho daquele idiota e me sentia privilegiado por ter a sua amizade, pois sabia que podia contar com Ramon para tudo, assim como ele podia contar comigo.

Sempre gostei de ser aquela pessoa que trazia leveza aos lugares. Amava fazer com que as pessoas rissem, que se divertissem e não era diferente com Ramon. Sempre insisti para que saísse mais, que aproveitasse a vida, principalmente agora, que era rico e tinha uma carreira de sucesso, mas ele era turrão, um babaca cabeça dura e quase nunca cedia. No entanto, agora tinha ao seu lado uma garota de dezenove anos, que devia estar fazendo um estrago naquela fazenda. Foi impossível não rir ao me lembrar de Gabi e fiz uma nota mental de aparecer lá amanhã para saber como as coisas estavam. Não podia perder a oportunidade de rir da cara do Baldez.

Cheguei em casa perto das sete horas e tomei um banho longo, antes de ir para a cozinha e preparar uma coisa rápida para comer. Cozinhar não era

muito o meu forte, mas como um homem solteiro que não tinha empregada, eu precisava me virar e não era muito chegado a comer besteiras. Não que eu fosse rígido demais com a minha alimentação, mas gostava de me cuidar, de me exercitar e ser saudável. Por isso, preparei um sanduíche rápido de peito de peru, tomate e ricota no pão integral e fiz um suco de laranja, antes de me sentar no sofá para comer.

Coloquei em um canal qualquer na TV e respondi algumas mensagens entre uma mordida e outra — inclusive uma da minha mãe, perguntando se eu havia chegado bem em casa — e deixei o prato e o copo vazios em cima da mesinha de centro, antes de me recostar no sofá. Passei a próxima hora dando uma olhada rápida em meus *e-mails* e decidi que tiraria os próximos dois dias de folga, já que teria que viajar para São Paulo com Ramon no domingo. Quem falasse que a vida de um advogado era fácil, eu daria um belo chute no traseiro.

Lavei a louça e me arrumei para sair de casa. O Bar das Onze era o meu lugar favorito para beber e curtir em Santo Elias, ali, todo mundo já me conhecia e eu tinha lugar cativo em diversas mesas, justamente por manter contato com Deus e o mundo. Cheguei sendo abraçado e chamado por diversas pessoas e precisei gastar pelo menos vinte minutos entre cumprimentos e conversas rápidas, antes de pedir uma mesa para Flávio e me acomodar em frente ao palco. Tomei um susto ao reconhecer a mulher que estava cantando naquela noite.

— Ramon precisa saber dessa notícia — murmurei para mim mesmo, sacando meu celular do bolso. Liguei para ele, mas tocou até cair na caixa postal e decidi que iria ligar mais tarde.

A cantora loira e com o corpo esbelto cantava alguma música sertaneja que eu desconhecia. Pude perceber que alguns homens babavam nela, mas eu não conseguia sentir interesse, principalmente porque Ramon havia se interessado por ela primeiro. Talvez ele quisesse fazer contato com ela, agora que ela estava de volta à cidade.

— Caio!

A voz de Davi me despertou e me levantei para o cumprimentar com um abraço rápido, com direito a tapinhas nas costas. Acho que não o via há pouco mais de um ano.

— Porra, não acredito que tirou a barba! Ela escondia essa sua cara feia muito bem — falei ao me sentar e ele riu alto.

— Seu idiota, já se olhou no espelho hoje? Você fala como se fosse lindo.

— Bom, ninguém nunca reclamou.

Ele riu e eu fiz um sinal para Flávio, pedindo dois chopes.

— Quase não consegui te encontrar! A cada vez que volto à cidade, o Bar das Onze fica mais cheio.

— O Bar das Onze está ficando famoso. Agora, me conta, o que o trouxe de volta?

Davi começou a me falar que seu pai vinha insistindo para que ele viesse lhe fazer uma visita. Apesar de usar da desculpa de que estava com saudades do filho mais velho, Davi disse que, no fundo, sabia que o motivo do seu pai ia além disso, ele queria mesmo era que Davi voltasse de vez para Santo Elias e comesse a se interessar mais pela fazenda, para que, um dia, tomasse conta do lugar ao lado do irmão mais novo quando ele partisse. Assim como eu, Davi havia crescido na cidade, e, apesar de eu ser oito anos mais velho, nos aproximamos quando meu pai se tornou advogado do pai dele seis anos atrás. Comecei a o incluir em meu círculo de amizade e continuamos a manter contato quando meu pai se aposentou e Davi mudou-se para Goiânia para poder cursar faculdade, residindo por lá depois de se formar.

Davi havia feito Administração e eu escolhi Direito, pois havia me apaixonado pela profissão ao ver meu pai advogar durante toda a minha vida. Ele nunca me pressionou a seguir os seus passos, sempre deixou claro que eu era livre para decidir sobre o meu próprio destino e acho que, talvez, tenha sido isso que fez com que eu olhasse com mais atenção para a sua profissão. Meu pai era um homem excepcional, íntegro e honesto, eu o admirava e o via como um exemplo a ser seguido. Por sorte, encontrei-me de verdade quando embarquei na faculdade e lutei para me tornar um advogado sério e respeitado, apesar de ser um homem diferente na minha vida pessoal.

Tomamos mais alguns chopes e conversamos sobre tudo, ele me atualizou sobre a sua vida, disse que havia se separado da namorada há seis meses e que agora estava aproveitando a solteirice. Com aquela informação em mãos, resolvi que era hora de darmos uma volta pelo bar e começarmos a realmente curtir a noite. Eu conseguia notar o olhar de algumas mulheres para a nossa mesa e aproveitei para poder retribuir com todo o meu charme.

Logo vi uma morena linda, com os cabelos castanhos caindo pelas costas e um sorriso fácil, os lábios pintados de vermelho. Ela me olhou e colocou o canudo do drinque na boca, sugando a bebida com os olhos cravados em mim e um sorrisinho no canto dos lábios.

— Parece que você já arrumou alguém para hoje — Davi disse ao meu

lado e eu apenas assenti, sem tirar os olhos dela. — Vai lá, cara, porque tem uma gatinha me olhando ali do outro lado. A gente se fala amanhã.

Despedi-me dele e fui para perto da morena, que me recebeu com um sorriso animado e um olhar excitante. Apresentei-me e perguntei se ela queria dançar comigo, ouvindo o seu sim em um tom meio rouco e sensual. Fui com ela para perto do palco, tomei a sua cintura em minhas mãos e começamos a dançar.



Já estava um pouco alto e prestes a ir embora com a morena — que descobri que se chamava Laryssa —, quando a cantora passou por mim e acenou, claramente me reconhecendo. Acenei de volta e sorri, pedindo um segundo para Laryssa para poder ir ao banheiro e aproveitei que o lugar estava parcialmente vazio para ligar para Ramon, pois sabia que pelas próximas horas, eu estaria impossibilitado de fazer qualquer outra coisa que não fosse mergulhar no corpo lindo daquela mulher, que eu já estava louco para despir.

Ramon atendeu no terceiro toque e despejei tudo de uma vez. Ele estava meio estranho ao telefone, parecia tenso, mas quando falei que tinha que aproveitar aquela oportunidade para sair do celibato, me xingou, o que me fez rir. Se ele estava me xingando, era porque seu humor não estava tão ruim. Desliguei depois de passar o recado e voltei para o bar, puxando a cintura de Laryssa e perguntando se ela já estava pronta para ir embora. No meio da noite, acabei descobrindo que ela estava de passagem pela cidade, por isso, estava hospedada no hotel e era para lá que iríamos.

Depois de se despedir de suas amigas, saímos do Bar das Onze e entramos em sua suíte aos beijos, deixando nossas roupas pelo caminho até a cama, onde passamos o resto da noite. Ela era fenomenal e, com muito custo, acordei às sete da manhã quando o celular dela despertou. Despedimo-nos ali, até trocamos número de telefone, apesar de eu ter quase certeza de que seria difícil nos vermos novamente, já que ela morava em outro lugar e eu vivia viajando, e fui embora, tomando um banho rápido antes de me jogar na minha cama e apagar.

Acordei novamente às dez horas, com o celular tocando estridentemente em meus ouvidos. Demorei um pouco para focar a visão e bocejei antes de

atender.

— Você não acha que está muito cedo para incomodar os outros? Eu ainda nem tomei café da manhã! — falei para Ramon, coçando os olhos.

— *Quem leva o trabalho a sério já está acordado há horas. Tem certeza de que você não comprou o seu diploma?*

Foi impossível não rir daquele idiota e perguntei logo o que ele queria, pois os meus planos para aquele dia era ficar em casa, jogar uma água nas minhas plantas, talvez malhar um pouco, dar um pulo na piscina e descansar à tarde, para poder sair à noite. Estava pensando em dar um pulo na cidade vizinha para poder ir à um barzinho novo que havia sido inaugurado há pouco tempo, mas mudei completamente o meu roteiro ao ouvir o pedido de Ramon. Abri um sorriso enorme e encarei o teto, sem conseguir acreditar. Ele queria saber se eu poderia ir atrás da cantora e a levar para a fazenda.

— E você acha que eu perderia a oportunidade de arranjar uma foda para o meu amigo eremita? Mas é claro que não!

— *Pelo amor de Deus, por que eu sou seu amigo mesmo?*

— Porque você me ama, só não quer admitir. Vou só tomar um banho e comer alguma coisa, depois vou passar no hotel da cantora. Estou louco pra ver ela fazer a sua piroca cantar.

— *Caio, vai se foder.*

— É você que vai foder, meu amigo. Graças a Deus e a mim.

Ele desligou na minha cara ao ouvir a minha risada e eu dei um pulo da cama, indo me preparar para poder fazer a felicidade do meu amigo. Tinha que confessar que não pensei que ele iria mesmo querer se encontrar com Patrícia, mas já que tinha resolvido abrir uma brecha naquela sua vida fechada, eu iria ajudar.

Cheguei ao hotel uma hora depois e o gerente, que era um velho conhecido, me informou qual era a suíte da cantora e eu fui até lá. Ela pareceu surpresa ao me ver do outro lado da porta, mas abriu um sorriso quando informei que Ramon havia me enviado ali para convidá-la para conhecer a fazenda. Tive que esperar por quase quarenta minutos no *lobby* do hotel até ela ficar pronta e chegamos à fazenda um pouco depois do meio dia, encontrando Ramon na porta do casarão.

De imediato notei que havia algo de estranho com ele, mas pensei que poderia ser nervosismo por estar recebendo Patrícia em sua casa. Não era do feitio de Ramon levar encontros para a fazenda — outro caso a se estranhar — mas cheguei à conclusão de que, talvez, ele quisesse ser gentil com ela, já

que a deixou para trás na noite em que se conheceram. Eles se cumprimentaram e, para quebrar um pouco a tensão que Ramon parecia sentir, falei:

— Estava falando para Patrícia que você ficou muito contente quando soube que ela estava de volta à cidade.

— Verdade. Sabia que não podia deixar passar essa oportunidade — disse ele, enquanto entrávamos no casarão.

— Confesso que a primeira coisa que pensei quando recebi o convite para cantar aqui de novo, foi que queria ver você. Se não tivesse me procurado, eu certamente bateria na sua porta.

O modo como Patrícia desceu os olhos pelo corpo de Ramon me fez querer soltar uma risada e uma piadinha de cunho sexual para o meu amigo, mas apenas sorri e dei um tapinha em seu ombro, deixando bem claro que eu tinha certeza de que, finalmente, o homem ia sair da seca naquele dia. Pensei que ele iria retribuir o flerte da cantora, mas seus olhos focaram na escada e, confuso, virei-me para encontrar o que tanto chamava a sua atenção. Parada nos degraus, estava Gabriela, com os olhos levemente arregalados e o rosto pálido, como se tivesse tomado um susto. Não entendi a sua reação, mas aproximei-me da escada mesmo assim e sorri, abrindo os braços.

— Gabi, como é bom rever você! Vem aqui falar comigo!

Ela piscou, como se tivesse me visto apenas naquele momento e desceu a escada, se jogando em meus braços com um sorriso. Era realmente muito bom revê-la. Havia gostado de Gabriela de imediato quando a conheci na noite do acidente do seu pai e esse sentimento foi crescendo conforme eu visitava a fazenda e tinha oportunidade de conversar com ela. Sem contar que era bem nítido que ela mexia com Ramon, o que me divertia. Inclusive, pela minha visão periférica, eu podia ver os olhos de gavião dele em cima de nós dois, o que acionou vários alertas em minha cabeça.

— Como você está, Gabizinha? — perguntei ao me afastar.

— Estou bem e você? Estava com saudades.

Passei o braço pelos ombros dela e dei o meu melhor suspiro melancólico, tentando fazê-la rir. Não aconteceu, pois agora eram os seus olhos que estavam em cima de Ramon e da cantora. Aquilo estava bem esquisito.

— Ai, Gabi, você sabe, sou um advogado importante, renomado... Queria ter mais tempo para vir aqui perturbar você e o Ramon, mas não consigo.

Ela finalmente riu e me deu um soquinho nas costelas.

— Você não me perturba.

Abri um sorriso convencido, fitando Ramon antes de apresentar Gabi à cantora, já que o dono da casa não se movia para fazer isso e não conseguia tirar os olhos de cima dela. Logicamente, Patrícia notou que o sobrenome de Gabriela não era estranho e tivemos que relembrar o que havia acontecido a Abraão. O clima ficou esquisito, mas piorou quando a cantora deixou escapar que conheceu Ramon naquela noite e que foram interrompidos por conta do acidente. Gabriela ficou lívida ao meu lado e falou quase entredentes:

— Sinto muito que o acidente do meu pai tenha atrapalhado o plano de vocês, mas pode ter certeza que nada vai atrapalhar os dois hoje. Vai poder *dar* o seu presente à vontade. Espero que se divirtam. Com licença.

Ela saiu em disparada e eu observei aquilo em choque, tentando ligar um ponto a outro em minha mente com todas as informações que eu tinha. Aproveitei que a cantora pediu licença para ir ao banheiro e confrontei Ramon:

— O que foi isso, cara?

— Isso o quê?

O filho da mãe fingiu que não estava entendendo nada e eu cruzei os braços.

— *Isso* que acabou de acontecer! Foi impressão minha ou a Gabizinha estava com ciúmes de você?

— Não seja idiota. — Ele foi em direção ao bar e se serviu de uma dose de uísque. — Está vendo coisa onde não existe.

— Ah, não estou não. Inclusive, eu vi muito bem que *you* não conseguia tirar os olhos de cima dela. Acha que não percebi o modo como a olhou enquanto ela descia as escadas? — Minha pergunta pairou no ar e Ramon me olhou em silêncio, antes de virar o uísque de uma vez só com o maxilar travado. Aquilo era tudo o que eu precisava para confirmar que as minhas suspeitas estavam certas. — Está gostando dela!

— Caio...

— Está gostando da Gabizinha! Porra, eu sabia! Sabia que tinha alguma coisa muito estranha nesse seu pedido. Se quisesse encontrar a cantora, teria ido até a cidade e batido na porta do quarto dela hoje à noite. Fez isso para mostrar a Gabi que está em outra! — Eu estava sorrindo por constatar que estava certo, mas logo perdi o traço de humor. Que idiotice! Como Ramon tinha coragem de ser cruel daquele jeito com a Gabizinha? — Sério, Ramon, eu não acho isso legal. É nítido que a Gabi ficou abalada quando viu a Patrícia ao seu lado e entendeu o motivo de ela estar aqui. Não tinha

necessidade disso.

— Ela precisa entender que não pode e não *vai* acontecer nada entre nós dois.

— Por que não pode acontecer nada entre vocês dois?

— Nem vou te responder.

— Ah, vai sim! — falei, colocando a mão em seu ombro quando ele deu um passo para trás. — Desembucha.

— Caio, agora não!

— Vamos, Baldez! Quero ouvir seus motivos para estar quebrando o coração dela desse jeito.

Sabia que poderia estar pegando pesado, mas talvez Ramon precisasse de um choque de realidade. Pelo amor de Deus, como podia ser tão cabeça dura? Logicamente, entendia os seus motivos para ficar com um pé atrás em se envolver com Gabriela, mas não achava que era algo tão grave ao ponto de ele precisar esfregar que estava com outra mulher na cara dela. Senti que ele iria me responder, mas a cantora chegou na hora com um sorriso enorme e os olhos brilhando, achando que teria a melhor noite da sua vida naquele dia. Eu poderia estar muito errado, mas tinha quase certeza de que ela iria embora de Santo Elias bem frustrada. Apertando o ombro de Ramon, olhei para a cantora e falei:

— Tenho certeza que Ramon está *muito* ansioso para te mostrar tudo, afinal, foi ele que fez questão de que você viesse. Aposto que quer *muito* a sua companhia.

Consegui ver todos os seus dentes quando o sorriso dela se abriu ainda mais.

— Eu também quero muito a companhia dele.

— Aposto que sim — falei ao me afastar. — Vou dar uma volta com a Gabizinha. Sinto que teremos uma conversa bem interessante.

Vi quando cerrou os olhos e saí da sala depois de pedir licença, traçando um plano em minha mente. Realmente, precisava conversar com Gabi e saber como ela estava depois daquele showzinho do Ramon. Fui interceptado no meio do caminho por uma mão pesada em meu ombro e os olhos do meu melhor amigo soltando farpas, o que me fez sorrir.

— Não faça nenhuma besteira!

— Não sou eu que estou fazendo besteira aqui.

— Caio, pelo amor de Deus! Ela é só uma menina!

— Não, ela é uma mulher, Ramon. Se fosse apenas uma menina, você não

olharia para ela como se fosse o motivo de todos os seus desejos. Abre o seu olho, Gabriela é linda, doce, inteligente, extrovertida e não tem medo de encarar um desafio. Se você demorar muito, outro vem e toma o seu lugar em um piscar de olhos.

O homem ficou vermelho até a raiz do cabelo e seu maxilar se apertou tanto, que quase pude ouvir o barulho dos seus ossos trincando. Aquilo me deixou assustado e entusiasmado ao mesmo tempo. Caramba, Ramon estava gostando *mesmo* dela, nunca havia o visto daquela maneira em toda minha vida.

— Quem vai ser esse cara? Você? — perguntou com raiva e eu lutei para não revirar os olhos.

Pelo amor de Deus, Ramon achava mesmo que era comigo que tinha que se preocupar? Se nunca olhei para Gabriela com outros olhos antes, agora mesmo que não iria olhar. Afastando-o pelos ombros, falei:

— Não, não eu, Ramon, mas a sua fazenda está cheia de homens... Acha mesmo que eles não vão se interessar pela Gabriela? Na última vez que vim aqui, tinha um cara quase babando em cima dela, enquanto você tentava domar o Trovão.

Fiquei com medo de que Ramon sofresse um infarto ou algo do tipo, pois fechou as mãos em punho e balançou a cabeça bem forte, como se quisesse espantar as imagens que sua mente estava criando. Observei tudo aquilo com muito interesse, até o ver tentar retomar o controle.

— Não me importo. É até melhor que ela se apaixone por um dos garotos da fazenda, assim, consegue esquecer o que diz sentir por mim.

Segurei um suspiro ao ouvir aquela mentira sair da sua boca e falei:

— Se é o que você diz... Só não se esqueça que ela não é a única a sentir alguma coisa aqui. O que *você* vai fazer com os seus sentimentos? Pense nisso.

Senti orgulho de mim ao me afastar depois de ter dado um conselho tão sábio. Não que eu fosse o mago dos relacionamentos e dos sentimentos amorosos, mas algumas coisas eram bem óbvias e muito claras para mim. Se você se interessa por alguém e essa pessoa se interessa por você, então, pule qualquer obstáculo e fique com essa pessoa. Por que gostavam tanto de dificultar o que poderia ser simples? Cheguei na cozinha e fui recebido por Cissa e pelas meninas, mas meus olhos voaram para Gabizinha, que estava sentada à mesa, um tanto introspectiva. Depois de mimar as mulheres com os meus beijos e abraços, convidei Gabi para dar uma volta comigo e ela aceitou

prontamente, mas mudei meus planos ao avistar Ramon e Patrícia do lado de fora do casarão.

Aproximei-me deles com um sorrisinho que sabia que deixaria Ramon mais puto do que já estava e falei que iria almoçar com Gabriela na cidade. Uma parte de mim estava fazendo aquilo porque realmente queria conversar com Gabizinha, mas a outra parte queria espezinhar Ramon, perturbá-lo e deixá-lo daquela forma, descompensado. Era a primeira vez que via meu amigo cheio de ciúmes e aquilo era hilário, não poderia perder aquela oportunidade. Mesmo sob os seus protestos, fui com Gabi até o meu carro e só esperei o tempo de travar as portas para poder soltar a gargalhada que estava prendendo.

— Você viu a cara dele? Meu Deus, pensei que Ramon iria me matar!

— Não entendi.

Porra, um não admitia que estava com os quatro pneus arriados e a outra só enxergava o que aquele cabeça dura queria mostrar. Realmente, eu teria trabalho pela frente.

Com paciência, expliquei para Gabi que Ramon era turrão e que não queria admitir que estava louco por ela, apesar de, com certeza, já ter admitido o sentimento para si mesmo — se não tivesse feito isso, não teria chamado Patrícia para a fazenda — e precisei ser cuidadoso ao listar alguns motivos que o fazia ser tão cabeça dura. Havia coisas que apenas Ramon poderia contar para Gabriela e eu não queria ir além do que o meu papel de amigo permitia. Por fim, deixei claro que achava que ele tinha que parar de ser tão teimoso e ficar com ela de uma vez por todas.

— Eu também pensei que ele poderia estar interessado em mim. Eu não enxergava assim, até Luna, filha da Rosana, chegar na fazenda e se tornar minha amiga. Ela disse que percebeu a forma como Ramon me olhava e, bem, como eu olhava para ele também... Primeiro, eu pensei que ela estivesse vendo coisa, depois, fiquei com esperanças e tomei uma atitude com Ramon, sabe? Mas ele deixou bem claro que não sentia nada por mim, que me via como alguém que ele tinha que cuidar e, agora, apareceu com essa cantora na fazenda. Ele quis me mandar um recado e eu entendi.

Ouvi tudo com atenção e fiquei entusiasmado ao saber que mais alguém estava tentando ajudá-los. Lembrava-me de Luna, ela vivia atrás da mãe pelo casarão, gostava de brincar de correr ali por perto quando era pequena, mas havia muito tempo que eu não a via. Não sabia como estava hoje em dia, mas tinha quase certeza de que deveria estar com a idade de Gabriela.

— O que você entendeu?

— Entendi que ele não quer nada comigo e que não sente nada por mim.

Dei um sorriso ao ouvir aquilo. Ela não poderia estar mais errada.

— E o que você sente por ele? — perguntei. — Não precisa responder agora, vou te dar um tempo para reorganizar os seus pensamentos. Coloca uma música aí pra gente ouvir.

Ela fez o que pedi e eu dirigi até o restaurante que mais gostava na cidade, fazendo de tudo para que se divertisse naquela tarde. Em meio à refeição, ela admitiu que estava apaixonada por Ramon e eu não pude deixar de pensar sobre como a vida era surpreendente às vezes. Quem poderia imaginar que justamente Gabriela iria despertar o coração do meu melhor amigo?

— Vamos dar um jeito de fazer esse cabeça dura entender que tem que deixar a teimosia de lado e ficar com você.

— Vamos?

— Vamos, pode apostar que sim.

Iria fazer de tudo para que Ramon acordasse logo para vida, nem que, para isso, eu tivesse que me aproximar de Luna e pedir auxílio naquela “missão cupido” que eu estava prestes a encarar.



Luna

Eu adorava arrumar as malas para viajar, mas odiava desarrumar e ter que organizar tudo de volta no guarda-roupa. Em cima da minha cama, havia dividido o que precisava lavar e o que eu precisava guardar, mas a coragem para começar a colocar cada coisa em seu devido lugar havia evaporado junto com a minha energia.

— Meu Deus, você ainda não guardou tudo isso? A mamãe vai reclamar quando chegar em casa — Fernanda disse ao parar no batente da porta do meu quarto. Bufe.

— Vem aqui e arruma para mim, maninha. Nunca te pedi nada.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Só nos seus sonhos que eu vou encarar essa batalha. Se vira!

Fernanda me deixou sozinha e eu revirei os olhos. Às vezes era difícil ter uma irmã pré-adolescente, principalmente quando ela era tão diferente de mim. Fê era extremamente tímida, tinha um grupo pequeno de amigos e vivia com a cara enfiada no *Twitter* para acompanhar as bandas de *K-pop* e os animes. Mesmo assim, ela era minha irmãzinha e eu a amava muito — mesmo quando me irritava com as birras típicas de crianças da idade dela.

Completamente abandonada, resolvi levar logo as roupas sujas para o cesto na lavanderia pequena e voltei para o meu quarto a tempo de ver o meu celular vibrando em cima da mesinha de cabeceira. Corri, achando que poderia ser alguma notificação e vi que era uma mensagem de Gabi. Ela me mandou um texto gigantesco me atualizando sobre o que havia acontecido no seu dia e eu li tudo com entusiasmo. Acompanhar a história dela e do seu Ramon era como ver o romance de um livro se desenvolvendo bem na minha frente, ao vivo e a cores, só esperava que o final fosse feliz.

Eu tinha visto o seu Ramon passeando com uma mulher loira pela fazenda,

depois acabei sabendo que eles almoçaram juntos no casarão. Para saber tudo o que se passava naquele lugar, era só ir até a cozinha e Cissa automaticamente passava um boletim dos últimos acontecimentos e ela não parecia muito feliz com a companhia feminina do Senhor Baldez. Curiosa, acabei perguntando por Gabi, mas soube que ela tinha ido almoçar com Caio, advogado do seu Ramon, e fui para casa, ansiando que ela voltasse logo para que começássemos a conversar. Agora estava sabendo que até mesmo o Caio parecia estar a favor deles, o que me deixou ainda mais entusiasmada.

“Viu como não estou louca? Até o advogado percebeu!”

“Advogado?”

“Ah, é como eu costumava chamar o Caio quando era mais nova. Não que ele saiba disso, é claro, porque tenho vergonha na minha cara, mas o homem sempre foi bonito!”

“Mas você não disse que homens mais velhos não fazem o seu tipo?”

“Não, eu disse que o seu Ramon não faz o meu tipo. O advogado é diferente. Agora, voltemos ao foco! Até ele percebeu, isso prova que não estou louca, Gabi.”

Senti meu rosto ficar quente enquanto tentava mudar de assunto. Gabi voltou a digitar e eu soltei uma gargalhada baixinha, lembrando-me de quando comecei a notar a beleza de Caio. Ele sempre foi muito simpático com todo mundo, gostava de abraçar e beijar a Cissa, as meninas da cozinha, inclusive a minha mãe, e comigo sempre foi muito gentil também, mas parecia que não me notava. Também, pudera, até ontem eu era uma adolescente mal saída da infância e ele era... Bem, ele era tudo. Alto, musculoso, sorridente, sensual, tinha os olhos azuis vívidos e alegres, o maxilar bem cerrado, os lábios desenhados perfeitamente, sendo o inferior um pouco mais grosso do que o superior. Ele também era muito inteligente e sempre tinha uma resposta na ponta da língua para arrancar risadas de todo mundo.

Dos quatorze — que foi quando comecei a notar como ele era maravilhoso — até os dezesseis anos, perdi boas horas do meu tempo pensando nele e ansiando que viesse para a fazenda. Depois disso, acabei me esforçando para deixar de lado o interesse que estava nutrindo, porque Caio era bem mais velho e, com certeza, jamais olharia para mim. E percebi que sempre estive certa, pois ele realmente nunca me olhou de outra forma que não fosse como a filha da Rosana, uma das empregadas do seu melhor amigo. Isso, no

entanto, não queria dizer que eu havia parado de notar como ele ficava mais bonito a cada vez que vinha visitar o seu Ramon e que eu tivesse esquecido o apelido que havia lhe dado quando era mais nova.

Advogado. Combinava com ele, principalmente pelo fato de ser um homem extrovertido e sorridente, o que fazia com que ficasse ainda mais lindo.

Voltei a focar na conversa com Gabi, pois não pensava em Caio há muito tempo e não queria ter uma recaída — era melhor que a minha paixãoite de adolescente ficasse lá, na *adolescência*. Fiquei mais um tempo falando com ela, tentando tranquilizá-la a respeito do seu Ramon, em seguida, coloquei uma música para tocar e terminei de organizar as minhas coisas. Meu quarto estava uma bagunça, mas deixaria para arrumar tudo no dia seguinte e me joguei na cama depois de um banho, abrindo minha rede social favorita, o *Instagram*.

Eu não saberia explicar como tinha adquirido tantos seguidores nos últimos dois anos. Sempre gostei muito de ser ativa nas redes sociais, criei uma conta no *Facebook* assim que se tornou popular no Brasil, depois fui pro *Twitter*, então, descobri o *Instagram* e achei ali um espaço perfeito para me expressar do jeito que eu era, sem medo de julgamentos. Eu gostava de abusar das cores, dos estilos, de roupas e acessórios e me expressava através deles. Acho que acabei conquistando um “público” que pensava da mesma forma que eu.

Puxei o meu *Kindle*, que eu ainda nem acreditava que havia ganhado de presente de aniversário do meu pai no ano passado, e abri o livro que eu estava lendo, tirando uma foto e postando nos *stories*. Tentei me concentrar na leitura, mas comecei a receber um monte de *direct* de pessoas falando que estavam lendo o mesmo livro e outras pedindo que eu contasse um pouco mais da história quando finalizasse a leitura. Romance era o meu gênero favorito e, além de fotos minhas, era possível ver fotos de vários livros no meu *feed*. Não era uma blogueira ou coisa do tipo, mas gostava de compartilhar certos aspectos da minha vida e encontrar pessoas parecidas comigo me animava.

Voltei a ler e só parei horas depois, quando meu celular voltou a vibrar. Era uma nova mensagem de Gabi:

“Ramon não voltou até agora, amiga.”

Eu quase podia ver o seu semblante triste e decidi que aquilo não ficaria

assim. Eu era uma leitora assídua de romances e, por mais que nunca tivesse vivido um, havia aprendido bastante com eles e tinha chegado o momento de colocar em prática toda a minha experiência literária.

“Eu sei exatamente o que você vai fazer. Confie em mim e siga os meus passos, Gabi. Vamos atazanar o juízo desse homem!”



O Bar dos Calouros estava lotado, mas eu já estava acostumada com aquela aglomeração. Era sempre assim quando alguma banda vinha tocar, principalmente quando já tinha certa popularidade, como era o caso dos meninos que estavam tocando naquela noite. Observei Gabi beber e responder uma pergunta de um dos amigos de Luan e olhei rapidamente a nossa volta. Estávamos ali há pouco mais de uma hora e o seu Ramon ainda não havia aparecido, mas algo dentro de mim sabia que ele viria. Depois de ter quase soltado fumaça pelo nariz e orelhas ao ver que Gabi ia sair para curtir a noite, ele não conseguiria ficar indiferente. Aquela técnica de ciúmes era infalível — pelo menos nos livros em que eu lia. Se ele não viesse, não ia saber onde enfiar a minha cara.

Gabi parecia meio insegura, mas fiz questão de reafirmar que em breve ele chegaria e vi Luan se aproximar com as bebidas que disse que pegaria pra gente. Eu sabia que ele estava a fim da Gabi, via o modo como olhava para ela, cheio de esperanças, mas quando nos convidou para jogar sinuca, logo me intrometi antes que Gabriela respondesse. Não poderia deixar seu Ramon chegar e pegar eles dois juntos, daria tudo errado. Por sorte, Luan pareceu não se frustrar quando enlacei meu braço ao dele e o levei para dentro do bar, passando pelo meio da multidão.

— Sabe mesmo jogar? — ele perguntou ao me passar o taco.

— É óbvio que sim, é praticamente obrigatório saber jogar sinuca em Santo Elias.

Até mesmo o Bar das Onze, que tinha um público mais maduro, tinha duas mesas de sinuca no segundo andar. Aquele jogo era quase um patrimônio cultural da cidade. Sorrindo, Luan arrumou a mesa enquanto eu passava o giz na ponta do taco e levei alguns segundos observando como ele estava musculoso. Havíamos crescido juntos, praticamente, então, era normal que eu já estivesse acostumada às suas feições, mas ele havia ganhado mais corpo

nos últimos meses — ou, talvez, eu que não tivesse reparado em sua mudança.

Começamos a jogar e ele ficou surpreso quando encaçapei duas bolas de uma vez só, errando a terceira por muito pouco. À nossa volta, algumas duplas esperavam a sua vez para jogar bebendo e conversando alto, quase abafando o som da música. Ele acertou a próxima tacada, mas errou a segunda e eu voltei a me concentrar, estudando o jogo e escolhendo o melhor ângulo para jogar. Acertei de novo.

— Certo, pode me falar quem foi que te ensinou a ser boa assim na sinuca.

— Está surpreso por que sou mulher? — perguntei, posicionando-me para jogar.

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu de lado, balançando a cabeça.

— Não, só pensei que esse jogo não fazia muito o seu estilo.

— Eu tenho vários estilos.

Joguei e acertei mais uma vez, pensando em como as pessoas se enganavam ao achar que conheciam as outras. Apesar de convivermos desde a infância, Luan não era meu amigo, talvez um colega, alguém com quem eu gostava de conversar ao esbarrar na fazenda ou até mesmo ali, no Bar dos Calouros. Mesmo assim, só por me conhecer um pouco, ele já presumia sobre o que eu gostava ou não, coisa que todo mundo gostava de fazer.

Errei a próxima jogada e ele se posicionou para poder jogar, mirando nas bolas sobre a mesa, mas não conseguiu ir em frente, pois uma gritaria do lado de fora chamou a nossa atenção. Todo mundo foi para a porta do bar, a banda parou de tocar e eu logo pensei em Gabi lá fora sozinha. Caramba, se algo tivesse acontecido com ela, eu nunca iria me perdoar! Saí correndo e empurrando as pessoas e parei de supetão na calçada, vendo alguns homens separarem a briga. Chovia muito e demorei um pouco para encontrar Gabi no meio daquela confusão, mas, assim que a vi, comecei a sorrir. Ela estava na frente do seu Ramon.

— Não é possível que ninguém se preocupe com a porra do assédio! Vamos embora agora! E você, se pensar em chegar perto dela de novo, não vou quebrar apenas o seu nariz!

Seu Ramon pegou a mão de Gabi e eles saíram juntos, quase como um flash sob à chuva torrencial. Eu fui atrás ainda na calçada, protegida pelo toldo, e ouvi uma voz abafada atrás de mim.

— Merda! Merda! Seu Ramon, por favor, eu... Me perdoe, a culpa foi minha! Seu Ramon! — Luan gritou ao meu lado.

Seu Ramon o ignorou e Gabi se virou para nós dois. Aproveitei aquele momento para lhe dar o meu melhor sorriso e ergui o polegar em um “joia”, deixando bem claro que o nosso plano havia dado certo. Deus misericordioso, havia dado certo mesmo! Eles sumiram das nossas vistas e Luan parou na minha frente, olhando-me com o cenho franzido.

— Por que você está rindo? Não tem graça o que aconteceu! Sabe o que o seu Ramon vai fazer quando chegarmos na fazenda? Vai me mandar para o olho da rua porque eu não olhei a Gabriela! E o pior, o babaca que a assediou, era meu amigo! Aquele filho da puta! Eu vou lá e agora e vou arrebentar a cara dele...

Ele ia passar por mim, mas o segurei rapidamente pelos ombros e fitei o seu rosto vermelho e transtornado. Luan era um homem bom, por isso, sabia que estava mesmo nervoso e irritado, não era fingimento.

— Você não vai fazer nada, tudo bem? Vamos entrar no bar e tomar alguma coisa para esfriar a cabeça. Está tudo bem agora, Gabi está com seu Ramon e ele não vai te demitir.

— Como não? Eu trouxe vocês até aqui, tinha que ter tomado conta da Gabriela! Fui irresponsável.

— Luan, Gabi é maior de idade e sabe se cuidar, não precisava ter ninguém ao lado dela, entendeu? E o pior já passou, agora ela está com seu Ramon e tudo acabou bem.

— Acabou bem não sei pra quem. Pra mim, já chega por hoje. Quero ir embora, ou vou atrás do Matheus e...

— Vamos embora — decidi, pois não o deixaria se envolver em uma briga. — Depois você manda uma mensagem para ele e acaba com essa amizade. Ele assediou a Gabi, então, está bem claro que é um babaca.

Com o maxilar trincado de raiva, Luan assentiu e voltamos para o bar para podermos fechar a conta. Até tentei pagar pelos meus drinques, mas ele não deixou e pagou tudo, em seguida, fomos embora. Dentro do seu carro, o silêncio era sepulcral e eu pressionei o botão para ligar o rádio, pois não aguentaria ir até a fazenda sem ouvir nada. Recostei-me contra o banco e me virei rapidamente para ele, vendo que ainda estava tenso.

— Não precisa se preocupar, Luan, de verdade. A culpa não foi sua.

— Estraguei qualquer chance que eu tinha com a Gabi — falou baixinho e eu senti um pouco de pena.

Apertei o seu joelho rapidamente e ele me olhou por alguns segundos, antes de voltar a focar na estrada.

— Posso ser sincera com você?

— Sim.

— Você é um cara maravilhoso, mas Gabi só te vê como um amigo. Ela está apaixonada por outra pessoa.

Suspirando, ele assentiu.

— É o seu Ramon, não é? — Eu apenas confirmei com a cabeça e ele fez um muxoxo. — Eu percebi que ele a olha de forma diferente e vi que ela retribuía, mas pensei... Não sei o que eu pensei.

— Mas eu sei. Pensou que seu Ramon é bem mais velho e que não tomaria uma atitude com a Gabi. Acertei?

Ele parecia desconfortável com a conversa e eu entendi o porquê. Se estava mesmo nutrindo interesse pela Gabi, era compreensível que não fosse fácil falar sobre aquele assunto.

— Sim. Pensei que eu poderia ter uma chance. Ela não me deu abertura nem nada, mas, sei lá... Nós saímos hoje e, mesmo que tenha sido entre amigos, pensei que essa era a minha oportunidade.

— Gabi e seu Ramon vão se acertar, Luan. Acho que esse é o momento de você partir para outra.

— Farei isso. Vou passar algumas semanas na casa da minha avó em Goiânia, pois preciso ir à algumas faculdades para iniciar o curso no próximo semestre... Vai ser bom me afastar.

— Isso aí. Talvez o amor da sua vida esteja em Goiânia, na faculdade de veterinária.

Ele riu e relaxou um pouco mais, assentindo e metendo o pé no acelerador. Talvez eu fosse mesmo romântica demais, mas gostava de ver as pessoas felizes e queria que Luan realmente tirasse Gabi da cabeça, porque sabia que ela jamais olharia para ele da mesma forma que ele olhava para ela.



Caio

Odiava transar no carro, principalmente quando o veículo em questão não era meu, mas, ou era isso, ou eu iria perder a chance de ficar com aquela ruiva deliciosa que havia me enlouquecido no Bar das Onze. Ela estava

hospedada na casa dos tios e eu precisaria viajar bem cedo na manhã seguinte, portanto, não daria para passarmos a noite juntos. Até pensei em pegar uma suíte no hotel, mas realmente precisava ir para casa ainda naquela noite, pois não tinha terminado de fazer a minha mala. Então, precisamos transar no carro do seu tio mesmo, pois eu havia ido de Uber até o bar.

Por sorte, Raabe era maravilhosa ao ficar por cima e montou no meu pau com perfeição, gemendo gostoso e me ajudando a embaçar os vidros das janelas. Terminamos depois de três orgasmos para ela e um intenso para mim, e, depois de mais alguns beijos e carícias, pedi um Uber e fui para casa. Só consegui me jogar na cama às três e meia da manhã e xinguei uns dez palavrões quando o alarme tocou às cinco.

— Ramon, eu te odeio — murmurei ao entrar no chuveiro para poder despertar.

Fiz um café bem forte, dois ovos mexidos, sentei-me em frente à ilha da cozinha e comi rapidamente, respondendo à mensagem de Ramon, que havia me avisado que já estava a caminho. Quarenta minutos depois, entrei em seu carro após colocar minha bagagem no porta-malas.

— Porra, prometi a mim mesmo que não iria cair na farra ontem, mas conheci uma ruivinha no Bar das Onze que me deu trabalho a noite toda — confidenciei, ouvindo a risada de Ramon.

— Nossa, bom dia para você também.

— Eu queria estar dormindo, só isso. Por que mesmo a gente precisa sair na madrugada de domingo se a reunião é só na segunda-feira de manhã?

— Porque temos um almoço hoje com Marcos Castilho, esqueceu? Vamos aproveitar a viagem para poder fechar de vez o contrato com o empresário francês.

Ah, o imbecil do empresário francês. Eu não entendia como um homem que nadava no dinheiro poderia ser tão mão de vaca. Cheguei a comentar isso com Ramon, mas, enquanto ele respondia, lembrei-me da fofoca que correu solta pela cidade ontem à noite. O burburinho no Bar das Onze logo me chamou a atenção e, assim que me contaram o que tinha acontecido, não acreditei. Precisava ouvir aquela história da boca de Ramon.

— Vem cá, você não tem nada para me contar não?

— Sobre o quê?

— Sobre você cair na porrada com um universitário. Santo Elias só falava sobre isso ontem à noite e a fofoca chegou ao Bar das Onze.

Ramon revirou os olhos e acabou soltando o que havia acontecido. Ouvi

tudo dividido entre a raiva por saber que um filho da putinha havia assediado a Gabizinha e a diversão ao notar como meu amigo parecia afetado, não só pelo assédio, mas pelos sentimentos que nutria por ela. Sorrindo, perguntei:

— E depois, o que aconteceu?

O idiota me deu um sorrisinho e pegou o celular, fugindo da minha pergunta.

— Nada que você precise ficar sabendo. Vamos repassar o roteiro da viagem.

— O quê? Claro que eu preciso ficar sabendo! Não seja babaca e me conte, Baldez.

Não podia acreditar que Ramon não me contaria o resto da noite. Eu era o melhor amigo dele, tinha o direito de saber! Discretamente, ele olhou em direção ao funcionário que guiava o carro e eu revirei os olhos por trás dos óculos escuros, entendendo que ele não iria falar nada enquanto estivéssemos na presença de outra pessoa.

— Está bem, vamos logo repassar a merda desse roteiro.



Chegamos ao aeroporto três horas depois e eu já estava sonhando com as horinhas de sono que teria até pousarmos em São Paulo, quando notei como a comissária de bordo era gostosa. Rapidamente lancei a ela o meu melhor sorriso e a vi retribuir com interesse. Fiz uma nota mental de perguntar se ficaria na cidade da garoa pelos próximos dias. Se a sua resposta fosse sim, talvez pudéssemos nos divertir. Ela se afastou depois de nos servir um café e eu tirei os óculos escuros, acomodando-me melhor na poltrona. Foi naquele momento que notei algo diferente no pescoço de Ramon e concentrei meu olhar na região, sem acreditar no que meus olhos estavam me mostrando.

— Cara, por um momento eu pensei que estivesse vendo coisa, mas tem um negócio bem aqui. — Apontei para o meu pescoço e Ramon franziu o cenho, levando a mão ao local em que indiquei. Sem conseguir me controlar, comecei a rir. — Não acredito...

— O quê?

— Ramon, isso é um chupão? — Perguntei, sentando-me na ponta da poltrona para poder olhar direito. — Caralho, é um chupão! Puta que pariu, você comeu a Gabizinha?

Eu não podia acreditar! Ramon e Gabizinha... Caralho! Ramon olhou discretamente ao nosso redor e respondeu em um tom polido:

— Se você falar um pouquinho mais alto, acho que vai dar pra ouvir lá em Santo Elias.

O modo como falou aquilo só revelou que as minhas suspeitas estavam certas. Rindo, bati nos braços da poltrona e balancei a cabeça com força.

— Eu não acredito! Baldez, seu filho da mãe!

A comissária gostosa voltou na hora que o Baldez iria me responder e trocamos olhares e sorrisos de novo, enquanto ela avisava que precisávamos apertar os cintos, pois a aeronave já estava pronta para decolar. Ela pediu licença e se afastou e eu olhei para Ramon com uma sobranceira arqueada, esperando a sua resposta.

— Para começo de conversa, eu não “comi” a Gabriela.

— Ah, sim, desculpa! Vocês fizeram *amor*. Realmente, um horror falar esse tipo de coisa sobre a Gabizinha. — Fiquei arrepiado só com o pensamento, fazendo uma careta. Era até estranho pensar que Gabizinha estava fazendo sexo, mesmo que fosse com Ramon. Ele riu da minha cara e eu falei com o cenho franzido: — Porra, Ramon, a Gabi merece respeito, cara! Ela é quase uma irmã para mim.

— É bom ouvir isso, porque se você dissesse que a enxerga de outra forma, ia ter que te jogar dessa aeronave.

— O ciúme te deixa bem cruel. — falei falsamente assustado, fazendo o sinal da cruz. — Agora, me diz, você e ela...

Ele me deu mais detalhes do que havia acontecido, deixando bem claro que não tinham transado, mas feito outras coisas. Por sorte, não me deu detalhes demais — era preciso ter um limite ao compartilhar certas coisas — e eu não fiquei traumatizado depois que ele calou a boca.

— Isso quer dizer que você enxergou que não adianta fingir que não sente nada por ela?

— Sim — ele disse e eu levantei as mãos para o céu para dar graças ao Senhor.

— Obrigado, Deus, eu sei que o Senhor me sondas, Pai!

— Não sabia que você estava incomodando Deus com os meus assuntos — ele disse ao gargalhar.

— Um homem tem que se agarrar a Deus em casos extremos como esse. Só o cara lá em cima ia conseguir abrir essa cabeça dura que você tem — falei, porque era verdade. Se você abrisse o dicionário, ia ver que o sinônimo

de teimosia era Ramon Baldez.

Obviamente, o fato de Gabriela ter saído na noite anterior ajudou *muito* a abrir os olhos daquele idiota e pensei em agradecê-la por ter pensado em sair e perturbar Ramon. Que ideia genial! Sem contar que foi um ótimo jeito de se vingar, depois de Ramon ter levado a cantora para sua fazenda e passado a noite fora. Tudo bem que ele passou a noite na minha casa e eu que tive que lidar com a sua versão bêbada e chorona, mas Gabizinha não fazia ideia disso. Devia ter achado que ele passou a madrugada nos braços da cantora. Pelos próximos minutos, fiquei ouvindo Ramon listar todos os motivos pelos quais não podia ficar com Gabriela, principalmente por conta do que havia acontecido há mais de duas décadas, mas fiz questão de deixar bem claro a minha opinião.

Se o passado não poderia ser mudado, então, era melhor que ele ficasse lá atrás, esquecido. Apenas eu, Ramon e Abraão sabíamos o que havia acontecido, eu não contaria nada, Abraão estava mais morto do que vivo, então, se Ramon quisesse manter tudo em segredo, Gabriela jamais iria saber. Era bem simples ao meu ver. Ramon acabou acatando o meu conselho, mas perguntou segundos depois:

— Desde quando você se tornou um especialista em conselhos amorosos?

— Desde quando o meu melhor amigo cabeça dura entrou na sala de espera de um hospital e deu de cara com a mulher da sua vida. Você sabe, no fundo, eu sempre fui um cara romântico.

— Você? Romântico? Conta outra!

— Ei, eu tenho uma legião de fãs que pode afirmar que sou extremamente romântico! Gosto de dar uns tapas na bunda e puxar o cabelo enquanto como uma mulher de quatro? Claro que sim, mas também sei meter com carinho — falei com um sorriso, porque era verdade. Eu sabia ser romântico em *inúmeros* momentos. Rindo, voltei a colocar os óculos escuros e recostei a cabeça na poltrona. — Me acorde quando chegarmos em São Paulo.

Fechei os olhos e pensei em como era incrível saber que Ramon finalmente se entregaria ao que sentia. Só esperava que o relacionamento dele com Gabizinha desse certo, porque meu amigo merecia ser feliz em todos os âmbitos da sua vida.



Capítulo 3

Caio

Infelizmente, Suzy, a comissária de bordo, não ficaria em São Paulo. Fiquei desapontado ao saber disso, mas logo olhei pelo lado positivo. Sempre que estava na cidade, fazia contato com alguns amigos e participava de festas e jantares. Por mais que o mala sem alça do Ramon estivesse comigo, ele não iria reclamar se eu desse uma escapada à noite, só iria me fazer prometer que não iria me atrasar para os nossos compromissos no dia seguinte. Como se eu fosse algum advogado irresponsável.

Entramos no carro que estava nos esperando no aeroporto e mandei mensagem para alguns amigos paulistas, falando que estava na área. Logo recebi algumas respostas, mas foi no celular de Ramon que me concentrei ao perceber que ele estava trocando mensagens com Gabriela. Segurando um sorriso, bisbilhotei a conversa.

“Bom dia, Sr. Baldez. Como foi a viagem?”

“Foi ótima, só teria sido melhor se o meu advogado não fosse o Caio.”

Mas que filho da mãe! Antes que ele pudesse me deter, roubei o celular da sua mão e enviei uma mensagem de voz para Gabi:

— Gabizinha, Ramon é um pé no saco. Como você conseguiu se apaixonar por ele? Não acredito que vou ter que aturar esse mala até quarta-feira, socorro!

— Seu idiota, me devolva o celular! — Ramon exigiu segurando uma risada. O humor dele estava ótimo, Gabizinha realmente operava milagres.

Devolvi o aparelho e ouvimos a mensagem de Gabi pedindo para que

Ramon fosse bonzinho comigo, o que me fez dar um sorriso convencido. Era óbvio que Gabriela me adorava, para o desespero de Ramon, que certamente previa nós dois juntos *contra* ele em diversas ocasiões. Ele enviou uma mensagem de voz a ela rapidamente, antes de voltar a digitar. Eu sabia que era errado ficar prestando atenção na conversa alheia, mas não podia deixar de aproveitar a oportunidade de ver como Ramon agia com Gabi. Aquela era uma situação nova e eu estava adorando assistir tudo de camarote. Meu coração quase parou quando percebi para onde a conversa estava se encaminhando e não pude me conter, precisei pegar o celular das mãos de Ramon de novo e enviar uma mensagem para Gabi.

— *Eu não acredito que vocês estão trocando saliências comigo bem aqui... Caio, me devolva o celular AGORA! Espera, Baldez! Gabizinha... CAIO EU NÃO ESTOU BRINCANDO! Gabizinha, eu esperava mais de você, nada de falar putaria, você é quase um anjo, não pode fazer essas coisas... Ai, porra, Ramon, eu já operei esse ombro, esqueceu? Filho da puta, ele me deu um soco, Gabizinha, estou sendo agredi...*

O babaca me deu um soco doído bem no ombro que eu havia operado há uns cinco anos e arrancou o aparelho da minha mão. Seu rosto estava vermelho e ele digitou furiosamente no celular, enviando um monte de mensagem uma atrás da outra e finalizando ao chamar a Gabizinha de amor. *Amor*. Puta merda, se eu não soubesse que Ramon estava de quatro pela Gabi, descobriria agora.

— Você é muito idiota!

— Eu? Você estava prestes a falar putaria com a Gabizinha bem na minha frente! Tenha um pouco mais de respeito, Baldez!

Ramon me fuzilou com o olhar e eu comecei a rir, quase sem acreditar que eu estava mesmo presenciando aquilo.

— Desculpa, *amor*, não vou mais falar nada — falei com uma voz fina e ele revirou os olhos, pressionando os lábios para não rir. — Realmente, Deus foi muito generoso comigo ao me permitir viver para ver Ramon Baldez de quatro por uma mulher. Que presente maravilhoso!

— Já comigo Ele foi bem ruim por me dar um amigo como você — disse ele com falsa amargura.

Apertei o ombro de Ramon e suspirei, olhando em seus olhos.

— Eu sei que você não seria nada sem mim, Ramonzinho, e você sabe disso também.

Ramon balançou a cabeça e não respondeu nada, pois sabia que aquela era a verdade.



Enganei-me redondamente ao achar que conseguiria dar uma escapada à noite para poder me divertir. No domingo, eu estava cansado demais e só quis aproveitar a cama macia do hotel para dormir, na segunda, Ramon fez contato com alguns investidores no evento que participamos à tarde e marcou um jantar para aquela noite e, na terça, quando achei que conseguiria uma brechinha para participar da festa de aniversário de um amigo em uma boate paulistana, Gabi enviou uma mensagem para Ramon avisando que seu aniversário era no dia seguinte. Meu melhor amigo surtou.

— E agora, o que eu faço? Não comprei nada para ela!

— Tem uma joalheria aqui no hotel, por que não vai lá? Tenho certeza que vai achar alguma coisa.

Ramon fez uma careta e coçou um pouco a testa, sentando-se no sofá da sua suíte. Passava das oito da noite e eu já sabia que, provavelmente, minha noite de diversão tinha ido pelo ralo. Mas tudo bem, o que importava de verdade era ajudar meu amigo com aquele dilema.

— Não sei, Gabriela não parece ligar muito para joias.

Realmente, Gabizinha mal usava colar ou brincos, mas era porque estava na fazenda. Isso não queria dizer que ela não gostava de joias. Toda mulher gostava de joias, certo?

— Você pode chegar com um brinco e uma caixa de chocolates. Ela vai amar o que você der para ela.

— Queria dar algo especial, ou melhor, *fazer* algo especial. O pai dela está no hospital, tenho certeza que ela vai ficar um pouco para baixo por estar fazendo aniversário com ele em coma.

Merda, aquilo era verdade.

— Talvez você possa pedir para que Cissa providencie um jantar para vocês dois? Uma coisa romântica, eu acho... À luz de velas?

Ramon me escutou atentamente e ficou em silêncio por alguns segundos, antes de me olhar como se eu fosse um gênio. Um sorriso enorme se abriu em

seu rosto e ele se levantou de repente, entusiasmado.

— O chalé! Posso fazer esse jantar no chalé! Porra, que ideia fantástica! Agora sim, eu vi vantagem em ser seu amigo.

— Só agora? Assim você me magoa, Baldez!

Ele escapou da almofada que joguei em sua cabeça e riu, voltando a se sentar.

— Certo, acho que nós podemos antecipar o voo em algumas horas e ir direto para o chalé. Eu mesmo posso fazer o jantar, mas precisamos dar um jeito de fazer com que Gabriela vá até lá. Não quero que ela desconfie de nada, vou até mandar uma mensagem falando que só vou poder voltar para Santo Elias depois de amanhã.

Enquanto o escutava, lembrei-me de uma pessoa que eu tinha certeza de que não hesitaria em nos ajudar.

— Já sei quem pode levar Gabi até o chalé!

— Quem?

— A Luna! Você sabe, Gabi e ela se tornaram amigas e a Gabizinha me disse que ela torce bastante por vocês dois. Tenho certeza que vai topa.

Ramon pareceu um pouco surpreso com aquela informação, mas logo concordou comigo e moldamos mais alguns detalhes da surpresa para Gabizinha, antes de eu ligar para Cissa e pedir o número do celular de Luna. Claro que Cissa quis saber para que eu precisava do número dela e contei sobre a surpresa para Gabi — inclusive, pedi, a mando de Ramon, que ela fizesse um bolo pequeno para ela de aniversário no dia seguinte. Cissa ficou animada com a ideia e me passou o número de Luna, falando que ia caprichar no bolo.

Assim que desligamos, salvei o número de Luna em meu celular e observei com interesse a sua foto no *WhatsApp*. Não me recordava da última vez que a havia visto, mas com certeza ela não estava com o cabelo rosa, ou eu me lembraria. Mande uma mensagem para ela, em seguida, fui com Ramon até a joalheria do hotel.



Luna

— Luna? Pode dar uma olhada na carne para mim, enquanto vou tomar um banho?

— Claro, mãe.

Deixei meu Kindle em cima do sofá e peguei meu celular, indo para a cozinha. O cheiro da carne assada já preenchia o ambiente e dei uma olhada rápida, sabendo que precisava ficar pelo menos mais uns dez minutos no fogo, antes de estar pronta. Estava entretida olhando as outras panelas, quando senti meu celular vibrar no bolso da bermuda. Estranhei a notificação de um número desconhecido e entrei no *WhatsApp* para poder ler a mensagem. Quase caí para trás.

“Oi, Luna, tudo bem? Aqui é o Caio, advogado e amigo do Ramon. Gostaria de conversar com você sobre o aniversário da Gabizinha amanhã. Ramon quer preparar uma surpresa e precisamos da sua ajudar. Assim que ler essa mensagem, me chama aqui.”

Sabe quando o coração dispara? Tropeça, quase para, como diria Tiago Iorc naquela música? Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Com as pernas trêmulas, sentei-me na cadeira em frente à mesa pequena que ficava na cozinha e abri a foto do perfil no *WhatsApp*, encontrando um Caio sorridente e com os olhos azuis brilhando. Não, não era possível. Aquilo era uma pegadinha. Uma pegadinha de muito mau gosto! Assustada, olhei a minha volta, como se alguma equipe de TV, de repente, pudesse entrar pela janela da cozinha e gritar “Rá! Pegadinha do Malandro!”, mas, sabendo que estava sendo ridícula, tentei acalmar as batidas frenéticas do meu coração. Com os dedos tremendo, digitei:

“Oi.”

“Oi”, Luna? Sério? Um homem desses te manda uma mensagem enorme e você responde com um simples “oi”? Pelo amor de Deus!

Revirando os olhos para mim mesma, arrumei a minha postura na cadeira e respirei fundo, digitando uma mensagem decente:

“Nossa, que legal, Gabi vai amar a surpresa! Podem contar comigo!”

Fiquei olhando para o celular de minuto a minuto, esperando pela resposta

do *advogado*. Desliguei o fogo da carne, arrumei o meu prato, sentei-me com a minha mãe e a minha irmã na sala para jantar, fiz de tudo para prestar atenção na novela e fingir que nada estava acontecendo, mas, dentro de mim, *tudo* estava acontecendo. Estava nervosa, ansiosa, mesmo sabendo que era inútil sentir tudo aquilo, até porque, Caio não queria falar *comigo*, ele só estava fazendo aquilo para ajudar o seu Ramon com a surpresa para Gabi.

Sua resposta só chegou uma hora depois, quando eu estava saindo do banho enrolada na toalha. Cheia de ansiedade, saí do banheiro correndo e atravessei o corredor até o meu quarto, fechando a porta atrás de mim e me sentando na cama para poder ler o que ele havia acabado de me enviar.

“Sabia que você ia aceitar, Gabizinha me disse que você estava torcendo por eles dois. Graças a Deus o babaca do meu amigo resolveu dar o braço a torcer e está disposto a encarar os sentimentos que nutre pela Gabi.”

Ele enviou uma figurinha da cantora Gretchen com cara de choro e a legenda falando “graças a Deus esse macho me notou” e eu comecei a rir. Não era possível que Caio, um advogado de renome, tivesse figurinhas daquele tipo no *WhatsApp*.

“Adorei! Vou salvar essa aqui.”

Tomei um susto quando a sua mensagem chegou um segundo depois:

“Tenho um pack de figurinhas da Gretchen, se quiser, posso te passar todas.”

Eu estava mesmo prestes a trocar figurinhas de *WhatsApp* com o *advogado*? Deus, alguém precisava me beliscar agora!

“É claro que eu quero! Gretchen é a rainha dos memes! Depois eu te passo as minhas.”

“Só quero ver! Para mim, promessa é dívida!”

“Nem vai precisar me cobrar. Agora, me explica melhor sobre a surpresa para Gabi.”

Ele me enviou um áudio. Precisei destacar isso, porque ouvir a sua voz

pelo celular era a coisa mais sexy do mundo! Não lembrava que sua voz era tão sensual. Ele me explicou em detalhes o que ele e seu Ramon haviam combinado e disse que eu precisaria acompanhar Gabi ao chalé à noite, um dos funcionários da fazenda iria nos levar. Enquanto o escutava, acabei tendo a ideia de que poderíamos ter um dia das meninas, assim, ela estaria linda para encontrar o seu Ramon. Caio adorou.

“Perfeito, gatinha! Gabizinha vai amar a surpresa.”

Gatinha. Precisei falar para mim mesma que eu *não* deveria levar aquele apelido para o lado pessoal. Infelizmente, a nossa conversa não se aprofundou e ele logo se despediu, falando que precisava acordar cedo na manhã seguinte. Disse que ficaria me mandando mensagem durante o dia para que eu pudesse o atualizar sobre como Gabi estava, pois seu Ramon iria mentir e falar que só conseguiria retornar para Santo Elias dali a dois dias. Saí da nossa conversa depois de lhe desejar boa noite e me dei conta de que ainda estava enrolada na toalha, sentada na beirada da minha cama. Caio havia me feito perder a noção do tempo.

Ainda sem acreditar que havíamos mesmo conversado pelo *WhatsApp* — e que, agora, eu tinha o seu número anotado em minha agenda —, levantei-me da cama com um sorriso incrédulo no rosto e fui me preparar para dormir.



Caio

Eu tinha uma alma romântica.

Muitas pessoas, certamente, teriam a coragem de dizer que não, mas eu podia afirmar com *toda* a certeza que eu era um cara romântico. A prova estava bem ali, na minha frente, enquanto eu posicionava uma vela em cima do aparador no chalé de Ramon.

— Será que não deveríamos comprar umas flores? — perguntei a Ramon, que arrumava a mesa para o jantar.

Certo, ele havia cozinhado e isso, talvez, contasse um pouco mais na escala do romantismo do que posicionar velas aromáticas em pontos estratégicos na

sala, mas eu não ficava muito atrás. E também não tinha como competir, afinal, Ramon era quem participaria do jantar à luz de velas, não eu.

— Eu não sei se Gabi gosta de flores.

— Ramon, você sabe que essa é uma regra básica, não é? Descobrir se a mulher gosta de flores ou não.

Ele soltou um suspiro — acho que não aguentava mais ver a minha cara depois de ter ficado três dias ao meu lado em São Paulo — e coçou a testa.

— Eu não tive tempo para descobrir.

Revirei os olhos ao ouvir aquilo. O homem era bronco mesmo, não tinha nem o que discutir.

— Bom, já está em cima da hora, de qualquer forma. Mas acho que a Gabizinha vai gostar da surpresa.

— Será?

Pude ver uma pontinha de ansiedade e temor nos olhos de Ramon e sorri. Meu amigo estava apaixonado mesmo, quem diria.

— Tenho certeza. Sem contar que sabemos muito bem como esse jantar vai terminar...

Ele me deu um olhar enviesado, deixando claro que era melhor eu parar com as piadinhas, mas era mais forte do que eu. Não tinha como ficar imune ao fato de que o meu melhor amigo — que era quase eremita — iria transar naquela noite. Ou melhor, *fazer amor*. Abri a boca para zoar mais um pouco com a cara dele, mas meu celular apitou e vi uma mensagem de Luna brilhando na tela.

“Caio, eu acho melhor você responder às mensagens da Gabi, ela está quase surtando. Colocou na cabeça que algo aconteceu com vocês dois, por isso não atendem o celular e nem respondem às mensagens dela.”

Li em voz alta e Ramon assentiu.

— Senta ali e faz uma chamada de vídeo com ela. Não deixa escapar um pio, Caio!

— Pode deixar.

Peguei uma cadeira e me sentei em frente à porta de madeira, onde não dava para ver nada do chalé, e cliquei para fazer a chamada de vídeo. A internet ali não era a melhor de todas, mas iria servir. Depois do terceiro toque, Gabi atendeu:

— *Meu Deus, Caio, vocês queriam me matar de preocupação? Já estava*

doida achando que tinha acontecido alguma coisa!

Fiz de tudo para não olhar para Ramon bem ali, na minha frente, e acenei, dando um sorriso. Luna estava bem atrás dela e Gabi posicionou melhor o celular, em um ângulo que dava para ver as duas.

— Gabizinha, feliz aniversário!

— *Nada de feliz aniversário! Por que vocês não responderam às minhas mensagens ou atenderam os meus telefonemas? E cadê o Ramon?*

Ramon segurou uma risada e eu coloquei minha mão no peito, aproveitando aquela oportunidade para mostrar um dos meus maiores talentos: atuar. Modéstia à parte, eu tinha certeza de que, se não fosse advogado, seria um ator premiadíssimo.

— Nossa, Gabizinha, assim você me magoa! Só conseguimos sair da reunião agora. Acredita que dois fazendeiros quiseram fazer reuniões com a gente justo hoje? Como Ramon firmou muitos contatos no encontro dos criadores de cavalos, nem pudemos recusar as reuniões. Ele ainda está lá dentro com um deles e eu vim aqui fora pegar um café.

Mesmo pela imagem turva, pude ver seu desânimo e senti um pouquinho de pena enquanto segurava uma risada. Tadinha, Gabizinha realmente acreditava que estávamos em São Paulo e aquilo era ótimo! Significava que o nosso plano daria certo. Surpresa, na minha opinião, tinha que realmente *ter* cara de surpresa. Se fosse para ela desconfiar de uma vírgula, já não valeria mais a pena todo o nosso trabalho.

— *Mas vocês voltam amanhã, não é?*

— Claro! — A imagem ficou travada e eu tentei ajeitar o ângulo do celular para ver se a porcaria da internet voltava a pegar. — Gabizinha, está ouvindo? Gabi?

Ramon gesticulou, dando a entender que era melhor desligar e eu ia mesmo fazer isso, quando a voz de Luna soou bem alto, se propagando pela sala:

— *Nossa, o advogado fica lindo até nessa imagem ruim da vídeo-chamada. Ele tem cara de quem tem pau grande, né?*

Rapaz, minha pressão quase caiu. Ramon me encarou com a boca aberta, sem saber se ria ou se ficava chocado e eu arregalei os olhos quando ouvi a risada de Gabi. A imagem ainda estava congelada, mas conseguíamos ouvir tudo *nitidamente* e eu nunca quis tanto um sinal bom de internet. Precisava olhar na cara de Luna enquanto ela falava aquilo.

Advogado? Sério? E cara de quem tinha pau grande? Meu dia estava feito!

— *Meu Deus, Luna!*

— *O que foi? Ele tem mesmo! E lembro muito que você me disse que sentiu as “posses” do seu Ramon.*

— *Luna! Ai, Deus! Parece ser grande mesmo. O do Ramon, no caso. Pensando agora, tenho até um pouco de medo de não caber.*

Ramon tampou a boca e eu olhei para ele segurando uma gargalhada que queria estourar bem ali, no fundo da minha garganta. Luna continuou:

— *Você precisa ler mais romances, sabia? Olha, eu li um em que uma mulher se envolve com dois irmãos gêmeos que são atores pornô e ela transa com os dois ao mesmo tempo. SS Pleasury^[1] o nome.*

— *Com os dois ao mesmo tempo?*

— *Pois é, e eram paus enormes, viu? Sabe qual foi o aprendizado que tirei desse livro?*

— *Qual?*

— *Que se Deus fez, amiga, é porque cabe! O do seu Ramon vai caber, com toda a certeza!*

Desesperado, Ramon ficou passando a mão pelo pescoço com o rosto vermelho por ter que ficar segurando o riso e eu pigarreei, sabendo que era melhor mesmo interrompê-las, pois estava com medo do que mais poderia sair da boquinha da garota colorida. Por sorte, a internet melhorou um pouco e eu posicionei o celular bem na minha cara, arqueando uma sobrancelha:

— *Hum, moças, eu ainda estou aqui.*

Acho que elas ficaram sem reação, porque minutos se passaram e o silêncio simplesmente se propagou pelo cômodo. Esperei pacientemente e, quando Gabi voltou a aparecer na tela do celular, seu rosto estava vermelho. Curioso, procurei por Luna, mas ela não estava mais ali. Bobinha, se achava que iria escapar de mim, estava muito enganada.

— *Nossa, a conexão ainda está péssima, Caio! Acho melhor a gente conversar depois* — Gabi disse quase atropelando as palavras.

— *Pois é, a conexão está tão ruim, que até pensei que estava ouvindo coisas. Algo sobre *advogato* e paus enormes... Que loucura!* — Falei com o cenho franzido, como se realmente tivesse sido um equívoco.

Gabi arregalou os olhos e disse bem rápido:

— *Tchau, Caio, dá um beijo no Ramon e voltem logo!*

A ligação foi interrompida e eu finalmente pude deixar escapar a gargalhada estrondosa que fui obrigado a segurar naqueles minutos tortuosos. Ramon me acompanhou, escondendo o rosto entre as mãos, como se não

pudesse acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— É sobre *isso* que as meninas ficam conversando? Porra, eu preciso me tornar amigo da Luna *agora!* — falei, limpando as lágrimas que escaparam pelos cantos dos meus olhos. — *Advogado...* Sério, foi pra isso que me formei, Ramon, não foi pra ficar fazendo contrato de venda de cavalo para você!

— Cala a boca, idiota — ele riu, jogando-se na poltrona que ainda precisávamos tirar da sala. — Como você vai ter coragem de olhar pra cara da Luna agora? A menina fica pensando no tamanho do seu pau! Tanta coisa melhor para imaginar...

— Ora, do mesmo jeito que você vai olhar para a cara da Gabizinha hoje à noite. Ou vai dizer que vai desistir porque ela acha que você não vai “caber”? — Ri e o babaca me deu o dedo do meio.

— É completamente diferente, eu vou iniciar um relacionamento com a Gabi. Você e a Luna nem se falam.

— Não nos *falávamos*. Vou mudar isso a partir de hoje — falei, levantando-me da cadeira. — Afinal, não é todo dia que meu rostinho é tão elogiado assim. Sempre soube que eu tinha cara de pirocudo, mas ouvir isso é *bem* melhor.

— Pelo amor de Deus, Caio! — Ramon riu de mim e revirou os olhos. — Deixe a menina em paz. Deve estar cheia de vergonha.

— Vou fazer com que ela perca a vergonha rapidinho. — Ramon arqueou uma sobrancelha para mim, como se estivesse me dando um aviso. Com certeza estava pensando em questão de idade e “blá, blá, blá”, mas logo me defendi: — Não vou partir pra cima da garota, realmente a achei divertida e muito esperta, está nos ajudando cheia de entusiasmo. Vai ser bom criar uma amizade com ela.

— Amizade, Caio? Desde quando você tem amiga mulher?

— Eu sou um admirador das mulheres, sabe o que isso quer dizer? — perguntei e Ramon balançou a cabeça. — Quer dizer que eu posso ser os três A: amigo, amor e amante. No caso da Luna, vou ser só amigo.

Ramon balançou novamente a cabeça, como se achasse que eu era um caso perdido e se levantou, apontando o dedo de leve pra mim.

— Luna é uma boa menina, não brinca com ela.

— E você já me viu brincar com alguém nesses trinta e seis anos de vida?

Ramon não teve o que responder, pois eu realmente não brincava com o coração de ninguém. Sempre deixava bem claro as minhas intenções. Se eu

queria namoro, namorava, se queria sexo, transava, se queria amizade, era amigo. Comigo era tudo preto no branco, pois, assim, não tinha como algo dar errado. Eu não era um dos melhores advogados do estado de Goiás à toa.

— Vamos logo terminar de arrumar isso tudo, porque quero ver a Gabizinha feliz no aniversário dela, mesmo que ela tenha que passar a noite tendo que olhar pra essa sua cara feia.

As horas passaram bem rápido e, assim que anoiteceu, Luna me enviou uma mensagem falando que estava prestes a sair de casa com Gabi. Ramon foi tomar um banho e eu fiquei sentado na sala esperando. O tempo ocioso geralmente me fazia entrar em redes sociais e logo me vi no *Instagram*, dando *likes* nas mulheres maravilhosas que apareciam em meu perfil. Respondi alguns *directs* — porque, sim, eu era um homem antenado, gostava de me atualizar e até postava umas fotos de vez em quando para atualizar o meu *feed* — e logo me peguei pesquisando um nome na barra de busca.

Luna.

Apareceram várias, mas coloquei “Santo Elias” do lado e pronto, o cabelo colorido de Luna foi o primeiro a aparecer. Fiquei chocado ao ver que ela tinha quase quinze mil seguidores e mais de duas mil fotos postadas. A mais recente era uma dela na fazenda, com o céu bem azul ao fundo, usando uma blusa branquinha ombro a ombro e os cabelos rosa soltos ao vento.

Fiquei chocado enquanto olhava, notando como ela era bonita. Nunca havia parado realmente para olhar para ela, raramente a via na cozinha com as meninas, outras esbarrava com ela em alguma parte da fazenda, mas só. Sem contar que eu praticamente a tinha visto crescer, já que sua mãe foi trabalhar na fazenda de Ramon quando ela ainda era uma criança.

Essa era a primeira vez que eu percebia que ela havia crescido. E estava linda. Por fim, curti suas últimas fotos e a segui, antes de desligar o celular, e peguei-me sorrindo ao imaginar como a nossa amizade se desenrolaria, planejando rapidamente o próximo passo que daria. A levaria para jantar e descobriria a verdadeira face de Luna.



Luna

Eu queria morrer.

Trancada no banheiro do quarto de Gabi, olhei-me no espelho e joguei água fria no rosto, querendo que a vermelhidão e a vergonha fossem embora junto com a água pelo ralo da pia. Meu Deus do céu, onde eu estava com a cabeça quando falei sobre o pênis do Caio? Com ele bem ali, do outro lado da tela? Tudo bem que a ligação estava travada, mas, mesmo assim... Como eu podia ser tão estúpida?

— Burra! Burra, burra, burra! — sussurrei com raiva para mim mesma, olhando-me no espelho. — Como você vai olhar para a cara dele agora, Luna? Pelo amor de Deus!

Passei a mão pelo peito, tentando controlar a minha respiração. Minha mãe sempre me alertou que a minha impulsividade poderia me colocar em maus lençóis um dia, mas sempre acreditei que ser impulsiva era, talvez, a melhor parte da minha personalidade. Era a minha impulsividade que me dava coragem para ser a menina extrovertida e que fazia todo mundo rir, que abria espaço e lutava contra a timidez que, às vezes, queria me sabotar, por isso, nunca liguei muito para o conselho da minha mãe de tomar cuidado e pensar um pouco mais antes de agir. Agora, estava vendo que ela sempre esteve certa. Minha impulsividade era uma merda!

— Luna, está tudo bem? — Gabi perguntou do outro lado da porta e eu respirei fundo.

— Sim, tudo. Já estou saindo.

Sequei meu rosto e tentei agir de um modo mais racional. Caio era um homem adulto, um advogado respeitado, certamente, tinha um monte de responsabilidade e mil coisas para se preocupar, não iria perder tempo pensando no que uma menina boba como eu havia falado sobre ele. Sem

contar que quase não nos esbarrávamos na fazenda, ou seja, se eu continuasse a passar despercebida por ele, logo, logo ele iria esquecer o incidente do pau grande. E o apelido que lhe dei. Eu só precisava agir de forma normal, como se nada demais tivesse acontecido e pronto, o episódio de hoje ficaria para trás.

Decidida, saí do banheiro e resolvi focar na surpresa da Gabi, pois ela era a protagonista daquele dia louco, não eu. Passei as próximas horas finalizando sua unha e insisti para que se vestisse com o vestido maravilhoso que encontrei em seu closet. Ela não estava entendendo o porquê de tudo aquilo e pensei que era mesmo muito ingênua, pois eu já estaria com cem pulgas atrás da orelha e imaginando um monte de teorias. Talvez, ela simplesmente não imaginasse que o seu Ramon seria capaz de lhe fazer uma surpresa tão romântica, até porque, eles só haviam ficado uma vez e mal tiveram tempo de conversar sobre tudo o que sentiam um pelo outro.

Com Gabi pronta, tomei coragem e enviei uma mensagem para Caio, avisando que estávamos saindo da fazenda. Ele respondeu praticamente no mesmo segundo em que a mensagem foi enviada, falando que estava tudo pronto e que seu Ramon estava ansioso para ver a Gabi. Enquanto o funcionário da fazenda nos levava para o chalé, tentei controlar as batidas frenéticas do meu coração e o suor gelado que descia pela minha nuca e molhava as palmas das minhas mãos. Sabia que veria Caio em alguns minutos e precisava resgatar dentro de mim a coragem de olhar na cara do *advogado* sem demonstrar que eu estava querendo me enterrar no primeiro buraco que visse no chão.

— Acho que esse é um bom momento para você me garantir que não seremos mortas ou largadas sozinhas na beira da estrada — Gabi falou ao meu lado, chamando a minha atenção e me fazendo rir.

— Deixa de ser boba! Olha, chegamos!

Os enormes portões que protegiam a propriedade se abriram e eu senti que poderia desmaiar rapidinho, enquanto o carro percorria o caminho até parar em frente ao chalé.

— Eu tenho certeza que um dos desejos que você fez ao meu bolinho mágico está prestes a se realizar — falei para Gabi, antes de abrir a porta do carro e sair.

Ela veio logo atrás de mim e olhou em volta com admiração e a boca aberta. Era como se sua ficha estivesse começando a cair e eu senti o ar deixar os meus pulmões quando Caio veio caminhando em nossa direção.

Nossa Senhora, ele estava lindo! A cada vez que eu o via, ele ficava mais bonito, isso era verdade, mas tinha tempo que eu não parava para simplesmente o admirar. Não me permitia fazer isso, pois gostava de pensar que eu havia superado a paixãoite adolescente que nutri por ele anos atrás. Agora, o impacto da sua beleza estava me dando um tapa na cara.

Ele abraçou a Gabi e lhe deu um olhar carinhoso, que quase derreteu o meu coração, em seguida, olhou para mim. Sabia que era apenas a minha imaginação, mas juro que consegui sentir o chão tremer abaixo dos meus pés.

— Meu Deus, você e Ramon me enganaram! — Gabi falou para Caio, virando-se para mim em seguida. — E você estava junto com eles! Sabia esse tempo todo!

— É, talvez eu tenha ajudado de alguma forma e dado algumas ideias... — dei de ombros, conseguindo abrir um sorriso para a minha amiga. Meu estômago estava gelado e Caio não tirava os olhos em cima de mim.

— Ainda não acredito nisso, Deus do céu!

Gabi escondeu o rosto entre as mãos e eu ri de verdade da sua cara de surpresa, mas quase engasguei um segundo depois. Sem que eu esperasse, Caio se aproximou de mim com um sorrisinho misterioso nos lábios e passou os braços pelo meu ombro, quase encostando a minha cabeça no seu peito. Cada pelinho do meu corpo ficou arrepiado. Ele nunca, *nunca*, havia encostado em mim daquela maneira. Não soube o que sentir, não soube o que falar, o que pensar, como reagir, por isso, apenas fiquei parada como se fosse um poste.

— Vai lá, Gabizinha, tem um fazendeiro chucro morrendo de saudade de você. Eu levo a pequena pra casa.

Calma aí... *O quê?*

— Pequena?

Precisei levantar a cabeça para olhar para ele, tentando entender de onde aquele apelido havia surgido. E aquela intimidade que parecia brilhar em seus olhos conforme me olhava de volta. Caio sorriu e acenou rapidamente para Gabi, antes de se virar comigo e começar a caminhar em direção a uma Land Rover cinza, que reconheci como o carro que ele sempre usava ao ir para a fazenda. *Seu carro*. Com os olhos arregalados, olhei a nossa volta, me dando conta só naquele momento, que o funcionário que havia nos trazido ao chalé havia ido embora. Deus do céu, ele havia ido embora e me deixado para trás!

— Foi um elogio. E eu também precisava encontrar algo diferente para dizer depois das coisas *enormes* que ouvi hoje mais cedo... — Caio disse ao

meu lado, apertando de leve o meu ombro quando paramos em frente à porta do passageiro. Ele abriu para mim e sorriu. — Vamos lá?

Olhei para ele com a boca levemente aberta. Aquilo não estava nos meus planos. Em minha cabeça, ele ia continuar a agir como sempre agiu comigo — como se eu não tivesse relevância em sua vida agitada.

— Eu... Hum... Não precisa se preocupar, Caio, eu tenho o número do funcionário que nos trouxe, posso ligar e pedir para ele vir me buscar. Eu nem entendi porque ele foi embora, na verdade. Eu ia junto com ele.

— Eu pedi para que ele fosse embora — Caio disse casualmente, como se aquilo não fosse nada demais.

— O quê? Por quê?

— Porque eu queria ser cavalheiro e te levar para casa. Na verdade, eu tenho um convite para te fazer.

Ai, vou desmaiar. É agora que eu vou desmaiar.

— Convite?

— Sim. Quer jantar comigo?

Novamente, peguei-me pensando que eu estava prestes a ser surpreendida com uma equipe de TV falando que aquilo era uma pegadinha, porque, sinceramente, *nunca* na minha vida eu me imaginei recebendo um convite para jantar com o *advogado*, e agora ele estava bem ali, na minha frente, olhando-me com uma sobrancelha arqueada e um sorrisinho de canto de lábio, como se soubesse que havia me pegado desprevenida.

— Por que você quer jantar comigo?

De todas as coisas que poderiam sair da minha boca, aquela pergunta era a única que eu poderia dizer em voz alta. Precisava tentar entender o que estava acontecendo ali. Que universo paralelo era aquele?

— Por que eu não ia querer jantar com você? Você é linda, inteligente, amiga da Gabi e nos ajudou com essa surpresa... Acho que o jantar é uma forma de agradecer por ter embarcado nessa aventura comigo. Agora que juntamos os pombinhos, acho que merecemos um jantar de comemoração.

Minha mente travou na parte do “linda e inteligente”. Meus olhos estavam tão arregalados, que começaram a arder, e vi Caio segurar uma risada. Só então, eu me dei um tapa mental e cerrei levemente os dentes. Eu estava servindo de chacota para ele?

— Eu acho melhor não. Nem estou vestida adequadamente para ir a um restaurante e preciso ir para casa.

— Você está linda e não iremos a um restaurante chique. Conheço um que

fica na divisa de Santo Elias com a cidade mais próxima e ele é bem descontraído, você vai gostar — falou e me deu um olhar de cachorro quando cai da mudança. — Vamos lá, pequena, prometo que será divertido.

Com certeza seria *muito* divertido passar as próximas horas olhando para ele e me lembrando de tudo o que ele havia me ouvido dizer. Parte de mim, aquela que estava morta de vergonha, queria recusar, sair correndo e nunca mais olhar na cara dele. A outra parte, aquela que era impulsiva e que me dava coragem, queria dizer sim e provar para mim mesma — e para ele — que eu era uma mulher adulta e que não se arrependia do que dizia. Claro que estava muito arrependida de ter dito que ele tinha cara de quem tem pau grande e ter o chamado de *advogado*, mas ele não precisava saber disso.

— Está bem, eu aceito, mas com uma condição.

— Qual?

— Pare de chamar de pequena. Sabe, parece que sou criança e eu deixei a infância há um bom tempo.

Caio gargalhou e balançou a cabeça.

— Eu te vejo como tudo, menos como uma criança — falou, indicando o interior do carro com um gesto de cabeça. Ignorei meu coração acelerado ao observar o seu sorriso e me acomodei no banco, sentindo seus olhos em cima de mim. — Mas aceito a sua condição... Pequena.

Ele piscou e fechou a porta do carro, dando a volta para se acomodar no banco do motorista. Aceitar a minha condição e continuar a me chamar pelo apelido só deixava claro que ele não havia aceitado coisa nenhuma, mas, de alguma forma, isso não me irritou, pelo contrário. Como uma idiota, peguei-me prendendo um sorriso enquanto ele começava a colocar o carro em movimento.



Caio tinha razão quando disse que o restaurante era descontraído. O *Lagunas* ficava na entrada da cidade vizinha a Santo Elias e tinha uma arquitetura moderna com a estrutura em concreto e a fachada toda em vidro e ferro pintado de preto. Era bem diferente, com luzes douradas trazendo um charme e as mesas de madeira e cadeiras estofadas de preto espalhadas pelo salão. Também havia um *deck* com mesas maiores e alguns sofás, como se fosse uma área para abrigar um grupo maior de pessoas. Optamos por ficar

perto de uma das janelas e eu observei como o lugar estava cheio para uma quarta-feira.

— Se você não quiser comida, posso garantir que aqui eles servem o melhor hambúrguer de Goiás — Caio disse enquanto eu passava o olho pelo cardápio.

— O que você vai pedir?

— Estava pensando em te acompanhar no que você pedir — ele disse, me olhando com um sorriso que estava abalando as minhas estruturas.

Com medo de que ficasse óbvio demais que eu estava com vontade de babar em cima do seu sorriso, voltei a olhar o cardápio apenas para ganhar tempo.

— Você conhece mais o restaurante do que eu, poderia me dar uma dica de qual prato é o melhor.

A verdade era que eu não era acostumada a ir a restaurantes ou lugares remotamente parecidos com aquele. Realmente, não era um restaurante chique nem nada, mas, ainda assim, estava um pouco fora da minha realidade. Não sentia vergonha por causa disso, mas estava um pouco perdida.

— Eu acho que podemos pedir um hambúrguer mesmo, que tal? Com fritas... Tudo bem *grande*.

Ele arqueou as duas sobrancelhas e a forma como falou a palavra “grande” fez com que uma onda de vergonha e leve irritação tomasse conta do meu estômago. Ele estava mesmo me provocando? Quando vi a pontinha de um sorriso brincando em seus lábios, tive a minha resposta. Sim, ele estava. Dando-lhe um olhar condescendente, apontei para um item no cardápio.

— Vou querer esse *cheeseburger*.

— Ótima escolha, vou te acompanhar.

Ele chamou a garçonete, que apareceu com um sorriso no rosto, toda solícita, e fez os nossos pedidos, acrescentando uma porção grande de batata frita com bacon, uma Coca-Cola para mim e uma cerveja para ele. Quando ela se afastou, ele pediu licença rapidinho para ir ao banheiro e eu aproveitei aquele momento para poder dar uma olhada no meu celular e avisar a minha mãe que iria demorar um pouco para chegar em casa. Vi que Gabi havia me mandado uma mensagem perguntando se eu não tinha infartado de vergonha e resolvi atualizá-la sobre a loucura que eu estava vivenciando. Ela surtou quando eu falei que estava jantando com o Caio.

“Gabi, o homem está me chamando de pequena. PEQUENA. Acha

mesmo que ele me respeita? Estou pensando em enfiar o garfo nos olhos dele.”

“Caio é um amor, seja boazinha. Beijos!”

“Só se for com você, comigo ele está sendo um pé no saco. Beijos e esqueça desse celular, por favor!”

“Já esqueci.”

Tudo bem, me arrependi depois de ter escrito a última mensagem para Gabi. Caio não estava sendo tão pé no saco assim, mas eu acho que precisava falar isso para mim mesma, pois tinha medo de ficar olhando para ele e soltando suspiros inadequados. Voltei a guardar o celular quando o vi se aproximar da mesa e precisei segurar a respiração quando ele se sentou à minha frente. Seu perfume era delicioso.

— Então, me conte mais sobre como anda a sua vida, Luna. Já está na faculdade? Você fez dezoito ano passado, não foi?

— Sim. E não, não estou na faculdade ainda. Estou um pouco indecisa sobre o curso.

— Está indecisa entre o quê?

— Moda e Gastronomia.

Ele arregalou um pouco os olhos.

— Nossa, duas coisas tão diferentes.

— Pois é, eu sei. Meu pai está me cobrando sobre o que quero realmente fazer. Ele vem juntando dinheiro há anos para pagar a minha faculdade e a faculdade da Fê daqui a alguns anos... Ele me deu até o final do ano para decidir.

— Bom saber que ele não abre mão da sua educação e da educação da sua irmã, mas você precisa pensar com cuidado sobre o que realmente quer. Apesar de termos a possibilidade de mudar de curso, é bom começar em algo que a gente sabe que vai levar até o final.

— Por isso mesmo que estou levando esse tempo para me decidir. Não quero ter que mudar de curso no meio da faculdade, até porque, não seria justo com o meu pai. Jamais aceitaria que ele jogasse seu dinheiro fora dessa forma — falei, parando quando a garçonete voltou com as nossas bebidas. Depois de dar um gole, perguntei: — Você sempre quis ser advogado?

— Acho que *advogado* soa mais bonito e sexy — falou por cima da *long neck* e eu quase engasguei com o refrigerante. Antes que eu pudesse pensar em uma resposta, ele continuou: — Sim, sempre quis cursar Direito. O modo

como meu pai exercia a profissão me inspirou muito e acabei seguindo os passos dele. Sabe, dei uma olhada no seu *Instagram* hoje e, talvez eu esteja errado, mas acho que Moda combina com você.

— Você olhou? — Perguntei um pouco chocada e ele franziu o cenho, como se não tivesse entendido a minha pergunta. — Olhou o meu *Instagram*?

— Sim, eu olhei. Inclusive, comecei a te seguir. Não sabia que você era famosa na rede social, fiquei impressionado com o seu número de seguidores. Você pensa em ser *digital influencer*?

— Não. Quer dizer, eu gosto de compartilhar um pouco sobre a minha vida, o que compro, os livros que leio, gosto de tirar fotos, principalmente para mostrar a forma como me visto, mas não penso em levar isso como algo profissional. É mais um *hobby*.

— Eu percebi que você gosta muito ler, seu *feed* é cheio de livros. Qual foi o último que você leu?

A sua pergunta foi feita de modo casual, mas eu quis me enfiar debaixo da mesa ao pensar na resposta que teria que dar a ele. Por sorte, a garçonete voltou com os nossos pedidos e eu tive tempo de decidir se iria mentir ou se falaria a verdade. Se mentisse, ia me sentir mal, mas pelo menos me safaria da vergonha que, com certeza, iria passar. Nem precisei pensar muito nisso, pois Caio logo lançou a bomba no meu colo:

— Pela foto no seu perfil, vi que foi um livro com gêmeos. SS alguma coisa. Acertei?

Ele passou uma batata frita no molho e comeu enquanto me olhava, sem conseguir disfarçar a sua curiosidade. Eu quis morrer. Pegando o meu hambúrguer, dei uma mordida grande e apenas balancei a cabeça, assentindo. Caio deu um sorrisinho e fez o mesmo que eu, mordeu o sanduíche e mastigou lentamente, engolindo e me lançando mais uma pergunta constrangedora:

— É nesse que eles são atores pornô e transam ao mesmo tempo com a protagonista?

Geralmente, eu não sentia vergonha dos livros que lia. Adorava romances, principalmente os eróticos, e sempre falava deles no meu *Instagram*, mas o contexto deles nessa conversa, era diferente. Eu sentia que a curiosidade de Caio não tinha nada a ver com o livro em si e, sim, com tudo o que me ouviu falar para Gabi naquela tarde. Apesar de muito constrangida, de certa forma, sabia que Caio não estava me perguntando tudo aquilo para me deixar desconfortável. Ele queria me provocar. Decidi que poderia fazer o mesmo

com ele.

— Sim, é esse mesmo. O livro é maravilhoso, uma pena que os irmãos são fictícios. Faria a alegria de muitas mulheres por aí, inclusive a minha, se me dessem uma oportunidade.

Ele me olhou com uma sobrancelha arqueada e sorriu de lado. Claro que ele nem imaginava que eu estava falando tudo aquilo da boca para fora. Apesar de amar o livro, eu acho que não teria coragem de encarar um dos gêmeos, imagina os dois juntos. Não, era muita areia para o meu caminhãozinho inexperiente.

— Interessante, acho que vou querer ler esse livro depois.

— Vai? Por quê?

— Quero saber o que há de tão fascinante nesses gêmeos. Se forem bons mesmo, vou perguntar aos meus pais onde está o meu gêmeo perdido. Quero fazer sucesso dessa forma também — disse ele piscando para mim e eu não consegui conter a gargalhada.

— Eu não acho que você precisa de um irmão gêmeo para fazer sucesso. Você se encarrega disso sozinho com maestria. Eu conheço a sua fama.

Arrependi-me assim que as palavras saíram da minha boca. Caramba, eu tinha uma língua grande mesmo! Interessado, Caio largou o guardanapo sujo de molho do hambúrguer — que ele já havia terminado de comer — em cima do prato e perguntou:

— Jura? Agora eu quero saber qual é a minha fama.

— Você sabe qual é a sua fama... *Advogado* — sussurrei no final e senti minhas bochechas ficarem vermelhas.

Eu não estava tentando *flertar* com Caio, estava? Pelo amor de Deus, eu precisava colocar os meus pés no chão agora! Rindo, Caio balançou a cabeça.

— Não sei, você precisa me explicar, gatinha.

Terminei o meu hambúrguer e dei um gole na minha Coca antes de responder:

— Eu não vou explicar nada, você que lute para descobrir.

— Está bem, vou fazer de tudo para descobrir, mas pelo menos esse apelido você vai ter que me explicar.

— Vou?

— Vai.

Foi a minha vez de rir e balançar a cabeça em negativa.

— Vai ter que ficar na curiosidade, pois não vou dizer nada. Podemos ir agora? Minha mãe deve estar preocupada.

Era só uma desculpa, pois havia avisado a minha mãe que chegaria mais tarde por mensagem, mas ele não precisava saber que eu estava desesperada para ir embora, porque estava com medo de acabar falando mais alguma besteira. Sinceramente, Caio tinha trinta e seis anos e eu tinha dezoito. Eu, mais do que ninguém, achava que o amor não tinha idade — tanto que ajudei Gabi a fisgar seu Ramon —, mas esse caso era diferente. Não podia enxergar toda essa conversa por um lado romântico — que sequer existia —, porque, como havia dito anteriormente, conhecia muito bem a fama do *advogado* e não queria voltar a nutrir qualquer paixonite idiota por ele.

Depois de pagar a conta, deixamos o restaurante e Caio ligou o som do carro. Sua *playlist* era muito boa e uma música do *Coldplay* começou a tocar, deixando-me curiosa sobre o seu gosto musical. Eu sabia que poderia perguntar, mas não queria ficar envolvida demais na sua vida e nem com a cabeça cheia de informações. Depois desse jantar, só queria me afastar, voltar à nossa relação — que era nula — antes da conversa fatídica de hoje cedo com Gabi. Fizemos a viagem de volta em um silêncio confortável e Caio percorreu o caminho dentro da fazenda até a parte mais afastada do casarão, onde ficava a área com as casas dos funcionários. A minha era uma das primeiras e eu indiquei onde ele deveria parar.

— Obrigada pelo jantar, Caio, foi muita gentileza sua me convidar — falei ao tirar o cinto de segurança.

— Foi ótimo passar esse tempo com você, gatinha, talvez possamos repetir em breve. Agora que tenho o seu *WhatsApp*, não vou te deixar em paz.

Ele sorriu para mim e, não sei porque, mas acreditei que ele estava sendo sincero. Sem saber ao certo o que responder, sorri e me inclinei para abrir a porta, mas parei quando sua mão pousou em cima do meu joelho.

— Obrigado por ter nos ajudado com a surpresa e por estar ao lado da Gabi. Ela me disse que você ficava insistindo que o Ramon sentia algo por ela e acho que isso fez com que ela não desistisse de vez do cabeça dura do meu amigo.

— Eu percebi o modo como o seu Ramon olhava para ela quando achava que ninguém estava olhando. Nunca o vi olhar daquela forma para ninguém.

— Eu também não — Caio disse com um olhar alegre. — Agora estou tranquilo, pois ele finalmente admitiu o que sentia. Já era hora.

— Às vezes, uma dose saudável de ciúmes faz milagre.

— Ah, eu concordo! Soube o que Gabi aprontou com ele. Danada! Deveria saber que ela era inteligente e atingiu o ponto fraco do Ramon.

— A ideia foi minha — murmurei sem saber ao certo porque estava ficando envergonhada de repente. Normalmente, eu falaria isso com orgulho.

Caio me encarou com os lábios ligeiramente separados e com um brilho diferente nos olhos, o que me deixou com a sensação de que minhas bochechas estivessem pegando fogo.

— Você que planejou tudo?

— A parte de sairmos para que seu Ramon perdesse a cabeça, sim, a parte do assédio da Gabi, nem em sonho! Ainda bem que seu Ramon deu uns socos nele, ou eu mesma teria feito isso.

O *advogado* me deu um sorrisinho misterioso, meio admirado, antes de gargalhar baixinho.

— Vou ter em mente que você consegue ser bem maquiavélica quando quer.

— Eu? Nunca! — falei com falsa indignação, arrancando mais uma risada dele. Soube que estava na hora de ir embora quando minha mãe abriu a porta de casa e olhou com curiosidade para o carrão parado ali em frente. — Preciso ir. Obrigada pelo jantar, mais uma vez.

— Fica de olho no seu celular, vou te convidar de novo qualquer noite dessas.

Depois de apertar meu joelho mais uma vez, Caio me deu um sorriso e eu assenti, saindo do carro com o coração acelerado, querendo sair voando do meu peito. Ele buzinou duas vezes e se afastou, deixando-me como uma idiota parada na calçada, até ver o seu carro desaparecer.

— Luna! — A voz um tanto histérica da minha mãe me fez dar um pulo. Ela me olhou com o cenho franzido e um tanto aborrecido. — Posso saber o que você estava fazendo no carro do Caio?

Entramos juntas em casa e senti os olhos afiados da minha mãe em cima de mim. Ela quase não se aborrecia, mas quando isso acontecia, era melhor não fugir de suas perguntas, por isso, fui sincera.

— Ele me levou para jantar depois de eu ter acompanhado a Gabi até o local onde seu Ramon a esperava.

— Ele te levou para jantar? Por quê?

— Porque ele quis ser gentil, mãe. Não foi nada demais, só comemos e viemos embora — falei, indo em direção ao meu quarto. Ela veio atrás de mim.

— Luna Amarantes, me explica isso direito! Como assim não foi nada demais? Caio é um homem muito legal e simpático, mas ele também é

conhecido por pegar Santo Elias inteira! Não quero que você seja mais uma na lista dele!

— Mãe, pelo amor de Deus, a senhora já olhou para mim? Não sou remotamente parecida com as mulheres com quem Caio fica por aí. Ele só quis ser gentil comigo.

Minha mãe se desarmou um pouco e passou a mão pela minha bochecha.

— Filha, você é linda, é uma mulher maravilhosa, qualquer homem iria querer ficar com você. É por isso que me preocupo, não quero que você se machuque e Caio tem fama de conquistador. Não quero que ele brinque com você.

— Não se preocupe com isso, eu não acho que ele me veja como algo mais do que a filha da empregada do seu Ramon e, agora, amiga da Gabi. E eu sei me cuidar, dona Rosana, não sou nenhuma menininha boba.

Minha mãe riu e assentiu, dando um beijo em minha bochecha.

— Sei disso, meu amor. Eu conheço a menina que coloquei no mundo. Te amo.

— Também te amo muito, mãe.

Ela me olhou daquele jeito, como se quisesse me proteger de qualquer mal, e me deu um abraço apertado, me dando boa noite antes de ir se deitar. Eu ainda fiquei alguns minutos parada no meio do meu quarto, sabendo que, se pudesse, minha mãe realmente me colocaria em uma bolha, protegida de tudo e de todos. Graças a Deus consegui mostrar a ela, pouco a pouco, que eu não era frágil e consegui certa liberdade com o passar dos anos.

Tomei um banho rápido, escovei os dentes e me joguei na cama, entrando rapidamente no meu *Instagram*. Um pouco assustada, notei que Caio havia curtido várias fotos minhas e não havia mentido, realmente começou a me seguir. Como não queria soar mal-educada, o segui de volta e comecei a *stalkear* seu perfil. Ele tinha quase cinco mil seguidores, mas não postava com regularidade. No entanto, tinha algumas fotos que me deixaram com a garganta seca. Ele era lindo demais e fotogênico, poderia ser modelo, se quisesse. Cliquei em uma foto sua na praia, com o mar atrás e seu rosto inclinado para o lado. Não aparecia o seu corpo todo, a foto era do ombro para cima e pude ver que ele tinha algumas tatuagens, o que me deixou ainda mais curiosa. Eu tinha notado que ele tinha uma tatuagem no braço nas raras vezes em que vinha à fazenda sem usar roupa social e fiquei interessada nas outras.

Respirei fundo, sabendo que era melhor perder o interesse logo, porque

não queria ficar pensando demais nele, e saí do seu perfil. Estava prestes a colocar o celular em cima da mesinha de cabeceira, quando quase o deixei cair na minha cara ao receber uma mensagem sua. Abri e vi que ele tinha me enviado uma foto com um livro em cima da barriga. Sem camisa. Quase engasguei ao ver parte do abdome musculoso.

“Essa é a minha leitura para hoje, Direito Administrativo. Está lendo o quê?”

Eu nem me atentei ao título, pois aquela pequena parte da sua barriga tomava conta de todo o meu globo ocular. Engolindo em seco, respondi:

“Estou prestes a iniciar um romance escrito por um homem. ‘A Morte de um Solteirão^[2]’, escrito por Romeo Benvenuto. É a história de como ele se apaixonou pela esposa. Parece ser muito legal!”

“Jura? Que foda! O título é incrível, depois me conta tudo.”

“Pode deixar. Vou dormir, advogado. Boa noite.”

“Boa noite, pequena. Nada de sonhar com gêmeos pornográficos, ou vou ficar com ciúmes.”

“Como você é bobo! Kkkkkk. Tchau!”

“E o meu beijo de boa noite?”

“Tchau, Caio!”

Ele me enviou figurinha rindo e me mandou um coração. Sem conseguir agir racionalmente, enviei um coração de volta e me virei para dormir com o meu próprio coração cheio de um sentimento que eu não soube explicar o que era.



Capítulo 5

Luna

A primeira coisa que eu fazia ao acordar, era pegar o meu celular e checar as minhas redes sociais. Eu sabia que não era um hábito saudável — segundo uma matéria que li na internet, acordar mexendo no celular era o novo vício do milênio —, mas eu não podia evitar. Entrei rapidamente em meu *Instagram*, antes de abrir o *WhatsApp*, e tomei um susto ao ver que Caio havia me mandado uma mensagem às oito e meia da manhã.

“Bom dia, gatinha.”

Logo embaixo, ele colocou uma figurinha de uma pessoa qualquer com cara de sono, tomando uma xícara de café. Certo, ele havia dito que ficaria me mandando mensagens pelo *WhatsApp*, mas parte de mim não acreditou. Quer dizer, ele era um homem ocupado, por que ficaria perdendo o seu tempo enviando mensagens para mim? Foi esse questionamento que me fez sair da nossa conversa sem lhe enviar uma resposta. Eu queria responder, mas, ao mesmo tempo, estava confusa. Por que Caio, de repente, havia começado a demonstrar interesse em mim? Será que ainda era por causa da conversa que ouviu entre mim e Gabi? Será que era por que queria me provocar?

Eu tinha muitos amigos, alguns da minha idade, outros mais velhos, gostava de conversar e fazer as pessoas rirem, mas não gostava muito da sensação de que estava sendo usada. Às vezes, era assim que me sentia quando estava na rodinha dos meus amigos e eles ficavam insistindo para que eu fosse a “palhaça” do grupo. Em alguns momentos, eu realmente gostava de ser aquela que animava a conversa, em outros, eu só queria que alguém realmente me olhasse e me visse, não que enxergasse em mim uma fonte pura e simples de diversão. A única pessoa que parecia realmente me ver, era

Gabi, e acho que foi por isso que me aproximei dela com tanta facilidade. Nossa amizade havia surgido de forma natural e ela não parecia cobrar de mim o mesmo que os meus outros amigos cobravam.

Eu achava que Caio era um homem maravilhoso, não porque nutri um interesse bobo por ele no passado, mas porque ele demonstrava ser assim com todo mundo. No entanto, não conseguia afastar a sensação de que, talvez, ele estivesse tentando se aproximar de mim para se divertir às minhas custas. A conversa constrangedora que tive com Gabi, o fato de ele ter ouvido e, logo depois, ter me levado para jantar e ter soltado piadinhas, me fazia ter a impressão de que ele poderia estar apenas tentando “zoar” com a minha cara.

Senti-me muito mal por pensar assim sobre ele. Ele havia sido gentil, apesar de ter feito trocadilhos sobre o que falei para Gabi e, em momento algum, tentou me constranger ou fazer com que eu me sentisse mal. Não queria ser injusta com ele, mas não conseguia entender os motivos por trás do seu convite para jantar, das suas mensagens... Por isso, achei que era melhor seguir com a decisão que tomei em seu carro: esquecer aquele dia louco e voltar à relação que tínhamos antes.

Deixei o celular um pouco de lado e fui para a cozinha lavar a louça do café da manhã. Fernanda estudava cedo e minha mãe ia para casa do seu Ramon por volta das sete da manhã, por isso, a louça ficava para mim. Eu também fazia o almoço e dividia com a Fê as obrigações da casa, pois não gostava de deixar tudo nas costas da minha mãe. Coloquei uma música para tocar e fiz todas as minhas obrigações, em seguida, tomei um banho e fui ler um pouco, antes da Fernanda chegar.

Almoçamos e a ajudei com um trabalho da escola, sempre olhando para o celular. Apesar de tudo, fiquei esperando que Caio me mandasse mais alguma mensagem, mas isso não aconteceu e achei que era melhor assim. Ele logo se esqueceria de mim, sabia disso, mas, apesar de *querer* isso, eu também queria que ele não me esquecesse. Era confuso, eu sabia, mas nem sempre meus pensamentos e desejos tinham coerência. Depois de ajudar Fê, fui andar um pouco pela fazenda e tirei umas fotos, postando duas no *feed*. Eu sabia que teria comentários perguntando sobre como pinte o cabelo e fiz uma nota mental de fazer uns *stories* à noite para explicar.

Já estava anoitecendo quando voltei para casa e encontrei minha mãe na cozinha, guardando algumas compras no armário.

— Chegou cedo!

— Cissa disse que não ia precisar da gente durante a tarde. Parece que seu

Ramon ainda não voltou com Gabriela, então, não tinha muito o que fazer no casarão. Aproveitei e peguei uma carona com Augusto até a cidade e fui ao mercado.

Eu sorri enquanto ela falava, tendo plena consciência de que Gabi e seu Ramon deveriam estar se divertindo no chalé. Já estava ansiosa para conversar com Gabi e saber tudo o que havia acontecido entre os dois.



Passei os próximos dias ao lado de Gabi, ouvindo tudo sobre o seu relacionamento com seu Ramon — quer dizer, agora eu tinha que me acostumar com o fato de ter intimidade suficiente com ele para o chamar pelo nome. Como era amiga de Gabi e havia ajudado com a surpresa, Ramon deixou claro que não queria mais ser tratado com tanta formalidade. Minha mãe quase surtou quando me ouviu o chamar pelo nome, mas, conforme os dias foram passando, acabou se acostumando.

Nesse meio tempo, dediquei-me a fazer algumas pesquisas na internet por algumas faculdades e testes vocacionais. Todos eles diziam que eu tinha características de uma pessoa criativa e moderna e que tinha chances de ser bem-sucedida se optasse por estudar Artes, Design ou Moda. Apesar disso, eu ainda ficava indecisa, pois gostava de dedicar parte do meu tempo na cozinha. Vinha até postando alguns vídeos de receitas no IGTV e no TikTok e as pessoas estavam amando. Precisava realmente decidir logo por qual caminho gostaria de seguir, pois sabia que não poderia enrolar para sempre — principalmente por conta da cobrança do meu pai. Ele tinha medo de que eu acabasse não fazendo faculdade.

Caio ainda me mandava mensagens esporadicamente, mas eu não respondia. Como tinha tirado os tracinhos azuis do *WhatsApp*, ele não sabia se eu estava lendo ou não as suas mensagens, mas eu sempre lia. Ele não mandava nada demais, às vezes era só bom dia ou boa noite, ou perguntava se eu estava bem. A única vez que quase cedi, foi quando precisei recusar o convite para jantar na casa de Ramon para comemorar a sua nomeação em um prêmio importante, pois tive que ficar com Fernanda, que havia pegado uma gripe forte e estava com febre. Não sei como Caio soube disso — talvez Gabi tenha contado —, mas ele me enviou uma mensagem ainda naquela noite e eu senti uma vontade imensa de responder.

“Soube que a sua irmãzinha está doente, sinto muito. Há algo que eu possa fazer para ajudar?”

Meu coração derreteu. Achei tão fofo da parte dele se preocupar, oferecer ajuda, mas resolvi ser firme. Se havia decidido que iria cortar a relação que começamos a criar naquela noite no restaurante, não iria voltar atrás. Por sorte, não nos vimos mais desde aquele dia, nem mesmo quando ajudei Gabi a escolher o vestido para ir à premiação em São Paulo com Ramon. Soube que Caio havia ido até a fazenda para escolher um terno, mas fiquei com Gabi em seu quarto e não esbarrei com ele, o que agradei internamente. O destino estava me ajudando.

Na noite da premiação, fiquei com Cissa no casarão e assistimos juntas pelo site do Grupo Escorcese. Comemoramos muito quando Ramon venceu e, ao me deitar naquela noite, passeando pelo *Instagram*, acabei vendo uma foto de Caio em um terno azul escuro no evento. Ele estava lindo, mas não me permiti olhar demais e nem curtir a foto, passei direto, tão rápida quanto um raio. Era melhor não ficar olhando demais para a sua beleza.

No final da tarde seguinte, estava em casa, terminando de preparar o jantar, quando Gabi me enviou uma mensagem, perguntando se eu podia ir até o casarão pra gente conversar. Respondi que chegaria em alguns minutos e terminei de ajeitar tudo na cozinha, antes de avisar a Fê que iria ficar um pouco com Gabi. Ela apenas assentiu, sem tirar os olhos da série que estava vendo na Netflix.

Assim que entrei no quarto de Gabi, soube que havia alguma coisa errada. Ela parecia triste e perguntou se poderia desabafar e eu, claro, disse que sim. Fiquei chocada com as revelações que soltou em meu colo, algo sobre o passado do seu pai com Ramon. Pude ver como ela parecia mexida, até mesmo culpada pelas atitudes do pai, mas conversei muito com ela e disse que não precisava se sentir daquela forma. Se o pai dela havia errado, a culpa não era dela. Mesmo assim, colocando-me em seu lugar, conseguia entender a sua angústia.

— Eu sinto como se meu pai fosse uma pessoa totalmente desconhecida. Eu ainda o amo, mas, ao mesmo tempo, fico me perguntando quem ele é, ou era, de verdade. Nunca foi um pai ruim, só distante, então, nunca passou pela minha cabeça que ele poderia ser capaz de cometer tanta maldade — disse ela.

— Sabe, meu pai e minha mãe tiveram um casamento meio conturbado,

eles viviam reatando e separando, mas nunca deixaram de dar amor e carinho a mim ou a minha irmã. E quando meu pai se mudou para o Rio de Janeiro, fez questão de alugar uma casa com dois quartos, depois de arrumar um emprego melhor, e fez um quarto lindo pra mim e para a Fê. Mesmo distante, ele é o melhor pai que eu poderia ter.

Eu sentia muita saudade do meu pai, apesar de nos falarmos todos os dias por mensagens e telefonemas. Ele era um homem muito carismático, moderno, e tão diferente da minha mãe, que até hoje eu não conseguia entender como eles haviam se apaixonado. Não que minha mãe fosse careta, mas era mais quieta, tímida, vinda de uma família rígida. Não cheguei a conhecer os meus avós maternos, mas sabia que meu avô era um homem com a cabeça antiga, fechada, e havia criado minha mãe para se casar virgem e ser dona de casa. Como ele morreu cedo, minha mãe teve que começar a trabalhar e acabou virando empregada doméstica. Ela e meu pai se conheceram no Bar das Onze, quando ele se mudou para cidade vizinha a Santo Elias. Parece que foi paixão à primeira vista e logo foram morar juntos, mas o relacionamento foi permeado por idas e vindas.

Para poder distrair um pouco a cabeça de Gabi, pedi para que me contasse detalhes do evento e ela se animou, falando que chegaram a conhecer um casal que também tinha uma grande diferença de idade. A história dos dois até lembrava um pouco a dela e a de Ramon e fiquei chocada quando me mostrou o *Instagram* da Marina. Ela era linda, uma *digital influencer* de verdade, com mais de cem mil seguidores. Fiquei encantada com os *posts* dela e as fotos ousadas que tirava. Meu Deus, eu nem tinha coragem de usar aquelas *lingeries* cavadas que ela usava para tirar fotos.

— E o Caio? Vi que ele foi sem acompanhante — perguntei, mas logo me arrependi ao ver o sorrisinho de Gabi. Sem graça, revirei os olhos, fazendo de tudo para ela não notar que a pergunta havia escapado sem querer. — Só estou perguntando por curiosidade, antes que fale qualquer besteira sobre eu estar interessada nele.

— Ele me disse que não gosta de ir acompanhado a esses eventos, que prefere arrumar companhia por lá mesmo — ela falou e eu fiz uma careta. Claro que era mais fácil arrumar alguém no evento do que ter que se dar ao trabalho de arranjar alguém para o acompanhar. — E qual seria o problema se você estivesse interessada nele? Já falei que Caio é um homem incrível. Seria me iludir muito se eu comesse a torcer para que vocês dois ficassem juntos?

Meu Deus, não podia acreditar que Gabi estava pensando aquilo! Onde ela estava com a cabeça?

— Mas é claro que sim! Gabriela, Santo Elias em peso conhece a fama do *advogado*, o homem não vale nada, pega tudo o que veste saia. Eu que não me sujeito a me apaixonar por um homem assim — falei com convicção.

— Mas ele é romântico, sempre torceu muito por mim e pelo Ramon, ajudou a preparar aquela surpresa junto com vocês... Não sei, mas algo me diz que Caio será fiel quando se apaixonar por uma mulher.

— Eu não sei dizer se ele será fiel ou não, só sei que *eu* não vou me arriscar e pagar para ver. Além do mais, por favor, olhe para mim. Não sou ninguém perto das mulheres com quem ele desfila pela cidade.

Havia falado aquilo para minha mãe na noite do jantar e não era mentira. Não era como se eu visse Caio todas as noites em Santo Elias, mas já havia o visto algumas vezes e ele sempre estava acompanhado por mulheres estonteantes, principalmente algumas turistas. Eu não era ninguém perto delas e estava muito bem assim.

— Luna, já se olhou no espelho? Você é linda demais, qualquer homem ficaria louco por você!

— Que homem? Tenho quase dezenove anos e nunca cheguei nem perto de namorar. Só beijei dois garotos em toda a minha vida e, sinceramente, não foram boas experiências. Um usava aparelho e quase cortou a minha língua, o outro quase me afogou em um litro de baba. Decidi deixar a minha vida amorosa de lado depois disso — falei, estremecendo com a lembrança. Acho que fiquei traumatizada.

— Eu também nunca namorei antes, nunca me apaixonei e tive poucas experiências com meninos e hoje estou aqui, louca pelo Ramon. Você lê muitos romances, sabe que o sentimento surge sem que a gente tenha qualquer controle. Vai ser assim com você também.

Senti um aperto ridículo no coração quando ela terminou de falar. Sim, eu acreditava muito nos sentimentos, sabia que a maioria deles podia surgir como nos livros, mas tinha os dois pés no chão. Não me achava parecida com uma mocinha de livro e tinha motivos para isso. Talvez Gabi não entendesse e senti muita vontade de falar tudo o que guardava no peito, mas optei por começar pela parte que doía menos.

— Eu amo os romances que leio, mas, no fundo, sei que não vou encontrar um homem parecido com os mocinhos dos livros. Sabe, da minha roda de amigos, sempre fui considerada a mais idiota, a mais bizarra, a que fazia todo

mundo rir e animava as festas, mas quando os meninos queriam se aventurar e dar uns beijos, não era para mim que eles olhavam, era para as outras meninas do grupo. Eu sempre sobrava e ficava segurando vela. Essas experiências me mostraram que, talvez, eu não sirva mesmo para namorar. Eu me encaixo no lugar de amiga maluca e está tudo bem, sou feliz assim.

Pude ver que Gabi ficou chocada com o que falei, mas era a verdade. Tinha lembranças quase dolorosas de momentos em que ficava sozinha em alguma festa, pois todo mundo havia se afastado para poder procurar um par e beijar na boca. Com o tempo, acabei me acostumando, mas ainda doía um pouco. Sem que eu esperasse, Gabi tomou a minha mão e me olhou com seriedade.

— Não está nada bem em se enxergar assim. Você tem tanto direito de amar e ser amada como qualquer outra pessoa. Luna, você é uma garota incrível, é espontânea sim, tem esse sorriso alegre e que contagia todo mundo, mas vai muito além disso. Não deixe que um grupo de amigos idiotas te faça pensar o contrário!

Ai, droga! Meus olhos se encheram de lágrimas, mas tinha pavor de chorar na frente dos outros, por isso, deixei as suas mãos e tratei logo de espantar o choro inconveniente que queria invadir a nossa conversa. Forçando um sorriso, falei:

— Tá bom, vou acreditar em você, mas tira o Caio da cabeça, certo? Se ele tem o pau grande mesmo, isso significa que eu iria sofrer que nem você sofreu na sua primeira vez e eu não quero ter que passar por uma situação assim. Um pau pequeno está ótimo — brinquei.

Fui a primeira a falar que se Deus havia feito, era porque cabia, mas foi mais para tirar o medo de Gabi. Depois de ouvir a sua experiência, comecei a duvidar da minha própria teoria.

— Uma hora vai entrar sem doer, posso te garantir — disse ela com um sorriso safado e eu fiquei boquiaberta.

— Meu Deus, Ramon criou um monstro!

Ela começou a rir e passamos o resto da tarde conversando. Era muito bom ter Gabi em minha vida. Pela primeira vez, percebi que eu tinha, verdadeiramente, uma melhor amiga.



Caio

Não tive coragem de ligar o computador e responder *e-mails* depois que Ramon e Gabi me deixaram em casa no dia seguinte ao evento. Joguei-me no sofá depois de tomar um banho e dormi pelo resto da tarde, esgotado da viagem. Só acordei tarde da noite e precisei reorganizar minha mala, pois viajaria para Minas Gerais na manhã seguinte. Armando Carvalho era dono de uma fazenda de café e foi um dos meus primeiros clientes depois de Ramon, nos conhecemos em um evento em Minas e acabei tomando frente dos seus interesses quando seu advogado se aposentou. Desde então, criamos uma grande amizade e, agora, ele estava prestes a fechar contrato com uma grande indústria de alimentos.

Estava terminando de arrumar a mala, quando meu celular apitou com um *e-mail*. Vi por cima, disposto a ignorar e só ler amanhã, mas quando percebi que era da companhia aérea, abri e recebi a informação de que o horário do meu voo havia sido alterado. Por sorte, sempre viajava com um dia de antecedência, pois tinha medo de contratempos como esse. Ao perceber que teria mais tempo antes de ir para Goiânia, decidi que iria passar na fazenda de Ramon bem cedo, para aproveitar o café da manhã de Cissa. Aproveitaria e redigiria logo o contrato que estava devendo a ele, para poder o entregar.

Foi isso que fiz no dia seguinte, acordei mais cedo, tomei um banho e dirigi até a Fazenda Baldez, encontrando Ramon já no escritório. Deveria saber que, mesmo namorando Gabi, certas coisas nunca mudavam e uma delas era o horário rígido que Ramon cumpria há anos.

— Você não deveria estar a caminho do aeroporto? Ou esqueceu que tem uma reunião amanhã com um dos seus clientes em Minas Gerais? — perguntou ele.

— A companhia aérea me mandou um *e-mail* ontem à noite falando que meu voo foi adiado para às três da tarde. Resolvi vir aqui para trazer logo a cópia do contrato que redigi ontem à noite, para que pudesse dar uma olhada.

— É tão bom ter a certeza de que tenho um advogado competente e atencioso, que vem na minha casa me trazer a cópia de um contrato, ao invés de me enviar tudo por *e-mail*.

O sarcasmo em sua voz me fez gargalhar e eu resolvi admitir:

— Também vim tomar o café da manhã da Cissa, é lógico! Acha que sou bobo?

— Sabia que havia algum interesse por trás. contei para Gabriela sobre o meu passado com Abraão.

Ramon jogou a bomba em meu colo como se não fosse nada demais e eu tomei um susto, agradecendo por estar sentado. Boquiaberto, pedi para que ele me contasse melhor aquela história e entendi que ele havia contado *parte* do passado. Bom, ele já sabia a minha opinião sobre aquele assunto e vi a dúvida em seu olhar.

— Você acha que essa é uma boa decisão? Eu gostaria de ser honesto com ela, mas sinto que Gabriela duvidará dos meus sentimentos se souber de tudo.

— Eu acho que você deve seguir a sua intuição. Talvez, possa contar a ela depois, quando o relacionamento de vocês estiver mais sólido, entende? Sei lá, quando já tiverem dez anos de casados e três filhos correndo pela casa. Aliás, quero ser o padrinho dos pirralhos.

— Ah, com certeza! Porque você é uma ótima influência para crianças.

— Claro que eu sou! Vou ensinar as meninas a se defenderem dos babaquinhas machistas e vou ensinar aos meninos a arte da conquista, entende? Como ser um conquistador sem ser um babaca. Serei um padrinho perfeito! — falei o óbvio. Ficava chocado que Ramon pensasse o contrário.

— Minhas filhas não vão precisar aprender nada disso, porque só vão se casar depois dos trinta.

— Com certeza. Do jeito que essa fazenda é cheia de peão, elas vão é se faltar — falei rindo e ele fechou a cara.

— Caio, não quero ficar de mau-humor, nem começar a ter dor de cabeça por conta de filhas que eu ainda nem tenho, por favor!

— Está bem, Ramonzinho, não está mais aqui quem falou.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos e Ramon disse por fim:

— Eu vou contar tudo a ela, sabe? No momento certo, eu vou contar.

— Exato. Enquanto isso, vai aproveitando esse momento com ela. Dizem que o início do relacionamento é ótimo.

— Está na hora de você tentar descobrir, não? Está com quase quarenta já, quando vai arrumar alguém e sossegar o facho?

— Eu estou muito bem vivendo assim, obrigado pela preocupação — disse, levantando-me junto com ele. — Mas não sou nenhum babaca cabeça dura, então, não vou fingir que não estarei apaixonado quando sentir algo por alguma mulher gostosa.

— Caramba, parece que você estava tentando mandar uma indireta para alguém.

— E estava mesmo, espero que a carapuça tenha servido.

Saímos juntos do escritório enquanto ouvia a sua risada e fomos em direção à cozinha. Meus olhos caíram em cima de uma cabeça colorida assim que entramos e senti uma espécie de comichão arrepiar os pelos do meu corpo no exato minuto que o olhar de Luna encontrou o meu. A danada havia desaparecido dos meus pensamentos nos últimos dias, enquanto eu corria de um lado para o outro com reuniões, videoconferências e a viagem para São Paulo. Também não tinha passado despercebido por mim o fato de ela não ter me respondido no *WhatsApp*, mas, com tanta coisa acontecendo, nem pude dar atenção a isso. Ela rapidamente desviou o olhar e eu sorri ao me aproximar de Cissa, vendo Ramon ir beijar Gabi na boca.

— O amor é tão lindo, não é Cissa? — perguntei, dando um beijo em sua bochecha.

— Nem me fale, menino. Essa casa nunca esteve tão cheia de amor — Cissa comentou.

— Parece que vocês perderam o respeito por mim — Ramon disse e eu ri.

— Para perder alguma coisa, a gente precisa ter. Ninguém te respeita aqui, Baldez, se enxerga — falei, sentando-me ao lado de Luna, que fingiu não me ver. Sorrindo, inclinei-me um pouco para ela e falei: — Bom dia, pequena. Senti a sua falta, nem me responde mais no *WhatsApp*.

Não desviei o olhar dela, apesar de sentir o olhar de Ramon e de Gabi em cima de mim. Na cozinha, Rosana estava em um canto mexendo no armário, Cissa pegava pratos e talheres e Vera lavava louça. Cada um fazia uma função e a minha era esperar pela resposta da menina de cabelos coloridos. Limpando a garganta, ela me olhou com uma expressão decidida, desafiadora e disse:

— Acho que deletei o seu número sem querer. Vou precisar ver na minha agenda depois.

Algo me dizia que aquilo era mentira, por isso, saquei meu celular do bolso e enviei uma mensagem rapidamente para ela. Seu celular vibrou em cima da mesa e vi o momento em que minha mensagem apareceu. Meu nome estava bem grande ali. Precisei segurar uma risada ao ler rapidamente “*Caio Advogado*”, antes de ela pegar o celular nas mãos e enfiar o aparelho no bolso.

— Mandei um oi, depois salva meu número de novo — falei sem demonstrar como a sua reação me divertia e intrigava ao mesmo tempo, e peguei um pedaço de bolo. — Cissa, senti saudade da sua comida. Acho que

vou passar mais tempo por aqui, estou sendo ignorado por todo mundo, sabe? Pelo Ramon, pela Gabizinha, pela Luna... Estou triste.

Cissa riu e se aproximou de mim, apertando meu ombro com delicadeza.

— Pode vir, querido. Vou cozinhar especialmente para você.

— Ele vai ficar mal acostumado, Cissa — Gabi disse. — E eu não te abandonei, seu bobo. Para de ser dramático.

— Me abandonou sim, agora só tem olhos para o Ramon. O que me resta é encher o saco da Luna até ela se tornar minha amiga.

Observei Luna com interesse e não tirei o sorriso dos lábios enquanto via a sua reação. Colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha, ela me fitou com um sorriso:

— Tudo bem, então, vamos nos tornar amigos e veremos até quando irá me suportar.

Ela estava mesmo falando aquilo? Realmente, não me conhecia. Eu adorava um desafio! Estendendo a mão para ela, falei:

— Veremos até quando *você* vai me suportar, pequena.

Ela apertou a minha mão e eu senti um chute em minha canela por debaixo da mesa. Sabia muito bem que tinha sido o babaca do Ramon, doeu pra caralho, mas não demonstrei e sorri, voltando a comer e dar atenção para Cissa. A verdade, era que a falta de resposta de Luna havia me deixando intrigado. Queria saber porque eu vinha sendo ignorado. Fiquei me perguntando se era porque ainda estava constrangida por eu ter ouvido a sua conversa com Gabi, ou se eu a havia deixado desconfortável demais e não percebi. Tinha feito algumas piadinhas no nosso jantar, mas achei que ela também estava se divertindo, não tive a intenção de ferir os seus sentimentos.

Se fosse realmente isso, queria ter a oportunidade de me desculpar. Não gostava de magoar os outros e Luna parecia ser uma garota legal, extrovertida, alegre, risonha. Eu realmente havia apreciado a sua companhia e pensei que agora que ela estava mais próxima, sendo uma amiga tão importante para Gabi, poderíamos nos tornar amigos também. Coloquei em mente que iria conversar com ela de verdade, sem joguinhos, e perguntar se eu havia feito algo para deixá-la desconfortável. Apesar de estar me divertindo, também sabia ser um cara sério de vez em quando.

Logo após o café da manhã, precisei me despedir de todo mundo, pois tinha que pegar a estrada para Goiânia. Era cansativo ter que dirigir três horas para chegar ao aeroporto, sabia que seria muito mais simples se eu morasse no apartamento que tinha em Goiânia, ou até mesmo na casa dos meus pais, e

vir para Santo Elias apenas quando fosse necessário, mas eu amava essa cidade. Acho que, além da memória afetiva, o que me fazia ficar, era o fato de eu encontrar tranquilidade aqui. Como viajava muito, tinha momentos que só queria ficar em paz e o clima interiorano de Santo Elias ajudava muito nesse aspecto.

Estava entrando em meu carro, quando vi Luna sair do casarão e ir em direção ao caminho que a levaria para a sua casa. A pé, era uma caminhada de pouco mais de cinco minutos, não era muita coisa, mesmo assim, vi ali a minha oportunidade de conversar com ela antes de viajar. Entrei em meu carro e acelerei, diminuindo a velocidade assim que a alcancei. Ela pareceu surpresa quando abaixei o vidro da janela.

— Ei, posso te dar uma carona?

Ela arqueou a sobrancelha e eu segurei um sorriso.

— Você sabe que eu moro aqui na fazenda mesmo, não é? Posso perfeitamente ir a pé.

— Sim, eu sei, mas quero usar a educação que meus pais me deram e lhe oferecer uma carona. Vamos lá, gatinha, já fui ignorado o suficiente, não acha?

Mordendo rapidamente o lábio, Luna parou e eu parei também, destravando as portas com a esperança de que ela aceitasse. E aceitou. Assim que entrou em meu carro, seu perfume adocicado tomou conta de tudo e eu me perguntei onde estava com a cabeça na noite do nosso jantar. Não havia percebido como ela era cheirosa.

— Como você está? — perguntei ao colocar o carro em movimento.

— Bem e você?

— Estou preocupado.

— Preocupado com o quê?

— Quero te perguntar uma coisa e gostaria muito que fosse sincera, Luna.

— Percebi como ela arregalou os olhos antes de assentir. — Eu te magoei de alguma forma na noite do jantar?

Vi sua boca se abrir e fechar duas vezes, surpresa pela minha pergunta. Sabia que ela não esperava por aquilo, mas eu precisava saber. Balançando a cabeça, ela respondeu:

— Não, não me magoou. Por que acha isso?

— Porque eu sei que fiquei fazendo piadinhas com... Bem, você sabe, com o que ouvi você falar para Gabi naquele dia, mas eu juro que não tinha intenção de te magoar, nem de te constranger ou te deixar desconfortável.

Achei que você estava se divertindo também, mas, quando parou de me responder, comecei a pensar que eu havia entendido tudo errado.

Infelizmente, cheguei rápido demais em sua casa, mas torci para que ela não descesse correndo quando estacionei. Encontrei o seu olhar curioso em cima de mim. Ela mexeu no cabelo colorido e respirou fundo.

— Eu estava mais constrangida comigo mesma, sabe? Por ter sido burra de comentar sobre aquilo no momento em que você ainda estava presente na vídeo-chamada e por ter ouvido... A culpa não foi sua.

— Foi minha, sim. Eu fui um idiota, não deveria ter feito aquelas piadinhas sem graça.

— Não foi tão sem graça assim, eu até me diverti, *advogado* — disse me dando um sorriso e eu ri, batucando o volante. — Era com isso que estava preocupado? Por ter me magoado?

— Bem, sim. Como vou ser seu amigo se a nossa relação começar dessa forma? Sei que Ramon me chama de babaca, mas eu não sou esse tipo de babaca.

Ela franziu o cenho e se virou para mim no banco do carro, cruzando os braços.

— Quer mesmo ser meu amigo?

— Sim.

— Por quê?

Por quê? Estava aí uma pergunta para qual eu não tinha uma resposta definida. Decidi responder o que eu sentia.

— Porque eu acho que nos daríamos muito bem. Sei que ser amigo de um cara como Ramon deve manchar a minha reputação, você deve achar que sou um ranzinza cabeça dura, mas juro que não sou. Sou um amigo leal e que vai te proteger dos idiotas que cruzarem o seu caminho. De quebra, vou te arrancar algumas risadas, porque algumas pessoas acham que essa é a minha verdadeira especialidade — falei, piscando para ela.

Luna riu de mim, balançando de leve a cabeça como se estivesse um pouco incrédula.

— Bom, eu não sei o que posso te oferecer em troca, mas aceito.

— Se eu vou ser seu amigo, a única coisa que quero em troca, é que seja minha amiga também. Sem contar que, sabemos, Ramon e Gabi vão se casar um dia. Seremos os padrinhos do casamento, padrinhos dos filhos deles... Nada melhor do que começarmos a nos aproximar desde já.

— Eu não sei se eu seria escolhida para ser madrinha.

— Mas é lógico que você será escolhida. Não há a menor dúvida! — falei, porque era bem óbvio. Ela era a melhor amiga da Gabi. Estendendo a mão para ela, resolvi selar a nossa amizade sem a sombra do desafio que havia lançado na cozinha. — Amigos?

Ela olhou em meus olhos, em seguida, olhou para a minha mão, antes de encostar sua palma na minha. Não sabia o porquê, mas achei aquele momento simbólico, diferente. Como se, a partir dali, algo novo e intrigante estivesse prestes a começar em nossas vidas.

— Amigos.



Capítulo 6

Luna

Entrei em casa com o coração aos pulos dentro do peito e uma sensação de que, a qualquer momento, eu iria acordar e perceber que a conversa que tive com Caio minutos atrás, havia sido um sonho. Quer dizer, qual era a probabilidade de ele realmente querer ser meu amigo? Ele era um advogado conceituado, tinha mais de trinta anos, era rico, bonito, sensual, poderia gastar o seu tempo livre com a mulher que quisesse e eu era apenas... Eu.

Ainda um pouco chocada, fui para o meu quarto e me sentei na cama. Fernanda estava na escola, minha mãe estava trabalhando, então, eu tinha a casa toda para mim e poderia ficar olhando pela janela o tempo que eu quisesse, até conseguir me situar. Havia aceitado a proposta de Caio, então, precisaria abortar a missão de o ignorar — coisa que, eu tinha que admitir para mim mesma, era bem difícil. Desde o dia em que perguntou se poderia fazer alguma coisa para ajudar, quando a Fê estava doente, eu vinha me sentindo uma vilã de novela das nove por não ter o respondido.

No fundo, fiquei me questionando se eu não havia feito uma tempestade em copo d'água. Que mal poderia haver em ser amiga do Caio? Certo, eu havia nutrido uma paixonite por ele no passado, mas eu estava mais madura agora, não era mais aquela menina idiota. E ele era um cara tão legal, havia se preocupado comigo, o que, eu precisava admitir, me tocou profundamente. E ele tinha razão ao dizer que nos veríamos mais vezes do que antes, agora que eu era amiga da Gabi. Acho que fui até ingênua em achar que poderia o ignorar e sair ilesa, quando corria o risco de esbarrar com ele pela fazenda.

— Então, agora, eu sou amiga do *advogado* — murmurei para mim mesma, soltando uma risada. — Nem nos meus sonhos mais loucos eu poderia imaginar uma coisa dessas.

Na manhã seguinte, acordei cedo para poder ajeitar o café da manhã para

Fernanda, antes de ela ir para a escola, e senti meu celular vibrar no bolso da minha calça de pijama, enquanto fazia leite achocolatado para Fê. No fundo, eu tinha esperança de que fosse Caio e precisei segurar um sorriso quando vi o nome dele na tela. Ao abrir a mensagem, vi que ele tinha me enviado duas fotos. Duas fotos dele.

“Tenho uma reunião daqui a vinte minutos, qual terno você acha que combina mais?”

Ele me enviou uma foto usando um terno preto e outra usando um terno de linho cinza, ambos sem gravata. Eu achava que homens de terno ficavam todos iguais, mas com Caio essa regra claramente não se aplicava. O homem ficava lindo e estiloso de qualquer jeito.

“Onde é a reunião?”

“Aqui na fazenda do meu cliente. Apesar de ser algo mais informal, não posso aparecer vestindo qualquer coisa. Tenho uma reputação e um nome a zelar, kkkk.”

“Então o terno cinza se encaixa muito bem. Ele é moderno, mas não deixa de ser formal. Você tem bom gosto, Caio.”

“Mas é por isso que eu faço jus ao apelido que você me deu. Eu sou mais do que um advogado, sou um *advogado*.”

Eu comecei a rir e Fê me olhou com o cenho franzido, certamente pensando que eu era doida. Balançando a cabeça, digitei:

“Você nunca mais vai esquecer disso, não é?”

“Claro que não! Não é todo dia que eu recebo elogios assim, que enaltecem não só a minha profissão, como a minha beleza.”

“Me arrependo cada vez mais de ter falado esse apelido em voz alta naquela conversa com a Gabi!”

— São sete horas da manhã. Como você consegue estar tão feliz assim? — Fernanda perguntou ao se levantar da mesa e eu tirei os olhos do celular.

— Só estava conversando com um amigo.

— Um *amigo* está te mandando mensagem às sete da manhã? Isso não é só amizade! Quando vocês vão marcar o casamento?

— Para de ser idiota! — Ri, tacando uma bolinha feita com o guardanapo

em cima dela. Até consegui arrancar uma risada da adolescente com mau-humor matinal. — Ele está indo trabalhar, por isso me mandou mensagem a essa hora.

— Hum, sei. Isso pra mim tem cheiro de outra coisa.

— Que outra coisa, fedelha? Você está lendo muita fanfic! Agora vai logo pegar a mochila, ou vai se atrasar.

Rindo, Fernanda se afastou e eu fui com ela para ajudá-la a pegar o material escolar. Ramon disponibilizava uma van para levar e buscar todas as crianças na escola, porque a fazenda ficava a cerca de vinte minutos de distância da cidade. Eu sabia que nem todos os patrões tinham tanto cuidado pelos seus funcionários e isso só me fazia admirar ainda mais o Ramon. Ele era um homem com um coração enorme, muito justo e dedicado.

Levei a Fê até o portão e voltei para dentro de casa para preparar o meu café, que consistia no meu cereal de chocolate favorito e uma tigela de leite. Como sabia que meus seguidores amavam as fotos de comida que eu postava, tirei uma, soltei em meu *story* no *Instagram* e escrevi “*my breakfast*”^[3] em uma fonte bonitinha. Estava dando a terceira colherada, quando recebi um *direct*. Quase engasguei ao ver que era de Caio.

“Isso não é café da manhã.”

“Claro que é café da manhã. Se você não sabe, cereais são fontes ricas de fibra.”

“Cereais de verdade. Isso daí é só uma bomba de açúcar disfarçada de cereal, gatinha.”

Revirei os olhos e preendi um sorriso, porque eu sabia que ele estava certo.

“Eu não sabia que você era ranzinza assim! Me deixa comer a minha bomba de açúcar em paz.”

“Eu? Ranzinza? Deus me livre! Eu apenas prezo por uma alimentação saudável e isso daí não é saudável. Quando você for lá em casa, vou te mostrar como se faz um café da manhã de verdade.”

Ainda bem que eu não estava com o cereal na boca, ou teria cuspidido tudo. Com os olhos arregalados, li a mensagem duas vezes para me certificar de que eu não estava inventando a parte de ir na casa dele. Por que eu iria na casa dele? Decidi ignorar aquela parte, ou correria um sério risco de meu coração sair voando pela minha garganta, de tão acelerado que batia.

“Você não devia estar em uma reunião, Sr. Advogado dos Alimentos Saudáveis?”

“Diferente de mim, os representantes da empresa que querem fechar negócio com o meu cliente estão atrasados. Eu sou pontual.”

“Por isso está aqui militando sobre o meu café da manhã, né? O tempo ocioso é uma coisa horrível.”

“Eu penso de outra forma, gatinha. O tempo ocioso é uma dádiva. Acabei de pesquisar sobre cereais e o Google me disse que você pode substituir essa coisa horrorosa e cheia de açúcar, por aveia, flocos de milho, chia, linhaça... São inúmeras opções.”

“Você realmente pesquisou sobre isso? Ai, Caio, pelo amor de Deus! Kkkkkkkk.”

“Eu estou pensando no seu bem. Sei que te levei para comer hambúrguer na noite que saímos juntos, mas aquela foi uma exceção. Na próxima vez, vamos jantar comida de verdade. Aliás, o que você vai fazer no sábado, pequena?”

Um frio gigantesco tomou conta da minha barriga e eu mordi o lábio antes de responder:

“Vou a um show no Bar dos Calouros com os meus amigos. Quer ir?”

Ai, meu Deus.

Ai. Meu. Deus!

Por que eu o chamei? Era lógico que ele não ia querer ir! O Bar dos Calouros era frequentado por um público bem mais jovem, vivia lotado, nem tinha mesa e cadeiras para sentar. Que idiotice! Estava pensando em cancelar o envio da mensagem, mas Caio foi mais rápido e começou a digitar antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Nervosa, esperei pela sua resposta. Certamente, estava inventando uma justificativa para o “não” que me daria.

“Claro que aceito. Quero conhecer os seus amigos, vamos ver se eles são tão incríveis quanto eu.”

“Sério? Você vai mesmo?”

“Vou. Provavelmente, não ficarei a noite toda, mas te encontro lá. Só me informa o horário pelo WhatsApp, para eu não esquecer.”

Fiquei olhando para o celular com a boca aberta, sem acreditar no que estava lendo. Ele realmente iria ao Bar dos Calouros? Eu não imaginava Caio, todo imponente daquele jeito, em um bar cheio de jovens de vinte anos, mesmo assim, respondi:

“Tá bom. Só quero ver se vai mesmo.”

“Gatinha, eu sou um homem de palavra. Preciso ir agora, os representantes chegaram. Vê se come arroz e feijão no almoço pra dar sustância a esse corpinho lindo. Se continuar assim, vou contar para Cissa que você se alimenta mal e ela vai te manter em cárcere privado até ter certeza de que você engordou vinte quilos.”

“Meu Deus, Caio, kkkk. TCHAU!”

“Tchau, pequena.”

Ele me enviou um coraçãozinho e eu precisei me segurar na cadeira para não derreter, enquanto relia a parte do corpinho lindo. Sabia que ele havia falado aquilo apenas por falar, mas deixei que uma parte minha acreditasse que tinha sido um elogio de verdade.



Caio e eu trocamos mais algumas mensagens durante aquela semana e, a cada vez que conversávamos, eu me sentia mais ansiosa para que o sábado chegasse. Era interessante interagir com ele daquela forma. Mesmo sem saber, ele me arrancava boas risadas e estava curiosa para saber como lidaríamos um com o outro pessoalmente. Eu sentia que por mensagem a conversa fluía de forma natural. Queria saber se seria assim cara a cara ou se eu ficaria constrangida e sem saber o que falar.

Passei a tarde de sábado hidratando o cabelo e fazendo as unhas. Fernanda não notou que havia algo diferente comigo, pois eu sempre gostei de me cuidar e caprichava um pouco mais quando iria sair, mas, se prestasse um pouquinho mais de atenção, talvez conseguisse perceber que, no fundo, eu estava nervosa. A prova disso, foi que fiquei mais de meia hora na frente do meu guarda-roupa, pensando no que eu iria vestir. Geralmente, montava um *look* na minha cabeça e pronto, mas, naquele dia, nada parecia legal ou bonito o suficiente.

Foi então que me toquei que eu estava sendo ridícula. Eu não tinha que pensar em uma roupa diferente da que eu estava acostumada a usar apenas porque Caio iria me encontrar no Bar dos Calouros. Tinha que ter em mente que éramos *amigos*, portanto, eu tinha que continuar a ser a mesma Luna e não em pensar em uma roupa para ficar bonita para ele. Por isso, peguei minha calça jeans favorita, meu *All-Star* branco e uma blusa rosa que eu mesma havia feito com a máquina de costura da minha mãe. Seu modelo era ombro a ombro, terminava um pouco acima da linha do umbigo e, apesar de ser curta, tinha uma manga comprida bem fininha, o que me protegeria se o tempo ficasse um pouco mais fresco — coisa rara em Santo Elias.

Estava terminando de me arrumar quando minha mãe apareceu no batente da porta. Vi o seu sorriso através do espelho de corpo inteiro que ficava na porta do meu guarda-roupa.

— Está linda, filha. Não esqueça de tomar cuidado e não dê bobeira com o seu copo.

— Pode deixar, mãe.

Terminei de passar o batom e me virei para ela. Minha mãe demorou um pouco a me deixar sair com meus amigos depois que fiz dezoito anos e precisei ficar implorando a ela para que me desse um pouco mais de liberdade, para que eu pudesse viver como alguém da minha idade. Por sorte, ela confiava em mim, sabia que eu não era uma garota boba e afrouxou um pouco as rédeas em que me prendia. Meu celular vibrou e vi a mensagem de Bruno, um dos funcionários da fazenda que me daria uma carona até a cidade.

— Preciso ir, mãe. Bruno já está aqui no portão.

— Está bem. Não esqueça de me mandar uma mensagem quando chegar lá e não volte muito tarde, Luna.

Assenti e dei um beijo em sua bochecha antes de sair. Bruno destravou a porta e eu entrei, o cumprimentando. Ele e Luan eram melhores amigos, por isso, na mesma época em que fiz amizade com Luan, acabei fazendo amizade com ele também. Ele não fazia parte do meu grupo de amigos, mas era um cara legal e minha mãe confiava nele, conhecia os seus pais. Sempre que eu precisava de uma carona para a cidade, ia com ele de carro, pois, geralmente, ele também ia se divertir no Bar dos Calouros ou no Bar das Onze. Fomos conversando até chegar ao centro de Santo Elias e, antes de sair do carro, ele disse:

— Se você quiser, posso te levar de volta pra casa. Acho que não vou ficar

até muito tarde no Bar das Onze.

— Não quero que você fique preso a mim, Bruno, posso pegar carona com uma das meninas.

— Que nada. Me mande uma mensagem quando quiser ir embora, aí eu vejo se vou poder te levar de volta ou não, o que acha?

— Perfeito. Obrigada.

Despedi-me dele e fui em direção ao bar, enviando uma mensagem para minha mãe para avisar que tinha chegado. Assim que pisei na entrada já lotada, vi Maíra acenar para mim e me aproximei. Ela tinha conseguido uma mesa na parte de dentro do bar, o que era um milagre, mas, como era de se esperar, não tinha cadeiras. Pelo menos estávamos perto do palco. Cumprimentei Maíra, Alana, Nicolas, Alex e Joice rapidamente, negando quando Nicolas perguntou se eu queria alguma bebida, já que iria no bar pegar uma cerveja.

— Foi o gostoso do Bruno que te trouxe de novo? — Alana perguntou.

— Foi ele mesmo, reconheci pelo carro — Joice disse.

— Você ainda está de olho nele, Alana? Pensei que tinha desistido depois que ele parou de responder às suas mensagens no *Instagram* — Maíra disse e Alana revirou os olhos.

— Ele não parou de me responder, ok? Eu entendi que ele não tem muito tempo para mexer nas redes sociais, afinal, é um peão da Fazenda Baldez.

— Tem razão, ele passa o dia na fazenda, mal tem tempo de mexer no celular — falei para tentar tranquilizá-la, mas Maíra riu.

— Se ele estivesse interessado, arrumaria um jeito de te responder. Corre pra outra, amiga, esse tal de Bruno é perda de tempo.

— Ou, talvez, ele esteja interessado na Luna... Ele vive dando carona pra ela — Joice disse com um sorrisinho e uma sobrancelha arqueada.

— Claro que não, que bobagem! Alana, não é nada disso, Bruno é só um colega — esclareci logo, porque, se Alana realmente estivesse interessada nele, eu não queria que pensasse que eu estava furando o seu olho.

— Se ele estiver interessado em você, não tem problema. Eu só quero ficar com ele, não namorar — ela disse rindo.

Abri a boca para responder, mas Nicolas chegou e me surpreendeu ao me abraçar por trás. Fiquei tão sem reação, que nem sequer pisquei enquanto sentia o seu beijo em meu ombro.

— Você está linda hoje, Luna.

Ele sorriu e piscou quando parou ao meu lado e eu senti a cotovelada nada

sútil de Maíra em meu braço. Nicolas era meu amigo há mais de dez anos, estudamos juntos e, apesar de ele ter aquele jeito expansivo de abraçar e dar beijos, nunca havia sido tão... Íntimo comigo. Sem saber o que dizer, murmurei um obrigada, um pouco desconfortável, e senti meu celular vibrar no bolso da calça. Era uma mensagem de Caio falando que tinha acabado de chegar e perguntando onde eu estava. Respondi e olhei rapidamente em volta do bar, capturando a sua presença assim que ele entrou. Seus olhos encontraram os meus e eu sabia que o correto seria acenar e sorrir, mas não consegui fazer nada.

Ele não tinha mentido. Disse que viria e veio mesmo. Eu sabia que seria um choque para os meus amigos, pois não comentei com eles que estava esperando por alguém e acho que não comentei porque, no fundo, achei que Caio ia dar uma desculpa em cima da hora e não viria. Ou, talvez, a parte medrosa em mim estivesse torcendo para que isso acontecesse. Querendo disfarçar o nervosismo, coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e olhei rapidamente para todo mundo em minha mesa. Eles conversavam e nem se tocavam que o advogado mais conhecido de Santo Elias estava vindo em minha direção.

— Ai, meu Deus! Caio Alcântara está aqui no Calouros! Que homem gostoso! — Joice falou ao meu lado e isso fez com que uma onda de nervosismo tomasse o meu estômago.

O que elas pensariam quando notassem que ele estava vindo para a nossa mesa? Que estava olhando para *mim*? Nem tive tempo de criar teorias, pois Caio passou por entre as pessoas e fechou completamente a nossa distância, parando na minha frente e me puxando para os seus braços. Fui com os olhos meio arregalados, sem esperar por aquilo. O que estava acontecendo com os homens naquela noite? Todo mundo queria me abraçar! No entanto, com Caio, eu me senti à vontade e retribuí. Nossa Senhora, ele estava tão cheiroso, que senti o meu coração disparar. Apertando a minha cintura, ele se afastou um pouco e deu um beijo em minha têmpora.

— Minha nossa, dá uma voltinha! — Ele me pegou pela mão e me fez dar uma volta no espaço apertado em que ocupávamos. — Você está linda, gatinha. Tudo isso é para me ver?

Ele me deu um sorriso de lado que mexeu com cada poro do meu corpo, pois, de repente, fiquei toda arrepiada. Sem saber ao certo o que dizer, só balancei a cabeça e tentei retribuir o sorriso, sentindo-me extremamente tímida, o que era raro. Geralmente, eu era do tipo falante, aquela que fazia

todo mundo rir e que quebrava o clima tenso e desconfortável, no entanto, naquele momento, eu estava fora da minha zona de conforto. Como se soubesse disso, Caio passou o braço pelos meus ombros e me virou de frente para os meus amigos. Encarei vários pares de olhos arregalados e algumas bocas abertas.

— Oi, pessoal! Pelo visto, Luna esqueceu de avisar que vocês teriam mais uma companhia esta noite. Prazer, meu nome é Caio.

— A gente sabe quem você é — Joice murmurou, olhando-o de cima a baixo.

— Acho que Santo Elias inteira sabe — consegui falar, por fim, encontrando a minha voz. — Caio, estes são meus amigos mais antigos. Estudamos juntos praticamente a vida inteira. Esta é Joice, Maíra e Alana. E estes são Nicolas e Alex. Pessoal, como vocês já sabem, esse é o Caio. Nós somos... Amigos.

— Desde quando vocês são amigos? — Nicolas perguntou.

— E por que você nunca o trouxe para um dos nossos encontros? — Alana perguntou.

Caio riu ao meu lado e respondeu por mim:

— Nos tornamos amigos recentemente, por isso nunca nos viram juntos antes. Mas isso vai mudar a partir de agora. Não tem nenhum garçom por aqui?

— Não. Diferente do Bar das Onze, aqui a gente precisa pedir a bebida no balcão — Alex disse.

— Ótimo! O que vocês estão bebendo? A conta é minha hoje à noite.

— O quê? Claro que não, Caio! — falei arregalando os olhos. Não poderia deixar que ele pagasse a conta de todo mundo. Ele apenas balançou a mão, como se não fosse nada.

— Rapazes, vamos comigo até o bar. Precisamos abastecer essas garotas.

Ele deu um aperto no meu ombro e piscou para mim antes de sair da mesa junto com Nicolas e Alex. Eu podia sentir que os meninos ainda estavam atordoados, mas nada se comparava ao olhar das meninas. Assim que eles se afastaram completamente, Maíra me puxou pelo braço e começou o interrogatório:

— Como assim você e o advogado mais gostoso de Santo Elias são *amigos*? E por que você nunca disse isso pra gente?

— É uma longa história, mas, basicamente, nós nos aproximamos porque eu me tornei amiga da Gabi.

— Gabriela Rodrigues? — Joice perguntou e eu assenti. — Mas o que uma coisa tem a ver com a outra?

Eu não queria contar para as meninas sobre o relacionamento da Gabi com Ramon. A relação deles era algo íntimo, Ramon não era o tipo de homem que gostava de ter a sua vida pessoal rodando de boca em boca, por isso, resolvi não entrar em detalhes sobre eles dois.

— Gabi está hospedada na casa do Senhor Baldez e, vocês sabem, Caio é advogado e amigo dele. Como me tornei amiga da Gabi, estou frequentando mais o casarão e, consecutivamente, acabei interagindo um pouco mais com Caio. Ele é muito simpático e gentil, fácil de fazer amizade... Só isso.

— Só isso? Não existe “só isso” nessa história! Luna, sua danada! Não sabia que você era tão espertinha! Sempre pareceu ser tão tímida! — Maíra disse e as meninas riram, mas eu não achei graça.

— O que está querendo dizer?

— Estou querendo dizer o óbvio! Você está se aproveitando dessa amizade com a Gabriela Rodrigues para poder fisgar o advogado bonitão!

Fiquei tão indignada com aquilo, que cheguei a dar um passo para trás.

— Claro que não!

— Claro que sim! Amiga, não precisa esconder isso da gente — Joice disse. — No seu lugar, eu faria o mesmo.

— Não estou fazendo isso! Não sou falsa, muito menos interesseira. Minha amizade com Gabi é verdadeira e ela sabe disso!

— Sua amizade com ela pode até ser verdadeira, agora, com Caio... Sei que tem segundas e terceiras intenções! — Maíra disse e começou a rir junto com Joice. Alana foi a única que saiu em minha defesa:

— Para com isso, meninas. Eu não acho que Luna esteja agindo assim. Amizade entre homem e mulher existe, sabia?

— Isso mesmo. Caio é só meu amigo!

Maíra revirou os olhos e me olhou com ar de deboche.

— Se ele fosse feio, eu até acreditaria nisso, mas gostoso daquele jeito? Duvido! Sem contar que ele já chegou te agarrando... Tenho certeza que ele também está cheio de más intenções pra cima de você.

— Você é a única que está sendo maldosa aqui. Se eu estou falando que somos apenas amigos, é porque somos apenas amigos! Não quero que fique imaginando coisas, nem soltando piadinhas. Pensei que você fosse minha amiga, Maíra, e amigas precisam confiar na palavra da outra! — falei, me estressando de verdade.

Odiava que pensassem mal de mim e Maíra não estava fazendo apenas aquilo, ela estava fazendo que com as meninas pensassem o mesmo. Arregalando um pouco os olhos, ela tirou a expressão debochada do rosto e parou de sorrir.

— Credo, Luna, eu estava apenas brincando. Não quis ofender você.

— Pois é, Luna. E nós fomos pegadas de surpresa, você não nos contou sobre o Caio e, de repente, ele aparece aqui dessa forma... Não tinha como pensar outra coisa — Joice disse.

Talvez ela tivesse razão, mas isso não dava a elas o direito de duvidar da minha palavra, nem de dar a entender que eu estava me aproveitando da amizade que havia construído com Gabi.

— Meninas, vamos esquecer isso, tudo bem? A noite está apenas começando e nós viemos aqui para nos divertir, não para brigar — Alana disse, tentando apaziguar a situação. Soltando um suspiro, falei:

— Está certo. Vamos curtir a noite, meninas. E vocês vão ver que Caio é um cara legal.

— Disso nós não temos dúvidas! — Joice riu.

O vocalista da banda subiu ao palco e cumprimentou todo mundo, fazendo com que as meninas parassem de falar. Ainda um pouco nervosa e chateada com elas, olhei em volta, procurando por Caio. Ele estava em frente ao balcão lotado, certamente esperando pelas bebidas e se virou para mim, como se sentisse o meu olhar. Seu sorriso animado me saudou e eu tentei corresponder com o mesmo entusiasmo, mas comecei a me perguntar se, talvez, não fosse melhor inventar uma desculpa e encerrar a noite naquele momento. Acho que apresentá-lo aos meus amigos foi uma péssima ideia.



Capítulo 7

Luna

Caio voltou com os meninos minutos depois, segurando uma *long neck* de Budweiser em uma mão e um drinque em outra. Ele ria de alguma coisa que Alex estava falando ao seu lado, mas voltou sua atenção para mim quando encurtou a nossa distância.

— Nicolas disse que você gosta de caipirinha de morango — disse ele, entregando-me o drinque.

Eu podia sentir o olhar de todo mundo em cima de nós dois de novo, mas, por sorte, a banda começou a tocar e Alana fez com que as meninas olhassem na direção do palco. Tomando um gole da caipirinha, murmurei:

— Obrigada. Os meninos te perturbaram muito?

— Não, eles são bem legais, na verdade. Apesar de eu achar que Nicolas está me dando um olhar estranho.

Confusa, virei-me para Nicolas e encontrei o seu olhar sobre nós dois. Ele tentou disfarçar, virando-se para o palco, mas sabia que eu o havia flagrado.

— Por que ele está te olhando estranho?

— Acho que ele está com medo de eu roubar o posto de melhor amigo — Caio disse, rindo ao final. — O que eu posso fazer? Sou mais bonito, mais legal e, veja só, acabei de te arrancar um sorriso.

Eu estava sorrindo mesmo, mas, mesmo assim, balancei a cabeça.

— Eu estou sorrindo a noite toda, não seja convencido.

— Esse foi um sorriso de verdade, os outros, foram a tentativa de um sorriso. Está achando que me engana, gatinha?

Não achei que estivesse prestando tanta atenção em mim ou que eu fosse tão fácil assim de ser lida por ele. Tentando disfarçar, tomei mais um gole da minha bebida e falei:

— Impressão sua.

Caio encurtou a nossa distância e me deu um olhar gentil, compreensivo. Meu coração deu uma acelerada no peito quando ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Se você não estiver confortável, eu posso ir embora. Sei que essa deve ser uma situação estranha, afinal, nos conhecemos há pouco tempo e seus amigos parecem surpresos com a minha presença. Não quero atrapalhar a sua noite.

Ai, meu Deus. Eu nunca pensei que, um dia, olharia para Caio e veria mais do que a sua beleza e o sorriso fácil que ele dava para todo mundo, mas, naquele momento, eu vi além do que ele geralmente gostava de mostrar. Vi uma gentileza e um carinho que me tocaram profundamente e me fizeram sentir vergonha de mim mesma, pois, por um momento, pensei em inventar uma desculpa para ele e para os meus amigos e ir embora.

— Não quero que você vá embora.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Você precisa ficar pelo menos até o final do show, então, jogaremos uma partida de sinuca, eu vou te vencer e te deixo ir embora com fama de perdedor — falei com um ar superior para acabar com aquele clima estranho e Caio gargalhou.

— Nunca! Eu duvido que você me vença, sou o rei da sinuca, baixinha.

— Bom, você está falando com a rainha da sinuca. Parece que teremos um duelo e tanto.

— Mal posso esperar.

Ele piscou para mim e tomou um gole da sua cerveja. Sem querer, observei seu pomo de adão subir e descer enquanto ele engolia e decorei rapidamente as veias do seu pescoço. Como era possível que até o pescoço daquele homem fosse tão sexy?

— Caio, nos conta mais sobre você! Luna disse que vocês se tornaram amigos há pouco tempo — Maíra disse, parando ao lado dele.

Eu conhecia aquele sorriso dela, o modo como enrolava uma mecha do cabelo no dedo, a pose falsamente descontraída, mas que valorizava a curva do quadril e os seios fartos. Isso nunca me incomodou antes, pelo contrário, eu achava incrível a forma como ela se aproximava dos homens de forma sorrateira, como conseguia seduzir com facilidade, mas, daquela vez, me trouxe um gosto amargo na boca. Para espantar a sensação, tomei um gole da caipirinha e ouvi Caio responder:

— Sim, Luna não conseguiu resistir ao meu charme e ficou encantada por

mim — ele disse daquele jeito brincalhão e eu revirei os olhos ao rir.

— Ele que ficou correndo atrás de mim e agora quer contar vantagem. Fala a verdade para ela.

— Ei, eu tenho que manter uma certa fama aqui, não posso sair contando tudo dessa forma — Caio disse.

— A gente conhece bem a sua fama — Joice disse, sorrindo.

— Ah, conhecemos mesmo! Alguns amigos até falam que querem ser como você — Alex disse e Caio arqueou uma sobrancelha.

— Querem ser um grande advogado como eu? Isso é incrível! Adoro influenciar os mais jovens.

— Não, querem ser pegador como você — Nicolas disse, cruzando os braços. — Porque essa é a sua fama por aí.

— E você achando que era reconhecido por ser um bom profissional... Que coisa feia, Caio! Acho que não posso andar com pessoas como você — falei, vendo todo mundo rir, inclusive Nicolas, que parecia um tanto estranho naquela noite.

— Não é qualquer um que consegue esse tipo de fama e, ainda assim, ser admirado tanto pelo público masculino quanto pelo feminino.

— Isso aí é verdade. Talvez você passa nos passar umas dicas — Alex disse.

— Não, não faça isso! Esses meninos vão ficar insuportáveis! — Alana disse e Caio riu.

— Essa é a primeira lição, vocês não podem se tornar insuportáveis. O ego é uma maldição, se vocês se acharem muito, vão deixar de ser simpáticos e se tornarão pedantes.

Olhei para Caio com a boca meio aberta, sem conseguir acreditar que ele realmente estava *ensinando* os meus amigos a serem como ele. Podia notar o interesse nítido de Alex e a curiosidade mal disfarçada nas feições de Nicolas.

— Meu Deus, isso é tão excitante! Continue! — Maíra pediu.

— Vocês também precisam ser sinceros, sempre. Se querem um caso de uma noite só, precisam deixar isso bem claro. Há mulheres que vão aceitar prontamente, outras ficarão mais reticentes e, algumas, simplesmente não vão querer. Vocês precisam saber até que ponto é certo insistir e quando devem parar. Sempre respeitem o não de uma mulher. Se ela disser não e vocês passarem por cima desse não, estarão a assediando e assédio é crime. Sem contar que não há prazer algum em forçar qualquer pessoa a fazer o que não

quer.

Os olhos das meninas brilhavam e acho que eu não estava muito atrás. Caio falava tudo aquilo com tranquilidade, era uma lição disfarçada de conselho, o que tornava aquela conversa estranha em algo natural. Tudo nele era natural. O homem era maravilhoso e pronto, eu tinha que admitir.

— Mas isso é bem óbvio. Quem passa por cima do não de uma mulher, é um babaca — Nicolas disse.

— Exatamente e esse não é o tipo de babaca que nós queremos ser — Caio disse.

— E quando uma mulher diz sim... O que você faz? — Maíra perguntou antes de fechar os lábios em volta do canudo do drinque que estava bebendo.

Eu não pude acreditar naquela cara de pau. Ela estava dando mole para ele descaradamente! Não sabia explicar porque aquilo estava me incomodando, mas, caramba, queria pedir para que ela parasse. No entanto, eu não tinha esse direito. Havia deixado bem claro que eu e Caio éramos apenas amigos e aquilo era verdade, o que dava a ela o direito de tentar investir no *advogado*. Sem querer que ninguém percebesse a confusão de sentimentos que tomava conta do meu peito, terminei caipirinha em um único gole, enquanto observava Caio por cima da borda do copo.

— Se uma mulher diz sim, a gente parte pra cima sem pensar duas vezes e tenta fazer daquela, a melhor noite da sua vida — ele disse com um sorriso cafajeste e eu quase engasguei.

— Ah, aí sim! Nisso eu me garanto — Alex disse soltando uma risada e Joice deu um tapinha no braço dele.

— Se garante nada, sai sozinho de todas as festas.

— Isso é o que você acha — disse ele. — Bom, depois de todos esses conselhos, acho que chegou a minha hora de circular um pouco por aí e arranjar uma gostosa para colocá-los em prática. Você vem, Nick?

Nicolas apenas balançou a cabeça em negativa e se aproximou de mim, estendendo a mão. Sem entender nada, olhei para a mão dele e franzi o cenho, até ouvir a sua pergunta:

— Dança comigo, Luna?

Sem conseguir me conter, arregalei os olhos, surpresa demais com o seu convite. Nicolas estava estranho *mesmo* naquela noite. Primeiro havia me abraçado daquela forma, depois o flagrei encarando a mim e ao Caio e, agora, estava me chamando para dançar. Ele nunca havia me chamado para dançar. Ao meu lado, escutei a voz estridente de Maíra:

— Isso! Vai dançar com Nick, enquanto eu danço com Caio. Você não vai recusar uma dança comigo, não é?

Caio olhou para ela, em seguida, olhou para mim. Pude ver certa indecisão em seu olhar, mas quando Nicolas pegou a minha mão, ele pareceu se decidir.

— Claro que não. Só não sei como vamos dançar no meio de toda essa gente.

Maíra passou os dedos pelos passadores de cinto da calça jeans de Caio e o puxou para si.

— A gente dá um jeito.

Eles se afastaram um pouco da mesa e eu os observei que nem uma idiota, completamente sem reação. Quando Nicolas apertou a minha mão, eu pisquei e me obriguei a voltar à realidade. À *minha* realidade.

— Você ainda não me respondeu.

Nicolas parecia ansioso, por mais que estivesse sorrindo. Ele era muito bonito, mas estava tão acostumada à sua presença ao longo dos anos, que sequer me prendia a isso. No entanto, naquela noite, ele parecia querer se mostrar aos meus olhos, por isso, não pude deixar de notar como ele parecia mais forte, a camisa polo se agarrando aos músculos do braço, o maxilar firme e livre de barba, o cabelo meio displicente. Sem querer, comecei a pensar em como Caio era mais forte e como a sombra da barba em seu rosto o deixava mais másculo e sacudi de leve a cabeça, querendo expulsar sua imagem do meu cérebro. O que estava acontecendo comigo?

— Isso é um não?

Ai, droga! Arregalando os olhos, balancei de novo a cabeça.

— Sim! Quer dizer, não! Não é um não. Quero dançar com você.

Eu queria mesmo? Nem sabia, mas como Nicolas abriu um sorriso, parecendo feliz demais pela minha resposta, eu fui. Ele me levou para o outro lado da mesa e pousou a mão em minha cintura, fazendo com que um arrepio subisse pelo meu corpo. A sensação foi um tanto desagradável, eu não estava muito confortável, mas comecei a me repreender. Às vezes, não gostava muito que me tocassem, mas aquela situação era diferente. Eu estava prestes a *dançar* com Nicolas, então, ele precisaria me tocar. Um tanto incerta, coloquei minha mão no ombro dele e soltei um suspiro de surpresa quando ele juntou o corpo ao meu.

Pelo seu ombro, notei Caio do outro lado com Maíra. Ele ria de alguma coisa que ela dizia e não pude deixar de notar como eles eram bonitos juntos.

Ela era bem mais alta do que eu, mais velha também, tinha vinte anos e o seu corpo era maravilhoso. Sem querer, me senti como uma menina boba e aquilo me deixou chocada. Pela milésima vez, me perguntei por que estava tão incomodada. Que coisa chata! Por que estava reagindo daquela forma? Decidi desviar o olhar e focar em qualquer outro ponto do bar, mas Caio me flagrou antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa. Mesmo sob o ambiente mal iluminado, pude ver o seu cenho se franzir um pouco, antes de um sorriso gentil se abrir em seus lábios. Retribuí da melhor forma que pude e fiquei com medo de ele perceber, mais uma vez, que o meu sorriso não era verdadeiro.

Maíra disse alguma coisa que chamou a sua atenção e eu desviei o olhar no momento em que Nicolas girou os nossos corpos e me deixou de costas para os dois. Quis muito o agradecer por aquilo, mas me contive e encarei o seu sorriso, sentindo sua mão em minhas costas, perto da bunda.

— Tem certeza de que não quer ir ao cinema amanhã? Vai ser divertido — ele perguntou em meu ouvido.

O pessoal havia combinado de ir ao cinema na cidade vizinha, mas eu preferi não ir, pois estava juntando dinheiro para comprar alguns tecidos. Eu queria fazer algumas peças de roupas, tentar me arriscar um pouco mais na máquina de costura da minha mãe e, para isso, precisava de material.

— Eu queria muito ir, mas a grana está curta.

— Eu pago para você.

Nicolas tinha aquela mania de sempre querer pagar tudo para todo mundo. Já havia aceitado algumas vezes, mas não queria abusar.

— Não, você já pagou muitas coisas para mim. Inclusive, não me esqueci de que estou te devendo o dinheiro daquele lanche.

— Já falei que não está me devendo nada, Luna, deixa de graça. — Ele juntou mais os nossos corpos. — Talvez a gente possa sair na próxima semana.

— Sim, vamos ver com o pessoal.

Ele pareceu murchar um pouco e eu não entendi muito bem o porquê, enquanto ouvia os últimos acordes da música. Terminamos de dançar com os corpos ainda colados e senti uma gota de suor escorrer pela nuca ao notar o olhar intenso de Nicolas, sentindo um estalo em minha mente. Ele quase parecia... Interessado. Interessado por mim. O pensamento me fez ter vontade de rir. Nicolas era meu amigo há anos, ele nunca me olhou de outra forma que não fosse como a amiga doida do grupo. Aquela noite cheia de emoções,

mais a caipirinha, estavam me deixando doida.

— Vou pegar mais um drinque.

Afastei-me dele sem deixar que me dissesse mais alguma coisa e fui direto ao balcão lotado. Ali, com todo mundo falando alto e os funcionários gritando os pedidos, eu quase não conseguia ouvir os meus próprios pensamentos, o que era bom. Precisava de um minuto sem pensar em nada para fazer com que aquela montanha-russa de sentimentos se acalmasse em meu peito.

— Outra caipirinha?

Dei um pulo ao ouvir a voz de Caio ao meu lado. Ele riu de mim e eu passei a mão pelo peito.

— Pelo amor de Deus, eu sou muito nova para ter um ataque cardíaco, Caio.

— Essa é a frase que eu sempre solto para cima do Ramon.

— Já se olhou no espelho? Você já passou dos trinta, isso significa que, daqui a poucos anos, vai se tornar um ancião.

Claro que eu estava exagerando e apenas brincando com ele e Caio entendeu muito bem, pois gargalhou e enfiou as mãos nos bolsos da calça, me olhando de lado.

— A minha cabeça é jovem, ou você acha que qualquer pessoa da minha idade estaria em um bar cheio de jovens que mal saíram da adolescência? Você imagina o Ramon aqui, por exemplo?

— Nossa, não mesmo!

— Exatamente. Isso mostra como eu sou *bem* mais jovem.

— Você se acha muito, *advogado*.

Ele passou um braço pelo meu ombro e sorriu.

— Vou me achar ainda mais quando vencer você na sinuca. Que tal irmos jogar agora? Vi que a mesa está vazia.

— Vamos. Mas é melhor deixar claro que você não vai me vencer.

— Isso é o que nós vamos ver.

Chegou a nossa vez de pedirmos as bebidas e saímos de perto do balcão minutos depois. O público estava entretido com a banda no palco e isso explicava o porquê de a mesa de sinuca ainda estar vazia. Era bom mesmo que jogássemos agora, pois, mais tarde se tornaria impossível. Deixando sua cerveja de lado, Caio colocou as bolas vermelhas e amarelas na mesa, arrumando no estilo Mata-Mata que, ao meu ver, era muito mais emocionante do que a sinuca tradicional. Eu passei o giz na ponta do taco, preparando-me

para jogar.

— Melhor de três ou melhor de cinco? — ele perguntou depois de arrumar as bolas.

— Melhor de três, só para você sentir o gostinho de me ver vencendo de primeira. Depois a gente aumenta — decidi. Daquele jeito, jogaríamos três partidas e quem vencesse duas, ganharia.

— Só você acredita nisso, gatinha — disse ele em tom de deboche, antes de apontar para mesa. — Primeiro as damas.

— Que cavalheiro. Essa lição você não passou aos meninos.

— Não posso entregar tudo de mão beijada, alguma coisa eles precisam aprender sozinhos.

Eu ri e me estiquei sobre a mesa, dando uma tacada firme na bola branca, encaçapando a vermelha no processo. Eu sentia o olhar atento de Caio sobre mim e fiz de tudo para não ficar nervosa, enquanto me posicionava para a próxima tacada. Acertei mais uma vez e ouvi o gemido do advogado.

— Isso é sorte de principiante.

— Principiante? Você me respeite! Jogo sinuca desde que era uma criança, meu pai me ensinou — falei, dando outra tacada, que, infelizmente, errei. — Você me desconcentrou.

— Eu? Estava quieto no meu canto, não jogue a culpa em mim.

Ele se aproximou da mesa e estudou o jogo, dando mais um gole na cerveja. Não quis reparar em como ele estava sensual, nem em como as tatuagens em seu braço pareciam se flexionar junto com os seus músculos. Desviando o olhar, observei a bolinha branca atingir a amarela, que caiu na caçapa. Ele conseguiu acertar a segunda.

— Sorte de principiante — repeti o que ele disse e ele riu.

— Isso aqui se chama experiência. Quer assistir eu acertar a terceira?

— Quero assistir você errar.

Mas o filho da mãe não errou. Cerrei os olhos e observei a bolinha idiota cair na caçapa, enquanto Caio abria um sorriso convencido.

— Ah, é tão bom vencer.

— Vencer? O jogo só acaba quando termina, querido. Você pode muito bem errar a próxima.

— Não vou.

E realmente não errou. Sua última bolinha amarela caiu na caçapa sem sequer me dar a chance de jogar mais uma vez. Com um olhar soberbo, Caio me deu um sorrisinho irritante e começou a tirar as bolas das caçapas,

enquanto eu tomava um gole generoso da minha caipirinha.

— Vou ganhar a próxima rodada — garanti e ele riu.

— Tem que ficar sóbria para isso acontecer.

— Está achando que duas caipirinhas me deixam bêbada? Olha, que bom que nos tornamos amigos, porque você realmente precisa me conhecer melhor.

— Quero mesmo te conhecer melhor, gatinha. Porque você me garantiu que ia me vencer na sinuca e, até agora, não aconteceu nada. Será que você mentiu sobre jogar bem?

— Eu não minto, *advogado*. Agora, pode jogar logo, por favor? Quero que chegue a minha vez.

Sorrindo, Caio se inclinou e iniciou a segunda partida. O filho da mãe acertou de novo, mas, por sorte, errou a segunda tacada, o que me encheu de expectativa. Essa era a minha chance! Aproximei-me da mesa e estudei a melhor posição para encaçapar minhas bolas vermelhas. Estiquei-me e, em uma única tacada, ençaçapei duas de uma vez. Um gritinho idiota saiu da minha garganta e encontrei o olhar orgulhoso de Caio.

— Rá! Fala agora que eu não jogo bem!

— Não vou falar nada, você vai errar a próxima tacada que eu sei.

— Duvido!

Acertei a próxima e fui com entusiasmo encaçapar a última bola, mas errei. Precisei engolir meu sorriso satisfeito e cedi lugar ao Caio, que acertou a segunda bola, mas errou a próxima. Desfilando, passei por ele e me inclinei sobre a mesa para encaçapar minha última bola, no entanto, olhei para ele antes de jogar e tirei meu celular do bolso, desbloqueando e colocando na câmera do *story* do *Instagram*.

— Pode filmar para mim? Preciso registrar a minha vitória.

— Tudo bem, eu filmo, mas, se você errar, eu vou postar e você não vai poder apagar.

Com a mesma confiança que ele me garantiu na última rodada, falei:

— Não vou errar.

Ele assentiu quando começou a filmar e eu dei a minha tacada final, vendo a bolinha vermelha rolar sobre o feltro verde até cair na caçapa. Sorrindo, pulei com o taco na mão e Caio riu de mim.

— Ficou sensacional, olha.

Ele se aproximou e eu vi a filmagem. Realmente, ele pegou um ângulo maravilhoso, mas, assim que a bola caiu na caçapa, a filmagem mudou e o

seu rosto triste apareceu na tela. Ele tinha invertido a câmera e eu gargalhei ao ver o seu biquinho no vídeo.

— Não acredito! Vou publicar e vou te marcar.

— Faça isso, preciso mesmo de algo que tire um pouco a minha fama de homem perfeito.

Enquanto ele arrumava a mesa para a nossa última rodada, eu postei e o marquei, escrevendo “melhor do que ganhar, é ganhar de um amigo convencido”. Assim que postei, pensei em como a vida era louca. Nunca imaginei que, um dia, estaria jogando sinuca com Caio, postando *story* com ele e o chamando de amigo.

— Pronto! Agora é tudo ou nada e, como sei que vou ganhar, deixo você tentar encaçar umas duas bolas nessa primeira vez.

— Meu Deus do céu, mas você é convencido mesmo!

Ele riu e eu comecei a jogar. Diferente das outras duas vezes, esse jogo demorou mais, não conseguimos encaçar duas bolas de uma vez, muito menos em duas tacadas seguidas e, no final, só restava uma bola minha e uma dele sobre a mesa. Era a minha vez de jogar e, com um frio na barriga, me posicionei. Se eu acertasse, ganharia, se não, daria a ele a chance de ganhar. Senti seu olhar atento sobre mim quando dei a tacada na bola branca e, como que em câmera lenta, ela rolou até bater na bola vermelha, que quase travou perto da caçapa. Meu coração parou por um milésimo de segundo, até a bola entrar e eu vencer o *advogado* gostosão e convencido!

— Não acredito! Não acredito! Venci você!

Obviamente, eu estava gritando de alegria, mas a música era tão alta e o pessoal no bar estava tão entretido, que sequer prestaram atenção em mim. Rindo, Caio veio em minha direção e me abraçou, rodopiando comigo em seu colo.

— Parabéns, gatinha. Tenho que dar o braço a torcer, você realmente é a rainha da sinuca. Formamos um belo par.

Sua frase final me deixou com um frio na barriga, mas logo tratei de dissipar a sensação e comecei a rir.

— Isso é para o senhor aprender a não duvidar de mim — falei, dando um tapinha em seu ombro quando ele me colocou no chão.

— Ai, isso doeu!

— O quê? O tapa?

— Não, ser chamado de senhor. Eu exijo ser tratado de igual para igual, Luna!

Sua cara de indignação me fez gargalhar e comecei a perceber que, talvez, duas caipirinhas me deixassem sim um *pouquinho* alegre.

— Desculpa, *gatinho*, prometo que não cometerei mais esse erro.

Ele riu e eu passei os olhos pelo celular. Caramba, já era uma da manhã.

— Preciso ir embora, ou minha mãe vai me matar.

— Vamos, eu te levo para casa.

— Não, não precisa. Eu vim de carona com Bruno, ele disse que era para ligar para ele quando eu quisesse ir embora — falei, já entrando na minha agenda de contatos. Pelo meu olhar periférico, vi Caio franzir o cenho.

— Quem é Bruno?

— Um colega da fazenda, ele está no Bar das Onze.

— Se ele está no Bar das Onze, com certeza não vai querer ir embora agora. Eu levo você.

Pausei o dedo antes de iniciar a ligação e olhei para Caio.

— Tem certeza? Ele mora na fazenda, você vai ter que ir e voltar para a cidade, Caio. Não quero dar trabalho.

Balançando a cabeça, ele sorriu e me puxou pela mão.

— Não vai ser trabalho nenhum. Sem contar que eu tenho certeza que a sua mãe vai ficar mais tranquila se eu te levar em casa, do que esse tal de Bruno. Rosana me ama.

Achei que era melhor não falar que minha mãe quase surtou quando ele me levou para jantar pela primeira vez. Realmente, ela adorava Caio, mas o adorar perto de mim era diferente. Acho que ela se preocupava com a nossa diferença de idade e com o fato de Caio ter fama de mulherengo. Aproximamo-nos da mesa e encontramos Maíra, Alana e Nicolas conversando. Joice certamente já havia se arranjado com alguém e Alex não deveria estar atrás.

— Vou levar essa mocinha para casa — Caio disse e Maíra logo se empertigou.

— Jura que você já vai? Está cedo.

Logicamente, ela não estava falando aquilo para mim e sim para Caio. Como ela era cara de pau!

— Se você quiser, eu posso te levar, Luna, assim o Caio pode ficar mais tempo por aqui — Nicolas disse.

— Isso! — Maíra concordou com os olhos brilhando.

— Não, eu já tinha falado com a mãe da Luna que ia levá-la para casa. Foi bom conhecer vocês, pessoal, vamos marcar de sair juntos mais vezes.

— Foi muito bom conhecer você também, Caio — Alana concordou.

— Ah, já sei! Luna, você poderia colocar o Caio no nosso grupo do *WhatsApp*! Assim, ele vai poder nos acompanhar em todos os *rolês* — Maíra disse.

— É, pode ser — falei, segurando uma risada. Fiquei tentando imaginar o Caio, um advogado responsável, tendo que lidar com meus amigos no *WhatsApp*. Aquilo simplesmente não se encaixava na minha cabeça. — Vamos?

— Vamos.

Despedimo-nos de todo mundo e passamos no caixa para que Caio pudesse pagar a conta. Ainda insisti que não era necessário pagar tudo o que meus amigos haviam consumido até ali, mas ele foi irredutível. Saímos do bar lotado até o seu carro, que estava no campo na parte de trás, que era usado como estacionamento. Assim que entramos, eu ri baixinho.

— Quer dizer que a minha mãe sabe que você vai me levar para casa?

Caio riu junto comigo e colocou o carro em movimento.

— Eu precisava fazer alguma coisa para afastar a sua amiga. Nada contra, mas ela é meio insistente.

— Não acredito que o *advogado* mulherengo está *fugindo* de uma mulher!

— Algumas são sinônimo de encrenca. Ainda bem que o meu faro de *advogado* nunca me deixa na mão.

— Por que a Maíra é encrenca? Por ela ser mais jovem?

— Não, eu não tenho esse problema com relação à idade, desde que seja de maior, é claro — ele disse com tranquilidade e aquilo me surpreendeu um pouco, apesar de eu saber que não deveria. Ele havia ajudado Gabi e Ramon a ficarem juntos, afinal. — Mas porque a gente sabe quando uma mulher está na mesma página que a gente e quando não está.

— Se está pensando que Maíra iria querer um relacionamento sério, acho que pode tirar isso da cabeça. Ela foge de namoro igual diabo foge da cruz.

— Não, não é isso. Eu não tenho medo de relacionamento sério, se estou apaixonado por uma mulher e ela está apaixonada por mim, o namoro se torna uma ótima opção. Não é esse o problema.

Precisei lutar para manter a minha boca no lugar. Eu jurava que Caio era do tipo que fugia de qualquer coisa mais séria do que um caso de uma noite só. Engolindo a minha surpresa, perguntei:

— Então, qual é o problema?

Ele me olhou de lado e balançou a cabeça.

— Ela é sua amiga, não quero que você fique chateada.

— Não vou ficar — falei e ele me deu um olhar condescendente, como se não acreditasse. — Eu juro, não vou ficar chateada, pode falar.

Ele batucou o volante e alguns minutos se passaram até ele continuar:

— Ela parece ser daquele tipo que não respeita um não e isso é horrível tanto em um homem, quanto em uma mulher. Não gosto de pessoas assim.

— Ela deu em cima de você? — perguntei, mas logo me corrigi: — Quer dizer, claro que deu, todo mundo viu, mas, foi de uma forma invasiva? Você se sentiu mal?

Eles pareciam bem entrosados enquanto dançavam, pelo menos até o momento em que fiquei observando. Até achei que Caio estivesse gostando. Com um semblante tranquilo, ele apenas disse:

— Acho que ela ainda precisa aprender a como despertar o interesse de um cara, sem ser inconveniente. Tenho certeza de que, com a experiência, ela pode descobrir isso.

Eu assenti, desconfiando de que ele não estava me contando tudo, mas decidindo não insistir mais. Se ele estivesse confortável, iria me falar. Olhando pela janela, deixei escapar baixinho:

— Pelo menos ela desperta o interesse dos homens em geral.

— O que quer dizer?

Por sorte, Caio entrou em uma parte mais escura da estrada que levava até a fazenda e eu consegui disfarçar a melancolia que, certamente, tomou conta da minha expressão.

— Quero dizer que pelo menos os homens se interessam por ela. Isso não acontece comigo.

Ele me olhou com indignação daquela vez.

— Quem disse isso?

— Ninguém disse, eu apenas sei. É o que eu sinto.

— Está sentindo errado, então — ele disse como se fosse óbvio. — Nicolas está louco por você.

— O quê? Nicolas?

— Sim.

— Não, claro que não!

— Claro que sim.

— Não. Nicolas e eu somos amigos há anos, você está vendo coisa onde não existe.

— Tenho certeza do que estou falando. Ele não tirou os olhos de você a

noite toda e ficou incomodado quando eu cheguei. Acho que pensou que eu estava querendo ficar com você ou que estivéssemos juntos.

Caio só poderia estar louco. Novamente, neguei com a cabeça.

— Que bobagem, ele só ficou surpreso, assim como todo mundo.

— Alex ficou surpreso, ele ficou com ciúmes. — Abri a boca para contestar, mas ele foi mais rápido: — É verdade, gatinha. Vai dizer que não percebeu nada quando vocês estavam dançando? Eu observei, os olhos dele quase brilhavam... Ele é um bom rapaz?

Eu ainda estava incrédula, mas respondi a sua pergunta:

— Sim, ele é. Como eu disse, somos amigos há anos, conheço os pais dele, minha mãe também. Nicolas é um cara legal.

— Se ele é um cara legal e gosta de você... Talvez, você possa dar uma chance a ele — disse, me dando um sorrisinho. — Se eu servir como cupido para vocês, talvez ele perca a antipatia que sentiu por mim.

Com os olhos arregalados, balancei a cabeça para tentar negar as sandices que estavam saindo da sua boca, mas me dei conta de que, talvez, ele não estivesse tão louco assim. Realmente, Nicolas estava estranho essa noite. Quer dizer, ele estava estranho há algum tempo já, vinha me lançando olhares mais longos, mas hoje havia me abraçado daquela forma, me chamado para dançar... O modo como me segurou também foi mais do que como um amigo. Será que Caio tinha razão? Será que Nicolas realmente estava gostando de mim? Eu nem sabia como me sentir sobre isso. Só percebi que já estávamos na fazenda, quando Caio parou em frente à minha casa.

— Consigo ouvir as engrenagens da sua cabeça trabalhando a mil por hora — ele disse, chamando a minha atenção. Segurando a minha mão, continuou: — Não precisa ficar assim, tire um tempo para pensar, depois, você pode chamar o Nicolas e conversar.

Senti meu rosto ficar quente até a raiz dos cabelos.

— O quê? Conversar com ele sobre isso? Claro que não!

— Ora, por que não? Tenho certeza que ele vai adorar.

— Não! Eu nem sei o que falaria. Pode tirar essa ideia da cabeça.

Caio riu e me olhou com incredulidade.

— Tem certeza que você realmente ajudou Gabi a conquistar o Ramon? Porque essa timidez não combina com a Luna que arquitetou um plano para deixar o idiota do meu amigo cheio de ciúmes.

Um sorriso involuntário se abriu em meus lábios e eu dei de ombros.

— É diferente. Dessa vez, a protagonista da história sou eu e não uma

amiga minha.

Soltando a minha mão, Caio me olhou com carinho e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha:

— Então chegou a hora de você viver a sua história. Deixar de ser coadjuvante e encarar o papel principal.

Eu não sabia explicar, mas as suas palavras me tocaram de um jeito, que fizeram com que meu coração disparasse e as palmas das minhas mãos ficassem suadas.

— Não sei fazer isso — sussurrei.

— Acho que foi por isso que o destino nos uniu então, pequena. Vou te ajudar.

— O quê? Como assim vai me ajudar?

Ele sorriu e se recostou no banco do carro, me dando um olhar confiante.

— Vou te ajudar a se tornar a protagonista da sua própria história. Confia em mim?

Eu não sabia o porquê e nem como, mas a resposta para aquela pergunta saiu do fundo do meu coração:

— Sim, eu confio.



Capítulo 8

Caio

Esperei Luna entrar em casa e dei partida no carro, deixando a fazenda de Ramon para trás. Provavelmente, seus seguranças o informariam sobre a minha visita na manhã seguinte e eu segurei uma risada ao imaginar a cabeça do idiota dar um nó ao tentar entender o que eu estava fazendo com Luna às uma da manhã. Certamente, pensaria alguma besteira, mas eu nem poderia o condenar por isso. Como Luna mesmo havia me dito, eu tinha uma fama e não fazia muito para me livrar dela.

Por um lado, era bom ser conhecido como o “advogado mais mulherengo de Santo Elias”. Eu não sabia o porquê, mas, ao invés de isso afastar as mulheres, fazia com que elas ficassem ainda mais curiosas para me conhecer. Como Santo Elias tinha uma boa rotatividade de turistas por conta das fazendas, muita gente gostava de explorar o centro da cidade e sentia interesse em conhecer a vida noturna. Quando entravam no Bar das Onze e descobriam mais sobre os habitantes, meu nome acabava rolando e pronto, chovia olhares para cima de mim quando eu chegava no bar.

Eu não podia reclamar, pelo contrário. Adorava conhecer gente nova, beber, sorrir, brincar, transar. Minha profissão exigia uma seriedade que, às vezes, era enfadonha, por isso, fazia questão de levar a minha vida pessoal de um jeito mais leve, descontraído, coisa que fazia parte da minha personalidade. O fato de eu ser um amante da noite, de estar sempre acompanhado por uma mulher diferente à vista de todos — pois eu não sentia necessidade de esconder nada de ninguém —, fazia com que a minha fama de mulherengo percorresse toda a cidade. Se era assim que pensavam de mim, eu realmente não podia fazer nada e nem me importava, na verdade.

Mas, hoje, eu me importei. Foi a primeira vez que me senti desconfortável por carregar um título que até poderia, em partes, me descrever, mas que não

me definia completamente. A amiga de Luna voltou a minha mente e eu me vi vagando pelas lembranças do que havia acontecido horas atrás. Eu percebi o interesse em seu olhar assim que me aproximei da mesa, mas aquilo não me incomodou. Querendo ou não, eu já estava acostumado a receber olhares daquele tipo, cheios de desejo, cobiça e, muitas vezes, retribuía. Naquele momento, não senti a mínima vontade de fazer isso porque, primeiro, eu estava prestes a conhecer os amigos de Luna e não queria que ela se sentisse desconfortável, nem que achasse que eu estava me aproximando dela para poder pegar as suas amigas e, segundo, porque eu não estava nem um pouco a fim de dar atenção a qualquer outra mulher que não fosse a pequena de cabelos coloridos.

Luna vinha se tornando uma pessoa muito especial em minha vida. Enquanto trocávamos mensagens por telefone, eu me pegava rindo e pensando em como não dei a devida atenção a ela antigamente. Quando a via de relance na fazenda de Ramon, não fazia nada mais do que acenar e a cumprimentar. Se eu tivesse sido mais atento, com certeza, teria me aproximado antes. Eu podia notar como ela ficava surpresa com a minha aproximação, com o fato de eu não ter mentido ao deixar claro que queria ser seu amigo. Certamente, deveria se prender a nossa diferença de idade, ao fato de eu ser um advogado conhecido e amigo do patrão da sua mãe. Realmente, não havia nada — a não ser Gabriela — que nos ligasse de verdade, mas eu estava pouco me importando com isso. Algo nela me atraía. Eu não sabia explicar, mas sentia como se não pudesse me afastar, pelo contrário, queria ficar cada vez mais próximo.

Por isso, quando ela me convidou para ir ao Bar dos Calouros conhecer os seus amigos, nem pensei em negar. Fiquei, na verdade, curioso para saber como ela agia entre eles, pois percebia que, apesar de ser autêntica e até um pouco impulsiva, Luna, na verdade, era tímida. Queria saber se essa timidez surgia apenas na minha presença ou não. Tinha que confessar que sua interação com eles, principalmente com as meninas, não chegava nem perto da amizade que ela tinha com a Gabizinha. Elas pareciam próximas, tinham intimidade, mas algo faltava. Quando fui ao balcão de bebidas com os meninos, observei de longe e cheguei até mesmo a notar como Luna parecia tensa, na defensiva, enquanto as garotas riam de alguma coisa. Fiquei me perguntando se estavam rindo dela, mas preferi não focar muito nisso, pois queria que aquela noite fosse divertida, não desastrosa.

Fiz de tudo para que eu não destoasse tanto do grupo bem mais jovem,

principalmente porque queria que Luna se sentisse confortável, por isso, não dei atenção aos olhares insinuativos da sua amiga. Só aceitei o seu convite para dançar, porque percebi que Nicolas estava quase babando em cima da Luna e senti que precisava dar um espaço para os dois. Foi nesse momento que me arrependi totalmente. Acho que seria melhor se eu tivesse dito não. Suas palavras ainda circulavam em um canto do meu cérebro, deixando-me incomodado e, se tivesse que ser honesto comigo mesmo, bem puto.

“Não poderia imaginar que Luna fosse capaz de arranjar um amigo tão gostoso como você. Ela parece ser tão bobinha, quase nunca se aventura com algum cara quando a gente sai... Estou surpresa, mas feliz. Será que podemos esticar essa noite? Meus pais estão passando o final de semana fora, teremos a casa todinha pra gente.”

Que espécie de amiga falava aquilo? Enquanto a ouvia, só conseguia pensar em como uma garota tão legal como Luna, divertida, sincera, espontânea, poderia ser amiga de alguém como aquela Maíra. Para não ser grosseiro, falei que não daria, que tinha planos para mais tarde, mas ela insistiu inúmeras vezes, até a música acabar e eu a deixar sozinha perto da mesa para ir atrás de Luna. Passei o resto da noite pensando se compartilhava aquilo com ela ou não. Não queria ser um babaca, nem ficar falando mal de uma amiga dela, até porque, havia conhecido todo mundo naquela noite, mas o modo como ela enxergava Luna realmente me incomodou. Fiz uma nota mental de pensar em como abordar aquele assunto com ela em outro momento, de forma... Delicada. Não que eu soubesse ser delicado, mas poderia tentar.

Por sorte, passamos as últimas horas juntos nos divertindo e jogando. Era nítido como ela parecia mais tranquila enquanto ríamos e conversávamos e fiquei feliz que eu pudesse proporcionar aquilo a ela. No final, a noite foi boa e, ao chegar na cidade, percebi que eu já estava pronto para ir para casa, tomar um banho e cair na cama. Ainda era cedo para mim, passava um pouco das duas da manhã, mas havia chegado de viagem naquela tarde e estava cansado. Também não estava sentindo vontade de parar nos Bar das Onze, jogar conversa fora, flertar e transar. Às vezes, um homem só queria descansar e, hoje, eu era esse homem.

De banho tomado, joguei-me na cama e olhei rapidamente minhas mensagens e o *Instagram*. Vi o *story* que Luna me marcou e comecei a rir, lembrando-me de que a danada não havia mentido, era boa mesmo na sinuca. Aquele momento entre nós dois foi espetacular, senti que nos aproximamos

um pouco mais, sem contar que ela estava mais alegre, confortável. Sentia que, finalmente, estávamos na mesma página. Repostei o *story* e recebi uma mensagem dela minutos depois.

“Você não tem medo de perder clientes ao repostar essa humilhação?”

“Não. Na verdade, eu acho que meus clientes vão ficar felizes ao ver que eu sou um ser humano como qualquer outro e não um *advogado* perfeito.”

*“Você se apegou mesmo ao *advogado*, estou com medo de passar a se apresentar assim de agora em diante.”*

“Estava pensando mesmo em fazer um novo cartão e colocar ‘*Advogado Caio Alcântara*’. Eu acho que conseguiria mais clientes dessa forma.”

“Clientes femininas, eu imagino.”

“Jamais pensaria dessa forma! É totalmente antiético esse tipo de relação entre *advogado* e cliente.”

“Tá bom, Caio, vai falar que nunca ficou com uma cliente?”

“Nunca!”

“Acredito muito, kkkk.”

“Eu só tive uma cliente mulher e ela tinha sessenta anos. Eu era *advogado* do seu marido, mas ele faleceu e ela tomou conta das finanças. Apesar de ser uma senhora linda, nunca olhei para ela de outra forma. Agora, já para as filhas dela...”

“As FILHAS? No plural?”

“Sim, não foi um erro de digitação, gatinha.”

“Credo, você é um depravado!”

“Depravado não, eu nem peguei as duas ao mesmo tempo, foi uma de cada vez e as duas sabiam, eu não enganei ninguém. Agora, por que você está falando de mim assim? Acha que eu esqueci sobre o livro dos gêmeos, Luna? Eu não esqueci, sua safadinha!”

Comecei a rir ao enviar a mensagem, pensando em suas bochechas vermelhas e no sorrisinho de canto de lábio que ela sempre dava quando ficava envergonhada. Era incrível como eu conseguia me lembrar de mínimos detalhes sobre ela, enquanto quase não podia distinguir os sorrisos das irmãs que peguei um ano atrás. Catarina e Camila não me deixaram sozinho

enquanto me hospedei em Brasília para cuidar de todos os trâmites legais após a morte do seu pai. A cada noite, uma esquentava a minha cama. Foi uma semana sensacional.

“Estou achando que você nunca vai esquecer. E pode parar de comparar, eu apenas li, diferente de você, seu cafajeste!”

“Não sou cafajeste, sou um homem solteiro, que fica com mulheres também solteiras. Não engano ninguém.”

Ela enviou um *emoji* de olhos revirados e eu ri, vendo o momento em que começou a digitar.

“É horrível admitir que você tem razão.”

“Geralmente, eu sempre tenho razão. Não é à toa que sou um puta advogado.”

“Você tem um linguajar péssimo pra um advogado.”

“Você quer mesmo que eu comece a falar em tom formal aqui? Não quero ser um pé no saco, já aturo isso do Ramon, não vou ser como ele.”

“Engraçado, ele fala a mesma coisa de você, kkkkk.”

“Ele me ama, não vive sem mim.”

“E nem você sem ele. Acho a amizade de vocês muito bonita.”

“Conheço Ramon desde criança. A sorte dele, é que eu o amo, se não, já tinha dado um chute naquela bunda teimosa há muito tempo. O homem é cabeça dura demais, kkkkk. Mas tem um coração que não cabe no peito.”

“Verdade. Agora, esse coração é todo da Gabi. Eles são tão lindos juntos! Meu casal favorito.”

“São mesmo, mas está na hora de você abrir esse coraçãozinho. Quando vamos começar as nossas aulas?”

“Aulas? Não sei do que você está falando.”

“Não se faça de desentendida. Falei que ia te ajudar. Nicolas vai me agradecer depois e você também.”

“Meu Deus, eu tenho até medo das lições que você vai me dar, kkkk.”

“Não sinta, eu sou um mestre da conquista, você vai ver.”

Fiquei surpreso de verdade quando ouvi Luna falar que não despertava o interesse dos homens. Pelo amor de Deus, ela era linda! Mesmo eu, que não a

olhava de um modo sexual, via isso. Apesar de ser baixinha e ter os cabelos coloridos, nada nela era infantil. Seu estilo, seu sorriso, os olhos azuis encantadores, a expressão de desafio que às vezes tomava conta do seu rosto e o modo como arqueava a sobrancelha bem-feita eram um prato cheio para os olhos. Sem contar o corpo bem desenhado, a cintura fina, as pernas levemente torneadas... Preferi parar por ali, pois não queria roubar o posto do tal Nicolas e me tornar um admirador dela. Meu papel naquela história era outro.

Sua insegurança me deixou espantado e me disse muito sobre ela. Nas redes sociais, Luna gostava de se expor, tirar muitas fotos, fazer *stories*. Não parecia ter vergonha do próprio corpo ou da sua imagem, mas esse parecia ser o mal do mundo moderno. Por trás da tela de um celular, a pessoa poderia ser quem quisesse, pessoalmente, a coisa mudava de figura. Sua nova mensagem me chamou a atenção:

“Não sei se eu quero conquistar alguém.”

“Você não precisa conquistar ninguém, mas, talvez, precise se abrir para conhecer novas pessoas e permitir que alguém conquiste você.”

“Jura? Eu não vejo alguém querendo me conquistar tão cedo, kkkkk.”

“Nicolas com certeza quer te conquistar.”

“É, talvez você tenha razão, ele vem me tratando diferente e hoje teve aquela dança... Mas eu não sei o que pensar sobre isso. Nunca olhei para Nicolas de outra forma.”

“Nunca olhou ou nunca se permitiu olhar?”

“Nossa, não sei.”

“Talvez você devesse pensar sobre isso.”

“É, pode ser, acho que preciso mesmo pensar sobre isso. Agora, me explica uma coisa, você está com dificuldade no seu trabalho? Está com poucos clientes?”

“Eu? Não. Por quê?”

“Porque você está com bastante tempo livre para se preocupar comigo e com o meu coração, kkkkkk.”

“Que idiota, kkkk. Olha, eu me preocupei e me dediquei ao caso do Ramon e da Gabi e, agora, eles estão juntos. Talvez, a minha missão na Terra não seja ser um lindo e perfeito advogado e, sim, ajudar as pessoas a encontrar o verdadeiro amor.”

“Como você é romântico! Não conhecia esse seu lado, Caio.”

“Está vendo só? Eu disse que posso surpreender, gatinha.”

“É, você vem me surpreendendo muito mesmo. Sabe, estou feliz que sejamos amigos. Amei a nossa noite, espero que possamos repetir.”

“Vamos repetir, pode ter certeza.”

Trocamos mais algumas mensagens, antes de ela se despedir falando que iria dormir. Eu ainda fiquei um tempo nas redes sociais, respondendo mensagens de uma ou duas mulheres que me chamaram no *WhatsApp*, antes de deixar o celular de lado e me virar para dormir. Fiz uma nota mental de ligar para os meus pais na manhã seguinte e perguntar se estava tudo bem. Também precisava conversar com a minha mãe. Sentia que ela poderia me ajudar.



Geralmente, domingo era o meu dia de folga. Usava a manhã para dar um pulo na piscina se o tempo estivesse ensolarado, aguava as minhas plantas, fazia um almoço ou dava um pulo na fazenda de Ramon para poder me deliciar com a comida de Cissa, no entanto, como estava há dias sem me exercitar, aproveitei que perdi o sono às oito da manhã, fiz um *shake* e desci até o porão, onde havia montado a minha academia particular. Fazer exercício não era um martírio, pelo contrário, era algo que eu amava. Sempre fui aquele que se destacava nas aulas de educação física, que participava de todos os campeonatos de futebol e, na adolescência, adquiri o gosto de puxar alguns pesos. Como sabia que não adiantava pagar a mensalidade de uma academia, pois viajava muito, resolvi montar uma área de musculação em casa.

Eu tinha um *personal trainer* que me atendia por vídeo chamada, mas, naquela manhã, resolvi fazer tudo por minha conta. Fazia musculação há anos, portanto, não precisava me preocupar em pegar pesado demais ou fazer algum exercício errado. Uma hora depois, pingando de suor, voltei para o andar de cima e fui direto para o quintal, abrindo o chuveirão e tomando uma ducha antes de me jogar na piscina. A água estava morna e senti meus músculos agradecerem conforme eu emergia. Passei um tempo tomando sol e relaxando, pensando em nada, aproveitando aqueles minutos em que a minha

mente dava uma pausa e saí em seguida, indo tomar uma ducha rápida em minha suíte.

Já na cozinha, enquanto preparava meu café da manhã, puxei meu celular e liguei para minha mãe. Como sempre, ela me atendeu no segundo toque com a voz alegre:

— Meu amor, que saudade! Pensei que havia se esquecido de que tinha uma mãe, Caio!

Minha risada ecoou pela cozinha e eu balancei a cabeça. Minha mãe não era do tipo de fazer chantagem emocional, mas, às vezes, ela apenas agia como qualquer outra mãe.

— Dona Elizabete, nos falamos anteontem, esqueceu disso?

— Muito tempo, querido, uma mãe sente saudades. Como você está?

— Estou bem e a senhora e o pai?

— Estamos bem. Seu pai foi caminhar, deve chegar daqui a pouco. Conte-me as novidades.

Era como se minha mãe sentisse que eu não havia ligado apenas para saber como eles estavam. Sentando-me em frente à bancada da cozinha, comecei a comer e contar um pouco sobre Luna. Dona Elizabete Alcântara era psicóloga, tinha um consultório em Goiânia e já havia lançado dois livros. Diferente do meu pai, que havia se aposentado há alguns anos, minha mãe se mantinha firme, trabalhando e atendendo seus pacientes, participando de fóruns e eventos. Ela era uma mulher admirável, muito responsável e sabia que podia me dar alguns conselhos sobre como ajudar Luna a se livrar da timidez.

— Filho, isso é muito complexo. Não sei o que posso dizer ou não baseado nas poucas informações que você tem. Ela pode, sim, ser apenas tímida, mas também pode ter questões maiores, como problema de baixa autoestima, por exemplo.

— Eu pensei nisso, mãe, por isso que resolvi te pedir um conselho. Eu não quero ser intransigente. Só quero ajudar, eu gosto muito dela, mas estou percebendo que há algo que não permite que ela viva de verdade. Não sei explicar.

— Meu querido, você tem um coração tão lindo. Mamãe já disse o quanto te ama?

— Mãe, pelo amor de Deus, me sinto uma criança assim — falei enquanto ria, ouvindo a sua risada do outro lado da linha.

— Só estou falando a verdade. Bom, vou te dar um conselho simples, mas

que pode fazer muita diferença no seu relacionamento com ela. Vá com calma. Não jogue em cima da menina um monte de informações, pois isso pode fazer com que ela se feche e não é isso que você quer.

— Está bem, só tem algo que eu acho que a senhora não entendeu, não é “nosso” relacionamento. Quero que ela se relacione com outras pessoas. Sou apenas amigo dela.

— Eu entendi muito bem, Caio, mas a amizade não deixa de ser um relacionamento. Ou você quer que ela te deixe de lado quando arrumar um namorado?

Sem querer, senti meu estômago gelar e quase recusar o pedaço da omelete que eu havia acabado de engolir.

— Nossa, não, claro que não.

— Por isso que você precisa, também, cuidar do relacionamento de vocês. Confesso que estou surpresa, aliás. Você não tem muitas amigas mulheres — ela disse em um tom meio desconfiado e eu ri.

— Luna é especial.

— Quero conhecê-la um dia. Por que não a traz para Goiânia na próxima vez que vier nos visitar?

— Vamos com calma, Dona Elizabete, nos tornamos amigos agora.

— Está bem, só estou curiosa — ela riu. — Agora, me conte sobre Ramon. Estou com saudades dele.

Passei a próxima meia hora atualizando minha mãe sobre os últimos acontecimentos na vida do Baldez. Realmente, para quem vivia de maneira tão metódica, as últimas semanas haviam virado a rotina do meu melhor amigo de cabeça para baixo. Culpa da Gabizinha. Graças a Deus ela havia entrado na vida daquele idiota. Assim que desligamos, lavei a louça e me joguei no sofá, pensando sobre as palavras da minha mãe. Havia ligado para ela pensando que receberia uma fórmula mágica de como fazer com que Luna olhasse para si mesma e enxergasse que poderia despertar o interesse do homem que quisesse, mas acabei ouvindo que eu deveria ter calma.

Talvez, minha mãe tivesse razão. Calma e sabedoria nunca era demais.



Capítulo 9

Luna

Acordei levemente suada e com o coração disparado depois de ter sonhado que Nicolas me beijava enquanto dançávamos no Bar dos Calouros. Não conseguia me lembrar do beijo em si, mas me lembrava da sensação de surpresa enquanto sua língua serpenteava para dentro da minha boca e sua mão apertava a minha cintura. Sentada no meio da minha cama, passei a mão pelo peito para tentar acalmar os batimentos frenéticos e olhei para a parede, esperando que a sensação ruim de incômodo me invadissem, mas ela não veio. Supreendentemente, o que me atingiu, foi uma leve curiosidade. E se fosse de verdade? E se Nicolas realmente tivesse me beijado?

Despertei dos meus pensamentos com o toque do meu celular. Com as mãos trêmulas, peguei o aparelho e sorri ao ver quem era.

— Pai! Estou morrendo de saudades do senhor!

— Oi, dorminhoca! Liguei três vezes e você não atendeu, Fê disse que ainda estava dormindo.

— Fui dormir tarde ontem.

— Ficou até de madrugada na farra, Luna? Sabe que não gosto disso!

Eu gargalhei, porque, na verdade, meu pai não ligava para esse tipo de coisa. Ele até mesmo me incentivava a sair e foi por sua causa que minha mãe começou a afrouxar as rédeas sobre mim. Sua risada logo invadiu o meu ouvido.

— Como o senhor é bobo. Nem parece que foi para balada comigo aí no Rio.

— Eu me lembro que tive que cuidar da sua ressaca no dia seguinte.

— Foi a primeira vez que bebi! Lógico que ficaria bêbada com facilidade.

— Sei, mas não quero que isso se repita quando estiver sozinha. Sabe que quero que se divirta, mas com responsabilidade. Deixei que bebesse naquela

noite, porque estava comigo — disse ele com a voz mais séria, entrando no modo “pai responsável”, o que me fez sorrir.

— Eu sei, papai. Não se preocupe, eu sei me cuidar.

— Sei que sabe, meu amor. Você e Fernanda são as obras mais perfeitas que já fiz.

Ele gostava de usar aquela analogia, pois havia se formado em Engenharia Civil anos atrás, depois que se separou da minha mãe e foi morar no Rio de Janeiro. Hoje, trabalhava em uma ótima empresa e era muito bem-sucedido, mas havia me confidenciado que seu sonho mesmo, era ter a mim, Fê e minha mãe por perto, especificamente na sua casa. No fundo, eu achava que meu pai nunca havia parado de amar a minha mãe — assim como ela nunca havia deixado de o amar —, mesmo os dois sendo tão diferentes um do outro.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos e ele perguntou se eu já estava mais perto de decidir que faculdade iria cursar. Eu sabia que meu coração pendia mais para Moda e estava começando a pensar se, talvez, eu não vinha insistindo em Gastronomia por causa da minha mãe. Não que ela me obrigasse a seguir essa carreira, mas porque ela amava cozinhar, se sentia livre na cozinha e sua paixão me inspirava. Já havia dito a ela várias vezes que deveria investir em si mesma, cursar a faculdade, mas ela sempre dizia que estava velha demais para isso — como se uma mulher de quarenta e dois anos fosse velha — e desconversava.

Eu adorava cozinhar, principalmente coisas doces, mas via essa área muito mais como um *hobby*. Minha cabeça fervilhava mesmo com *design* de roupas. Peças e mais peças surgiam em minha mente, me inspiravam a desenhar e criar. Havia até mesmo comprado um busto para costura em uma feirinha de artesanato meses atrás. Ele ficava ao lado da mesa com a máquina de costura da minha mãe no canto do meu quarto. Olhando para ele, conseguia me imaginar à frente de uma grande equipe, cortando tecidos, costurando, juntando cada parte como se fossem peças de um quebra-cabeça, até tomar forma e sair do papel.

Se era isso que me inspirava, por que eu ainda estava na dúvida? No fundo, além de uma parte minha querer realizar o sonho da minha mãe, eu também era muito insegura. Uma coisa era fazer roupas para mim, outra bem diferente, era ter a ousadia de pensar que eu poderia ser uma estilista. Eu gostava de sonhar grande, mas tinha consciência de que a vida real nem sempre seguia os nossos sonhos.

— Ei, não vai tomar café da manhã? Nossa mãe fez pão recheado com

queijo e presunto, se você não vier para a mesa agora, vou comer tudo — Fernanda disse ao enfiar a cabeça dentro do meu quarto.

— Pode tirar o olho de cima da minha parte, sua pestinha.

Ela gargalhou e fugiu correndo quando joguei uma almofada em sua direção. Minutos depois, fui para a cozinha e me sentei à mesa para comer as delícias que mamãe havia feito. Começamos a especular sobre o que iria acontecer nos próximos episódios de uma série que estávamos assistindo, quando uma mensagem no celular me chamou a atenção. Deixei que ela e Fernanda continuassem a conversar e engoli em seco enquanto lia.

“Luna, tem certeza que não vai querer ir ao cinema mais tarde? Queria muito que você fosse, nem precisa se preocupar com o dinheiro, Alex não vai mais e eu estou com o ingresso dele, você pode usar.”

Mordi o polegar, indecisa. Enquanto lia a mensagem de Nicolas, imagens do sonho louco que tive naquela noite invadiam a minha mente, bem como as palavras de Caio. E se ele quisesse me beijar? O que eu iria fazer? Só havia beijado duas vezes e as experiências foram péssimas. Claro, eu era formada em mil livros de romance, na teoria, sabia muito bem o que fazer com a língua, mas na prática era diferente. Sem contar que eu não sabia exatamente como me sentir com a ideia de beijar Nicolas ou qualquer outra pessoa. E se eu travasse? Sem pensar muito, enviei uma mensagem a Caio.

“Nicolas me chamou para ir ao cinema. Será que eu vou? O que eu faço? Estou nervosa!”

Terminei de comer com o estômago meio embrulhado, enquanto esperava pela resposta de Caio. Ele não estava *online* e eu fiquei mais nervosa. Nem sabia ao certo porque havia enviado uma mensagem para ele, para começo de conversa. Sua proposta de me “ensinar” a conquistar alguém ou a ser conquistada, parecia um tanto absurda e eu nem o levei a sério. Pelo menos, era o que eu achava até agora. Se havia perguntado aquilo para ele era porque, talvez, inconscientemente, eu o tivesse levado a sério sim. Acho que confiava mais em Caio do que imaginava.

Enquanto esperava por sua resposta, preparei uma hidratação potente para o meu cabelo e gravei passo a passo para publicar no “*reels*” do *Instagram*. A nova ferramenta da rede social era maravilhosa e eu havia ganhado alguns seguidores ao longo da semana depois de ter postado alguns vídeos. Tomei

um susto quando meu celular vibrou na bancada do banheiro, enquanto eu colocava uma touca na cabeça. Lavei as mãos rapidamente e peguei o aparelho. Era uma mensagem de Caio.

“Você está se sentindo à vontade para ir?”

Li e reli a mensagem umas três vezes, só para ter certeza de que eu não estava delirando. Esperava que Caio fosse me enviar uma resposta diferente, algo mais... Incisivo. Um “CLARO QUE VOCÊ VAI”, mas ele não seguiu por esse caminho o que, de certa forma, tocou em uma parte dentro do meu peito.

“Eu acho que sim.”

“O que está faltando para você ter certeza?”

“Não sei. Segurança, talvez.”

“Olha, eu decidi que vou almoçar com o Ramonzinho hoje, se quiser, a gente pode conversar pessoalmente. O que acha?”

“Você decidiu? Simples assim? Toma vergonha, Caio! Kkkkk.”

“Eu sei que ele está com saudades de mim, por isso, vou fazer o sacrifício de comer a comida de Cissa para que ele possa se satisfazer com a minha presença.”

“Acho que essa foi a primeira vez que você foi tão polido com as palavras.”

“Acho que você tem razão! E aí, o que achou dessa minha versão? Fui sexy sem ser vulgar, certo?”

Uma risada estrondosa escapou do fundo da minha garganta e eu senti qualquer nervosismo ir embora como em um passe mágica. Balançando a cabeça, comecei a digitar:

“Sim, foi bem sexy. Destruíu a minha calcinha, advogado.”

“Meu Deus, Luna, eu não esperava por isso. Como vou te olhar agora, sabendo que te deixei com a calcinha molhada?”

Se ele soubesse como me deixou com a calcinha molhada quando eu era uma adolescente sem noção, não estaria falando isso. Mordendo o lábio, respondi:

“Como se você não estivesse acostumado a molhar algumas calcinhas por aí.”

“Sim, eu tenho consciência do meu poder, dessa veia sensual e latente que carrego comigo, mas você é diferente.”

“Sou?”

“Claro, você é especial, pequena.”

Eu sabia que estávamos brincando sobre o lance da calcinha molhada, mas a última mensagem de Caio soou de forma bem verdadeira, pelo menos dentro do meu coração idiota, que disparou feito um louco no peito.

“Se eu disser que você também é especial, você vai ficar se achando, não é?”

“Claro que não.”

“Ok, então, saiba que você também é especial para mim, advogado.”

“Eu sabia. Eu sou muito especial entre as mulheres.”

“Ai, Caio, pelo amor de Deus! Kkkkkk.”

“Hahaha. Vou tomar um banho e te mando uma mensagem quando chegar na fazenda. Beijo, gatinha.”

“Beijo, gatinho.”

Deixei o celular sobre a bancada do banheiro e me olhei no espelho, encontrando minhas bochechas coradas e um sorriso idiota que se recusava a deixar os meus lábios. Não sabia como era possível, mas em pouco tempo de amizade, eu já me sentia mais à vontade com Caio do que com pessoas que eu conhecia há anos, como meus amigos. Assim como foi com Gabi, Caio entrou em minha vida de repente, mas se tornou uma pessoa muito especial, que vinha conquistando a minha confiança sem fazer muito esforço.

Mais tarde, de banho tomado e cabelo penteado, sentei-me ao lado da minha mãe e da minha irmã na sala para almoçar. Gabi até havia me convidado para almoçar com ela e Ramon — dando ênfase ao fato de Caio estar presente —, mas eu recusei, pois, domingo era dia de folga da minha mãe e sempre almoçávamos juntas em frente à TV, assistindo alguma série ou filme.

Havia enviado uma mensagem para Nicolas, falando que responderia mais tarde se iria ou não ao cinema, pois não queria que ele pensasse que eu estava fazendo pouco caso do seu convite, e recebi uma mensagem de Caio me chamando para conversarmos. Senti um frio na barriga e falei para minha

mãe que ia dar uma volta pela fazenda. Ela e Fernanda estavam muito concentradas na TV e só assentiu. Assim que saí, encontrei o carro de Caio estacionado em frente à minha casa e olhei rapidamente em volta, em busca de algum vizinho fofoqueiro. Por sorte, parecia que estava todo mundo dentro de casa naquela tarde domingo e eu corri até o carro, acomodando-me no banco do passageiro.

— Nossa, como está cheirosa! — Caio disse assim que fechei a porta ao meu lado. — Sempre soube que eu era especial, mas não ao ponto de você se perfumar assim para me ver.

— Idiota, eu não me perfumei, só tomei banho — falei sentindo minhas bochechas ficarem quentes. Talvez eu tenha passado um pouco de perfume, sim, mas ele não precisava saber. Seu sorriso me saudou.

— Está linda — disse ele, piscando para mim antes de colocar o carro em movimento e apontar para o banco de trás. — Olha só que furtei com a ajuda de Cissa.

Curiosa, peguei a pequena bolsa térmica em cima do banco e a coloquei em meu colo, abrindo o zíper. Soltei um gritinho quando vi o que tinha lá dentro.

— Picolé de morango e coco da Cissa! Meu Deus, nem lembro quando foi a última vez que comi!

— Eu também não, mas ela disse que estava inspirada essa semana e resolveu fazer. A verdade, é que eu acho que ela quer mimar a Gabi, por isso que fez os picolés. Nós dois não somos mais motivos suficientes para ela fazer algo diferente, sabe?

Ele teve a cara de pau de fazer beicinho e eu ri.

— Meu Deus, Caio, isso tudo é ciúmes?

— Ciúmes não, mas estou me sentindo preterido. Falei isso para Cissa, mas ela disse que eu ainda sou o seu advogado preferido. Não sei se acredito.

— Ele fingia tristeza, mas vi uma pontinha de sorriso no canto dos seus lábios.

— Admite que você quer ter todas as mulheres nas suas mãos, *advogado*, e está com medo de Cissa estar começando a resistir aos seus encantos.

Ele riu e balançou a cabeça, me olhando de soslaio.

— Não, ter todas as mulheres nas minhas mãos seria muito sem graça. A parte da conquista é sempre a mais emocionante.

— Devo anotar essa lição, professor?

— Olha, nunca me imaginei como um professor, mas acho que eu me daria

muito bem nessa profissão.

— Não, com certeza não! — falei rápido e ele me olhou com indignação.

— Como não? Eu tenho talento.

— A questão não é essa. Você seria o professor mais cobiçado. Imagina, todas as alunas iam correr atrás de você, umas se oferecendo para serem sua assistente, outras implorando por aulas particulares, algumas oferecendo o mundo para você arredondar a nota vermelha. Seria um caos!

Caio estacionou o carro em uma área deserta e aberta da fazenda, onde a grama era mais baixa e tinha muitas árvores. Com um sorriso safado e uma sobrelanceira arqueada, me fitou completamente.

— Meu Deus, Luna, isso tudo é ciúmes? — repetiu a pergunta que eu havia feito para ele minutos antes.

Acho que perdi um pouco o ar enquanto sentia seus olhos potentes e brilhantes em cima de mim. Não, não era ciúmes, era? Meu Deus, era ciúmes? Eu não tinha direito de sentir de ciúmes de Caio, pelo amor de Deus! Quando ele começou a rir da minha cara, eu balancei a cabeça para sair do transe e dei um soquinho fraco em seu braço.

— Claro que não, seu chato! Meu Deus, você é tão sem noção, Caio!

— E você fica linda com essas bochechas vermelhas, baixinha — falou, passando o polegar rapidamente pela minha bochecha, antes de tirar a bolsa térmica de cima das minhas pernas. — Vem, quero chupar logo esses picolés.

Eu fiquei um pouco perdida entre ainda sentir o seu toque singelo em meu rosto e ouvir as palavras “quero chupar” saindo da sua boca, mas logo me obriguei a parar de ser louca e desci do carro. Sentamos sob a sombra de uma árvore e soltei um gemidinho ao comer o picolé de coco da Cissa. Nossa, como era bom!

— Me explica melhor sobre como surgiu o convite para ir ao cinema — Caio pediu.

— Não será como um encontro, se é o que está pensando. Alana e Joice também vão, além de dois amigos delas.

— Então, por que você está na dúvida se quer ir ou não? Pensei que fosse apenas vocês dois.

— De primeira eu não aceitei, porque não quero ficar gastando muito dinheiro com besteiras, sabe? Nicolas até se ofereceu para pagar, mas eu recusei. No entanto, depois do que você falou, sobre ele parecer estar interessado em mim, eu fiquei... Sei lá, fiquei curiosa. Hoje ele me enviou outra mensagem, disse que Alex não vai, mas que está com o ingresso dele

disponível. Ainda assim, não sei se aceito ir ou não.

Caio ficou alguns segundos em silêncio, como se analisasse a situação, até que falou:

— Posso ser sincero?

— Claro.

— Você disse que Alana e Joice vão, além de dois amigos delas... Com certeza, eles vão formar casal quando chegarem lá. Nicolas quer fazer o mesmo com você.

— Acha que ele está querendo que eu vá só para não ficar de vela? — perguntei horrorizada, mas Caio logo balançou a cabeça.

— Não, não é isso. Acho que ele te chamou justamente para formar um casal com você. Talvez, ele não tenha coragem para te chamar para um encontro e essa será uma ótima oportunidade de ele se aproximar.

Não tinha visto a situação por aquele ângulo, mas era uma ótima teoria. Senti-me uma idiota de repente. Meu Deus, para quem lia romances e havia ajudado a melhor amiga a ficar com o seu grande amor, eu era muito desligada quanto a minha própria vida amorosa. Talvez eu fosse assim, por nunca ter *tido* uma vida amorosa para me preocupar.

— Agora só resta saber se você está se sentindo à vontade para dar esse passo com ele ou não — Caio continuou, chamando a minha atenção.

Eu estava me sentindo à vontade? Logo me lembrei do sonho e de tudo o que senti quando Nicolas me beijou. Um tanto nervosa, perguntei a Caio:

— E se ele quiser me beijar?

Assim que perguntei, me senti uma idiota. O que eu tinha na cabeça para perguntar isso para Caio? Com certeza, deveria estar parecendo uma menina boba de treze anos aos olhos dele agora! Esperei pelo seu olhar de julgamento e quase abri a boca para falar para ele esquecer a bobagem que eu havia perguntado, quando ele disse:

— Se você não quiser ser beijada, diga não. Se ele insistir, dê um tapa na cara dele, me ligue e eu vou te buscar na mesma hora.

Ele disse aquilo com uma seriedade que eu nunca imaginei ouvir em seu tom de voz e senti um arrepio de excitação levantar cada pelinho do meu corpo. Caio parecia estar em modo advogado naquele momento — além de um toque de proteção no olhar, que me aqueceu de uma forma um tanto indevida — e me perguntei se era assim que ele lidava com as questões dos seus clientes. Provavelmente sim, e isso explicava o porquê de ele ser um advogado de tanto sucesso.

— E se você estiver no Bar das Onze, bebendo e conhecendo uma mulher bonita? Não vou te atrapalhar — falei mais para lembrar a mim mesma de que ele era um safado sem vergonha, do que para questioná-lo de fato.

— Nada nem ninguém se colocará entre mim e as pessoas com quem eu me importo, gatinha. Acha mesmo que te deixaria nas mãos de um idiota só por causa de uma mulher bonita?

— Não, eu não acho — murmurei sem conseguir disfarçar o encantamento em meu tom de voz. Sentindo-me uma boba, limpei a garganta e continuei, olhando para a grama. — Você deve estar pensando que eu sou uma boboca virgem, e eu sou virgem mesmo, mas já beijei na boca antes e... — Parei de repente, arregalando os olhos e voltando a encará-lo. — Merda, você pode esquecer a parte da virgindade? Eu não queria revelar algo tão íntimo assim. Nossa, eu sou uma idiota!

Ele riu baixinho quando escondi o rosto em minhas mãos e me puxou pelos ombros, dando um beijo em meus cabelos.

— Para de bobagem, você não é idiota, muito pelo contrário. Você é incrível. E não se preocupe com isso, não vou fazer nada com essa informação.

— Ufa! Pensei que você compraria um megafone e sairia espalhando por Santo Elias que eu sou uma “virjona”. — Consegui brincar, mas ainda estava me sentindo uma louca. Eu tinha mesmo que contar que era virgem? Não tinha necessidade alguma de Caio saber disso. — Sou muito impulsiva às vezes.

— Tenho certeza que sim, mas se você deixou isso escapar, é porque confia, ao menos um pouco, em mim e fico feliz em saber disso — falou, colocando dois dedos sob o meu queixo e levantando meu rosto para poder me encarar. Ali, com a cabeça em seu peito, eu podia sentir não só o seu perfume, como as batidas ritmadas do seu coração. — Sei que a perda da virgindade, para as mulheres, é algo muito especial e você não precisa ficar envergonhada por ainda ser virgem. Não há problema algum nisso.

— No fundo, eu sei disso, mas as minhas amigas... Bem, elas já não são mais virgens, mas sabem que eu sou e sempre fica aquela pressão, entende? Eu me sinto meio deslocada.

— Elas não deveriam te pressionar, cada pessoa tem um tempo e você deve respeitar o seu.

Seu polegar subia e descia pelo meu ombro e nunca me senti tão confortável por estar nos braços de outra pessoa que não fossem meus pais ou

minha irmã. Constatar isso me fez sentir o coração disparar, mas não quis me afastar.

— Eu sei, não deixo elas fazerem a minha cabeça.

— Você tem personalidade e é encantadora, pequena. Sabe, quando tinha a sua idade, eu já tinha certa fama...

— Não me diga? Eu acho que você tem “certa fama” desde que nasceu, Caio.

Ele gargalhou e me olhou de soslaio.

— Minha mãe teria me criado em uma redoma se fosse assim. Na verdade, tudo começou quando eu fiz dezoito anos. Eu namorei com uma menina dos dezesseis aos dezoito anos e foi com ela, inclusive, que perdi a virgindade. Ela era um ano mais velha do que eu, não era mais virgem, mas isso nunca me abalou. Quando terminamos, resolvi que iria aproveitar a minha juventude e foi quando comecei a ficar com outras garotas. Eu sempre fui muito sincero, nunca enganava ou fazia promessas para ficar com alguém, deixava claro que queria curtir, poderia até repetir, mas não queria um relacionamento. Acho que foi por isso que a fama de pegador caiu no meu colo. Depois disso, eu me mudei para Goiânia para cursar a faculdade, namorei outra garota por mais dois anos, mas voltei solteiro para Santo Elias. Naquela época, eu também não estava muito a fim de relacionamento e voltei ao modo “pegador”, como gostam de dizer por aí. E sou assim até hoje.

— Nunca mais namorou?

— Nunca mais. Não porque fujo de relacionamento, mas porque é difícil ficar com uma mesma mulher por tempo suficiente para me apaixonar. Eu viajo muito, minha vida é uma loucura. Eu acho que, talvez, esteja na hora de dar uma diminuída no meu ritmo, não porque me sinto velho, mas porque sinto cada vez mais necessidade de ficar em Santo Elias e com os meus pais, que moram em Goiânia. Eu tenho uma casa aqui na cidade e quase não fico nela, isso me desanima um pouco, porque é uma casa foda. Vou te convidar para jantar comigo uma noite dessas.

— Vou cobrar — falei, muito surpresa por ele ter me contado parte da sua vida e desabafado um pouco sobre o que queria para o futuro. Caio era um homem muito mais profundo do que demonstrava. — Sua mãe não fica com medo de você não dar netos a ela?

— Não, minha mãe é tranquila. Ela me cobra às vezes, é claro, principalmente sobre eu trabalhar demais, mas não tem pressa em ser avó.

— Isso é bom, porque, do jeito que você é, só vai ser pai aos cinquenta

anos.

Ele riu e me olhou com uma expressão divertida.

— Pode ter certeza que vou ter o pique de um homem de trinta anos quando eu tiver cinquenta. Meu pau ainda estará funcionando muito bem.

— Meu Deus, Caio! Não quero saber sobre o seu pau!

Exclamei ao gargalhar, mas senti meu baixo ventre se contorcer, surpreendendo-me. Se fosse honesta comigo mesma, teria que admitir que sim, eu queria saber sobre o pau do *advogado*, mas não queria me apegar demais a esse detalhe — já não bastava o que ele havia me ouvido dizer para Gabi naquela conversa fatídica no dia do aniversário dela. Éramos amigos, eu precisava me lembrar.

— Ora, nós demos um passo enorme no nosso relacionamento hoje, nos tornamos mais íntimos, ou acha que esqueci que te deixei com a calcinha molhada? — falou em tom de brincadeira, passando o indicador pela pontinha do meu nariz.

— Caio, pelo amor de Deus! — Eu ri alto e ele me acompanhou, perguntando em seguida:

— E então, vai ao cinema com Nicolas?

— Vou. — Decidi, afastando-me um pouco para olhar em seu rosto. — Posso mesmo te ligar se ele forçar um beijo?

— Claro que sim. E me avise se não tiver dado o tapa na cara dele, assim eu já preparo o meu punho para o soco — falou, estalando os dedos.

— Acho que não será necessário nada disso. Nicolas é realmente um garoto legal, não acho que me forçaria.

— Bom saber disso, pois, se forçasse, eu mesmo acabaria com a raça do moleque.

Eu acabei rindo e logo começamos a conversar sobre outras coisas. Ficamos por ali por mais uns vinte minutos, até voltarmos para minha casa. O sol já estava se pondo, por isso, me despedi rapidamente dele e senti meu coração fazer uma festa idiota no peito quando ele se esticou e me deu um beijo na bochecha.

— Bom encontro, gatinha.

— Não será um encontro — murmurei e ele sorriu.

— Vou torcer para que seja.

Acenei e saí do carro, sentindo muita vontade de me virar e perguntar se eu não podia ficar mais algum tempo ao seu lado. Isso me assustou mais do que a possibilidade de ser beijada por Nicolas, porque eu não podia sentir isso por

Caio, não podia querer ficar mais tempo ao lado dele do que era aceitável. Novamente, tive que me lembrar que éramos amigos. Respirando fundo, repeti aquilo mais umas cem vezes, enquanto entrava em casa e ia direto ao banheiro para me arrumar.



Capítulo 10

Luna

Olhei-me no espelho um tanto indecisa sobre a roupa que estava vestindo. Eu não queria me arrumar demais e dar a entender que estava esperando ser notada por Nicolas, mas também não queria ir vestida como se tivesse colocado a primeira roupa que vi pela frente. Aquela era uma situação muito... Estranha. Sim, essa era a palavra que definia muito bem como eu estava, como me sentia, como aquela situação se desenrolava em minha cabeça. Nunca pensei que, um dia, me preocuparia com o que iria vestir para ir ao cinema com os meus amigos. Sair com eles era algo corriqueiro, me preocupar com o fato de chamar a atenção de um deles era novidade e estava sentindo um pouco de medo.

Senti-me um pouco estúpida com toda aquela insegurança, principalmente porque eu lutava muito contra tudo que me deixasse desconfortável. No fundo, uma voz idiota sempre me fazia questionar se eu não me privava de viver certas coisas por conta desse meu lado inseguro, mas eu gostava de pensar que eu apenas me resguardava do que poderia me machucar. Havia abaixado a guarda uma única vez na minha vida e o que aconteceu havia me marcado para sempre. Não queria dar brechas para que acontecesse de novo.

Sem pensar muito, peguei meu celular e tirei uma foto minha em frente ao espelho de corpo inteiro, a enviando para Caio e depois para Gabi. Havia trocado mensagens com ela enquanto me arrumava, contando que iria para o cinema e que um dos meus amigos parecia estar interessado em mim. Ela demonstrou entusiasmo, mas disse que tinha esperanças de que eu e Caio ficássemos juntos. Eu senti um frio na barriga ao ler sua mensagem, mas logo tratei de tirar aquela ideia louca da sua cabeça, deixando claro que éramos apenas amigos.

“Amiga, você está linda! Seu cabelo ficou perfeito em contraste com esse vestido, o tal Nicolas não vai tirar os olhos de você!”

Li a mensagem de Gabi e me sentei na cama, sem saber se aquilo me animava ou apavorava. Mordendo o polegar, abri a mensagem de Caio assim que o celular vibrou em minha mão com a notificação:

“Gatinha, você está GOSTOSA! O garoto vai infartar.”

Ai, meu Deus.

Li o “gostosa” umas cinco vezes seguidas, antes de me levantar e voltar a me encarar em frente ao espelho. Havia escolhido um vestido que eu mesma havia desenhado e costurado meses atrás. Ele era bem simples, na verdade, todo preto, com um tecido que era bem justo ao corpo, decote ombro a ombro e com mangas compridas. Não estava frio, mas o pano do vestido era fino e a manga não estava ali para me aquecer e, sim, para dar um charme na peça, uma elegância jovial que eu adorava. Eu não sabia que aquele vestido poderia me deixar gostosa. Pegando o celular, enviei uma mensagem para Caio:

“Você está exagerando.”

Abrindo a conversa com a Gabi, resolvi perguntar:

“Eu estou gostosa?”

“Amiga, você já é gostosa, esse vestido só te valorizou. Eu só acho um desperdício você está o usando para sair com esse Nicolas e não com Caio.”

“Gabi, Caio é só meu amigo, não vai acontecer nada entre a gente.”

“Você não pode me impedir de nutrir esperanças. Mas, de qualquer forma, divirta-se, amiga, você merece! Depois quero todos os detalhes, espero que o tal Nicolas beije bem.”

“Para, não quero ficar nervosa! Obrigada, Gabi, amo você.”

“Também te amo.”

Senti uma nova onda gelada em minha barriga e fui abrir a mensagem de Caio.

“Pequena, eu não sou o tipo de homem que mente para uma mulher. Você está linda, gostosa pra caralho, nem sei mais se Nicolas merece

levar você ao cinema.”

“Bom, ele é o único interessado no momento, estou pelo menos tentando fazer com que ele não se arrependa.”

“Posso ligar pra você?”

Meu coração disparou feito um louco. O que Caio tinha de tão importante para falar comigo que não podia ser por mensagem? Curiosa, mandei um “sim” e, dois segundos depois, meu celular começou a tocar.

— Oi — murmurei, voltando a me sentar na cama.

— Oi, gatinha. Tem certeza que está tudo bem? Estou preocupado.

— Com o quê? Está achando que estou bonita demais para ir ao cinema?

— Resolvi brincar e ele riu do outro lado da linha.

— Sim, você está realmente bonita demais, mas não é isso. Eu fiquei pensando... Você quer mesmo ir? Ou só está indo por causa da conversa que tivemos hoje? Eu não quero que você se sinta pressionada, Luna.

A preocupação em seu tom de voz era tão genuína, que senti parte da minha insegurança, daquele medo bobo, abrandar. Eu não enxergava Caio como uma pessoa que estava me pressionando, pelo contrário. Minhas amigas me pressionavam o bastante quando saíamos juntas, sempre falando que eu deveria dançar mais, beber mais, beijar na boca, ir para cama com alguém. Caio era diferente, assim como Gabi, ele apenas conversava comigo, abria a minha mente, me fazia enxergar outras possibilidades. Quanto mais tempo passava ao lado deles, menos queria ficar com Maíra, Joice e até Alana que, mesmo sem me pressionar tanto quanto as outras duas, acabava entrando na onda delas e concordando com algumas coisas que diziam.

— Você me fez enxergar que Nicolas pode estar se interessando por mim e, por mais que no começo eu tenha pensado que poderia ser loucura da sua cabeça, entendi que provavelmente não é. Conversando com você, percebi que quero arriscar e ver até onde vai dar. Você não me pressionou a nada, Caio, pelo contrário... Me deu coragem — falei baixinho no final, sentindo que estava me expondo um pouco mais para ele, mas bem longe de ficar desconfortável com isso.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho. No final, acho que você é um bom advogado mesmo, pois abriu os meus olhos para um monte de possibilidades. Posso não entender muito sobre Direito, mas sei que uma das funções de um advogado é abrir os horizontes para os seus clientes e deixar bem claro o que é bom e o

que não é. Obrigada por isso — falei e Caio riu.

— Eu sou excepcional na minha área, gatinha, não é à toa que a minha agenda vive lotada.

— E, mesmo assim, arranja tempo para ser meu amigo. Não sei se acredito muito que tem essa gama enorme de clientes.

— Estou arrumando minha mala nesse exato momento, pois tenho um voo amanhã à tarde. Isso prova que tenho bastante clientes?

— Vai viajar de novo? Que rotina cansativa.

— É cansativa, sim, mas eu amo o que faço. Às vezes eu reclamo, mas não saberia fazer outra coisa.

Abri a boca para responder, mas minha mãe me interrompeu ao bater na porta do meu quarto e avisar que Nicolas estava lá fora. Pedi para que ela avisasse que eu já estava indo e me levantei da cama, voltando a responder Caio:

— Nicolas chegou, preciso ir. Obrigada pela preocupação comigo, *advogado*, acho que você está ganhando um espacinho no meu coração.

— Só um espacinho? Eu sou um homem grande, gatinha, você tem que me acomodar confortavelmente — brincou, me arrancando uma gargalhada.

— Vai ter que fazer por merecer — falei, sem querer desligar, mas sabendo que precisava. — Beijos.

— Beijos, pequena. Divirta-se. Qualquer coisa, é só me ligar.

— Está bem. Tchau, *advogado*.

— Tchau, gatinha.

Eu ainda fiquei alguns segundos com o celular pressionado contra a orelha, ouvindo a respiração cadenciada de Caio, antes de me dar conta de que aquela não era uma atitude que uma amiga deveria ter e finalmente desligar. Respirando fundo, guardei o aparelho em minha bolsinha e passei as palmas das mãos suadas pelo vestido, antes de sair do meu quarto. Encontrei minha mãe na porta de casa, conversando animadamente com Nicolas. Ela gostava dele e não consegui tirar da minha cabeça o momento em que seus olhos brilharam quando falei que iríamos ao cinema. Não era algo incomum, sempre ia ao cinema com meus amigos, mas minha mãe pareceu perceber que havia algo mais naquele passeio.

— Você está linda, meu amor! Espero que se divirtam — ela disse, me dando um beijo na bochecha antes de se afastar da porta. — Nicolas, dê um abraço nos seus pais.

— Pode deixar, Dona Rosana — ele disse, esticando a mão para mim.

Estava um pouco constrangida por estar na frente da minha mãe, mas ela logo me empurrou pelos ombros e fechou a porta, deixando-nos sozinhos. Assim que peguei a sua mão, ele disse: — Você está perfeita, Luna. Linda demais.

— Obrigada, você também está lindo.

O elogio foi verdadeiro, pois Nicolas estava mesmo bonito, diferente, mais arrumado do que de costume. Usava um jeans de lavagem escura, sapatos aparentemente novos, uma camisa de meia manga clara, o cabelo estava meio jogado, típico dele e o perfume estava mais forte. Fiquei me perguntando se tinha se arrumado daquele jeito para me impressionar e fiquei um pouco excitada com a expectativa, apesar de ainda estar nervosa.

Fomos juntos para o carro do seu pai, que ele pegava emprestado às vezes, e me acomodei no banco do passageiro. Assim que ele girou a chave na ignição, uma música soou dos autofalantes e eu sorri.

— Seu pai continua apaixonado pelos Beatles?

— Sim! E isso não vai mudar — ele riu, mexendo no rádio do carro até parar em uma estação que tocava música sertaneja. — Bem melhor.

Eu só escutava música sertaneja quando saía, pois era o estilo musical que predominava em Santo Elias, mas, como conhecia algumas duplas, Nicolas e eu começamos a conversar sobre os últimos *hits*. Foi bom, pois aquele era um campo neutro e eu senti parte do meu nervosismo ir embora enquanto falávamos e ríamos, às vezes cantando um trecho ou outro de uma música. No fundo, Nicolas ainda era o garoto com quem eu havia crescido e eu não queria perder aquela intimidade que tinha com ele, apesar de as coisas terem mudado quando nos tornamos adolescentes, com ele correndo atrás de outras meninas e eu mais quieta no meu canto.

Não saberia explicar em que momento seu olhar mudou sobre mim. Poderia falar que ele já havia ficado com todas as mulheres bonitas de Santo Elias, mas isso seria mentira, pois a rotatividade de turistas era bem grande e, apesar de frequentarmos mais o Bar dos Calouros, sempre havia novidade por ali com os estudantes da faculdade que ficava na cidade vizinha. Talvez, ele tenha apenas começado a me notar como algo mais do que uma amiga, mas, ao tentar pensar em um motivo, minha mente travava. Não que eu me achasse feia, mas sabia que havia mulheres mais bonitas, interessantes, dispostas, e eu era apenas... Eu. Um pouco revoltada por pensar daquele jeito de mim mesma, balancei a cabeça e voltei a prestar atenção no que ele dizia, decidida a aproveitar aquela noite ao seu lado.

Vinte minutos depois, chegamos ao pequeno shopping onde ficava o

cinema. Por aquela ser uma cidade maior do que Santo Elias, com muitos universitários, uma empresa havia decidido que um shopping center poderia trazer mais lucros para a região e a aposta havia dado certo. O lugar estava cheio e a fila para comprar ingressos estava enorme, mas como já estávamos com os nossos em mãos, fomos direto para a fila da pipoca, onde encontramos com Alana, Joice e os dois meninos que as acompanhavam, Gustavo e Luiz. Caio acertou em cheio quando disse que eles logo formariam um casal, pois ali, ainda na fila, Gustavo já estava com o braço na cintura de Alana e Joice estava pendurada no pescoço de Luiz.

— Que tal dividirmos uma pipoca gigante? — Nicolas perguntou assim que chegou a nossa vez de fazer o pedido.

— Tudo bem, mas eu pago.

— Nada disso, você é minha convidada, eu pago — falou com um sorriso, me dando uma piscadinha.

Ainda pensei em discutir, mas achei melhor aceitar e senti minhas bochechas ficarem quentes quando vi o sorriso de Joice para cima de nós dois. Ela apontou para Nicolas, que conversava com a atendente, e disse sem som para mim: “*ele está caidinho por você, aproveita!*”. Sem saber ao certo o que responder, apenas ri e me virei para Nicolas, que me deu um copo enorme de refrigerante e uma bolsinha com chocolates e chicletes.

Minutos depois, nos acomodamos em nossas poltronas e fiquei mais confortável ao perceber que quem estava ao meu lado direito era Gustavo e não uma das meninas, pois não queria que elas ficassem de olho em mim e em Nicolas, que estava sentado ao meu lado esquerdo. Os *trailers* começaram e as luzes foram diminuindo gradativamente, até a tela ser o único ponto de luz na sala enorme e já lotada. Um pouco tensa, peguei a pipoca e meus dedos esbarraram nos de Nicolas que me surpreendeu ao envolvê-los por alguns segundos. Precisei levantar meu rosto para olhar para ele e encontrei seus olhos em cima de mim, intensos, e um sorrisinho brincando em seus lábios. Nervosa, retribuí antes de colocar um pouco de pipoca em minha boca.

— Depois a gente pode voltar aqui para ver esse filme — ele disse em meu ouvido, apontando para o *trailer* de uma comédia romântica que passava na tela. — Lembro que esse é seu gênero favorito.

— E eu lembro que o seu é filme de terror. Ainda não entendo como isso é possível.

Ele riu e passou o braço pelos meus ombros, me deixando um pouco mais

tensa. Fiz de tudo para relaxar e não pude não deixar de pensar em Caio. Ele fazia isso comigo desde a noite do aniversário da Gabi, mas nunca me senti tensa com ele, apenas surpresa. Hoje, seus movimentos, sorrisos, toques, abraços e até os beijos em minha bochecha, eram naturais, algo que eu até mesmo esperava. A voz de Nicolas me despertou:

— Você precisa entender a magia dos filmes de terror. Vai muito além de tomar susto ou sentir medo. É algo eletrizante.

— É eletrizante mesmo, se eu vir um, nem durmo à noite.

Falávamos baixinho, por isso, ele se aproximou um pouco mais. Seus lábios roçaram em minha bochecha e senti um arrepio descer pela minha espinha.

— Vou te levar lá em casa para vermos um filme da minha coleção. Deixo você me agarrar se sentir medo.

— Por que eu sinto que você tem segundas intenções com esse convite? — perguntei em tom de brincadeira, apesar de ter certeza de que ele realmente não queria apenas ver um filme comigo.

— Porque eu tenho.

Seu sorriso era enorme, até um pouco contagiante, por isso, me peguei sorrindo também, apesar de me perguntar o porquê de não sentir mais nada. Eu não era idiota, muito pelo contrário, afirmava com orgulho que era formada em romance por conta dos livros que lia e, justamente por causa deles, percebi que havia alguma coisa errada. Gostava de Nicolas, ele era meu amigo, era um cara bonito, divertido, parecia realmente interessado em mim. Por que eu não conseguia sentir o mesmo?

O filme começou e nos calamos para poder prestar atenção. Era um suspense misturado com ação, um gênero que eu gostava, apesar de preferir os romances, mas não consegui me prender ao enredo. Estava muito consciente do braço de Nicolas em volta dos meus ombros, do seu polegar acariciando a minha pele, do modo como havia escorregado em seu banco para ficar mais perto de mim. Quando os protagonistas do filme entraram em um galpão mal iluminado e a sala do cinema ficou coberta pela escuridão, senti os dedos de Nicolas encostarem em meu rosto e puxarem meu queixo em sua direção. Mal conseguia enxergar as suas feições, mas consegui distinguir o seu olhar.

— Quero muito beijar você, Luna... Posso?

Meu coração quase despencou do peito. Eu sabia que isso poderia acontecer, estava até esperando, havia tentado me preparar de alguma forma,

mas, agora, estava completamente sem reação. Não sabia como responder, apesar de ter a resposta bem formada em minha cabeça. O nervosismo deu um nó em meu estômago e pensei imediatamente em Caio. Ele disse que eu poderia ligar para ele a qualquer momento. Esse seria o momento adequado? Porque eu estava louca para fugir.

— Eu... Eu não... Eu...

As palavras me faltaram e as luzes mais claras do filme me mostraram a expressão de Nicolas. Ele ainda me olhava com intensidade, mas me deu um sorriso compreensivo.

— Tudo bem se você não quiser, Luna. Não quero que você faça nada que não queira.

— Eu só... Eu acho que esse ainda não é o momento certo — murmurei, querendo sair correndo dali e me esconder para sempre no primeiro buraco que encontrasse.

Não era o momento certo por quê? Qualquer garota da minha idade beijava inúmeras bocas sem nenhuma complicação, por que eu tinha que ser assim tão complicada, tão problemática, com algo tão simples quanto um beijo na boca? Assentindo, Nicolas se aproximou e me deu um beijo demorado na bochecha, apertando o meu ombro com delicadeza.

— Então eu vou esperar pelo momento certo — falou baixinho, antes de me dar mais um beijo, dessa vez mais perto da minha boca, e se afastar para voltar a prestar atenção no filme.

Eu engoli em seco com dificuldade por conta do nó intenso que se formou em minha garganta. Lágrimas invadiram os meus olhos e cenas do passado voltaram com tudo em minha mente, fazendo com que eu me sentisse presa, mesmo depois de ter jurado para mim mesma que não deixaria que mais nada daquilo me afetasse. Mas ainda afetava e a constatação doeu muito. Perceber que, talvez, eu nunca fosse ser uma pessoa normal, fez o meu coração se estilhaçar.



Caio

Recebi mensagens de três amigos insistindo para que eu fosse ao Bar das Onze, mas algo me impeliu a ficar em casa naquela noite. Poderia dizer que era porque iria viajar no dia seguinte, mas seria uma desculpa esfarrapada, pois esse não era um motivo para me fazer desistir de ir para a farra com meus amigos. O motivo tinha cabelos coloridos, era baixinha e, não sabia exatamente o porquê, não queria sair da minha mente.

Depois de termos passado parte da tarde juntos, me peguei pensando em Luna enquanto deixava a fazenda de Ramon para trás, repassando nossa conversa em minha cabeça. Sua espontaneidade me encantava, seu jeitinho impulsivo, seu sorriso, a forma como parecia destemida, mas que, mesmo assim, ficava vermelha de vergonha com facilidade. Algo dentro de mim me dizia que Luna ia muito além do que gostava de mostrar e isso me deixava em alerta, um tanto preocupado. Ela parecia ser frágil, de certa forma e, conforme dirigia pelas estradas calmas de Santo Elias, fiquei me perguntando se não havia me precipitado ao incentivá-la a ir ao cinema com Nicolas.

Minha mãe havia me aconselhado a ter calma e eu concordei, mas comecei a me indagar se eu não havia colocado o carro na frente dos bois. Luna era tímida, parecia insegura quando o assunto era relacionamento. O fato de não ter percebido o interesse nítido de Nicolas demonstrava isso. Não sabia até que ponto ia a sua insegurança, se era algo da sua personalidade, ou se tinha algum motivo por trás. A conhecia há pouco tempo e precisava ter em mente que a nossa amizade era recente, não queria ser um babaca com ela, agir como agia com Ramon, quando falava umas verdades na cara dele em relação a Gabizinha. Luna era diferente, especial, merecia ser tratada de outra forma.

Por isso fiz questão de ligar para ela e perguntar se queria mesmo ir ao tal encontro ou se eu a havia induzido a isso. Sua resposta me tranquilizou, pois senti que estava sendo verdadeira, mas, mesmo assim, fiquei preocupado. Poderia ser besteira minha, talvez ela estivesse confortável ao lado de Nicolas neste momento, beijando a boca dele, se divertindo e com os pensamentos bem longe de mim ou de qualquer outra pessoa, mas não consegui relaxar.

Fiquei passeando pelos canais da TV, tentando achar algo interessante para assistir, depois entrei na Netflix, cheguei até a colocar uma série para rodar, mas quando percebi que nada iria prender a minha atenção, resolvi pegar meu notebook e tentar adiantar parte do meu trabalho. Enviei *e-mails*, respondi alguns para Ramon — pois o abusado se achava no direito de me reenviar seus *e-mails* para que eu respondesse —, reli um relatório e alterei cláusulas de dois contratos. O trabalho me distraiu um pouco, como sempre fazia, e,

quando me dei conta, já passava das onze da noite. Com a coluna doendo por ter ficado sentado na mesma posição por tempo demais, me espreguicei e desliguei o computador, puxando meu celular de cima da mesinha de centro.

Luna voltou aos meus pensamentos e percebi que ela já deveria estar em casa a essa hora. Comecei a enviar uma mensagem, mas logo apaguei, dando-me conta de que, talvez, ela *não* estivesse em casa. E se tivesse ficado mesmo com o tal do Nicolas? E se eles tivessem esticado, ido para a casa dele ou, sei lá, para um motel? A possibilidade me fez sentir um golpe gelado no estômago, mesmo sem eu saber o porquê. Lembrei-me novamente da nossa conversa mais cedo, ela deixando escapar que era virgem e, de repente, fiquei com receio de que se entregasse para Nicolas. Ela não parecia muito certa de que queria sair com ele, será que iria para a cama com ele? E se ele a forçasse? O pensamento um tanto irracional me deixou meio furioso e, sem pensar duas vezes, voltei a digitar:

“Gatinha, já está em casa? Como foi o encontro?”

Li e reli a mensagem mil vezes antes de enviar, com medo de estar me metendo demais onde não era chamado. No entanto, me dei conta de que a minha pergunta não tinha nada demais, porque, realmente, não *deveria* ter nada demais. Eu era o tipo de cara que deixava a preocupação toda em cima do trabalho, onde eu deveria ser sério e profissional. Minha vida particular era bem mais leve, tanto que eu me cercava de pessoas com o mesmo senso de humor que eu — menos Ramon, ele era um caso à parte e a sorte dele era que eu o amava como um irmão que nunca tive — e quase nunca me estressava ou me preocupava. No entanto, estava preocupado com Luna e isso me deixou um pouco chocado. Não sabia que ela já era tão importante para mim.

Fiquei cinco minutos sentado no sofá, esperando por uma resposta que não veio. Falando para mim mesmo que estava tudo bem, desliguei a TV, peguei meu notebook e o coloquei de volta na minha pasta. Fui ao banheiro, mijei, escovei os dentes, por fim, me joguei na cama e liguei o ar condicionado. No momento em que me acomodei melhor sobre o travesseiro, meu celular vibrou e eu o peguei correndo, vendo que era uma mensagem de Luna.

“Sim, já estou em casa. Foi legal.”

Não queria ser sistemático, nem agir no modo advogado ao tentar caçar

pistas, ler nas entrelinhas, mas algo me dizia que ela estava mentindo. Fiquei me perguntando como deveria agir, se deveria insistir, pedir por detalhes, mas logo me recriminei. Porra, eu não deveria agir como um idiota! Não queria deixá-la desconfortável.

“Fico feliz que tenha se divertido, gatinha. Nicolas não foi um babaca, não é?”

“Não, ele foi maravilhoso comigo. Ele quis me beijar, mas eu disse não e ele respeitou o meu não.”

Precisava confessar que eu não esperava por aquilo, ou melhor, por *tudo* aquilo. Não esperava que ela fosse me contar o que havia acontecido, muito menos que teria negado o beijo, apesar de ter demonstrado certo receio sobre isso quando conversamos. Para mim, beijar era tão normal quanto respirar, era o começo de tudo. Pouco coisa me amarrava no quesito sexual e o beijo fazia parte da minha vida desde muito jovem. Não lembrava ao certo, mas achava que tinha beijado pela primeira vez quando completei treze ou quatorze anos. Obviamente, hoje, os adolescentes estavam cada vez mais ousados e precoces, mas, na minha época, beijar com aquela idade era o ápice da adolescência. Parte de mim ficou se perguntando por que beijar era algo tão difícil para Luna, não como forma de julgamento, mas porque eu queria entender melhor o que acontecia com ela.

“Perfeito, isso mostra que ele tem caráter. E fico feliz que você tenha sido sincera com ele, que não tenha feito algo só para agradá-lo.”

“Agora eu acho que eu deveria ter feito. Deveria ter o beijado. Estou me sentindo uma idiota insegura, com medo de um beijo. Fala sério, eu não sou patética?”

Li sua última mensagem com o peito apertado, como se pudesse sentir a sua agonia e, sem pensar muito, me sentei na cama e liguei para ela. Eu sentia que algumas coisas precisavam ser ditas e não escritas. O ideal seria olhar em seus olhos, mas a distância, infelizmente, não permitia. Ela atendeu no segundo toque e eu falei antes que pudesse sequer me dizer “alô”:

— Você não é patética, não pense assim sobre si mesma, Luna. Estou falando muito sério!

Esperei pela sua resposta, achei até que iria rir e debochar de mim, mas fiquei assustado quando ouvi um suspiro entrecortado, seguido por um

solução. Ah, merda... Porra!

— Gatinha, você está chorando?

— Não — falou com tom de choro, mentindo na cara dura.

Senti-me um babaca, percebendo que a culpa havia sido minha. Que merda eu tinha na cabeça? Estava na cara que eu não tinha a mínima condição de agir de forma delicada, como um amigo deveria fazer. Aquele era um papel novo para mim também, mas pensei que eu teria mais desenvoltura. Um tanto desesperado, levantei-me e comecei a andar pelo meu quarto.

— Merda, eu sinto muito, pequena, eu não falei aquilo para brigar com você, eu juro. Porra, sou um idiota!

— Não é, não.

— Claro que eu sou! Agora está chorando por minha culpa.

— Não é sua culpa, eu só... Eu não sei, eu acho que estou sensível. Queria ter agido diferente — confidenciou baixinho, ainda chorando.

— Queria ter o beijado?

— Sim.

— Mesmo sem sentir vontade? — Minha pergunta pairou no ar e ela ficou alguns segundos em silêncio, sem responder. Resolvi continuar: — Você não deve se sentir culpada por ter agido com o que sentia, gatinha. Se tivesse o beijado, agora estaria se sentindo pior por ter feito algo que não queria.

— Por que eu não queria? Esse questionamento me perturba. Todo mundo beija na boca, é algo normal, mas, aparentemente, eu não sou normal.

Mais uma vez, senti que havia algo por trás das suas palavras. Eu não conseguia detectar o que era, mas sentia.

— Sabe o que a minha mãe costuma dizer? Na verdade, o que todas as mães costumam dizer?

— O quê?

— Você não é todo mundo — falei e pude ouvir sua risada curta do outro da linha, o que me deixou mais calmo. — Está tudo bem em não agir como todo mundo age, Luna. Ser diferente é o que torna cada pessoa especial.

— Eu não querer beijar na boca me torna uma pessoa especial? — ela perguntou em tom de brincadeira, mas eu resolvi levar a sua pergunta a sério.

— Vai chegar um momento que você vai encontrar uma pessoa que vai te ajudar a se despir de todos os seus medos, as suas inseguranças. Você vai olhar para essa pessoa e vai sentir vontade de ser tocada, abraçada, beijada, vai se sentir segura de todas as formas possíveis — falei desejando aquilo para ela com todo o meu coração. Eu não era uma pessoa emotiva, mas senti

muita vontade estar com ela em meus braços naquele momento, para fazer com que sentisse que eu desejava aquilo com tudo de mim.

— Você acha que isso vai acontecer mesmo? — ela perguntou fungando baixinho.

— Eu tenho certeza.

— Então eu vou acreditar. Acho bom estar certo, *advogado* — ela brincou e eu podia jurar que estava secando as lágrimas.

— Eu geralmente sempre estou certo, gatinha, pode perguntar ao Ramon. Ele vai querer negar, mas você vai ver que ele não terá para outra opção a não ser dizer que sim — falei e ela riu. Voltei a me acomodar na cama, sentindo meu coração acalmar suas batidas frenéticas. — Está mais calma?

— Sim. Não sei que superpoder é esse que você tem, mas parece que você sempre sabe o que dizer para me acalmar.

— Conte sempre comigo para cuidar de você. E para te fazer rir também, te irritar... Eu tenho mil e uma especialidades.

— Ai, meu Deus... — ela riu alto e depois abafou o som. — Quase acordei todo mundo aqui em casa. Sabe o que é pior?

— O quê?

— Eu acredito que você tem mil e uma especialidades mesmo. Sei que não deveria falar isso, porque você está bem longe de ser uma pessoa modesta, mas é a verdade.

— Eu sou modesto. Reconheço as minhas qualidades e fico feliz que você as reconheça também.

— Eu reconheço, mas não fique se gabando. Obrigada, Caio, por tudo. Eu achava que Gabi era minha melhor amiga, mas estou vendo que você está quase ocupando o pódio ao lado dela.

— Para o desespero do Ramon, ele vai ter que me emprestar a Gabizinha.

— Acho que ele não vai se importar.

— Eu não ligo muito se ele se importar, mas também acho que ele não vai — falei sorrindo e ela riu. — Não precisa agradecer, gatinha. E me desculpe de novo, eu não quis ser rude.

— Você não foi, pelo contrário, foi muito fofo. Se ficar mostrando essa sua versão por aí, vai chover mulher apaixonada na sua porta.

— Acho que é a primeira vez que alguém me chama de fofo, só por causa disso, vou deixar que essa versão seja exclusiva apenas para você.

— Estou me sentindo lisonjeada.

Sua risada era como música para o meu ouvido, por isso, fiquei mais

alguns minutos com ela ao celular, até me dar conta de que eu precisava acordar cedo no dia seguinte, pois ainda precisava pegar três horas de estrada até Goiânia. Despedimo-nos e, assim que desliguei, mandei uma mensagem para Gabi, pedindo para que ficasse de olho em Luna. Não entrei em detalhes com ela sobre o que havia acontecido, pois não cabia a mim falar nada, mas tinha certeza de que Luna se abriria com ela também.

Com o coração mais leve e a preocupação mais branda em minha cabeça, virei-me para o lado e tentei dormir.



Capítulo 11

Luna

Passei boa parte da madrugada acordada, me revirando na cama, repassando em minha mente tudo o que havia acontecido na noite anterior. Eu odiava ficar remoendo coisas ruins, que me faziam mal, mas foi impossível expulsar da memória os minutos tortuosos em que fiquei naquela sala de cinema, fingindo prestar atenção no filme que passava na tela gigante, quando a minha cabeça estava bem longe dali. Engoli o choro tantas vezes, que comecei a me sentir estúpida e precisei ir ao banheiro para respirar fundo e tentar acalmar as minhas emoções.

Não era culpa de Nicolas, ele ainda me abraçava, acariciava meu ombro, mas não havia feito mais nenhum movimento para cima de mim, não pediu para me beijar de novo, não me tocou de maneira indevida. Também não era o fato de eu saber que Alana e Joice estavam aos beijos com os meninos bem ao meu lado, o que me mostrava, mais uma vez, como aquele ato parecia ser tão simples. O problema era eu. Eram as lembranças, as sensações, tudo o que pensei que não me atingia mais.

Demorei mais tempo do que deveria no reservado e, quando saí, encontrei Joice se olhando no espelho. Ela estava com os lábios um pouco borrados de batom rosa e sorriu para mim, toda animada. Suas palavras ficaram girando em minha mente por um bom tempo.

— Sua danadinha, está pegando o Nicolas! Quem diria, em? E eu achando que você estava tendo um caso com Caio Alcântara!

— Eu deixei bem claro que não estava tendo um caso com ele.

— Sim, eu sei, mas pensei que poderia ter rolado alguma coisa depois que vocês foram embora do bar. — Ela deu de ombros, me dando um sorrisinho. — De qualquer forma, Nicolas não é de se jogar fora, pelo contrário, ele é muito bom no que faz! Você sabe que a gente já ficou, né? Então, amiga, se

joga! Acho que ele é perfeito para tirar a sua virgindade, até porque, está na hora de se livrar logo desse lacre e começar a aproveitar a vida de verdade!

— Está achando que vou sair daqui e ir direto para cama dele?

— Por que não? Eu, se fosse você, não perderia essa oportunidade — piscou para mim. — Agora preciso voltar, pois o filme está muito bom, se é que me entende.

Rindo, ela se afastou e saiu do banheiro, me deixando sozinha. Eu ainda demorei um pouco mais para lavar as mãos, repassando suas palavras em minha cabeça. Eu não entendia por que o fato de eu ser virgem parecia incomodar tanto as meninas. Se elas sequer imaginassem que um simples beijo na boca me perturbava tanto, certamente, nunca mais me deixariam em paz. De volta à sala de cinema, Nicolas voltou a me abraçar e eu fiz de tudo para tentar relaxar, pois não queria que ele percebesse como eu estava incomodada, mexida. Ele não parecia estar muito preocupado com o fato de eu ter recusado o seu beijo, mas me perguntava se ele estava se sentindo mal. Não queria que ele pensasse que a culpa era dele, quando não era.

A tortura finalmente acabou junto com o filme. Os dois casais não pareciam nem um pouco dispostos a parar em algum lugar para lanchar, querendo logo ir para um lugar privado, e eu agradei internamente por isso, recusando quando Nicolas perguntou se eu queria comer alguma coisa. A viagem de volta para casa foi mais tranquila, ele puxou assuntos aleatórios e eu consegui interagir e relaxar um pouco mais, no entanto, quando parou na porta da minha casa, me senti tensa de novo. Logo percebi que estava sendo idiota, pois Nicolas apenas sorriu e segurou a minha mão.

— Adorei a nossa noite, Luna, espero que você tenha gostado também.

— Eu gostei — menti, pois não queria que ele se sentisse mal com a verdade. — Nicolas, sobre o beijo, eu...

— Luna, não precisa se justificar, está tudo bem. Eu sei que há muitos caras idiotas por aí, que insistem quando recebem um não, mas eu não sou assim. Eu gosto muito de você, sempre gostei, e, agora, queria me aproximar um pouco mais, ser mais do que um amigo, mas entendo se você não quiser ou não sentir o mesmo.

Meu coração ficou apertado no peito, pois Nicolas, apesar de ter se tornado o tipo de homem que pegava todo mundo, que nunca ficava sozinho em uma festa, era uma pessoa especial, que eu também gostava. Se fosse em outras circunstâncias, com certeza, eu também me interessaria.

— Eu também gosto muito de você, só que não desse jeito.

— Isso quer dizer que eu deveria desistir?

Estava muito confusa, aquela noite havia sido muito estranha, me causado um turbilhão de emoções, despertado lembranças que eu não gostava de revisitar. Por isso, resolvi ser sincera:

— Eu acho que talvez seja melhor continuarmos como sempre fomos, apenas amigos.

Ele assentiu um pouco sério, mas, por fim, sorriu e apertou a minha mão, acariciando o dorso com o polegar.

— Está bem. Talvez, em outro momento, a gente possa se dar mais uma chance, o que acha? Sem cobranças, é claro, apenas se você quiser.

— Quem sabe? Vamos deixar o tempo dizer.

Um pouco mais tranquila, me aproximei e o abracei, sentindo seus lábios em minha bochecha antes de sair do seu carro e entrar em casa. Agora, observando o céu ficar claro pela janela do meu quarto, deitada de bruços na cama, conseguia perceber que me senti bem em seus braços na hora de nos despedirmos. Por que não consegui me sentir assim no cinema? Lembrei das últimas vezes que beijei na boca, como me obriguei aquilo porque queria novas sensações, queria novas memórias e foi horrível. Como eu era a menina doida do grupo, a que fazia todo mundo rir, geralmente, não era aquela que era procurada na hora da conquista e, apesar de parte de mim se ressentir disso, a outra parte ficava aliviada. Ser alvo da atenção de Nicolas nesse momento estava me deixando um pouco desestabilizada, assustada por estar saindo da minha zona de conforto.

Em algum momento, consegui cochilar e acordei com minha mãe me chamando ao pé da cama. Ela disse alguma coisa sobre Fernanda chegar mais tarde naquele dia, pois teria que ficar fazendo um trabalho na escola e me pediu para colocar o frango no forno para o jantar. Eu apenas assenti e virei para o lado quando ela saiu, mas não consegui dormir mais. Fiquei deitada por alguns minutos, aproveitando a calmaria em minha cabeça, até que ouvi o meu celular vibrar em cima da mesinha de centro. Sorri quando vi que era uma mensagem de Gabi.

“Vamos dar uma volta pela fazenda? Estou sentindo a sua falta!”

Eu ri um pouco enquanto digitava, pensando que a gente tinha se visto há apenas dois dias e nos falado por mensagem. Mesmo assim, também sentia a sua falta. Falei que só iria tomar banho e comer alguma coisa e foi isso que

fiz, saindo de casa quarenta minutos depois, sentindo a brisa fresca ao caminhar até o casarão. Encontrei com Gabi na varanda, abraçada a Ramon. Eles riam e pareciam muito felizes e confortáveis juntos, o que me dava muita alegria e uma pontada de orgulho — afinal, eu havia visto sentimentos entre os dois antes que eles tivessem se dado conta de que eles existiam. Ramon falou alguma coisa no ouvido dela e Gabi e se virou, olhando para mim e abrindo um sorriso.

— Ainda bem que você não veio de vestido, pois vamos cavalgar! — falou ao me abraçar bem forte e eu retribuí.

— Hum, parece que alguém já pegou o costume de montar no lombo de um cavalo — comentei.

Gabi vinha treinando com Bruma há algumas semanas, principalmente porque queria começar a domar o Trovão, um dos cavalos mais arredios da fazenda. No começo, achei aquela história uma loucura, mas depois de ver como o cavalo se comportava ao lado dela, entendi que entre eles havia algum tipo de ligação. Era muito bonito de se ver.

— Apreendi que cavalgar é bom demais.

Ela deu uma piscadela para mim e eu segurei uma risada ao me lembrar do apelido que ela havia dado para o... Bem, para o pênis do Ramon. Sem saber onde enfiar minha cara, mordi o lábio para tentar conter a vergonha e a gargalhada que queria escapar do fundo da minha garganta e ouvi a voz potente do Sr. Baldez:

— Tomem cuidado, tudo bem? Nada de ir para muito longe. — Ele deu um beijo em Gabi, acho que sem perceber que o comentário dela tinha um duplo sentido, pois, certamente, nem sonhava que eu sabia sobre a história do cavalo, em seguida, me deu um abraço rápido pelos ombros. — Luna conhece bem a fazenda, sabe até onde é seguro ir. Qualquer coisa, me liguem.

— Pode deixar — falei e, assim que ele se afastou completamente, comecei a rir. — Meu Deus, Gabi, quase morro engasgada com essa sua história de cavalgar!

— E eu falei alguma mentira? Cavalgar é ótimo, você que tem a mente suja! — falou rindo de mim, tomando-me pela mão. — Vamos, os rapazes já arrumaram as éguas para nós duas.

Eu havia morado até os dois anos em uma casa modesta no centro de Santo Elias, quando meu pai e minha mãe ainda estavam juntos e só brigavam, mas não se separavam. Quando meu pai resolveu sair de casa, minha mãe

arrumou um emprego em uma fazenda muito grande e nos mudamos para lá. Ali, eu tive o meu primeiro contato com os cavalos, mas o dono da fazenda não gostava de dar regalias alguma aos empregados e nunca pude montar. Foi apenas quando me mudei para a fazenda Baldez, que tudo mudou e eu tive mais liberdade. Ramon sempre deixou claro que eu poderia ser livre ali e, por isso, aprendi a cavalgar quando ainda era criança. Hoje em dia o fazia ocasionalmente e fiquei feliz por Gabi ter tido aquela ideia. Seria maravilhoso fazer aquele passeio com ela, principalmente depois do que havia acontecido ontem à noite. Sentia que eu precisava mesmo recarregar minhas energias.

Ela montou em Bruma e eu montei em Mirna, uma égua que eu já era acostumada a cavalgar, e começamos a percorrer a fazenda e nos afastar do pessoal que estava trabalhando. Pegamos um pouco mais de velocidade quando chegamos em uma área mais deserta e perguntei como estava o seu pai. Apesar de estar feliz com Ramon, Gabi carregava o fardo de ter o pai preso em uma cama de hospital, em coma.

— O médico garantiu que ele está melhorando, até respondeu alguns estímulos nos últimos dias, mas nenhum na minha frente, infelizmente. Quero muito que ele acorde logo, apesar de ainda me sentir dividida por conta do seu passado com Ramon.

— Ele é seu pai, Gabi, é claro que você quer que ele acorde, não precisa se sentir culpada por conta disso.

— Racionalmente, eu sei disso, mas por dentro sempre fica uma sensação estranha de culpa... Vamos sentar ali?

Ela apontou para uma árvore mais à frente e eu assenti, diminuindo as passadas de Mirna até chegarmos perto o suficiente para desmontar. Deixamos as éguas sob à sombra e nos sentamos ali perto. Parecíamos apenas dois pontinhos naquela imensidão verde a se perder de vista.

— Chega de falar do meu pai e vamos falar de você! Como foi o encontro com o tal Nicolas? — Ela fez uma careta ao pronunciar o nome dele e eu ri.

— Você lembra que foi Caio que me abriu os olhos sobre Nicolas, não é?

— Sim, você me contou.

— Então, isso já deveria ser motivo suficiente para você perder as esperanças de que seremos um casal.

Ela revirou os olhos de forma meio exagerada, quase como eu fazia quando estávamos em lados opostos naquela história.

— Eu vejo muito potencial em vocês dois, vi a forma como Caio ficou te olhando naquela vez no café da manhã... Ele se interessa por você.

— Como amigo — ressaltei.

— Por enquanto. Tenho certeza que ele logo vai perceber a mulher incrível e maravilhosa que você é. Que você é linda ele com certeza já sabe, pois não é cego e nem idiota. Vivo sonhando com o dia em que poderemos fazer algum programa de casal, viajarmos juntos... Já pensou? Será incrível!

Gabi tinha um olhar sonhador e aquilo mexeu comigo, pois consegui enxergar o mesmo cenário que ela por alguns segundos, mas logo balancei a cabeça para expulsar tudo aquilo. Era melhor que eu mantivesse os meus pés no chão e me agarrasse à realidade que, ontem, havia me dado um belo tapa na cara.

— Está bem, agora me diz como foi o encontro!

— Não foi um encontro... Quer dizer, acho que Nicolas pensou que seria, mas eu atrapalhei tudo.

Vi o momento em que Gabi perdeu o ar risonho e me olhou com mais atenção, deixando a brincadeira de lado.

— Como assim?

— Eu não me senti muito à vontade.

— Por que estavam no cinema? Você queria que fosse algo mais íntimo?

Não havia pensado por aquele lado, mas a resposta veio rápido em minha mente. Não, eu não queria que estivéssemos em um lugar mais íntimo, muito menos sozinhos, ou com certeza eu teria surtado de verdade.

— Não, para falar a verdade, acho que o cinema era o lugar perfeito. O problema era eu, quer dizer, *sou* eu — parei de falar, sentindo-me triste de novo, sem saber ao certo como me abrir. Como se percebesse minha angústia, Gabi se aproximou de mim e se sentou bem perto, pegando a minha mão.

— Amiga, quer conversar sobre isso? Você sabe que pode me falar qualquer coisa, eu não vou contar para ninguém, vai ficar tudo entre a gente.

— Eu sei disso, eu confio em você, Gabi, você é minha melhor amiga — murmurei, me sentindo meio boba por estar ficando com os olhos marejados.

— É que, às vezes, machuca saber que não sou como as outras meninas, como as minhas amigas... Ontem, Nicolas perguntou se podia me beijar. Eu me preparei para aquilo antes de sair com ele, eu sabia que poderia acontecer, mas, na hora, eu só senti vontade de fugir. Não quis beijá-lo, algo me travou.

— Você não gosta dele? Não se sente atraída?

— Eu gosto dele como um amigo. E Nicolas é bonito, sorridente, simpático... Qualquer garota no meu lugar ia querer beijá-lo, mas eu não consegui.

— Você não é qualquer garota, amiga, você é única, especial. Antes de conhecer Ramon, eu também não tinha muita experiência, sequer namorei, dei uns beijos aqui e ali e, posso ser sincera? Nenhum deles foi especial, nenhum deles mexeu comigo, porque percebi que só beijei para ter alguma experiência e não porque eu me sentia atraída de verdade. No final das contas, aqueles beijos se tornaram memórias fáceis de esquecer, tenho certeza que, daqui alguns anos, sequer conseguirei me lembrar dos rostos daqueles garotos. O que quero dizer com tudo isso, é que você tem que fazer o que o seu coração mandar, não o que as suas outras amigas fazem.

— Eu sei disso e entendo o que você quer dizer. Também mal consigo me lembrar do rosto dos outros meninos que beijei, só que a experiência foi péssima.

— É disso que você tem medo? De que o seu próximo beijo seja ruim de novo?

Como eu poderia explicar para Gabi que era muito mais do que aquilo? Que era mais do que um medo bobo? Um pouco cansada de guardar tanta coisa dentro de mim, desabafei:

— Eu vivi muito tempo dividida entre ficar um pouco magoada por sempre ser deixada de lado quando estava em alguma festinha, ou até mesmo quando estava no bar com os meus amigos, na hora que todo mundo ia procurar alguém para se divertir de modo mais íntimo e ficar aliviada com isso. No fundo, acho que sempre fui muito insegura, apesar de tentar superar essa insegurança sendo comunicativa, engraçada, fazendo amizades e postando fotos na internet. Não sei como explicar de forma mais clara. Será que eu sou bipolar?

Gabi deu uma risadinha e balançou a cabeça em negativa.

— Claro que não, eu acho que você separa muito bem as coisas. Você separa a Luna amiga da Luna que tem anseios e medo de ter novas experiências. Talvez, esteja no momento de você transformar essas “duas Lunas” em uma pessoa só. Não precisa ser de uma hora para outra, mas aos poucos, entende? Se permitindo viver. Pode até ser com esse tal de Nicolas, se você quiser — ela falou fazendo uma careta e eu ri, me sentindo mais leve.

— Ele disse que a gente pode tentar de novo, depois.

— E você quer?

— Ainda não sei, mas estou pensando... Conheço Nicolas há muitos anos, eu me sinto bem ao lado dele, talvez beijá-lo não será uma experiência ruim.

— Tem razão. Mas eu acho que beijar o Caio vai ser uma experiência mil

vezes melhor.

— Gabi!

Ela riu da minha cara e se deitou sobre a grama, puxando-me pelo braço. Acomodei-me ao seu lado e encarei o céu sem nuvens por alguns segundos, permitindo que a minha cabeça fosse direto para o *advogado*. Sem pensar muito, falei:

— Eu não poderia imaginar que Caio fosse um homem tão maravilhoso. Quer dizer, eu já sabia que ele era uma boa pessoa, que era divertido, simpático, mas a forma como age comigo, como é paciente, prestativo, como me dá conselhos... É surpreendente.

— Eu falei para você que ele era incrível. Lembro que gostei de Caio de imediato, ele foi muito simpático comigo quando saímos do hospital naquela noite, puxou assunto dentro do carro, fez de tudo para que eu me sentisse confortável. Ramon foi mais fechado, mas entendi que não era porque queria me ignorar, era apenas o jeito dele... Nem imaginava que iria me apaixonar completamente por aquele fazendeiro de cara amarrada — ela riu e eu acompanhei. Amava ouvir detalhes de como eles começaram a se apaixonar, mesmo tendo acompanhado uma parte da história. — Eu sei que Caio carrega uma fama por aí, mas eu consigo enxergar muito mais nele.

— Eu também. Assim como você, ele parece me entender, me escutar, como um amigo de verdade.

Ela se virou de bruços e me fitou com um semblante cheio de compreensão.

— Seu melhor amigo. Ramon também é meu melhor amigo.

— É diferente, Ramon é seu namorado.

— Sim, mas o fato de ele ser o meu melhor amigo, torna tudo mais intenso. Sei que posso confiar de olhos fechados em Ramon, que posso contar qualquer coisa, pois ele vai me ouvir e fazer de tudo para me ajudar. É bom que você e Caio tenham essa relação também, vai tornar tudo mais fácil no futuro.

Ela piscou com um olho só e eu ri, balançando a cabeça em negativa, mas também um pouco incrédula. Ela realmente não tirava aquela história da cabeça.

— Você é doida! — falei, vendo que ela ainda ria. — Mas devo confessar que, às vezes, eu ainda olho para ele e sinto que ele tem um pau grande.

— Ai, meu Deus, Luna!

— O que foi? Você disse que eu podia contar tudo para você, estou

contando! E depois da história do cavalo, você não tem o direito de ficar assustada comigo.

— Ah, o cavalo... — ela suspirou e riu da minha careta. — Quando você conhecer o pai do Caio, vai entender o porquê de eu ficar tão encantada. Ele não tem essa fama entre as mulheres à toa, deve saber bem o que faz.

Não sabia explicar o porquê, mas pensar no Caio pegador me deixava com um frio na espinha e não era de um jeito bom.

— Bom, acho que nunca vou conhecer o pai dele. Na verdade, eu tenho certeza.

— Eu vou torcer para que você esteja errada, amiga. Quero que nossos filhos brinquem juntos pela fazenda e, para isso, você e o Caio precisam ficar juntos!

— Por quê? Ele é o último homem da Terra, por acaso?

— Não, mas porque eu quero que ele seja o pai dos seus filhos — falou, me dando um sorrisinho sacana. — Vai ser perfeito, escuta o que estou falando. Daqui há muitos anos, é claro, não quero ser mãe agora.

— Nossa, nem eu!

— Mas a gente também não pode demorar muito, porque Ramon e Caio estão chegando na casa dos quarenta, né — ela refletiu e eu assenti, logo me dando conta da loucura que estava fazendo, me incluindo naquela sandice toda. Balançando a cabeça, me levantei e peguei meu celular do bolso.

— Vem aqui, futura Sra. Baldez, acho que podemos tirar umas fotos juntas e alimentar as nossas redes sociais.

— Sim, futura Sra. Alcântara, eu concordo!

— Como você é boba.

— Boba não, sonhadora — corrigiu, aproximando-se de mim. — Tenho certeza que Deus está concordando comigo nesse momento.

— Sim, Ele deve estar concordando com o fato de você sonhar demais.

— Que nada, Ele está concordando com o fato de você e Caio serem perfeitos um para o outro.

Decidi deixar aquela história de lado e puxei Gabi para tirarmos umas fotos e aproveitar aquele sol e todo aquele verde. Passar aquele momento ao lado dela foi maravilhoso e me senti verdadeiramente em paz. Amava Gabi assim como amava a Fê e sentia que ela me via da mesma forma, como se fôssemos irmãs de mães diferentes, unidas pela vida.



Capítulo 12

Caio

— Um brinde ao contrato extraordinário que assinamos hoje! — Emanuel Tavares exigiu, erguendo seu copo com uísque e três pedras de gelo.

— E que contrato! Ainda não acredito que os nossos grãos vão ser exportados por toda a América do Sul. Papai estaria muito orgulhoso de nós dois, irmão — Olavo disse um tanto emocionado e eu sorri, encostando meu copo ao deles.

— Ele está orgulhoso, tenho certeza — falei.

Emanuel assentiu com um sorriso largo, aproximando-se de mim e apertando o meu ombro.

— Nada disso seria possível sem você, Caio. Desde que nos conhecemos naquele evento em São Paulo, soube que você faria a diferença nos nossos negócios. Você é um homem de visão.

Geralmente, eu não me intimidava com elogios, mas daquela vez foi diferente. Emanuel era um homem de cinquenta e sete anos, dono de uma grande fazenda de grãos em Mato Grosso do Sul, conhecido e muito importante. Nos conhecemos há três anos em um evento de fazendeiros em São Paulo e logo ficamos amigos, até que me convidou para ser seu principal advogado. Tomar conta dos interesses de uma fazenda tão grande era uma enorme responsabilidade, mas eu me sentia preparado para isso, depois de trabalhar ao lado de Ramon desde o início e o ajudar a crescer. Saber que estava fazendo o mesmo pela fazenda de Emanuel, me enchia de orgulho.

— Assim que conheci melhor a fazenda, que conversamos sobre negócios, sobre as perspectivas, eu soube que conseguiria ajudá-lo a crescer, Emanuel. Posso até ser um homem de visão, mas se vocês não tivessem o ímpeto de querer inovar, de arriscar, nada disso estaria acontecendo. O mérito é todo nosso.

— Você tem razão, Caio. Por muitos anos, focamos apenas nos investimentos dentro da fazenda, na safra, na qualidade dos grãos e esquecemos que nosso produto poderia ultrapassar as fronteiras do Brasil. Você nos lembrou que isso era possível — Olavo disse.

— Nunca pensei o contrário. Exportar para toda a América do Sul é só o começo, em breve, estaremos exportando até para a China — ri e eles assentiram, me acompanhando.

Ficamos conversando por mais alguns minutos, até a governanta anunciar que o jantar seria servido. Emanuel havia pedido para que a esposa cuidasse pessoalmente do menu daquela noite, pois iríamos comemorar, por isso, encontramos a sala de jantar bem decorada, com talheres de prata e taças de cristal. À mesa, encontramos Laura, esposa de Emanuel e Ana Lúcia, esposa de Olavo. Os filhos de ambos os casais, infelizmente, não puderam estar presentes, mas Emanuel garantiu que em breve reuniria toda a família para fazer um novo jantar e comemorar com todo mundo.

A noite transcorreu muito bem, o clima à mesa era agradável e divertido, todos estavam muito felizes e eu estava orgulhoso. Foram meses de negociação, a empresa responsável pela exportação, em um primeiro momento, quis cobrar valores absurdos, mas com muita conversa, um pouco de pressão ao mostrar que poderíamos fechar com uma empresa concorrente e diversas reuniões, chegamos a um acordo benéfico para ambos os lados. O desafio de sempre querer fazer o melhor para os meus clientes era o que me movia, o que me inspirava.

Logo após o jantar, Emanuel me convidou para tomarmos um drinque e ficamos mais alguns minutos conversando, até sua esposa entrar na sala, usando um robe que batia até os pés e escondia a camisola que usava.

— Querido, já está tarde e você já bebeu muito hoje, venha se deitar.

Laura tinha cinquenta anos, era muito bonita, gentil e simpática. Seu olhar amoroso e um tanto preocupado para cima de Emanuel me fez sorrir e ele me acompanhou.

— Eu posso mandar nisso aqui tudo, mas, a verdade, é que a patroa é ela, Caio — ele disse, colocando o copo em cima da mesa. — Ela só me deixa fingir que tenho algum poder.

Laura riu e balançou a cabeça, se aproximando.

— Como você é bobo, Emanuel. O que Caio vai pensar de mim?

— Vai pensar que você é uma mulher maravilhosa e que eu a amo demais.

— Eu também te amo muito, querido.

Eles deram um beijo casto e eu me levantei, sabendo que estava na hora de deixar o casal apaixonado em paz.

— Emanuel, acho que é melhor nós dois obedecermos e irmos deitar, não quero abusar da paciência da patroa — brinquei e ambos riram. Ainda bem que eu era cercado por pessoas que entendiam o meu senso de humor.

— Sim, é melhor. Nos vemos amanhã na hora do café, Caio. Fique à vontade, você sabe, a casa é sua.

— Espero que o quarto esteja do seu agrado, Caio.

— Não se preocupe com isso, Laura, sei que o quarto deve estar maravilhoso. Boa noite para vocês.

— Boa noite — desejaram quase em uníssono.

Subi as escadas que me levariam ao segundo andar e percorri o longo corredor que abrigava os quartos de hóspedes. Pelos próximos minutos, fiz tudo no automático, tomei um banho relaxante, escovei os dentes e só voltei a fixar os pensamentos quando me deitei na cama. Olhei para o teto e, sem querer, a imagem de Emanuel e Laura na sala voltou com força total na minha mente. Eram casados há mais de trinta anos, tinham três filhos, que já estavam casados e tinham suas próprias famílias e, mesmo depois de tantos anos, pareciam ainda se amar com muita força, assim como meus pais. Às vezes, vendo casais como eles, eu sentia, bem no fundo, uma vontade de viver aquilo. Geralmente, o sentimento era passageiro, mas me pegou naquela noite.

Por conta do meu estilo de vida, da correria, das viagens, era mais fácil ter casos de uma noite só, não perder muito tempo tentando criar laços ou sentimentos. Eu gostava do modo como vivia, costumava falar que aproveitava ao máximo cada oportunidade que me era dada de presente, mas, em alguns momentos, me sentia um tanto... Solitário. Talvez essa fosse a palavra correta. Perguntava-me se, um dia, eu teria a oportunidade de formar uma família como a dos meus pais, como a de Emanuel, como a que Ramon formaria um dia com a Gabizinha. Se eu não formasse, pelo menos estaria incluído na dele, pois se o filho da mãe não me escolhesse como padrinho de todos os seus filhos, eu o obrigaria a me convidar.

O pensamento me fez rir e tentei visualizar Ramon no papel de pai. Intenso do jeito que era, seria um pai excepcional, mas não iria admitir aquilo para ele, ou não pararia de encher o meu saco. Às vezes, ele também gostava de se gabar. Meus pensamentos acabaram voando para Gabi e percebi que ela também seria uma boa mãe, apesar de ter consciência de que ainda era muito

nova e que, talvez, nem pensasse nisso ainda. Balancei a cabeça, tentando expulsar aquele lado melancólico que me invadiu de repente e puxei o meu celular, tomando um susto ao ver que havia recebido uma mensagem de Gabi há mais ou menos duas horas. Li com atenção:

“Caio, obrigada por ter me alertado sobre a Luna. Hoje nós passamos o dia juntas e foi maravilhoso, acho que ela estava precisando mesmo conversar. Até me contou um pouco sobre vocês, que a amizade está mais forte do que nunca. Ela disse que você é um cara maravilhoso, sabia? Engraçado, inteligente, amoroso, conselheiro... Ela gosta muito de você.”

No final da mensagem, ela enviou uma figurinha de coração e eu fiquei me perguntando se havia enviado aquele coração em nome de Luna também. Li a mensagem várias vezes, sorrindo um pouco no final e tentando visualizar Luna falando aquilo tudo para ela. Não sabia que eu poderia ser alvo de tantos elogios, nem esperava por aquilo. Mesmo sabendo que já era tarde, resolvi responder:

“Pois é, Gabizinha, o que eu posso fazer se sou encantador? É praticamente impossível não gostarem de mim.”

Para a minha surpresa, Gabi ficou online e começou a digitar uma resposta. Eu esperei, segurando uma gargalhada.

“Meu Deus, bem que Ramon avisou que a gente não pode te elogiar muito, porque você acaba acreditando, kkkkk. Como você é bobo! Apesar de tudo, é verdade, é praticamente impossível não gostar de você, Caio. Por isso que Luna está toda encantada.”

“Ela está encantada por mim?”

“Não se faça de desentendido, você sabe que sim. E você está por ela também.”

Senti que meu coração se acelerou um pouco em meu peito e fiquei sem entender o porquê. Apesar disso, resolvi admitir:

“É, eu estou mesmo. Luna é maravilhosa e fico feliz que vocês tenham conversado hoje, acho que ela estava precisando disso. As amigas dela são

meio... Não sei explicar direito, são um pouco estranhas, mas você é amiga dela de verdade e Luna sabe disso.”

“Eu a amo como uma irmã, assim como amo você também.”

“Ai, Gabizinha, para, não quero chorar a essa hora da noite!”

Apesar de estar rindo, eu estava mesmo um pouco emocionado, pois sentia o mesmo por ela. Quem poderia imaginar que a filha do Rodrigues chegaria na fazenda Baldez e conquistaria todo mundo? Tudo bem que era de formas diferentes, mas isso era irrelevante. Vi que ela estava gravando um áudio e esperei, colocando para ouvir quando enviou para mim. Gargalhei quando ouvi a voz de Ramon:

— Pode fazer o favor de parar de ficar insistindo para que a minha namorada fique se declarando para você? E não acredite nesse tanto de elogios, tenho certeza que é tudo mentira.

Eu conseguia ouvir a risada de Gabi no fundo e a força que Ramon fazia para tentar parecer que estava com raiva. Diferente de mim, ele era um péssimo ator.

— Ramonzinho, eu não posso fazer nada se conquisto todos a minha volta. Achou mesmo que Gabi seria imune aos meus encantos? Deixa de ser um pé no saco e aceite!”

— Está vendo o que você fez, Gabi? Agora ele não vai parar de se gabar. Você que é um pé no saco! Agora, me conte, deu tudo certo no fechamento do contrato do Tavares?

Passamos os próximos minutos conversando por áudio pelo *WhatsApp* da Gabi. Ramon e Emanuel se conheciam também, tinham uma boa relação, apesar de nunca terem feito negócios, pois o ramo em que trabalhavam era diferente. Assim que encerramos a conversa, pensei em enviar uma mensagem para Luna, mas já estava tarde e resolvi deixar para falar com ela no dia seguinte. Liguei a TV só para romper o silêncio no quarto e fui olhar minhas outras redes sociais. Assim que abri o *Instagram*, dei de cara com uma foto de Luna e tomei um baque com a sua beleza bem ali, dando um tapa na minha cara.

Ela era linda, disso eu tinha plena consciência, mas também era muito fotogênica. Incrível como parecia que ela não precisava fazer nada, bastava

olhar para a câmera e pronto, o aparelho capturava a sua beleza. Aquela foto era prova disso, ela estava apenas segurando uma ponta do cabelo colorido entre os dedos e olhando diretamente para a câmera com o semblante sério. Seus olhos azuis brilhavam, flores pequenas enfeitavam a lateral do seu cabelo, o vento parecia mexer nos fios. Ela estava perfeita, tão bonita que me vi curtindo e comentando na foto, percebendo que não era apenas eu que apreciava sua beleza tão autêntica, pois muitas pessoas diziam o mesmo nos comentários.

“Você é maravilhosa, gatinha. Posso colocar essa foto como plano de fundo do meu celular?”, escrevi e enviei, rindo baixinho ao imaginar a sua cara ao ler o meu comentário. Aproveitei e dei uma olhada em seu *story*, vendo que havia postado alguns com Gabi, elas rindo, fazendo *boomerang*, cantando. Pareciam estar se divertindo e gostei de ver que Luna não estava fingindo, ela realmente estava apreciando aqueles momentos ao lado de Gabizinha. Já estava prestes a deixar o celular de lado e tentar dormir, quando uma notificação apareceu em minha tela. Era uma mensagem de Luna e ri quando vi que me enviou um *print* do meu comentário em sua foto.

“Pode sim, mas quero um print provando que colocou.”

Ela estava me desafiando? Danada, já devia saber que eu não fugia de nenhum desafio. Fui correndo ao *Instagram*, tirei um *print* da sua foto, cortei para que saísse o *layout* da rede social e coloquei como plano de fundo do meu celular e da conversa no *WhatsApp*, tirando *print* de tudo e enviando para ela em seguida.

“Obrigado, meu celular ficou mais bonito agora. Não sei se vou conseguir me desgrudar dele, sua beleza está me hipnotizando.”

“Não acredito que você colocou mesmo, Caio! Kkkkkk. Eu estava brincando.”

“Jura? Não posso ter sua foto como meu plano de fundo então?”

“Não é isso, estava brincando sobre você ter que colocar e tirar print. Não acredito que levou a sério, você é doido, kkkk.”

“Gatinha, eu fico espantado por você não ter percebido isso antes, kkkkk. Como você está?”

“Estou muito bem e você?”

“Também estou bem, só cansado. Tive uma reunião longa hoje,

fechei um contrato muito importante para um cliente meu. Estou feliz.”

“Isso é muito bom! Parabéns, advogado, você é o melhor no que faz! Está fazendo o que agora? Comemorando?”

“Sim, comemorando na cama, kkkk.”

“Na cama? Caio, não acredito que está me mandando mensagem enquanto está acompanhado! Você não tem vergonha?”

Eu que não acreditei no que estava lendo. Gargalhando, soube que não podia apenas enviar uma mensagem para ela falando que estava sozinho, eu tinha que provocá-la. Cliquei no ícone da câmera para fazer uma vídeo-chamada e tocou umas três vezes até Luna atender e aparecer na tela do meu celular. Ela me olhou meio desconfiada, com a cara um pouco fechada, o que me fez prender o riso. Deixei o celular focado em cima de mim, sem que ela pudesse ver nada ao meu redor.

— Só mandei mensagem porque ela está no chuveiro — falei, colocando um braço atrás da minha cabeça. Luna franziu o cenho e precisei morder a língua para não rir.

— Não acredito nisso, Caio, vou desligar!

— Para, com isso, gatinha, a Amanda não é ciumenta.

Vi suas bochechas ficarem vermelhas e seus olhos se arregalarem.

— Não quero saber de nada disso. Você é muito safado e sem vergonha, tchau, Caio!

— O quê? Calma aí, Amanda está me chamando, quer a toalha... — Me movimentei na cama, dando a entender que estava olhando para o banheiro e falei mais alto: — Não precisa de toalha, vem pelada mesmo!

— Caio! Meu Deus, tchau!

Luna desligou e eu finalmente gargalhei, sem conseguir me conter. Acho que fiquei daquela forma por segundos intermináveis, talvez por mais de um minuto, enquanto tentava me recuperar e apertava no ícone da câmera para fazer uma nova vídeo-chamada. Tocou até cair e, já sem vontade de rir, resolvi que seria melhor ligar para ela. Chamou até cair de novo e eu comecei a me sentir meio idiota pela brincadeira.

“Gatinha, era brincadeira. Volta aqui.”

Liguei de novo, mas chamou até cair, então, tentei novamente fazer uma vídeo-chamada, mas aconteceu o mesmo. Merda, estava sendo ignorado,

literalmente. Enviei um monte de mensagens.

“Pequena, eu juro que era brincadeira.”

“Eu sei que sou idiota, mas não esse tipo de idiota.”

“Me atende, vai.”

Resolvi arriscar só mais uma vez e cliquei para fazer a vídeo-chamada. No quinto toque, Luna apareceu na tela, me dando um olhar desconfiado, um biquinho lindo formado nos lábios, a cara fechada. Sorrindo, falei:

— Era brincadeira, sua boba.

— Não era nada.

— Claro que era, quer ver?

Levantei da cama e caminhei pelo quarto, indo até o banheiro. Acendi a luz e dei uma volta, mostrando que estava vazio.

— Viu, não tem Amanda nenhuma, nem ninguém. Estou hospedado na fazenda do meu cliente, completamente sozinho no quarto. Quer dizer, estava sozinho, agora estou com você.

Vi uma pontinha de sorriso nascer em seus lábios, mas ela ainda tentava manter a pose contrariada. Acho que nem imaginava como estava bonita e fiquei um pouco atordoado ao notar isso.

— E se ela estiver debaixo da cama? Ou no closet?

Minha risada ecoou pelo banheiro e eu me encostei na bancada da pia, balançando a cabeça e levantando um pouco mais o telefone.

— Só se ela for um espírito, mas eu sou um homem iluminado e de bom coração, então, sei que Deus não faria isso comigo. Eu nem durmo com o pé para fora do colchão, apenas por precaução.

— Mentira, Caio — ela riu, tampando a boca com a mão. Podia notar que estava sentada na cama, a cabeceira com luzinhas rosas estava atrás dela.

— É verdade, eu tenho muito respeito pelos mortos e pelos espíritos. Quanto mais longe de mim, melhor.

— Sei. Se o espírito de uma mulher realmente estivesse aí com você, já teria te atacado.

— É? Por quê?

— Como por quê? Olha como você está vestido! Você não acha que é uma pouca vergonha dormir apenas de cueca na casa do seu cliente?

Eu abri e fechei a boca duas vezes, sem saber como ela tinha conseguido ver que eu estava apenas de cueca, pois a câmera estava apontada para o meu

rosto. O máximo que ela conseguia ver, era o meu pescoço. Só então que eu notei o espelho atrás de mim e percebi que a câmera pegava o reflexo das minhas costas nuas e a bunda escondida pela cueca box branca. Ela só não conseguia ver mais, porque eu estava encostado na bancada da pia. Um sorriso idiota se abriu em meu rosto e eu fiquei dividido entre achar a situação engraçada e um pouco constrangedora. Nunca pensei que Luna me veria apenas de cueca.

— Como você é tarada! Estou aqui, inocente, falando com você e você babando no meu corpo. Tome vergonha, Luna!

Ela ficou vermelha, mas seu sorriso me mostrou que sabia que eu estava brincando.

— A culpa é sua!

— Minha nada, eu estou filmando o meu rosto, era para você estar olhando para os meus incríveis e encantadores olhos azuis, não para minha bunda.

— Não estou olhando para sua bunda!

— Está sim, sua safadinha, pode admitir.

Ela gargalhou baixinho e mordeu o lábio no final, me fazendo sentir um frio inconveniente na boca do estômago. Por sorte, consegui disfarçar.

— O que está escrito nessa tatuagem na parte de trás do seu ombro? — ela perguntou, fugindo da minha brincadeira.

— “Eu amo a Luna” — falei de supetão e ela riu mais, suas bochechas agora ficando vermelhas pela alegria. Eu não sabia explicar o porquê, mas amava fazê-la sorrir.

— Como você é bobo!

— Queria falar que a tatuagem tem um puta significado, mas não tem. Foi a primeira que fiz, eu tinha dezoito anos, tinha bebido muito com meus amigos e lembro que resolvemos fazer uma tatuagem. Não tínhamos ideia do que iríamos fazer, chegamos no estúdio e olhamos as artes do tatuador. Quando meus olhos bateram nessa frase, resolvi tatuar. Nem sabia ao certo o que significava naquele momento, pois estava bem embriagado, mas o tatuador disse que era “vim, vi, venci” em latim, então, tatuei — dei de ombros, finalizando a história e vendo Luna rir.

— *Veni, vidi, vici*. Essa é um clássico das tatuagens, esperava mais de você.

— Quando eu tinha dezoito anos, não era um clássico, ok? E as minhas outras tatuagens têm significados mais especiais.

— Mesmo? Até hoje, eu só consegui ver o desenho no seu antebraço.

— Não posso ter tatuagens tão visíveis, apesar de ser um *advogado*, ainda preciso manter certa seriedade — falei, piscando pra ela.

— Eu sei. Eu tenho vontade fazer uma algum dia, mas tenho medo da dor.

— Eu te levo para fazer e seguro a sua mão.

— Obrigada por não mentir e falar que não dói — ela fez uma careta e eu ri.

— A dor sempre vai existir, quem fala que não dói, está mentindo, só que tem lugares que dói mais e outros que dói menos. O fato de doer menos, faz com que as pessoas se gabem e falem que não sentiram nada, mas sentiram sim.

— Eu amo a sua sinceridade, *advogado*. Só por causa disso, vou começar a pesquisar o que eu quero tatuar.

— Faça isso e eu te levo no meu tatuador lá em Goiânia.

— Vou cobrar essa promessa.

— Gatinha, comigo, promessa é dívida.

Ela sorriu e eu saí do banheiro, sabendo que, a cada passo que eu dava, ela tinha uma visão mais ampla das minhas costas e da minha bunda. Aquilo mexeu comigo de um jeito que eu não sabia explicar e fiquei me perguntando se ela estava gostando do que estava vendo.

“Caio, para com isso, porra!”, meu subconsciente me alertou e eu desliguei a luz do banheiro, indo direto pra cama.

— Agora acredita que estou solitário aqui nesse quarto enorme?

— Acredito, apesar de estranhar. Esse fazendeiro não tem nenhuma filha solteira? Ou duas, né, já que você não tem vergonha na cara.

Eu queria rir, mas fiz uma cara de cachorro abandonado.

— Infelizmente, não, por isso que estou sozinho. Vem dormir comigo, gatinha — pedi e ela riu.

— Está achando que vou cair nos seus encantos? Acorda!

— A Gabi me contou que você me acha encantador, divertido, inteligente, gostoso, sem contar que você mesmo disse que eu tenho cara de quem tem pau grande, ou seja, você só tem a ganhar!

Era a primeira vez que eu citava o lance do pau grande desde o nosso primeiro jantar, mas sentia que Luna já confiava em mim, já me conhecia e sabia que eu estava brincando. Por sorte, ela demonstrou isso ao rir, apesar de ficar vermelha.

— Gabi é doida e exagerada e eu já falei que não quero saber sobre o seu pau, Caio.

— Mas ficou olhando para minha bunda.

— Ai, meu Deus, você não presta! Tchau, Caio!

Ela ria e eu também, me divertindo como se fosse um garoto da idade dela e não um homem com trinta e seis anos na cara, que tinha fechado um contrato de milhões de reais naquela tarde. Ainda bem que eu tinha a mente jovem e não me julgava por estar rindo com uma garota linda de dezoito anos de idade.

— Só vou deixar você ir se me mandar um beijo.

Ela fez biquinho e me soprou um beijo antes de sorrir e eu fiz o mesmo, sentindo-me leve, como se o cansaço daquele dia tivesse evaporado por completo. Trocamos mais algumas palavras e desligamos. Enquanto me acomodava para dormir, percebi que já estava sentindo a sua falta.



Capítulo 13

Luna

Demorei um pouco a pegar no sono e acho que passei a madrugada sonhando com o *advogado* vestindo apenas uma cueca, pois acordei com a imagem do seu corpo glorioso em minha mente. Tive a certeza de que sonhei, pois pude até visualizar como seria a parte da frente. Em minha imaginação, Caio tinha o corpo bem definido — seus braços eram musculosos, o que provava que ele dedicava um bom tempo na academia, portanto, ele com certeza tinha tanquinho —, peitoral másculo, um V pronunciado ao pé da barriga, que se escondida dentro da cueca... E o volume. O volume do pau grande.

Meu coração acelerou como um louco dentro do peito e me sentei na beirada da cama, sentindo meu corpo ficar arrepiado. Havia prometido para mim mesma que não pensaria mais em Caio daquele jeito, afinal, éramos amigos e não seríamos nada mais do que isso. No entanto, minha mente parecia ter vontade própria e fiquei me lembrando de cada trecho da nossa conversa de ontem à noite, seu sorriso, sua voz, ele encostado contra a pia e a imagem das suas costas e da bunda dura refletida no espelho. Senti-me uma tarada quando ele me mandou parar de olhar para o seu corpo e, depois, quando afirmou que olhei para sua bunda, mas seria impossível ter tudo aquilo bem ali, na frente dos meus olhos, e fingir que não estava vendo nada. Vi sim e, por um segundo, até temi babar. Graças a Deus eu ainda tinha algum resquício de controle sobre os meus atos, pena que esse controle não se estendia aos meus sentimentos.

Não consegui conter a onda de vergonha que me tomou ao me lembrar de como me senti quando pensei que ele estava acompanhado enquanto falava comigo. E depois, quando me ligou e disse que a tal Amanda estava no chuveiro. Fiquei chocada, claro, mas com raiva também. E com ciúmes, o

que era inconcebível! Ainda que Caio estivesse realmente acompanhado, eu não tinha o direito de sentir nada. Indignação, sim, por estar me ligando enquanto a mulher estava no banho, mas ciúmes? Raiva? Pelo amor de Deus, ele era solteiro e eu era apenas sua *amiga*. Amiga. Eu tinha que me lembrar disso com mais frequência, só para ter certeza de que meu cérebro havia registrado a informação.

Ainda um pouco atordoada, me levantei e fui ao banheiro lavar o rosto e escovar os dentes. Já conseguia ouvir as vozes da minha mãe e da minha irmã na cozinha, por isso, peguei meu celular no quarto e fui direto para lá, sentindo o cheiro de café fresco e pão de queijo.

— Bom dia! — Dei um beijo na bochecha de cada uma e me sentei, pegando uma xícara.

— Eu nunca vou entender esse bom-humor matinal — Fernanda murmurou a contragosto e minha mãe e eu rimos.

— Na sua idade eu também era mal-humorada.

— Nem tanto, sua irmã é um pouco mais — minha mãe disse, sentando-se ao meu lado. — Luna, você nem me contou como foi o encontro com Nicolas no domingo!

Quase estremei à menção daquele assunto, mas consegui disfarçar e tomei um gole do suco de melancia.

— Não foi um encontro, mãe, não saímos sozinhos.

— Mas você se arrumou toda, até eu pensei que tinha sido um encontro — Fê disse.

— Pensou errado, pirralha.

— Pode até não ter sido, mas ele queria que fosse. E eu também. — Não pude deixar de olhar para minha mãe e ela sorriu, dando de ombros. — Eu gosto do Nicolas, ele é um garoto bom, responsável, estudioso. Encontrei com a mãe dele na semana passada e soube que ele está estudando para prestar vestibular no final do ano, quer ir para a faculdade e ter um futuro. Sem contar que vocês são amigos desde pequenos, já se conhecem há anos... Eu faria gosto se namorassem.

— Mãe, por favor!

— O que foi? Eu só quero o melhor para você, querida, e percebi que Nicolas estava interessado.

Eu não soube o que falar, pois minha mãe estava certa, Nicolas estava interessado, mas eu não sabia até que ponto ia aquele interesse. Seria apenas para ficar comigo? Beijar e talvez transar? Ou para namorar? Não sabia

explicar o porquê, mas a terceira opção me deixava mais assustada do que a primeira e a segunda.

— Mãe, posso te pedir um favor? — Fernanda perguntou, me salvando de ter que dar uma resposta.

— Claro, meu amor.

— Quando eu tiver a idade da Luna a senhora pode, *por favor*, não falar essas coisas para mim? É constrangedor!

Eu comecei a rir e minha mãe olhou para Fernanda com os olhos meio arregalados e a boca parcialmente aberta, antes de balançar a cabeça e soltar uma risada.

— Não há nada de constrangedor em uma mãe querer um relacionamento saudável para a sua filha.

— Há *tudo* de constrangedor. E está na cara que a Luna não gosta do Nicolas, ela gosta é do outro amigo dela.

— Que amigo? — mamãe perguntou.

— É, que amigo? — perguntei, já sentindo meu coração acelerar.

— Aquele que te mandou mensagem naquela manhã e que fez você ficar rindo que nem uma idiota apaixonada.

— Quando foi isso? E que amigo é esse?

— Não sei do que a Fernanda está falando, ela está delirando — falei fechando um pouco a cara e Fernanda sorriu, como se soubesse que tinha conseguido me atingir. Às vezes, eu odiava ter uma irmã adolescente e intrometida.

— Não estou delirando nada, eu lembro muito bem de você rindo para o celular enquanto digitava e depois me falando que era só um amigo.

— Cala a boca, pirralha, não está na hora de você ir para a escola?

Fernanda fez uma careta para mim enquanto ria e minha mãe suspirou, olhando para o relógio na parede da cozinha.

— Luna tem razão, Fernanda, já está na hora de você ir. Pegue a sua mochila e vá para o portão, o transporte deve chegar em alguns minutos — minha mãe mandou e Fernanda obedeceu, mas não antes de me dar língua e jogar seu guardanapo de papel em cima de mim. Sem querer, me peguei rindo também. Apesar de me irritar, eu ainda amava aquela chata. — E esse amigo, eu conheço?

Como eu poderia falar para minha mãe que ela não apenas conhecia, como ele era um homem de trinta e seis anos e não um garoto de dezenove? Sem contar que Caio tinha uma fama péssima, pelo menos *nessa* circunstância. Eu

não queria esconder a nossa amizade da minha mãe, mas tinha receio de que ela pensasse mal da nossa relação, ou até mesmo das intenções do Caio e pedisse para que eu me afastasse dele. Ainda assim, resolvi não mentir:

— Fernanda só queria implicar comigo, mãe, não era nada demais. Só estava respondendo uma mensagem do Caio.

— Caio? Caio do seu Ramon?

— É.

Os olhos da minha mãe quase saltaram das órbitas.

— Desde quando você troca mensagens com Caio, Luna? Eu pensei que tivesse cortado relações com ele depois daquela noite!

— Por que eu cortaria relações com ele? Caio é um cara legal, mãe.

— Eu não duvido disso, mas ele também é bem mais velho e mulherengo!

— Ramon também é bem mais velho do que a Gabi e hoje eles estão juntos — deixei escapar e minha mãe ficou boquiaberta.

— Quer ficar com Caio? Luna, você enlouqueceu?

Ai, droga! Eu só piorava a situação.

— Não é nada disso, mãe, só dei um exemplo. O que eu quero dizer, é que a diferença de idade não tem nada a ver. Sem contar que eu não sou nenhuma criança.

— Realmente, você não é nenhuma criança e é isso que me preocupa! Você sabe muito bem qual é a fama do Caio, eu gosto muito dele, mas não para se meter com a minha filha! Não quero que você se machuque, Luna.

Eu podia ver além da irritação aparente na expressão da minha mãe. Ela estava genuinamente preocupada e foi isso que me tocou mais. No fundo, ela só queria cuidar de mim e eu não podia julgá-la, era o que qualquer mãe que amasse a sua filha, faria. Tomando a sua mão na minha, falei:

— Mãe, posso ser sincera com a senhora?

— Claro que sim, filha. Sempre.

— Caio e eu nos aproximamos muito desde aquela noite do jantar, mas não é dessa forma que a senhora está pensando. Ele só quer ser meu amigo, assim como eu só quero ser amiga dele e é essa a relação que nós temos. Sei que o Caio tem essa fama de mulherengo, até eu pensava que ele se resumia a isso, mas não podia estar mais enganada. A verdade é que Caio é um homem maravilhoso, honesto, engraçado, ele se preocupa comigo e cuida de mim. Posso falar com propriedade que, hoje, ele é um dos meus melhores amigos. Eu confio muito nele, mãe.

Dona Rosana estava chocada. A vermelhidão que havia tomado conta do

seu rosto quando ficou irritada, havia dado lugar a uma certa palidez e seus olhos estavam esbugalhados. Eu sabia que poderia ser um choque mesmo, ela não esperava por aquilo, mas achei melhor contar tudo logo de uma vez, pois não queria que ficasse pensado que Caio havia se aproximado para poder se aproveitar de mim. Eu o conhecia e sabia que ele jamais faria isso, sua índole era outra. Ele tinha caráter, era um homem cheio de convicções e com os pés no chão. Em um primeiro momento, seu bom-humor, a forma como levava a vida e a fama que carregava, poderiam até formar uma imagem dúbia ao seu respeito, mas quando você o conhecia de verdade, via que ele ia muito além do que aquilo.

— Por que ele ia querer ser seu amigo, Luna? — ela perguntou.

— Por que ele não iria querer?

Ela ficou mais chocada ainda quando rebati a sua pergunta e percebi que ficou um pouco sem graça.

— Não falei nesse sentido, filha, eu sei que você é uma garota maravilhosa, qualquer um ia querer ser seu amigo, é só porque... Vocês são tão diferentes! Eu não consigo ver o que um homem como ele ia querer com você além de... Você sabe.

— Sexo.

— É — murmurou, apertando a minha mão. — Eu só não quero que você se machuque. Não quero que se apaixone por ele e quebre a cara, nem quero que ele se aproveite de você.

— Isso não vai acontecer, sabe por quê? Foi Caio que me abriu os olhos sobre Nicolas, foi ele que me fez perceber que ele parecia interessado em mim e foi ele que me impulsionou a ir com Nicolas ao cinema no domingo. Ele não me olha dessa forma e nem quer se aproveitar de mim, mãe. Ele só quer ser meu amigo, apenas isso.

Ela mordeu o lábio e pareceu meio insegura, quase como se não quisesse dar o braço a torcer.

— Verdade?

— Sim, verdade. E, convenhamos, Caio pode ter a mulher que quiser, o que iria querer comigo? Ele só quer ser meu amigo mesmo.

— Você é muito mais bonita do que qualquer mulher que ele já tinha ficado, filha. Você é linda por dentro e por fora — ela disse, passando a mão pelo meu rosto e eu sorri.

— Elogio de mãe não vale.

— Ah, vale sim! Mãe enxerga além do que qualquer um pode ver, meu

amor — ela disse com um sorriso, mas logo voltou a ficar séria. — Bom, já que você confia tanto nele, vou dar o meu voto de confiança também. Só fique atenta, Luna, eu realmente não quero que você se machuque.

— Caio não vai me machucar, mãe — falei com uma certeza que vinha de dentro de mim. Eu não sabia explicar como sabia sobre aquilo, mas eu sabia. Ele jamais me machucaria.

— É o que eu espero — ela disse, olhando novamente para o relógio. — Meu Deus, será que sua irmã já pegou o transporte? Nem se despediu da gente, aquela danada! Fernanda!

Ela saiu gritando pela casa e eu me recostei na cadeira, respirando fundo e me sentindo aliviada depois daquela conversa. Não deixei de contar sobre a minha amizade com Caio para minha mãe de propósito, acho que estava apenas adiando o fato de ter que lidar com a sua reação quando eu falasse. Por sorte, minha mãe era compreensível e confiava em mim, apesar de se preocupar, como qualquer outra mãe. Só esperava que, com o tempo, ela enxergasse que Caio era apenas meu amigo e nada mais.



Depois que minha mãe foi trabalhar, decidi me sentar à mesa pequena do meu quarto e me dedicar a algo que eu não fazia há algum tempo: rascunhar. Bom, eu chamava de rascunhos os primeiros desenhos de roupas que fazia, pois, geralmente, dali eu tirava a ideia central e fazia o *croqui*. Algumas semanas atrás, enquanto caminhava pela fazenda e tirava algumas fotos, consegui visualizar com perfeição uma coleção inteira de roupas femininas. Vestidos com estampas florais, blusas com cores alegres, jeans com o ar mais despojado, saias, shorts e uma infinidade de peças. Fiquei tão entusiasmada, que voltei correndo para casa, peguei o notebook que meu pai havia dado de presente para mim e para Fernanda e comecei a pesquisar por peças parecidas com que a minha mente havia criado.

A internet abria um leque de possibilidades e me senti cada vez mais inspirada. Criei uma pasta no *Pinterest* e adicionei inúmeras fotos como referência, depois, comecei a pesquisar sobre os tipos de tecido que eu queria e foi nesse momento que tive um choque de realidade. Os valores estavam completamente fora do meu orçamento, coisa que eu já sabia, mas que, mesmo assim, me pegou de surpresa. Comecei a pensar que seria inútil

continuar a pesquisar sobre aquilo, principalmente porque nem sabia se iria realmente cursar Moda, mas, agora, me sentia um tanto idiota por ter pensado daquela forma. Todo mundo começava de algum lugar e o fato de ter desistido naquele momento, não significou que eu parei de criar as peças na minha cabeça.

Por isso que havia decidido juntar uma grana para comprar alguns cortes de tecido. Se eu conseguisse tirar pelo menos uma daquelas peças da minha cabeça e transformá-la em uma roupa de verdade, eu me sentiria capaz de continuar a fantasiar sobre o meu futuro. Iria me sentir pronta para chegar para os meus pais e falar que havia decidido para qual faculdade eu iria. Eu já tinha feito algumas peças de roupa antes, já havia transformado muitas outras, principalmente quando ia a algum brechó e comprava peças baratas, mas, dessa vez, era diferente. O que eu tinha em mente era mais difícil, mais complexo, exigia de mim uma seriedade que as minhas outras peças de roupa não havia exigido.

Deixei que o lápis corresse pela folha em branco e fiz pelo menos uns três ou quatro rascunhos, antes de decidir qual daqueles eu levaria em frente. Havia desenhado um vestido em todos eles, mas um especial havia me chamado mais a atenção e foi ele que escolhi para poder aprimorar. Não sei por quantas horas fiquei desenhando e olhando as referências na tela do computador, mas só parei quando ouvi o meu celular vibrar em cima da mesa. Era uma mensagem de Caio:

“Vamos jantar na casa do Ramon hoje?”

Eu li a mensagem umas duas vezes só para ter a certeza de que eu havia entendido direito. Rindo, enviei:

“Você está me convidando para jantar na casa do Ramon? Você não tem vergonha na cara, Caio? A casa não é sua! Kkkkk.”

“É como se fosse minha. Eu quero comer a comida da Cissa hoje, uma pena que tenha que ter a companhia do Ramon junto, porque ele ainda é o dono da casa e blá, blá, blá, mas pelo menos terei você e a Gabi para aliviar o meu fardo.”

“Você não estava viajando? Já voltou para Santo Elias?”

“Sim, acabei de chegar em casa e percebi que não quero cozinhar. Vou matar a minha fome na casa do Ramon e quero você comigo.”

Às vezes, Caio falava umas coisas que me fazia estremecer por dentro e era de um jeito bom e desconhecido.

“Eu não posso aparecer de surpresa para jantar na casa do Ramon, Caio. Você é o melhor amigo dele, eu não.”

“Bobagem, tenho certeza que ele vai amar a nossa visita. E a Gabizinha vai adorar ter a sua companhia para o jantar.”

“Mesmo assim, eu fico sem graça.”

“Calma aí, me dê cinco minutos e já volto.”

“Tá bom.”

Mordi o lábio um pouco nervosa, tentando imaginar o que aquele doido iria fazer, quando, de repente, o celular voltou a vibrar na minha mão. Era uma mensagem de Gabi.

“Quero você jantando com a gente hoje à noite. E não aceito não como resposta!”

Minha boca caiu aberta com a audácia do Caio. Meu Deus do céu, eu não podia acreditar!

“É sério? O Caio foi realmente pedir para que você me convidasse para jantar?”

“Não, ele disse que viria jantar aqui, aí eu pensei em te chamar.”

“Acredito muito!”

“É verdade, amiga. Vem, por favor, eu disse que você não poderia recusar.”

Ai, meu Deus. Eu só ficava pensando o que o Ramon deveria achar daquilo. Era a casa dele e, por mais que agora eu fosse amiga da Gabi, não queria ficar abusando, pois ele ainda era o patrão da minha mãe. Mesmo assim, soube que eu não poderia recusar, ou era capaz de Gabi, ou até mesmo Caio, virem bater na porta da minha casa e me arrastar até o casarão.

“Está bem, eu vou.”

“Perfeito, amiga! Amo você!”

“Também amo você, sua doida, hahaha.”

Assim que saí da conversa com Gabi, digitei uma mensagem para Caio:

“Eu não acredito que você fez isso! Vou te bater, Caio!”

“Eu não fiz nada!”

“Não, só pediu para que Gabi me convidasse para o jantar.”

“Eu não pedi isso, eu só falei que iria jantar na fazenda e ela disse que iria te convidar. Eu nem a induzi, ela que teve a ideia, que foi brilhante, por sinal. Você vai, não é?”

“Não deveria, mas vou.”

“Claro que deveria.”

“Caio, minha mãe ainda é empregada do Ramon. Eu sei que ele sempre nos tratou bem, mas eu não quero abusar só porque sou amiga da Gabi.”

“Mas você não é só amiga da Gabi, é minha amiga também. E Ramon gosta muito de você, deixa de bobagem, gatinha. Posso te buscar e te levar ao casarão?”

“Sim, pode.”

“Ótimo. E pode ficar tranquila, pois vou usar uma roupa decente para você não ficar secando a minha bunda.”

“Ai, meu Deus, Caio! Seu idiota, kkkkkk.”

“Até mais tarde, pequena.”

“Até mais tarde, advogato.”

Pousei o celular em cima da mesa e passei a mão pelo cabelo, me dando conta de que, na verdade, era uma pena que Caio fosse vestir uma roupa decente. Eu havia adorado admirar a sua bunda — por mais que não fosse admitir.



Caio chegou às sete e meia em minha casa e eu me despedi de Fernanda. Havia avisado a minha mãe por mensagem que iria jantar com Gabi e ela não pareceu desconfiar de que, na verdade, tinha um dedo do Caio no meio do convite. No entanto, quando ela o visse, talvez desconfiasse de alguma coisa. Só esperava que ela não o tratasse de forma diferente, principalmente depois da conversa que tivemos naquela manhã.

O *advogado* estava encostado na lateral do carro, mexendo no celular e levantou os olhos assim que eu saí de casa. Um sorriso lindo se abriu em seu rosto e eu notei rapidamente como ele estava vestido. Um homem não deveria ficar tão sexy usando jeans de lavagem escura e camisa de botões rosa-clara. E *eu* não deveria reparar no fato de ele estar sexy pra cacete. Senti minha cabeça dar um nó, mas consegui me controlar, pegando a mão que ele estendeu para mim.

— Uau, gatinha. Dá uma volta pra mim — pediu e eu o olhei meio incrédula, mas vi que estava falando sério. Dei a voltinha que ele pediu, sentindo-me um tanto boba e com um frio na barriga quando voltei a fitar seus olhos azuis. — Está linda, acho que vou te levar para jantar em um restaurante para aproveitar essa beleza toda.

— Não seja bobo, não estou vestindo nada demais. — E não estava mesmo, havia colocado uma blusa de alcinha preta, calça jeans e meu All Star azul. A diferença estava, talvez, no meu cabelo, já que havia prendido as mechas da frente e deixado a franja ao redor do rosto. Rindo, afastei a sua mão. — Vamos logo, pois estou com fome.

— Sim, senhorita.

Ele abriu a porta do carro para mim, todo gentil, e eu me acomodei no banco do carona, já me sentindo totalmente à vontade dentro do veículo. Era como se eu já pertencesse àquele lugar, o que era loucura, claro. Nem conseguimos conversar direito, pois, de carro, o caminho da minha casa até o casarão se tornava ainda mais curto e logo tivemos que descer. Encontramos com Gabi e Ramon na sala, esperando por nós dois e Gabi e eu nos abraçamos com força. Ela estava linda usando um vestido de verão e os cabelos ainda úmidos do banho. Radiante.

— Que bom que você veio mesmo, ou eu iria te buscar em casa — ela disse se afastando e Caio riu ao meu lado.

— Por isso que eu passei lá antes de vir aqui, para ela não ter chance de fugir.

— Ai, meu Deus, eu não sabia que eu era tão amada! — Brinquei, pousando a mão em meu peito e ouvi a risada de todo mundo. — Eu não quero abusar, Ramon, mas você viu que fui praticamente coagida a vir, não é?

Era até mesmo estranho o chamar de Ramon e não de “seu” Ramon. Havia me acostumado a falar sobre ele dessa forma com outras pessoas, mas me dirigir a ele de forma tão direta era um pouco difícil, já que cresci mantendo o

respeito que minha mãe sempre me obrigou a ter. Surpreendendo-me, Ramon sorriu e apertou o meu ombro.

— Você sempre foi bem-vinda aqui, Luna, agora é ainda mais. Sinta-se em casa.

Eu fiquei um pouco emocionada, mesmo sabendo que era bobagem e vi o sorriso de Gabi e Caio para cima de mim.

— Obrigada, Ramon. Mas não me dá tanta abertura assim, ou daqui a pouco vou pegar minhas roupas e me mudar para um dos quartos de hóspedes — recorri à brincadeira para me livrar um pouco da vergonha e ele riu alto, enquanto Gabi vinha correndo em minha direção.

— Eu iria adorar, assim, a gente se veria toda hora! Vamos estudar essa possibilidade!

— Pode se mudar a hora que quiser — Ramon disse e eu ouvi o suspiro de Caio.

— Ninguém me faz um convite desse, estou magoado e me sentindo rejeitado, preterido, um cachorro fofo abandonado ao relento.

— Um cachorro fofo? — perguntei cruzando os braços e prendendo o riso. — Desde quando você é fofo?

— Por que você só ressaltou a parte do fofo e deixou a do cachorro? — perguntou.

— Porque é óbvio que você é um cachorro, Caio, todo mundo sabe — Ramon disse e Gabi riu, balançando a cabeça.

— Não falem assim do Caio, ele é maravilhoso!

— Obrigado, Gabizinha, só você me ama de verdade.

— Amo mesmo. E pode deixar que vou reservar um quarto para você também, bem ao lado da Luna. Sei que agora vocês vivem grudados, vou facilitar as coisas — ela disse com um sorriso inocente e eu tive um *déjà vu*.

Lembrei-me do jantar que Ramon ofereceu a mim e a minha irmã quando voltamos de viagem e de como falei, de forma nada sutil, sobre o relacionamento do tio Jorge com sua namorada mais jovem. Eu lembro que Gabi me olhou como se estivesse prestes a cuspir a comida, chocada com a minha cara de pau, mas eu achei divertido e fingi não ver, afinal, na minha cabeça, meu comentário ajudaria eles dois. Agora eu sentia que os papéis haviam se invertido, era como se Gabi estivesse agindo da mesma forma que eu agi naquela noite e eu estivesse em seu lugar. Se tivesse comendo algo, com certeza, teria engasgado. Por sorte, Caio pareceu não entender que ela havia falado aquilo com duplo sentido.

— Faça isso, assim, será mais fácil perturbar a Luna quando eu sentir vontade.

Ramon balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

— Luna, sinto pena de você. Caio deve estar te enchendo o saco.

— Está mesmo — concordei.

— Mas ela gosta — ele disse, puxando-me pela mão. — Não é, gatinha?

— Você é muito iludido, isso sim.

Todo mundo riu e eu me senti melhor por estar de volta na minha pele. Era mais fácil fazer todo mundo rir e tirar o foco de cima de mim, apesar de eu não estar me sentindo desconfortável, muito pelo contrário. Eu estava feliz e me sentindo em casa. Cissa disse que o jantar seria servido e Caio arrastou a cadeira para que eu pudesse me sentar, acomodando-se ao meu lado. O cheiro da comida já tomava conta do ambiente e começamos a nos servir enquanto conversávamos. Pude perceber que havia sido boba quando pensei que estaria me intrometendo no jantar, pois Ramon me tratava muito bem e parecia estar feliz com a minha presença e a de Caio, assim como Gabi.

A comida estava maravilhosa, o que era de se esperar, já que o tempero de Cissa era único e conversamos sobre tudo um pouco, evitando falar sobre o pai de Gabi, que ainda estava em coma. Caio comentou sobre o contrato que havia fechado no dia anterior para o seu cliente e eu ouvi sentindo muito orgulho dele, mesmo sabendo que ele era um advogado incrível e muito competente.

— Essa conquista merece um brinde — Ramon disse, erguendo a taça com vinho. Ele olhou para Caio como se estivesse olhando para um irmão. Eram amigos de verdade, desde muito pequenos. A lealdade e o amor que um nutria pelo outro era algo lindo de se ver. — Sempre soube que você seria um dos melhores advogados do Brasil, meu amigo, e ver você alçando voos tão altos me enche de orgulho.

Pela primeira vez na vida, vi Caio com uma expressão tímida no rosto e os olhos emocionados. Tentando disfarçar, ele riu.

— Assim eu vou chorar, Ramonzinho, para com isso.

— Ramon tem razão, essa conquista merece mesmo um brinde, Caio. Eu sei que te conheço há pouco tempo, mas gosto muito de você e sinto orgulho das suas conquistas — Gabi disse.

Ele mordeu a pontinha do lábio e balançou a cabeça, os olhos cheios de lágrimas de repente.

— Droga, meus olhos vão vazar, parem com isso! Vamos logo fazer esse

brinde, antes que eu inunde a sala de jantar.

Foi impossível não rir dele e fizemos o brinde cheio de emoção. Enquanto Ramon e Gabi bebiam e conversavam baixinho, um tanto entretidos, eu me inclinei e peguei a mão de Caio na minha. Ele olhou bem dentro dos meus olhos e, por um segundo, senti como se estivéssemos completamente sozinhos.

— Parabéns, *advogado*. Eu também tenho muito orgulho de você e de poder ser sua amiga.

Sorrindo, ele levou minha mão aos lábios e deu um beijo entre os meus dedos.

— Obrigado, gatinha. Uma das melhores partes do meu dia, ontem, foi dividir a minha conquista com você, mesmo que você tenha secado a minha bunda depois — ele disse baixinho no final e eu senti meu rosto arder de vergonha, apesar da vontade de rir.

— Eu não sequei sua bunda! Você cismou com isso — sussurrei.

— Secou sim que eu sei. Hoje a minha cueca é preta.

— Caio!

— O que foi? Achei que você iria querer saber — piscou, voltando a olhar para frente.

Senti meu coração ficar acelerado no peito e ri baixinho, voltando a prestar atenção na conversa à mesa. Caio não soltou a minha mão pelo resto do jantar.



Capítulo 14

Caio

Eu já havia perdido a conta de quantas vezes havia jantado na casa de Ramon, mas poderia afirmar com toda a certeza que esse havia sido um dos jantares mais especiais de todos. Talvez porque eu estivesse emotivo, havia contado para os meus pais sobre o contrato que consegui fechar para Tavares e eles me parabenizaram muito, disseram que estavam orgulhosos. Meu pai então, só faltou atravessar o celular para me abraçar, disse que sempre soube que eu iria longe, que tinha muito orgulho de me ter como filho. Talvez eu tenha chorado enquanto ouvia tudo aquilo, mas fiz brincadeiras para que eles não percebessem e, enquanto dirigia para Santo Elias, me peguei pensando que o meu trabalho não seria tão especial e não me traria tanta felicidade, se eu não pudesse deixar os meus pais orgulhosos.

Claro que sabia que eles ficariam felizes se eu fosse bem-sucedido em qualquer outro ramo, mas eles sentiam que eu amava o que fazia e ficavam felizes por mim. Eu sabia que eles se emocionavam ao perceber que haviam feito um bom trabalho comigo, que eu havia realmente aprendido e levado para a vida tudo o que me ensinaram. Costumava falar que eu tinha os melhores pais do mundo e tinha mesmo, os amava demais.

Agora, estando na presença de Ramon, Gabi e Luna, eu me sentia ainda mais mexido, emocionado, principalmente depois do brinde e de tudo o que ouvi. Ramon sabia como eu me esforçava a cada dia para ser o melhor no que fazia, assim como ele lutava todos os dias para fazer com que sua fazenda crescesse ainda mais. Éramos amigos há tanto tempo, que um entendia o outro apenas com um olhar e foi por isso que fiquei emocionado, pois vi que realmente ficou orgulhoso de mim, assim como morri de orgulho quando ele ganhou o Prêmio Escorcese. Eu sabia que nem todo mundo tinha o privilégio de ter melhores amigos, por isso, agradecia a Deus a oportunidade de ter um

melhor amigo como Ramon. Ele era meu irmão.

Finalizamos o jantar com a sobremesa maravilhosa de Cissa e ficamos um tempo na sala conversando. Ramon e eu embarcamos em um assunto sobre trabalho, mas, pela minha visão periférica, via Luna e Gabi conversando sentadas no sofá. Luna ria de algo que Gabi falava e me senti um pouco golpeado pela sua beleza, seus olhos azuis, os lábios naturalmente rosados. Ela usava pouquíssima maquiagem, acho que rímel e alguma coisa para deixar as bochechas levemente coradas, nada demais e, mesmo assim, estava lindíssima. Ela não precisava de muitos artifícios para ficar bonita e entendi o porquê de Nicolas ter ficado como um cachorro babão em cima dela naquele dia no Bar dos Calouros. Ela era encantadora.

Voltei a ouvir o que Ramon dizia e tomei um gole do uísque que me ofereceu, apenas para poder me situar e voltar ao foco da conversa, mas acho que ele acabou percebendo que eu estava um pouco aéreo, com a cabeça em outro lugar, pois perguntou:

— O que houve? Você está um pouco esquisito.

— Eu? Esquisito? Bobagem!

— Bobagem nada. Aconteceu alguma coisa?

Cara, meus olhos quase arderam para voltar a olhar para Luna, mas me segurei, pois, se o fizesse, Ramon iria perceber que eu não conseguia tirar os meus olhos de cima dela e não queria que ele notasse. Ele parecia meio desconfiado sobre as minhas intenções com Luna, não entendia muito bem por que eu queria ser amigo dela. Se me visse a olhando demais, iria começar a pensar um monte de besteiras.

— Acho que só estou um pouco cansado, esse mês a minha agenda está apertada, mal tive tempo para respirar. Daqui a dois dias eu viajo de novo, estou um pouco quebrado — falei parte da verdade, pois me sentia cansado mesmo.

O babaca riu da minha cara.

— É a idade chegando. Seu corpo não está acompanhando a sua mente jovem.

— Até parece, estou cheio de vitalidade, Ramon. Você que é um velho chato.

— Se você falasse isso meses atrás, eu até poderia concordar, mas, agora, eu me sinto mais jovem do que nunca — disse ele e eu sorri quando seus olhos voaram para cima da Gabi.

Como se sentisse o olhar de Ramon, ela se virou e o pegou em flagrante,

abrindo um sorriso para ele. Senti-me um pouco chocado com a onda invisível que pareceu ligar os dois, esquentar o clima da sala. Era estranho de se observar, por isso, desviei o olhar dos dois e acabei encontrando com o de Luna. Ela parecia sentir o mesmo que eu e ri um pouco envergonhada, como se não soubesse o que fazer. Eu acabei entendendo que aquela era a hora de irmos embora, pois senti medo de que Ramon simplesmente se esquecesse de que estávamos ali e fosse pra cima da Gabizinha de repente. Terminei o uísque em um único gole e me aproximei de Luna, estendendo a minha mão. Ela aceitou e eu a puxei para perto de mim, aproveitando que Ramon parou de olhar para Gabriela daquele jeito intenso e voltou ao mundo real.

— Acho que está na hora de deixarmos os pombinhos em paz, gatinha.

— Também acho — ela concordou com um sorrisinho, como se soubesse muito bem o que Gabi e Ramon iriam fazer depois que fôssemos embora.

Gabizinha ficou com as bochechas vermelhas, mas logo veio se despedir da gente, assim como Ramon. Depois de alguns abraços, Luna e eu saímos, mas não me senti pronto para me despedir dela ainda. Queria ficar mais tempo em sua presença, conversar, ouvir a sua risada. Não sabia o porquê, mas queria.

— Vamos dar uma volta? — perguntei, a pegando de surpresa. — Aqui pela fazenda mesmo — acrescentei.

— Tudo bem, eu só...

— Luna?

Luna se virou de repente e eu vi Rosana, sua mãe, aparecendo na lateral do casarão. Ela olhou para nós dois com o cenho um pouco franzido e eu me aproximei para lhe dar um abraço, do mesmo jeito que sempre fazia quando a via na cozinha. Geralmente, ela me tratava muito bem, mas a senti um pouco tensa ao retribuir o meu cumprimento.

— Quanto tempo, Rosana! Como você está?

— Muito bem, Caio e você? Está sumido.

— Trabalhando muito. Sabe como é, Ramon e companhia gostam de me manter ocupado.

Ela ri um pouco, mas, ainda assim, parecia estranha.

— Eu entendo. Bem, acho que já está na hora de irmos, não é, Luna?

— Mãe, Caio me chamou para dar uma volta pela fazenda — Luna disse, parecendo um pouco nervosa, mas sem querer demonstrar.

Comecei a me perguntar se tudo aquilo tinha alguma coisa a ver comigo. Será que sua mãe não queria que eu me aproximasse? Estaria pensando mal

de mim?

— Uma volta? — Rosana perguntou e eu me adiantei.

— Sim, só para colocarmos a conversa em dia. Prometo deixá-la em casa daqui a pouco.

Rosana pareceu um pouco indecisa por alguns segundos e cheguei a pensar que não permitiria, mas respirei aliviado quando a vi menear a cabeça em uma afirmação.

— Tudo bem, só não volte muito tarde, filha.

— Claro, mãe.

Elas se abraçaram rapidamente e Rosana se despediu de mim antes de se virar e ir andando em direção às casas dos funcionários. Dando-me um sorriso, Luna se virou para mim.

— Vamos?

— Vamos.

Tomei a sua mão e fomos juntos até o meu carro. Enquanto ela se acomodava no banco do passageiro, eu ocupei meu lugar de motorista e a música soou pelas caixas de som quando girei a chave na ignição. Mexendo a cabeça ao som da melodia, Luna disse:

— Eu gosto da sua *playlist*, *advogado*.

— Obrigado, mas essa é só uma parte dela. Daqui a pouco deve estar tocando *funk* — brinquei e ela me deu um olhar meio chocado.

— Você escuta *funk*? Duvido!

Eu ri e balancei a cabeça, afastando-me um pouco da área iluminada da fazenda. Havia um lugar ali que era perfeito à noite, talvez Luna não conhecesse e eu queria mostrar.

— Está bem, não escuto, mas também não tenho nada contra. Algumas letras são muito interessantes.

— É mesmo? Me dê um exemplo.

Ela me olhou com a sobrancelha arqueada, daquele jeito que deixava bem claro que estava me desafiando e eu senti meu sangue ficar aquecido nas veias. Adorava quando ela me desafiava.

— Eu ouvi uma assim na última festa que fui no Rio de Janeiro: “*Aquece no cacete, faz macete, desce. Me chama de safado, puto e cafajeste*” — cantei no ritmo, ouvindo a sua risada. — Mas essa é *light*. Também tem uma que é assim: “*Sento no bico da Glock, rebolo e tiro o short e vem, ‘vamo’ foder. Vem, rebolo na tua pica, eu sei que tu se excita e deixo o bumbum mexer. O Gabriel, arrancou o meu cabaço e me botou de quatro, botando*

pra foder.”

A gargalhada da Luna abafou o som do carro e da minha voz, fazendo alguma coisa dentro de mim vibrar. Logo me vi a acompanhando, enquanto via de relance as suas bochechas vermelhas.

— Meu Deus do céu, como você grava essas coisas? Que horror!

— É um horror mesmo, tem uma que é assim: “*Mete com força e com talento, estou ofegante e você percebendo, bate e maltrata essa puta safada, quero jatada de leite na ca...*”

Ela tampou a minha boca de repente e eu morri de rir, precisando prestar mais atenção na estrada mal iluminada.

— Chega, já ouvi o suficiente! Meu Deus, nunca pensei que ouviria um advogado respeitado cantando esse tipo de coisa. Você é a vergonha da profissão.

— *Você é a vergon da profissón* — imitei o *chef* francês famoso e Luna riu mais, limpando as lágrimas que escaparam do canto dos olhos. — Chegamos.

Tirei o carro da estrada de terra e estacionei em cima da grama. Ali não havia nenhuma luz, por isso, deixei os faróis do carro acesos para nos situar melhor e saí do carro, encontrando com Luna do outro lado. Peguei a sua mão e a levei para o meio da grama. À nossa volta eu sabia que tinha algumas árvores ao longe, morros mais longe ainda, mas, acima das nossas cabeças, havia algo que não dava para passar despercebido: o céu escuro iluminado pelas estrelas.

— Vem cá — sentei-me no chão e a puxei para o meu lado, deitando-me. Ela se deitou ao meu lado e percebi que olhava encantada para o céu.

— Nossa, que coisa mais linda. Parece uma pintura.

— É lindo sim. Já tinha vindo aqui?

— Apesar de não saber exatamente onde estamos, acho que não.

— Estamos praticamente no limite das terras do Ramon, do lado sul. Ele comprou esses hectares há alguns anos, mas ainda não mexeu nele, tem planos de construir aqui um novo prédio de veterinária no futuro. Enquanto ele não faz isso, a gente aproveita essa imensidão.

Apesar de estar falando sobre o céu, eu não conseguia tirar meus olhos dela. A luz dos faróis do carro ao longe iluminavam seus olhos e seus traços delicados, seus cabelos rosas espalhados na grama fresca. Eu me sentia mais tocado por ela do que nunca. Como se sentisse meu olhar, ela se virou e me encarou, abrindo um sorriso.

— É maravilhoso. E seus olhos parecem estar refletindo a luz das estrelas

— confessou.

— Os seus também.

Ficamos alguns segundos em silêncio, apenas olhando dentro dos olhos do outro, enquanto uma brisa fresca tocava a nossa pele. Sem poder me conter, segurei a sua mão e resolvi romper aquela ligação louca, voltando a encarar o céu. Pela minha visão periférica, vi que ela fez o mesmo. Eu sempre fui o tipo de pessoa expansiva, que gostava de tocar, abraçar, me fazer presente de inúmeras maneiras, mas com Luna eu me sentia diferente.

A cada vez que a abraçava, que tocava a sua mão, que beijava a sua bochecha, eu me sentia mais próximo, mais... Íntimo. Sentia-me muito mais íntimo dela do que de qualquer outra mulher que havia passado pela minha vida. Tinha certeza que era porque sentia por ela um carinho especial, que chegou de repente, invadindo o meu peito e ficando, até fazer morada de vez. Parecia loucura, mas Luna era importante demais para mim. Exatamente por ter essa convicção, que me vi perguntando em voz alta:

— Sua mãe parecia um pouco tensa enquanto conversávamos. Era por minha causa?

Ela virou a cabeça para mim de repente, arregalando um pouco os olhos, me dando mais certeza de que as minhas suspeitas tinham algum fundamento. Fazendo uma careta, ela disse:

— Ela ainda está tentando entender a nossa amizade.

— Como assim?

— Ela não entende muito bem o porquê de você querer ser meu amigo. Acho que pela nossa diferença de idade, por você ser tão diferente de mim — deu de ombros, como se não fosse nada demais, mas nós dois sabíamos que era.

— Não somos tão diferentes assim, se fôssemos, não nos entenderíamos tão bem — falei, vendo que me olhava com atenção. — Sei que sou bem mais velho do que você, mas não tenho preconceito com esse tipo de coisa e você também não.

— Realmente, não tenho. E, sabe, minha mãe também não tem, ela só está um pouco assustada, eu acho. Ela não esperava que você e eu nos tornássemos amigos, por mais que, agora, eu viva ao lado de Gabi e partilhando momentos com vocês.

Assenti, sabendo que poderia mesmo ser isso, mas com um alerta acionando no fundo da minha cabeça.

— Ela acha que tenho outras intenções com você — deduzi e senti Luna

ficar tensa ao meu lado. — Não é isso?

Ela pareceu hesitar, mas, depois de respirar fundo, falou:

— Também, mas eu já expliquei a ela que a nossa relação não é assim, que somos amigos e que você se tornou muito importante para mim.

Suas últimas palavras me fizeram sorrir, apesar de não terem afastado o gosto amargo que surgiu na minha boca. Não queria que a mãe de Luna olhasse para mim e visse um manipulador, um idiota imbecil que estava se aproximando da sua filha para poder se aproveitar dela. Eu estava bem longe de ser assim. Sem deixar que Luna percebesse o meu desconforto, dei um beijo em seus dedos e falei:

— Vou conversar com ela quando te deixar em casa.

— O quê? Como assim? Conversar o quê?

— Vou explicar a ela que não me aproximei para poder me aproveitar de você ou algo do tipo.

— Caio, não precisa, minha mãe já sabe disso, eu falei com ela.

— Mas eu quero falar também — fale, virando-me um pouco para poder olhar bem em seus olhos. Com cuidado, tirei uma mecha maior da franja que cobria a lateral do seu rosto e a coloquei atrás da sua orelha. — Gatinha, eu seria o primeiro a dar um tiro na cara do idiota que se aproximasse para poder brincar com você, se aproveitar ou fazer qualquer tipo de maldade. Não posso deixar que sua mãe fique pensando que eu sou esse tipo de pessoa, pois não sou. Ela não está errada em se preocupar, mas quero deixar claro que não precisa duvidar de mim ou das minhas intenções com você.

Ela suspirou baixinho e só ouvi porque estava bem perto dos seus lábios entreabertos. Sem querer, olhei mais para eles do que devia e logo me repreendi, voltando a me deitar ao seu lado.

— Tudo bem, pode falar com ela, mas sei que ela logo vai perceber que você não tem más intenções comigo. Até expliquei a ela que você abriu os meus olhos sobre Nicolas.

— É mesmo?

— Sim. Ela adora o Nicolas, fica me incentivando a sair com ele, perguntou como foi o nosso “encontro” no domingo — disse ela, frisando a palavra “encontro” de modo estranho. — Com certeza ela fica sonhando com o nosso namoro.

Eu ri baixinho, apesar de sentir um incômodo idiota na boca do estômago.

— É isso que as mães fazem, ficam sonhando com relacionamentos perfeitos para os filhos.

— Pois é. Engraçado, pois ela ficou toda preocupada sobre você, mas não ficou sobre o Nicolas. Ele também tem certa fama de mulherengo, já ficou com quase todas as garotas de Santo Elias.

— Há uma diferença grande entre mim e ele, gatinha.

— Grande, é? Se você falar sobre o seu pau de novo, vou te bater — falou em tom de brincadeira, apertando meus dedos. Eu ri de verdade daquela vez.

— Olha você trazendo o meu pau à tona! Pensei que isso nunca mais aconteceria.

— Ai, meu Deus, maldita hora que abri a minha boca.

— Maldita nada, foi o meu pau que nos aproximou. É a primeira vez que isso acontece sem ele participar efetivamente das coisas — falei arqueando as sobrancelhas e ela riu. Mesmo sob a parca iluminação, vi suas bochechas corarem.

— Você é terrível, meu Deus! Por favor, podemos voltar ao foco? Qual é a grande diferença entre você e o Nicolas?

— A diferença é que eu sou um homem bem mais experiente. E mais bonito, charmoso, gostoso, encantador... Você mesmo disse isso para Gabizinha.

— Eu não falei isso — ela gargalhou.

— Falou sim, ela me disse.

— Ela exagerou muito. Eu não falei que você era gostoso, nem charmoso. Bonito e encantador talvez, mas nada mais do que isso.

— Não acredito — falei com desdém, fazendo um muxoxo. — Você está é com vergonha de me elogiar na minha frente, mas tudo bem, eu entendo. Minha beleza pode ser intimidadora às vezes.

— Alguém já disse que o seu ego é enorme?

— A Beyoncé já disse, naquela música — pisquei e a boca dela caiu aberta, enquanto se sentava.

— Minha nossa, Caio, meu Deus! Você não presta!

Eu ri e me sentei também, enquanto ela balançava a cabeça e ria comigo, um pouco chocada pela minha audácia. Minhas relações sempre foram permeadas por leveza, mesmo quando eu estava na presença de algum cliente, mas com Luna, era diferente. Havia algo especial em fazê-la sorrir, gostava da forma como ela jogava a cabeça levemente para trás e os seus olhos se iluminavam.

— Sabe, eu estava lendo aquele livro que te falei uma vez, “A Morte de um Solteirão” e, no começo, o protagonista me lembrou um pouco de você.

— É mesmo? Por quê?

— Porque ele vivia com uma mulher a cada noite, não queria relacionamento sério, falava que iria morrer solteiro. Antes de te conhecer melhor, achei que você era assim, pensei que fugia de relacionamentos sérios também, mas agora sei que não.

— Por quê? Estou parecendo um homem apaixonado?

Ela balançou a cabeça rapidamente, negando.

— Não. Eu sei disso, porque você ajudou o Ramon e a Gabi a ficarem juntos, olha para os dois com admiração, me aconselhou a prestar mais atenção em Nicolas... Você é um homem sensível, *advogado*. Não foge de relacionamentos, acho que só não está em um, porque não achou a mulher certa ainda.

Eu fiquei sem palavras por alguns segundos, minha mente dando voltas com o que ela disse. Sem querer, me lembrei de como me senti ao me deitar na noite anterior, depois de presenciar a cumplicidade entre Tavares e sua esposa. Talvez Luna tivesse razão, eu só não estava em um relacionamento ainda, porque a mulher certa não havia cruzado o meu caminho. Acho que estava apenas esperando por ela. Soltando um suspiro um tanto dramático, falei:

— Vamos ver quem será a sortuda que vai ganhar o meu coração.

— Sortuda? Ela vai ter que ser muito paciente para aguentar esse seu ego enorme... — Parou de falar de repente, certamente se lembrando do trocadilho que fiz minutos atrás. Assim que abri a boca, ela foi mais rápida e disse em uma risada: — E nada de falar sobre a música da Beyoncé, por favor! Já fiquei traumatizada o suficiente quando soube que “Ego” era sobre o... Bem, sobre os *atributos* do Jay-Z!

Eu gargalhei, a puxando para perto de mim sobre os ombros, a abraçando.

— Tem certeza que você lê livros eróticos? Fica muito tímida sobre o sexo para o meu gosto.

— Eu leio sim, mas é diferente. Eles não existem, né.

— Esse tal de solteirão existe, pelo o que você me falou.

Ela escondeu o rosto em meu peito e riu baixinho.

— Eu fico chocada toda vez que me lembro disso, porque tem umas cenas... Aí eu penso: “meu Deus, ele fez isso mesmo com a Alice”. É bem louco, mas o livro é muito bom. Até baixei o aplicativo dele enquanto lia.

— Aplicativo dele? Do livro?

— Não, não expliquei direito — ela se afastou e me olhou. — O Romeo

criou aquele aplicativo de relacionamento, o *MatchLove*.

— Calma aí, o dono do aplicativo *MatchLove* escreveu um livro?

— Isso aí, um livro sobre como ele se apaixonou pela esposa e ela “matou” o solteirão que havia nele. Você conhece o aplicativo?

— Claro, ele me ajuda muito quando estou viajando — sorri dando a entender como o aplicativo me ajudava e Luna revirou os olhos, me dando um sorriso condescendente.

— Claro que te ajuda, você é um safado — brincou. — Eu já conhecia, mas nunca pensei em baixar. Depois de ler o livro, resolvi ver como era.

— Acho melhor o Nicolas se cuidar, então.

— Por quê?

— Porque agora vai chover pretendentes na sua horta, gatinha. Duvido que você vai ficar muito tempo sem receber mensagens e curtidas — falei com um gosto amargo tomando a minha boca. Que porra era aquela? Estava ficando louco, só poderia ser.

— Até parece — ela murmurou meio tímida, adorável. — Eu queria ficar mais tempo aqui, mas acho melhor a gente ir, já está ficando tarde.

Olhei em meu relógio de pulso e vi que já era quase onze da noite. Realmente, era melhor mesmo irmos embora, pois se chegasse com ela muito tarde, não haveria conversa no mundo que faria com que Rosana confiasse em mim. Nos levantamos e fomos juntos até o carro, dessa vez, ouvindo de verdade uma das músicas da minha *playlist*. Ed Sheeran cantava *Give Me Love* e Luna cantava baixinho. Sua voz era gostosa de ouvir e me peguei prestando mais atenção na letra. Um trecho chamou a minha atenção.

*Me dê amor como nunca antes
Porque ultimamente eu tenho desejado mais*

Não entendi porque aquela parte específica me tocou, talvez pelo o que senti ontem à noite ou pelas palavras de Luna ainda pouco, falando sobre como me enxergava e sobre relacionamentos. De qualquer forma, resolvi deixar isso de lado e logo chegamos em frente à sua casa.

— Se preferir, eu nem preciso entrar, posso conversar com a sua mãe na porta.

— Não, nada disso, é lógico que você vai entrar. Vem.

Saí do carro e a acompanhei, passando pelo portão pequeno até chegar à porta da frente da sua casa. Eu havia visitado quase todas as residências

quando estavam em construção, sabia basicamente a estrutura semelhante que cada uma tinha, mas me perguntei se a de Luna era com dois ou três quartos. Será que ela dividia o quarto com a irmã ou tinha um apenas para ela? O pensamento fugiu da minha mente quando ela me convidou para entrar e Rosana se levantou do sofá, um pouco surpresa com a minha presença.

— Mãe, Caio quer conversar com a senhora — Luna foi direta e Rosana pareceu ficar ainda mais surpresa.

— Sente-se, Caio, fique à vontade. Quer beber alguma coisa? — Rosana perguntou.

— Não, eu estou bem. — Sentei-me no sofá de três lugares, percebendo rapidamente como a casa de Luna era modesta, mas bem-arrumada, com plantinhas e a parede da sala em um tom salmão. Tinha cara de lar de verdade e me senti muito bem ali. Ela se sentou ao meu lado e Rosana tomou o seu lugar no sofá de dois lugares. — Rosana, eu sei que nos conhecemos há muitos anos, sempre tivemos uma boa relação e conversamos quando eu ia falar com você e com as meninas na cozinha, mas sei que isso não é garantia de confiança, muito menos quando se trata sobre a sua filha, por isso resolvi vir aqui conversar com você. Quero que saiba que não me aproximei de Luna com má intenção, apenas porque achei que ela é uma garota maravilhosa, engraçada, amorosa e queria ser seu amigo. Em momento algum tentei ser mais do que isso e achei que precisava deixar isso bem claro.

Rosana ainda parecia um pouco chocada, olhando de Luna para mim, sem saber ao certo o que dizer. Com certeza não esperava pela minha visita, muito menos que eu fosse conversar com ela. Recompondo-se um pouco, ela foi sincera:

— Eu gosto de você, Caio, de verdade, mas realmente me preocupo com a minha filha. Não quero que Luna se machuque.

— Eu jamais a machucaria, pelo contrário. Pode contar comigo para espantar os idiotas que queiram brincar com os sentimentos dela — falei bem sério e Rosana arqueou as sobrancelhas.

— Eu ainda não sei o que pensar. Mas, se realmente for só uma amizade, não vejo problemas.

— Claro que é só amizade, mãe, eu falei com a senhora.

— Sim, não há nada mais do que amizade.

Rosana pareceu relaxar um pouco mais e vi até um vislumbre de sorriso em seus lábios.

— Bom, se você veio aqui para esclarecer isso, acho que merece o meu

voto de confiança. Luna é a minha vida, assim como a Fernanda... Eu só não quero que ela acabe se magoando.

— Mãe, por favor!

Eu acabei rindo do modo como Luna falou e olhou para ela e Rosana a ignorou.

— Não vou magoar sua filha, dou a minha palavra.

Ela assentiu e eu me levantei, a abraçando rapidamente antes de sair. Luna me acompanhou até a porta e soltou um suspiro.

— Minha mãe pode ser um pouco dramática quando quer.

— Qual mãe não é assim? Até a minha é um pouco dramática, mesmo eu já tendo trinta e seis anos na cara. Mas eu a entendo, ela só quer garantir que eu não vou te machucar e eu realmente não vou.

— Eu sei disso, *advogado*. Agora, vamos deixar isso para lá, pois já estou começando a me sentir como uma rosa frágil e intocável — falou um tanto dramática e eu ri baixinho.

— Está bem, juro que não falo mais nada. — Com delicadeza, a puxei para mim e a abracei, sentindo o cheiro levemente adocicado do seu perfume. Ela retribuiu e ficamos daquele jeito por alguns segundos, até eu me afastar e dar um beijo em sua testa. — Até mais, pequena.

— Até mais, *advogado*.

Entrei em meu carro e demorei um segundo a mais para dar partida, apenas para gravar a sua imagem em minha cabeça, em seguida, parti para minha casa, sentindo que mais um pedaço de mim havia ficado com ela.



Capítulo 15

Luna

Eu já havia acordado, tomado café da manhã, adiantado parte do almoço, mas sentia como se minha alma estivesse fora do meu corpo e a minha cabeça estivesse bem longe dali. Estava assim há dois dias, presa no momento em que me deitei ao lado de Caio na grama e observei como seus olhos pareciam refletir a luz das estrelas. Racionalmente, sabia que deveria me lembrar mais do céu azul-escuro e iluminado do que do *advogado*, mas não conseguia. Aquele momento ao seu lado foi inesperado e muito especial. Peguei-me com o coração acelerado por vários momentos, um sorriso idiota no rosto, uma vontade de me aproximar um pouco mais, sentir o seu toque, seus braços ao meu redor.

Cada detalhe havia ficado gravado em minha memória e se recusava a sair. Toda vez que falava com Caio ou que ficava em sua presença, eu me sentia cheia dele, dominada por sentimentos intensos e desconhecidos. Se eu fechasse os olhos, conseguiria sentir o toque suave dos seus dedos nos meus, o momento em que me puxou para o seu peito quando nos sentamos na grama ou quando me abraçou em frente à minha casa e beijou a minha testa. A pressão dos seus lábios macios era algo que eu sabia que não esqueceria e já queria mais, mesmo sabendo que não deveria.

Um alerta soou no fundo da minha mente, como se dissesse para eu tomar cuidado e resolvi o levar em consideração. Realmente, não poderia ficar pensando demais em Caio, nem ficar revivendo cada momento que passávamos juntos, pois éramos apenas *amigos*. Precisava focar nisso. Para me distrair, coloquei uma música e terminei o que tinha que fazer na cozinha, indo tomar um banho logo em seguida. Quando voltei para o quarto, me arrumei e fui até o casarão para ficar um pouco com Gabi.

A encontrei terminando de se arrumar para ir visitar o pai e me ofereci para

acompanhá-la, já que Ramon estava em uma reunião e não poderia ir. Ela estava ansiosa, claramente esperando que o pai apresentasse alguma melhora ou respondesse a estímulos na sua frente, mas, assim que chegamos em frente ao quarto dele, um homem de terno saiu e demonstrou surpresa ao ver Gabriela. Fiquei em alerta máximo enquanto os via interagir, sem saber ao certo quem ele era, mas tendo certeza de que parecia muito incomodado por Gabi ter o encontrado ali. Assim que ele se afastou, eu falei:

— Que homem esquisito. Ele é o que do seu pai?

— Advogado — ela respondeu, virando-se para mim com o cenho franzido. — Esquisito como?

— Sei lá, ele não me inspirou muita confiança e pareceu estar bem desconfortável enquanto conversava com você. Parecia que não queria que você descobrisse que ele veio visitar o seu pai... — Fiquei com medo de estar falando besteira e decidi parar por ali, sentindo-me uma intrometida. — Bom, pode ter sido só uma impressão.

— Não, não foi só uma impressão, eu senti o mesmo. Ele pareceu bem surpreso ao dar de cara comigo aqui no corredor. Não consigo pensar em um motivo para ele não querer que eu soubesse que veio visitar o meu pai. Como seu advogado, é normal que ele se preocupe e que o visite regularmente, apesar de não ter aparecido por aqui desde o dia do acidente.

— Será mesmo que não apareceu? Talvez tenha vindo e não tenha avisado.

Gabi pareceu ficar um pouco tensa com aquela possibilidade, mas concordou comigo e disse que daria um jeito de descobrir aquilo. Eu esperava que estivéssemos apenas sendo paranoicas e que o advogado não estivesse agindo com má intenção, pois Gabi não merecia sofrer ainda mais. Já não bastava a batalha que vinha enfrentando ao lado do pai.

Eu fiquei em um canto do quarto enquanto ela visitava o Sr. Rodrigues, que ressonava. Não me lembrava de ter o visto muitas vezes antes do acidente, raramente ele ia à cidade e, quando ia, ficava sempre dentro do carro dirigido por um motorista e pouco falava com as pessoas. Ele parecia ser um homem muito duro, distante, antissocial, que olhava para as pessoas como se fosse melhor do que todo mundo. Novamente, poderia ser apenas uma impressão, mas era o que todo mundo em Santo Elias achava dele e, depois de saber do que fez com a família do Ramon, talvez ele fosse realmente tudo aquilo que o povo dizia. Graças a Deus Gabi não era parecida com ele.

Mesmo assim, ao olhar para o homem na cama, não conseguia sentir raiva

ou repulsa, só pena por estar naquele estado, enquanto tinha uma filha maravilhosa ao seu lado. Pelo o que sabia, Gabi morou durante anos em São Paulo, pouco via o pai, por isso, o meu desejo era que ele ficasse bom, se arrependesse de todos os erros que havia cometido e desse mais valor à Gabriela. Ela merecia aquilo. Saímos do hospital uma hora depois e caminhamos um pouco pela cidade, entrando em algumas farmácias e lojas. Em uma delas, ao passarmos pela sessão das *lingeries*, comecei a rir baixinho e peguei uma calcinha de renda fio dental, virando-me para Gabi.

— Olha só, Ramon ficaria doido com isso aqui!

Eu tinha a intenção de ser discreta, mas acho que não consegui, pois uma senhora que estava passando ao nosso lado nos deu um olhar feio assim que me calei. Envergonhada, Gabi tomou a peça da minha mão e começou a rir.

— Pensei que iríamos apanhar da senhorinha que passou ao nosso lado agora.

— Ora, acho que ela sentiu inveja. Mas, sério, a calcinha é linda! Queria comprar para mim, mesmo não tendo com quem usar, só para me admirar no espelho... — falei, pensando em como a *lingerie* ficaria no meu corpo.

A curiosidade levou a maior e eu acabei pegando uma preta, enquanto Gabi enchia a sua cesta com outras peças ousadas, que eu ajudei a escolher. Pelo menos ela poderia usar todas elas com Ramon, eu teria que deixar a minha guardada para alguma ocasião no futuro, ou usar no dia a dia, só para não ter na consciência o gostinho de que eu havia gastado dinheiro à toa.

Voltamos para a fazenda um pouco mais tarde e eu sentia Gabi ansiosa, provavelmente tendo várias ideias de como estreitar as *lingeries* novas com Ramon, por isso, resolvi me despedir e fui direto para casa. Falei rapidamente com Fernanda, que estava na sala estudando para uma prova e fui guardar minhas coisas no quarto, encontrando a calcinha no fundo da sacola.

A peça era tão delicada que senti até medo de rasgar e prometi a mim mesma que acharia um motivo para usá-la. Então, comecei a rir quando uma ideia idiota passou pela minha cabeça. Já que não iria usá-la em meu corpo agora, pelo menos poderia usá-la de outra forma. A posicionei em cima da minha cama, deixando em evidência as tiras finas na cintura e tirei uma foto. A enviei junto com uma mensagem para Caio:

“Amanhã eu vou me encontrar com Nicolas, você acha que vai ficar muito apelativo se eu for usando essa calcinha?”

Eu reli a mensagem soltando uma risadinha nervosa e um tanto excitada, sem saber ao certo onde eu queria chegar com aquela mentirinha. Só queria perturbar o *advogado*? Minhas bochechas ficaram quentes e eu larguei o celular em cima da cama, sem coragem para ver a resposta que Caio sequer havia me enviado ainda. Cheguei a pensar em apagar, mas, então, lembrei-me dele me provocando sobre a cor da sua cueca durante o jantar e a mentira que me contou quando estávamos conversando pela chamada de vídeo, falando que estava acompanhado. Aquela seria a minha vingança para cima do *advogado*.



Caio

Acomodei-me na cama do hotel e liguei para a recepção pedindo serviço de quarto, pois estava cansado para ir almoçar em algum restaurante. Aproveitaria o dia livre para descansar, pois sabia que os próximos dias seriam puxados. Havia chegado em Belo Horizonte há pouco mais de uma hora, pois tinha sido convidado para participar de uma convenção naquele final de semana, portanto, tinha que comparecer aos eventos no sábado e no domingo. E na segunda-feira precisaria ir até o interior de Minas visitar a fazenda de um cliente. Precisaria do dia de hoje para recarregar as baterias.

Por falar em bateria, saltei da cama para pegar meu celular do carregador e voltei a me acomodar, dando uma olhada nos meus *e-mails* e respondendo os mais importantes. Aproveitei e entrei no *WhatsApp* para mandar uma mensagem para André Silveira, que também era advogado e meu amigo, para perguntar se ele havia sido convidado para a convenção. Seria bom ter mais de um rosto conhecido no local, por mais que eu tivesse facilidade em fazer amizades.

No entanto, antes que eu pudesse procurar o seu nome em meus contatos, percebi que Luna havia me mandado uma mensagem há pouco mais de meia hora e eu não tinha visto. Provavelmente, estava no banho. Havíamos conversado pouco desde a noite do jantar, mas foi só ler o seu nome que meu coração acelerou um pouco as suas batidas. Ansioso para saber o que havia

me enviado, esqueci completamente de André e cliquei em sua mensagem, sentindo um golpe bem na boca do estômago ao dar de cara com uma foto. Precisei me sentar na cama e olhar para a tela do celular com mais atenção, só para ter certeza de que eu não estava vendo coisas.

— Mas... Que porra é essa? — perguntei para mim mesmo depois de ler a sua mensagem. O nome “Nicolas” e a foto daquela calcinha indecente simplesmente não se encaixavam. Luna havia enlouquecido?

Olhei novamente para a *lingerie* preta, com um pedaço de renda em forma de triângulo invertido, as tiras finas nas laterais e o fio dental atrás. Era tão pequena, que eu acho que sumiria na minha mão e no meio das pernas de Luna. Ah, porra! Foi impossível impedir a minha mente de trabalhar. Por um momento, lembrei-me de cada detalhe do corpo dela, os seios pequenos, mas firmes, a pele sedosa, a barriga plana, as pernas torneadas, a bunda dura e consegui visualizá-la usando apenas aquela coisinha minúscula que chamava de calcinha e um sutiã sensual.

Minha garganta ficou seca e larguei o celular na cama, como se o aparelho estivesse me queimando. Sequer sabia que havia reparado em Luna daquela forma e agora... Agora só conseguia ver aquilo na minha mente. Seu corpo e aquela calcinha. Só saí do transe quando ouvi o barulho da campainha e caminhei meio aéreo pela suíte do quarto, indo até a porta e recebendo a comida que havia pedido. Já tinha perdido a fome, por isso, deixei a bandeja em cima da mesa e caminhei até o pequeno bar, pegando o uísque em miniatura e bebendo direto do gargalo minúsculo. Queimou minha garganta e meu estômago vazio, mas foi uma sensação bem-vinda, pois me senti despertar ainda mais daquela loucura e me desgarrar da imagem que minha mente insana havia criado.

Luna era minha *amiga*. Eu havia conversado com a mãe dela sobre isso há apenas dois dias, porra! Não podia ficar imaginando aquele tipo de coisa! Mas ela também não ajudava. Por que a danada havia me enviado a praga daquela calcinha? Ela pretendia mesmo usar com Nicolas? Até ontem ela nem queria beijar a boca dele! Respirando fundo, me obriguei a me conter, deixando de lado a sensação horrorosa que me invadiu ao pensar nos dois juntos, ele tirando a roupa dela e vendo a calcinha minúscula...

— Ah, merda! — praguejei, terminando de beber o uísque e jogando a garrafinha no lixo.

Olhei para o celular em cima da cama e decidi que não iria demonstrar como fiquei agitado e esquisito com aquela foto, nem com a sua mensagem.

Iria agir como agiria normalmente, se não tivesse me sentido tão afetado. Eu precisava ser racional, pois a minha vontade era de mandá-la tacar fogo na *lingerie*, o que era ridículo. Luna era adulta, se quisesse usar aquela calcinha para sair com Nicolas ou com quem mais quisesse, tinha todo o direito. Por que eu estava tão alterado? Não era a primeira calcinha de renda que eu via na vida, pelo amor de Deus! E eu mesmo havia a incentivado a viver, a curtir. Talvez ela tivesse tomado coragem suficiente. Tomando controle das minhas emoções, caminhei até a cama, peguei o celular e digitei:

“Não sei, pequena, você precisaria me enviar uma foto usando a calcinha para eu poder avaliar.”

Esse era eu, o cara que sempre arrumava um jeito de brincar e deixar o clima mais leve, no entanto, assim que enviei a mensagem, me arrependi. E se ela realmente me mandasse uma foto usando a porra da calcinha? Meu coração quase subiu até a garganta com a possibilidade, metade de mim querendo ver e a outra metade querendo me dar um soco na cara, para ver se eu acordava para a realidade. Não era certo pensar em Luna daquela forma. Não era certo sequer cogitar a ideia de que eu havia reparado tanto em seu corpo, afinal de contas, éramos amigos.

Tudo bem, eu era homem, estava acostumado a notar cada detalhe de uma mulher, mas, na minha cabeça, Luna estava no mesmo patamar que a Gabizinha, ela era minha *amiga*. Claro, eu tinha mais intimidade com ela do que com Gabriela, falávamos besteiras, eu brincava sobre o lance do pau grande, tinha com ela muito mais liberdade, mas, ainda assim... Era errado, não era? O celular vibrando em minha mão me despertou.

“Você não vale nada, advogado! Espera sentado por uma foto minha de calcinha, hahaha.”

Sentei-me na beirada do colchão me sentindo aliviado. Luna tinha mais senso do que eu, obviamente, já que eu havia feito uma vídeo-chamada com ela usando apenas uma cueca. Talvez tenha sido por isso que me enviou a foto da calcinha, porque se sentia mais íntima depois daquilo. Mas, se fosse por isso, então ela realmente usaria a *lingerie* no dia seguinte? Comecei a sentir dor de cabeça ao pensar nessa possibilidade. Resolvi sondar:

“Que maldade, saiba que isso não se faz, Luna! Estou me sentindo

traído, pois Nicolas vai te ver com essa calcinha e eu não.”

Ela sabia que era brincadeira, lógico, pois logo me enviou uma figurinha rindo, mas comecei a me perguntar até que ponto eu estava realmente brincando. Ainda me sentia incomodado. Lembrei-me das palavras de Ramon no chalé, falando que eu não tinha amigas mulheres e, realmente, tirando a Gabizinha, eu não tinha, mas Luna era diferente. Ela era especial. Eu não podia ficar pensando nela usando *lingerie*. E nem queria ficar incomodado com o fato de ela estar querendo usar uma *lingerie* com outra pessoa. Com Nicolas. A imagem do garoto invadiu a minha mente e decidi que ele não merecia toda aquela dedicação da parte dela, mal havia saído das fraldas, provavelmente nem sabia usar o pau direito. E ela era virgem, será que ele teria paciência com ela? Se ele a machucasse, eu iria arrebentar a cara dele e...

— Caio, para com isso, porra! Qual é o seu problema? — briguei comigo mesmo em voz alta.

Desde o nosso último encontro, sob à luz das estrelas, eu vinha me sentindo estranho. Primeiro, passei o jantar praticamente inteiro reparando em como Luna estava bonita, depois, fiquei segurando a sua mão sob à mesa, então, resolvi que seria uma boa ideia passarmos algum tempo juntos e sozinhos naquela área afastada da fazenda. Realmente, cada minuto ao lado dela havia valido a pena, mas também havia despertado sentimentos que eu não estava nem um pouco preparado para sentir. Assim que cheguei em casa naquela noite, resolvi enterrar tudo aquilo em um canto do meu cérebro e fingir que nada demais havia acontecido, mas, agora, depois da porra da calcinha de renda e da possibilidade de ela usar a *lingerie* indecente com Nicolas, todos aqueles sentimentos — e muitos outros — estavam fervendo dentro de mim com uma intensidade alarmante.

— Estou enlouquecendo, é isso — concluí com certo desespero, sentindo o celular vibrar em minha mão com uma nova mensagem.

“Você acha mesmo que eu teria coragem de usar essa calcinha com Nicolas? Nem encontro marcado nós temos, só queria me vingar de você. Ninguém mandou ficar me falando a cor da sua cueca, agora vai saber a cor de uma das minhas calcinhas.”

O alívio que me tomou foi tão grande que, se eu não estivesse sentado,

certamente teria caído. Soltando o ar preso em meus pulmões, digitei:

“A minha cueca é bem normal, você viu naquele dia, diferente dessa calcinha indecente.”

“A cueca podia até ser normal, mas em você ela não ficou normal. Você deveria ser modelo de cueca, sua bunda ficou muito bonita.”

“Eu sabia que você tinha ficado vidrada na minha bunda! Por isso que ficou meio vesga na vídeo-chamada. Luna, você é uma safadinha.”

“Fiquei vesga nada. E, sim, eu olhei para sua bunda, mas foi rapidinho. Não fiquei secando, como você ficou falando no jantar.”

“Secou sim que eu sei. Agora, se um dia você secar a bunda do Nicolas, vou ficar com ciúmes.”

“A bunda dele não parece ser tão bonita.”

Porra! Algo se agitou dentro da minha cueca, mas eu fiz de tudo para fingir que havia sido um movimento involuntário do meu pau. *“Não tem nada a ver com a mensagem dela”*, pensei, mas, como diria a minha mãe, pior do que tentar enganar alguém, era tentar enganar a si mesmo. A gente não podia fugir da nossa consciência. Resolvi desconversar:

“Gatinha, você está muito ousada hoje. Acho que está na hora de deixar seus livros picantes de lado, estou ficando preocupado.”

“A culpa não é dos meus livros.”

“É da minha bunda, então? Primeiro foi o meu pau... Luna, você é uma tarada!”

“Meu Deus, como você é insuportável, kkkkkk. Você que trouxe esse assunto à tona.”

“Nada disso, você que começou com a foto dessa calcinha indecente.”

“Indecente? Eu tenho certeza que você já viu lingerie bem mais ousadas, advogado!”

Realmente, ela tinha razão, mas em nenhuma delas *ela* estava vestida. E eu mal conseguia me lembrar da calcinha que a última mulher com quem eu estive estava usando, ao contrário do que o meu cérebro idiota estava fazendo agora, decorando cada detalhe da calcinha preta que Luna havia me enviado. E imaginando como ficaria nela.

“Não consigo me lembrar de nenhuma agora, portanto, essa é a mais

safada, ousada e indecente que eu já vi! Combina com a safadinha que você é.”

“Só você me acha uma safadinha mesmo.”

“É porque eu te conheço de verdade, gatinha.”

“Tenho que concordar.”

“E você ainda tentou fugir de mim. Me magoa tanto lembrar disso, Luna! Nunca vou superar a sua rejeição!”

“Eu adoro o seu lado dramático, Caio, kkkkkk. Eu pensei que você queria ficar zoando com a minha cara sobre o lance do pau grande...”

Foi por isso que fugi.”

“Eu fiquei lisonjeado com o elogio, principalmente porque ele reflete a realidade.”

“Meu Deus, Caio!”

“O que foi? É grande mesmo. Depois eu vou medir para falar com exatidão os centímetros, kkkkk.”

“Eu não quero saber.”

“Quer sim, vou matar a sua curiosidade um dia desses.”

“Você não vale nada! Muito sem vergonha, kkkkk.”

Eu tinha que admitir para mim mesmo, trocar aquele tipo de mensagem com Luna, no começo, era divertido. Eu gostava de provocá-la, de fazer com que risse, ficava imaginando suas bochechas vermelhas de vergonha e os olhos brilhando de alegria, mas, dessa vez, a conversa mexeu comigo de um jeito diferente. De alguma forma, parte da inocência havia sido deixada de lado. Não que eu estivesse agindo com maldade, ainda ria enquanto escrevia e lia as suas respostas, mas alguma coisa havia mudado e eu não sabia dizer se isso era bom ou ruim.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos, até que recebi uma ligação de Ramon. Despedi-me dela rapidamente e atendi, tomando um susto quando me contou sobre o advogado do pai da Gabi e a suspeita que ele e ela tinham sobre as intenções dele. Realmente, era muito estranho que ele fosse visitar Abraão e não quisesse que Gabriela soubesse.

— Pode deixar que vou enviar um *e-mail* agora mesmo para o hospital, em caráter de urgência. Vamos descobrir com que frequência ele anda visitando o Rodrigues.

— Faça isso e me avise assim que receber a resposta.

— Pode deixar, Ramonzinho, não se preocupe.

Assim que desligamos, coloquei minha comida no micro-ondas que ficava na área da cozinha da suíte e me sentei para comer, ligando a TV, mas não consegui prestar atenção em nada do que se passava na tela. Nem o gosto da comida eu sentia direito, enquanto pensava no que havia acontecido comigo minutos atrás, os sentimentos que me envolveram enquanto acreditava na possibilidade de Nicolas ver Luna vestida com aquele pedaço de renda preta.

Em que momento meus sentimentos por ela haviam mudado? Como eu não tinha me dado conta? Eu mesmo havia aberto os olhos dela sobre o interesse de Nicolas, a incentivei a se abrir, a sair com ele e agora... Agora era tudo diferente. Esfreguei os olhos, um tanto irritado comigo mesmo. Não queria analisar nada daquilo naquele momento, por isso, deixei o prato vazio sobre a mesa, peguei o meu notebook e tentei trabalhar.



Capítulo 16

Caio

Passar dois dias imerso na convenção me fez muito bem. Eu não via o meu trabalho como uma obrigação — na maior parte do tempo —, por isso, gostava de eventos daquele tipo, onde passávamos um par de horas mergulhados no mundo da advocacia, adquirindo e compartilhando conhecimentos em reuniões, palestras e até mesmo no *coffe break*. No entanto, sempre que saía do evento e voltava para a minha suíte, a realidade voltava a me cercar. Era como se as paredes daquele quarto jogassem na minha cara minha conversa com Luna e a reação que tive, que não saía da minha cabeça por nada.

Eu sentia vontade de pegar o celular e ligar para alguém, desabafar, mas como colocaria para fora algo que eu nem sabia o que era? Parecia que meus sentimentos estavam dando um nó dentro do meu peito e da minha cabeça, se entrelaçando, embaçando a minha capacidade de discernimento. Justo eu, que sempre fui um cara relaxado, que acreditava que tudo era preto no branco, estava completamente perturbado por conta de uma gatinha linda de cabelos coloridos. Pior que a ironia nem me deixava com um gosto amargo na boca, só me fazia sentir vontade de rir de desespero, pois em momento algum imaginei que isso poderia acontecer.

Estava tão concentrado em Luna, que pouco aproveitei o jantar com alguns amigos no sábado à noite. André havia me convidado enquanto ainda estávamos no evento e vi ali uma oportunidade de me divertir e espairecer, mas, assim que cheguei ao restaurante, percebi que não estava no clima para beber e socializar, principalmente quando vi que teríamos companhias femininas. Ao meu lado, se sentou uma mulher linda chamada Carolina. Ela trabalhava em um escritório de advocacia, estava terminando o último semestre de Direito e parecia bem disposta a esticar aquela noite na minha

cama — não que tivesse dito isso, mas um homem entendia alguns sinais. O problema era que *eu* — justo eu, o cara que praticamente *nunca* recusava sexo — não estava nem um pouco a fim de transar naquela noite.

Foi um final de semana atípico, onde me vi me despedindo de Carolina na porta do restaurante e deixando para trás um André chocado, claramente se perguntando o que estava acontecendo comigo. Não dei nenhuma satisfação, só voltei para o meu hotel e passei aquele restinho de noite tentando me concentrar em um filme que passava na TV e, no domingo, agi como se nada demais tivesse acontecido. Por sorte, ficamos ocupados demais na convenção para ter alguma conversa paralela e ele não questionou nada. Se questionasse, eu apenas diria que não fiquei interessado em Carolina — o que não deixava de ser verdade.

Agora, dirigindo de volta para Santo Elias, voltei a me perder em meus pensamentos. Eu sabia que deveria analisar com cuidado o que eu sentia e não apenas ficar repassando o ataque de ciúmes que tive com o episódio da calcinha. Sim, eu tinha que ser sincero comigo mesmo pelo menos sobre aquilo, eu senti *ciúmes* de Luna e o sentimento não tinha nada a ver com amizade, o que era ridículo e inacreditável. Eu havia conversado com a mãe dela na semana passada e garantido que seria apenas amigo da sua filha. Que amigo surtava como eu havia surtado? Se Rosana sequer imaginasse como reagi, chutaria as minhas bolas e me mandaria para bem longe de Luna. E eu nem poderia culpá-la.

Uma coisa era certa: eu não podia agir como um bastardo, como um idiota sem noção. Luna me via como amigo, como alguém com quem ela poderia conversar, se abrir, em quem ela poderia confiar os seus sentimentos, pois *eu* havia dito que seria apenas aquilo para ela. Nossa relação era baseada na amizade, eu não poderia simplesmente começar a confundir as coisas. Não podia quebrar a confiança que ela havia depositado em mim.



Luna

Passei os próximos dias focada na construção da identidade da coleção de

roupas que estava desenhando. A mesa pequena que ficava no canto do meu quarto, perto do busto e da máquina de costura da minha mãe, estava uma bagunça — organizada, pois eu conseguia me entender muito bem em meio aos rascunhos, *croquis*, paletas de cores e estampas que havia imprimido em uma loja de informática no centro da cidade. Enquanto pesquisava referências e tendências que se encaixavam com o que eu imaginava, me sentia cada vez mais ansiosa para ver tudo aquilo saindo do papel e se tornando realidade. Claro, eu sabia que seria impossível trazer à vida todas as peças que estava criando, mas tentaria trabalhar de verdade em algumas delas.

Fernanda, que geralmente ficava chocada com as coisas que eu inventava, vinha me incentivando e dando opiniões em alguns desenhos. As roupas não faziam muito o estilo dela, mas, mesmo assim, ela não poupava elogios quando achava algum modelo bonito. Minha mãe estava um pouco assustada com a minha bagunça e não sabia muito bem como eu conseguia me organizar, mas também estava gostando dos *croquis* que eu mostrava e meu pai estava animado, principalmente porque falei que estava me encontrando e praticamente decidida que iria cursar Moda na faculdade. Acho que, no fundo, essa sempre foi a minha primeira opção e ele sabia disso.

Nesse meio tempo, continuei fazendo companhia a Gabi aos finais de tarde e conversando com Caio por mensagens. A cada vez que pensava nele, meu coração dava uma guinada no peito e me pegava sorrindo como uma idiota quando conversávamos. Também acabava repassando cada coisa que me dizia quando ia me deitar, mesmo sabendo que pensar tanto nele acabava mexendo com algumas emoções que eu não queria sentir.

Nutrir uma paixonite por Caio quando mais nova foi o auge da minha adolescência. Estava cheia de hormônios em fervorosa, confusa com aquela transição entre a infância e o amadurecimento não só do corpo, mas dos meus sentimentos, e ele sempre foi o homem mais lindo que eu já tinha visto. Era bem óbvio que qualquer menina da minha idade se encantaria pelo seu sorriso e pelo seu charme, mesmo que eles não fossem dirigidos diretamente a mim. No entanto, eu havia crescido e tinha plena convicção de que tinha deixado tudo aquilo para trás. Ainda via Caio como o homem lindo e gostoso que ele era, talvez ele fizesse parte de alguns dos meus sonhos eróticos, mas era só isso.

Até nos aproximarmos e nos tornarmos amigos.

Não sabia dizer ao certo se, no começo da nossa amizade, eu conseguia realmente separar os meus sentimentos e focar no fato de que éramos apenas

amigos. Acreditava que sim, pois tinha até medo de que eu acabasse enlouquecendo e metendo os pés pelas mãos, destruindo algo que poderia ser bonito e que me fazia tão bem. Parecia que havia sido ontem, mas Caio e eu já éramos amigos há quase dois meses e, desde então, eu me sentia diferente, mais madura, consciente de mim mesma, confiante. Assim como Gabi, ele sempre me colocava para cima, me fazia sorrir, me ajudava a acreditar mais em mim e não dar tanto crédito às inseguranças que eu sentia. No entanto, diferente dela, Caio parecia mexer com algo mais profundo dentro do meu peito.

A certeza disso não veio de uma hora para outra, mas, sim, após uma série de fatores. Desde o nosso último encontro sob à luz das estrelas, algo havia se expandido dentro do meu peito. Nada no mundo conseguia apagar a emoção que senti enquanto estávamos juntos, deitados lado a lado, suas mãos nas minhas, o carinho refletido em seu olhar. Talvez ele nem imaginasse, mas aquele momento foi muito especial para mim. Certamente, ele me via apenas como uma amiga, nem deveria nutrir sentimentos mais profundos por mim, mas isso não impedia meu coração idiota de se encantar cada vez mais por ele.

Não queria nutrir sentimentos mais profundos por Caio, pois não queria estragar a nossa amizade, que, realmente, havia sido um grato presente. Ele era maravilhoso comigo, amoroso, preocupado, carinhoso, mas como *amigo*. Como eu poderia colocar a nossa relação em risco por estar sentindo mais do que deveria? Racionalmente, eu sabia que não podia trazer à tona a paixão que senti por ele no passado, principalmente porque não seria um sentimento bobo de uma adolescente e, sim, de uma mulher adulta e isso só complicaria as coisas. Caio não me via como algo mais do que sua amiga e eu tinha que fazer o mesmo, por isso, aproveitei aqueles dias longe dele, para tentar calar todas as vozes inconvenientes em meu peito e em minha cabeça e continuar a agir como a amiga que ele queria que eu fosse.

Ele havia voltado de viagem no dia anterior, mas não tivemos tempo para nos encontrar. O pai de Gabi havia recebido a visita de uma mulher misteriosa na noite passada e agora ele e Ramon estavam tentando descobrir a sua identidade. Fiquei chocada quando Gabi me contou o que havia acontecido por mensagens hoje de manhã e agora estava aflita no meu quarto, torcendo para que tudo se resolvesse e que nada de ruim acontecesse ao Sr. Rodrigues. Deixei meu celular perto de mim, pois deixei claro para Gabi que era para me mandar uma mensagem quando voltasse do hospital e voltei

meus olhos para o computador, fazendo algumas pesquisas. Estava tão concentrada, que quase pulei da cadeira quando ouvi o toque do celular ao meu lado. Logo pensei que era uma ligação da Gabi, mas me surpreendi ao ver o nome de Caio na tela. Nem precisava dizer que meu coração havia quase explodido no peito.

— Oi, *advogado*.

— Oi, gatinha. Está em casa?

— Sim, estou. Aconteceu alguma coisa? — perguntei logo, pois notei que ele parecia agitado do outro lado da linha.

— Sim, aconteceu. Estou aqui em frente à sua casa, pode me encontrar?

— Claro, já estou indo.

Apressada, me despedi dele e calcei o primeiro par de tênis que vi pela frente, saindo de casa logo em seguida. Surpreendi-me ao não ver o seu carro em frente à minha casa, mas apenas ele sozinho, com uma expressão esquisita e um olhar meio assombrado, que me deixou ainda mais preocupada. Assim que saí, ele encurtou a nossa distância e me deu um abraço bem forte, que me fez derreter.

— Estava com saudades, gatinha.

— Eu também! Você só trabalha, mal tem tempo para os amigos.

Ele riu baixinho e me deixou sair dos seus braços, pegando a minha mão em seguida.

— Eu voltei de viagem ontem e o Ramon correu para me botar para trabalhar. Ele não me deixa em paz — disse, tentando manter o tom brincalhão, mas eu sabia que alguma coisa muito séria tinha acontecido, pois não conseguiu disfarçar por muito tempo.

— O que houve? Meu Deus, é sobre a visita da tal mulher ao pai da Gabi? Aconteceu alguma coisa com ele?

— Não aconteceu nada com ele, mas é sim sobre a mulher. É surreal, pequena, nem sei como começar a falar sem parecer uma história vinda direto de um filme de terror, mas... A tal mulher é a mãe da Gabi.

Senti um baque por dentro e minha mente começou a dar um nó, enquanto eu processava as palavras de Caio.

— Mas a mãe da Gabi não morreu há anos? — perguntei sem entender nada.

— Era o que todos nós pensávamos, mas ela não só está viva, como veio aqui na fazenda. Ela foi embora há pouco mais de uma hora.

— Meu Deus... E a Gabi? Ela deve estar em choque! Preciso ir lá vê-la!

— Por isso que vim aqui falar com você, ela está mesmo muito abalada depois de ter visto a ex-defunta — ele disse com uma careta, que conseguiu penetrar a confusão em minha mente e me fazer rir.

— Caio! Não fala assim.

— Mas é o que ela é, não? Até hoje de manhã a gente achava que ela estava morta.

— Isso é muito estranho. Ela não explicou nada? Simplesmente apareceu e disse “estou viva”?

— Ela deu uma explicação bem esquisita, mas eu não acreditei em nada que saiu da boca dela. Não consigo confiar naquela mulher — ele disse bem sério e eu assenti. Se ele não confiava, eu também não via motivos para confiar. — Eu te conto tudo o que ela disse a caminho do casarão.

E foi o que ele fez enquanto íamos até lá. A cada palavra que saía da sua boca, eu ficava mais chocada. Parecia realmente uma história saída de um filme de terror. Primeiro a visita da mulher ao pai de Gabi, agora, a mãe dela viva, depois de ter passado os últimos quinze anos declarada como morta. Eu só poderia imaginar como Gabi deveria estar. Minha amiga não merecia passar por aquilo. Assim que chegamos ao casarão, encontramos Gabi e Ramon almoçando na sala de jantar.

— Gabizinha! — Caio abriu os braços e Gabi saiu da mesa indo abraçá-lo. Ela estava ainda pior do que eu havia imaginado, com os olhos inchados de chorar e o semblante triste, que quebrou o meu coração. — Como você está se sentindo? — Ele perguntou quando ela se afastou.

— Mal, ainda. Estou me recuperando do choque.

— Eu imagino! Fiquei preocupado, mas sei que Ramon está cuidando muito bem de você.

— Quando é que Ramon não cuida bem de mim?

Eles se olharam com aquela atração invisível que os ligava, mas eu logo interrompi, pois queria abraçá-la com força e nunca mais soltar. Ela se jogou em meus braços e eu pude sentir a sua dor dentro de mim.

— Amiga, Caio me contou o que aconteceu. Eu nem sei o que dizer! Quer conversar?

Ela disse que sim e deu um beijo em Ramon, que disse levaria para ela o remédio de dor de cabeça depois. Fomos juntas até a varanda do casarão e, lá, Gabi desabou. Ela estava muito machucada, confusa, como se não acreditasse no que estava acontecendo, sem saber se confiava ou não na história que a mãe havia contado para justificar a falsa morte. Ela se sentia traída e, em seu

lugar, eu estaria me sentindo da mesma forma. Como uma mãe era capaz de forjar a própria morte e deixar uma filha para trás? Gabi ainda era uma criança na época. A história me indignava, mas eu não estava ali para julgar e, sim, para oferecer apoio a Gabi, que estava muito fragilizada.

Eu a abracei com força e logo Ramon se aproximou, fazendo o mesmo, deixando claro que estaríamos ao lado dela, que éramos uma grande família. Ficamos um tempo ali junto com ela, até que se sentiu melhor e limpou as lágrimas, alegando que queria descansar um pouco. Ramon se ofereceu para ir junto com ela até o quarto e eu a abracei uma última vez, respirando fundo quando me vi sozinha na varanda. Que loucura! Sabia que aquela história não tinha nada a ver comigo, mas amava tanto a Gabi, que sentia o seu sofrimento. Só esperava que tudo terminasse bem.

— Ei, gatinha — Caio chamou a minha atenção, sentando-se ao meu lado. — Vi que a Gabi está mais calma.

— Sim, mas ainda está muito abalada. Essa história toda parece um pesadelo — falei, me aproximando dele. — Obrigada por ter ido me chamar, não iria me perdoar se não estivesse ao lado da Gabi nesse momento.

— Eu sei como uma se importa com a outra, não poderia deixar de falar com você — ele disse, passando os braços pelos meus ombros. — Agora, me conta o que fez nesses últimos dias. Aquela calcinha ficou bem enterrada na sua gaveta nesse final de semana, né?

Eu não pude deixar de rir, apesar de sentir o meu rosto ficar quente de vergonha. Deveria saber que Caio não me deixaria em paz com a história da calcinha. Eu mesma havia cavado a minha cova.

— Não, eu saí vestindo apenas ela por Santo Elias — ironizei para tentar empurrar a vergonha para longe, ouvindo a gargalhada de Caio.

— Você não seria doida! Eu teria pegado o primeiro avião e vindo correndo pra cá, pra poder arrebentar cada um dos moleques que ousasse olhar para você.

— Eu não sabia que você era tão ciumento, *advogado*!

— Eu só cuido do que é importante para mim, gatinha.

Ai, meu Deus do céu. Caio não podia ficar falando aquelas coisas para mim, pois meu coração estava se tornando incapaz de separar os sentimentos em meu peito e ficava que nem um idiota, misturando as coisas. Para disfarçar, falei:

— Eu passei os últimos dias amadurecendo uma ideia que tive semanas atrás.

— Que ideia?

— Uma coleção de roupas — falei e vi a surpresa brilhar em seu olhar. — Lembra que eu disse que estava dividida entre Moda e Gastronomia?

— Claro, até falei que achava que Moda combinava mais com você.

— Pois é, eu acho o mesmo. Sempre gostei muito de restaurar roupas que comprava em brechó, desenhar peças, tirá-las do papel e dar vida... Já fiz isso algumas vezes, mas, há algumas semanas, tive a minha primeira ideia para uma coleção inteira. Claro que não tenho orçamento e nem experiência suficiente para confeccionar todas as peças, talvez elas nem sejam tão boas ou bonitas assim, mas estou investindo meu tempo nisso e gostando muito. Acho que finalmente me encontrei.

Terminei de falar sentindo o meu coração mais leve. Havia mostrado alguns desenhos para Gabi no início da semana e contado tudo aquilo a ela também e ela havia amado os *croquis*, mas contar para Caio me trazia uma sensação diferente, que eu não sabia explicar. Tive certo receio de que ele me achasse uma boba, mas o olhar de admiração que vi em seu rosto me deixou encantada.

— Que incrível, gatinha! Eu tenho certeza que as roupas devem estar lindas. Você tem muito bom-gosto, é antenada, moderna. Nem preciso ver para saber que estão perfeitas.

— Você me dá muito crédito mesmo — eu ri, me sentindo um tanto envergonhada com aquele tanto de elogio.

— Não, eu apenas acredito em você — falou ele em um tom sério e carinhoso. — Qual é o seu maior sonho profissional?

— Agora eu posso falar com toda a certeza que é ser estilista. Quero ser uma grande estilista no futuro.

— Então, você será — ele disse com muita convicção, me fazendo acreditar ainda mais. — Se esse é o seu sonho, você vai realizar.

Um sorriso apaixonado e idiota quis se abrir em meu rosto e eu resolvi não lutar contra ele. Por apenas alguns segundos, me entreguei ao sentimento que tomava conta de tudo dentro de mim e encostei minha cabeça no peito de Caio, bem em cima do seu coração, ouvindo as batidas ritmadas. Ele beijou meus cabelos e me apertou forte entre os seus braços.

— Obrigada por acreditar em mim, *advogado*. Eu sei que sou insegura, que, às vezes, não acredito tanto em mim mesma e na minha capacidade, mas com a sua ajuda e a ajuda da Gabi, eu estou conseguindo mudar isso.

— Eu acho que você viveu por tempo demais ao lado de pessoas que não

te valorizavam, gatinha. Talvez esteja na hora de mudar de ares.

— Eu concordo, por isso que decidi me afastar das meninas. Elas me chamaram para sair no final de semana, mas não aceitei, porque não me sinto mais à vontade ao lado delas.

— Se você está sentindo que deve se afastar delas, então, se afaste. Sempre siga o que o seu coração mandar, pequena, ele sabe mais do que a gente.

Se ele soubesse que o meu coração estava se apaixonando por ele, será que me daria o mesmo conselho? Era melhor não saber a resposta.

— Hoje você está sentimental, *advogado* — falei e ele riu, se afastando um pouco para me olhar.

— Eu sou sentimental. Não sei porque vocês não me levam a sério!

— É porque você é um cafajeste — brinquei, dando um soquinho em suas costelas.

— Um cafajeste também tem um coração e, segundo a minha mãe, o meu coração é lindo.

— Elogio de mãe não vale.

— Claro que vale! O que não vale é vocês ficarem pensando mal de mim. Isso me magoa.

Ele fez aquela carinha de cão abandonado e eu ri alto, passando a mão pelo seu rosto.

— Ai, tadinho! Eu vou te defender a partir de agora, tá bom? Quem te maltratar, é só falar comigo e eu resolvo.

— Sério? Então eu vou chamar o Ramon agora para você brigar com ele, pois ele me maltrata sempre.

— Não, com Ramon eu não posso brigar, porque estou de olhou naquele quarto de hóspedes que Gabi me ofereceu — brinquei e ele me encarou com os olhos semicerrados e a boca levemente aberta.

— Meu Deus, Luna, você é uma interesseira! Como eu nunca percebi isso antes?

— Eu atuo muito bem, assim como você.

— Sua danada!

Ele me puxou de volta para o seu peito e eu fui sem pestanejar, sentindo meu coração cheio de alegria.



Capítulo 17

Luna

Mal vi Caio nos próximos dias, pois ele estava às voltas com a investigação sobre a mãe da Gabi. Pelo o que sabia, tanto ele quanto Ramon não acreditavam muito na história que ela havia contado para Gabriela e, agora, estavam tentando descobrir até que ponto tudo era verdade ou mentira. Nesse meio tempo, eu me dediquei a ficar um pouco mais perto de Gabi e dar o suporte necessário, mesmo sabendo que eu não poderia ajudar muito. Ramon e ela estavam mais unidos do que nunca, o que era bom, mas eu achava necessário apoiá-la naquele momento, pois era isso que uma amiga fazia pela outra e, para mim, Gabi era muito mais do que uma amiga, era uma irmã.

Enquanto isso, Caio e eu trocávamos mensagens várias vezes por dia e, quando não nos falávamos, eu sentia a sua falta. Geralmente, ele tinha mais tempo à noite, por isso, passávamos algumas horas após o jantar conversando, eu já deitada na cama e ele, pelo o que me dizia, jogado no sofá vendo algum canal de esporte. Eu quase podia visualizá-lo apenas de cueca, deitado de forma despojada, a barriga trincada, aquele V pronunciado que descia e...

— Luna, pelo amor de Deus, não viaja! — falei para mim mesma.

Agora eu estava com mania de ficar pensando em Caio apenas de cueca. Realmente, estava ficando doida! Voltei à realidade e foquei em terminar de me arrumar, pois estava quase atrasada. Nicolas estava fazendo aniversário naquela noite e eu pegaria uma carona com Luan até o Bar das Onze, onde seria a comemoração. Nicolas havia se oferecido para me buscar, mas era seu aniversário e eu não queria dar trabalho, sem contar que sempre havia alguém indo para a cidade no sábado à noite e carona era algo que não faltava.

Terminei de passar o batom e me olhei no espelho, ajeitando algumas

mechas de cabelo ao redor do meu rosto. Eu quase não usava coque ou penteados com o cabelo preso, mas achei que seria interessante fazer um penteado diferente e deixar o meu colo livre, valorizando o decote do vestido. Havia comprado aquela peça em um brechó meses atrás e reformado, deixado do jeito que eu queria, mas havia guardado em meu armário e esquecido que ela existia. Ainda bem que minha mãe achou dias atrás, enquanto colocava algumas roupas no cabide.

O vestido tinha o fundo branco e uma estampa florida, mangas soltinhas que batiam na altura dos cotovelos e um decote profundo, que valorizava os meus seios. Batia na altura das coxas, mas não era vulgar ou chamativo demais, era bonito e combinava comigo. Coloquei três cordões fininhos, uma pulseira e aproveitei que ainda tinha alguns minutos livres para tirar uma *selfie* e uma foto do pescoço para baixo e postar nos *stories*. Posicionei o celular em cima da minha cômoda e posei, postando logo em seguida. Algumas meninas que me seguiam logo perguntaram de onde era o vestido, pediram para que eu colocasse o *arroba* da loja, mas deixei para explicar depois que não tinha loja alguma, que eu mesma havia transformado a roupa.

Saí do *Instagram* quando recebi uma mensagem de Luan falando que já estava em frente à minha casa e me despedi da minha mãe e da Fê, indo ao seu encontro. Fomos conversando por todo o caminho até a cidade e ele me atualizou sobre as semanas que havia passado em Goiânia para prestar o vestibular e se matricular na faculdade, que começaria já no próximo mês. Ele estava muito animado e parecia, finalmente, ter deixado para trás os sentimentos que nutria por Gabi. Com certeza o fato de ela e Ramon estarem em um relacionamento havia contribuído para isso.

— E você, Luna? Já sabe o que vai cursar?

— Sim, já me decidi! Vou cursar Moda.

— É a sua cara mesmo, tenho certeza que você vai se sair muito bem.

— Eu espero que sim.

Ele me deu um sorriso e continuamos a conversar sobre os nossos futuros até chegarmos no bar, que já estava lotado. Nicolas havia decidido que comemoraria ali, pois duas bandas se apresentariam naquela noite. Parecia que a cidade inteira de Santo Elias havia tomado a mesma decisão, pois as pessoas tomavam até parte da rua — que estava fechada. Luan teve que estacionar duas ruas atrás do bar, pois não tinha mais vaga em outro lugar.

Nos separamos assim que ele encontrou os seus amigos e eu encontrei os meus. Senti um frio na barriga, pois havia decidido que iria me afastar das

meninas e vinha fazendo isso, deixando de responder às mensagens no nosso grupo, recusando quando me chamaram para sair no final de semana passado e ver um filme na casa de Alana na quinta-feira, mas, ali, não tinha para onde fugir. Era aniversário de Nicolas e eu não podia simplesmente não ir, pois sabia que ele ficaria chateado. E também não queria que a minha decisão de me afastar das meninas, afetasse a nossa amizade.

— Até que enfim, já estava pensando em ir na fazenda te buscar! — Ele disse assim que cheguei, puxando-me para um abraço apertado. — Meu Deus, você está linda, Luna!

Eu sorri quando ele me olhou de cima a baixo, me sentindo bem com o seu elogio. Antes que ele pudesse falar mais alguma coisa, entreguei o seu presente.

— Feliz aniversário, espero que goste, é só uma lembrancinha.

Eu havia reunido em uma caixa de madeiras as coisas que ele mais gostava, balas Fini, duas palhetas para que pudesse usar com a guitarra que seus pais deram para ele de presente de natal, uma blusa da banda que ele era fã e, como não podia deixar de rir um pouco da cara dele, uma cartela de camisinhas neon. Ele a pegou por último e começou a gargalhar quando viu que tinha uma verde, uma rosa e uma roxa.

— Isso é sério? Não acredito, Luna!

— Sexo tem que ser feito com proteção.

— E você acha que alguém vai querer transar comigo quando eu aparecer no quarto com um sabre de luz dos Stars Wars no lugar do meu pau?

— Você já não transa regularmente, agora mesmo que vai se tornar um celibatário — Alex zoou com a cara dele e Nicolas deu um tapa de leve na sua nuca.

— Idiota, você que não transa! Tirando as camisinhas, eu adorei tudo, Luna. Obrigado — ele disse, dando um beijo demorado em minha bochecha.

— De nada. Espero que use cada um com muito carinho.

Ele me olhou com a sobrancelha arqueada e a sombra de um sorriso, semicerrando os olhos um segundo depois.

— Se quiser se candidatar, posso usar a camisinha com você.

— Como você é idiota, Nicolas!

Ele riu no final e fechou a caixa, a colocando em cima de uma cadeira junto com os outros presentes que havia ganhado.

— Pensa com carinho, depois me dá a sua resposta.

Era lógico que ele estava brincando, até porque, desde o dia do cinema,

não havia mais investido em sair comigo, mesmo assim, algo pareceu brilhar em seu olhar quando me encarou pela última vez, antes de se virar e cumprimentar um outro amigo que havia acabado de chegar. Lembrei de quando ele disse que poderíamos nos dar uma chance em outro momento, mas, assim como eu, não tinha demonstrado nenhum interesse em sairmos juntos de novo. Será que ele se aproximaria de mim naquela noite com outras intenções? Se sim, eu iria recusar. Não achava certo insistir em algo que eu não queria, principalmente porque não me sentia atraída por ele daquela forma. Estava muito bem sendo apenas sua amiga.

Respirando fundo, deixei aquilo para lá e me aproximei das meninas, que estavam mais afastadas do grupinho que se formava ao redor de Nicolas. Estava com receio de que me tratassem de forma diferente, mas logo me abraçaram e puxaram assunto. Podia sentir que Maíra e Joice estavam alegres demais, provavelmente por conta da bebida e talvez isso estivesse influenciando no modo como estavam agindo. Ou, talvez, não tivessem percebido que eu havia me afastado um pouco nas últimas semanas. Diferente do Bar dos Calouros, ali não precisávamos ir até o balcão do bar para pedir uma bebida, por isso, fiz um pedido ao garçom que estava atendendo a nossa mesa e me virei para Alana quando ele se afastou.

— Eu amei esse vestido, Luna! Onde você comprou?

— Em um brechó.

— Em um brechó? Credo, será que é roupa de gente morta? — Joice perguntou com uma careta.

— Se for, a defunta tinha bom gosto — Maíra riu. — Que brechó é esse que vende roupa bonita assim? Me passa o endereço, amiga!

— Na verdade, o vestido não era exatamente assim, eu modifiquei.

— Você é tão talentosa, Luna! Um dia pode ter a sua própria loja de roupas — Alana disse com um sorriso gentil.

— E dar um desconto para as amigas — Maíra falou.

Joice disse alguma coisa que não consegui ouvir por conta do som alto, mas acabei sorrindo enquanto elas começavam a conversar sobre as últimas tendências de moda. Não havia contado a elas que eu havia decidido o que cursar na faculdade, porque, antigamente, quando eu falava sobre os meus sonhos para o futuro, costumavam falar que não daria certo. Não poderia ser injusta, Alana costumava acreditar mais em mim, mas Maíra e Joice sempre colocavam algum empecilho.

Conseguia me lembrar de quando falei que começaria a compartilhar

alguns aspectos da minha vida no *Instagram* anos atrás, quando ainda estava no Ensino Médio e atingi dois mil seguidores na rede social. As duas riram de mim e falaram que a minha vida era muito pacata, que ninguém iria se interessar, cheguei a desanimar, mas fui mais forte e segui em frente, o que resultou no aumento do meu número de seguidores. Na época, eu não conseguia perceber como os comentários delas me afetavam, eram as únicas amigas que eu tinha, não era como se eu pudesse compará-las a outras pessoas, mas agora era diferente. Eu tinha Gabi ao meu lado, que era a melhor amiga do mundo. Tinha o Caio que, mesmo mexendo mais comigo do que deveria, também era o meu melhor amigo. Agora eu sabia o que era amizade de verdade, por isso, me sentia cada vez menos à vontade ao lado delas.

Esforcei-me para tentar acompanhá-las na conversa enquanto bebia o drinque que o garçom havia me dado minutos atrás, mas logo a primeira banda subiu ao palco e começou a se apresentar. Eles contaram um pouco sobre a sua trajetória e o público interagiu, gritando e aplaudindo. Eu fiz o mesmo, aproveitando para pegar meu celular e gravar um *story*, mas uma mensagem do Caio em meu *direct* chamou a minha atenção.

“Meu Deus, gatinha, você precisa avisar quando vai postar uma coisa dessas, meu coração é fraco. Onde você vai tão linda desse jeito?”

Ele havia respondido à foto que eu havia postado do pescoço para baixo no *story* e senti um arrepio descer pela minha espinha. Ele sempre me elogiava, mas, a cada vez que fazia isso, eu me sentia mais bonita. Caio elevava muito a minha autoestima, porque eu sabia que os seus elogios eram verdadeiros. Com um sorriso, respondi:

“Como você é bobo, mas obrigada pelo elogio, advogado! Estou aqui no Bar das Onze.”

Eu nem esperava pela sua resposta, mas ela veio minutos depois:

“Mentira, eu também estou aqui! Onde você está?”

“Perto do palco com as meninas.”

“Estou indo aí.”

Meu coração acelerou no peito e eu voltei a guardar o celular, olhando em

volta à procura do *advogado* no bar lotado. A banda começou a tocar e o barulho me deixou um pouco desorientada, mas, assim que Caio entrou em meu campo de visão, o resto pareceu deixar de existir. Como que em câmera lenta, ele veio em minha direção com um sorrisinho charmoso de canto de lábio, os olhos semicerrados, tão lindo que tive medo de perder a força das pernas com o impacto que senti com a sua beleza.

— Porra, você está gostosa, gatinha! — Foi a primeira coisa que ele disse quando encurtou a nossa distância, olhando-me lentamente de cima a baixo antes de me puxar para um abraço apertado. Seu perfume preencheu cada cantinho dos meus pulmões, me deixando inebriada. — Está muito, muito linda — sussurrou antes de se afastar.

— Você também está lindo, *advogado*. E cheiroso.

— Eu gosto de impressionar — brincou com um sorriso, olhando rapidamente atrás de mim. Segui o seu olhar e encontrei as meninas viradas de costas para nós dois, curtindo o show. — Resolveu sair com as meninas hoje?

Eu sabia que ele estava questionando, porque eu havia falado que iria me afastar delas, por isso, logo esclareci:

— Não vim por causa delas. Hoje é aniversário do Nicolas e ele decidiu comemorar aqui por conta dos shows.

Eu poderia estar maluca, ou talvez fosse culpa dos jogos de luzes no teto do bar, mas poderia jurar que Caio havia feito uma careta e revirado rapidamente os olhos quando mencionei o Nicolas. No entanto, foi muito rápido e ele logo passou o braço pelos meus ombros.

— E onde ele está? Quero dar os parabéns.

— Bem ali.

Apontei para Nicolas na outra ponta da mesa, rindo alto e virando uma dose de alguma coisa, incentivado por um grupo de amigos. Ainda com o braço sobre o meu ombro, Caio caminhou até ele comigo ao seu lado e eu não senti um pinga de vontade de sair dos seus braços. Nicolas viu quando nos aproximamos e largou o copinho vazio em cima da mesa, desmontando um pouco o sorriso alegre.

— Nicolas, parabéns! Luna me contou agora que é seu aniversário, se eu soubesse antes, tinha comprado um presente — Caio disse, estendendo a mão livre para Nicolas, que se aproximou e apertou com um sorrisinho.

— Não se preocupe com isso, cara, já ganhei muito presente hoje e a Luna me deu o mais especial de todos. Vai se juntar a gente?

— Gostaria, mas estou com alguns amigos que estão de passagem pela cidade, então, tenho que fazer companhia a eles. Mas fiquei curioso para saber que presente tão especial foi esse que Luna te deu — Caio disse, me dando um olhar de soslaio.

Eu senti meu rosto ficar quente e torci para que Nicolas não falasse das camisinhas. *Não fale, não fale, por favor...*

— Camisinhas! Que pretendo usar até o final dessa noite — Nicolas disse olhando diretamente para mim, piscando no final.

Senti Caio ficar tenso ao meu lado e me arrependi amargamente de ter comprado as camisinhas, por mais que eu soubesse que o contexto delas era outro e que eu não tinha dado de presente com o intuito de que Nicolas usasse comigo. No entanto, a frase dele soou exatamente assim nas entrelinhas.

— Interessante. Bom saber que Luna se preocupa com a sua vida sexual.

— Temos intimidade suficiente para isso, não é, Luna? — Nicolas perguntou com um sorriso malicioso e eu comecei a ficar irritada. Qual era o problema dele? Quando abri a boca para responder, Caio disse:

— Não mais do que a gente, não é, gatinha?

Ele me puxou para mais perto e me olhou com um sorriso mais malicioso do que o de Nicolas, fazendo a irritação ir embora e uma sensação de descrença tomar o seu lugar. Quando sua mão desceu do meu ombro para a minha cintura, senti meu corpo inteiro ficar arrepiado. *O que está acontecendo aqui?* Nicolas fechou um pouco a cara e olhou fixamente para a mão de Caio em minha cintura.

— Vocês não são apenas amigos?

— Vocês também não são apenas *amigos*? — Caio frisou, jogando de volta a pergunta para Nicolas.

Comecei a perceber que estava entre dois machos tentando marcar seu território, mas eu não pertencia a nenhum deles dois. Ainda assim, o peso da mão de Caio me fez ficar no mesmo lugar.

— Mas é diferente! — Nicolas soou irritado.

— Concordo com você, é completamente diferente — Caio rebateu com um sorrisinho superior e eu decidi acabar com aquela palhaçada quando Nicolas deu um passo à frente.

— Chega, vocês estão parecendo duas crianças birrentas. Posso saber qual é o problema?

Caio deu um passo para trás quando eu parei entre os dois e passou a mão pelo cabelo, como se tivesse começando a voltar a si. Seu olhar carregado

pairou em cima de mim e me senti tocada.

— Problema nenhum, gatinha. Já dei parabéns ao aniversariante, agora vou voltar à minha mesa. Fica um pouco comigo depois, estarei bem ali — Caio apontou para uma mesa mais perto do balcão do bar, ocupada por dois caras e três mulheres. — Vou ficar esperando por você.

Ele pousou as duas mãos em minha cintura e apertou um pouco antes de dar um beijo em minha bochecha e se afastar. Eu fiquei parada que nem uma idiota, sentindo meu coração frenético batendo contra as minhas costelas e a respiração ofegante, surpresa com tudo o que havia acabado de acontecer. Caio sempre me tocava, me beijava no rosto e na testa, mas havia sido diferente daquela vez. Muito diferente.

— Ele é um babaca! — Nicolas disse ao meu lado, com um pouco de raiva.

— Claro que não é!

— Como não, Luna? Veio aqui quase mijar em cima de você, dando a entender que estão juntos!

— Ele não deu a entender que estamos juntos, foi o contrário. Você que usou as camisinhas para dar a entender que passaríamos a noite juntos. Não gostei disso, Nicolas!

— Foi só uma brincadeira.

— De muito mau gosto!

Ele me deu um olhar arrependido ante a minha irritação.

— Desculpa, Luna, eu não quis ser um idiota, é só que... Caio está a fim de você.

— Caio? A fim de mim? Claro que não! — falei com uma risada incrédula, mas sentindo meu coração voltar a disparar no peito.

— Claro que sim! O modo como ele estava te abraçando, como estava te olhando, deixou isso bem claro! E ainda deu a entender que vocês são mais do que amigos. Vocês são mesmo?

— Não, não somos.

— Isso me deixa mais tranquilo — ele disse, parecendo estar aliviado mesmo. — Porque, eu estava pensando... Talvez a gente pudesse ficar juntos mais tarde.

Eu nem precisei pensar em uma resposta para aquilo, pois já a tinha bem formada em minha cabeça.

— Não podemos, Nicolas. O que eu falei naquele dia do cinema ainda está valendo, é melhor que sejamos só amigos.

— Mas, Luna, eu disse que queria tentar mais uma vez — ele disse, se aproximando. — Eu me sinto muito atraído por você, acho que podemos fazer dar certo.

— Não podemos — repeti, pousando minha mão em seu ombro. — Eu gosto de você como amigo, Nick, e sei que você sente o mesmo por mim. Não vamos estragar isso.

Ele fez uma careta e coçou a nuca, como se estivesse indeciso. Ele poderia se sentir atraído por mim, isso acontecia, eu sabia, mas eu tinha algumas questões que não me deixavam confortável em dar aquele passo, principalmente com alguém por quem eu não me sentia atraída.

— Você gosta dele, não é?

— Dele? — perguntei só para me fazer de desentendida, pois sabia muito bem de quem ele estava falando.

— Do Caio. — Ele se calou e eu balancei a cabeça, pronta para negar em voz alta, mas ele foi mais rápido: — Dá para perceber que há um clima entre vocês dois, mas eu fico preocupado, porque ele é um galinha, Luna! Santo Elias toda sabe disso.

— Você não conhece o Caio como eu conheço.

— Eu acho que, na verdade, é você que não o conhece, porque o idiota veio aqui marcar território em cima de você, mas agora está lá, quase pegando outra mulher!

Meu coração despencou no peito ao ouvir aquilo e segui o olhar de Nicolas, encontrando Caio do outro lado do bar, inclinando a cabeça para ouvir o que uma mulher estava cochichando em seu ouvido. Um sorriso enorme estava aberto em seus lábios e ele parecia tão focado nela, que era como se nada mais existisse a sua volta. Um nó se formou em minha garganta e uma onda de raiva se apossou do meu corpo. Pela primeira vez na vida, eu quase morri de ciúmes de verdade e aquilo me assustou.

— Está vendo, Luna? Ele é safado e mulherengo, não merece você.

Eu até podia concordar com aquilo, mas logo me lembrei do modo como ele agiu comigo há poucos minutos, dando uma de macho alfa, encarando Nicolas e dando a entender que tínhamos algo mais do que amizade. E seu beijo em meu rosto antes de se afastar? A forma como apertou a minha cintura? Se eu estivesse mesmo prestes a passar a noite com Nicolas, ele teria arruinado tudo com aquelas palavras e as carícias carregadas de duplo sentido. Não poderia deixar isso barato, o *advogado* iria provar do próprio veneno! Virando-me para Nicolas, falei:

— Vamos deixar isso pra lá, tudo bem? Hoje é seu aniversário, não quero que nada arruíne a sua noite.

— Está bem, mas você me perdoa? Fui mesmo um idiota com o lance da camisinha.

— Perdoo, mas só porque é seu aniversário e não quero ficar brigada.

Ele riu, pois sabia que eu estava brincando e me puxou para um abraço rápido, sem segundas intenções. Eu retribuí e logo me afastei.

— Obrigado, Luna. E se mudar de ideia sobre nós dois... Sabe, vou ficar esperando até o final dessa noite.

— Não espere, vai se divertir e beijar na boca.

Acho que ele viu a decisão em meu olhar, pois assentiu e logo se afastou, voltando para perto dos amigos. Assim que me vi sozinha, prestei mais atenção na mesa de Caio e percebi quando ele se afastou, indo em direção ao corredor que levava aos banheiros. Aquela era a minha chance! Agindo com toda a impulsividade que havia dentro de mim, dominada também pelo ciúme e a raiva que estava sentindo do *advogado*, caminhei por entre as pessoas e me aproximei da mesa onde ele estava com os amigos. Os dois caras e as duas mulheres estavam mais afastados, dançando ao ritmo da música e a mulher que estava falando com Caio estava sozinha, sentada à mesa. Sem pensar demais, sentei-me na cadeira à sua frente. Ela me olhou um pouco assustada.

— Desculpe, mas essa cadeira está ocupada — ela disse em um tom educado, me dando um sorriso. Parecia ser simpática e era muito bonita com os cabelos crespos, a pele preta, o corpo exuberante em um vestido azul. Senti-me uma menina perto dela, mas não me intimidei.

— Eu sei disso, mas preciso muito falar com você.

— Comigo?

— Sim — assenti, colocando minha melhor expressão de pesar no rosto, os olhos tristes. Eu não era tão boa em atuar, mas daria o meu melhor. — Eu vi que você estava conversando com o Caio Alcântara, não é?

— Sim, Igor, nosso amigo em comum, nos apresentou hoje à noite. — Ela apontou para um dos homens que estavam dançando ali perto. — Por quê?

— Eu acho incrível da parte do Igor estar fazendo isso pelo Caio, mas eu não podia ficar apenas olhando e não fazer nada.

A mulher me olhou com o cenho franzido.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Eu conheço o Caio há muitos anos, ele é amigo de infância do meu

irmão, praticamente um irmão para mim também, por isso, estou aqui. Não é só por você, mas é por ele também, porque acho que está no momento de Caio se aceitar como realmente é. Ele não pode mais fingir.

— Não pode mais fingir? Fingir o quê?

Tomando a mão da mulher por cima da mesa, perguntei:

— Qual é o seu nome?

— Fabiana e o seu?

— Fabiana, o que tenho para te contar é muito sério, por isso, peço para que não conte para ninguém, certo? É algo muito pessoal para o Caio — falei, fugindo da pergunta dela.

— Está bem, eu não vou contar.

Respirei fundo, fingindo que aquilo era muito difícil para mim e falei de uma vez só:

— Caio é gay.

Os olhos dela se arregalaram e eu precisei lutar com tudo de mim para não rir, enquanto sentia meu coração ficar acelerado no peito pela adrenalina. Graças a Deus as minhas mãos não estavam suadas, ou ela iria sentir.

— Gay?

— Sim. Muito gay.

— Mas... Igor me disse que ele é super conhecido por ficar com várias mulheres... Isso me deixou com um pé atrás, confesso, mas como estou de passagem pela cidade, não me preocupei demais. Saí de um relacionamento de cinco anos, quero curtir a vida agora.

— E você está certa, tem mesmo que curtir a vida, mas o Caio... Ele gosta da mesma coisa que a gente.

— Bem que eu desconfiei! — Ela disse de repente, dando um tapinha na ponta da mesa, me pegando totalmente de surpresa.

— Desconfiou? Como assim?

— Igor me disse que ele era mulherengo, mas eu estou quase me jogando em cima dele e ele não faz nada! Eu não me acho a mulher mais linda do mundo, mas sei que sou gostosa, eu me cuido e sou elogiada pelos homens, mas ele não está fazendo questão alguma de ficar comigo. Com certeza ele é gay!

Fiquei paralisada por um ou dois segundos diante daquela informação, minha mente dando voltas. Fabiana era lindíssima, como Caio não estava interessado nela? Com medo de que ela desconfiasse de alguma coisa, falei:

— Super gay. Nossa, ele é muito gay mesmo. Sabe, ele gosta que as

peessoas alimentem essa fama de mulherengo, porque tem medo de se assumir, mas já falei para ele que os tempos mudaram, ele não precisa se esconder.

— Com certeza! Ele tem mais é que se assumir e acabar com esses homofóbicos. Tadinho, deve ser tão difícil viver assim, tendo que esconder quem realmente é. Ele não merece isso, pois parece ser um homem maravilhoso.

— Ele é mesmo, só é inseguro, mas eu estou aqui para ajudar. Por isso que resolvi te contar.

Fabiana apertou mais a minha mão e se inclinou um pouco sobre a mesa.

— Você é incrível, de verdade! Eu vi quando ele foi te cumprimentar, parece gostar tanto de você! Espero que, com a sua ajuda, ele se assuma logo.

— Ele vai, não duvide disso.

Ela sorriu e se levantou, fazendo com que eu me levantasse também. Sem que eu esperasse, me deu um abraço apertado.

— Obrigada por ter me contado! Você é um anjo!

Se ela soubesse a verdade, não estaria falando isso.

— De nada. Vou voltar para a minha mesa agora, pois se ele me vir aqui, pode desconfiar de alguma coisa.

— Nossa, sim! Vai lá, querida, e obrigada mais uma vez.

Com um sorriso, me afastei da mesa fazendo de tudo para não correr ou surtar, enquanto sentia uma risada nervosa e excitada romper pela minha garganta. Não podia acreditar no que havia acabado de fazer! Meu Deus, eu era louca! Quando Caio descobrisse, certamente iria me matar, mas, ao invés de sentir medo ou ficar arrependida, apenas ri mais, ansiosa para que isso acontecesse.



Capítulo 18

Caio

A fila para ir ao banheiro estava enorme, todos os mictórios e as duas partes privadas estavam ocupados, mas isso não me incomodou. Aproveitei aqueles minutos na fila para tentar colocar a minha cabeça no lugar. Dentro de mim, inúmeros sentimentos brigavam entre si. Primeiro a porra do tesão, que me deixou chocado quando abri o *story* de Luna ainda dentro do carro, assim que estacionei na rua de trás do Bar das Onze. Eu não esperava por aquela foto, pelo seu corpo moldado pelo tecido do vestido, o decote indecente que valorizava e chamava muita atenção para os seus seios, a pele sedosa que, mesmo pela foto, parecia implorar pelo meu toque e os meus beijos. Foi a primeira vez que o meu corpo clamou mais alto pelo corpo de Luna e aquilo me pegou completamente de surpresa.

Então, veio o segundo golpe, saber que ela estava no mesmo lugar que eu. Vê-la pessoalmente quase me tirou do prumo, não sabia como ela não havia percebido o desejo em meu olhar, a forma como minhas mãos praticamente comicharam para tocá-la. Ela estava mais do que linda, estava sexy, poderosa, gostosa, cheirosa... Tive uma vontade insana de enfiar o meu rosto na curva do seu pescoço e sentir seu perfume diretamente dali, depois beijar em cima da veia delicada, passar a língua pelo osso da sua clavícula, morder a pele até ela se derreter em meus braços e gemer o meu nome. O sentimento foi tão poderoso, que cheguei a sentir uma fisgada no meu pau, mas me controlei, até ver o fedelho do Nicolas.

O garoto me peitou, como se tivesse idade e poder suficiente para isso! Eu vi como olhou para Luna, como quase babou no decote dela, a forma como quis se impor. E saber que ela havia dado camisinhas para ele quase me fez enxergar vermelho. Que porra era aquela? Quem dava *camisinhas* de presente para outra pessoa? Eu não queria admitir, mas o moleque plantou a

sementinha da discórdia dentro do meu cérebro, pois desconfieei de que, talvez, Luna realmente tivesse a intenção de tentar ficar com ele de novo. Ficar de verdade, ir para cama dele, e aquilo me deixou quase cego de ciúmes. Nem por cima do meu cadáver ela ficaria com ele! Era só nisso que eu pensava enquanto o encarava e rebatia suas palavras, me dando conta de que a culpa por estarmos naquela situação era toda minha. Eu havia praticamente jogado Luna nos braços daquele idiota. Claro, quando isso aconteceu, eu não tinha ideia de que iria nutrir sentimentos mais fortes por ela, mas, ainda assim, fui *eu* que insisti, lá no começo da nossa amizade, para que ela desse uma chance para o moleque.

Havia acontecido tantas coisas nos últimos dias, a visita da mulher à Abraão no hospital, ele saindo do coma, a ex-defunta voltando à vida e eu quase não tive tempo de dar atenção a Luna, apesar de conversarmos por mensagens todos os dias. E se Nicolas tivesse se reaproximado? Pedido para ficar com ela de novo? E se a camisinha fosse o sinal para que ele avançasse?

Senti minha cabeça latejar e me encostei rapidamente à parede, fechando os olhos por alguns segundos. Fiquei com medo de sofrer um AVC de repente, no auge dos meus trinta e seis anos, tudo porque eu estava surtando de ciúmes, preocupação, tesão e, certo, eu teria que admitir, *paixão*, por uma mulher que eu prometi que seria apenas *amigo*. Como poderia chegar para Luna e falar que meus sentimentos haviam mudado? Eu nem sabia se ela sentia o mesmo. Provavelmente não, já que havia dado *preservativos* para o idiota do Nicolas. Nunca pensei que camisinhas poderiam me perturbar daquela forma. Elas eram minhas aliadas, não minhas inimigas!

— Cara, é a sua vez — disse um homem atrás de mim.

Agradei e entrei no banheiro, me aliviando rapidamente e tentando me acalmar. Eu só precisava voltar a ser o Caio tranquilo e confiante de sempre. Lá fora, havia uma mulher linda me esperando, claramente disposta a passar a noite comigo e eu tinha que pelo menos me forçar a parecer interessado e não agir como um babaca, pois ela não tinha culpa da confusão de sentimentos que assolavam o meu peito. Não tinha intenção de passar a noite com ela — estava até com medo do meu pau se recusar a colaborar, já que o imbecil parecia muito animado com a Luna —, mas isso não queria dizer que eu tinha que ser um idiota.

Fingindo que eu não estava no meio do caos, lavei as mãos e saí do banheiro, passando rapidamente no balcão do bar para pedir dois chopes, pois não queria ficar esperando pelo garçom, já que a casa estava cheia. Com as

tulipas em mãos, voltei para a mesa e encontrei Fabiana sentada à minha espera. Ela me deu um sorriso quando me sentei.

— Vi que estava bebendo chope antes — falei, dando a tulipa para ela.

— Obrigada, Caio, você é muito gentil.

— É preciso ser um cavalheiro quando se está diante de uma mulher bonita — falei com um sorriso galante, olhando rapidamente atrás dela, em direção onde eu sabia que Luna estava. Infelizmente, havia algumas pessoas na frente e não consegui vê-la, mas isso serviu para que eu parasse de agir como um babaca e voltasse a prestar atenção em Fabiana.

E se ela estiver aos beijos com Nicolas? E se ele estiver colocando a mão no decote dela?

Porra, Caio, não faça isso! Não vá por esse caminho!

— Ai, Caio, você é realmente muito cavalheiro e muito fofo — Fabiana disse com um ar compreensivo, que me fez voltar ao presente e encará-la. *Fofo?*

— Obrigado. Me conte mais sobre você, estava me dizendo que é arquiteta, não é?

— Sim, mas, sabe, você não precisa fazer isso — ela disse de repente, ainda com aquele olhar compreensivo, que estava me deixando confuso.

— Isso o quê?

— Fingir que está interessado. Já sei que não está.

Putá merda. Por muito pouco, minha boca não caiu aberta. Estava tão nítido assim que eu estava com cabeça em outro lugar, interessado em outra mulher? Isso nunca havia acontecido comigo antes! Para não parecer um idiota, tentei contornar a situação:

— Fabiana, sinto muito se passei essa impressão, a culpa não é sua, eu só estou com muita coisa na cabeça e...

— Eu sei, querido, eu sei — ela disse, colocando a mão sobre a minha. — Você não precisa me explicar, eu entendo.

— Entende?

— Sim, claro que entendo. Não deve ser fácil conviver com tantos sentimentos aprisionados.

Porra, como ela sabia daquilo? A mulher era vidente? Engolindo em seco, assenti.

— É, realmente não é.

— Mas você pode libertá-los, sabe disso, não é? Você tem todo o direito.

— Não sei ao certo. Pela primeira vez na vida, não sei o que fazer — falei,

me abrindo com uma mulher que havia conhecido há menos de duas horas, mas que parecia me entender como ninguém.

— Posso te dar um conselho?

— Claro.

— Chuta o balde e assume logo!

— Acha que vai dar certo?

— Claro que sim! Os tempos mudaram, Caio, vocês não precisam mais se esconder! E quem se intrometer no seu caminho, você joga na cadeia, é um advogado conceituado, conhece muito bem as leis! Manda esses homofóbicos para a puta que pariu!

O quê?

Não foi a revolta dela que me assustou, foi todo o seu discurso. Mas que merda era aquela?

— Homofóbicos?

— Sim! Eu odeio tanto essa corja, você não tem ideia! Por que eles acham que têm o direito de se meter na vida alheia? De dar palpites? Pior que não fazem apenas isso, eles humilham, perseguem, matam! São uns covardes!

— Eu concordo, mas... Por que está falando isso para mim?

Ela parou de repente, desfazendo a expressão cheia de raiva e me encarando com os olhos meio arregalados, culpa tomando conta das suas feições.

— Ai, droga, eu não deveria ter falado nada! — Murmurou, passando a mão pelo peito.

— Falado o quê?

— Eu prometi a ela que não falaria! Mas sou uma linguaruda mesmo! É porque eu acho uma injustiça que você viva assim, Caio.

— Que eu viva assim como? E quem é “ela”? Fabiana, eu não estou entendendo nada!

A mulher respirou fundo e me olhou entre a pena, a compreensão e a culpa, o que me deixou mais confuso ainda.

— Eu sei que você é gay.

Certo, dessa vez, a minha boca realmente caiu aberta.

— Que... Que eu sou... O quê?

— Gay. Desculpa, Caio, eu realmente não queria invadir a sua intimidade assim, mas, depois que ela me contou a verdade, eu vi que tudo se encaixava e, inconscientemente, acho que tentei te ajudar a se revelar.

— Quem é “ela”?

— A irmã do seu melhor amigo! A menina do cabelo rosa, com quem você foi falar mais cedo. Ela veio aqui e me contou a verdade, disse que você é gay e que tem medo de se revelar, achou que deveria me contar, porque acha um absurdo que você viva fingindo que gosta de mulher e alimentando essa fama de mulherengo e, sabe, ela tem toda a razão. Você não precisa mais se esconder, querido. É por isso que não demonstrou interesse por mim, não foi?

Estava completamente sem palavras. Encarei Fabiana sem realmente a ver, imaginando Luna vindo aqui na mesa e falando tudo aquilo para a mulher. Minha mente estava dando voltas e mais voltas com tudo aquilo.

— Irmã do meu melhor amigo? — murmurei mais para mim mesmo do que para Fabiana, mas ela respondeu:

— Sim, seu melhor amigo de infância. Ela disse que você é como um irmão para ela. Ela se preocupa tanto com você, Caio! Aquela menina é um anjo.

— Ah, ela é sim — respondi sentindo vontade de rir.

— Agora que você já sabe que eu sei que você é gay, pensa com carinho no que falei. Nada é mais importante do que a nossa liberdade.

— Tem toda a razão.

— E pode deixar que não vou contar para ninguém. Acho que só falei para você, porque queria realmente te ajudar.

Eu poderia muito bem desmentir toda aquela baboseira, mas levaria muito tempo e não valeria a pena, já que, provavelmente, nunca mais veria Fabiana na minha vida. Pouco via o Igor, imagina ela? Por isso, apertei a sua mão por cima da mesa e falei antes de me levantar:

— Muito obrigado, Fabiana. Suas palavras me ajudaram muito.

— Fico muito feliz em saber disso, Caio.

Ela se levantou junto comigo e me abraçou rapidamente, como se quisesse respeitar o meu espaço pessoal. Assim que nos afastamos, inventei uma desculpa para poder ir embora, me despedi de todo mundo e dei a minha parte da conta para Igor, antes de sair dali e ir atrás de Luna.

Aquela danada iria me pagar por aquilo!



Luna

Eu mal conseguia respirar.

Parada quase como uma estátua perto da mesa onde as meninas estavam, eu olhava para o palco fixamente, pois tinha medo da minha impulsividade levar a maior e eu acabar me virando para tentar olhar para a mesa onde Caio estava. Será que Fabiana havia falado alguma coisa para ele ou simplesmente deixado de demonstrar interesse? Ou será que não levaria a minha história em consideração e continuaria a insistir em ficar com ele? E se comentasse com os amigos? Com o tal do Igor? Ele certamente iria rir da cara dela e falaria que aquela era a maior mentira do século.

— Ai, meu Deus, o que eu fiz? — murmurei para mim mesma, minha voz sendo abafada pelo som da banda.

Arriscando, virei-me para trás rapidinho, torcendo para que tivesse pelo menos umas cento e cinquenta mil pessoas entre mim e Caio e eu não conseguisse o ver, mas foi justamente o contrário! Como se todos os clientes do bar tivessem ciência de que eu queria disfarçar e me esconder e simplesmente *cagassem* para isso, o caminho entre nós dois estava praticamente livre e consegui o ver com perfeição. Ele estava se levantando da mesa e abraçando Fabiana. Não era um abraço entre duas pessoas que queriam se agarrar e se beijar, parecia um abraço de despedida. Então, ele falou com os outros amigos, realmente se despediu, deu dinheiro para um deles e, por fim, começou a caminhar para onde eu estava.

Em *minha* direção.

Sem pensar duas vezes, me meti entre as pessoas e quase corri para fora do bar. A minha coragem, de repente, havia evaporado como fumaça e eu já não sabia se queria lidar com as consequências da minha mentira. Caio estaria com muita raiva de mim por ter arruinado a sua noite? Ou por eu ter falado que ele era gay? Eu não achava que ele fosse homofóbico, maravilhoso do jeito que era, deveria respeitar todo mundo, mas isso não queria dizer que aprovaria a minha mentira. Ele deveria estar me odiando.

— Licença, licença — pedi, finalmente conseguindo chegar na calçada lotada.

Ali, olhei de um lado para o outro, pensando no que fazer. Tinha vindo de carona com Luan, ainda era cedo e, com certeza, ele não ia querer ir embora agora. E eu não podia simplesmente ir a pé. Morria de medo de pegar Uber

sozinha, pois a estrada até a fazenda geralmente era deserta e mal iluminada e tinha medo de pegar um estuprador no lugar de um motorista. E se ele me matasse e desovasse meu corpo no matagal? Misericórdia, me arrepiava só de imaginar! Tentei pesar as minhas opções, mas percebi que não tinha nenhuma, por isso, me virei para voltar para o bar e tentar despistar Caio, mas estaquei quando o vi chegar à calçada e parar bem na minha frente.

Em minha cabeça, apenas duas palavras brilharam como em um letreiro em neon: *estou ferrada*. Colocando o meu melhor sorriso no rosto, falei com entusiasmo:

— *Advogado*, já está indo embora? Está muito cedo!

Eu não conseguia decifrar muito bem a sua expressão. Ele parecia estar com aquela pontinha de sorriso no canto dos lábios, mas seus olhos estavam carregados, cheios de sentimentos que eu não conseguia decifrar. Tentei ver a raiva neles, mas fiquei aliviada quando não encontrei. *Talvez Fabiana não tivesse contado nada*.

— Resolvi vir aqui fora para tomar um ar e acabei encontrando com a irmã do meu melhor amigo. Grande coincidência, não?

Ah... Parece que ela contou sim. Como eu não tinha vergonha na minha cara, franzi o cenho e olhei a minha volta.

— Irmã do seu melhor amigo? O Ramon tem uma irmã?

Caio semicerrou os olhos e cruzou os braços, me olhando como se não acreditasse na minha cara de pau.

— Não sei. Por que você não me diz?

— Eu? O que eu tenho a ver com isso?

— Como você é cínica, Luna!

— Cínica? Eu? Que absurdo é esse, Caio?

Eu queria rir, mas consegui me segurar, perdendo parte do nervosismo ao ver que ele não parecia estar com raiva. Balançando a cabeça, ele disse:

— Acho melhor irmos para um lugar mais calmo para conversar. Meu carro está na rua de trás, vamos?

Eu poderia muito bem falar “não”, mas, a verdade, era que eu queria ficar perto de Caio e estava com um friozinho na barriga, querendo saber o que ele iria me falar, por isso, assenti e saí ao lado dele. Sabia que Nicolas não sentiria a minha falta, pois já estava ficando bêbado e, qualquer coisa, eu poderia mandar uma mensagem no grupo das meninas para falar que havia ido embora. A cada passo que dávamos, o barulho da música e o falatório dos clientes ficavam mais distantes e o frio em minha barriga se intensificava.

Viramos a esquina e entramos na rua onde o carro de Caio estava. Ele se destacava perto dos outros mais modestos.

Pensei que Caio iria destravar as portas para que pudéssemos entrar, no entanto, ele me surpreendeu ao se encostar na lateral do carro. À nossa frente, um pequeno armazém estava fechado e a rua estava calma. Sem saber ao certo o que fazer, parei ao lado dele e mordi o lábio, subitamente nervosa com o seu silêncio. Ele soltou um suspiro.

— Quando Igor me ligou hoje à noite, falando que estava na cidade com um grupo de amigos e me convidando para encontrá-los no Bar das Onze, não imaginei que a minha noite seria tão... Diferente.

— Diferente?

— Sim. Descobri algumas coisas hoje que me deixaram chocado.

— Mesmo? Coisas boas ou ruins?

Ele me olhou de soslaio com uma sobrancelha arqueada e os braços cruzados. Não queria, mas meus olhos tiveram vontade própria e desceram para apreciarem os músculos dos seus braços, a pele bronzeada pelo sol, as tatuagens que eu ainda não conseguia distinguir muito bem. Poderia ficar horas ali, apenas admirando e gravando cada detalhe em minha mente, mas a voz de Caio me despertou:

— Depende do ponto de vista. Tenho certeza que para muitos homens gays deve ser algo maravilhoso, tendo em vista que descobri que sou um gay não assumido.

Resolvi continuar com o meu tom cínico e fiz um muxoxo, olhando-o de cima a baixo.

— Você? Gay? A sua fama diz outra coisa.

— Pois é, mas parece que eu só fico com mulheres para poder disfarçar minha verdadeira orientação sexual.

— E como você descobriu isso?

— A irmã do meu melhor amigo contou para a mulher com quem eu estava conversando.

— Meu Deus, essa irmã do Ramon é uma danada! Preciso conhecê-la — falei.

Eu mal conseguia conter o sorriso, mas dei um pulo quando Caio se virou para mim de repente, cercando-me ao apoiar as mãos na lataria do carro, cada uma de um lado do meu corpo. Como ele era bem mais alto, precisei olhar para cima para poder olhar em seu rosto e as luzes da rua iluminavam seus intensos olhos azuis.

— Você é uma danada, gatinha. Ainda estou tentando entender o seu objetivo com tudo isso.

— Meu objetivo? Eu não fiz nada!

— Chega de joguinhos, Luna — ele falou em um tom de voz rouco, sem raiva, mas de uma forma tão intensa, que senti a respiração engatar em minha garganta. — Eu não teria problema algum em ser gay, se gostasse de homens, já teria assumido há muito tempo, mas esse não é o foco aqui e nós sabemos disso. Quero saber por que inventou tudo isso para Fabiana. Queria atrapalhar a minha noite?

— Por quê? Consegui?

Ai, Deus, nem sabia de onde estava vindo tamanha coragem para encarar Caio daquele jeito, mas, de repente, quis muito ouvir aquilo da boca dele.

— Bem, neste momento, Fabiana está sentindo pena de mim por achar que sou um homem gay que está há trinta e seis anos no armário.

— E isso é um sim?

— Levando em consideração que ela era uma parceira em potencial para passar essa noite comigo, sim — falou com um pouco de arrogância e eu fiquei dividida entre ficar chocada e furiosa.

— Está falando na minha cara que iria transar com ela?

— É o que as pessoas solteiras fazem, gatinha, elas transam. Você sabe muito bem disso, já que deu *camisinhas* para o Nicolas.

Fiquei surpresa ao sentir os ciúmes gotejando em cada palavra proferida por Caio. Eu não estava maluca, muito menos imaginando demais, ele *estava* com ciúmes. Aquele brilho em seus olhos, o maxilar cerrado, o corpo tenso... Meu Deus, o *advogado* estava com ciúmes de mim. De mim! Por um momento, quase esqueci que ele iria transar com Fabiana, mas logo me lembrei:

— Então por que você não vai aproveitar a sua solteirice com a Fabiana e me deixa em paz?

— Porque ela está pensando que eu sou gay!

— Então mostre a ela que você não é! — falei, empurrando-o sem muita força pelos ombros. Ele sequer se moveu e balançou a cabeça em negativa.

— Perdi minha chance com ela.

— Ela deu a entender que você não estava muito interessado em ficar com ela, tanto que acreditou rapidinho que você era gay.

— Eu realmente não estava interessado, minha cabeça estava em outro lugar, preenchida por outra pessoa — ele disse, abaixando um pouco rosto.

Pude sentir o seu hálito tocar em minha bochecha. — Por que inventou para ela que eu era gay?

— Por que deu a entender a Nicolas que nós somos mais do que amigos? — rebati a pergunta, sentindo meu coração ficar disparado, minha cabeça rodando com um monte de possibilidades.

— Porque precisava colocar aquele moleque no lugar dele! Estava bem claro que ele estava doido tentar para ficar com você de novo.

— E daí? Talvez eu quisesse ficar com ele também e você acabou estragando tudo — falei só porque estava irritada com o fato de ele ter falado na minha cara que iria transar com Fabiana. Mas, então, me lembrei dele falando que não estava interessado nela de verdade. Senti minha mente dar um nó, mas prossegui: — Foi por isso que falei para Fabiana que você era gay, pois estava no direito de estragar a sua noite também.

Ele afastou um pouco o rosto e me olhou com mais atenção.

— Então você queria ficar com Nicolas? Foi por isso que deu as camisinhas para ele?

Resolvi realmente parar com os joguinhos e falar logo a verdade:

— Não, eu não queria ficar com Nicolas, não me interessei por ele assim e você sabe disso. E as camisinhas que dei para ele são neon, era só para zoar.

— Bom, ele obviamente parecia bem interessado em usá-las com você. Ele ainda se interessa por você.

— Eu sei, mas deixei claro que *eu* não me interessei por ele.

Caio me fitou de um jeito diferente quando me calei, seus olhos passeando por todo o meu rosto e se detendo em meus lábios, seu corpo se aproximando um pouco mais do meu. Ele não me tocava, mas era como se me envolvesse completamente. Meu coração, que já estava instável no peito, aumentou consideravelmente suas batidas, me deixando ansiosa, quase ofegante. Sem saber ao certo o que fazer, decidi colocar um ponto final naquela conversa.

— Agora que já esclarecemos tudo, acho que podemos voltar para o bar. Tenho certeza que você vai conseguir provar a Fabiana que é hétero ou encontrar qualquer outra mulher para encerrar essa noite.

Pensei que Caio concordaria e se afastaria de mim, mas ele fez o contrário. Balançou a cabeça em negativa e se aproximou um pouco mais, descendo a cabeça em direção ao meu rosto, a ponto de eu sentir a sua respiração em minha pele.

— Não quero Fabiana nem qualquer outra mulher, pequena.

— Duvido muito. Você disse que tinha intenção de transar com ela.

— Não, você disse isso. Eu só falei que ela era uma parceira em potencial, o que não quer dizer que eu iria trepar com ela. E também falei que a minha cabeça estava preenchida por outra pessoa.

Seus dedos tocaram a lateral do meu rosto, desde a bochecha até a linha do maxilar, descendo suavemente para o meu pescoço. Um arrepio intenso dominou todo o meu corpo e me paralisou, deixando apenas o meu coração funcionando e a respiração agitada. O perfume de Caio nunca foi tão intenso antes, dominava tudo.

— Que outra pessoa? — perguntei em um sussurro.

Seus olhos subiram pelo meu rosto e pararam sobre os meus. Eu não esperava encontrar tantos sentimentos brilhando ali dentro, como se Caio finalmente decidisse mostrá-los para mim.

— Você — respondeu baixo, mas firme, decidido, intenso. Suas mãos tomaram o meu rosto com delicadeza e seu corpo encostou no meu, seu calor me envolveu e me deixou subitamente sem ar. — Você vem tomando conta de tudo dentro de mim, Luna. Apenas você.

Pensei que eu iria desmaiar, pois cheguei a sentir as minhas pernas falharem, como se não fossem sustentar o peso do meu corpo por mais tempo, mas o olhar de Caio me manteve no lugar, envolvida na rede de sentimentos que pareciam me dominar, me envolver por dentro. Pela primeira vez na vida eu entendi o que as mocinhas dos romances que eu lia diziam sentir quando encontravam a paixão nos olhos do protagonista. Eu sabia que poderia ser loucura, provavelmente Caio não estivesse apaixonado, talvez estivesse confundindo a amizade e o carinho que nutria por mim com algo mais, no entanto, naquele momento, eu não quis ser racional, eu não quis pensar, eu só quis sentir. Quis me permitir. Quis aproveitar aquele momento que, talvez, nunca mais se repetisse.

Sem pensar muito, envolvi a cintura de Caio com os meus braços e levantei um pouco mais o rosto, querendo que ele olhasse em meus olhos e visse seus sentimentos espelhados ali. Tudo o que ele sentia, eu também parecia sentir. Não sabia se o seu coração estava disparado como o meu, se suas pernas também estavam tremendo ou se o frio intenso tomava conta do seu estômago, mas todo o resto estava bem ali, no azul do seu olhar. Lentamente, ele inclinou o rosto sobre o meu e passou o nariz pelo meu pescoço, acendendo o meu corpo, me deixando arrepiada ao ponto de ter que conter um gemido. Nunca havia sentido nada parecido com aquilo. Com delicadeza, beijou a pele da minha clavícula e subiu, deixando uma trilha de

beijos pelo meu pescoço, atrás da orelha, meu maxilar, minha bochecha, até encostar o nariz no meu e deixar seus lábios bem ali, a centímetros da minha boca.

Senti meus lábios pinicarem. Pela primeira vez na minha vida eu *queria* ser beijada. Senti um desejo tão grande, que cheguei a ficar nas pontas dos pés, apertei a cintura de Caio com os meus braços e não pensei em mais nada, só esperei. Ele soltou um suspiro que eu capturei com a minha respiração e resvalou os lábios nos meus, quase fechando-os, envolvendo-me completamente, quando o barulho estridente de um celular nos fez dar um pulo. Meu coração quase saiu pela minha boca quando ele se afastou de repente, dando dois passos para trás e me fitando com os olhos arregalados, os lábios abertos, como se estivesse sem palavras. Eu acho que nem pisquei, só o olhei de volta tão espantada quanto ele, observando quando pareceu voltar à realidade e se dar conta de que era o seu aparelho que estava tocando. Sacando o celular do bolso, ele atendeu sem tirar os olhos de mim.

— Alô? O quê? Espera, fala devagar — ele pediu franzindo o cenho e eu fiquei atenta, vendo a sua postura mudar. Uma expressão séria e tensa cobriu o seu rosto e eu logo pensei em Gabi e Ramon. — Meu Deus, é óbvio que vou até lá, não se preocupe, você sabe que pode contar comigo. Claro, eu te mantenho informado. Vou agora mesmo. Tchau.

— O que houve? Era o Ramon? Aconteceu alguma coisa com ele ou com a Gabi? — perguntei quase que em desespero, mas Caio logo negou balançando a cabeça e enfiando o celular no bolso.

— Não, não foi nada com eles. O pai de um amigo meu passou muito mal e está sendo levado para o hospital de ambulância, acompanhado pelo filho mais novo. Meu amigo está em Goiânia, já a caminho de Santo Elias, e me pediu para fazer companhia ao seu irmão no hospital. Não sei o que aconteceu, mas, pelo desespero dele, parece que é grave.

— Nossa, espero que fique tudo bem.

— Eu também, preciso ir até lá. Você vai ficar bem? Tem alguma carona para ir para casa?

— Sim, não se preocupe com isso. Vai lá, seu amigo deve estar louco de preocupação.

— Eu vou — ele disse, mas só saiu do lugar para se aproximar de mim e me puxar para os seus braços. Eu fui como se a minha vida dependesse daquilo, sentindo parte do meu nervosismo ir embora ao encostar minha cabeça em seu peito e ouvir as batidas frenéticas do seu coração. Não saberia

dizer por quantos segundos ficamos daquele jeito, mas eu queria que durasse para sempre. Tomando meu rosto em suas mãos, Caio disse olhando em meus olhos: — Vamos continuar de onde paramos em breve, ouviu?

Ele estava falando sobre o beijo, não era? Senti minha garganta ficar seca e, sem palavras, apenas assenti. Ele me olhou com uma espécie de preocupação quase se sobrepondo aos outros sentimentos e beijou a minha testa por longos segundos, antes de se afastar.

— Agora volte para o bar, não quero que fique aqui sozinha, pode ser perigoso.

— Tá bom. Depois me avisa se ficou tudo bem — falei, ficando nas pontas dos pés e dando um beijo rápido em sua bochecha, fazendo de tudo para agir como se, por dentro, eu não estivesse sentindo meu coração dar cambalhotas no peito. — Tchau, *advogado*.

— Tchau, pequena.

Eu me afastei, mas senti que parte de mim havia ficado junto com Caio, presa naquela loucura que havia acabado de acontecer entre nós dois.



Capítulo 19

Luna

Voltei para o bar no momento em que a segunda banda entrava no palco. Sentia minhas emoções em frangalhos, minha mente girando com tudo o que havia acontecido minutos atrás. Era como se o meu mundo tivesse saído e entrado no eixo em milésimos de segundos, deixando um abalo sísmico para trás, bem dentro de mim, para ser mais exata. Alana me recebeu com um sorriso e percebi que estava sozinha perto da mesa, um pouco longe dos meninos, que já estavam embriagados.

— Nossa, você sumiu de repente! Onde estava?

— Fui tomar um ar ali fora, o bar está lotado. Cadê as meninas?

— Foram lá fora também, mas não para tomar um ar — ela riu e eu logo entendi o que queria dizer. — Mas agora que estamos sozinhas, estou mais à vontade para perguntar. Está tudo bem, Luna? Estou te sentindo tão distante, quase não conversa mais com a gente no grupo e hoje ficou quieta. A gente fez alguma coisa que te magoou?

Senti-me um pouco mal com o seu questionamento, pois o meu problema não era com Alana de fato, mas sim com Maíra e com Joice. Eu sentia que, das três, Alana era a única que raramente embarcava nas brincadeiras sem graças de Maíra e fazia de tudo para amenizar os seus comentários sórdidos. Mesmo assim, decidi ser sincera:

— Eu resolvi me afastar um pouco, sinto que não estou na mesma *vibe* que as meninas. Estou começando a perceber que somos muito diferentes, Alana.

Ela assentiu e se aproximou um pouco mais, para que pudéssemos falar sem gritar, já que a banda havia começado a tocar.

— Eu entendo, Luna, de verdade. Quando éramos mais novas, costumava pensar que Maíra fazia certas brincadeiras porque não tinha maturidade e gostava de ser o centro das atenções, mas hoje eu vejo que não é assim. Você

fez bem em se afastar, eu estou pensando em fazer o mesmo. Sinto que não me encaixo muito bem entre ela e a Joice.

— Eu sinto o mesmo e acho que você faz bem em se afastar, pois não é como elas.

Dando-me um sorriso, Alana pegou a minha mão.

— Não quero me afastar de você, Luna, sempre gostei muito da nossa amizade.

— Também não quero me afastar de você, Alana. Acho que podemos ser amigas longe delas.

— Eu tenho certeza!

Ela se aproximou um pouco mais e nos abraçamos rapidamente. Alana estava longe de ser a minha melhor amiga como Gabi era, mas ela era uma parte importante da minha história, a conhecia desde criança. Seria bom continuar a tê-la ao meu lado. Assim que nos afastamos, ouvi a voz de Joice atrás de mim:

— Ei, posso saber o motivo do abraço cheio de entusiasmo? Também quero comemorar!

— Não estamos comemorando nada — Alana disse.

— Duvido! Sei muito bem o motivo desse abraço — disse Máira e eu me virei para ela, encontrando seu sorrisinho para cima de mim. — Elas estão comemorando o beijo que Caio deu na Luna minutos atrás!

— O quê? Como assim? — Joice perguntou em um grito estridente e eu senti meu coração vacilar no peito. Não houve beijo algum, mas o fato de Máira ter falado aquilo, deixava bem claro que ela esteve nos espionando.

— Pois é, eles estavam se pegando na rua de trás, encostados no carro... Uma loucura!

— Não seja mentirosa, nós não nos pegamos!

— De onde eu estava, parecia que estavam se pegando sim.

Ela falava como se fosse algo sujo, malicioso como ela. Sem paciência, me aproximei um pouco e perguntei olhando na sua cara:

— E se estivéssemos? Você não tem nada a ver com a minha vida ou com a vida dele, Máira. Você sempre gostou tanto de olhar apenas para o seu umbigo, como se o mundo girasse ao seu redor, volte a ser assim e me deixe em paz!

Sem dar tempo para que respondesse, saí dali e a deixei para trás com o rosto pálido e os olhos arregalados, pega de surpresa pelo meu rompante. Eu imaginava que deveria mesmo ser um choque ter alguém que batesse de

frente com ela, já que sempre foi a única a dar a última palavra, mas eu estava farta de ser alvo das suas brincadeiras. Nem sempre havia sido assim, mas, desde que comecei a ser amiga de Caio, Maíra parecia decidida a me perturbar.

— Luna, espere! — Alana pediu quando cheguei à porta do bar lotado. — Sinto muito, Maíra é uma idiota! Você está bem?

— Sim, estou, só preciso ir embora. Vou ver se Luan já está pronto para ir.

— Não precisa, estou indo embora também, posso te dar uma carona. Vim com o carro do meu pai.

— Tem certeza?

— Claro, sabe que minha casa fica a caminho da Fazenda Baldez, não vai ser trabalho algum. Vamos?

— Vamos.

Sáímos juntas, sem nos preocuparmos em pagar a conta, pois os pais de Nicolas haviam dado a ele de presente a consumação no bar para todos os convidados. Alana havia estacionado o carro a duas ruas dali e começamos a conversar assim que ela deu partida. Nenhuma de nós duas tocou no nome da Maíra e ela também não perguntou se eu e Caio havíamos ficado juntos ou não, o que foi bom, pois eu não queria compartilhar aquilo com ela. Sentia que eu precisava deitar em minha cama e relembrar, em detalhes, tudo o que havia acontecido entre nós dois, pensar com calma em cada um dos sentimentos que vi em seu olhar e que pulsaram dentro de mim, tão parecidos com os meus. Era como se o meu mundo tivesse virado de cabeça para baixo em questão de minutos.

— Obrigada pela carona, Alana — falei assim que ela estacionou em frente à minha casa.

— De nada. Você vai no aniversário do Alex na segunda-feira?

— Vou sim. Esses meninos gostam de fazer aniversário um perto do outro, querem me levar à falência.

— Nos levar à falência, você quer dizer — ela riu junto comigo e nos despedimos rapidamente antes de eu deixar o carro.

Encontrei minha mãe cochilando no sofá com a TV ligada e a acordei delicadamente, tocando em seu ombro. Ela se espreguiçou e olhou o celular com os olhos pesados de sono.

— Voltou cedo, filha, ainda são onze horas.

— Eu sei, mas festa estava ficando chata, os meninos já estavam bêbados.

— Esses jovens! — Ela revirou os olhos e se levantou, me dando um

abraço rápido. — Vou me deitar. Amo você.

— Também amo você, mãe.

Ela desligou a TV e foi para o quarto. Eu fiz o mesmo, em seguida, tomei um banho rápido e escovei os dentes, vestindo um pijama confortável antes de ir para cama. Assim que me deitei, comecei a reviver tudo o que havia acontecido. Aquela noite havia sido uma confusão de acontecimentos e sentimentos. Pensei que o auge seria testemunhar Caio agindo daquela forma com Nicolas, mas nada me preparou para o que houve depois. Ele agiu com ciúmes e eu também e, então, veio a nossa conversa encostados no carro. Suas palavras me envolvendo, me pegando de surpresa e me deixando chocada.

“*Chega de joguinhos, Luna.*”

Eu quase podia ouvir o timbre rouco da sua voz, sentir o seu perfume, seu corpo bem próximo ao meu. Adorava quando Caio me olhava, me tocava, me abraçava, mas daquela vez foi diferente. Havia intensidade e interesse em seus olhos, em seus gestos, no seu sorriso. Nunca havia visto o *advogado* em modo conquistador, mas podia jurar que era exatamente daquele jeito e ele estava naquele modo *comigo*. Seu interesse estava sobre mim, aquela intensidade era para mim e havia mais. Havia um sentimento diferente que, na hora, pensei que poderia ser paixão, mas não queria me iludir. Não queria ir por aquele caminho, quando sabia que poderia me machucar.

“*Você vem tomando conta de tudo dentro de mim, Luna. Apenas você.*”

Fechei os olhos e deixei que cada segundo após essa frase voltasse à minha mente. Seus olhos intensos, suas mãos em meu rosto, o momento em que passou o nariz pelo meu pescoço, depois os lábios. Cada beijinho parecia ter marcado a minha pele como ferro em brasa, eu quase podia sentir agora, apenas relembrando. O arrepio voltou a tomar conta do meu corpo e outras coisas também, que não me dei conta no momento, como os mamilos intumescidos e a pressão em meu baixo ventre, coisa que nunca havia sentido por outra pessoa. Com Caio, eu havia sentido tudo e ele sequer havia me beijado.

Outra coisa que me surpreendeu foi eu ter *desejado* que ele me beijasse. Diferente das outras experiências que tive, ali, não pensei em qualquer outra coisa que não fosse o desejo de sentir os seus lábios nos meus. Cada parte de mim estava presa naquele momento, fixada na sensação do seu corpo contra o meu, meus braços envolta da sua cintura, meu coração acelerado, suas mãos enormes em meu rosto, seus lábios resvalando sobre os meus, sua respiração

na minha. Eu queria tanto aquilo, que nem tive tempo de sentir medo ou pensar no passado. Nada me atingia, apenas Caio, e eu podia jurar que ele sentia o mesmo.

Mas agora, sendo racional, eu começava a questionar se eu não estava vendo coisas. E se Caio tivesse agido pela pressão do momento? Por impulso? Ele era homem e era conhecido por ser um mulherengo nato. Talvez, tivesse agido daquela forma comigo, pois havia notado que eu tinha agido movida por ciúmes quando inventei a história de que ele era gay para Fabiana. Eu temia estar sendo injusta com ele, pois Caio era o homem mais incrível que eu já havia conhecido, mas quase não conseguia olhar além da sua fama naquele momento. *Quase*, pois os sentimentos expostos em seu olhar faziam o meu coração dizer outra coisa. Uma voz que parecia vir de dentro da minha alma, me alertava que Caio era um homem diferente, apesar da fama que carregava, que os sentimentos que vi em seus olhos não eram falsos.

Mesmo assim, fiz de tudo para não me iludir e percebi que eu também precisava olhar para os *meus* sentimentos. Em algum momento, enquanto me encantava pelo jeito protetor de Caio e me animava com a nossa amizade, meu coração havia se envolvido mais do que deveria. Estava na hora de ser sincera comigo mesma e admitir que, talvez, a paixão que eu havia nutrido por ele quando era mais nova, tinha voltado com tudo, mil vezes mais intensa do que antes. Eu temia que isso acontecesse, fiz de tudo para não me envolver dessa forma, mas era quase impossível quando Caio agia como se eu fosse uma das pessoas mais importantes da sua vida.

Eu não sabia se ele era daquele jeito com todos os seus amigos, mas, comigo, ele era dedicado, amoroso, preocupado, sempre dava um jeito de me arrancar um sorriso, parecia enxergar quando eu não estava bem, me impulsionava a ir atrás dos meus sonhos, a reconhecer o meu potencial, me colocava para cima, dizia que eu era linda. E *gostosa*. A cada vez que ele falava isso, meu corpo se arrepiava e não tinha nada a ver com amizade. Era até injusto cobrar que eu fosse indiferente a tudo isso. Ainda assim, eu deveria ter sido, pois via a amizade de Caio como um presente especial e não queria que nada nos atrapalhasse, principalmente os meus sentimentos idiotas.

Abri os olhos e encarei o teto, sem saber o que fazer. Caio disse que iríamos continuar de onde havíamos parado e fiquei nervosa, sem saber se ansiava por esse momento ou se fugia como o diabo fugia da Cruz. Eu não

era covarde, mas também não sabia se era tão corajosa a ponto de jogar tudo para o ar e beijar o *advogado*. Mas eu estive prestes a fazer exatamente isso naquele momento, não? Confusa, sacudi a cabeça e me sentei na cama, tentando me acalmar um pouco. Odiava sofrer por antecipação e não queria começar a ter uma crise de ansiedade naquele momento, quando ele estava no hospital, certamente sem sequer pensar em mim. Ao me lembrar disso, catei meu celular em cima da mesinha de cabeceira e mandei uma mensagem rápida, perguntando se estava tudo bem e se já tinha alguma notícia do pai do seu amigo. Sua resposta chegou minutos depois e senti meu coração despencar no peito:

“Ele faleceu, gatinha. Já chegou morto ao hospital.”

*“Ai, meu Deus, eu sinto muito! Ele era conhecido em Santo Elias?
Qual era o nome dele? Dê um abraço nos filhos por mim.”*

“Ele era conhecido sim, era dono da Fazenda Montenegro.”

Eu li suas últimas palavras umas dez vezes, enquanto flashes da minha infância passavam diante dos meus olhos. Com os dedos levemente trêmulos, digitei:

“Carlos Montenegro faleceu?”

“Sim, ele mesmo. Sofreu um AVC de repente e uma parada cardíaca ainda dentro da ambulância. Tentaram de tudo, mas não conseguiram reverter o caso. Estou com Enzo, seu filho mais novo, aqui no hospital, resolvendo a papelada enquanto Davi, seu filho mais velho, não chega.”

“Eu os conheço, minha mãe trabalhou na Fazenda Montenegro antes de vir para a Fazenda Baldez, quando completei seis anos. Eu nem sei o que dizer.”

“Nossa, que coincidência! Ela vai querer saber que ele faleceu. Já está em casa?”

“Sim, estou. Minha mãe já está dormindo, mas amanhã vou falar com ela.”

“Faça isso. Davi acabou de chegar, pequena, preciso ir. Nos falamos amanhã, tudo bem?”

“Claro! Beijo, advogado.”

“Beijos, gatinha. Durma bem.”

Deixei o celular de lado, ainda atordoada com aquela notícia. Eu me

lembrava de Carlos Montenegro e sua seriedade, principalmente com os funcionários. Ele parecia fazer questão de ser distante e manter um olhar soberbo e minha mãe me fazia ficar longe do seu caminho. Mesmo assim, passei boa parte da minha infância brincando com seus filhos, principalmente com Enzo. Ele e Davi tinham cinco anos de diferença, mas Davi sempre foi mais cobrado pelo pai e, por isso, talvez tivesse amadurecido mais rápido. Já Enzo era mais mimado, maleável, teve uma infância mais livre.

Tirei logo a imagem deles da minha cabeça, pois aquela havia sido uma época estranha da minha vida, com meu pai e minha mãe se separando e voltando, ela pedindo demissão e a gente tendo que vir pra fazenda de Ramon, onde, de fato, fui livre de verdade, sem a pressão do Sr. Montenegro em cima dos empregados e dos filhos dos empregados. Sentia muito pela sua morte repentina e, apesar de tudo, torcia para que seus filhos ficassem bem.

Não saberia dizer em que momento havia pegado no sono, mas acordei com o sol no meu rosto, pois havia esquecido de fechar as cortinas. Já podia ouvir a movimentação da minha mãe na cozinha e o cheiro de café, por isso, me levantei e fui rapidinho ao banheiro, antes de ir para a cozinha, onde a encontrei tirando pão de queijo do forno.

— Bom dia — saudei, dando um beijo em seu rosto.

— Bom dia, meu amor.

Esperei que ela se sentasse à mesa e começasse a tomar café para poder soltar logo a notícia.

— Mãe, o Sr. Montenegro faleceu.

Ela parou com a xícara a caminho da boca e me encarou com olhos os arregalados e os lábios entreabertos.

— O quê? Como? Quando?

— Ontem à noite. Caio estava comigo no Bar das Onze e recebeu um telefonema do Davi, pedindo para que fosse ao hospital, pois o pai havia passado mal e ido de ambulância junto com Enzo. Parece que ele sofreu um AVC e depois uma parada cardíaca, já chegou morto ao hospital.

— Minha nossa, que loucura! — disse ela, pousando a xícara na mesa. — Ele sempre foi tão austero... Estou surpresa.

— Eu também. Fiquei em choque quando Caio me contou.

— Que Deus o tenha em um bom lugar e conforte o coração dos filhos. Davi sempre foi um menino tão bom, Enzo era mais mimado, metido como o pai. Eu não gostava muito de quando ele brincava com você.

— Eu lembro, a senhora tinha medo do Sr. Montenegro — falei, sentindo

um calafrio.

— Também — ela disse, mas logo mudou de assunto: — Como foi a festa de Nicolas? Ele estava feliz?

Achei que era melhor mesmo deixar aquela parte da nossa vida para trás e contei por alto como havia sido a comemoração de Nicolas, deixando de fora tudo o que havia acontecido entre mim e Caio. Agora que minha mãe estava mais conformada com a nossa amizade, não poderia estragar tudo contando que quase nos beijamos, pois temia que ela surtasse.

Fernanda acordou minutos depois e se juntou a nós duas. Logo após o café, ajudei minha mãe com o almoço e perto do meio dia, recebi uma mensagem de Caio, avisando que o enterro do Sr. Montenegro seria naquele dia mesmo, na parte da tarde, apenas para família e alguns amigos próximos. Santo Elias em peso já sabia da sua morte naquele momento, afinal, ele era um fazendeiro bem conhecido na região, mas os filhos optaram por algo mais íntimo. Eu entendia completamente. Ele seria enterrado ao lado da esposa às duas da tarde, mas o velório já estava acontecendo no jazigo da família.

Continuei a conversar com Caio por mais alguns minutos, dividida entre agir como se nada tivesse acontecido entre nós dois na noite anterior e a vontade de perguntar se não tinha sido um delírio da minha cabeça. Como não queria agir como uma doida impulsiva, me controlei, cheia de vontade de me abrir com alguém. Sabia que poderia conversar com Gabi, mas ela vinha passando por tanta coisa, não queria perturbá-la naquele momento. Por isso, passei o resto do dia ao lado da minha mãe e da minha irmã, guardando cada sentimento dentro de mim.



Caio

Cheguei em casa no final da tarde, sentindo meu corpo moído de cansaço e a cabeça latejando. Não havia dormido naquela noite, achei importante ficar ao lado de Davi e Enzo, que estavam em choque, perdidos com a perda repentina do pai. Eu só poderia imaginar a aflição dos dois e nem gostava de me imaginar naquela situação, pois meu pai era tudo para mim, assim como a

minha mãe. Depois de resolvermos toda a papelada com o hospital e arrumarmos tudo para o enterro, fomos direto para o jazigo da família Montenegro, onde organizei uma recepção de última hora para receber os familiares e amigos mais íntimos.

Davi estava destruído, seu irmão estava calado, introspectivo. Eu sabia como ele era o protegido de Carlos e estava claramente perdido no meio do cemitério, usando um terno escuro e bem-cortado, recebendo abraços e apertos de mão com a expressão devastada. Fiquei ao lado deles até o último segundo e me despedi quando já não tinha mais nada para fazer, a não ser deixar o meu abraço e desejar que ficassem bem, apesar de saber que não ficariam tão cedo. Saí do cemitério ao lado de Ramon, que havia aparecido perto da hora do enterro para deixar a sua solidariedade com os filhos. Assim que chegamos perto dos nossos carros, ele perguntou:

— Como você está?

— Morto — falei, mas logo me arrependi, fazendo uma careta e olhando à minha volta. Ainda bem que estávamos longe de todo mundo. — Muito cansado, quero dizer.

Ramon riu um pouco da minha cara e eu consegui relaxar, apesar do clima fúnebre. Apertando o meu ombro, ele disse em um tom mais sério:

— Você foi essencial para eles, Caio. Fez tudo o que estava ao seu alcance.

— Sei disso. Quis muito ajudar, pois Davi é meu amigo e Carlos foi cliente do meu pai... Enfim, espero que descanse em paz.

— Desejo o mesmo. Vai pra casa descansar, acho que você precisa dormir por doze horas seguidas.

— Concordo, Ramonzinho.

E concordava mesmo, mas agora, de banho tomado e já deitado em minha cama, eu conseguia fazer tudo, menos descansar. Minha mente pareceu deixar de lado os últimos acontecimentos envolvendo a família Montenegro e se concentrou exclusivamente em Luna e em tudo o que havia acontecido entre nós dois na noite anterior. Tanta coisa havia acontecido, que parecia que os meus lábios haviam tocado os dela há dez anos e não há menos de vinte e quatro horas. Mesmo assim, o seu cheiro, a textura sedosa da sua pele, seu corpo junto ao meu, pareciam gravados em minha memória como uma tatuagem.

Minha vontade era de ignorar o cansaço físico e mental e ir bater na porta da sua casa, mas sabia que precisava tirar um tempo para mim e dar um tempo para ela também. Imaginava como Luna deveria estar confusa, apesar

de ter visto o desejo em seus olhos, ter sentido na forma como abraçou a minha cintura e inclinou o rosto em minha direção, quase me implorando para beijá-la. Porra, para *beijá-la*! Minha gatinha que tinha medo de se entregar, receio de ser tocada, parecia implorar por um beijo meu. Por fora, eu parecia calmo e no total controle das minhas emoções, por dentro, meu coração batia de forma tão furiosa, que fiquei com medo de sofrer um infarto antes de tomar a boca dela na minha.

Não havia premeditado nada daquilo. Levei Luna para perto do meu carro com o intuito de conversarmos, de tentar entender o porquê de ela ter inventado que eu era gay para Fabiana. Algo dentro de mim me dizia que ela havia feito aquilo por sentir o mesmo que eu sentia por ela, ciúmes, atração, paixão, mas eu precisava ver em seus olhos, ouvir no som da sua voz. Não esperei que meus sentimentos fossem sair atropelando tudo. Eu, que sempre agia de forma consciente, que nunca perdia a cabeça enquanto lidava com uma mulher, fui completamente dominado por tudo o que sentia por Luna. Se Davi não tivesse me ligado naquele exato momento, eu teria beijado a sua boca com toda a fome e o desejo que eu sentia, sem pensar nas consequências, sem medir os meus atos. Ainda não sabia se agradecia ou o amaldiçoava pela interrupção, mas, dada as circunstâncias do telefonema, achava injusto culpá-lo.

Sendo racional, foi bom ter sido detido naquele momento. Luna era diferente de qualquer outra mulher que havia passado pela minha vida, não apenas por ser especial ou por ter invadido o meu coração sem que eu percebesse, mas por todas as questões que ela carregava. Eu não podia simplesmente atacar a sua boca no meio da rua, movido por um desejo insano, por mais que ela tivesse demonstrado que sentia o mesmo. Com ela, eu deveria ir devagar. Deveria respeitar seus sentimentos, seus receios, mesmo que comigo ela agisse de forma diferente, pois senti sua abertura, sua vontade de ser beijada. Eu não havia sido enganado pelo meu desejo, sabia o que tinha visto, só que não deveria agir pelo impulso. Não com ela.

Pela primeira vez desde o meu último relacionamento sério, parei para analisar e pesar os meus sentimentos. Eu sabia exatamente o que sentia por Luna, não era do tipo de homem que fugia quando se apaixonava ou que repudiava relacionamentos sérios, mas isso não queria dizer que eu não estava surpreso. Nunca imaginei que poderia nutrir por Luna qualquer outro sentimento que não fosse amizade. Na minha cabeça, achei que ela seria tão importante para mim como Gabizinha, mas eu deveria saber que pensar

daquela forma seria ingenuidade. Luna havia chamado a minha atenção de uma forma bem diferente de Gabi, comecei enxergá-la depois de ela ter dito que eu tinha cara de quem tinha pau grande e, por mais que eu não tivesse pensado em sexo no momento em que a ouvi dizer essas palavras, deveria ter admitido para mim mesmo que elas mexeram comigo. Não com o meu ego, mas *comigo*. Com a minha curiosidade sobre a menina de cabelos coloridos e a vontade que me impulsionou a conhecê-la melhor.

Talvez me aproximar de Luna tenha sido a melhor ideia que tive nos últimos tempos. Conheci uma mulher linda, carinhosa, engraçada, perspicaz, que não apenas me divertia, mas me encantava, me chamava a atenção por quem ela era. Cada nuance de Luna mexia comigo de um jeito diferente. Eu conseguia enxergá-la além do que ela gostava de mostrar. Eu a via de verdade, a reconhecia e, sem querer, acabei me apaixonando em alguma parte pelo caminho.

Eu sabia exatamente qual era a fama que eu carregava, talvez Luna não acreditasse logo de cara nos meus sentimentos, mas, enquanto olhava para o teto e pensava nela, decidi que não iria mais agir como um amigo, não quando havia presenciado os seus ciúmes e o seu desejo, a paixão em seus olhos. Ela também gostava de mim. Antes, eu estava me segurando por achar que poderia quebrar a sua confiança ao nutrir algo mais do que amizade, mas, agora, que sabia que ela sentia o mesmo, não iria mais esconder o que eu sentia. Sempre fui um homem decidido, eu ia atrás do que eu queria e, agora, queria a confiança de Luna para ser algo mais do que minha amiga.

Minha namorada.

As palavras brilharam em meu cérebro e me fizeram sorrir como um idiota, uma euforia estranha tomando conta do meu peito. Sabia que deveria ir devagar com ela, mas nada mais iria me impedir de fazer com que a pequena de cabelos coloridos fosse minha. Nem mesmo a minha famigerada fama de pegador.



Capítulo 20

Luna

Depois da piada da camisinha neon ter me dado dor de cabeça, decidi comprar algo mais simples para Alex. Peguei uma carona com um dos meninos até a cidade e comprei uma garrafa da cerveja artesanal que eu sabia que ele gostava, confirmando a minha presença na sua festinha ao receber a sua mensagem falando que *intimava* a minha presença. Claro que eu sabia que era brincadeira, assim como ele sabia que eu não deixaria de ir. Ele e Nicolas, certamente, nem perceberam que eu estava mais distante no nosso grupo de mensagens por conta de Maíra e Joice, pois eram desligados sobre esse tipo de coisa e eu não queria que pensassem que eu me afastaria deles também por causa delas.

De volta à fazenda, respondi à mensagem de Alana falando que aceitava sua carona para ir à casa de Alex mais tarde e fui para o casarão ficar um pouco com Gabi. A encontrei jogada no sofá, com o botão da calça aberta, toda descomposta. Sem querer, comecei a rir.

— O que é isso? Ramon passou por aqui e te deixou cansada?

Ela me olhou com um sorriso e se sentou melhor, batendo no lugar vago ao seu lado, onde fui correndo me sentar.

— A culpa foi da Cissa, dessa vez. Ela fez um bolo de cenoura maravilhoso e eu devorei quase tudo, agora estou aqui, acabada e com a barriga cheia.

— Ah, não! Agora eu quero bolo também!

Levantei-me rapidinho e fui até a cozinha pegar um pedaço de bolo, dando um beijo em minha mãe, Cissa e nas meninas, antes de voltar para sala e conversar com Gabi. Deixei que ela desabafasse sobre a situação com a mãe e a saúde do pai, que havia saído do coma. Ela estava visivelmente angustiada, muito cansada também, estressada, por isso, resolvi que não iria enchê-la

com os meus assuntos naquele momento. Provavelmente ela iria me estrangular quando soubesse que deixei para desabafar com ela depois, mas eu só queria que ela se abrisse naquele momento, não queria ser invasiva.

Por fim, acabei pesquisando no Google se o estresse poderia deixar uma pessoa cansada, pois ela estava reclamando que estava sem energia para nada e ele nos disse que sim. Fiquei ao seu lado assistindo TV e fazendo cafuné em seu cabelo, até sentir sua cabeça pesar sobre o meu ombro. Decidi que seria melhor deixá-la descansar e abaixei o volume da televisão antes de dar um beijo em sua bochecha e sair. Sentia tanto carinho pela Gabi e torci silenciosamente para que aquela tempestade em sua vida passasse logo.

Voltei para casa já perto de anoitecer, por isso, resolvi logo tomar um banho e começar a me arrumar. Estava tirando algumas peças de roupa do meu armário, quando ouvi meu celular anunciar que eu havia recebido uma mensagem. Meu coração fez festa no peito quando vi que era de Caio. Comecei a sorrir como uma idiota quando vi a foto que me enviou, fazendo um biquinho.

“Esse *advogado* está completamente esgotado. Será que alguma gatinha de cabelos coloridos poderia vir aqui me fazer uma massagem?”

“Que advogado mal-acostumado. Acha que é só estalar os dedos e eu vou correndo, é?”

“Claro que não, eu sei do seu valor, pequena. Mas é sério, quero férias! Acabei de sair da minha segunda reunião e ainda tenho um jantar mais tarde. Queria recusar e ir te ver, mas é um jantar de negócios.”

Ele enviou uma carinha triste, mas meu cérebro só se fixou na parte do “queria recusar e ir te ver”. Um pouco nervosa, me sentei na beirada da cama e digitei:

“Está com saudades, gatinho?”

“Sim, estou. Você não está?”

“Sim, eu estou, mas sinto que eu não deveria admitir com tanta facilidade, pois sei do seu problema com falta de humildade.”

“Falta de humildade? Que absurdo, não existe pessoa mais humilde do que eu nesse mundo!”

“Só você acredita nisso, Caio, hahaha. Como você está depois de ontem? Seja sincero, advogado. Me preocupo com você.”

“Estou bem. Foi um dia difícil, eu tomei a frente de tudo porque Davi e Enzo estavam desconsolados e perdidos, mas dei o meu melhor para que eles se sentissem minimamente confortáveis naquele momento.”

“Tenho certeza que sim. Você é um homem maravilhoso, Caio.”

“Hum, gostei do elogio. Quero que você repita no meu ouvido, bem baixinho.”

Ai, meu Deus. Algo aconteceu no meu baixo ventre ao ler a sua mensagem, pois, na minha cabeça, ela tinha segundas e terceiras intenções. Como não sabia se havia interpretado de forma correta, falei:

“Não quero contribuir com o aumento do seu ego, mas obrigada pelo convite.”

“Como você é boba, kkkkk. Eu nem ia ficar me achando.”

“Só você acredita nisso, né?”

“Estou sendo sincero. O que está fazendo agora, além de pensar em mim?”

“Como você se acha, advogado! Estou me arrumando, pois não é só você que tem um compromisso essa noite.”

“Mesmo? Onde você vai?”

“É aniversário do Alex, vou na festa dele mais tarde.”

“Qual é o problema desses moleques que fazem aniversário um perto do outro? As mães deles combinaram ou algo assim?”

“Não me pergunte, só sei que todo ano eu fico no prejuízo tendo que comprar presentes, hahaha.”

“Hum. Nicolas vai estar lá, né? Espero que ele não seja abusado com você.”

“Está com ciúmes, advogado?”

Eu nem sabia de onde havia tirado coragem para perguntar aquilo, pois não havia sido uma brincadeira, apesar de eu ter enviado uma figurinha sorrindo de forma maliciosa. No fundo, eu queria que ele fosse sincero na resposta, porque queria saber a verdade. Não havíamos tocado no assunto do quase beijo ainda e eu não pretendia iniciar aquela conversa, mas, se ele estivesse com ciúmes, só confirmaria o que vi em seus olhos naquela noite. Sua resposta me deixou com um frio na barriga e os pelinhos do braço arrepiados:

“Sim, estou. Falei que estarei em um jantar importante mais tarde,

mas se acontecer qualquer coisa e você quiser vir embora, não hesite em me ligar, tudo bem? Largo tudo e vou correndo até você.”

Ainda bem que ele falou tudo aquilo, pois se tivesse parado no “sim, estou”, eu não saberia o que responder.

“Pode deixar. Só me diz uma coisa, vai ter mulheres solteiras nesse jantar? Se sim, é melhor você deixar claro que é gay, assim elas tiram logo o olho de você.”

Misericórdia, alguém poderia tirar o celular da minha mão? Enquanto relia a mensagem, comecei a rir de nervoso. Eu realmente não pensava muito nas consequências dos meus atos, a prova veio no formato da resposta de Caio:

“Está com ciúmes, pequena?”

Resolvi ser sincera, pois sentia que não tinha muito para onde fugir:

“Estou.”

“Não precisa, eu disse que só você vem tomando conta de tudo dentro de mim. Não menti sobre isso, gatinha, mas acho melhor deixar essa conversa para depois, quando eu estiver olhando nos seus olhos de novo.”

Fiquei com medo de ter uma dor de barriga de repente, pois uma onda de ansiedade pareceu me dominar por dentro. Agora só conseguia pensar em quando veria o *advogado* de novo, sem saber se eu ansiava por esse encontro ou se fugia dele.

“Promete que vai dar um tapa na cara do fedelho se ele ousar olhar para você?”

“Fedelho, no caso, é o Nicolas?”

“Óbvio ou tem outro com quem eu tenha que me preocupar?”

“Não tem, hahaha. Engraçado, antes você falava que eu deveria investir no Nicolas...”

“Antes eu estava maluco, agora a realidade deu um tapa na minha cara e eu acordei. Graças a Deus você não beijou a boca dele.”

“Caio! Meu Deus! Kkkkkk.”

“Só estou falando a verdade. E deve ele beijar mal mesmo.”

“Não tem como você saber disso, seu implicante.”

“É quase uma certeza que eu tenho, mas não quero que você fique pensando nisso.”

“E quer que eu fique pensando em quê?”

“No nosso beijo e em tudo o que você vai sentir quando ele acontecer.”

Senti meu coração errar duas batidas, sendo pega completamente de surpresa com a sua mensagem. Poderíamos estar evitando a conversa sobre o quase beijo, mas Caio não estava nem um pouco a fim de agir como se ele não tivesse quase acontecido. Ou era isso, ou ele havia batido com a cabeça em algum lugar. Senti-me ansiosa, excitada, mas não soube exatamente o que responder, por isso, inventei uma desculpa de que Alana havia chegado e ele ressaltou que eu poderia ligar a qualquer momento se acontecesse alguma coisa. Eu esperava que não acontecesse nada, pois, dentro de mim, já estava acontecendo tudo. Caio estava tomando conta de cada pequeno espaço dentro do meu coração.



O quintal da casa dos pais de Alex estava cheio e a música alta fazia com que alguns dos convidados comesçassem a dançar. Eu estava em um canto conversando com Alana e rindo das gracinhas que Alex fazia com a irmã mais nova, que estava emburrada e não queria tirar fotos.

— Coitada, deixa a menina em paz! — Alana gritou e Alex deu dedo para ela, recebendo um tapa da mãe no braço. — Isso, tia, bate mesmo nele.

— Ele esqueceu da educação que dei — respondeu a mãe dele, nos arrancando algumas risadas.

Ao longe, eu via Maíra e Joice dançando com dois caras perto das caixas de som. Eles eram primos distantes de Alex, que sempre vinham em sua festa de aniversário. Por sorte, eles estavam mantendo as duas entretidas e longe de mim e de Alana, que parecia estar levando à risca a ideia de se afastar das duas, pois não demonstrou nenhum interesse de se aproximar delas ou continuar a conversar quando elas se aproximaram da gente quando chegamos à festa.

Acho que era a primeira vez que eu e Alana ficávamos sozinhas por tanto

tempo e foi muito bom, pois conversamos sobre tudo e nem vi o tempo passar. Nicolas se aproximou da gente com dois copos de refrigerante e ficamos um tempinho conversando com ele, que estava trocando olhares com uma menina do outro lado do quintal. Ele pareceu ficar sem graça quando percebeu que eu vi, mas logo o tranquilizei com um sorriso, deixando claro que não me incomodava. Queria mais era que ele fosse se divertir sem pressão na cabeça ou achando que eu ficaria ofendida por estar beijando outra pessoa, por isso, quando Alana pediu licença para ir ao banheiro, perguntei:

— Por que você não vai chamar aquela menina para dançar? Ela parece estar muito interessada em você.

Ele olhou para a menina ao longe e se virou para mim com uma careta indecisa, coçando a nuca.

— Não quero que você fique chateada, Luna.

— Por que eu ficaria chateada? Falei sério com você no seu aniversário, Nick, quero ser apenas sua amiga. Não fique preocupado, de verdade. Vá se divertir e beijar na boca!

Ele riu ao ver o meu sorriso e se aproximou de mim, dando um beijo em minha têmpora.

— Está bem. Jura que não está magoada comigo com o lance da camisinha? Eu nem vi quando você foi embora no sábado, fiquei com medo de ter feito uma besteira muito grande.

— Não estou magoada, eu te perdooi naquela noite mesmo, lembra.

— Lembro! — Falou com falsa convicção e eu ri.

— Lembra nada, seu mentiroso! Agora vai logo até a menina, antes que ela pense que estamos juntos.

— Está bem, estou indo.

Ele me abraçou de novo e se afastou, indo em direção a garota. Vi como ela ficou um pouco desconfiada e olhou para mim, mas eu acenei, dando a entender que éramos apenas amigos. O sorriso que ela me deu me convenceu de que tinha acreditado e resolvi parar de bisbilhotar os dois, dando um gole em meu refrigerante e curtindo a música, observando Alana voltar do banheiro.

— Esses meninos deveriam fazer mais festas assim! Só de não ter que enfrentar fila para ir ao banheiro, já é um alívio.

— Concordo, sem contar que o banheiro é limpinho.

— Esse é o principal! — Ela riu. — Agora, voltando aquele assunto, eu estava conversando com a minha mãe acho que vou mesmo cursar

Jornalismo, eu gosto tanto de escrever e ela me disse que meus textos são bons. Só acreditei porque ela é professora de Português e sei que não mentiria sobre isso.

— Você escreve muito bem mesmo, falei sobre isso da última vez que mandou um texto no nosso grupo do WhatsApp.

— Eu lembro. É que as meninas não falaram nada, aí acabei ficando insegura. Sei que é bobagem, mas... — Ela deu de ombros, se calando.

— Não é bobagem, você se importava com a opinião das duas, assim como eu me importava também.

— Ainda bem que você falou no passado, porque eu não me importo mais!

Eu não sabia até que ponto era verdade, pois Alana havia decidido se afastar das duas recentemente, mas resolvi acreditar nela, pois sabia que o melhor que ela poderia fazer por si mesma, era deixar de se importar com a opinião da Maíra e da Joice. Continuamos a conversar, mas, como se soubessem que haviam sido citadas, as duas se aproximaram com um sorriso no rosto e copos nas mãos. Maíra parecia estar alegre demais, quase bêbada, eu diria, pois passou o braço pelo meu pescoço e apoiou praticamente o peso todo em cima de mim.

— Que estranho, Luna! Parece que a sua fama acabou — ela disse e eu me desvencilhei dos seus braços, me afastando. Ela riu e sugou a bebida pelo canudo, me dando um olhar cheio de malícia.

— Não sei do que você está falando, Maíra, e nem estou a fim de saber. Alana, vamos pegar mais refrigerante?

— Vamos!

Alana me deu a mão para sairmos dali, mas Maíra me segurou pelo braço, me detendo no lugar. Eu quase não acreditei na audácia dela e puxei meu braço de volta, ficando irritada.

— Qual é o seu problema? Ficou maluca?

— Nossa, por que está tão irritadinha? Ah, já sei! Deve ser porque está sendo ignorada pelo Nicolas, que está quase comendo outra garota ali no canto, na frente de todo mundo!

Maíra só poderia ser louca mesmo, pois Nicolas não estava fazendo nada demais, apenas dançando e beijando a menina de forma bastante decente. Disposta a ignorar as sandices que estava falando, me virei para sair, mas ela me segurou pelo braço de novo, mais forte daquela vez.

— O que foi? Não tem coragem de admitir que é a verdade, Luna? Você gosta de ser o alvo de todos os caras, usando essa pose de santinha, de

menina inocente, sempre foi assim!

— Me solta — pedi baixo, sentindo meu coração disparar no peito e minhas mãos ficarem suadas.

— Tentou ser o alvo da atenção de Nicolas e conseguiu, mas ele não era o suficiente, não é? Aí você resolveu partir pra cima do Caio Alcântara com essa história de que são apenas amigos. Tudo mentira! Provavelmente ele já te comeu, assim como o Nicolas deve ter te comido também, e já enjoou, te jogou fora!

— Eu mandei você me soltar!

— Maíra, para com isso, está louca? Larga a Luna! — Alana pediu, mas Maíra só me soltou quando eu puxei o braço com mais força e dei um passo para trás.

— Você é completamente louca, Maíra! Não sei onde eu estava com a cabeça quando decidi ser sua amiga por tanto tempo. Eu só quero distância de você, ouviu? E de você também, Joice, pois sempre foi pau mandado dela! — falei para Joice, que arregalou os olhos, parecendo estar um pouco mais sóbria do que Maíra.

— Eu que deveria ter me distanciado de você desde aquele dia! — Maíra disse, me fazendo gelar no lugar. Ela se aproximou e me olhou de cima a baixo, com uma espécie de inveja e revolta. — Ou acha que eu engoli aquela historinha que você contou? Acha que eu não sei que, no fundo, você aproveitou, Luna?

— Cala a boca — pedi me sentindo tonta, o coração pesado, uma pressão horrível na nuca. — Você prometeu que...

— Eu não prometi nada! Estou com essa história entalada na garganta durante anos! Não consigo esquecer aquela sua cara de sonsa, você chorando e jurando que não queria que tivesse acontecido, quando não só quis, como aproveitou!

— Maíra, pare com isso agora! Você está maluca? — Alana pediu falando um pouco mais alto por conta da música.

— Não estou maluca, só quero que ela admita que quis que aquilo acontecesse, que quis que ele...

Minha mão foi com tudo na sua cara antes que ela pudesse terminar de falar. Eu não sabia de onde tinha vindo toda aquela raiva, aquela revolta que me pegou de repente e me fez querer ir pra cima dela com tudo, machucá-la do jeito que ela estava me machucando. Eu quase consegui agarrar o seu cabelo, mas alguém me puxou por trás e Joice a amparou antes que ela caísse

com tudo no chão, perdendo o equilíbrio com a força do meu tapa. Seus olhos arregalados encararam os meus, a descrença tomando conta do seu rosto.

— Como você pode ser tão cruel? — gritei, tentando me soltar de quem me segurava. — Como você tem a coragem de usar essa história contra mim? Como? Você sabe o quanto isso me machuca, você sempre soube!

Não consegui enxergar direito a sua expressão, pois meus olhos se encheram de lágrimas e um nó desesperador se instalou em minha garganta, me impedindo de respirar. Imagens de um passado que eu sempre fiz questão de manter enterrado, voltaram com tudo na minha mente e veio mais. Veio o momento em que contei tudo para Maíra, pois ela era minha amiga e eu confiava nela. Eu *confiei* nela! E agora ela estava usando tudo aquilo contra mim como se a culpa fosse minha!

“*Você podia ter gritado*”, ela disse no passado. Mas eu não gritei.

“*Podia ter pedido socorro.*”

Mas eu não pedi.

“*Eu acredito em você, mas... Você tem certeza?*”

Eu *tinha* certeza. O que me matava por dentro era perceber que *ela* nunca teve. Nunca acreditou em mim. Alana entrou na minha frente e secou as minhas lágrimas, vi de relance quando Joice ajudou Maíra sair dali e percebi naquele momento que a música havia parado e todo mundo olhava em minha direção. Nunca me senti tão exposta e pequena em toda a minha vida. Eu só queria sumir, desaparecer. Desvencilhando-me de Alana, corri em direção ao portão ignorando todo mundo que gritava por mim e saquei meu celular do bolso, ligando para a única pessoa que poderia me ajudar de verdade naquele momento.

Achei o número de Caio em meus contatos e pressionei com as mãos trêmulas, quase deixando o celular cair ao colocá-lo na orelha. Ao meu lado, Alana pedia para que eu me acalmasse, me oferecia água, mas eu só conseguia balançar a cabeça e negar, chorando muito. Eu queria sair dali, apenas isso.

— Caio, por favor... — implorei, ouvindo chamar e cair na caixa de mensagens.

Tirei o celular da orelha e o olhei meio que em choque, resignada, como se a culpa por Caio não me atender fosse exclusivamente dele. Pressionei sobre o seu nome de novo e ouvi chamar até cair. Então liguei mais uma e outra vez.

— Luna, eu posso te levar para casa — Alana disse, mas eu balancei a

cabeça.

— Não, ele prometeu que iria me atender e me buscar se eu pre-precisasse — solucei no final.

Mas Caio não me atendeu. Nem na primeira, na segunda, ou na quinta ligação. Chocada por ter acreditado nele, por ter depositado nele a minha confiança, olhei novamente para a tela do celular, me sentindo vazia. Ele havia *prometido*. Mas não cumpriu.

— Luna! O que aconteceu? Eu só vi você e Maíra brigando e...

Ouvi a voz de Nicolas ao longe, mas tudo o que pude fazer foi olhar para Alana como se ela fosse a minha tábua de salvação. Naquele momento, ela realmente era. Como se me entendesse, ela passou o braço pelo meu, disse algo a Nicolas que não entendi e me tirou dali, me colocando no carro do seu pai e dando partida segundos depois.

— Eu sinto muito, Luna. Maíra é a pior pessoa do mundo, agora eu tenho certeza! Eu sempre acreditei em você, ouviu? Sempre!

Apenas assenti, pois, assim como Maíra, ela também sabia. As duas eram as únicas que tinham conhecimento sobre a minha dor, mas uma delas havia acabado de destruir parte do meu coração.



Caio

Luís Otávio Nobrega sabia dar um bom jantar, principalmente quando tinha certeza de que iria fechar um grande negócio no final da noite, que era o que estava acontecendo. Cheguei a pensar que ele iria cancelar o jantar por conta da morte de Carlos Montenegro, mas sabia que pouca coisa poderia o abalar quando o assunto era trabalho. Ele não tinha se tornado dono da principal fazenda de soja de Santo Elias à toa. Naquela noite, ele havia convidado dois fazendeiros que tinham terras vizinhas às suas para poder fazer uma proposta. Seu objetivo era fechar um grande contrato com ambos e expandir sua plantação, o que daria lucro para os dois lados.

Ele era um homem inteligente, perspicaz e seu advogado não ficava muito atrás. Eu estava ali representando Antônio Carvalho, um dos fazendeiros para

quem Luís havia apresentado a proposta. Dei uma lida no contrato, fazendo de tudo para focar cem por cento da minha atenção no trabalho.

— O que você acha, Caio? — Antônio perguntou enquanto tomava um gole de uísque sentado na sala de estar de Luís. Havíamos pedido alguns minutos a sós para conversar.

— Eu acho que é uma ótima proposta. Seria uma forma de colocar em uso partes das suas terras que estão paradas. Sem contar que o valor que ele está oferecendo é muito bom, mais a porcentagem dos lucros daqui a alguns anos, quando fizerem a colheita e a exportação da soja.

— Penso o mesmo. Luís Otávio é um velho amigo, mas negócios são negócios, é preciso ter cautela antes de dar um passo como esse.

— Com certeza. Se quiser, pode tirar uns dias antes de dar sua resposta definitiva.

— Farei isso! Como está a sua agenda nos próximos dias? Talvez possamos marcar uma reunião para discutir melhor os detalhes.

— Claro, deixa eu ver aqui no meu celular.

Enfiei a mão dentro do bolso da calça, mas não encontrei o aparelho. Sem entender nada, enfiei a mão no outro bolso e também nos de trás, mas nada do celular aparecer.

— Que estranho, será que deixei cair? — perguntei para mim mesmo, mas, então me lembrei. — Já sei! Coloquei o celular para carregar no carro enquanto vinha para cá e esqueci de pegar. Volto em um segundo.

— Tudo bem, enquanto isso, vou conversando com Luís.

Saímos juntos da sala e ele foi em direção ao escritório de Luís, enquanto eu saía do casarão e ia em direção ao meu carro estacionado a alguns metros dali. O tempo fechado anunciava que iria chover mais tarde e eu mal esperava para encerrar aquela noite e ir embora para casa. Destravei o carro e tirei o celular do cabo, onde ele havia carregado apenas um pouco, já que o carro estava desligado há mais de duas horas. No momento em que a tela se iluminou, eu tomei um susto e fiquei desesperado ao ver mais de cinco chamadas não atendidas de Luna.

— Puta merda!

Senti minhas mãos tremerem de leve enquanto retornava à ligação, começando a pensar em um monte de coisas. Eu sempre pedi para que ela me ligasse se algo acontecesse, desde o começo da nossa amizade havia sido assim, mas ela nunca havia ligado e eu sabia que não era porque não queria cumprir com o que havia me prometido ou não porque não queria me

incomodar e, sim, porque nada havia acontecido. Mas agora era diferente. Ela não iria me ligar à toa! Chamou até cair na caixa de mensagens e eu liguei de novo, já entrando no carro e ignorando o fato de que meu cliente estava me esperando para encerrarmos a noite. Lidaria com ele depois, nada era mais importante para mim do que Luna.

— Atende, gatinha... — pedi, deixando o celular no alto-falante e já dando partida no carro.

Deixei a fazenda de Luís para trás e peguei a estrada, dando-me conta de que não sabia o que fazer a partir dali. Não sabia o endereço da casa do tal Alex e Luna não me atendia! Tentei mais uma vez, no entanto, a ligação caiu na caixa de mensagens de novo. Desesperado, levei o carro para o acostamento e puxei na minha agenda o contato de um amigo antigo, que sabia o endereço de praticamente todo mundo em Santo Elias. Ele era como uma maldita enciclopédia do lugar, iria me ajudar.

— E aí, Caio! Quanto tempo! Como você está?

— Desesperado, Pedro. Preciso que você me diga onde mora um tal de Alex. Ele deve ter entre dezenove e vinte anos, está fazendo aniversário hoje, anda sempre no mesmo grupinho de um garoto chamado Nicolas. É amigo da Luna, a menina de cabelos coloridos.

Graças a Deus Luna se destacava com o cabelo rosa, estava torcendo para que aquelas informações fossem suficientes para que Pedro buscasse na memória onde o garoto morava.

— Já sei de quem você está falando, o nome dele é Alex Matos, conheço os pais dele há décadas! Sei onde mora, anota o endereço.

Nem precisei anotar, assim que ele falou, gravei em minha memória, dei partida no carro e agradeci pela ajuda, desligando e voltando a discar o número de Luna. Naquele momento me senti um imbecil por não ter o número de alguma das suas amigas, talvez até mesmo Maíra pudesse me ajudar. Só conseguia pensar em Nicolas e em sua insistência em marcar território sobre ela. Com certeza ele havia insistido de novo e a perturbado, por isso tinha me ligado. E eu não atendi! Prometi a ela que iria atender, que iria até ela e havia falhado. Se algo grave tivesse acontecido, eu jamais iria me perdoar.

Meti o pé no acelerador e cheguei ao centro da cidade vinte minutos depois, virando em algumas ruas até chegar a de Alex. Assim que estacionei, consegui ouvir a música alta, o falatório e encontrei pessoas dançando no quintal quando passei pelos portões abertos. O ambiente não estava tão

iluminado, mas consegui ver, de longe, a cabeça de Nicolas. Antes de ir até ele, dei mais uma olhada ao meu redor, procurando Luna. Como não achei, ele se tornou o meu alvo.

— Seu moleque! O que você fez com a Luna? Onde ela está? — perguntei tentando segurar a minha raiva, puxando-o pelo ombro para me encarar. Pude ver a sua surpresa, os olhos arregalados e o rosto meio pálido. — Onde ela está? Não vou perguntar de novo, porra!

Eu ia partir pra cima dele se não me respondesse naquele exato segundo, mas alguém me deteve pelo braço. Pelo canto de olho, reconheci Alex.

— Ei, Caio, fica frio. Nicolas não fez nada!

— Duvido muito! Cadê a Luna, porra? Onde ela está?

— Luna e Maíra brigaram, Alana a levou para casa — Nicolas disse, chamando a minha atenção. — Eu me ofereci para levá-la, mas ela estava abalada demais, achei que seria melhor se Alana a acompanhasse.

— Abalada? Como assim? O que aconteceu?

— Não sabemos ao certo, quando percebemos, Luna já estava dando um tapa na cara da Maíra, gritando e chorando muito — Alex disse e eu dei um passo para trás, sentindo como se o tapa tivesse sido na minha cara. Alguma coisa muito séria havia acontecido para Luna agir daquela forma, ela era a menina mais doce que eu já havia conhecido.

— Tem certeza que Alana a levou para casa?

— Sim. Ela me mandou uma mensagem há uns dez minutos, falando que tinha acabado de deixar Luna em casa — Nicolas disse. — Acho melhor você não ir até ela, Luna estava muito fragilizada, deve estar querendo ficar sozinha e...

— Você não sabe o que é melhor para ela, nenhum de vocês dois sabem, se soubessem, não deixariam que aquela Maíra continuasse no grupinho de vocês — cuspi, pois estava farto de segurar a aversão que sentia por aquela garota. O sentimento só fazia crescer e naquele momento eu explodi.

Sem esperar por uma resposta, saquei o celular do bolso e os deixei para trás, ligando para Luna de novo. Não sabia se ela não estava me atendendo de propósito ou se estava realmente muito abalada com o que havia acontecido com Maíra, mas algo me dizia que era a segunda opção. Não sabia o que aquela garota havia feito, mas com certeza tinha sido algo muito grave. Me dilacerava por dentro saber que Luna havia me ligado para pedir ajuda, para tirá-la de perto daquela louca e, por um descuido idiota, eu não havia atendido. Havia deixado minha pequena no momento em que mais precisou

de mim.

Enfiei o celular no bolso depois que caiu na caixa de mensagens e peguei a chave, já destravando o carro para ir até a fazenda de Ramon, quando uma voz um tanto estridente me deteve. Ao longe, vi Maíra correndo pela calçada, tentando se equilibrar nos saltos. Por um momento, achei que estivesse bêbada, mas o olhar firme que me deu me mostrou que sua expressão alterada era uma mentira. Eu era gato escaldado, não caía na farsa de mulheres como ela.

— Caio! Espera! — gritou e eu só esperei porque queria olhar bem na sua cara de pau e ouvir o que tinha para me dizer. Ela fechou a nossa distância, mas a porta do carro, que eu havia aberto há poucos segundos, ficou entre nós dois. — Que bom que você veio! Eu precisava tanto conversar com você! Olha o que Luna fez comigo!

Ela virou o lado direito do rosto, mostrando a bochecha bem avermelhada. Pelo visto, Luna havia dado um tapa com força total.

— Luna é doida, você deveria se afastar dela!

— Não, é ela que deveria se afastar de você. Agora, se pude me dar licença, preciso ir ver como ela está.

— Ver como *ela* está? Ela me agrediu!

— Com certeza, você fez por merecer.

— Como você tem coragem de falar assim comigo? Como um advogado, deveria saber que agressão é crime! Eu poderia processá-la!

— Como advogado, eu sei reconhecer de longe quando uma pessoa presta ou não e posso afirmar com todas as letras que você não vale nada, Maíra. Desde aquela noite no Bar dos Calouros, quando falou mal de Luna na minha cara, eu soube que você não era uma pessoa confiável, agora, eu tenho certeza. Sinto pena por Luna ter desperdiçado tantos anos da vida dela ao seu lado, quando você não merecia ter a amizade dela.

Ela ficou lívida, o rosto ficando pálido rapidamente. Não consegui me sentir mal por finalmente falar tudo o que eu pensava dela. Em respeito à Luna e a amizade que elas tinham, eu havia decidido que não iria me intrometer, mas, daquela vez, era diferente. Ela havia atacado Luna de alguma forma, eu só não sabia qual era. Mas iria descobrir. Sem esperar por sua resposta, comecei a entrar no carro, mas sua voz cheia de raiva me chamou a atenção:

— Pelo visto, você é mais um que caiu no papinho dela! Como aquela garota consegue ter todos os homens nas mãos desse jeito? Eu não entendo!

— Como é que é?

— É isso mesmo que você ouviu! Ela vem com aquele papinho de que foi abusada... Abusada nada! Sempre soube que ela quis e agora tenho certeza!

Ela empinou o queixo e saiu andando, mas eu larguei o carro aberto e fui atrás dela, a alcançando no meio do caminho.

— Do que você está falando? Que merda é essa, Maíra?

— Ela ainda não se fez de vítima para você? Nossa, estou chocada!

— Eu não estou brincando, porra! Fala logo a verdade! Que história é essa de que Luna foi abusada?

Ela vacilou, vi quando algo passou pelo seu olhar, quase como se fosse arrependimento, só não sabia se era por estar mentindo ou, pior, se era por estar falando a verdade. Nunca torci tanto para que ela fosse uma mentirosa.

— Vocês não são *amigos*? Pergunte para ela!

Ela passou por mim como um raio, entrando na casa de Alex e desaparecendo lá dentro. Eu ainda fiquei alguns minutos parado ao lado do meio-fio, perdido, sem saber o que pensar, o que fazer. Quando pingos finos começaram a cair sobre a minha cabeça, tive um choque de realidade e percebi que não poderia ficar perdendo tempo ali, parado no meio da rua, enquanto Luna estava sozinha e sofrendo.

Se Maíra estivesse falando a verdade, talvez minha pequena gatinha de cabelos coloridos precisasse mais de mim do que eu poderia imaginar.



Capítulo 21

Luna

Não saberia explicar como consegui chegar em casa, ir para o meu quarto, trocar de roupa e me jogar na cama. Parte de mim agradeceu silenciosamente a Deus por minha mãe já estar deitada, assim como Fernanda, pois isso havia me poupado do interrogatório que, com certeza, elas fariam ao me ver no estado deplorável que eu estava. Não que eu tivesse me olhado no espelho, mas, por dentro, eu me sentia machucada, exposta. Era como se Maíra tivesse enfiado uma faca em feridas antigas, mas que ainda doíam muito e, agora, elas estivessem jorrando sangue.

Encolhida sobre a cama, só consegui deixar as minhas lágrimas caírem. Durante anos convivi com lembranças que me cortavam por dentro. Em alguns momentos era fácil fingir que nada havia acontecido, eu tinha aprendido a camuflar as minhas memórias, deixá-las presas em um baú no fundo da minha mente. Em outros momentos, elas voltavam com tudo, como se eu fosse uma pessoa fraca e sem coragem de expulsá-las. Nesses momentos, eu apenas me isolava, pois sabia cuidar das minhas dores sem incomodar ninguém, havia aprendido a lidar com aquilo sozinha. Mas dessa vez era diferente. As lembranças não voltaram por livre e espontânea vontade, elas foram empurradas do fundo da minha memória e, agora, me encaravam, zombavam de mim.

“Fique quietinha, Luna... Eu sei que você vai gostar...”

Fechei os olhos com força, querendo expulsar a sua voz de dentro da minha cabeça. A agonia me dilacerava e, talvez, o que doesse mais era saber que tudo aquilo estava acontecendo por causa de alguém que, até pouco tempo, eu considerava como minha amiga. Maíra nunca foi perfeita, mas ríamos juntas, nos divertíamos. Ultimamente ela havia mudado muito, era verdade, mas nunca imaginei que poderia ser tão cruel ao ponto de usar

contra mim algo que me machucava tanto.

Não era fácil conviver com as lembranças de um abuso. Não era fácil *identificar* um abuso. Demorei anos para admitir a mim mesma que eu fui uma vítima. No momento em que aconteceu, eu apenas sabia que não queria, mas não tinha discernimento para entender que havia passado por algo que me mudaria para sempre, que moldaria a minha personalidade, o modo como eu vivia, como eu agia. Algo dentro de mim se rompeu naquele final de semana e nunca mais voltou ao seu lugar. Provavelmente, nunca voltaria. A partir daquele momento, comecei a conviver com um trauma que me perseguia, medos que me calavam, que me impediam de ser uma jovem normal, que fazia coisas normais.

Mesmo assim, eu tentei viver da melhor forma possível, mas nunca era o suficiente. Eu sempre era a atrasada do grupo, a que havia demorado para beijar na boca, a que não tinha transado ainda, a que ficava calada quando as meninas contavam suas experiências sexuais. Elas poderiam achar que eu era idiota, mas eu não era. Sempre li muito, adorava romances, aprendia muito com eles, me interessava por sexo, por mais que não tivesse coragem ou não me sentisse pronta para praticar, mas eu não tinha direito de fala porque “eu não tinha experiência”. Realmente, eu não tinha, mas não era apenas porque eu não queria e, sim, porque era difícil para mim. Se beijar era complicado, imagina ir além? Morria de medo de travar quando sentisse um toque mais ousado, ou de não ter voz para pedir que parasse.

Eu me achava fraca, mas, ao mesmo tempo, me achava forte. Lutava contra os fantasmas do meu passado e fazia de tudo para que eles não me abalassem. A noite do cinema havia sido uma recaída, onde me vi paralisada pelo o que havia acontecido, com medo de não dar aquele passo, mas, desde então, eu vinha me sentindo melhor, principalmente depois do que quase havia acontecido entre mim e Caio no sábado, no beijo que eu desejei e que ele quase me deu. Ali, eu não senti medo, só senti vontade de ir adiante, mas, agora, só conseguia me sentir fraca e usada, humilhada e exposta, justamente quando sentia que, talvez, eu pudesse dar aquele passo com o *advogado*, se ele estivesse falando sério sobre a história de continuarmos de onde havíamos parado.

Pensar nele fez o meu coração doer ainda mais. Eu sabia que ele não tinha obrigação alguma comigo, que, provavelmente, todas as vezes em disse que eu poderia ligar caso precisasse, era apenas para ser gentil, mas eu acreditei fielmente que ele iria aparecer na casa de Alex como um cavalheiro em uma

armadilha prateada, em cima de um cavalo branco. Ou apenas na sua Land Rover mesmo, trazendo o cenário para o século vinte e um, mas me enganei. Ele não apareceu e, ao invés de me sentir uma idiota por ter acreditado nele, só me senti mais triste e sozinha. Só Deus sabia como eu precisava cair em seus braços naquele momento, mesmo que eu não soubesse o porquê. Eu só precisava do seu carinho e do seu abraço, mais nada.

Ao longe, escutei meu celular tocar, me tirando parcialmente do torpor que me envolvia. Meu corpo doía e meus ombros estavam tensos de tanto tremer enquanto eu chorava, mesmo assim, sentei-me na cama e procurei o aparelho, me dando conta de que nem o havia tirado da bolsa, que estava jogada no chão. Secando os olhos, me levantei para pegá-lo, mas parei assim que ouvi duas batidas contra um vidro. Meu coração deu um salto no peito e eu fiquei em silêncio, em pé no meio do quarto, ouvindo apenas o barulho da chuva do lado de fora. Provavelmente, a crise de choro havia mexido com os meus tímpanos, mas eu não estava louca. A prova foram as duas batidas de novo, mais fortes daquela vez.

— Luna? Pequena, pelo amor de Deus, me diz que esse é o seu quarto e não o da sua mãe.

Não era possível! Fungando para conter a coriza que queria descer sem permissão pelo meu nariz, me aproximei da janela do meu quarto e afastei as cortinas, dando de cara com Caio do lado de fora, ensopado pela chuva. Em choque, só consegui abrir as janelas e segurar o pacote que ele pressionou contra o meu peito, olhando-o como se ele fosse uma miragem.

— Posso entrar?

Com os olhos arregalados, assenti e ele fez o impensável: como um adolescente travesso de quinze anos entrando no quarto da namoradinha, ele deu um impulso e se sentou no parapeito da janela, colocando uma perna para dentro, depois a outra, até estar completamente dentro do meu quarto com o cabelo, o rosto e a camisa ensopados pela chuva. A calça estava menos pior, mas os sapatos já estavam molhando o chão. Pouco me importei com aquilo, principalmente quando ele deu um passo à frente e passou a mão grande pelo meu rosto, secando a lágrima solitária que escapou pelo canto do meu olho.

— Vem aqui, meu amor...

Ele me puxou para o centro do seu peito e eu fui, sem me importar se ele estava molhado pela chuva e se iria me molhar toda no processo, nem com o fato de minutos atrás eu estar chateada com ele. Apenas fui, porque aquele homem havia tomado chuva e entrado em meu quarto pela janela apenas para

me ver. Nada mais importava do que aquilo.

Eu já havia chorado muito, mas contra o peito de Caio, eu desabei. Foi um choro que veio de dentro, como se estivesse reprimido durante anos. Ele não disse nada, só me abraçou bem forte, acariciou as minhas costas, espalhou beijos pelo meu cabelo e deixou que eu colocasse tudo para fora. Surpreendentemente, em seus braços, não fui dominada pelas lembranças, apenas pela sensação de que, se eu caísse, ele estaria lá para me segurar.

Não saberia dizer quanto tempo se passou, poderia ter sido minutos ou horas, mas, quando me acalmei, comecei a me dar conta dos elementos externos. Em minha mão ainda estava o pacote que ele havia me dado e a blusa do meu pijama estava tão molhada quanto a camisa social que ele usava. Talvez a dele estivesse mais molhada pelas minhas lágrimas do que pela chuva, mas resolvi ignorar aquela vergonha e dei um passo para trás, sentindo seus polegares vindo automaticamente para o meu rosto, secando as minhas bochechas.

— Mais calma?

Eu assenti e o olhei de cima a baixo, decidindo tomar um pouco mais de controle sobre as minhas emoções.

— Você está ensopado, tire essa camisa, pelo amor de Deus. Vai acabar ficando doente. E tire os sapatos e as meias também, vou pegar uma toalha para você.

— Sim, senhora.

Ele me deu um sorriso que me acalmou e me trouxe à realidade ao mesmo tempo, enquanto eu deixava o pacote em cima da minha mesinha de cabeceira e caminhava até o meu guarda-roupa para pegar uma toalha limpa. Caio estava no meu quarto. *Dentro do meu quarto*. E nem era um sonho. Quando me virei, o encontrei já sem a camisa, tirando os sapatos e as meias. A visão do seu peitoral e da barriga trincada me fez ficar parada no mesmo lugar por alguns segundos, completamente nocauteada, sem nem saber de onde o golpe tinha vindo.

Ah, você sabe sim de onde o golpe veio. Da barriga do Caio.

— Gatinha?

Pisquei duas vezes para poder tirar os meus olhos de cima do seu peitoral e encarei sua mão estendida à espera da toalha. Dei para ele e me afastei de novo, sabendo que eu também precisava trocar de blusa.

— Vire de costas!

Ele me olhou sem entender enquanto passava a toalha pelo cabelo

molhado.

— Por quê?

— Porque eu também preciso trocar de blusa.

Algo dentro de mim estava esperando que ele soltasse alguma piadinha infame, mas ele apenas arregalou os olhos e se virou mais rápido de que um flash. Sem querer perder tempo — e dizendo a mim mesma que eu não estava decepcionada pela falta de humor do Caio —, tirei a blusa molhada e peguei uma limpa dentro da gaveta, me secando rapidamente com a toalha que estava pendurada no cabideiro antes de me vestir. Encontrei Caio ainda costas para mim quando me virei.

— Pronto.

Ele se virou e me estendeu a toalha, que eu pendurei ao lado da minha.

— Você é doido. O que está fazendo aqui? — finalmente perguntei, quase sem poder acreditar que era verdade mesmo e não um sonho. Ele encurtou a nossa distância e pegou as minhas mãos, dando um beijo no alto dos meus dedos.

— Antes de mais nada, preciso explicar porque não atendi os seus telefonemas.

— Não precisa, Caio, eu entendo. Você deveria estar ocupado e...

— Mesmo se eu estivesse no meio de um voo para a Austrália, eu faria a porra do avião descer no momento em que você me ligasse falando que precisava de mim — ele disse muito sério, talvez mais sério do que um dia eu já tivesse visto. — Eu não atendi, porque fui um idiota e deixei o celular dentro do carro. Eu juro, pequena, não foi de propósito. Quando fui buscar o aparelho e vi as suas ligações, não pensei em mais nada, só em te ligar de volta e ir atrás de você nem que fosse no fim do mundo. Me senti um estúpido por não ter te atendido, por favor, me perdoe.

— No fundo eu sabia que não tinha sido por querer.

— Mesmo assim, ficou magoada comigo.

— Fiquei, mas já passou. Agora você está aqui.

— Mas não estive lá quando você precisou de mim — falou com o maxilar trincando, mas segurando as minhas mãos com uma delicadeza que me fez sentir como se estivesse segurando o meu coração.

— Eu preciso de você agora e você está aqui, nada mais importa.

— Nada mesmo? Porque pensei que você poderia ficar animada se eu trouxesse hambúrguer com batata frita.

Ele olhou para o pacote atrás de mim e me senti ainda mais especial com a

sua preocupação, finalmente me dando conta do cheiro de hambúrguer que tomava conta do meu quarto. Sem querer, comecei a rir e me sentei na cama, puxando-o para se sentar ao meu lado.

— Espero que tenha trazido um para você também, *advogado*.

— Claro que sim, achou que eu ia ficar apenas te olhando e passando vontade? Nunca!

Ainda bem que ele estava falando baixo, pois assim eu também conseguia ter certo discernimento a ponto de silenciar a minha risada. Meu humor estava oscilando, eu ainda me sentia muito machucada, mas ter Caio ao meu lado parecia abrandar um pouco o meu sofrimento. Ele me fazia sentir mais do que a dor.

— Serviram pouca comida no jantar? — perguntei enquanto tirava os sanduíches e entregava um a ele, junto com uma porção de batata frita. Nem sabia que estava com fome, mas meu estômago avisou que necessitava daquele hambúrguer.

— O dono da fazenda cismou em contratar um *chef* não sei das quantas e ele serviu aquelas comidas de passarinho. Olha para o meu tamanho, acha que aquela sujeira no prato iria me satisfazer?

Eu realmente o olhei, quase sem pudor algum. Pelo amor de Deus, Caio, o meu *advogado*, estava sem camisa, no meu quarto, na minha cama. Eu não era de ferro. Apesar de tudo o que havia acontecido naquela noite, eu ainda era a mesma Luna que quase babava na beleza dele.

— Com certeza não — respondi com um sorriso, dando uma mordida no hambúrguer. — Hum, perfeito!

— Assim como eu.

— Como você é convencido! Como conseguiu entrar aqui? E como sabia que essa era a janela do meu quarto?

— Vocês não trancaram o portãozinho. E eu lembrei que você tinha piscapisca na cabeceira da cama, então, torci para que ele refletisse na janela do seu quarto. Ainda bem que você não fechou a cortina completamente. Confesso que morri de medo de que tivesse errado de janela. Acho que a sua mãe arrancaria as minhas bolas se eu tivesse batido na janela dela.

— Eu também acho — ri baixinho, observando-o devorar o hambúrguer. — Você é doido, Caio. Não precisava ter vindo aqui, não queria ter dado trabalho para você.

— Gatinha, eu teria ido mais longe, se fosse necessário. Quando soube que Alana já tinha trazido você para casa, vim correndo pra cá.

— Como você soube que Alana me trouxe?

— Fui até a casa do Alex. Por sorte, tenho um amigo que conhece todo mundo em Santo Elias e ele me passou o endereço do moleque. Talvez eu tenha chegado na festa com a intenção de socar a cara do Nicolas, só para deixar claro.

— Meu Deus, Caio! Você bateu nele?

— Não, mas quando vi as suas ligações, logo pensei que ele tinha feito alguma coisa contra você. Quando cheguei lá, ele e Alex me falaram sobre a sua briga com a Traíra.

Ainda bem que eu não estava comendo, pois uma risada surgiu no fundo da minha garganta.

— Quem?

Ele revirou os olhos e colocou o guardanapo usado dentro do pacote de papel onde trouxe os hambúrgueres.

— Traíra combina muito mais com ela do que Maíra, você não acha?

— Com certeza.

Eu não estava acreditando que eu estava rindo pela décima vez em menos de cinco minutos, mas Caio parecia ter aquele poder sobre mim. Ele chegava e o peso em meus ombros ia embora. Comi o último pedaço do sanduíche e deixei a porção de batata frita de lado, indo me encostar contra a cabeceira. Bati no lugar vazio ao meu lado e Caio veio sem pestanejar, colando-se a mim e me abraçando pelos ombros. Suspirei de alívio quando encostei minha cabeça em seu peito, sentindo sua pele suave contra o meu rosto, ouvindo as batidas ritmadas do seu coração.

— Sinto muito pela minha cama não ser de casal — murmurei e ele me apertou um pouco mais, entrelaçando as pernas nas minhas. Por sorte, sua calça não havia ficado ensopada pela chuva, só tinha alguns pontos molhados aqui e ali.

— Prefiro assim, aí eu posso ficar agarrado a você — falou, passando a mão pelas minhas costas e beijando a minha testa. Nem precisava falar que meu coração estava batendo tão rápido quanto as asas de um beija-flor. — Quer falar sobre o que aconteceu?

— Os meninos não te contaram?

— Só o mais importante, que você deu um tapa na cara dela.

— Eu deveria me arrepender disso, mas não consigo.

— Tenho certeza que ela mereceu o tapa. Você não é uma pessoa violenta, não chegaria a esse extremo se não tivesse se sentindo atingida ou ameaçada.

Levantei a minha cabeça para encontrar os seus olhos e não consegui conter um sorrisinho.

— Que bom que você confia em mim assim. Se eu te bater um dia, já vai ter a consciência de que a culpa foi toda sua.

— Eu não vou te dar motivos para isso, sou um *advogado* perfeito, gatinha, você sabe.

— Sei, é?

— Claro que sim — ele sorriu, acariciando a lateral do meu rosto com a mão livre. — Eu encontrei com ela quando estava saindo da casa do Alex. Se antes eu já sentia que ela não valia nada, agora eu tenho certeza.

— Por quê? O que ela falou para você? — perguntei ficando tensa. Será que ela havia contado para ele sobre o meu passado? Sobre *aquilo*? Balançando a cabeça, Caio disse:

— Mostrou o rosto vermelho, disse que você tinha batido nela e que eu deveria me afastar de você... Ela é completamente desequilibrada. Você fez bem quando decidiu se afastar dela.

— Agora eu não quero só me afastar, quero ficar o mais longe possível e nunca mais olhar na cara dela — falei, sentindo um peso enorme no peito. Respirando fundo, decidi contar parte de tudo o que havia acontecido. — Ela foi muito cruel comigo, desenterrou uma parte do meu passado só para me machucar.

Eu me calei e Caio também não falou nada, só deixou que eu tomasse o meu tempo. Desconfortável, voltei a encostar a minha cabeça em seu peito e eu abracei pela cintura, querendo ficar o mais perto possível do seu calor, da sua proteção, como se ele pudesse ser um escudo para a minha dor. Talvez ele fosse mesmo, pois, desde o momento em que entrou em meu quarto, conseguiu me distrair e me fazer rir, mas, agora, era como se ele soubesse que o seu silêncio era tudo o que eu precisava. E os seus ouvidos também.

— Eu não sei como contar isso para você. Eu nunca contei para ninguém, só para Maíra e Alana — falei baixinho, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas mais uma vez.

— Só conte o que for confortável para você — ele respondeu no mesmo tom, acariciando o meu braço e as minhas costas.

Eu assenti e respirei fundo, piscando um pouco mais rápido para tentar dispersar as lágrimas. Não deu muito certo, pois elas caíram pelo meu rosto e molharam a barriga de Caio, mas eu segui em frente mesmo assim.

— Aconteceu uma coisa comigo anos atrás... Algo que me marcou muito.

Era aniversário da Maíra e os pais dela alugaram um sítio para passarmos o final de semana e comemorarmos ao lado dela. Ela sempre foi muito popular, então, convidou muita gente, mas os pais dela organizaram tudo muito bem e colocaram meninas em um quarto e meninos em outro. Só que isso não me protegeu.

Senti Caio ficar tenso embaixo de mim, mas não disse nada, apenas me deixou falar. As lembranças voltaram com força total mais uma vez, mas eu lutei contra elas, tomando coragem para continuar.

— Lá, eu reencontrei um colega de infância e nós nos aproximamos, passamos o dia juntos conversando, eu me senti bem ao lado dele. Ele era muito bonito, popular também, as meninas ficavam atrás dele como abelha no mel, mas ele parecia não se importar muito, sabe? Ele não ficava impressionado e eu lembro que achei aquilo interessante, o fato de ele não ficar se achando. Passamos a sexta e o sábado juntos, às vezes com alguns amigos, outras sozinhos, mas foi na madrugada de sábado para domingo que tudo aconteceu. Eu estava dormindo em uma cama no canto do quarto, estava muito escuro, mas acordei no susto ao sentir uma pessoa grudada em minhas costas. Quase gritei e esperneeiei para me levantar, mas uma mão tampou a minha boca, e eu ouvi a voz dele me mandando ficar quieta e...

Não percebi que estava tremendo e chorando até sentir um nó intenso em minha garganta impedir que eu continuasse a falar. Caio me abraçou mais forte e beijou minha testa e meus olhos fechados, enquanto eu ouvia as batidas frenéticas do seu coração. Ele parecia estar tão nervoso quanto eu, mas, por fora, quase não demonstrava.

— Você não está lá, pequena, está aqui comigo — ele disse baixinho.

— Eu sei, eu só... Eu não quero que você pense que eu quis aquilo, porque eu não quis. Eu juro que eu não quis.

— Ei, eu sei que você não quis — ele disse com muita convicção, tomando meu rosto em uma mão e olhando em meus olhos. — Eu sei disso, meu amor.

Eu assenti, respirando fundo para tentar me controlar. Parte de mim ficou presa em suas palavras, o “meu amor” piscando em meu cérebro, mas a dor do momento não me deixou pensar muito sobre aquilo. Resolvi continuar antes que perdesse a coragem:

— Ele tirou a mão da minha boca depois e segurou o meu pescoço. Eu poderia ter gritado, mas não gritei.

— Porque estava com medo e não porque queria que aquilo acontecesse — ele disse com a voz rouca, quase como se também quisesse chorar. — O que

ele fez? Ele tocou em você? Ele te machucou?

— Não fisicamente, ele apenas me segurou pelo pescoço e espalmou a mão em minha barriga, enquanto se esfregava em mim por trás — falei tudo de uma vez, quase sem acreditar que eu havia conseguido. A dor parecia querer me sufocar, mas eu lutei contra ela. — Depois que ele... Bem, que ele terminou, ele acariciou a minha barriga e saiu da cama, me deixando sozinha.

Não queria, mas senti muita vergonha quando me calei, dando-me conta de que eu havia acabado de contar tudo para Caio. No fundo, eu sabia que ele não iria me julgar, sabia que ficaria ao meu lado, mas, mesmo assim, me senti muito pequena na frente dele, exposta, deixando que visse tudo dentro de mim. A coragem para olhar em seus olhos se perdeu no meio do constrangimento que eu sentia, por isso, voltei a esconder meu rosto em seu peito e fechei os olhos com força, querendo colocar um ponto final naquele assunto que quase me matava por dentro.

— Quem é ele? — Caio perguntou segundos depois, me apertando forte, mas com a voz carregada.

— Não vou dizer.

— Luna...

— Não.

Tomando meu rosto nas mãos, Caio me fez abrir os olhos e encará-lo.

— Ele precisa pagar pelo que fez! Se isso aconteceu anos atrás, você era menor de idade! Quantos anos ele tinha? Quantos anos você tinha?

— Não importa. E ele nem mora mais aqui. A única coisa que sei, é que vem visitar o pai às vezes — falei parte da verdade.

— Eu vou atrás dele nem que seja no inferno, é só você me falar o nome — ele disse com muita convicção e uma espécie de raiva contida brilhando nos olhos azuis.

Eu sabia que ele estava sendo sincero, sabia que realmente seria capaz de ir atrás dele, mas eu não queria. Lembrava-me nitidamente do que ele havia falado para mim na manhã seguinte, logo após o café. *“É melhor não contar o que houve para ninguém. Você sabe muito bem quem é o meu pai, não vai querer se meter com ele.”* Apesar de saber que, agora, seu pai não oferecia mais nenhuma ameaça, ele poderia oferecer. Segurando os pulsos largos de Caio, falei:

— Eu só quero esquecer que aquilo aconteceu. É só isso que eu quero, Caio.

Ele se desarmou quando a minha voz falhou no final e o meu queixo

tremeu. Aquele sempre foi o meu desejo desde o momento em que fui deixada sozinha na cama, no meio daquele quarto escuro. Eu só queria esquecer. Só queria apagar as lembranças e fingir que nada daquilo havia acontecido.

— Minha gatinha... — ele me puxou de volta para os seus braços, mas continuou a olhar em meus olhos. — Eu queria ter estado lá. Queria ter arrebatado a cara daquele infeliz e protegido você.

— Eu também queria. Eu ia amar se você tivesse quebrado a cara dele.

— Me fale o nome dele e eu vou fazer isso agora — ele pediu, mas eu neguei novamente, ouvindo seu suspiro. — Se ele te ameaçou de alguma forma, saiba que não precisa mais ter medo. Eu estou aqui, pequena, não vou deixar que nada de mal aconteça a você.

— Eu sei, eu confio em você, *advogado* — falei, dando um beijinho na altura do seu coração, ficando levemente arrepiada ao sentir o calor da sua pele em meus lábios. — Desde que você entrou na minha vida, muita coisa mudou e foi apenas para melhor. Talvez você nem imagine o tamanho da importância que tem para mim, Caio. Eu não sabia o quanto precisava de você. Ainda bem que eu falei que você tem cara de quem tem pau grande, essa foi a porta de entrada para você invadir a minha vida.

Ele riu baixinho, parecendo deixar parte da tensão para trás e acariciou o meu rosto.

— Eu me arrependo por não ter entrado na sua vida antes, mas costumo acreditar que há um tempo certo para tudo.

— Deus não erra, como diz minha mãe.

— Ela tem toda razão — falou baixinho, olhando em meus olhos. — Agora eu entendo melhor o porquê de você ser mais contida sobre relacionamentos amorosos, beijos na boca... Sinto muito por ter insistido para que você se soltasse mais. Se eu soubesse...

— Não sinta, por favor! Você me ajudou muito, Caio, de verdade. Depois do que aconteceu, eu me forcei a seguir em frente e tentar esquecer, mas foram experiências horríveis, que me ajudaram a ter certeza de que, talvez, eu fosse viver solteira para sempre. Então, eu me fechei, mas depois que você entrou em minha vida e Gabi também, pois ela me aconselha muito, eu comecei a me abrir um pouco mais.

— Pena que eu te empurrei para cima do fedelho do Nicolas. Se arrependimento matasse... — ele se calou e revirou os olhos, me fazendo rir.

— Mas não aconteceu nada entre nós dois.

— Graças a Deus! Sempre soube que Ele olhava por mim lá de cima.

— Como você é idiota — falei, dando um soquinho em seu abdome duro. Caramba, *muito* duro.

— Sou um homem que tem fé, Deus sabe disso! O que você não sabe, gatinha, é que pensou errado a vida toda. Você não vai viver solteira para sempre.

— Não vou?

— Claro que não. Eu estou bem aqui, você não está vendo? Faço o sacrifício de me casar com você e te engravidar umas quinze vezes.

— O *sacrifício*? Meu Deus, como você é horrível! E nunca que você me engravidaria quinze vezes!

— Quatorze, então.

— Duas vezes e já está de bom tamanho.

— Duas vezes? É muito pouco, não posso privar o Planeta Terra dos meus genes perfeitos, preciso procriar.

— Vai procriar com outra pessoa, então — falei, gargalhando baixinho quando ele começou a rir.

Ficamos daquele jeito por alguns segundos, até ele colocar uma mecha atrás da minha orelha e me olhar com intensidade.

— Não quero outra pessoa, quero você.

Não havia um traço de brincadeira em sua voz e foi aquilo que fez o meu coração acelerar no peito: reconhecer que Caio estava falando sério. Acho que ofeguei baixinho, mas ele não mudou de atitude, não sorriu ou fez alguma piadinha, nem tirou aquela intensidade do olhar, só continuou me encarando e acariciando a lateral do meu rosto, como se eu fosse a coisa mais preciosa que ele já tivesse colocado os olhos.

— Por quê?

— Porque eu te vejo muito além do que você gosta de mostrar, eu te reconheço dentro de mim de uma forma que nunca reconheci qualquer outra mulher. Quando me aproximei de você, tinha em mente que seria apenas seu amigo, mas desde o começo foi muito mais, pequena, eu só não tinha entendido. Agora eu compreendo que, desde sempre, eu te enxerguei através de todos os seus sorrisos, das suas bochechas coradas quando fica envergonhada, das suas postagens nas redes sociais, dos livros pornográficos que você gosta de ler...

— Ei, não são pornográficos, são *eróticos*! — O interrompi, rindo de nervoso. Deus do céu, meu coração ia sair pela minha garganta. Com certeza

eu estava prestes a desmaiar.

— Desculpa, confundi, os gêmeos que são pornográficos — ele riu baixinho, antes de voltar a me encarar com aquele sorrisinho de canto de lábio que me deixava com um frio de expectativa na barriga. — Eu te vejo através de todas as suas cores, minha pequena de cabelos coloridos. Ninguém no mundo é tão especial para mim quanto você. Eu vou esperar pelo tempo que for necessário para ter você do jeito que tinha que ser desde o início, sendo seu melhor amigo, mas também sendo o homem que vai te amar e te proteger de todo e qualquer mal.

Eu queria chorar, mas não tinha nada a ver com tristeza. As lágrimas que vieram aos meus olhos foram de pura emoção, junto a um sentimento avassalador que me deixou momentaneamente sem ar, sem reação, completamente dominada enquanto olhava dentro dos olhos azuis de Caio e sentia seu rosto se aproximar do meu. *Ele iria me beijar. E eu queria que ele me beijasse.* Fechei os olhos e esperei, senti minha alma pulsar quando ele encostou o nariz no meu, só que, ao invés de me beijar, ele cantou muito baixinho, só para que eu ouvisse.

*I don't mind spending everyday
(Eu não me importo em passar todos os dias)
Out on your corner in the pouring rain
(Parado na sua esquina, debaixo de chuva)
Look for the girl with the broken smile
(Olho para a garota com o sorriso triste)
Ask her if she wants to stay a while
(Pergunto se ela quer ficar por um tempo)
And she will be loved
(E ela será amada)
And she will be loved^[4]
(E ela será amada)*

Eu não era *expert* em inglês, mas aquela música era uma das minhas favoritas e eu sabia a tradução dela de trás para frente. Assustada por Caio ter cantado justamente ela, abri os olhos rapidinho, com medo de que tudo aquilo fosse uma alucinação da minha cabeça, mas não era. Ele ainda estava ali, cantando baixinho, de olhos fechados, com uma mão em meu rosto. Senti em meu coração o desejo de me entregar completamente para aquele homem que

vinha tomando cada pequeno espaço dentro de mim e foi isso que fiz. Não tomei uma decisão no impulso, apenas agi com os meus sentimentos e encostei meus lábios nos de Caio no momento em que ele parou de cantar, beijando-o com toda a minha alma.

Ele fechou os lábios sobre os meus em um beijo suave, que nada fez para que as batidas do meu coração diminuíssem, pelo contrário, elas só aumentaram, mas eu amei a sensação. Explorei o seu braço com as minhas mãos, até chegar ao seu pescoço, onde senti a veia grossa sob os meus dedos e decidi ir além. Ele me deixou tomar conta de tudo, mas encontrou a minha língua no meio do caminho, me beijando com mais intensidade, puxando-me pela nuca, apertando a minha cintura com a outra mão, até seu corpo ficar colado ao meu lado em cima da cama. Seu calor me envolvia, seu sabor me preenchia e o mundo, de repente, se tornou apenas nosso, enquanto meu corpo parecia reconhecer cada nuance do dele.

Esse era um beijo de verdade. Um beijo que me despertou da cabeça aos pés, me deixou arrepiada, emocionada, excitada, completamente apaixonada. Eu não podia mais fugir do que sentia ou fingir que aquele sentimento não esteve sempre ali em meu peito, apenas esperando o momento certo para se libertar. Eu estava perdidamente apaixonada por Caio. Pelo meu *advogado*, meu melhor amigo, o homem que me entendia e que me via através de todas as minhas cores.



Capítulo 22

Luna

Eu não saberia dizer por quanto tempo fiquei nos braços de Caio, apenas sentindo o seu carinho e dando alguns beijos, até cair no sono. Em algum lugar da minha mente eu sentia que estava vivendo em um mundo paralelo, como se fosse um sonho ou uma alucinação, mas meu coração me dizia que aquela era a realidade e que eu poderia dormir tranquila, pois, ao acordar, teria comigo as lembranças da noite mais intensa da minha vida.

— Luna? Luna? Ai, meu Deus!

Ouvi ao longe alguém me chamar aos sussurros, mas só despertei mesmo quando senti meu ombro ser chacoalhado de leve. Tomei um susto ao encontrar Fernanda praticamente em cima de mim, vestida com o uniforme da escola.

— Luna!

— O quê?

— Meu Deus do céu, acorda agora, ou a mamãe vai te matar!

Eu olhei para ela sem entender o porquê daquela comoção toda, mas quando ela desviou os olhos arregalados para alguma coisa ao meu lado, eu senti meu cérebro despertar de vez e começar a se dar conta do peso de um braço musculoso em volta da minha cintura, uma respiração cadenciada em meu pescoço e o calor de um corpo forte praticamente espremido contra o meu. Com o coração quase saltando pela garganta, encarei Caio dormindo ao meu lado, seu corpo gigante quase caindo da minha cama de solteiro.

— Ai, meu Deus! — Exclamei em um sussurro e voltei ao olhar para Fernanda.

— Sim, foi isso mesmo que eu disse quando entrei aqui e encontrei o advogado do seu Ramon praticamente cobrindo o seu corpo. Você ficou maluca?

— Não! Não é isso que você está pensando... Ai, estou ferrada! — Sem saber o que fazer, tirei o braço de Caio de cima da minha cintura e cutuquei o seu ombro, tentando acordá-lo o chamando baixinho. — Caio? *Advogado*, acorda!

Os olhos dele tremeluziram de leve até se abrirem, um tanto sem foco. Eu sabia que não era um momento apropriado, mas foi impossível não ficar sem fôlego com aqueles olhos azuis em cima de mim. Ele franziu o cenho e olhou rapidamente ao redor, até se dar conta de onde estava e dar um pulo, sentando-se na cama.

— Porra, não acredito que a gente dormiu!

— Fala baixo, mamãe não pode ouvir! — Fernanda disse, chamando a atenção de Caio, que arregalou ainda mais os olhos. — Ela está na cozinha, vou tentar distraí-la. Sejam rápidos, por favor!

— Obrigado, cunhadinha.

Fernanda já estava quase saindo do quarto, mas parou e se virou assim que ouviu o que Caio disse. Acho que meu coração também parou por alguns milésimos de segundos. Estreitando os olhos, Fê disse baixinho:

— É você!

— Sou eu o quê?

— Você é o tal amigo que fazia Luna ficar rindo que nem uma boba quando trocavam mensagens! Agora eu entendi tudo! — Dando-me um sorriso sorrateiro, ela me olhou: — Sempre soube que essa história de amigo era a maior bobagem!

— Fernanda, por favor, apenas vá. — Quase implorei, porque, de repente, eu já não sabia mais onde enfiar a minha cara.

Sorrindo, Caio passou o braço pelos meus ombros de maneira muito displicente e disse:

— Sim, sou eu mesmo. Fazer a sua irmã sorrir é a minha especialidade.

Surpreendentemente, Fernanda tirou o sorriso malicioso dos lábios e deu a ele o sorriso mais doce do mundo. Quase pude ouvir o seu suspiro.

— Então eu aprovo o namoro.

— Fernanda! Tchau!

Rindo, ela saiu do quarto e fechou a porta, me deixando ali dentro com o meu *advogado* favorito, que já estava fazendo o meu coração trabalhar em potência máxima antes das sete da manhã.

— Sua irmã é uma graça!

— Ela gosta de implicar comigo, isso sim — falei, sentindo minhas

bochechas pegarem fogo. Rindo baixinho, Caio puxou meu queixo em sua direção.

— Ela se preocupa com você, ou não teria nos dado cobertura.

— Sim, ela se preocupa, mas daqui a pouco vai pedir algo em troca.

— Essa é a graça de se ter irmãos! Se nossos filhos não fizerem isso um pelo outro, vou ficar chateado — disse ele, me dando um selinho antes de se levantar da cama e se espreguiçar. Eu olhei para o seu peitoral e aquela barriga trincada ainda sem acreditar que tudo aquilo era realidade. — Ainda bem que foi ela que entrou no quarto e não a sua mãe. Eu sou muito novo para morrer.

— Novo nada, já é quase um ancião.

Ele me deu um sorriso malicioso e se inclinou para apoiar as duas mãos no colchão. Fiquei toda arrepiada quando enfiou o rosto em meu pescoço e deu um beijo, antes de sussurrar em meu ouvido:

— Vou te mostrar em breve que estou muito longe de ser um ancião, gatinha.

Ai, meu Deus. Meu baixo ventre se contraiu de tal forma, que temi soltar um gemido involuntário. Precisei morder o lábio para me conter e fitei os olhos azuis do *advogado* quando ele voltou a me fitar, ainda inclinado sobre mim.

— Como você está se sentindo?

— Eu estou bem — falei, porque aquela era a verdade. Depois de tudo o que havia acontecido entre nós dois e acordar literalmente em seus braços, sentia parte da minha alma reestabelecida. Precisando muito tocá-lo, enfiei os dedos em seus cabelos despenteados e falei: — Você é o responsável por eu estar muito bem hoje, *advogado*.

— Pretendo ser o responsável por muito mais, gatinha — ele sussurrou bem sério, mas com muito carinho. Conseguia ver inúmeros sentimentos brilhando em seus olhos. — Acho que agora eu preciso ir, sua irmã não vai conseguir segurar sua mãe para sempre, mas à noite eu quero te ver. Talvez a gente possa voltar àquela parte da fazenda, que tal?

— Sim! Eu quero.

Ele sorriu e passou o nariz pelo meu delicadamente.

— Amei passar essa noite com você.

— Eu também. Obrigada por ter vindo até aqui, por ter ficado comigo, me acalmado e me feito sentir tão bem e especial.

— Você é especial, pequena.

Seus dedos afastaram os fios de cabelo do meu rosto e seus lábios tocaram os meus bem de leve, em um beijo carinhoso, lento, que aqueceu o meu corpo e fez a minha respiração ficar agitada. Quando sua língua acariciou a minha, eu me perdi e esqueci completamente que a minha mãe estava a apenas alguns metros de nós dois e que poderia entrar em meu quarto a qualquer momento. Ainda bem que ele parecia ser mais consciente do que eu, pois interrompeu o beijo delicadamente. O modo como deixou o meu lábio inferior escapar por entre os seus dentes me deixou com os mamilos erizados. A sensação nova me fez arquejar.

— Acho melhor eu ir.

— Sim.

— Mas eu não quero ir.

— Também não quero que você vá — ri com certo desespero, olhando rapidamente para a porta fechada. — Se o meu guarda-roupa fosse um pouquinho maior, eu te trancava dentro dele.

— Luna! Sempre soube que o seu intuito era me prender para sempre ao seu lado, sua espertinha!

— Sim, sempre foi. Essa é a sua oportunidade para fugir, *advogado*.

— Eu não sou do tipo de homem que foge, gatinha. Agora você vai ter que me aturar — ele disse com um sorriso cafajeste, me dando mais um beijo antes de se levantar.

Eu fiquei sentada na cama, observando enquanto ele voltava a vestir a camisa toda amassada, mas já seca, e colocava os sapatos. Quando estava devidamente vestido, eu me levantei e senti um friozinho na barriga ao notar o seu olhar em meu corpo. O *baby-doll* que eu usava não era indecente nem nada, mas, mesmo assim, ele pareceu me admirar. Ele esticou a mão em minha direção e eu peguei, sendo puxada delicadamente para o seu corpo.

— Nos vemos mais tarde, então?

— Sim. Vou sentir sua falta, *advogado*.

— Eu sei, é difícil desapegar de mim.

— Ai, Caio, você é terrível! Vai logo!

Ele riu e me prendeu pela cintura, me dando um beijinho na ponta do nariz.

— Também vou sentir sua falta, gatinha.

Ele me deu mais um beijo na boca, antes de se afastar completamente e parar em frente à minha janela. Sem querer, comecei a rir quando ele se contorceu, sentando-se no parapeito.

— Não ria! Isso aqui é um ato de romantismo!

— Não disse que não é. Você está roubando o meu coração fazendo essas coisas, Caio.

— Entrando e saindo do seu quarto pela janela? Se eu soubesse, tinha feito isso antes.

— Você entendeu, seu cínico!

Ele riu e pulou para o lado de fora, olhando rapidamente em volta.

— Vou aproveitar que não tem nenhum vizinho na área e ir logo. Beijos, gatinha.

Dei uma corridinha até ele e peguei seu rosto em minhas mãos, dando um selinho em seus lábios. Eu não sabia de onde estava saindo tanta coragem desde ontem à noite, mas a verdade era que eu quase não conseguia manter as minhas mãos — e a minha boca — longe de Caio.

— Beijos, *advogado*.

Ele me deu aquele sorriso de tirar o fôlego e se foi, me deixando completamente apaixonada no meio do meu quarto. Demorei alguns segundos para sair do transe e recolhi o pacote do lanche, enfiando debaixo da minha cama para poder jogar no lixo quando minha mãe saísse, em seguida, abri a porta para sair do quarto, dando de cara com Fernanda com a mão erguida para tocar a maçaneta.

— Credo, quase me mata do coração! — Ela exclamou de forma exagerada e ficou nas pontas dos pés para tentar olhar sobre o meu ombro. Rindo, me afastei e deixei que ela entrasse em meu quarto, fechando logo a porta para que minha mãe não escutasse a nossa conversa. — Por onde o advogado saiu?

— Pelo mesmo lugar que entrou. — Apontei pela janela e ela me olhou boquiaberta.

— Não acredito que ele entrou e saiu pela janela! Nossa, ele deve estar muito apaixonado mesmo! — Como eu esperava que ela estivesse certa, nem fiz questão de retrucar. — Ainda bem que eu menstruei essa manhã e vim aqui pegar absorvente antes que a mamãe entrasse no seu quarto. Vocês são dois malucos! Se ela o visse aqui...

— Não quero nem imaginar! Ainda bem que tenho você na minha vida, maninha — falei, dando um beijo em sua testa e ouvindo a sua risada. — Vem aqui, tenho um pacote de absorventes fechados no meu guarda-roupa. Está com cólica?

— Sim. Nossa, eu odeio menstruar! Mal vejo a hora de ter idade suficiente para tomar o mesmo remédio que você.

— Eu não tomo anticoncepcional só por causa das cólicas, mas porque meu ciclo era irregular, sabe disso — falei, dando a ela o pacote fechado.

— Eu sei, mas você disse que ajudou com as dores.

— Sim, em compensação, tive espinhas quando comecei a tomar.

— Um horror. Mulher nasceu pra sofrer mesmo — ela disse com aquele desgosto típico de adolescente, me fazendo rir. — Você e o Caio estão namorando mesmo? A mamãe vai surtar quando souber.

— Não estamos namorando.

— Mas ele dormiu aqui. E estava sem camisa. Ele é bonitão, você se deu bem!

— Fernanda! — Ela riu da minha cara e eu a acompanhei. — Nós não fizemos nada demais, só nos beijamos.

Nem acreditava que estava compartilhando aquilo com a minha irmã de onze anos, mas sabia que, se não falasse, Fernanda iria me perturbar mais tarde para que eu desse mais detalhes do que havia acontecido. E eu confiava nela, sabia que guardaria meu segredo.

— Não fizeram nada demais *por enquanto*. Ele te olha como se gostasse muito de você e você também gosta muito dele que eu sei. E eu gostei de ser chamada de cunhadinha — ela disse meio encabulada, me fazendo enxergar o lado fofo que ela cismava em esconder atrás da fachada de adolescente madura.

— Mas quando eu te chamo de maninha você reclama.

— É porque você é chata, já o Caio parece ser muito legal!

— Parece que o *advogado* encanta todo mundo mesmo, até um coração de pedra como o seu.

— Hum, *advogado*, é? Está toda apaixonadinha — riu da minha cara, bagunçando meu cabelo. — Da próxima vez que ele vier aqui, me avisa, e eu vou servir de escudo para vocês.

— Se toca, pirralha, já viu o seu tamanho para servir de escudo para alguém?

— Está falando isso, mas se não fosse por mim, vocês seriam descobertos!

— Eu sei. Obrigada, Fê — falei, puxando-a para um abraço apertado que, por mais incrível que pudesse parecer, ela correspondeu. — Eu te amo, maninha.

— Eu também te amo. Nem acredito que você vai desencalhar.

— Você tinha mesmo que estragar o clima, né?

— Eu só falei a verdade! — Ela disse, ouvindo nossa mãe chamar o seu

nome, avisando que o transporte para o colégio havia chegado. — Manda um beijo para o meu cunhado quando ele te mandar uma mensagem.

— Vai logo para a escola, pestinha!

— Diz que eu já gosto mais dele do que de você — ela falou perto da porta, assoprando um beijo em minha direção antes de sair.

Se ela soubesse como o ego de Caio era gigantesco, não me pediria para passar aquele recado. Mesmo assim, ao me ver sozinha, corri para o meu celular e contei tudo para o *advogado*, sabendo que eu seria obrigada a lidar com o seu lado exibicionista e convencido que eu tanto amava.



Caio

Putá merda.

Foram as duas palavras que passaram pela minha cabeça quando eu entrei em meu carro. As outras duas foram “obrigado, Deus”, pois tinha mesmo que agradecer o fato de ter tido um pingo de discernimento na madrugada passada e estacionado o carro alguns metros antes da casa de Luna, assim, sua mãe não teria acordado e dado de cara com ele quando afastasse as cortinas e abrisse as janelas. Também me lembrei de agradecer a Ele pela irmã de Luna ter entrado no quarto e não a minha futura sogra, pois as minhas bolas já doíam só com o pensamento do que Rosana poderia fazer com elas.

Girei a chave na ignição e passei em frente ao casarão, sentindo meu estômago protestar como se soubesse que estávamos a apenas alguns metros do café da manhã de Cissa. Sabia que eu poderia estacionar ali mesmo e entrar para comer, mas nem sabia por onde começar a explicar o meu estado todo desganhado. Minha camisa havia secado de qualquer jeito, por isso, estava toda amarrotada, meus cabelos estavam zoneados e eu sentia meus tênis ainda úmidos. Se fosse em outras circunstâncias, eu não só entraria por causa do café, como alugaria os ouvidos de Ramon por algumas horas para poder desabafar, no entanto, a vida dele estava de cabeça para baixo nesse momento. Seria melhor esperar que a poeira abaixasse e que a ex-defunta desaparecesse para poder me abrir com o meu melhor amigo.

Saí da fazenda e peguei a estrada para o centro da cidade, sentindo meus pensamentos voltarem à noite anterior. Tantos sentimentos invadiram o meu peito, que foi até difícil saber por onde começar, era como se eu estivesse em uma montanha-russa, que subia e descia sem previsão de chegar ao final dos trilhos. A angústia que senti enquanto dirigia até a casa de Luna se multiplicou quando a encontrei naquele estado caótico e piorou quando ela me contou o que aconteceu no seu passado. A lembrança me fez apertar o volante com mais força, a raiva e a sensação de impotência fazendo de tudo para me dominar.

Como não consegui enxergar a verdade por trás dos seus trejeitos, das suas palavras, do seu modo de agir? Eu sabia que, além de inútil, era injusto que eu me culpasse dessa forma, mas não conseguia conter o sentimento. Sempre senti que havia algo por trás do jeito de Luna, mas nunca imaginei que poderia ser algo tão grave. Saber que foi vítima de abuso sexual — ainda que não tenha sido estuprada de fato — havia acabado comigo. Eu ainda tinha esperanças de que Maíra estivesse mentindo quando cuspiu aquelas palavras, mas ouvir tudo da boca de Luna, saber os detalhes, sentir o seu desespero, a sua dor, me mostraram duas coisas: a primeira que era que Maíra era uma das pessoas mais cruéis que eu já havia conhecido e, segunda, que Luna precisava mais de mim do que eu poderia imaginar.

Eu sabia que ainda era cedo demais para voltar a insistir, que Luna precisava de tempo para se abrir, mas eu faria de tudo para descobrir que idade ela tinha quando tudo aconteceu e quem era o filho da puta que havia feito aquilo com ela. E quando eu tivesse o seu nome, eu o caçaria nem que fosse no inferno. Já conseguia me imaginar destruindo o desgraçado, primeiro o fazendo sofrer com os meus punhos na sua cara e, depois, o fazendo mofar na cadeia. Eu tinha conhecimento e muitos amigos, era só acionar os meus contatos mais valiosos e faria com que o desgraçado nunca mais saísse de trás das grades.

Aumentei um pouco o som do carro para tentar dissipar a raiva e abaixei a janela, deixando que o vento tocasse o meu rosto enquanto eu pisava no acelerador. Foi uma luta buscar dentro de mim o bom-humor para fazer com que Luna voltasse a sorrir, mas, quando consegui, me senti no céu. Tudo o que eu queria — além de matar o desgraçado e arrancar aquela dor de dentro dela — era que ela se acalmasse, que me deixasse cuidar e protegê-la. Declarar-me não fazia parte do plano e, talvez, tenha sido por isso que meus sentimentos tenham saído com tanta facilidade de dentro do meu peito. Não

admiti o quanto a queria porque achava que, assim, ela esqueceria do caos que havia sido aquela noite e, sim, porque meu coração me impeliu a isso.

Então, veio o beijo e, por um momento, o mundo pareceu deixar de existir. Só me dei conta de como os outros beijos que dei ao longo da vida haviam sido insignificantes, quando os lábios de Luna tocaram os meus. Meu coração bateu com tanta força que senti medo de que saísse pelo meu peito e se espatifasse no chão e o meu corpo reagiu com total intensidade, algo bem maior e mais forte do que o desejo puramente sexual, que era com o que eu estava acostumado a lidar. Com Luna, entendi que toda a minha experiência do passado não chegava nem perto da avalanche de sensações que ela me causava.

Eu não saberia dizer em que momento pegamos no sono, não era minha intenção dormir com ela, mas gostei de acordar com o seu corpo enroscado ao meu. Tudo bem que agora eu estava com uma dor fodida na lombar por ter dormido todo torto no colchão apertado, mas havia valido a pena. Queria repetir em breve — de preferência no meu quarto, na minha cama de casal.

Fui direto para o chuveiro assim que cheguei em casa, deixando a água morna relaxar todos os meus músculos, enquanto tentava fazer meu pau ficar quieto. O filho da mãe estava doido para ficar de pé enquanto imagens dos beijos que Luna e eu compartilhamos passavam pela minha mente. Talvez ela nem imaginasse, mas seu cheiro, seu sorriso e seu corpo mexiam demais comigo. Agora que já conhecia o gosto da sua boca e a textura da sua língua, seria difícil manter a sanidade, mas eu lutaria com força contra a luxúria que me invadia, pois sabia que, com Luna, eu deveria ir com calma.

— As bolas roxas nos aguardam, meu amigo, mas a nossa pequena precisa que tenhamos paciência — conversei com ele enquanto tirava o sabonete. — Sei que a gente não trepa há algumas semanas, talvez esse seja o nosso maior recorde, mas é isso que acontece quando a gente começa a se apaixonar, Caio Júnior. O nosso foco muda.

Acho que ele bateria continência se pudesse, mas logo encerrei a nossa conversa e saí do chuveiro, dando uma passada na cozinha para fazer um *shake* antes de ir para a academia. Estava ansioso para descontar a raiva que ainda me oprimia no saco de box no andar de baixo. Enquanto o liquidificador trabalhava, dei uma olhadinha em meu celular e vi que Luna havia me enviado uma mensagem. Comecei a rir assim que li.

“Minha irmã pediu para avisar que gosta mais de você do que de

mim. Não me pergunte o motivo, porque eu não sei.”

“O motivo é bem óbvio: eu já sou o cunhado favorito dela.”

“Cunhado favorito? Você se acha muito, advogado. E eu não vejo nada demais em você para causar essa comoção toda nela.”

“Nossa, essa doeu! Não vê nada demais em mim? Talvez eu deva caprichar melhor no próximo beijo que der nessa sua boca gostosa.”

“Vou pensar se deixarei você me beijar ou não.”

“Eu duvido que você consiga resistir aos meus encantos, gatinha. Pensei que voltaria a dormir.”

“Queria ter o corpo de um certo advogado colado ao meu para me ajudar a pegar no sono.”

“Então esse advogado só serve como auxiliar de colchão e não como cunhado da sua irmã?”

“Eu acho que ele serve para tudo isso e muito mais, mas não posso falar para ele, pois o seu ego é enorme.”

“Ah, pequena, mal vejo a hora de te mostrar como o meu ego é grande...”

Meu pau chegou a pulsar de leve dentro da cueca enquanto enviava a mensagem, mas o ignorei e desliguei rapidamente o liquidificador, despejando o *shake* em um copo enquanto via Luna digitar.

“Alguém já disse hoje que você não tem um pinga de vergonha na cara?”

“Ninguém disse. Seja a primeira, por favor.”

“Você não tem um pinga de vergonha na cara, Caio!”

“É verdade e sabe qual é a melhor parte disso?”

“Qual?”

“É saber que você gosta.”

“O pior é que eu gosto muito, mas não fique se gabando!”

“Vou me gabar quando puder agarrar você e beijar a sua boca.”

“Vou esperar por isso.”

Sua resposta me deixou sorrindo e excitado como um idiota e decidi ir logo para a academia, antes que eu começasse a enviar mensagens mais picantes e ousadas.



Terminei de descarregar a minha fúria no saco de pancadas, enquanto um rock pesado tocava pelo sistema de som embutido no teto. Encharcado de suor, caí sentado na cadeira que usava para levantar pesos e me livre das luvas para poder beber um pouco de água. Estava terminando de secar a garrafa quando o som foi interrompido pelo toque do meu celular. Como estava sozinho, deixei que o aparelho continuasse conectado ao *bluetooth* e atendi ao ver o nome de Ramon.

— E aí, Ramonzinho! Se quer novidades sobre a ex-defunta, saiba que estou esperando a resposta do *e-mail* que enviei ontem para aquele meu amigo detetive.

— Por incrível que pareça, estou ligando para te contar novidades sobre ela. E sobre Abraão também. Está sentado? Não quero que você caia de repente depois que eu te contar, sei que você tem coração fraco.

— Seu saco que tem coração fraco, idiota. Fala logo.

Passei os próximos minutos encarando a minha imagem chocada no espelho da academia, enquanto ouvia Ramon me contar sobre a conversa que havia tido com Abraão no hospital. Para começo de conversa, nem imaginava que o Rodrigues tivesse qualquer outra intenção para com Ramon que não fosse matá-lo. Realmente, ainda bem que eu estava sentado.

— Puta merda, Ramon! Será mesmo que ele está falando a verdade sobre essas tais provas?

— Não sei, mas vou pagar para ver. Estou saindo do hospital e indo agora mesmo à fazenda dele para checar o tal cofre.

— Faça isso, eu te encontro lá daqui a pouco, só vou tomar um banho.

Despedimo-nos e saí da academia indo direto tomar uma ducha rápida. Depois de me vestir, peguei uma maçã da fruteira e dirigi até a fazenda do Rodrigues. O lugar tinha um aspecto meio sinistro, vazio de um jeito surreal para um lugar tão grande. Ramon me esperava em frente ao casarão e começamos a conversar enquanto entrávamos e subíamos as escadas. Uma foto de Cecília nos saudou assim que entramos no quarto de Abraão e senti um arrepio subir pela minha espinha.

— Olha, eu sei que ela está viva e tudo mais, mas tudo isso ainda é estranho para mim. Não consigo desassociá-la de uma defunta — falei,

porque aquela era a verdade. A mulher parecia mesmo uma morta-viva que havia saído do fundo do inferno para nos assombrar.

— Tem medo de espíritos, Caio?

— Medo não, respeito — falei, querendo muito fazer o sinal da Cruz para repreender a morbidez que aquele lugar abrigava. — Abraão tem um péssimo gosto, móveis muito escuros e antiquados. Não gostei.

Ramon revirou os olhos para o meu comentário e seguimos até o closet, onde, segundo Abraão, ficava o cofre. Depois de tirar sapatos e um painel falso do lugar, vimos um cofre digital na cor chumbo. Só então eu me liguei que aquela poderia ser uma armadilha do Rodrigues pra cima de Ramon e decidi comentar:

— Se tiver uma bomba aí dentro e ela explodir depois que você colocar a senha, eu nunca vou te perdoar, Ramon. Sou muito novo para morrer! Vou ficar no seu pé lá no céu, te perturbando por toda a eternidade.

— Você acha mesmo que vai para o céu?

— Mas é claro que eu vou para o céu! Se você olhar para mim e olhar para um anjo, não vai saber reconhecer quem é quem.

— Lúcifer também era um anjo.

— Meu Deus, Ramon! Você não sabe brincar!

Eu não queria, mas acabei rindo com o idiota e observei enquanto ele digitava a senha. Ouvimos um clique e Ramon abriu o cofre, tirando lá de dentro uma caixinha de veludo preto onde estava a chave da casa de Abraão em Ribeirão Preto, uma caneta de ouro, um broche com o brasão da família Rodrigues e uma aliança de diamante.

— Nenhuma bomba, graças a Deus — concluí.

O ajudei a colocar tudo em seu devido lugar e, assim que saímos do closet, Ramon me pediu para ir à Ribeirão Preto recolher as provas que Abraão havia citado.

— Nem precisa continuar, Ramon, é claro que eu vou! Tenho reuniões em Goiânia nos próximos três dias, mas de lá, eu vou direto para São Paulo. Se eu pudesse, cancelaria as reuniões e ia hoje mesmo, mas não dá.

— Não se preocupe, esperar três dias não vai nos matar.

— O que não pode mais esperar, é a conversa que você tem que ter com a Gabizinha, Ramon. Eu sei que você está esperando o momento certo, porque não quer magoá-la, mas precisa contar logo, antes que a ex-defunta decida dar com a língua dos dentes e estrague tudo. Não confio nela, do jeito que é, é capaz de aumentar a história e inventar coisas absurdas sobre você.

Podia ter dado um conselho completamente diferente para ele no começo da sua relação com a Gabizinha, mas agora era diferente, a mãe dela estava de volta e como eu tinha certeza que as intenções dela não eram boas, era melhor que Ramon abrisse logo o jogo com Gabi.

— Vou contar a ela hoje — ele disse bem decidido e eu acreditei.

— Isso aí, irmão. A Gabizinha te ama, sei que vai te entender que tudo aquilo aconteceu há muitos anos, que não tem nada a ver com o que você sente por ela e vai te perdoar por não ter contado antes.

— Espero que sim, porque ela está enfrentando muita coisa, Caio. Não quero que se afaste de mim nesse momento.

— Ela não vai se afastar, confie.

Ele assentiu e deixamos a fazenda de Abraão para trás. Cheguei em casa e aproveitei o dia livre para poder adiantar um pouco o meu trabalho, estudar para as reuniões que teria nos próximos dias e dar alguns telefonemas. Nesse meio tempo, preparei um almoço rápido, troquei mais algumas mensagens com Luna e, no fim do dia, recebi uma mensagem de Ramon me chamando para jantar com ele e com Gabi, disse que era importante. Até tentei descobrir o motivo do jantar, mas ele não disse nada e, perguntando a Luna, descobri que ela também não sabia.

“Não pense que o jantar vai impedir os nossos planos de dar aquela volta pela fazenda. Só vamos atrasar um pouco.”

“Está bem. Estou ansiosa para ver você, advogado.”

“Não mais do que eu para ver você, gatinha.”

Havia verdade em cada uma das minhas palavras e esperava que Luna sentisse isso através do celular. Deixando o aparelho de lado, fui me arrumar para poder ir ao jantar.



Caio

Fui direto para casa de Luna quando entrei na fazenda de Ramon e me surpreendi ao encontrar com Fernanda do lado de fora, conversando com duas meninas da idade dela. Assim que me viu sair do carro, ela sorriu, acenou e eu respondi, encostando-me na lataria e mandando uma mensagem para Luna, avisando que eu já havia chegado. Pelo canto dos olhos, observei as meninas se afastarem e entrarem em uma casa vizinha e guardei o celular quando a irmãzinha de Luna se aproximou de mim.

— Olá, advogado, quanto tempo não te vejo!

Ela parecia ter a mesma veia ousada e sarcástica de Luna, o que me fez rir.

— Boa noite, cunhadinha. Como foi o seu dia?

— Meu dia começou bem diferente, mas, de resto, foi normal — disse ela, dando de ombros como se nada de interessante tivesse abalado a sua rotina pelo resto do dia. — É verdade mesmo que você e a minha irmã vão namorar?

— Ela disse isso?

— Não, mas eu percebi isso desde o dia em que a peguei sorrindo enquanto trocava mensagens com um amigo... Agora que sei que esse amigo é você, resolvi perguntar. É porque eu me preocupo com aquela chata, mas não deixe ela saber disso.

— Não vou falar nada, pode ficar tranquila. Seu segredo está bem guardado comigo.

— Bom saber disso, mas você ainda não me respondeu.

Caramba, a menina era bem decidida e me olhava sem a doçura que vi em seu sorriso naquela manhã. Parecia uma leoa prestes a proteger a cria, o que era uma boa analogia, apesar de ela ser a irmã mais nova de Luna. Saber que minha gatinha tinha ao seu lado uma irmãzinha tão protetora me fez ficar aliviado e feliz por ela.

— Eu pretendo ser o namorado da sua irmã, só falta saber se ela vai aceitar.

— Se você pedir, com certeza ela aceita — ela disse com muita convicção.

— Só resta saber se a nossa mãe vai aceitar também.

— É por isso que eu quero ir devagar, entende? Não quero assustar a sua mãe e nem a sua irmã.

Ela me olhou com uma sobrancelha arqueada, como se me analisasse, até

que, por fim, relaxou.

— Minha irmã não parecia nem um pouco assustada enquanto roncava do seu lado, mas eu entendi o que você quis dizer.

Foi impossível conter a minha gargalhada e ela me acompanhou, se desarmando um pouco mais.

— Ela não estava roncando.

— Estava sim. Você não ouviu, porque estava roncando também.

— Eu? Você está muito equivocada, cunhadinha!

— Claro que não, pareciam dois porcos, não sei como minha mãe não ouviu quando passou pela porta do quarto da Luna de manhã.

A garota era uma figura, uma Luna em miniatura com os cabelos castanho-claros e os olhos amendoados, iguais ao de Rosana. Bater aquele papo com ela só me deixou mais animado para participar do seio da família de Luna. Por falar na minha gatinha, perdi completamente o foco em Fernanda quando a vi sair de casa usando um vestidinho simples com estampas de flores e um All Star colorido. Nem estava ventando, mas eu podia jurar que seus cabelos balançaram com a brisa.

— É, parece que não é só a minha irmã que está apaixonada. Espero que vocês não fiquem se agarrando perto de mim, porque vai ser nojento — Fernanda reclamou com um toque bem-humorado em sua voz e Luna se aproximou dela com os olhos levemente arregalados.

— Ah, não. Você ficou aqui enchendo os ouvidos do Caio?

— Ei, não fale assim da minha cunhadinha favorita — falei, abraçando Fernanda pelos ombros. — Agora nós somos melhores amigos.

— Sim, somos melhores amigos — Fernanda confirmou e Luna olhou para nós dois tentando segurar um sorriso.

— Então serão os dois contra mim agora?

— Nós somos uma dupla imbatível, gatinha. Você vai ter que aturar.

— Espero que Deus me ajude a aguentar vocês dois. Se separados já me perturbam, juntos eu não terei um minuto de paz.

— Esse é o nosso objetivo — Fernanda disse com aquele sorriso típico de adolescente que adora perturbar os outros, o que eu adorava fazer também, apesar de ter deixado aquela idade há muito tempo. Com certeza, formaríamos uma dupla perfeita pra atazanar o juízo de Luna. — Agora eu vou deixar os pombinhos em paz!

Soprando um beijo para Luna e acenando para mim uma última vez, ela saiu correndo e passou pelo portãozinho. Assim que ela entrou em casa, eu

puxei Luna pela mão e a trouxe para perto de mim, a abraçando pela cintura e enfiando meu rosto em seu pescoço. Porra, como amava o seu perfume! Ela riu baixinho quando a minha barba por fazer roçou a sua pele delicada.

— Eu não acredito que você conquistou mesmo a minha irmã. Saiba que ela não é fácil de fazer amizades, tem um gênio difícil.

— Gatinha, ninguém é imune aos meus encantos, nem mesmo a sua irmãzinha — falei e ela revirou os olhos sem tirar o sorriso do rosto. — Mas eu precisei conversar com ela sobre as minhas intenções com você. Sua irmã é brava!

— Ai, meu Deus, o que ela fez?

— Mostrou que se preocupa com você e que te ama — falei, observando sua expressão passar de assustada para amorosa.

— Eu também a amo muito e serei muito cuidadosa quando ela aparecer com um namoradinho.

— Pode contar comigo para dar uma prensa no moleque.

— Igual você deu em Nicolas quando ele demonstrou interesse por mim no Bar dos Calouros?

A danada sabia muito bem como pisar no meu calo e riu baixinho quando semicerrei os olhos.

— Você não está tendo a coragem de usar isso contra mim, está?

— Ah, eu estou sim.

Sem que ela esperasse, virei os nossos corpos e a pressionei contra o carro, formando um casulo em volta do seu corpo com os meus braços. Ela soltou um gritinho de susto e se segurou em meus ombros, mordendo os lábios para conter uma risada excitada.

— Naquela noite eu não sabia, mas nada iria acontecer entre vocês, gatinha, porque você já era minha, só não tínhamos consciência disso ainda.

— Não *tínhamos*?

— Sim, não tínhamos — falei, olhando rapidamente a nossa volta só para ter a certeza de que estávamos mesmo sozinhos, pois não queria que sua mãe soubesse pelos outros que nós estávamos mais íntimos. Ainda assim, fui cuidadoso e não a beijei, apenas deixei que meu rosto ficasse mais perto do dela. — Agora nós dois sabemos que fomos feitos um para o outro, pequena. Não tem como negar.

Ela respirou fundo e eu fitei os seus lábios, doido para beijá-la, mas me contive e sorri, afastando-me antes que eu esquecesse que estávamos à mercê das vistas de qualquer um.

— Melhor a gente ir, não podemos nos atrasar para o jantar.

— Sim, é melhor — ela disse em um ofego e eu abri a porta do carona, esperando-a se acomodar.

Dei a volta e ocupei o lado do motorista, ligando logo o carro, doido para chegar na casa de Ramon e ter pelo menos alguns minutinhos de privacidade com ela. Estava torcendo para encontrarmos a sala vazia e acho que Deus estava ao meu lado, pois, assim que entramos no casarão, não vimos ninguém. Usei aquele momento para prensá-la rapidinho contra a parede da sala de estar e beijei delicadamente os seus lábios, tentando inibir a fome que eu sentia, a vontade de beijá-la com todo o meu desejo, toda paixão que me consumia.

Ela soltou um gemidinho entrecortado quando minha língua invadiu a sua boca e pressionou a minha nuca com uma das mãos, acariciando a lateral do meu pescoço com a outra e aumentando o ritmo do beijo, quase me fazendo perder o controle. Provavelmente Luna nem sabia como mexia comigo e achei que era melhor mesmo que não soubesse naquele momento, pois não queria assustá-la ou amedrontá-la com a ereção que estava se formando dentro da minha calça. Precisei diminuir a intensidade e respirei fundo ao enfiar o rosto em seu pescoço.

— Estava doido para fazer isso desde o momento em que te vi saindo de casa — sussurrei, voltando a encará-la. Suas pupilas estavam dilatadas e seu rosto estava vermelho, os lábios levemente inchados e rosados.

— Eu também estava doida por um beijo seu — ela murmurou, parecendo envergonhada e excitada ao mesmo tempo, tão adorável, que senti meu coração se apertar em meu peito, mostrando como eu estava de quatro, arrebatado, apaixonado por ela.

— Poderia ter me atacado quando entramos no carro, eu não iria reclamar.

Ela riu baixinho e apertou o meu ombro, mordendo o lábio.

— É claro que não iria reclamar, você é um safado, *advogado*!

— E sem um pinga de vergonha na cara também, não esqueça — falei, dando mais um beijo em seus lábios antes de me afastar e gritar: — Família, cheguei!

Luna tentou se recompor, passando as mãos pelo vestido como se ele tivesse ficado amarrotado e ajeitando o cabelo. Bem baixinho, falei:

— Você está perfeita, gatinha. Mais linda do que nunca.

Ela me deu um sorriso encantado com aquelas bochechas coradas e tentou disfarçar quando ouviu os passos de Gabi e Ramon se aproximando da sala.

Assim que a viu, Gabi correu para abraçá-la e se agarraram como se não se vissem há um mês. Ramon e eu nos cumprimentamos com um abraço rápido e logo fiz o mesmo com Gabizinha, puxando Luna para o meu lado quando Ramon a deixou. Pude ver que ele observou com interesse quando a abracei pelos ombros, mas o ignorei.

— Então, Gabizinha, conta pra gente o que aconteceu! Ramon finalmente te pediu em casamento? Luna e eu seremos os padrinhos? — perguntei, voltando o meu olhar para Luna. — Já pensou, gatinha? Eu e você no altar, abençoando os pombinhos... Mal posso esperar!

— Eu vou ter mesmo que aturar ele ao meu lado no altar? Por favor, tenham pena de mim!

Ninguém conseguiu conter a gargalhada com o seu falso horror.

— Você está tendo sorte que eu serei apenas o padrinho. Na próxima vez, eu serei o noivo — continuei com um sorriso convencido e Luna me olhou com um brilho de desafio brilhando em suas pupilas.

— Coitada da noiva, já sinto pena dela.

— Não sinta pena de si mesma, baixinha. Logo, logo você vai perceber como é sortuda.

Ela revirou os olhos e ficou vermelha, tentando se afastar de mim, mas não deixei. Ela achava que eu estava brincando, tanto que tentava conter um sorriso, mas eu sabia que, no fundo, não era apenas brincadeira. Um alerta piscou em minha mente, me pedindo para ir com calma, mas, naquela noite, eu queria agir com todo o meu bom-humor, principalmente porque não tive tempo de conversar com Luna para saber como ela realmente estava se sentindo depois de tudo o que havia acontecido. Queria que ela se divertisse e se sentisse bem, mesmo que fosse tirando sarro de mim.

— Gabi, fala logo o motivo do jantar, antes que eu estrangule esse advogado — ela disse e eu logo corrigi:

— *Advogado*. Combina muito mais comigo, você sabe bem disso.

Foi a vez de Ramon revirar os olhos para mim enquanto ria e o observei puxar Gabi para perto de si. Já estava acostumado ao ver os dois trocarem carícias, mas, daquela vez, havia alguma coisa diferente, uma intensidade e cumplicidade que eu não sabia de onde estava vindo.

— Quer que eu conte? — ele perguntou, mas Gabi balançou a cabeça, abrindo um sorriso.

— Não, eu conto. Estamos grávidos! — Ela disse assim, de repente, soltando o tiro de canhão bem no meio dos meus peitos.

Arregalei tanto os olhos, que senti o momento em que ficaram secos e senti Luna ficar tão surpresa quanto eu. Ela me olhou e eu olhei para ela, antes de me ver obrigado a encarar o casal à minha frente.

— Sério?

— Muito sério, eu fiz o teste hoje! Dois! E deu positivo!

Caralho. Talvez não fosse a palavra correta para se pensar ao descobrir que seus melhores amigos seriam pais, mas, porra! Que loucura era aquela? Sem que eu esperasse, Luna saiu dos meus braços e foi correndo abraçar a Gabizinha, gritando e me fazendo voltar à realidade:

— Não acredito, não acredito! Vou ter um sobrinho ou uma sobrinha! Parabéns! Vocês são o meu casal favorito no mundo, sabem disso, né?

— Sabemos — Ramon respondeu e eu balancei a cabeça.

— Caralho, ainda estou em choque! — Externei os meus pensamentos, mas logo tampei a minha boca. — Porra! Quer dizer, carambolas, não posso xingar na frente da criança! Eu prometo mudar o meu linguajar até o pirralho nascer.

— Não fale assim, não vai ser um pirralho — Luna disse, passando a mão pela barriga de Gabi. — Vai ser o bebê mais bonito da titia.

— Dinda — Gabi anunciou. — Ramon e eu queremos que você e o Caio sejam os padrinhos!

Ah, porra! Meu coração quase saiu pela garganta e, por um momento, pensei que eu não conseguiria respirar. Era muita emoção e, como um idiota, senti meus olhos se encherem de lágrimas enquanto me aproximava da Gabizinha e do Ramon, abraçando os dois ao mesmo tempo.

— Vocês precisam preparar o meu coração antes de darem uma notícia como essa, pelo amor de Deus! Primeiro descubro que serão pais, agora descubro que serei o padrinho, apesar de que iria matar qualquer outro candidato que vocês escolhessem, para me colocar no lugar dele... Merda, meus olhos estão vazando! E eu estou xingando de novo... Vou ser um padrinho horrível! — lamentei e o babaca do Ramon teve a coragem de rir da minha cara. Precisei me afastar e Gabizinha limpou as minhas lágrimas.

— Você vai ser um padrinho perfeito e a Luna vai ser a madrinha mais maravilhosa do mundo.

Finalmente consegui me controlar e respirei fundo antes de voltar a sorrir, puxando minha gatinha pelas mãos.

— Está vendo, pequena? Olha o destino nos unindo mais uma vez — falei, beijando a têmpora dela. — Vamos ser perfeitos para o príncipe ou para a

princesinha.

— É sério mesmo que eu serei a madrinha? — Luna perguntou meio que em choque e Gabi respondeu:

— Muito sério!

— Mas o Caio será mesmo o meu par? Eu terei que lidar com ele pelo resto da minha vida se vocês fizerem isso — ela disse e eu comecei a rir.

— Vamos treinar com o filho deles, antes de fazermos os nossos — pisquei para ela, lembrando da conversa que tivemos na noite passada e ela sorriu, ficando corada.

— Caio, pelo amor de Deus! — Ramon exclamou, pensando que eu deveria estar importunando a Luna. Precisava o colocar a par da minha vida urgentemente, era só a vida *dele* se acalmar um pouco mais.

— Baldez, você não pode falar nada de mim. Já fez o serviço completo com a Gabizinha, só falta colocar a aliança no dedo dela e acho bom fazer isso logo, pois ela é uma moça de família — falei e Gabi riu, o abraçando.

— Coloca uma aliança no meu dedo e eu coloco outra no cavalo — ela disse baixinho, mas eu consegui ouvir perfeitamente e senti o impacto das suas palavras como um bastão de beisebol se chocando contra o meu cérebro.

— Por um acaso, cavalo é o...

— É — Luna confirmou em um sussurro ao meu lado e eu não pude me conter, comecei a gargalhar, imaginando o pau de um cavalo no meio das pernas de Ramon. Inacreditável!

— Obrigado por essa noite maravilhosa, Ramonzinho... Ou melhor, Ramonzão! — falei, afastando as minhas mãos o máximo possível uma da outra, fazendo menção ao... Bem, a porra do cavalo. Abençoada fosse a Gabizinha por ter tanta imaginação. Que noite memorável!



Luna

Eu ainda não conseguia acreditar que Gabi estava grávida. E que *eu* seria a madrinha do bebê! Enquanto jantávamos e ríamos à mesa, eu a observava como se estivesse em um universo paralelo, chocada e entusiasmada com a

novidade, com tudo o que iria acontecer nos próximos meses. Nossa conversa sobre gravidez há algumas semanas voltou com tudo na minha mente e eu me peguei rindo baixinho, me dando conta de que até poderíamos fazer planos, mas apenas Deus sabia o que realmente iria acontecer. Ela disse que só seria mãe daqui a alguns anos e agora estava grávida. Eu disse que Caio e eu éramos apenas amigos, que jamais ficaríamos juntos e, agora, mal conseguia tirar os olhos de cima dele e sentia meu coração disparar a cada carícia do seu polegar em minha mão debaixo da mesa, onde estávamos com os dedos entrelaçados. Parecia que tanto eu quanto ela, estávamos pagando a língua.

O jantar foi muito divertido, estava todo mundo muito feliz e evitamos trazer qualquer assunto pesado à mesa. Cissa estava toda emocionada falando que seria avó, Ramon praticamente não tirava os olhos de Gabi e ela reluzia, fazendo uma mistura de comidas no prato, alegando ser desejo de grávida. Minha mãe e as meninas da cozinha também participaram do jantar e eu percebi alguns olhares dela para cima de mim e do Caio, mas não vi julgamento em sua expressão. Acho que ela estava se acostumando com a nossa amizade, o que me dava esperanças de que não surtasse, caso a gente viesse mesmo a namorar.

Namorar. Com o advogado. Eu ainda não acreditava que aquilo realmente poderia acontecer, acho que alguém precisava me beliscar ou dar um tapa na minha cara, só para garantir que eu não estava sonhando. Despedimo-nos logo depois do jantar e aproveitei quando Caio foi falar com Ramon e Gabi para avisar a minha mãe que iríamos dar um passeio pela fazenda. Ela apenas pediu para que eu não voltasse tarde, sem nem desconfiar que algo mais estava acontecendo entre nós dois. Bom, pelo menos eu achava que ela não desconfiava. Talvez seu sexto sentido de mãe estivesse com as antenas desligadas naquele momento. Despedi-me de Gabi com um abraço apertado e ela sussurrou baixinho em meu ouvido:

— Acha que eu não percebi que tem alguma coisa acontecendo entre você e o Caio? Eu percebi sim! Venha aqui em casa amanhã e me conte tudo!

— Está bem.

— Você não vai nem negar? Ai, meu Deus do céu, eu não acredito! — Ela quase surtou, sussurrando em meu ouvido e me abraçando de novo. — Vocês se beijaram?

Eu apenas assenti, olhando rapidamente a nossa volta. Ramon e Caio conversavam baixinho em um canto da sala, ainda bem. Gabi apertou as minhas mãos com um sorriso que quase dividia sua face ao meio.

— Mentira! Quando? Como foi? Onde foi? Ai, meu Deus, como você não me contou isso antes? Eu vou te bater, Luna!

— Foi ontem, mas eu te dou os detalhes amanhã — falei, já ansiosa para a nossa conversa.

Eu não queria perturbar Gabi com os meus assuntos quando ela estava passando por um momento tão delicado com a volta da mãe e a recuperação do pai, mas já que ela havia tomado a iniciativa, eu não iria recusar. Precisava mesmo conversar e analisar tudo o que estava acontecendo ao lado da minha melhor amiga.

— Tá bom, eu juro me conter! Mas não demore muito, agora eu sou uma mulher grávida, não posso passar vontade!

— Vontade de quê? — Caio perguntou, parando ao meu lado e me abraçando pelos ombros. Gabi olhou para nós dois como se fôssemos as suas pessoas favoritas.

— De conversar com a minha melhor amiga, ora essa! Está achando que eu vou deixá-la só para você, é?

— Eu não sou tão possessivo assim, divido a minha gatinha com você.

— Hum, sua gatinha... — Gabi falou em um tom malicioso e eu quis caçar um buraco para me enfiar de tanta vergonha, apesar de estar me divertindo. Era estranho estar do outro lado da história, eu estava acostumada a provocar os outros e não ser provocada.

Ramon logo se aproximou de nós três e terminamos de nos despedir, deixando o casarão para trás minutos depois. No carro de Caio, fomos ouvindo música até chegar àquela parte fantástica da fazenda. O céu não estava tão bonito quanto da primeira vez, culpa da chuva que havia caído na noite de ontem e deixado o tempo um tanto nublado hoje, mas, mesmo assim, conseguíamos ver algumas estrelas. Saímos do carro e Caio me surpreendeu ao tirar do banco traseiro um lençol branco.

— Você é tão romântico, *advogado* — falei com uma mão sobre o coração, que estava mesmo acelerado.

— E mesmo assim você ficou fazendo pouco de mim quando falei que queria me casar com você lá na sala do Ramon! — disse ele com o semblante de cachorro abandonado, tentando não sorrir.

— É claro, está achando que sou fácil assim? Vai ter que rebolar para me conquistar, Caio.

Eu me sentei sobre o lençol que ele estendeu no chão e esperei que se sentasse comigo, mas, para a minha surpresa, ele parou bem na minha frente,

onde os faróis do carro iluminavam a grama, e começou a rebolar, dando voltinhas de trezentos e sessenta graus. Foi impossível conter a minha gargalhada, enquanto sentia meu corpo ficar excitado ao observar a desenvoltura dos quadris do *advogado*. E aquela bunda dura coberta pela calça jeans...

— Para, por favor!

— Por quê? Já te conquistei?

— Sim, acho que me apaixonei!

Ele começou a rir e se jogou ao meu lado, puxando-me para os seus braços e se deitando comigo. Senti seu coração acelerado quando deitei a cabeça em seu peito.

— Pode falar, eu sou um bom dançarino.

— No que você não é bom? — perguntei, ficando de bruços para poder olhar para ele. Apoiei minhas duas mãos em seu peito e minha cabeça em cima delas, sentindo seu braço ainda firme em minha cintura.

— Hum... Nada me ocorre agora, parece que sou bom em tudo!

— Ah, meu Deus, eu esqueço que não estou lidando com uma pessoa normal e sim com um *advogado* chato e egocêntrico.

— Chato? Isso é uma ofensa!

— É uma verdade.

Ele balançou a cabeça e soltou um suspiro.

— Você não está dando o devido valor que eu mereço, Luna. Mas vou deixar passar dessa vez — falou me dando aquele sorriso que fazia a minha pressão arterial oscilar. Ele apoiou um braço atrás da cabeça para me olhar melhor e começou a subir e descer a outra mão pelas minhas costas, sempre parando no começo da bunda, me deixando toda arrepiada. — Como foi o seu dia? A Traíra tentou falar com você?

— Eu saí de todos os grupos em que ela estava e a bloqueei em todas as redes sociais. Bloqueei e excluí o número do celular dela também, só para garantir — falei, sentindo um aperto no peito. — Eu não quero vê-la nunca mais, Caio. Nem ela e nem a Joice. A bloqueei também, só para o caso de ela tentar falar comigo ou me mandar alguma mensagem.

— Fez muito bem, elas não merecem a sua amizade, gatinha, principalmente a Maíra. Ainda não consigo acreditar no que ela fez — ele disse com raiva contida.

— Eu também não. Nunca foi a minha intenção contar o que aconteceu para ela ou para Alana, mas no dia seguinte, antes do café da manhã, elas

vieram falar comigo. Eu não sei se cheguei a comentar, mas o quarto onde tudo aconteceu era dividido por todas as meninas que Maíra convidou, incluindo ela mesma. Eu prefiro acreditar que apenas elas duas estavam acordadas na hora e que apenas as duas viram o momento em que ele entrou e se deitou ao meu lado.

Caio arregalou os olhos e se desvencilhou de mim de repente, sentando-se e me fazendo sentar também.

— Espera... Elas viram? Elas *viram* o que aconteceu e não fizeram nada? Não chamaram por ajuda?

— Elas não viram exatamente o que aconteceu, só viram que ele entrou e se deitou ao meu lado. Lembra que eu te contei que nós dois nos reaproximamos naquele final de semana, que conversamos muito, fizemos quase tudo juntos? Então, elas acharam que a gente estava ficando e pensaram que eu tinha o convidado para ir no quarto no meio da madrugada... Parece que algumas meninas estavam fazendo isso com outros garotos, mas eles se encontravam em algum lugar do lado de fora dos dormitórios.

Estava um pouco mais fácil contar mais detalhes do que houve para Caio naquela noite, talvez porque eu não estivesse tão mexida e magoada. Ainda estava machucada pela traição de Maíra, sabia que levaria um tempo para me recuperar do que ela havia feito comigo, mas viver aquele momento com Caio estava me ajudando a lidar com aquela situação.

— Então elas são testemunhas do que aconteceu, gatinha. Claro que não podemos contar com Maíra, mas talvez Alana aceite falar tudo o que viu, quando finalmente colocarmos esse filho da puta atrás das grades.

— Caio, eu não...

— Escuta — ele pediu, tomando meu rosto gentilmente em suas mãos. — Eu sei que você não quer me contar quem foi e eu respeito isso. Jamais vou te obrigar ou te pressionar a me falar o nome do bastardo, mas tenho esperanças de que, em algum momento, você se sinta à vontade para me contar. Quando isso acontecer, eu vou atrás do infeliz e vou o fazer pagar pelo que fez a você, Luna. Eu não vou descansar até destruir o filho da puta que te machucou.

Minha garganta deu um nó e meus olhos se encheram de lágrimas ao ver a determinação em suas feições. Caio parecia querer lutar contra o mundo para me proteger e, tirando os meus pais — que nem sonhavam com o que tinha acontecido — ninguém nunca demonstrou se importar tanto comigo.

— Não chora, gatinha. Acaba comigo te ver assim — ele pediu, secando uma lágrima que molhou a minha bochecha.

— Não estou chorando de tristeza, estou emocionada por ver que você realmente gosta muito de mim, que quer me proteger... Sei que é bobagem — dei de ombros, limpando as lágrimas, pois, além de odiar chorar, não queria ficar com a cara inchada de novo.

— Não é bobagem. Você é importante demais para mim — falou, passando o polegar pela minha bochecha. — Quero cuidar de você.

— Você cuidou muito bem de mim ontem à noite — falei com um sorrisinho e ele riu junto comigo.

— Quero cuidar mais. Eu não sei se já comentei com você, mas a minha mãe é psicóloga, uma das melhores do Brasil, modéstia à parte.

— Modéstia à parte? Eu não acredito que ouvi essas palavras saindo da sua boca!

— Não sei porque, eu sou uma das pessoas mais modestas que conheço — falou com um sorriso safado e eu gargalhei.

— Só você acredita nisso. Mas continue, não sabia que sua mãe era psicóloga, só que seu pai era advogado.

— Pois é. Meu pai está aposentado, mas minha mãe ainda trabalha, tem um consultório em Goiânia. Eu pensei que, talvez, você e ela pudessem conversar. Apenas conversar, entende? Sem cobranças e só se você estiver se sentindo à vontade.

Sua proposta me pegou completamente de surpresa e me fez sentir um pouco de receio, apesar da expectativa que me cobriu. Eu sempre soube que, talvez, precisasse mesmo fazer algum tipo de terapia, mas nunca tive coragem de procurar mais sobre isso e sabia que meus pais não tinham condições para pagar. Também tinha vergonha de conversar com alguém que eu sequer conhecia, contar os meus segredos e tudo o que me machucava. Como se soubesse disso, Caio continuou:

— Minha mãe é muito tranquila, ela não vai insistir para você contar nada, vai apenas deixar que você conduza a conversa. Claro que não precisa decidir nada agora, é só uma possibilidade.

— Você falou com ela sobre mim?

— Sim, mas não agora, falei com ela sobre você quando começamos a nos aproximar. Eu pedi a ela alguns conselhos sobre como ser um bom amigo para você — ele disse, fazendo meu coração se derreter.

— Jura?

— Sim. Eu não queria ser um babaca e dar conselhos errados ou ser invasivo... — ele disse e eu podia jurar que estava um pouco envergonhado.

— Eu nunca fui o tipo de homem que tem amigas mulheres e não queria errar com você.

Eu não aguentei. Agindo com toda a impulsividade que havia dentro de mim, montei no colo do *advogado* e peguei seu rosto em minhas mãos, dando vários beijinhos em sua bochecha, seu nariz, sua testa, seus olhos, até ouvir a sua risada e sentir seus braços envolverem a minha cintura.

— Você é o melhor homem do mundo, de verdade! Onde esteve escondido durante todo esse tempo? Se eu soubesse que você era tão incrível assim, teria elogiado o seu pau antes.

Sua gargalhada rompeu o som de algum grilo que estava escondido entre as árvores e me fez estremecer por dentro.

— Você esteve ocupada demais dando bola para os seus outros amigos sem graças — ele disse ainda rindo, mas logo emendou: — E não fale do Nicolas, peguei ranço daquele moleque.

— Coitado do Nicolas. Ele me ligou hoje, sabia? Queria saber se eu estava bem.

— Não fez mais do que a obrigação dele como amigo — reclamou, todo ciumento e eu segurei uma risada.

— Ele até perguntou se eu não queria passar o dia com ele amanhã...

— É mesmo? Acho que sou eu que vou passar na casa dele amanhã antes de viajar, pra deixar o meu punho conversar com aquela cara de folgado!

— Caio! Meu Deus, quanta violência! — Eu ri e ele me seguiu, balançando a cabeça.

— Estou brincando, não sou um homem das cavernas.

— Também estou brincando, ele não me chamou para passar o dia com ele, mas Alana sim, só que eu não vou. Eu gosto dela, quero manter contato, mas não assim. Meu próximo passo é me abrir com a Gabi. E prometo pensar com carinho sobre conversar com a sua mãe.

— Faz bem, gatinha, você só deve se abrir com quem se sentir confortável.

— Você vai mesmo viajar amanhã? Quando volta?

— Sim, eu vou, é a minha última viagem esse mês, ainda bem. Volto daqui a três dias.

— E para onde você vai?

— Goiânia e depois vou fazer um bate-volta em São Paulo. Vai sentir saudades?

— Não sei, você só vai ficar três dias fora, passa rápido — brinquei fingindo desdém e ele riu.

— Me magoa saber que não sou tão importante assim para você, Luna! Pois saiba que eu vou sentir saudades — ele disse, aproximando o rosto do meu. Puxei o ar mais forte, só para guardar o seu perfume dentro de mim. — Ainda mais agora, que conheço o sabor da sua boca... Não sei como vou conseguir sobreviver durante esses três dias sem beijar você.

Ai, meu Deus, ele não podia ficar falando coisas assim, pois suas palavras me atingiam em lugares que, até então, só despertavam quando eu estava lendo alguma cena sensual em um livro. Precisei morder o lábio quando senti sua mão apertar a minha cintura e a outra subir pelas minhas costas, até se infiltrar em meus cabelos perto da nuca.

— Vou pensar em você o tempo todo — ele sussurrou, escorregando os lábios pelo meu pescoço, me fazendo estremecer em seu colo. Caramba, em seu *colo*. Só naquele momento me dei conta de que estava sentada bem em cima do pau do *advogado*. — Na verdade, é só em você que venho pensando nas últimas semanas, mas, dessa vez, vou ficar relembrando os nossos beijos, o sabor da sua língua, a textura dos seus lábios... Vai ser uma tortura, gatinha.

Passei as mãos pelo seu pescoço e tomei coragem para puxar a sua cabeça um pouco para trás com os dedos em seu cabelo. Ele me olhou com uma expressão de puro desejo, que me atingiu bem no meio das pernas e me deixou toda excitada. Precisei engolir em seco e brigar um pouco com a minha insegurança para poder dizer as palavras que estavam rondando a minha mente.

— Então é melhor você me beijar de novo e memorizar muito bem — murmurei, sendo um pouco mais ousada e passando meus lábios lentamente pelos dele. Meu coração batia muito forte, tinha medo de não estar sabendo muito bem o que fazer, mas segui em frente. — Quero sentir a sua boca na minha, *advogado*.

Nunca pensei que teria coragem para ser tão explícita com outra pessoa, mas, com Caio, eu sentia vontade de fazer tudo. Com ele, eu me sentia bem, corajosa e livre. Dando-me um olhar cheio de desejo e sentimentos, ele me puxou pela nuca e atacou a minha boca em um beijo cheio de fome, que me deixou subitamente sem ar, excitada e surpresa. Sua língua passeou pela minha com uma intensidade que eu desconhecia, mas que me envolveu a ponto de eu esquecer completamente cada um dos meus medos e me tornar completamente dele.

Passei meus braços pelos seus ombros e me mexi devagar em seu colo, esfregando meus seios em seu peitoral e ouvindo seu gemido rouco quando

me acomodei bem em cima do início da sua ereção. Minhas paredes vaginais piscaram com uma força que me deixou chocada, meu clitóris pareceu despertar para a vida e eu retribuí o gemido, segurando-me em seus ombros quando o senti girar os nossos corpos e me deitar de costas no lençol, mantendo o corpo entre as minhas pernas, mas a ereção longe de mim. Seu nome saiu da minha boca em um sussurro quando seus lábios desceram pelo meu pescoço e, sem pensar muito bem, abri mais as minhas pernas, esperando-o se acomodar bem no centro delas, mas ele não veio. Soltando um suspiro, Caio sussurrou:

— Sem pressa, pequena... Não quero assustar você.

— Não estou assustada — falei rápido demais, apertando seus ombros. Senti o seu sorriso contra a pele do meu pescoço e estremeci quando beijou ali, antes de voltar a me olhar. — Vem cá, eu quero beijar você. E pode... Se encostar em mim. Eu não vou sair correndo.

Eu soava com certo desespero, era nítido até para os meus ouvidos, mas Caio não riu de mim, pelo contrário. Ele me deu um sorriso cheio de sentimentos e tocou o meu rosto com delicadeza.

— Eu também quero e vou beijar você, mas vamos deixar o meu pau de fora da equação nesse momento.

— Por quê? Está achando que vai me assustar com o seu tamanho, *advogado*? — brinquei, mas comecei a ficar insegura. E se ele não estivesse sentindo desejo? E se eu imaginei o início daquela ereção? E se eu estivesse ficando maluca?

— Estou com medo de te assustar sim, mas é com o tamanho do desejo que estou sentindo por você — ele disse baixinho, olhando no fundo dos meus olhos. — Não precisamos ter pressa, gatinha. Só feche os olhos e aproveite.

Eu me senti uma boba por ter ficado tão insegura de repente, por isso, fiz logo o que ele pediu e fechei os olhos, sendo surpreendida com um beijo tão delicado, que senti o aperto em meu coração abrandar. Caio aumentou o ritmo bem devagar, demonstrando intensidade e desejo, mas sem a pressa de antes, o que me deixou ainda mais à vontade, excitada e doida por ele.

Era como se o meu *advogado* soubesse exatamente do que eu precisava antes de eu mesma me dar conta do que eu queria.



Capítulo 24

Caio

Foi difícil deixar Luna sair do carro quando precisei levá-la para casa naquela noite. As duas horas que passamos juntos naquela área afastada da fazenda, conversando e trocando beijos e carícias, foram sensacionais. Quase enlouqueci de desejo em alguns momentos, precisava confessar, mas o sentimento que nutria por ela me fazia ser mais cuidadoso, me alertava que eu precisava ir devagar. Sempre soube que Luna era especial para mim e que, com ela, eu não poderia agir baseado apenas no tesão, mas agora que sabia do trauma que carregava, precisava ter um cuidado redobrado. Não queria fazer nada que pudesse machucá-la ou que despertasse lembranças dolorosas.

A cada vez que me lembrava do seu relato, dos seus olhos tristes e do desespero em sua voz, eu sentia mais raiva do filho da puta que a havia machucado. Ele não tinha um rosto em minha mente, não sabia a sua identidade, muito menos em que buraco se escondia, mas de uma coisa eu sabia com certeza: minha raiva por ele transcendia qualquer barreira moral ou cívica. Se eu tivesse apenas uma oportunidade de encontrá-lo, o levaria para a delegacia todo deformado. Só não o mataria com as minhas próprias mãos, porque ainda tinha um resquício de consciência que me alertava que não seria inteligente gastar o resto da minha vida fazendo companhia a ele em uma cela, quando poderia estar ao lado de Luna.

Decidi deixar o babaca de lado e me concentrei na estrada. Chegaria em Goiânia em breve, mas já estava com os pensamentos divididos em dois objetivos: ir à São Paulo pegar as provas contra Cecília na casa de Abraão e dizimar a ex-defunta de uma vez por todas. Agora que Gabizinha estava grávida, sentia que era imprescindível que descobríssemos a verdade sobre a sua mãe, pois não confiava nem um pouco naquela mulher. Enquanto não chegava à cidade, aumentei o som do rádio e sorri ao ouvir a música que

estava tocando. Nunca fui um cara que ligava músicas a momentos, mas percebi que certas coisas tendiam a mudar quando sentimentos estavam envolvidos. A prova era o meu coração acelerado no peito enquanto *Maroon 5* tocava *She Will Be Loved*.

Quem diria que eu cantaria uma música romântica para uma mulher algum dia? Segundos antes do nosso primeiro beijo? Mas havia acontecido e eu jamais conseguiria explicar o porquê. A música simplesmente havia surgido na minha mente, pois parecia descrever perfeitamente a minha gatinha de cabelos coloridos. *Rainha da beleza de apenas 18 anos. Ela não se aceitava muito bem.*^[5] Se Adam Levine soubesse como aquelas duas frases descreviam Luna, também dedicaria a música a ela.

O fato de realmente não se aceitar tão bem, ter a autoestima abalada, a tornava insegura. Luna estava acostumada a trabalhar a sua imagem, tanto nas redes sociais, quanto na vida, assumindo o papel da garota extrovertida que eu sabia que ela era, mas escondendo que havia muito mais por trás. Já havia percebido isso muito antes de nutrir sentimentos mais fortes por ela, mas a noite passada havia sido decisiva. Ela sentiu desejo por mim, demonstrou da forma que sabia, mas vi como ficou insegura quando recuei. Tentou disfarçar, mas percebi. Provavelmente ela nem sonhava com o quanto eu lutei para não jogar tudo para o alto e seguir com o que me pediu, mas fiz questão de deixar isso bem claro ao falar o tamanho do meu desejo. E ele era enorme mesmo, tanto que cheguei com o pau doendo em casa e precisei recorrer a uma punheta caprichada embaixo do chuveiro, para ver se conseguia me acalmar.

Ainda bem que eu já havia me preparado, em partes, para lidar com a avalanche de sensações que me invadiam quando estava com Luna. Ainda assim, havia sido difícil pra caralho. Por sorte, eu era um homem maduro, centrado e decidido, não meteria os pés pelas mãos com a minha gatinha.

Cheguei em Goiânia uma hora depois e fui direto para o meu apartamento, que ficava a poucos minutos do condomínio onde meus pais moravam. Eles achavam que era bobagem manter um apartamento quando poderia ficar na casa deles quando estava na cidade, mas, como um homem solteiro, eu gostava de privacidade. Agora que já não estava tão solteiro assim, ainda via utilidade para o apartamento; quando viesse com Luna para a capital, era aqui que ficaríamos. Tinha acabado de deixar minha mala no quarto, quando ouvi o meu celular tocar. Atendi ao ver que era Victor Alves, meu amigo que estava investigando o passado de Cecília e passamos os próximos minutos

conversando. Quanto mais detalhes me dava sobre a vida da ex-defunta naqueles últimos quinze anos em que se fingiu de morta, mais enojado eu ficava.

Assim que desligamos, liguei para Ramon e passei para ele todas as informações, sentindo seu tom de voz estranho do outro lado da linha. Ele estava tão feliz na noite anterior, que eu não imaginava o que poderia ter acontecido para o deixar tão desanimado, mas logo soube. A ex-defunta não só havia dado com a língua nos dentes, como havia aumentado a história de propósito, pois sabia que Gabi estava ouvindo. Nunca quis tanto que ela voltasse para a tumba como naquele momento.

— Ramon, a Gabizinha ama você. Assim que soubermos exatamente qual é a intenção de Cecília, ela vai entender que a mãe é uma vaca manipuladora e que aumentou a história de vocês. Você é um homem íntegro, honesto, jamais a enganaria dessa forma, ela só está magoada.

— *Espero que sim.*

— Ah, tenho uma ótima notícia! Vou ficar apenas hoje e amanhã em Goiânia, a reunião do terceiro dia precisou ser adiada, então, amanhã à noite, pegarei um voo para São Paulo e irei à Ribeirão Preto no dia seguinte para pegar as tais provas na casa de Abraão. Pretendo estar em Santo Elias no final da tarde e vou direto para sua casa.

— *Ótimo! Mal posso esperar para ver que provas são essas. Espero que realmente nos ajude de alguma forma.*

— Vão ajudar. Vai dar tudo certo, Ramon. Logo, logo você e a Gabizinha estarão juntos e em paz novamente. Aproveite esse tempo e vai pensando em um bom pedido de casamento, porque ela merece — falei, ouvindo sua risada antes de me despedir.

Assim que desligamos, enviei uma mensagem para Luna contando parcialmente o que havia acontecido e pedindo para que fosse dar uma olhada em Gabi, pois sabia que ter o apoio de uma amiga de verdade em um momento tão difícil poderia acalmá-la. Minha gatinha disse que iria correndo até lá e eu me recostei no sofá, olhando rapidamente para o teto e pedindo baixinho ao cara lá de cima que tomasse conta do meu melhor amigo e da sua menina.



Acomodei-me na poltrona do avião com as provas contra Cecília dentro da minha pasta. Abraão havia dado as coordenadas perfeitamente, pois havia mesmo encontrado tudo dentro do cofre na casa de Ribeirão Preto. Coloquei em mente que iria analisar tudo assim que o avião decolasse e olhei rapidamente as minhas mensagens, antes de precisar desligar a internet. Sorri ao ver uma da minha mãe:

“Querido, amei o nosso almoço ontem à tarde, estava morrendo de saudades de você. Como seu pai estava à mesa e vocês estavam empolgados falando sobre trabalho, não tive tempo de dizer, mas quero que saiba que estou ainda mais ansiosa para conhecer a Luna e que será um prazer me tornar não só amiga, mas sogra dela. Pela primeira vez na vida eu vi o amor brilhar em seus olhos enquanto falava de uma mulher, por isso, tenho certeza que ela deve ser uma garota maravilhosa e muito especial. Te amo demais, querido. Faça uma boa viagem e não esqueça de me mandar uma mensagem quando chegar em casa. Beijos!”

Enquanto lia as palavras da minha mãe, lembrei-me da conversa rápida que tivemos à mesa do restaurante, enquanto esperávamos meu pai chegar. contei um pouco mais sobre Luna para ela, sem entrar em detalhes sobre o que havia acontecido, pois sabia que era algo muito particular e queria que Luna tivesse a chance de se abrir com ela depois que se conhecessem e quando se sentisse confortável. Eu sentia que, enquanto falava, estava deixando escapar como me sentia sobre Luna, mas não havia imaginado que estava tudo tão explícito à ponto de minha mãe falar que seria um prazer ser sogra dela. Por sorte, eu não era do tipo de homem que fugia de sentimentos, por isso, respondi falando que também estava ansioso para que elas se conhecessem e deixando claro que também queria que Luna fosse sua nora.

Ainda não havia parado para me declarar ou para conversar com Luna sobre um relacionamento mais sério, pois não queria atropelar as coisas, mas sentia que, em breve, ela realmente estaria chamando a minha mãe de sogra. Eu só esperava que tivesse a oportunidade de permanecer vivo para chamar a sua mãe de sogra também, pois sabia que não seria fácil convencer Rosana sobre os meus sentimentos. E ainda tinha o seu pai, que eu sequer conhecia ou sabia como era. E se ele fosse pior do que Rosana? Senti um frio na espinha, mas não me acovardei, pelo contrário; para ficar com a minha gatinha de cabelos coloridos, eu enfrentaria o mundo.

Passei o voo analisando tudo o que tinha em mãos sobre Cecília e gelei ao descobrir cada um dos crimes cometidos por ela, principalmente um que eu sabia que acabaria com Ramon. Em choque, só tive tempo de guardar tudo quando o avião aterrisou e fui correndo para o estacionamento do aeroporto pegar o meu carro. Queria chegar o mais rápido possível em Santo Elias, mas usaria a viagem até lá para pensar em uma maneira de conversar com Ramon sobre o que havia descoberto, pois sabia que aquela informação iria o destruir.

Já estava na fronteira com a cidade, quando meu celular tocou. Vi que era Ramon, por isso, respirei fundo para não demonstrar a tensão que eu sentia e atendi com um falso bom-humor:

— Oi, Ramonzinho, sei que está ansioso, mas já estou chegando. Em vinte minutos estarei aí, o trânsito está uma beleza hoje...

— *Caio, Cecília está com Gabriela na fazenda de Abraão. João Marcelo disse que ela está armada e que o objetivo é matar a Gabi.*

Ah, porra! Ex-defunta filha da puta! Apertando o volante com força entre os dedos, falei com seriedade:

— Vou acionar todos os meus contatos na polícia e alcanço você em dez minutos.

Foi o que fiz assim que desliguei e a cena que se desenrolou pela próxima hora foi a mais difícil e tensa da minha vida. Encontrar Cecília com a arma apontada para a cabeça de Ramon me deixou desesperado, mas precisei manter o controle por mim, por ele e principalmente por Gabizinha, que parecia estar prestes a desmaiar enquanto implorava para a mãe parar, mas Cecília não parou. A desgraçada foi até o fim e o meu coração quase parou quando Ramon foi atingido por um tiro na altura do peito. Nada no mundo me preparou para aquilo e o caos que se instalou em meu interior me deixou momentaneamente em choque.

Eu só tive tempo de tirar Gabi de cima de Ramon depois que Cecília foi atingida na cabeça por um tiro. A cena horrorosa me deixou com um embrulho no estômago, mas foquei em tentar dar algum suporte para Gabriela, enquanto deixava os paramédicos removê-lo o mais depressa possível. Ela gritava e tremia muito, não tinha força para se aguentar nas próprias pernas, por isso, a peguei em meu colo e a levei para fora daquela casa mal-assombrada, a colocando em uma maca a pedido da equipe da segunda ambulância que estava ali. Como o caso de Ramon era de extrema urgência, eles sequer esperaram por um acompanhante, o levaram logo para o

hospital e eu fui na ambulância com Gabi, que estava transtornada, entrando em choque.

— Caio... O Ramon...

— Eu sei, Gabizinha, eu sei... — falei, segurando a sua mão e tentando segurar as minhas lágrimas, mas não consegui.

— Você tem que ficar com ele, eu tenho que ficar com ele, por favor... Por favor, ele não pode morrer, por favor, POR FAVOR!

— Gabizinha, fica calma, pelo amor de Deus! Pense no bebê...

Ela só parou quando enfiaram algum tipo de sedativo em seu soro e eu encostei a cabeça na parede ambulância, sentindo muito medo de perder o meu melhor amigo. Só consegui concentrar os meus pensamentos em Deus naquele momento, implorando para que ele estivesse ao lado de Ramon e que o fizesse sobreviver. Gabi foi levada para a ala de emergência e eu fiquei na sala de espera do hospital, desesperado por notícias dos dois. Logo alguns fazendeiros que eram mais próximos de Ramon chegaram ao hospital, dizendo que a notícia do que havia acontecido já estava correndo solta por Santo Elias e que queriam prestar solidariedade. Eu estava me sentindo péssimo para dar atenção a qualquer um deles naquele momento, por isso, quando meu celular tocou e vi o nome de Luna na tela, fui para um canto da sala e atendi com alívio.

— Oi, gatinha.

— Ai, Caio, pelo amor de Deus, me diz que essa história de que Ramon levou um tiro não é verdade, por favor! — ela pediu em desespero e eu engoli em seco.

— É verdade, pequena. Estou aqui no hospital esperando por notícias, ele está na sala de cirurgia.

— Meu Deus do céu! E a Gabi? E você? Me diga que vocês não foram atingidos também, por favor!

— Não fomos, mas Gabi foi para a ala de emergência, pois estava muito nervosa e precisou ser medicada.

— Que loucura, eu nem sei o que dizer! Queria muito ir até o hospital, mas Cissa está muito nervosa, não quero deixá-la sozinha.

— Isso, fique ao lado dela, não deixe que ela venha até aqui, vai ficar mais nervosa ainda.

— Está bem. Nos mantenha informadas, por favor.

— Pode deixar, gatinha.

— Tem certeza que você não foi atingido, né? Se você estiver mentindo

para me tranquilizar, eu vou até o hospital te bater, Caio!

Por incrível que pareça, eu comecei a rir e os dois fazendeiros que ainda estavam na sala de espera me olharam com curiosidade.

— Tenho certeza que não levei nem um tiro, meu amor. Se eu tivesse levado, iria pedir para você ser a minha enfermeira particular.

— Imagino o tipo de uniforme que você me faria usar.

— Seria um bem sexy e, por baixo dele, usaria aquela calcinha indecente. Não me esqueci dela — falei baixinho, esquecendo por alguns segundos da tensão que me afligia. Consegui ouvir a sua risadinha do outro lado da linha.

— Só você mesmo para ficar falando essas coisas em um momento como esse, Caio!

— Preciso fazer alguma coisa para não enlouquecer, gatinha — falei, vendo o médico entrar na sala de espera. — Preciso desligar, o médico chegou. Ligo daqui a pouco para dar mais notícias.

— Está bem. Beijos, *advogado*.

— Beijos, pequena. — Desliguei e me virei para o médico. — E então, doutor, como Ramon está?

— Felizmente, ele foi atingido em uma altura acima do coração e conseguimos retirar o projétil sem maiores complicações.

— Porra, graças a Deus! — comemorei, ouvindo os fazendeiros fazerem o mesmo. — Ele já está acordado? Posso falar com ele?

— Ainda não. Ramon precisou fazer uma transfusão de sangue, mas o nosso estoque está bem abaixo do esperado e o ideal seria que alguém pudesse doar em caráter de urgência, se não, precisaremos entrar em contato com o banco de sangue que fica em Goiânia.

— Isso não é um problema, eu posso doar! Onde preciso ir para que colham o sangue?

— Primeiro precisamos saber se vocês têm o mesmo tipo sanguíneo e se você está apto para doar, mas isso é fácil de descobrir. Venha comigo até o laboratório e vou solicitar os exames necessários.

— Agora mesmo!

Despedi-me dos dois fazendeiros, que me pediram para que eu ligasse e os atualizasse sobre o caso de Ramon e fui com o médico até o laboratório. Meia hora depois, descobrimos que eu estava apto para a doação e que o meu sangue era do tipo *A positivo*. Como o de Ramon era do tipo *AB positivo*, ele poderia receber a transfusão e fiquei emocionado enquanto colhiam o meu sangue, sabendo que ele estava prestes a ajudar a salvar a vida do meu melhor

amigo, do cara que eu amava como um irmão.



Horas mais tarde, depois de ter conversado com Gabi, ela ter recebido alta e termos visitado Ramon por míseros minutos na UTI, a levei para a fazenda sentindo meu peito mais leve e a cabeça tranquila depois de tanta tensão. Precisei contar tudo para Cissa quando nos reunimos na sala de estar, mas, a todo momento, eu desviava os olhos para Luna, que estava sentada ao lado de Gabi. Ela também não tirava os olhos de mim e acabou perguntando quando me calei:

— Mas você está bem, não é?

Ela estava com o nariz vermelho, muito abalada depois de saber detalhes do que havia acontecido, por isso, sorri para tranquilizá-la e me sentei ao seu lado, a abraçando pelos ombros.

— Agora que Ramon e Gabizinha estão vivos e em segurança, eu estou muito bem. Achou que ia se livrar de mim, não é? Eu sou duro na queda, gatinha.

— Ai, pelo amor de Deus! Para de graça! — ela fungou e encostou a cabeça em meu peito. — Morri de medo por todos vocês quando soube da notícia. Santo Elias não fala de outra coisa.

— Mas, graças a Deus e a Nossa Senhora, está tudo bem! Mal vejo a hora de ir visitar o meu menino, senti tanto medo...

— Eu também, Cissa, mas agora, acabou — Gabi disse, apertando a mão dela.

— Sim, minha filha. Acabou.

Luna se ofereceu para passar aquela noite com Gabi e eu aproveitei quando disse que iria em casa pegar uma muda de roupa para poder ficar um tempinho a sós com ela. Do lado de fora do casarão, com o céu ficando escuro, levei Luna para perto do meu carro e a encostei contra a lataria, aproveitando que estávamos sozinhos para finalmente poder abraçá-la do jeito que eu queria. Surpreendentemente, foi ela que agiu primeiro, me agarrando bem forte pela cintura e afundando o rosto no meu peito.

— Quando soube do que havia acontecido, morri de medo de que você tivesse sido atingido também. Nunca mais me dê um susto como esse, Caio.

— Mas a culpa nem foi minha — ri, puxando seu rosto para cima para

poder olhar em seus olhos.

— Eu sei, mas você estava lá também, pensei que alguma coisa poderia ter acontecido.

— Mesmo se tivesse acontecido, eu não iria morrer. Eu ia chegar na porta do céu e pedir para bater um papo com Deus. Falaria que eu finalmente havia encontrado a mulher perfeita e que não poderia morrer pelos próximos cem anos. Com certeza Ele iria se compadecer e me deixaria voltar.

Luna riu de mim e balançou a cabeça, me olhando como se não acreditasse na minha cara de pau.

— Pior é que eu acho que você realmente teria coragem de fazer isso.

— Mas é claro que sim, nunca duvide do meu poder de argumentação, gatinha. Não sou um *advogado* à toa.

— E quem seria essa mulher perfeita que você disse que encontrou?

— Hum... — Eu olhei a nossa volta, fingindo que estava procurando por alguém. — Eu não sei se ela está por aqui...

— Talvez você a tenha deixado em Goiânia. Ou em algum outro lugar, já que você roda o Brasil quase todo.

Eu olhei para ela segurando um sorriso malicioso.

— Gatinha, está com ciúmes de mim?

— Claro que não! — Ela negou rápido demais com os olhos arregalados, tentando me afastar pelos ombros, mas não saí do lugar. — Deixa de ser convencido!

— Está com ciúmes sim.

— Não estou nada.

Sem conseguir me segurar, comecei a rir, não dela, mas daquela situação. Irritadinha, ela tentou me expulsar novamente pelos ombros, mas apoiei minhas mãos na lataria do carro e a cerquei, abaixando um pouco o rosto.

— Não precisa ficar com ciúmes, pequena. Já falei que só quero você.

Ela mordeu o lábio, parecendo um tanto insegura, mas logo tentou disfarçar.

— Será? Eu conheço a sua fama, *advogado*.

— Sim, eu sei exatamente a fama que carrego, mas quero deixar isso para trás. Eu era mulherengo porque era solteiro e tinha o meu coração livre, agora, é diferente. Você chegou e ocupou cada espaço vazio que eu tinha aqui dentro — falei, pegando a sua mão e a pousando em meu peito. Tinha certeza que ela conseguia sentir as batidas frenéticas do meu coração. — Não desejo e não toco em qualquer outra mulher há semanas, gatinha, justamente por sua

causa. Não seria agora, que finalmente estamos juntos, que eu iria olhar ou me interessar por alguém. Não sei se percebeu, mas eu estou completamente apaixonado por você, Luna.

Ela ofegou baixinho e eu não desviei o olhar, não me afastei, pois queria que visse a verdade em meus olhos. Eu sabia que o meu passado poderia pesar quando ela precisasse confiar em mim como homem, mas faria de tudo para provar que eu não era um babaca, que, se estava com ela, era porque nutria sentimentos e iria respeitá-la.

— Está mesmo? — ela perguntou baixinho, como se estivesse reunindo coragem.

— Estou. Eu não minto, pequena, principalmente sobre os meus sentimentos. Estou apaixonado por você e quero ser muito mais do que seu amigo. Com você, eu quero ser os três A.

— Três A? O que seria isso?

— Amigo, amor e amante — sussurrei, usando o meu melhor sorriso cafajeste para poder arrancar uma risada dela e consegui. Luna jogou a cabeça para trás e gargalhou bem alto, me fazendo ficar com uma pontinha de orgulho no peito.

— Meu Deus, de onde você tira essas coisas?

— Deus me abençoou com o dom da criatividade — falei, a abraçando pela cintura. — Você está preparada para conhecer cada versão dos três A?

— Bom, eu já conheci a primeira e amei, tenho certeza que vou amar as outras também — disse ela, passando os braços pelo meu pescoço. — Não acho que você terá tanto trabalho assim.

— É mesmo? Por quê?

— Porque eu também estou apaixonada por você e sei que vou ficar ainda mais quando conhecer o A de amor e o A de amante — ela sussurrou com um sorrisinho tímido, ficando vermelha.

Eu não sei o que pulsou mais forte, meu pau ou meu coração. Para disfarçar a comoção que eu sentia, sorri e esfreguei meu nariz pelo dela, sentindo seu perfume adocicado que delicioso.

— Mal posso esperar para te mostrar cada A, principalmente o último.

Ela deu uma risadinha sacana, que eu calei com um beijo que serviu para alimentar ainda mais o meu desejo e a paixão que me consumia.



Capítulo 25

Luna

Eu mal podia acreditar em tudo o que havia acontecido nas últimas doze horas. De um minuto para o outro, o mundo virou de cabeça para baixo com a notícia de que Ramon havia sido atingido por um tiro disparado pela mãe de Gabi. A fazenda se tornou um caos, Cissa quase passou mal e eu só conseguia pensar no estado de Gabi, se Ramon sobreviveria e se Caio estava bem. Mesmo depois da nossa ligação, continuei angustiada, necessitando colocar os meus olhos sobre ele para ver se realmente estava bem. No final ele não só estava bem, como ainda havia se declarado para mim. Meu coração parecia que ia explodir no peito.

— Agora que estamos sozinhas e que está tudo bem, acho que você já pode me atualizar sobre tudo o que anda acontecendo na sua vida — Gabi disse ao se deitar ao meu lado. Graças a Deus ela estava tranquila e sem tanta tristeza nos olhos como nos últimos dois dias. — E tenho certeza que temos muito assunto para colocar em dia! Ou acha que me esqueci que você e Caio se beijaram? Quero saber de tudo o que aconteceu antes, durante e depois do beijo, amiga!

Ai, meu Deus, só de pensar em contar tudo em detalhes eu já sentia um frio na barriga e uma vontade enorme de me esconder. Não que eu não me sentisse à vontade com Gabi, muito pelo contrário, mas porque aquela era uma situação nova. Geralmente, eu era a ouvinte, não a pessoa que vivia e contava todas as emoções.

— Primeiro, quero pedir para que não fique com raiva de mim. Tenho mesmo muita coisa para te contar, mas não falei antes porque você estava vivendo um momento muito delicado e não queria te perturbar com os meus assuntos.

— Para começo de conversa, você não me perturbaria! Pode tirar essa ideia

doida da cabeça. E vou tentar não ficar brava, vai depender do quanto você escondeu de mim.

Bom, eu havia escondido bastante coisa, mas esperava que ela pudesse me perdoar no final. Precisei fazer uma retrospectiva dos últimos acontecimentos da minha vida para poder compartilhar tudo com Gabi, por isso, voltei à noite do aniversário de Nicolas para poder lhe dar maiores detalhes de tudo. Ela ficou excitada quando falei sobre os ciúmes de Caio e morreu de rir quando contei sobre a mentirinha que havia inventado para Fabiana.

— Não acredito que você teve a coragem de falar que ele era gay! E ela acreditou mesmo? Não é possível!

— Acreditou! Como eu disse, ela nunca tinha vindo à Santo Elias, só conhecia a fama de Caio pelo ponto de vista do amigo dele e, como ele aparentemente não estava demonstrando interesse em ficar com ela, ela acabou acreditando mesmo que ele era gay.

— Se ele não estava demonstrando interesse em ficar com ela, era porque já estava pensando em você!

— Foi isso que ele me disse depois — falei, ficando excitada só de lembrar.

Continuei a dar detalhes para ela, me dando conta de como o meu relacionamento com Caio havia mudado após aquela noite, principalmente por conta do quase beijo. Ali eu tive um estalo e percebi que não dava mais para disfarçar o que eu sentia. Infelizmente, logo depois disso, precisei falar sobre o que aconteceu na festa de Alex e foi aí que comecei a ficar tensa, com o coração acelerado. Eu confiava em Gabi de olhos fechados, então, meu receio não tinha nada a ver com ela e, sim, com a dor de ter que reviver o meu passado, pois ali eu decidi que iria contar para ela tudo o que havia contado para Caio.

Gabi ouviu com atenção e percebi nitidamente as suas reações, o choque e a dor em seus olhos, quase como se ela pudesse se colocar em meu lugar. Em algum momento ficou muito difícil continuar e precisei respirar fundo para poder conter as emoções, mas não adiantou muito, pois logo comecei a chorar.

— Amiga, eu não poderia imaginar... Eu não sei o que dizer. Eu quero matar essa tal de Maíra e ir atrás do desgraçado que fez isso com você! Se você não tivesse dado um tapa na cara dela, eu ia agora mesmo dar! — Eu acabei rindo em meio às lágrimas, mas Gabi não me acompanhou na risada, só no choro. — Por que você não me contou antes? Ficou esse tempo todo

carregando esse peso sozinha. Você não merecia isso, amiga.

— Eu não sei por que não contei antes, acho que por vergonha... Não pense que foi por falta de confiança, pois não foi, Gabi.

Ela assentiu e se aproximou de mim, secando as minhas lágrimas.

— Você não precisa ter vergonha, pois a culpa não foi sua, entende isso? Você foi vítima daquele assediador, Luna!

— Hoje eu sei, mas sempre fica um resquício de culpa, sabe? Porque, se eu não tivesse dado abertura para ele, se não tivesse demonstrado confiança, talvez, ele não tivesse feito isso comigo.

— Nunca se culpe por ter dado a sua confiança a alguém. A culpa sempre será da pessoa que nos traiu, que se aproveitou da nossa ingenuidade para nos ferir — ela disse bem enfática e eu concordei, pois, racionalmente, eu também pensava daquela forma. Tomando as minhas mãos, ela continuou: — Obrigada por ter compartilhado isso comigo, amiga. Eu te amo muito e sempre, sempre estarei aqui para te ajudar e te apoiar. Se um dia você sentir que a tristeza está demais para suportar, não hesite em gritar por mim, pois quero estar ao seu lado sempre, entendeu?

— Sim. Eu também te amo muito, Gabi. Foi com você e com Caio que eu aprendi o que é ter uma amizade de verdade e sou grata a Deus todos os dias por ter colocado vocês na minha vida.

— Ai, amiga...

Ela me puxou para um abraço apertado e ficamos daquele jeito por longos minutos, até nossas emoções se acalmarem. Secamos as nossas lágrimas assim que nos afastamos e eu resolvi continuar, querendo chegar logo na parte em que eu e Caio nos beijamos em meu quarto. Pelos próximos minutos, consegui atualizar sobre tudo o que tinha acontecido comigo nos últimos dias e, quando terminei, ela caiu deitada ao meu lado, soltando um suspiro apaixonado.

— Posso falar que eu avisei? Por favor, por favor, me deixa falar que eu avisei! — Implorou e eu comecei a rir, assentindo. — Eu avisei! Avisei que vocês seriam um casal! Eu sempre soube, minha intuição nunca falha! E Deus também ouviu as minhas preces, é claro!

— Você deve ter perturbado muito o juízo Dele.

— Nem precisei perturbar tanto assim, porque já estava escrito que vocês ficariam juntos! Eu só dei um empurrãozinho — disse ela em uma gargalhada. — Não acredito que todos os meus sonhos vão se realizar! Vamos poder fazer programas de casal, viajar juntos, nossos filhos vão

brincar pela fazenda! Falando em filhos, você poderia engravidar logo, não quero ficar sozinha!

— Deus me livre! Não, nada disso! Sem contar que eu e Caio não chegamos nesse nível de intimidade.

— Não chegaram *ainda*. Você mesmo acabou de me dizer que ele está doido para te mostrar o lado amante — disse ela com uma sobrancelha arqueada, me fazendo rir e ficar com um frio na barriga.

— Tenho até um pouco de medo desse lado amante. Caio é tão experiente e eu não sei nada! Pelo menos não na prática.

— Eu também não sabia nada, mas Ramon me ensinou tudo e posso ser sincera?

— Claro.

— Eu amei aprender tudo com ele, foi bem mais excitante do que se eu soubesse tudo. Tive um pouco de insegurança no começo, claro, mas Ramon é um amante perfeito e sempre teve muita paciência comigo. Tenho certeza que Caio vai ser assim com você também.

— Eu me sinto muito à vontade com ele. O seu toque, seus beijos, me despertam sensações que eu nem sabia que existiam de verdade. Com ele, eu me sinto bem para fazer tudo.

— É porque você confia nele, amiga. Sabe que pode se entregar completamente, porque ele não vai te machucar. Entende por que nunca deu certo com outro cara antes? Tinha que ser com Caio, o amor da sua vida! — ela disse com um sorriso e eu a acompanhei, mal acreditando que finalmente estava participando de uma conversa íntima e não apenas escutando os detalhes.

Continuamos a trocar confidências até adentrarmos a madrugada e fiquei feliz por poder estar ao lado de Gabi naquele momento, a distraindo depois de tudo o que havia acontecido e, principalmente, do fato de Ramon estar no hospital. Com o coração bem mais leve depois de me abrir e ter o seu apoio e carinho, me deitei ao lado dela e me preparei para dormir.



Ramon teve alta dois dias depois e Cissa fez praticamente um banquete para comemorar. Acordei naquela manhã com uma mensagem de Gabi me convidando para almoçar e falando para levar Fernanda, pois Ramon queria

todo mundo reunido à mesa, por isso, tratei logo de acordá-la e recebi uma mensagem de Caio quando estava terminando de me arrumar.

“Cadê você, gatinha? Acabei de chegar.”

“Estou terminando de me arrumar. Pensei que passaria aqui para irmos juntos ao casarão.”

“Eu ia, mas meus pais chegaram de surpresa quando eu estava saindo de casa e não tive tempo de te enviar uma mensagem. Eles queriam muito ver o Ramon, vieram sem me avisar.”

Ai, meu Deus, seus pais estavam aqui! Eu não sabia se estava preparada para conhecê-los. Caio e eu não tínhamos nada sério ainda e isso me deixava ainda mais preocupada. E se eles não gostassem de mim?

— Calma, Luna, não pira! — falei para mim mesma, pegando de volta o celular para responder à mensagem de Caio.

“Que bom que eles vieram, Ramon vai ficar feliz! Em poucos minutos estarei aí. Beijos!”

“Beijos, pequena.”

Respirei fundo para conter as batidas loucas do meu coração e dei uma última olhada no espelho, reconsiderando trocar de roupa. Não havia me arrumado demais, até porque, era apenas um almoço, mas agora que os pais de Caio estariam presentes, comecei a me questionar se a calça jeans e a blusinha rosa que eu usava não estavam simples demais.

— Ei, já estou pronta! — Fernanda disse, parando na porta do meu quarto. Um pouco nervosa, virei para ela e perguntei:

— Eu estou bem vestida? Tipo, não estou simples demais?

— Simples demais? É só um almoço, não um jantar de gala — ela riu, mas logo me olhou cheia de segundas intenções. — Já sei, quer se arrumar para o advogado! Bom, eu acho que você está linda e, convenhamos, ele te viu de pijama e com remela nos olhos, não tem como ficar pior do que isso.

Ela se abaixou no momento em que eu joguei a almofada da minha cama na direção da sua cabeça, rindo da minha cara. Mesmo tentando prender, acabei rindo também.

— Como você é idiota, Fernanda! Não estou perguntando por causa dele e, sim, porque os pais dele vieram almoçar também. Eu sei que não somos namorados, mas eu não quero causar uma má impressão. E se não gostarem

de mim?

— Mana, esse é o seu estilo, é exatamente assim que eles precisam te conhecer. Você não tem que esconder quem é de verdade só porque vai conhecer seu sogro e sua sogra.

— Eles não meus sogros ainda.

— Disse bem, *ainda*, mas serão em breve e tenho certeza que vão gostar de você assim. Agora, chega de elogios, ou vou começar a ficar enjoada — disse com uma careta, se afastando da porta do meu quarto.

Fernanda tinha razão, aquele era o meu jeito e eu não tinha que mudar nada só porque estava com medo do que os pais de Caio iriam achar de mim. Decidida a continuar com aquela roupa e meus inseparáveis All Stars, passei um batom rosinha nos lábios e deixei meu quarto para trás.

Assim que chegamos perto do casarão, pude identificar o carro de Caio e um outro logo atrás, que provavelmente era dos seus pais. Fiz de tudo para não demonstrar o meu nervosismo e sorri assim que encontrei com Caio na porta do casarão, sozinho, esperando por mim.

— Como está a minha cunhadinha preferida? — ele perguntou assim que Fernanda subiu as escadas, indo abraçá-la.

— Eu estou bem! Estava tentando acalmar a minha irmã, ela está nervosa porque vai conhecer a sua mãe e o seu pai.

— Fernanda!

Meu Deus, eu ia matar a minha irmã! Como ela teve coragem de contar aquilo para Caio? Quis muito que um buraco se abrisse sob os meus pés naquele momento e me engolissem para sempre. Não sabia onde enfiar a minha cara.

— O que foi? Eu só contei porque sei que Caio vai te acalmar, essa é a função de um namorado! E você vai ter que fazer o mesmo por ele quando chegar a hora de contar tudo para a mamãe — ela disse, virando-se para ele com um olhar solidário e um suspiro pesaroso. — Te desejo boa sorte desde já.

Sem falar mais nada, a pirralha saiu e nos deixou sozinhos, eu com uma vergonha do tamanho de um elefante de dez toneladas e Caio com um sorriso divertido.

— Sua irmã é maravilhosa, sério! Eu não poderia ter uma cunhada melhor! — disse ele, puxando-me pela mão e me abraçando. — É verdade que você está nervosa?

— Claro que não! Não leve a sério tudo o que Fernanda diz, ela é doida!

— falei revirando os olhos, mas assim que o encarei de novo, encontrei aquela sobrancelha arqueada que me dizia que sabia que eu estava mentindo.

— Está bem, talvez eu esteja um pouquinho nervosa, mas é porque fui pega de surpresa. Não quero causar má impressão aos seus pais.

— Não se preocupe com isso, gatinha, meus pais são tranquilos e minha mãe está louca para te conhecer.

— Sério?

— Sim. Nós almoçamos juntos quando fui à Goiânia e eu falei um pouco mais sobre você para ela. Não se preocupe, pois não contei nada, só comentei que o nosso relacionamento estava mudando — disse ele com um sorrisinho safado, que me deixou com um frio de expectativa na barriga. — E sua irmã falou uma coisa certa, eu preciso me preparar para falar com a sua mãe e com o seu pai também.

— Meu pai é tranquilo e, com a minha mãe, talvez seja melhor eu conversar com ela antes.

— Você acha?

— Sim. Preciso explicar a ela como a nossa relação mudou.

— Está bem, vamos fazer tudo no seu tempo — ele disse, me deixando que nem uma idiota apaixonada ao me dar aquele olhar compreensivo. — Agora vem aqui, pois estou doido pra beijar a sua boca.

Sem que eu esperasse, ele me puxou pela mão e atravessou a sala de TV da casa de Ramon, que estava vazia, entrando por um longo corredor até abrir uma porta. Só tive tempo de reconhecer que estávamos dentro de um escritório, antes de ele me encostar contra a porta e beijar a minha boca. Meu coração quase subiu pela minha garganta e minhas pernas perderam a força conforme eu me entregava a ele e sentia a carícia intensa da sua língua contra a minha, me deixando toda arrepiada e com os mamilos doendo. Gemi baixinho quando sugou o meu lábio inferior e o puxei para mais perto pela nuca quando senti que iria se afastar e interromper o beijo. Seu sorriso moldou os meus lábios, mas ele logo perdeu o humor, me pressionando mais forte, descendo a mão pelas minhas costas e apertando a minha bunda.

— Meu Deus, gatinha... — ele sussurrou, descendo os lábios pelo meu pescoço. Gemi de novo quando senti sua língua molhar a minha pele. — Você precisa me avisar se eu estiver ultrapassando os limites.

Fechei os olhos quando sugou perto do osso da minha clavícula e quase perdi a linha de raciocínio que cruzou o meu cérebro. Tirando forças de algum lugar bem no fundo da minha consciência, peguei o rosto de Caio em

minhas mãos e o fiz olhar em meus olhos. Caramba, os dele pareciam estar prestes a pegar fogo.

— Eu confio em você, *advogado*, confio completamente. Sabe o que isso significa? — perguntei e ele sorriu, arqueando uma sobrancelha e esperando pela minha resposta. — Significa que eu sei que você vai saber como agir comigo e que me sinto bem e preparada para conhecer tudo ao seu lado.

— Tudo?

— Tudo — respondi com muita convicção, observando seu sorriso passar de travesso para carinhoso. Acariciando meu pescoço com aquela mão enorme e o polegar tocando o meu lábio inferior, ele disse:

— Sua confiança em mim me deixa emocionado, gatinha. Acho que não imagina como sou louco por você. Prometo que não vou fazer nada para te deixar desconfortável e espero que me diga se eu for longe demais.

— Sei que você não vai.

— Espero mesmo que eu não vá, mas você precisa me dizer mesmo assim.

— Eu vou dizer — falei, ficando muito mexida com aquela conversa, cheia de expectativa. — Agora me beija de novo, *advogado*, preciso usar a sua boca o máximo possível antes de sairmos daqui.

Ele riu alto e balançou a cabeça, esfregando o nariz no meu.

— Você é mesmo uma safadinha, pequena. Nunca me enganei.

Sua voz se perdeu dentro da minha boca quando me puxou firme pela nuca, invadindo os meus lábios com aquela língua que sabia muito o que estava fazendo. Caio parecia me engolir com aquele beijo, eu me sentia tocada por todo o meu corpo e soltei um ofego quando me impulsionou pela cintura e me fez cruzar as pernas em seus quadris. O início da sua ereção finalmente tocou o meio das minhas pernas e eu gemi, sem poder acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade, que eu estava mesmo sentindo o pau do *advogado*. Parecia ser grande mesmo e ele nem estava em seu desempenho total.

Tomando coragem, arrastei minha boca pelo seu queixo, seu maxilar, até o pescoço e, finalmente, provei o sabor da sua pele em minha língua, antes de fechar meus lábios em cima da veia grossa e chupar bem ali. Caio gemeu em meu ouvido, apertou a minha bunda e se pressionou mais no meio das minhas pernas. Ele estava mais duro e eu estremeci, ficando tão excitada que meu clitóris estava começando a doer.

— Porra! — gemeu de novo, puxando meu rosto para perto do dele pelo meu cabelo na altura da nuca. Seus lábios resvalaram sobre os meus e senti

sua respiração ofegante se misturar a minha. — Acho que sou eu que estou ultrapassando meus limites aqui, gatinha. Mais um pouco e vou ficar de pau duro pelo resto da tarde. Não acho que as pessoas vão querer o Caio Júnior presente à mesa para almoçar.

Eu não acreditei no que estava ouvindo e ri alto, sentindo o Caio Júnior bem presente naquele momento.

— Eu gosto de Caio Júnior, mas vou pensar em um apelido mais adequado quando o conhecer pessoalmente.

— Ele está louco para te conhecer pessoalmente — disse em um tom rouco que me deixou abalada. — Mas vamos ter que aguardar mais um pouco para isso.

— Sim, não acho que seria inteligente o conhecer agora.

— Gatinha, se você o conhecesse agora, ocuparíamos o escritório do Ramon pela próxima semana. Agora me deixa te beijar mais uma vez antes de voltar a te compartilhar com o resto do mundo.

E foi isso que ele fez, dando-me um beijo calmo e cheio de carinho que nada fez para apagar o fogo que só crescia dentro de mim.



Não consegui tirar da cabeça a imagem do volume que o pau do *advogado* fazia na frente da calça jeans quando ele me desceu do colo no escritório. Ele percebeu o meu olhar, claro, mas fez a gentileza de não soltar nenhuma piadinha, apenas escondeu de mim a visão do paraíso ao colocar a barra da camisa de botões na frente do Caio Júnior. Disfarçou bem, para o meu desgosto — pois eu queria mesmo era ficar olhando para tentar matar a curiosidade e alimentar o tesão que me corroía.

Saímos do escritório e fizemos todo o caminho até a sala de estar, onde encontramos todo mundo reunido. Meus olhos bateram direto nos pais de Caio, que estavam sentados em um sofá em frente à Ramon e Gabi e senti meu estômago se contorcer de leve. Será que eles iriam desconfiar que eu estava dando uns amassos com o filho deles a alguns metros dali? Eu realmente esperava que não. Tomando a minha mão, Caio me levou até eles, que se levantaram para me cumprimentar.

— Mãe, pai, essa é a Luna. Gatinha, esses são meus pais, Elizabete e Alberto Alcântara.

— É um prazer conhecer os senhores — falei, estendendo a mão e colocando o meu melhor sorriso no rosto, mas fui surpreendida quando Elizabete me acolheu em seus braços.

— Minha querida, estava tão ansiosa para conhecer você! — ela disse com muito entusiasmo e vi um sorriso verdadeiro em seu rosto, que fez com que as batidas do meu coração se acalmassem um pouco. — Você é ainda mais linda do que Caio descreveu! Parece uma boneca!

— Nossa, muito obrigada! A senhora também é muito linda.

E era mesmo. Elizabete tinha os cabelos castanhos com mechas cor de mel, intensos olhos castanhos e se vestia de maneira simples, mas elegante. Daria a ela no máximo quarenta e cinco anos, mas, pela idade de Caio, sabia que tinha mais.

— Esqueça o senhora, me chame apenas de Elizabete.

— E eu sou apenas Alberto. É um prazer conhecê-la, Luna, Caio falou muito sobre você.

Eu cumprimentei Alberto com um abraço rápido e entendi que Caio havia herdado praticamente tudo dele, desde os olhos azuis até os cabelos claros, a estatura e o porte físico. Era como se eu estivesse em frente à uma versão mais velha do *advogado*.

— Ele também fala muito sobre vocês.

— Eu amo os meus coroa, gatinha — Caio disse ao meu lado e pude ouvir um muxoxo vindo de Ramon.

— Você já é quase um coroa também, sabe disso, não é?

— Eu? É você que está beirando aos quarenta, Ramonzinho. Eu ainda estou na flor da idade. Sinto pena da Gabi, por ter que aturar um velho como você.

— Eu não o aturo, eu o amo — disse Gabi, beijando os lábios sorridentes de Ramon.

— Ah, os meus quarenta anos... Saudades de quando eu era tão novinha assim — disse a mãe de Caio.

— Mas a senhora realmente parece estar na casa dos quarenta — falei e ela sorriu para mim, me puxando delicadamente pela mão.

— Gostei ainda mais de você, Luna! Sinto que seremos boas amigas. Sente-se aqui comigo, vamos conversar, quero saber mais sobre você.

Fiz como ela pediu e me sentei ao seu lado, recebendo uma piscadela de Caio e um sorriso entusiasmado de Gabi. Para não ficar que nem uma idiota na frente de Elizabete, puxei minha amiga para perto de nós duas, enquanto

os homens se reuniam para conversar. Ramon continuou sentado por conta da tipoia no braço, mas parecia estar muito bem fisicamente, o que me deixou aliviada.

— Caio me contou que você é muito ativa nas redes sociais e até me mostrou o seu *Instagram* no dia em que almoçamos. Eu confesso que ainda estou aprendendo a usar, mas achei lindo o seu perfil.

— Jura? — perguntei, fazendo de tudo para segurar o sorriso bobo que queria explodir em meus lábios.

— Sim, juro!

— Luna é muito engajada nessa rede social, tem vários seguidores! — Gabi disse, enchendo a minha bola.

— Eu vi, mais de quinze mil. É um número muito bom.

— Eu ainda não acredito que consegui chegar a isso tudo de seguidores, porque só posto coisas sobre a minha vida, moda, livros... Mas eu fico muito feliz por ter conquistado um público tão grande.

— Tem que ficar feliz e se sentir orgulhosa mesmo, se eles te seguem, é porque gostam do seu conteúdo. É assim que se fala, não é?

— Isso mesmo — eu sorri, perdendo parte do meu nervosismo. — No começo eu cheguei a pensar que não daria muito certo, não tive muito apoio das minhas antigas amigas, mas não dei ouvidos a elas e aos meus medos, só confiei em mim mesma e segui em frente.

— E deu tudo certo! Ainda bem que você seguiu a sua intuição — disse Gabi.

— Exatamente. A gente precisa dar menos atenção às nossas inseguranças e seguir firme com o que acreditamos, com o que realmente queremos. Acreditar em si mesmo é algo fundamental.

Minha nossa, naquele momento, parei de enxergar a mãe de Caio e vi apenas uma deusa na minha frente. Ela já tinha o direito de ser adorada por ter colocado o *advogado* no mundo, mas, como se apenas isso não fosse o suficiente, ela ainda tinha que ser linda, simpática, inteligente e maravilhosa. Caio tinha razão quando falava que precisava procriar, pois os genes daquela família precisavam mesmo serem espalhados pelo mundo.

— Pessoal, o almoço está na mesa! — Cissa anunciou e nos levantamos para ir para a sala de jantar.

No meio do caminho, Caio segurou a minha mão e me fez desacelerar os passos até ficarmos atrás do grupo. Um arrepio delicioso desceu pela minha espinha quando ele passou o braço pela minha cintura.

— Não falei que não precisava ficar nervosa?

— Verdade, eu não precisava mesmo, sua mãe é perfeita! Acho que quero me casar com ela!

Ele riu ao meu lado e aproveitou os segundos que ficamos sozinhos para me virar de frente para aquele peitoral duro. Com muito custo, levantei a cabeça para olhar em seus olhos.

— Sinto muito, mas o meu pai chegou na frente, gatinha.

— Então eu vou ter que me contentar com o filho mesmo — falei com falso pesar e ele olhou acima de mim. Certamente, viu que continuávamos sozinhos, pois abaixou a cabeça e acariciou a minha bochecha com os lábios até chegar em minha orelha.

— Prometo que não vou desapontá-la, pequena.

Roubando-me um beijo rápido, ele sorriu e se afastou, me deixando sem fôlego com toda aquela intensidade. Aproveitei o caminho até a sala de jantar para tentar me recompor e agradeci internamente por minha mãe ainda não estar presente quando entramos no cômodo. Ela só foi aparecer minutos depois ao lado de Fernanda, e se acomodou à mesa enorme e farta ao lado de Cissa.

— Antes de almoçarmos, eu gostaria de falar algumas palavras — Ramon disse e teve toda a nossa atenção. — Os últimos dias não foram fáceis, minha vida e a de Gabi virou de ponta cabeça de repente, em uma avalanche de acontecimentos, tanto bons, como a descoberta de que teremos um filho e a recuperação do seu pai, quanto ruins, que acho que não vale a pena serem citados, pois esse é um almoço de comemoração e agradecimento. Agradeço primeiro a Deus por ter protegido a mulher que eu amo e o nosso filho, por ter me dado a chance de sobreviver e, principalmente, por ter colocado em meu caminho, quando eu ainda era uma criança, um garoto chato e magricela, que se aproximou de mim para me chamar para jogar bola com os seus colegas. Ali eu nem imaginava que aquele garoto se tornaria o meu melhor amigo e que, um dia, doaria o seu próprio sangue para salvar a minha vida. Eu sei que justo você, que é o babaca mais convencido que eu conheço, nem pensou em me contar essa informação importante, mas o médico fez questão de falar comigo quando me deu alta essa manhã, disse que você não pensou duas vezes antes de se oferecer para ser o doador. Caio, eu realmente não tenho palavras para agradecer. Só posso dizer que você é meu irmão, uma das pessoas que eu mais amo nesse mundo e que nunca, nunca mesmo, vou esquecer o que fez por mim. Agora vem aqui me dar um abraço e me ajudar a

secar as lágrimas, porque eu só tenho uma mão disponível por enquanto.

Ai, meu Deus! Aquele foi um dos momentos mais emocionantes que já tive o prazer de presenciar. Por entre lágrimas, vi um Caio atônito e com o rosto encharcado se levantar e ir até Ramon, o abraçando forte, mas com cuidado por conta da operação. Eles ficaram por alguns minutos daquele jeito e eu tive a chance de olhar para todos à mesa; assim como eu, todo mundo também chorava.

— Porra, Ramonzinho, você não pode fazer isso comigo, cara! Agora todo mundo vai achar que eu sou um idiota chorão!

— Não, filho, a gente só vai achar que você é um homem íntegro, que cuida daqueles que ama — seu pai disse, secando o canto dos olhos discretamente.

— Eu amo mesmo. Apesar de você ser um pé no saco, Baldez, eu moveria céus e terras para poder salvar a sua vida, doar um pouco do meu sangue não foi nada. O melhor de tudo é que, agora, você tem uma verdadeira preciosidade correndo em suas veias.

— Ai, que lindo — Gabi murmurou, chorando muito mais do que todos nós juntos. — Isso tudo é muito lindo.

— Gabi, ele acabou de se gabar sobre o próprio sangue — Ramon disse em uma risada emocionada e ela chorou mais.

— Eu sei, o sangue dele é lindo, salvou a sua vida... Ai, eu odeio os meus hormônios, vou chorar sem controle assim até o final da gravidez...

Acho que só mesmo os hormônios da Gabi seriam capazes de fazer todo mundo rir em meio à emoção daquele momento. Depois de darem mais um abraço, Caio voltou a se sentar ao meu lado e Ramon foi ajudar Gabi a se recompor, secando as lágrimas dela com uma mão só. Aproveitei quando todo mundo começou a conversar e passar as travessas de comida um para o outro, para agarrar a mão de Caio sob à mesa. Ele me fitou com os olhos ainda rasos d'água.

— Você é perfeito, *advogado*, sabe disso, não é?

— Não sou perfeito, gatinha, só faço de tudo para proteger e cuidar daqueles que moram no meu coração — ele disse, esticando-se para dar um beijo carinhoso em minha têmpora.

Naquele exato momento, com o peito explodindo de sentimentos, eu comecei a amar o meu *advogado*.



Capítulo 26

Luna

Passei boa parte da madrugada trocando mensagens com Caio pelo *WhatsApp*, pois resolvemos assistir um filme juntos pela Netflix — ele no quarto dele e eu no meu. Nunca havia feito aquilo antes e foi muito divertido, mesmo sendo obrigada a dar pausas no filme várias vezes para poder rir dos áudios idiotas dele, que me desconcentravam. Por causa disso, acabei acordando mais tarde naquele domingo ensolarado e encontrei minha mãe na cozinha já adiantando o almoço. Ela me deu um sorriso quando me sentei à mesa para comer um pedaço de bolo, mas pude notar um pouco de preocupação em seus olhos.

— Está tudo bem, mãe?

— Sim! Agora que seu Ramon está bem e em casa, eu estou menos preocupada. Os últimos dias foram pesados — ela disse, tampando uma panela e colocando um pouco de água em outra, antes de se virar para mim. — Foi tão bonito o que Caio fez por ele, não foi?

— Foi sim — concordei sem poder segurar o sorriso que se abriu em meus lábios. Sentia meu peito ficar aquecido toda vez que me lembrava do discurso emocionado de Ramon e do abraço cheio de significado dos dois.

Logo após o almoço, todo mundo se reuniu na varanda do casarão para poder apreciar a vista e conversar. A alegria tomava conta do lugar, mas a emoção ainda estava ali, presente e pulsante, principalmente na expressão de Ramon, de Gabi e nos olhos de Caio. Eu até tentei disfarçar o meu olhar encantado para cima dele, mas não consegui e, em dado momento, parei de me importar se todo mundo estava percebendo ou não. Mesmo quando eu estava sentada ao lado da sua mãe, a conhecendo um pouco mais e conversando sobre tudo, meus olhos o procuravam e ele sempre me encontrava no meio do caminho, me dando aquele sorriso que fazia com que

borboletas voassem em meu estômago. Sempre achei que essa era uma sensação que apenas as mocinhas dos livros conheciam e sentiam, mas eu era a prova viva de que ela existia de verdade. O *advogato* era dono de todas as borboletas que existiam dentro de mim.

— Eu entendo o porquê de você ter se apaixonado por ele — minha mãe disse de repente e o bolo acabou descendo pelo lugar errado na minha garganta. Comecei a tossir que nem uma louca, completamente engasgada e sem ar. Ela veio correndo com um copo d'água que eu tentei beber, mas quase não consegui. Além de estar engasgada, meu cérebro havia travado. — Luna! Meu Deus, filha, respira.

Fernanda surgiu de algum lugar da casa e começou a bater nas minhas costas, até que, por fim, consegui engolir o pedaço infeliz do bolo e terminei de beber a água em um gole só, tentando dizimar a sensação de cócegas na garganta.

— Pensei que eu iria morrer — murmurei com a voz rouca, ainda tossindo e tentando respirar fundo. Atrás de mim, Fernanda disse:

— Também pensei, que horror! Desaprendeu a comer e engolir?

— A culpa foi minha, peguei a sua irmã de surpresa. Desculpa, filha.

Balancei a cabeça, sem saber o que dizer. Minha mãe havia mesmo falado que *entendia* o porquê de eu estar apaixonada pelo Caio? Como ela sabia?

— Fernanda, por que você não volta pra sala? Preciso conversar com a sua irmã.

“Ai, *Jesus, é agora que a minha mãe vai me matar. Eu nem conheci direito o pau do advogado ainda, por favor, me deixe viver só mais um pouquinho!*”, implorei mentalmente, tendo plena consciência que Deus deve ter me ignorado quando meti o pau do Caio no meio da minha prece.

— Agora vocês ficam de segredinhos, é? Só por causa disso, eu vou ficar — Fernanda disse, sentando-se ao meu lado.

— Fernanda, não me desobedeça!

— Deixe-a ficar aqui, mãe, não tem problema — falei, até porque, Fernanda já sabia de tudo mesmo. E tê-la ao meu lado poderia atenuar o esporro que minha mãe provavelmente me daria. Suspirando, ela se sentou à mesa também e voltou a dizer:

— Pensei que ia querer privacidade para conversar sobre isso.

— Luna e eu não temos segredos, mãe — Fernanda disse, pegando a minha mão em cima da mesa, me fazendo ficar ligeiramente emocionada. Como eu amava aquela pestinha, mesmo quando me irritava e me fazia

passar vergonha.

— Eu fico feliz por isso, querida. Minha maior felicidade é ver que vocês são amigas — minha mãe disse com um sorriso sincero, voltando a ficar um pouco mais séria segundos depois. — Eu percebi os seus sentimentos, filha. Na verdade, percebi desde a nossa primeira conversa, mas não quis acreditar que você realmente estivesse se apaixonando por ele, já que me garantiu que eram apenas amigos.

— Mãe... — Comecei a tentar argumentar, mas Fernanda me interrompeu falando baixinho ao meu lado:

— Ainda bem que ela já percebeu, assim facilita as coisas.

— Que coisas? — perguntou minha mãe, olhando para nós duas.

Ai, meu Deus. Já estava arrependida por ter pedido para que Fernanda ficasse na cozinha.

— Eu gosto mesmo do Caio, estou realmente apaixonada por ele — admiti logo e minha mãe balançou a cabeça.

— Luna, esse era o meu medo! Algo me dizia que essa história de amizade não daria certo!

— Mas deu muito certo, mãe.

— Como deu certo, Luna? Agora você está apaixonada por ele!

— E ele por ela — Fernanda disse. — Ou a senhora vai dizer que não viu como Caio ficou olhando para Luna ontem? Ele nem conseguia desviar os olhos dela! Sem contar no carinho que ele demonstrava, os sorrisos... O advogado está de quatro pela minha irmã! — disse ela com orgulho e eu precisei prender um sorriso.

— Óbvio que eu vi o interesse dele e é isso que me deixa mais preocupada. Eu sei que Caio é um bom homem, que tem caráter e é íntegro, eu gosto dele, mas... Ele tem trinta e seis anos! Já pegou a cidade inteira de Santo Elias!

— Eu tenho dezoito anos, estou prestes a fazer dezenove, mãe, não sou nenhuma criança.

— E ele *pegou* a cidade inteira, não pega mais, porque agora está com a Luna.

— *Está?* Como assim “está”? Vocês estão juntos, Luna?

— Sim, eles est...

— A nossa relação está mudando, mãe — interrompi Fernanda, segurando a sua mão com um pouco mais de força para que ela ficasse quieta. — E antes que a senhora pense que Caio está se aproveitando de mim ou algo do tipo, quero deixar claro que não é assim. Eu me apaixonei por Caio

justamente por ele ser diferente de qualquer outro homem que já conheci. Não estou encantada pelo fato de ele ser mais velho, ou por ser sedutor ou rico, estou encantada porque sei que ele é muito mais do que isso. E ele sente o mesmo por mim, mãe, eu vejo nos olhos dele, nas atitudes, na forma como se importa e se preocupa comigo.

— Eu vejo o mesmo, inclusive, conversei com ele e ele disse que quer um relacionamento sério com a minha irmã — Fernanda disse com muita convicção e eu soube logo que estava falando a verdade, ela não inventaria aquilo apenas para me ajudar.

Minha mãe encarou nós duas com os olhos arregalados, o semblante levemente assustado. Eu não sabia o que ela esperava ao ter essa conversa comigo, mas, com certeza, não era nada do que estava acontecendo agora, eu e Fernanda juntas, em defesa de Caio e dos sentimentos que nutríamos um pelo outro.

— Eu ainda não sei o que pensar sobre isso — ela murmurou no final, obviamente chocada.

— Mas não vai proibir a minha irmã de ficar com ele, certo?

— Fernanda, sua irmã é maior de idade, se eu a proibir de alguma coisa, só estarei a afastando de mim e não a impedindo de fazer o que sente vontade — disse minha mãe, me surpreendendo. Pegando em minha mão, ela continuou: — Tenho plena consciência de que você é uma mulher forte, decidida e consciente, eu confio em você e é por isso que não vou me intrometer muito no que está acontecendo entre você e o Caio. Só espero que você tome cuidado, meu amor, entendeu? Ele é mais velho e experiente.

— Mas é um bom homem, como a senhora mesmo disse — falei.

— Íntegro e de bom caráter — completou Fernanda.

— Sim e espero que ele seja desse jeito com você também — ela disse, encerrando o assunto ao se levantar e dar um beijo em mim e em Fernanda antes de voltar para as panelas.

Animada, puxei Fernanda pela mão e a agarrei em meus braços quando entrei em meu quarto, sem poder acreditar que aquela conversa realmente tinha acontecido e que ela tinha me ajudado.

— Obrigada, maninha, eu te amo muito, muito mesmo!

— Eu sei, sua chata, eu também te amo — ela disse em uma risada, se afastando um pouco de mim.

— Não acredito que Caio te conquistou a ponto de você sair em defesa dele!

— Não saí em defesa dele, saí em *sua* defesa. Desde que peguei você trocando mensagens com ele naquela manhã, eu venho notando que você está mais feliz, mais relaxada, que passou a confiar mais em si mesma, até voltou a pensar na sua coleção de moda. Eu gosto de te ver assim, Luna, sempre te achei tão bonita, criativa, talentosa, mas você sempre arrumava um jeito de se esconder, mesmo se mostrando nas redes sociais. Com Caio, você aprendeu a olhar para o seu coração e mostrar a sua beleza ao mundo e eu quero que você continue assim. Ele te faz muito bem e em breve a mamãe também vai perceber isso.

Eu não consegui segurar a emoção e comecei a chorar ali mesmo, voltando a abraçar a minha irmã e sentindo meu coração prestes a explodir. Suas palavras me tocaram profundamente porque, primeiro, eram verdadeiras e, segundo, demonstravam o amor que ela sentia por mim, o modo como se importava e se preocupava comigo, mesmo com aquela mania de adolescente de não querer externar os seus sentimentos.

— Eu te amo muito, você foi o melhor presente que nossos pais poderiam ter me dado — falei baixinho em seu ouvido e ela fungou. *Fungou*. Minha pestinha estava chorando.

— Eu também te amo muito, mas se você contar para alguém que eu chorei, nunca mais falo com você.

Ri em meio às lágrimas e sequei o rosto dela, dando um beijo longo em sua bochecha.

— Não vou contar para ninguém, vai ser o nosso segredo.

A abracei mais uma vez antes de deixá-la ir e, assim que me vi sozinha, peguei o meu celular e comecei a enviar um áudio para Caio, contando sobre a loucura que havia acontecido em minha vida na última meia hora.



Caio

Meus pais tinham a intenção de fazer um bate-volta em Santo Elias, mas como saímos da casa de Ramon perto do anoitecer, consegui convencê-los a dormir na minha casa. Havia feito questão de ter um quarto de hóspedes

justamente por isso, pois queria que se sentissem confortáveis quando viessem para a cidade. Acordei cedo para preparar um bom café da manhã e comemos juntos em meio à uma conversa animada.

— Nunca imaginei que veria Ramon tão leve! Aquela menina trouxe luz à vida dele — minha mãe comentou, encantada com Gabi.

— Sim, é nítido como ele está radiante. Fico muito feliz por ele, depois de tudo o que passou quando era tão novo, ele merece essa felicidade, construir uma família — meu pai disse e eu concordei com a cabeça. — E a menina de cabelos coloridos, Caio? Luna, certo?

— Sim, querido. Meu Deus, como ela é maravilhosa!

— Ela é mesmo — falei, sem conseguir disfarçar o meu sorriso. — Não sei se perceberam, mas estou apaixonado por ela.

Eu era assim, direto, sem poupar palavras quando precisava colocar algo para fora. Rindo, meu pai disse:

— Não me diga! Eu nem notei que você não conseguia parar de olhar para ela.

— E ela também não tirava os olhos de você — disse minha mãe, tocando em meu braço com carinho. — Ela é muito especial e não poderia ter se apaixonado por alguém melhor. Você é como o seu pai, querido, o homem dos sonhos de qualquer mulher.

— É a perfeição dos genes Alcântara! — disse meu pai piscando para ela.

— Pronto, agora vão descobrir de onde puxei o meu lado egocêntrico.

Eles começaram a rir de mim e eu guardei aquele momento no meu coração, assim como sempre fazia quando eles estavam presentes. Logo depois do café, eles se arrumaram para partir e nos despedimos com beijos e longos abraços, além da promessa de que eu iria em breve à Goiânia, levando Luna comigo. Ela e minha mãe haviam trocado números de celular e Dona Elizabete deixou claro que iria manter contato. Eu estava na torcida para que Luna se sentisse bem conversando com ela e começasse a se abrir aos poucos, pois tinha certeza de que minha mãe poderia ajudá-la.

Voltei para dentro e terminei de arrumar tudo na cozinha, já pensando em ir almoçar na casa de Ramon e levar Luna comigo para, depois, darmos um passeio. Já estava louco de saudade, mesmo tendo conversado com ela por boa parte da madrugada. Como se soubesse que eu estava pensando nela, meu celular anunciou a chegada de uma nova mensagem e um sorriso se abriu em meus lábios ao ver seu nome na tela. Ela havia me mandado um áudio de três minutos, que, se fosse de qualquer outra pessoa, eu ignoraria,

mas como estava apaixonado, me sentei no banquinho em frente à bancada da cozinha e comecei a ouvir.

Eu não saberia explicar o que me deixou mais surpreso, a constatação da sua mãe de que ela estava apaixonada por mim, o fato de ela quase ter morrido engasgada, Fernanda a ajudando na conversa tensa ou Rosana em três modos: chocada, em dúvida sobre os meus sentimentos e as minhas reais intenções com Luna e, por fim, falando que não iria se intrometer na nossa relação, pois confiava na filha.

Qualquer homem — homem não, moleque — em meu lugar, ficaria tranquilo ao final do áudio, sentindo que o caminho estava livre para poder investir em um relacionamento, mas eu não era assim. Encarei o celular com a tela desligada, me sentindo um babaca por Rosana provavelmente achar que eu realmente *era* um babaca, afinal, ela não disse que não iria se intrometer no nosso relacionamento porque confiava em mim e, sim, porque confiava apenas em Luna. E eu achava que a confiança era a base de tudo, assim como o respeito. Queria conquistar a confiança dela, queria que sentisse que eu estava ali para cuidar e me dedicar à sua filha, não para me aproveitar dela.

Não sei ao certo o que respondi à Luna, acho que enviei alguma coisa falando que estava feliz por elas terem conversado, depois disso, tomei um banho rápido, entrei em meu quarto e dirigi até a fazenda de Ramon. Acho que havia chegado o momento de alugar a orelha do meu melhor amigo por algumas horas, pois eu estava me sentindo um pouco perdido. Assim que cheguei, fui recebido por Cissa, que logo me abraçou, beijou e me ofereceu um monte de comida, que eu educadamente recusei.

— Mas você está muito magrinho, filho. Sei que deve se alimentar mal nessa correria que é a sua vida — ela disse toda carinhosa e eu beijei sua bochecha.

— Cissa, o que seria da minha vida sem você?

— Nada, assim como seria a minha — Ramon disse, descendo as escadas. — Já veio filar o almoço da Cissa de novo? Vou começar a cobrar ingresso.

— Como você é implicante, meu Deus! Saiba que tem comida suficiente e não esqueça de chamar Luna para almoçar também. Gosto tanto daquela menina, querido — Cissa disse com ar sonhador, olhando diretamente para mim. — Ela parece um sonho de tão linda e charmosa.

— Concordo plenamente — falei, dando uma piscadela para ela e, rapidamente, a senhorinha entendeu tudo. Dando-me um sorriso radiante, ela quase pulou de alegria na minha frente.

— Que bom que você concorda, assim eu não preciso falar mais nada! — Virando-se para Ramon, ela disse: — Está vendo, Ramon? Era assim que você deveria ter agido quando começou a se apaixonar pela Gabi e não ter fugido como um bobo. Caio não perdeu tempo! Agora vou deixar vocês a sós para conversarem.

Soprando-nos um beijo, ela se afastou e fui com Ramon até o escritório. Precisei ignorar a onda de desejo que me tomou ao fitar a porta fechada, onde beijei Luna e quase enlouqueci de tanto desejo, e voltei a focar em Ramon, o encontrando com o cenho franzido e um sorriso sardônico.

— Você? Apaixonado? Só a Cissa mesmo para acreditar nisso.

— É verdade.

— Verdade? Conta outra, Caio — ele riu de mim, balançando a cabeça. — Você pode até estar interessado em Luna, não sou idiota, já peguei você olhando pra ela várias vezes, fica agarrando a menina em qualquer oportunidade, mas, apaixonado? Não, a mim você não engana.

Caralho, foi como tomar um balde de água fria. Se Ramon, que era meu melhor amigo, não conseguia acreditar em meus sentimentos, como Rosana acreditaria?

— Não estou brincando — falei bem sério, mas o babaca parecia não estar vendo a verdade na minha cara.

— Caio, não precisa mentir para mim. Se estiver sentindo desejo pela Luna, pode falar, não vou cortar a sua cabeça por isso, só vou te alertar que ela não é como as mulheres com quem você costuma se envolver, não sei se saberia lidar com casos de uma noite só. Paixão é muito mais do que desejo, meu amigo.

— Está achando que eu não sei a diferença entre desejo e paixão?

— Levando em consideração que você não tem o costume de se apaixonar, acho que sim — ele riu, mas eu não senti a mínima graça.

— Não sou tão idiota assim, Ramon. Não sei se você lembra, mas eu soube que você estava apaixonado pela Gabizinha bem antes de você admitir para si mesmo. Acha que eu seria capaz de reconhecer esse sentimento em outra pessoa, mas não em mim? — O sorriso dele foi esmorecendo conforme foi ouvindo as minhas palavras, mas eu não parei. — Eu vim aqui porque pensei que poderia me abrir com você, mas como vou fazer isso se você não acredita em mim? Acho melhor eu ir embora — falei já me levantando.

Daquela vez eu não estava sendo dramático ou fingindo, estava realmente desapontado por Ramon não ter me levado a sério.

— Espera, Caio, desculpa! — Ele pediu, vindo atrás de mim e tocando em meu ombro. Pude notar que estava realmente arrependido quando me virei. — É claro que você pode se abrir comigo! Eu só fui pego de surpresa, não pensei que estivesse falando sério.

— Mas eu estou.

— Agora estou vendo. Senta aqui, me conta essa história direito.

Ele apontou para o sofá e me sentei, vendo-o ir até o bar e pegar uma garrafa de uísque.

— Ei, você não pode beber! Está tomando remédio, esqueceu?

— Não é pra mim, é pra você — falou, me estendendo o copo com uma dose e três pedras de gelo. — Acho que você está precisando.

O babaca realmente me conhecia afinal, pois eu estava mesmo precisando de algo forte para poder iniciar aquela conversa e chegar ao ponto que estava me incomodando desde o áudio de Luna. Para que Ramon pudesse entender exatamente o que estava acontecendo, precisei fazer uma retrospectiva da história com a minha gatinha até ali. Ele me ouviu atentamente e não me interrompeu em momento algum, só demonstrou reações arqueando e franzindo as sobrancelhas e balançando a cabeça. Deixei de fora a parte do abuso que Luna havia sofrido, pois sabia que aquela era uma história muito particular, mas falei sobre como as amigas, principalmente Maíra, havia sido maldosa com ela e como tudo culminou para que nos beijássemos naquela noite em seu quarto.

— Calma aí, você entrou no quarto dela pela janela?

— Sim.

— E a beijou no quarto dela?

— Sim.

— E não transaram?

— Lógico que não!

Ele me olhou muito assustado e apoiou a mão boa em meu ombro.

— Meu amigo, tenho uma coisa muito séria para te dizer — anunciou e eu esperei. — Você está *muito* apaixonado por ela. Ainda estou chocado, mas essa é a verdade.

— Eu sei.

— E é isso que está te preocupando? O fato de estar apaixonado por ela?

— Não, eu já me declarei e ela também se declarou, o problema é outro e se chama Rosana.

— Agora eu entendi. É, realmente, você tem um problema.

— Nossa, Ramon, muito obrigado por *nada*! — reclamei e ele riu da minha cara.

— Desculpa, mas é a verdade. Rosana é uma mãe exemplar, ela faz tudo pelas filhas, é óbvio que vai ficar com os dois pés atrás sobre você.

— Pois é. Ela e Luna conversaram hoje, ela até disse que não vai se intrometer na nossa relação porque confia na filha, mas isso não está certo, quero que ela veja que eu não vou brincar com Luna, que os meus sentimentos são verdadeiros e que a minha intenção é a melhor possível.

— Então mostre isso a ela! — Gabizinha disse de repente, entrando no escritório de supetão e me assustando pra cacete. Quase deixei o copo cair. — Desculpa, eu juro que não sou uma enxerida, é que eu estava prestes a entrar e acabei ouvindo um *pouquinho* da conversa de vocês.

— Um pouquinho? — Ramon perguntou com um sorriso, que Gabizinha retribuiu.

— Sim, só um pouquinho. Então, aproveitando que eu já estou aqui, vou deixar claro o que penso. Rosana não vai começar a confiar em você em um passe de mágica, Caio, e ficar quebrando a cabeça também não vai adiantar. Você precisa *mostrar* a ela que merece a sua confiança.

— Gabi tem razão. É como diz aquele ditado, “ações valem mais do que palavras”.

— Exatamente!

Putá merda, eles estavam certos! Como eu poderia conquistar a confiança da minha futura sogra, se estava ficando às escondidas com a sua filha e não tomava uma atitude de verdade? Estava na hora de provar para ela que eu era o homem certo para Luna! Com um sorriso confiante, deixei o uísque de lado e anunciei:

— Já sei o que vou fazer!



Estacionei o carro em frente à casa de Luna e peguei meu celular, ligando para ela. Poderia ter enviado uma mensagem, mas fiquei com receio de que demorasse muito para responder. No quarto toque, ela atendeu:

— Oi, *advogado*!

— Oi, gatinha — falei, já saindo do carro e abrindo o portãozinho da sua casa. — Preciso te fazer uma pergunta muito importante. Está preparada para

responder?

— Nossa, agora você me deixou curiosa. Sim, estou preparada. O que é?

— Você confia em mim?

— Claro que sim, você sabe disso. Por que a pergunta?

— Porque eu estou aqui em frente à sua porta, pronto para conversar com a sua mãe e preciso que você venha abrir para mim.

— O quê? — Ela praticamente gritou e pude ouvir os seus passos apressados do outro lado da linha. A porta se abriu de repente e dei de cara com ela com uma touca de banho no cabelo, usando um *baby-doll* rosa que tinha o *short* curtinho e uma blusinha fina que deixava os seus mamilos em evidência. Precisei engolir em seco para conter o desejo que arrepiou o meu corpo. — Como assim você está pronto para conversar com a minha mãe?

— Acho que já podemos desligar o celular — falei com uma risada, tirando o aparelho da orelha. Aturdida, ela fez o mesmo. — Espero que ela esteja em casa.

— Ela está, mas... O que você vai conversar com ela?

— Deixe-me entrar e você vai saber.

Ela escancarou a porta e eu entrei, sentindo o cheiro de comida caseira e o barulho da TV ligada.

— Eu... Eu vou na cozinha chamá-la — ela disse já preparada para se afastar, mas eu a puxei pela mão e a trouxe de volta para mim, tocando a sua bochecha.

— Não precisa ficar nervosa, prometo que não vou fazer nenhuma besteira. Mesmo assim, foi justamente uma risada nervosa que saiu da sua boca.

— Tá bom. Já volto.

Ela desapareceu em direção à cozinha e eu respirei fundo, tentando me lembrar da última vez que havia encarado a mãe de uma ex-namorada minha. Bom, havia sido na adolescência, quando namorei pela primeira vez, mas isso quase não contava, porque tanto ela quanto a filha já me conhecia há anos. Quando namorei pela segunda vez, já estava na faculdade e os pais dela haviam falecido anos antes. Então essa era, oficialmente, a primeira vez na vida que eu encarava uma futura sogra. Luna voltou para a sala com uma Rosana desconfiada e levemente assustada e uma Fernanda empolgada, que vinha logo atrás. Ela acenou para mim e disse “boa sorte” apenas movendo os lábios e eu sorri, acenando discretamente com a cabeça para ela.

— Caio, que surpresa. Não sabia que viria aqui hoje — Rosana disse, olhando rapidamente para Luna.

— Eu também não sabia, mãe.

— Não sabia mesmo, se soubesse, não estaria com uma touca de banho na cabeça — Fernanda disse, tirando a touca do cabelo de Luna, que estava cheio de creme. — Pronto, assim está menos pior.

— Ai, meu Deus, eu tinha esquecido disso! Estava hidratando o cabelo! — ela disse envergonhada e eu a abracei pelos ombros, sendo observado pelos olhos de águia da sua mãe.

— Você fica linda de qualquer jeito, gatinha.

— Nossa, o amor é cego mesmo — Fernanda comentou revirando os olhos, mas segurando um sorriso.

Rosana apontou para o sofá e eu me sentei junto com Luna, buscando dentro de mim a experiência que havia adquirido ao longo dos anos para poder falar pelos meus clientes e tomar conta de seus interesses. Não adiantou de nada, continuei nervoso do mesmo jeito, pois aquela situação era completamente diferente de tudo o que eu já havia vivenciado.

— Rosana, sei que já vim aqui uma vez para conversar com você e explicar quais eram as minhas intenções com Luna. Na época, garanti que seria apenas amigo dela, que você poderia ficar tranquila, pois eu jamais a machucaria. Essa segunda parte não mudou, mas os meus sentimentos mudaram e as minhas intenções também. Sei que o meu histórico pesa muito no seu julgamento sobre mim e não te culpo, mas essa parte da minha vida se tornou passado no momento em que percebi que eu estava completamente apaixonado pela sua filha. Luna se tornou especial para mim assim que decidi me aproximar dela e ter a sua amizade, mas esse sentimento foi crescendo conforme fui conhecendo cada nuance da sua personalidade, me encantando pelo seu sorriso e sentindo meu peito se apertar de saudade toda vez que eu precisava ficar longe — falei, encarando Luna rapidamente e vendo seus olhos rasos d'água, a expressão emocionada. — E foi justamente esse sentimento tão forte que me fez perceber que eu quero ser aquele com quem ela vai poder contar para tudo o que precisar, que vai cuidar e protegê-la de qualquer mal, sendo muito mais do que um amigo, mas um companheiro, um namorado.

— Ai, Jesus... — Luna murmurou baixinho do meu lado. — Vou desmaiar.

— Não desmaia, gatinha, aguenta firme — pedi e ela assentiu com os olhos arregalados e brilhando muito.

Quando me virei para encarar Rosana novamente, a encontrei com os olhos em cima de Luna e uma expressão tão tranquila, que comecei a ficar com

medo. Eu esperava que ela fosse me escorraçar da sua casa depois de me mandar ficar bem longe da sua filha, tinha até me preparado para isso e pensado no que mais eu poderia falar para que acreditasse em mim, no entanto, para a minha surpresa, ela voltou a me encarar e sorriu. *Sorriu.*

— Talvez as minhas filhas queiram me matar depois do que eu vou falar, mas preciso contar o que me fez abrir os olhos e o coração, além do que você me disse agora, é claro. Acho que Luna deve ter comentado que conversamos hoje mais cedo sobre vocês dois e, até aquele momento, eu confesso que estava com muito medo de ela estar se enganando sobre você. No entanto, sem querer, acabei ouvindo a conversa dela com Fernanda quando foram para o quarto e a minha filha caçula disse algo que me fez enxergar o que esteve o tempo todo na minha frente e eu não consegui ver. Ela disse que, desde que você entrou na vida da Luna, minha filha tem mudado muito e é para melhor. Tem se libertado da insegurança, se tornado mais forte, mais corajosa e decidida, tem sorriso mais e demonstrado muita alegria. Não que ela não fosse feliz antes, mas essa é uma alegria diferente, uma alegria apaixonada, de quem está sentindo e recebendo amor de volta. Eu sei como é esse sentimento e não vou privar a minha filha dele. Você faz bem a ela, Caio, e, do mesmo jeito que ela confia em você, eu também vou confiar. Eu dou a minha bênção para vocês e espero que sejam felizes.

— Isso! — Fernanda comemorou baixinho, pulando de um pé para o outro e Luna saiu correndo para abraçar Rosana.

— Mãe, nem acredito! Eu amo muito a senhora e não estou com raiva por ter ouvido atrás da porta.

— Nem eu! Se eu soubesse que era só isso que faltava para te convencer, teria falado na cozinha mesmo, mãe — Fernanda disse, fazendo todo mundo rir.

Eu fiquei com medo do meu coração sair pela minha garganta de repente, de tão acelerado que estava. Nem conseguia explicar a sensação de felicidade que me envolvia, por isso, me levantei e estendi as duas mãos para que Rosana e Luna segurassem e se levantassem. Puxei minha namorada — caramba, *namorada* — para o meu lado e dei um abraço em minha sogra — minha *sogra*, porra! —, sem quase conseguir me conter. Queria pular de um pé para o outro como Fernanda, mas achei que seria um pouquinho demais.

— Obrigado pela confiança, Rosana. Prometo que vou cuidar de Luna com todo o meu amor.

— Eu espero que sim — ela disse com um sorriso gentil.

Luna me abraçou com força pela cintura e eu tomei seu rosto em minha mão, finalmente podendo beijá-la sem ter que me preocupar com quem poderia nos ver juntos ou não. Claro que não fui desrespeitoso, até porque, minha sogra estava bem ali e minha cunhadinha também, mas dei um beijo longo, cheio de sentimento e felicidade. Quando nos afastamos, voltei a olhar para Rosana, que nos olhava como se tivesse que levar um tempo para se acostumar com aquela cena.

— Gostaria de saber eu posso levar Luna para jantar hoje à noite — falei, apertando mão da minha gatinha. Logo me lembrei de acrescentar: — Com todo o respeito, é claro.

— Claro que sim, vocês agora são namorados e eu não sou uma mãe careta.

— Isso aí, mãe! Vou me lembrar disso quando chegar a minha vez — Fernanda disse.

— Vai demorar muito para chegar a sua vez — Rosana disse.

— E o moleque vai ter que passar por mim antes — falei, vendo uma expressão de deboche tomar conta do rosto dela.

— Eu fiquei do seu lado nessa história toda, esqueceu?

— Claro que não, só que você é a minha cunhadinha favorita e é o meu dever cuidar você.

— Luna, não aprovo mais esse relacionamento, pode terminar com ele.

— Nunca! — Luna disse rindo dela e me abraçando mais um pouco.

Como se quisesse nos dar privacidade, Rosana saiu da sala e levou Fernanda junto. Eu aproveitei aquele momento sozinho para tomar o rosto de Luna em minhas mãos.

— Agora eu preciso fazer o pedido para a pessoa mais importante de todas... Quer namorar comigo, gatinha?

— Eu pensei que estivesse bem claro a minha resposta — ela disse com um sorriso enorme, ficando na ponta dos pés para me abraçar pelo pescoço. — É óbvio que quero namorar com você, *advogado*! É verdade que vamos sair para jantar hoje à noite?

— Claro que sim. Será o nosso primeiro encontro.

— Acho que atropelamos um pouco as coisas, mas eu não ligo.

— Que bom, porque eu também não ligo nem um pouco, gatinha — falei, passando meus lábios nos dela para murmurar: — Minha namorada.

— Meu namorado — ela repetiu antes de me beijar.



Capítulo 27

Luna

“EU ESTOU NAMORANDOOOOOOOO!”

“E VOU A UM ENCONTRO COM O MEU NAMORADO (foque no MEU NAMORADO) HOJE À NOITEEEEEEEEE!”

“Você acha que eu deveria depilar a virilha, amiga? ESTOU NERVOSA!”

Não saberia dizer qual das três mensagens desesperadas que enviei para Gabi foi a responsável para fazer com que ela batesse em minha porta, mas, por via das dúvidas, agradei às três, pois, naquele momento, eu precisava muito surtar com a minha melhor amiga. Assim que ela chegou, a arrastei para o meu quarto e ficamos que nem duas idiotas pulando abraçadas perto da minha cama, fazendo de tudo para não gritar de felicidade. Ela agradeceu a Deus um milhão de vezes por ter tocado o coração da minha mãe para fazer com que ela permitisse o nosso namoro e acabou me contando que Caio havia passado no casarão antes de vir para minha casa e conversado com Ramon. Fiquei com o coração derretido ao saber que ele havia pedido conselhos ao amigo.

— Me ajude a escolher uma roupa! Meu Deus, eu não faço ideia do que vestir, porque não sei para onde Caio vai me levar.

— Calma aí, vou sondar com ele.

Gabi começou a trocar mensagens com Caio e, dez minutos depois, parou ao meu lado em frente ao meu guarda-roupa.

— Ele disse vai te levar em um restaurante na cidade vizinha, falou que será um jantar romântico.

— Então eu tenho que usar salto — falei, já tirando minha sandália preta de salto alto de dentro do guarda-roupa. Havia ganhado de presente da minha

mãe no último natal e estava novinha, pois quase nunca usava. — E a roupa?

Gabi começou a mexer nas minhas roupas no cabide, falando “não” para a maioria, até puxar dois vestidos, um branco de alcinhas e um verde-escuro com pequenas bolinhas pretas, decote profundo na frente dos seios e mangas transparentes. Eu o considerava muito sensual, por isso mesmo nunca havia usado.

— Prova os dois e vamos ver qual vai ficar melhor!

Foi o que fiz e, por fim, optamos pelo verde. Eu ainda estava com creme no cabelo — jamais me esqueceria da vergonha que senti quando me dei conta de que atendi Caio com touca na cabeça — e, como precisava tirar, achei melhor tomar logo um banho para depois focar em me arrumar. Eu nunca havia ido em um encontro na minha vida — realmente não considerava aquela ida desastrosa ao cinema com Nicolas como um encontro — por isso, estava nervosa, com um frio imenso na barriga. A sensação era boa, pois me enchia de expectativas e me deixava ansiosa para que a noite chegasse e Caio viesse logo me buscar.

Saí do chuveiro e encontrei Gabi mexendo na minha pasta de *croquis*. Ela olhava com um sorriso no rosto para os desenhos e ergueu os olhos em minha direção quando fechei a porta.

— Nossa, Luna, as roupas estão maravilhosas! Eu queria usar todas! Queria não, quero, pois tenho certeza que elas vão sair do papel.

— Tomara, amiga. Estou me organizando para comprar alguns cortes de tecido e trabalhar em uma das peças, espero que dê certo!

— Claro que vai dar certo! Você é muito talentosa! — disse ela, colocando a pasta em cima da mesa. — Agora, vamos focar em te deixar mais linda do que já é para arrasar com o coração do seu *advogado*!

Gabi ficou comigo pelo resto da tarde, me ajudando a me arrumar. Pintei as unhas rapidamente, em seguida, estudamos como seria melhor deixar o meu cabelo. Eu queria que o destaque ficasse para o vestido, por isso, optamos por um rabo de cavalo mais despojado, com alguns fios adornando o meu rosto. Gabi fez ondas nas pontas com o auxílio de um *babyliiss* e me ajudou com a maquiagem, insistindo para que eu usasse o batom vermelho, já que meus olhos estavam simples com uma sombra fraquinha e um delineado fino. Aceitei a sua sugestão e coloquei o vestido e a sandália por último. Quando me olhei no espelho, quase não acreditei no mulherão que me encarou de volta. Eu estava tão... Linda. Não estava apenas me sentindo bem ou normal, estava me sentindo linda.

— Você está perfeita, amiga! Meu Deus, Caio vai enfartar quando te ver!

— Tomara mesmo que ele goste, porque eu amei — falei, virando-me para ela com um nervosismo no pé da barriga. — Gabi, eu me depilei. Não é que eu ache que a gente vai transar nem nada, é só porque... Ah, não sei! Achei que era melhor prevenir.

— Está certa! E não se cobre tanto, se o clima esquentar e você sentir que quer ir adiante, apenas vá. Tenho certeza que Caio só vai fazer o que você quiser.

— Eu também tenho, por isso que confio nele. Não é engraçado que agora seja eu a pessoa que está se arrumando para ir a um encontro? Parece que foi ontem que eu ajudei você a se arrumar para ir encontrar o Ramon no seu aniversário.

— Sim, o tempo passou muito rápido e tanta coisa aconteceu desde então. Eu nem acredito que isso está acontecendo mesmo! Ver você e Caio juntos é como um sonho sendo realizado! Estou tão feliz!

Nós nos abraçamos bem forte e eu me senti muito grata, mais uma vez, por ter Gabi em minha vida. Ela logo se despediu de mim e desejou que a minha noite fosse maravilhosa e eu dei os últimos retoques na maquiagem antes de Fernanda bater na porta do meu quarto e avisar que Caio havia chegado e que estava me esperando na sala. Ela disse que eu estava linda e minha mãe também, quando veio se despedir de mim ainda no corredor em frente ao meu quarto. Sozinha, fui até a sala e encontrei o meu *advogado* em pé perto do sofá, usando uma calça jeans branca e uma blusa social da mesma cor, me deixando completamente sem fôlego com a sua beleza tão masculina.

— Minha nossa, gatinha! — Ele exclamou, fechando rapidamente a nossa distância e me olhando de cima a baixo lentamente. Precisei fingir que não fui golpeada com uma onda de desejo quando seus olhos se demoraram em meu decote, pois minha consciência me alertava que a minha mãe estava no cômodo ao lado. — Você sabe o que eu quero, vem cá.

Ele me estendeu a mão e eu fui, dando a vultinha que ele sempre me pedia para dar na maioria das vezes, só que, dessa vez, foi diferente. Eu me senti muito mais sensual e bonita, como se ele pudesse tocar o meu corpo inteiro apenas com a força do olhar.

— Você está tão maravilhosa que eu nem sei o que dizer. Vai ser difícil manter a sanidade durante o jantar, gatinha. Você está gostosa demais.

— Você também está muito lindo, *advogado*. E gostoso.

— Mesmo? Me arrumei para você — disse ele, me arrancando um sorriso

ao passar o dedo pelo colarinho da camisa. — Vamos? Não podemos nos atrasar, pois fiz reserva.

— Reserva? Eu não entendo muito dessas coisas, mas sei que, se você precisa reservar uma mesa em um restaurante, é porque ele é bem disputado. Como conseguiu isso em cima da hora?

— Um homem que tem conhecimento, tem tudo, pequena — ele piscou e eu senti o impacto da sua sensualidade dentro de mim.

Que Deus me ajudasse, pois, assim como Caio, também seria difícil manter a minha sanidade durante o jantar.



Eu mal podia acreditar que havia um restaurante como aquele a apenas vinte e cinco minutos de Santo Elias. Já na entrada consegui sentir o cheiro de dinheiro com o *maître* nos recebendo vestido em um *smoking* e sendo cordial ao me chamar de senhorita. Eu fiz de tudo para não parecer uma idiota e mantive minha boca bem fechada para não babar ao notar a decoração sofisticada em madeira, com pequenos lustres no teto, que pareciam dar vida às mesas cobertas por linho branco e cadeiras estofadas em um tecido azul-escuro. A quantidade quase nula de mesas vazias pelo salão justificava a necessidade de se fazer uma reserva, mas, surpreendentemente, o senhor de *smoking* não parou em nenhuma delas e seguiu em frente, abrindo portas duplas de madeira para que passássemos.

— Não vai me dizer que a única mesa que restou para nós dois foi na cozinha ao lado do *chef* — sussurrei para o *advogado* e ele riu baixinho.

— O único *chef* que você vai ver cozinhando será eu, gatinha. Muito em breve.

— Vai cozinhar vestindo aquela cueca branca e um avental? — perguntei, encontrando seu olhar surpreso e um sorriso malicioso brincando em seus lábios. — É uma fantasia que eu tenho.

— Só se você for a sobremesa.

— A gente pode negociar.

Ele me deu um olhar cheio de más intenções, mas não teve tempo de me responder, pois o *maître* parou em frente à duas portas de correr e as abriu, revelando uma sala aconchegante com paredes na cor creme, sofás de couro branco, mesa posta para dois, som ambiente e um teto com pequenas flores

suspensas. Era tão lindo e romântico que nem parecia ser real.

— Senhor e senhorita, espero que o ambiente esteja agradável. Pelos *tablets* os senhores terão acesso ao cardápio e à área digital para fazer o pedido, mas se precisarem de alguma ajuda especial, é só solicitar o garçom. Desejo uma ótima noite ao casal.

Nós agradecemos e o senhor se retirou, fechando as portas ao sair. Finalmente sozinha com o meu *advogado*, pude dar uma volta lenta pela sala exclusiva apenas para nós dois e declamar o quanto eu estava encantada:

— Acho que eu estou sonhando! É tão lindo, meu Deus!

Caio me puxou delicadamente pelo braço, até parar na minha frente e pousar as duas mãos em minha cintura. Por conta do salto, eu ficava mais alta e conseguia ver a luz dourada vindo do teto e iluminando os seus olhos.

— Você gostou mesmo?

— Você ainda pergunta? Nunca vi nada tão lindo! Você realmente não brincou quando disse que era romântico, *advogado*.

— Você merece o meu lado mais romântico, pequena — disse ele, abaixando o rosto para passar o nariz lentamente sobre o meu. — Espero que esse seja o primeiro encontro dos seus sonhos.

— Está superando os meus sonhos. Na verdade, você já é a superação de todos os meus sonhos, *advogado*.

Ele me deu um sorriso carinhoso e encostou os lábios nos meus, me dando um beijo lento, suave, como se quisesse acariciar cada cantinho que sua língua conseguia alcançar dentro da minha boca. Mesmo assim, não consegui conter a onda de desejo que arrepiou a minha pele e me fez arranhar de leve a sua nuca, ouvindo seu gemido baixinho abafado contra os meus lábios.

— Hum... Se continuarmos assim, vou ter que pular o jantar e a sobremesa e te levar pra minha casa — ele disse em um sussurro sensual, descendo os lábios pelo meu pescoço e me fazendo dar uma risada nervosa e excitada. — Mas não farei isso, porque estou sendo o A de amor essa noite.

— Já estou apaixonada pelo segundo A.

— Espero que se apaixone ainda mais, gatinha — disse ele, me dando mais um selinho antes de se afastar. — Vem, temos um jantar nos aguardando.

De mãos dadas, fomos até a mesa e Caio arrastou a cadeira para que eu me sentasse, sentando-se à minha frente. Eu peguei o *tablet* ainda sem acreditar direito que estava em um encontro com o meu *advogado*, que agora era meu namorado e que estava prestes a jantar em uma sala reservada apenas para nós dois em um restaurante chique. E caro. Meus olhos quase saltaram

quando vi o preço de uma entrada.

— Caio, eles estão cobrando quase cem reais por uma salada com queijo.

— Queijo de cabra, gatinha.

— Muito caro, vamos sair daqui e comer hambúrguer naquele outro restaurante.

Caio riu e tocou a minha mão por cima da mesa, inclinando-se para me olhar.

— Você havia dito que se interessava por gastronomia, achei que iria gostar daqui. Sobre o preço, não se preocupe com isso.

— Eu me interesso sim, inclusive, estou curiosa sobre esse queijo de cabra, mas não posso fazer com que você gaste um salário mínimo em um jantar.

— Se conforta o seu coração, o dono do restaurante é meu amigo...

— Isso significa que ele vai te dar cinquenta por cento de desconto? — O interrompi.

— Isso significa que ele nos cedeu essa sala reservada como cortesia. Falei para ele que estava tentando impressionar a minha namorada — ele piscou para mim e eu larguei o *tablet* sobre a mesa, me levantando e saindo correndo para sentar em seu colo. Ver o seu sorriso de perto me deixou com o coração acelerado.

— Você não precisava fazer nada disso para me impressionar, mas eu estou muito feliz por ser tão cuidadoso comigo.

Ele acariciou a minha coxa com delicadeza até a linha do vestido e beijou minha clavícula exposta, me deixando arrepiada.

— Está feliz por estar aqui?

— Sim, muito. Não por ser caro, nem por ter comidas que sempre chamaram a minha atenção, mas por estar aqui com você.

— Então é só isso que importa — disse ele, me arrancando um beijinho rápido. — Acho que você pode permanecer aqui pelo resto da noite.

— Claro que não, seu safado! Já quer se aproveitar de mim. Você é muito sem vergonha mesmo!

Sua risada abafou o som ambiente da sala e eu a interrompi com mais um beijo antes de voltar para o meu lugar. Acabei optando pela salada absurdamente cara com queijo de cabra e avelãs e Caio me seguiu. Como prato principal, pedimos *aligot* com filé de cordeiro e Caio escolheu um vinho *rosé* internacional superpremiado que eu preferi não ver o preço. Eu não era idiota, sabia que restaurantes daquele nível eram caros, mas como nunca tive dinheiro para ir em um, quase não pensava neles. E nem sonhava

que tinha algo desse tipo tão perto de uma cidadezinha como Santo Elias. Pelo visto, o amigo de Caio pensou em abrir algo mais luxuoso para ser frequentado pelos fazendeiros ricos da região — só isso explicava o fato dele ser tão disputado.

Um garçom apareceu minutos depois com a garrafa de vinho e nos serviu, avisando que voltaria em breve com as entradas. Encostei a minha taça na de Caio e tomei um gole da bebida que, pelo amor de Deus, parecia um elixir dos deuses de tão suave.

— Minha nossa, achei a minha bebida favorita! Preciso fazer muito sucesso como estilista para poder colocar cinquenta garrafas dessa na nossa adega climatizada super chique.

— Você acabou de me dar uma ótima ideia. Não tenho uma adega climatizada, vou me planejar para construir uma — disse ele. — Apesar de eu ter certeza de que teremos que fazer uma boa reforma na minha casa, para poder abrigar os nossos quinze filhos.

— Já falei para você tirar essa ideia da cabeça — lembrei, vendo-o rir.

— Está bem, eu aceito a sua oferta inicial de dois filhos, depois a gente negocia um terceiro.

— Só depois que eu me formar.

— É claro, gatinha, não desejaria algo diferente — disse ele e eu assenti, tomando mais um pouco do vinho. Nossa, era bom mesmo. — Agora, falando sobre a sua faculdade, me conta como está a sua coleção. Estou me sentindo negligenciado por ainda não ter visto nem um desenho!

— Não seja por isso, eu tirei fotos de alguns, vou te mostrar. — Tirei o celular da minha bolsa e coloquei na galeria, dando o aparelho para ele. — É só passar para o lado.

Senti um friozinho na barriga ao ver Caio olhando os meus desenhos com verdadeiro interesse. Suas sobrancelhas se arquearam e um sorriso orgulhoso se abriu em seus lábios, me fazendo ficar com a garganta seca.

— Nossa, são muito bons. Muito bons mesmo, meu amor — ele disse ainda olhando para o celular. — E as peças conversam entre si, achei as estampas muito bonitas.

— Eu tentei ser o mais fiel possível às estampas dos tecidos que pesquisei na internet, porque queria ver como ficaria nas peças. Meu sonho mesmo é poder comprar pelo menos alguns cortes deles para poder começar a trabalhar de verdade. Quero fazer esse vestido da primeira foto.

— E precisa de mais o quê além dos tecidos?

— Uma máquina de costura nova! Mas sei que não será possível ter uma agora, por isso, vou usar a antiga da minha mãe mesmo. Também preciso de material para fazer os moldes em tamanho real, mas posso usar jornal como base, assim como já fiz várias vezes... Enfim, não são coisas que eu precise com urgência, mas que fariam uma enorme diferença se eu tivesse. O que eu preciso mesmo, é dos tecidos, mas estou juntando dinheiro para isso e em breve vou conseguir. Estou pensando em fazer alguns doces para poder vender, para ter uma grana extra além da mesada que meu pai envia — falei, me calando ao observar o olhar intenso de Caio. — O que foi? Estou falando demais, não é? É que, agora que estou finalmente levando a sério a ideia da coleção, acabo me empolgando um pouco.

— Eu estou amando te ouvir, gatinha, e é essa empolgação que faz tudo acontecer. Você precisa mesmo alimentar os seus sonhos, criar objetivos, pensar longe... Está indo pelo caminho certo.

— Eu penso longe mesmo, longe até demais, na verdade. Quando eu tiver algumas peças prontas, estava pensando em fazer um ensaio fotográfico... Sabe, não profissional, mas com o meu celular mesmo, na fazenda, já que as roupas combinam com a paisagem. Na minha cabeça, tudo orna perfeitamente.

— As roupas combinam mesmo, lembro que você disse que tinha se inspirado enquanto andava pela fazenda. — Eu assenti com entusiasmo e entrelacei meus dedos aos dele quando tomou a minha mão em cima da mesa. — Vai dar certo e eu estou aqui para te ajudar. Sou um ótimo fotógrafo nas horas vagas.

— No que você não é ótimo?

— Em desenhar roupas — ele disse e eu ri. — Mas sou ótimo em apreciar a minha gatinha criando roupas, então, acho que compensa.

— Sim, claro que compensa. Vou fazer um desfile especial exclusivamente para você por causa disso.

— Jura? Então preciso saber se você vai criar *lingeries* também, só para preparar o meu coração.

— Ainda não, mas posso pensar em criar uma coleção no futuro. Deixo você participar do processo criativo e tudo.

— Vou poder vestir você e depois tirar? — perguntou ele, inclinando-se sobre a mesa e descendo a ponta dos dedos pelo meu pulso. — Prometo te despir lentamente, afinal, tenho que tomar cuidado com as peças.

Eu precisei cruzar as pernas debaixo da mesa para tentar conter o

formigamento que surgiu dentro da minha calcinha antes de responder:

— Só se prometer que vai dar uma opinião sincera depois.

— Claro, gatinha! Serei cem por cento honesto — sorriu e piscou para mim, se recompondo quando o garçom bateu na porta e entrou com o nosso pedido.

Deixamos a conversa de duplo sentido de lado e começamos a comer, emendando em outros assuntos. Eu tinha que ser sincera, a salada estava perfeita, o queijo tinha um gosto mais forte do que o normal, mas não roubava a cena e as avelãs traziam um adocicado maravilhoso. O prato principal também estava divino e eu coloquei em minha cabeça que, quando tivesse grana suficiente, faria um curso de culinária no futuro. Seria bom saber cozinhar aquele tipo de comida em casa, assim, não precisaria penhorar meus dois rins toda vez que quisesse comer algo diferente em restaurantes como aquele.

O garçom veio buscar os nossos pratos e começamos a dar uma olhada nas sobremesas. Àquela altura eu nem olhava mais para os preços, primeiro porque não queria ficar com peso na consciência por fazer Caio gastar tanto e, segundo, porque já estava me sentindo mais solta por conta do vinho maravilhoso. Havia opção de uma sobremesa grande para duas pessoas e resolvemos dividir uma cocada cremosa com sorvete de baunilha e calda de leite condensado. Ao deixar o *tablet* de lado depois de fazer o pedido, atentei-me melhor à música que estava tocando e sorri.

— Nossa, eu amo essa música. Acho que ela poderia fazer parte da sua *playlist*, amor.

Caio me deu um sorriso diferente, surpreso e emocionado e eu não entendi o porquê. Levantando-se de repente, ele veio para perto de mim e estendeu a mão.

— Então vem dançar comigo?

Eu nem pensei em negar. Com o coração aumentando as suas batidas em meu peito, coloquei a minha mão sobre a dele e me levantei, sentindo minhas pernas ficarem levemente bambas pela emoção. Era a primeira vez que eu dançava com o meu *advogado*, mas aquele momento tinha um peso maior, o que me trazia uma sensação diferente. Caio não era apenas a minha pessoa favorita no mundo, ele agora era meu namorado. *Namorado*. Acho que minha ficha estava começando a cair e não consegui conter a risadinha nervosa que escapou pelos meus lábios quando pousei minhas mãos em seus ombros e senti as suas minhas costas.

— O que foi? — ele perguntou abaixando um pouco a cabeça para encostar a testa na minha.

— Estou repetindo para mim mesma que isso aqui não é um sonho e que você é realmente meu namorado.

— Hum... Então você já sonhava em namorar comigo, gatinha?

— Não, eu nunca fui tão ousada assim, sonhava em, no máximo, me aproveitar do seu corpo delicioso e do seu pau grande.

Caio gargalhou, jogando a cabeça para trás e eu o acompanhei, colando ainda mais o meu corpo ao dele, sentindo o seu calor me envolver completamente.

— E você ainda tinha a cara de pau de falar que não queria saber sobre o meu pau. Você nunca me enganou, Luna!

— Ei, eu tinha que manter certa decência ao seu lado, não podia deixar que você achasse que eu era uma tarada. Éramos apenas amigos, esqueceu?

— No fundo, sempre fomos mais do que amigos, gatinha, só não sabíamos disso — disse ele, rodopiando lentamente comigo pela sala. Ainda bem que eu tinha o mínimo de memória corporal e sabia dançar inconscientemente, pois estava cem por cento focada no *advogado*. — E foi esse seu lado tarada que me trouxe até você, lembra?

— Sim, eu lembro da vergonha que eu passei. Nunca vou me esquecer de como quis me enfiar em um buraco e nunca mais sair — falei, vendo o seu sorriso sem vergonha. — Não ria de mim, Caio! O que me conforta é saber que você me ouviu dizer aquilo agora, quando já sou maior de idade, e não quando eu era uma adolescente sem noção.

Uma expressão confusa tomou o seu rosto e ele inclinou a cabeça para me olhar.

— Como assim? Não entendi.

Agora que Caio era meu namorado e que eu confiava totalmente nele, me senti à vontade para, finalmente, expor outra parte do meu passado. Respirando fundo para dar um traço de dramaticidade, falei:

— Eu era *apaixonadinha* por você quando era adolescente.

Observei suas sobrancelhas se arquearem e sua boca cair levemente aberta, enquanto ria da sua expressão chocada.

— Sério?

— Mas é claro que sim. Não estou aqui para contribuir com o seu ego enorme, mas, já se olhou no espelho, Caio? Você é lindo! Qualquer pessoa que se sinta sexualmente atraída por homens, ficaria louca por você e comigo

não foi diferente. Você fez parte dos meus sonhos molhados quando tinha uns quatorze e quinze anos.

Pensei que ele iria começar se gabar quando um sorriso malicioso se abriu em seus lábios, mas o *advogado* me surpreendeu ao colar o corpo ainda mais no meu e abaixar a cabeça até tocar o nariz em minha bochecha.

— Gatinha, você sabe o que isso significa, não é?

— Acho que eu não sei. O que isso significa?

— Que fomos feitos um para o outro — disse, voltando a erguer um pouco a cabeça para me olhar. — Eu só não prestei atenção em você na época, porque você era uma menina e eu não sou um filho da puta doente, mas agora você é maior de idade e estamos aqui, juntos. Tudo tem o seu tempo certo.

— Sim, é verdade — concordei me sentindo um pouco emocionada, mas logo emendei: — Você só podia ter sido um pouco menos safado e mulherengo naquela época, né? Meu coração ficou partido várias vezes, Caio!

Ele sabia que eu estava brincando sobre a parte do coração partido, pois riu baixinho.

— Eu só estava praticando para ter experiência quando estivesse com você.

— Que papinho furado. Eu não me importaria se você fosse virgem.

— Ah, se importaria sim, principalmente quando eu fosse chupar você e não encontrasse o seu clitóris.

— Caio! Meu Deus do céu, tenha um pouco de decência! — exclamei, vendo o seu sorriso cafajuste e tentando fingir que não havia ficado afetada pelas suas palavras.

Não consegui mais ver o seu sorriso, pois ele escondeu o rosto em meu pescoço e eu achei aquele momento perfeito para poder acariciar a sua nuca e respirar fundo para guardar o cheiro do seu perfume dentro de mim. Não que eu já não tivesse gravado cada nuance da fragrância que ele usava e como ficava perfeita em sua pele, mas porque eu queria aproveitar qualquer oportunidade para ter um pouquinho mais dele guardado dentro de mim. Nossa, eu estava muito apaixonada mesmo, de uma maneira que nunca pensei existir na vida real. A constatação me fez fechar os olhos e suspirar baixinho, entregando-me completamente ao *advogado* que fazia loucuras em meu coração.

Senti seus beijinhos em meu pescoço, seus lábios tocando bem de leve e me deixando toda arrepiada, ao ponto de estremecer. Ele não se afastou, só

aumentou a pressão dos beijos, seus lábios se demorando em cada pedacinho da minha pele, desde a altura da clavícula até atrás da orelha, onde acabei soltando um gemidinho. O desejo crescia como em espiral dentro de mim, concentrando-se em várias partes do meu corpo ao mesmo tempo, principalmente nos mamilos e no meio das minhas pernas, onde eu estava começando a pulsar.

— Acho que não imagina o tamanho do desejo que sinto por você — sussurrou ele, mordiscando o lóbulo da minha orelha. — Prometo realizar cada sonho que você teve comigo quando era mais nova e superar todas as suas expectativas para o nosso futuro.

Eu até pensei em responder alguma coisa, mas perdi a capacidade de raciocinar quando ele sugou a pele do meu pescoço com delicadeza, fazendo meus olhos revirarem de leve por dentro das pálpebras fechadas. O toque da sua língua terminou de me enlouquecer por dentro e, sem aguentar mais um segundo daquela tortura, puxei seu rosto para perto do meu pelo seu cabelo e ataquei a sua boca em um beijo que demonstrava exatamente como eu o desejava, como ele me fazia ficar presente naquele lugar, em seus braços, à mercê das suas carícias, refém de tudo o que me fazia sentir. Com Caio, minha mente não criava brechas para trazer à tona aquele momento do meu passado que me aprisionava, ela me libertava para poder viver cada experiência, como se ele fosse a pessoa certa para me libertar do medo, para fazer com que eu me abrisse. Acho que era por isso que nunca havia dado certo com qualquer outra pessoa, pois era por Caio que eu estive aguardando durante todo esse tempo.

Infelizmente, o nosso beijo de tirar o fôlego foi interrompido por duas batidas na porta e Caio se afastou um pouco, passando o polegar pelos meus lábios antes de pedir para que o garçom entrasse. Agradei internamente por poder ter passado um batom *matte* que não saía nem com soda caustica e encostei meu rosto em seu peito, nem um pouco incomodada pelo garçom estar vendo aquela cena romântica — por fora, pois, dentro de mim, alguma coisa muito pornográfica estava acontecendo e molhando a minha calcinha. Ele se retirou minutos depois e Caio levantou o meu rosto com dois dedos sob o meu queixo.

— Vem cá, quero comer essa sobremesa em um lugar confortável.

Deus do céu, ele estava mesmo falando do prato que o garçom havia deixado sobre a mesa? Porque, na minha cabeça, eu era o doce que seria devorado pelo *advogado*. Mordendo o lábio com o pensamento safado que

cruzou a minha mente, fui com ele e o vi pegar o prato com o doce com uma mão, levando-me com a outra para o sofá imenso e muito confortável nos fundos da sala. Ele deixou a sobremesa sobre uma mesinha que ficava ao lado do sofá e se sentou, puxando-me para me sentar em seu colo, de frente para ele. A posição me deixou com um frio na barriga e precisei segurar um suspiro ao notar como eu estava perto do Caio Júnior.

— Vamos ver se a sobremesa é boa mesmo — ele disse e eu pensei que pegaria o prato, mas dei um pulinho quando se aproximou de mim e passou a pontinha da língua sobre os meus lábios. — Hum... Deliciosa.

— Você sabe que o doce está bem ali, não é? — perguntei para provocar e ele estalou a língua, olhando para o prato ao lado.

— Verdade, que cabeça a minha!

Ele pegou o prato e colocou no sofá, a uma boa distância para não virar e sujar tudo, mas perto o suficiente para podermos comer. Observei quando tirou o pequeno *ramekin* com a calda de leite condensado de dentro do prato, junto com a colher pequena que o acompanhava e o trouxe para perto de mim. Ele mexeu o doce com a colherzinha olhando em meus olhos, sua expressão cheia de tesão me deixando doida, criando mil e uma teorias do que faria a seguir. Trazendo o potinho para perto do meu rosto, ele levantou a colher bem em cima dos meus lábios e um fio do doce começou a cair, melando a minha boca e o meu queixo, descendo lentamente pelo meu pescoço. Caio não esperou muito, logo deixou a colher e o *ramekin* de lado e se aproximou, passando a língua sensualmente pela minha pele e recolhendo a calda de leite condensado até chegar em meus lábios, onde lambeu e depois mordeu, me fazendo gemer e rebolar em seu colo.

— Perfeito — sussurrou em uma voz rouca, que me fez estremecer. — Incrível como tudo fica melhor em você.

Ele voltou a pegar o *ramekin*, mas eu fui mais rápida e peguei a colherzinha.

— Minha vez, *advogado* — falei, pensando em deixar o doce cair em seus lábios, mas tendo uma ideia melhor um segundo depois.

Deixei a colher dentro do potinho e levei minhas mãos à sua camisa, desfazendo os botões até a altura do umbigo, expondo aquele peitoral que me fazia ter sonhos eróticos mesmo estando acordada. Caio me observou com uma sobrancelha arqueada e um sorriso ansioso no canto dos lábios, estremecendo de leve quando deixei a calda cair em seu peito e escorrer lentamente pela pele. Um gemido escapou pelos seus lábios quando o toquei

com a minha língua e algo dentro de mim pareceu explodir, um calor intenso e um arrepio dominando o meu corpo ao sentir o gosto suave da sua pele misturado ao doce. Era tão excitante, que quis apertar minha coxa uma contra a outra, mas como não consegui, acabei me esfregando sobre o *advogado*, sugando sua pele quando senti sua ereção no meio das minhas pernas.

— Porra! — ele xingou baixinho, apertando a minha cintura com uma mão e pressionando o pau duro contra o meu clitóris. — Vem aqui, preciso beijar a sua boca.

Eu fui subindo pelo seu peitoral, seu pescoço, o maxilar bem marcado, até chegar em seus lábios e ser atacada pela sua língua. Ele deixou o potinho em algum lugar e enfiou a mão em minha nuca, passando o braço pela minha cintura e me prendendo sobre a sua ereção que, agora eu tinha certeza, era gigantesca. Marcava tanto a calça, que fiquei com receio do botão e o zíper não aguentarem a pressão. Aproveitei seu peito livre todinho para mim e passei minhas mãos abertas sobre a pele suave, descendo a pontinha dos dedos pelo seu tanquinho, arrancando gemidos do fundo da sua garganta. Ele deixou o meu lábio inferior escapar por entre os dentes e tomou a minha cintura nas mãos, apertando suavemente.

— Rebola bem devagar — pediu baixinho com os lábios roçando os meus. — Quero sentir essa bocetinha gostosa se esfregando contra o meu pau, gatinha.

Ouvir aquelas palavras saindo da sua boca quase me fez enlouquecer. Tentei fazer como pediu, rebolando devagar, mas era uma tortura sentir os golpes lentos e excitados que o meu clitóris enviava para o resto do meu corpo. Caio mordeu os meus lábios, passou a língua sobre eles e desceu a boca até o meu decote, onde espalhou beijinhos por cima dos meus seios. Meus mamilos doíam e marcavam o vestido e o *advogado* gemeu baixinho ao se deparar com eles, erguendo os olhos para me encarar.

— Posso?

Seus olhos desceram para os meus seios e eu assenti, sem saber ao certo o que ele pretendia fazer, mas já ansiosa para descobrir. Suas mãos subiram pela lateral do meu corpo até pararem abaixo dos meus seios, me fazendo morder o lábio ao sentir a pressão dos seus dedos nas laterais de cada um. Precisei fechar os olhos quando passou o polegar por cima de cada mamilo, pois foi difícil controlar o meu corpo quando o raio de prazer se espalhou pelas minhas veias. Ele ficou daquele jeito por alguns segundos, rodopiando os polegares em cima de cada bico, até me fazer perder a compostura e deixar

o seu nome escapar pelos meus lábios em um gemido que implorava por algo que eu nem sabia o que era.

— Você é bem sensível aqui, gatinha — murmurou, me fazendo abrir os olhos e encarar os dele, que pareciam estar pegando fogo. — Está gostoso?

Eu assenti, mas logo me vi sussurrando:

— Quero sentir mais.

— Mais?

Balancei a cabeça de novo em concordância e, tirando coragem de não sei onde, abaixei as mangas do vestido pelos meus ombros até o tecido descer e parar acima dos meus seios, onde Caio estava com as mãos. Se ele as afastasse apenas um pouco, o vestido cairia aos pés da minha barriga e me deixaria completamente nua da cintura para cima. Meu coração bateu muito forte ao encarar a sua expressão intensa em uma mistura de desejo e surpresa e um suspiro escapou pelos seus lábios quando deixou o meu vestido escorregar pela minha pele e os meus seios ficarem livres, a centímetros das suas mãos e dos seus lábios. Senti meus mamilos ficarem mais intumescidos sob o seu olhar, que me devorava.

— Como você é linda — sussurrou antes que a minha mente encontrasse brechas para me deixar insegura. As pontinhas dos seus dedos subiram pelas minhas costelas, me deixando arrepiada e ainda mais sensível. — Você é maravilhosa, pequena... — Sua mão se fechou bem embaixo dos meus seios, pegando-os completamente e minhas paredes vaginais piscaram força com a pressão, as palmas roçando de leve em meus mamilos. — Tem noção de como é gostosa?

Eu sabia que era uma pergunta retórica, mas me vi negando mesmo assim, sem pensar muito. Caio me olhou com aquela expressão de quem queria me devorar sem receios e meus quadris ondularam por vontade própria, prolongando a tortura que era me esfregar contra a sua ereção.

— Você é a mulher mais gostosa que eu já vi — disse ele e parecia estar sendo tão verdadeiro, que eu nem consegui duvidar. — Mal posso acreditar na minha sorte de ter você, gatinha.

Ele me beijou com intensidade depois disso, prendendo meus mamilos rapidamente entre o polegar e indicador e me arrancando um gemido alto, que foi abafado pelos seus lábios. Eu me esfreguei com um pouco mais de força, sentindo a necessidade pulsar dentro de mim e revirei os olhos quando sua boca desceu pelo meu pescoço e finalmente encontraram o caminho para os meus seios. Fiquei com medo de enlouquecer quando sua língua capturou

um mamilo, subindo e descendo rapidamente por ele, enquanto a mão grande apertava a base com uma pressão que eu senti no meio das minhas pernas.

— Ah... Caio!

Meu gemido saiu mais alto do que o som ambiente na sala e eu mordi o lábio com força quando sua mão invadiu a saia do meu vestido e subiu pela minha coxa até parar em minha bunda. O aperto que deu lá atrás me fez esfregar a boceta com mais intensidade em seu pau, despejando lubrificação em minha calcinha e fazendo-o revirar os olhos e gemer baixinho ao fechar os lábios em meu seio e começar a sugar sem muita delicadeza. Um prazer sem igual invadiu o meu corpo, me deixando completamente sem fôlego, sem discernimento, sem direção. Era como se o meu cérebro tivesse se desligado para tudo a minha volta e se concentrado apenas em Caio e nas sensações que me causava.

— Que delícia, gatinha... Vou querer mamar nesses peitos todos os dias, agora. Vai deixar?

Eu apenas assenti, chocada com as sensações que me envolviam, sentindo uma necessidade muito grande de gozar. Nunca havia sido daquele jeito, nem mesmo quando eu me masturbava pensando em Caio. Ele escorregou os lábios até o outro, mas, antes de chupá-lo, passou o dedo sobre a calda de leite condensado e sujou o meu mamilo com o doce, me fazendo ficar arrepiada e ainda mais excitada. Sua língua recolheu o doce, empinando o bico para cima e o pressionando para baixo com a lambida e fechei os olhos com força quando o sugou para dentro dos lábios, fazendo com que meu clitóris pulsasse ao ponto de doer. Acho que ele sentiu a minha necessidade, pois enfiou as duas mãos por debaixo do meu vestido e me puxou de encontro ao seu pau pela bunda, mexendo os quadris de encontro aos meus com intensidade para esfregar a ereção no meio das minhas pernas.

Eu só consegui olhar em seus olhos, arranhar sua nuca e me esfregar com força, levando os quadris para frente e para trás sem parar, arrastando meu clitóris necessitado e a calcinha molhada por toda a extensão do seu pau, que parecia maior e mais duro do que antes. Caio gemeu, ergueu o corpo para frente para poder enfiar ainda mais a cara em meu seio e eu joguei a cabeça para trás, extasiada, fora de mim, com a vagina pulsando tanto que não tive como impedir o orgasmo que me pegou de surpresa, me fazendo fechar os olhos com força e esconder o rosto no pescoço do *advogado* um segundo antes de gritar. Senti sua mão se infiltrar em meus cabelos e logo sua boca cobriu a minha, abafando meu gemido enquanto eu me movimentava com

força em seu colo, prolongando aquela sensação indescritível e o pulsar incessante do meu clitóris.

Fiquei completamente fora de órbita depois disso, existindo apenas para retribuir o beijo de Caio, que foi se acalmando aos poucos até se tornar apenas um roçar ofegante de lábios. Ele se recostou contra o sofá e me levou junto, espalhando beijinhos pelo meu rosto até encostar a minha cabeça sobre o seu peito, bem em cima do seu coração, que estava tão disparado quanto o meu.

— Não acredito que a gente fez isso aqui... Essa sala não tem câmeras, tem? — perguntei quando finalmente encontrei a minha voz e a minha consciência, ouvindo a risada de Caio.

— Agora que você se preocupa com isso?

— Só agora eu voltei a raciocinar — falei, sentando-me direito sobre o seu colo e sentindo seu pau bem duro embaixo de mim. — Você não...

— Não. — Me interrompeu, tocando o meu mamilo sensível e muito inchado com o polegar. — E nem vou, gatinha. Se eu gozar agora, vou sair com essa calça branca toda manchada de porra. Acho que é mais fácil disfarçar uma ereção do que um orgasmo.

Ai, meu Deus, suas palavras me fizeram ficar excitada de novo e precisei morder o lábio para me conter.

— Mas você não precisa gozar dentro da calça — murmurei sentindo minha bochecha ficar quente de vergonha. Caio sorriu e se ergueu do encosto do sofá, tomando meu rosto em uma mão e o meu peito em outra.

— Não quero perder o controle com você, pequena, ainda mais em um lugar como esse. Já fomos longe demais essa noite — disse baixinho, massageando o meu seio. — E não, não tem câmeras nessa sala. Eu nunca chuparia esses peitos deliciosos, sabendo que algum idiota poderia ver.

— Você é romântico até falando putaria — concluí encantada e ele riu com vontade, me deixando que nem uma boba ao observar aqueles olhos azuis brilhando de alegria.

— Prometo ser o *advogado* mais safado e romântico para você.

— Isso mesmo, só para mim, porque agora você é exclusividade minha.

— Sou só seu, gatinha. Para sempre.

Ele me beijou com intensidade uma última vez, antes de levantar as mangas do meu vestido e me deixar decente de novo. Com muita dor no coração, saí do seu colo e observei aquela coluna enorme e bem marcada em sua calça, que logo foi escondida dos meus olhos pela barra da sua camisa,

que ele começou a abotoar. Eu terminei a função por ele e ri ao ver a sobremesa praticamente intocada no prato. O sorvete havia virado água.

— O *chef* vai pensar que a sobremesa estava ruim — falei enquanto Caio mexia no *tablet* e solicitava a conta. Ele olhou rapidamente para o prato e depois me encarou, me dando um sorriso sacana.

— Não posso fazer nada se o meu doce favorito se chama Luna. Nada do que ele fizer chegará aos seus pés.

Pelo amor de Deus, eu estava cansada de reprimir um suspiro a cada vez que Caio abria a boca. Meu *advogado* era perfeito. O garçom entrou na sala, Caio pagou a conta e deixamos o restaurante para trás minutos depois, embarcando em um assunto qualquer enquanto ele dirigia de volta para a minha casa com uma mão entrelaçada a minha, soltando-a apenas quando precisava passar a marcha ou fazer uma curva mais difícil.

Sempre que pensava em mim em um relacionamento, achava que ficaria tensa, tentando fazer de tudo para agir com naturalidade, mas sem realmente me abrir, quase como se precisasse encenar um papel para poder viver aquilo. Em minha cabeça, eu até poderia me apaixonar por alguém, mas não sabia se teria confiança o bastante para me abrir e expor todos os meus medos, minhas angústias e o meu passado. Agora eu tinha consciência de que pensava assim porque nunca idealizei um homem como Caio em minha vida. Ele era muito mais do que a pessoa por quem eu estava apaixonada, ele era meu melhor amigo, alguém em quem eu confiava completamente e que me fazia sentir segura, protegida e amada.

Ele estacionou o carro em frente à minha casa, mas nós dois ficamos enrolando para eu sair, trocando beijinhos e carícias na privacidade do veículo.

— Eu estou com o dia livre amanhã, a gente poderia fazer alguma coisa, o que acha?

— Você, o *advogado* com a agenda mais apertada que eu já vi, estará com o dia livre? Como isso é possível?

— Eu também sou filho de Deus e me dou uns dias de descanso, gatinha — disse ele em um tom divertido. — Então, o que você vai querer fazer?

— Ficar com você, lógico!

— Sim, mas em que lugar? Na minha casa?

Eu fiquei alguns segundos pensando. Queria muito conhecer a sua casa, mas, ao mesmo tempo, queria fazer algo diferente. Foi então que tive uma ideia brilhante.

— Vamos ao lago! Eu preparo uma cesta para fazermos piquenique, que tal?

— Hum... Eu, você e aquele lago deserto todinho só pra gente? Acho que nem vou dormir essa noite — disse com um sorriso safado.

— Durma sim e sonhe comigo, quero você descansado amanhã!

— Vou sonhar com você peladinha.

— Meu Deus, Caio! Agora você perdeu a vergonha de vez.

— Como se eu tivesse um pingo de vergonha antes — falou o óbvio, se esticando para me beijar. — Vamos nos divertir bastante amanhã, gatinha.

Eu sorri e concordei, já cheia de expectativas para o dia seguinte.



Capítulo 28

Caio

Foi difícil pegar no sono quando me deitei na cama, pois meu cérebro se recusava a parar de repetir tudo o que havia acontecido naquela noite no restaurante com Luna. Eu realmente não tinha a intenção de ir tão longe com ela. Claro que estar naquela sala reservada fazia a mente girar com um monte de possibilidades, a privacidade dava brechas para se fazer muitas coisas, mas não imaginei que encerraria o jantar chupando os peitos da minha gatinha. E que peitos, puta merda! Ainda me lembrava do choque que me manteve paralisado por alguns segundos depois que ela abaixou as mangas do vestido, deixando claro que queria ficar nua da cintura para cima na minha frente.

Ver Luna sem pudor algum, livre e sem medo de se entregar, tornou aquele momento mais especial do que já era. Claro que eu não queria que começássemos a ter intimidade em um lugar tão impessoal como um restaurante, mas abracei aquele momento, pois sabia que para Luna ele era muito mais do que uns amassos em um sofá; para ela, aquele era um passo importante, ela estava confiando em mim e em si mesma, se entregando e se permitindo viver. E, sendo honesto comigo, nada do que eu pudesse ter planejado com antecedência iria superar o que vivemos naquele lugar, a intensidade, o desejo, o tesão, o amor... Cada pequeno detalhe havia sido perfeito, mesmo que eu tenha saído com uma ereção monstruosa, que demorou muito para ceder e que ainda tentou ressurgir dentro da minha cueca quando tentei dormir.

Acabei pegando no sono de madrugada e acordando cedo, por isso, matei um tempo na academia para tentar gastar um pouco da energia que estava acumulada desde a noite anterior e, ao terminar, li a mensagem que Ramon havia me enviado há uns quinze minutos:

“Como está se sentindo sendo um ex-solteiro? Gabi me contou que Rosana não arrancou as suas bolas depois do pedido de namoro. Confesso que estou desapontado com ela.”

Eu não podia acreditar na audácia daquele idiota! Rindo, comecei a digitar:

“Eu estou muito bem, obrigado! E a minha sogra já me ama, apesar de ainda não saber disso. Deixe as minhas bolas em paz, cavalão!”

“Sua sogra! Eu ainda preciso me acostumar com essa nova realidade. Enfim, só te mandei essa mensagem para dizer que estou feliz por você, meu amigo, e para me desculpar de novo por não ter acreditado nos seus sentimentos ontem à tarde. É difícil tirar a sua imagem de galinha da minha cabeça.”

“Não se preocupe com isso, Ramonzinho, você sabe que eu sou muito difícil de guardar rancor, meu coração é puro. Agora eu preciso ir, pois tenho um encontro marcado no lago da sua fazenda com a minha namorada.”

“Na minha fazenda? Não tinha outro lugar melhor para vocês fazerem safadeza?”

“Claro que não! Preciso marcar a Fazenda Baldez com o meu selo de qualidade.”

“Como você é ridículo, Caio!”

Terminei de ler a sua mensagem com uma gargalhada e deixei o celular de lado para tomar um banho e ir encontrar a minha gatinha.



Luna saiu de casa vestindo a parte de cima de um biquíni vermelho e *short* jeans preto que deixou bem pouco para minha imaginação. Ela também carregava uma cesta em uma mão e uma bolsa de palha em outra e eu logo me aproximei para ajudá-la, sentindo um cheiro delicioso de pão recém assado quando peguei a cesta pesada.

— Nossa, temos comida para quantas pessoas aqui dentro?

— Cinquenta ou sessenta, não sei ao certo — debochou, ficando nas pontas dos pés para me beijar. — Você está lindo com esses óculos de sol,

advogado.

— Não mais do que você com esse biquíni. Ainda bem que tomei o meu remédio do coração hoje.

A danada riu de mim e eu coloquei a cesta no banco traseiro, ansioso para chegar logo ao lago e ficar agarradinho com ela. Fomos ouvindo música até lá e eu agradei a mim mesmo por, um ano atrás, ter trocado o meu carro por um modelo que suportava pegar trilhas mais pesadas. Em determinado momento precisamos descer, pois o caminho se afunilava e só dava para ir a pé. Havia anos que não ia ao lago e senti um pouco de nostalgia ao lembrar de momentos da juventude, quando eu e Ramon reuníamos alguns amigos ali. Logo começamos a ouvir o barulho da água e chegamos à beira da areia levemente escura, misturada com folhas e galhos. Ali a natureza era praticamente intacta e o lago ficava bem escondido entre os troncos altos e grossos das inúmeras árvores ao redor.

Luna tirou uma canga enorme de dentro da bolsa e eu a ajudei a arrumar tudo no chão, em um lugar onde batia sol, mas que ainda tinha um pouco de sombra se ficasse quente demais. Acomodei-me ao seu lado quando se sentou e a puxei para um beijo, sentindo uma onda de desejo me revirar por dentro.

— Achei que estava na hora de te mostrar alguns dos meus dotes culinários, então, fiz algumas coisinhas — ela disse quando me afastei, abrindo a cesta e revelando um monte de bandejas pequenas cobertas com plástico transparente, garrafas de água e suco. Foi tirando cada uma delas e explicando tudo o que tinha feito: — Pão recheado com frango e requeijão, eu mesma fiz a massa, acho importante salientar para você me dar os devidos créditos, panqueca com farinha de aveia recheada com queijo e tomate, porque sei que você gosta de fingir que é saudável...

Minha risada a interrompeu e eu aproveitei para deixar claro a minha falsa indignação:

— Fingir? Eu não finjo!

— Finge sim. Ficou falando mal do meu cereal daquela vez, mas já comeu hambúrguer duas vezes comigo.

— Foram as minhas duas únicas exceções. A terceira foi ontem com o leite condensado — falei, vendo seu sorriso envergonhado e as bochechas ficarem vermelhas. — Continue, quero saber tudo o que você fez.

Ela tirou uma outra bandeja com bolo de limão, dois potinhos com salada de frutas e, por fim, as garrafinhas com suco de laranja.

— Pronto, eu acordei cedo para fazer tudo isso, portanto, acho bom falar

que está delicioso mesmo se não estiver!

— Eu prezo pela honestidade, gatinha.

— Não preciso da sua honestidade se estiver ruim — falou com uma sobrelanceira arqueada. — Mas eu sei que vai estar bom.

Eu amei ver a sua confiança e, realmente, quando mordi o pão recheado e senti a cremosidade do requeijão junto com o frango, precisei soltar um gemidinho satisfeito, vendo seu sorriso.

— É muito bom! Por que nós fomos mesmo a um restaurante ontem? Se eu soubesse que você cozinhava tão bem, tinha pedido para cozinhar para nós dois na minha casa.

— Nada disso, você que está me devendo um jantar na sua casa, acha que esqueci?

— Eu também não esqueci, gatinha. Vem cá. — A puxei para se sentar sobre o meu colo, na mesma posição que na noite anterior e coloquei o pão perto da sua boca, observando-a fincar os dentes na massa e um fio de requeijão escorrer no cantinho dos seus lábios. Ela gemeu baixinho quando eu lambi. — Vou realizar o seu desejo e cozinhar só de cueca pra você. O avental eu ainda tenho que providenciar.

— Eu só pensei no avental para não queimar o seu tanquinho perfeito, mas, se você se garante, pode cozinhar sem ele. Eu pediria para cozinhar sem a cueca também, mas não posso colocar o Caio Júnior em risco. Mal o conheço, mas ele já é muito importante para mim.

— Por que algo me diz que você só está comigo por causa do meu corpo e do meu pau?

— Porque é a verdade — ela disse com uma risada convencida e soltou um gritinho quando girei os nossos corpos, a colocando deitada embaixo de mim e parando no meio das suas coxas afastadas. Ajoelhei-me entre elas e tirei a minha camisa, vendo seu olhar guloso descer pelo meu peitoral e a barriga até parar no cós da minha bermuda. — É disso aqui que você gosta, gatinha?

A danada assentiu e tocou no botão da minha bermuda com os dedos do pé.

— Disso aqui também.

Porra, Luna estava brincando com fogo e não parecia nem um pouco preocupada se iria se queimar ou não. Olhando seu sorrisinho safado, levei meus dedos ao botão da bermuda e desci o zíper, ficando de pé para poder me despir e ficar apenas com a sunga branca que havia escolhido especialmente para ela naquela manhã. Sua boca caiu aberta enquanto seus olhos desciam

lentamente por cada parte do meu corpo, me enchendo de tesão ao ver o desejo incontido que brilhava dentro deles.

— Satisfeita?

— Só vou ficar satisfeita se você me beijar.

— É? Então pra isso você vai ter que me encontrar lá dentro — aponte para a água e dei as costas para ela, entrando no lago e dando um mergulho para tentar apacar um pouco do meu desejo e a ereção que estava começando a crescer.

Quando voltei a emergir, virei-me para ela e a encontrei descendo o *short* pelas pernas e desvendando a calcinha pequena e vermelha do biquíni, jogando por terra qualquer determinação que eu tinha de não ser vencido pelo tesão. Ela entrou no lago com um sorriso ansioso e excitado e quando deu um mergulho eu mergulhei também, a encontrando debaixo d'água e capturando sua boca na minha em um beijo de língua enquanto voltamos a subir. Seus braços me prenderam pelo pescoço e eu senti meu pau pulsar contra a sunga quando seu corpo se colou ao meu, suas curvas suaves entre os meus braços, seus seios pressionados contra o meu peitoral com os bicos durinhos por conta da temperatura da água, suas pernas rodeando a minha cintura... Era demais até para um homem experiente como eu, mas consegui conter a minha vontade de afastar a sua calcinha para conferir se ela estava molhada.

— Feliz por estar se aproveitando do seu *advogado*? — perguntei entre os seus lábios e ela riu baixinho, assentindo.

— Engraçado como o Caio Júnior não fica tímido na água fria.

— Não há nada frio aqui. Podia jurar que a gente está prestes a colocar fogo na água — falei, sentindo seus lábios em meu pescoço e aquelas coxas deliciosas apertando a minha cintura. Ela gemeu baixinho quando apertei sua bunda e precisei fincar os pés na terra fofa no fundo do lago para me manter de pé quando sugou minha pele. — Minha nossa, gatinha...

Ela afastou o rosto para poder me olhar e vi suas bochechas ficarem vermelhas enquanto um sorriso safadinho se abria em seus lábios.

— É difícil me controlar com você seminu perto de mim.

— Quem disse que eu quero que você se controle? Assim como o meu pau não tem motivo para ficar tímido, você não tem motivo algum para se controlar.

Com certeza ela gostou do que ouviu, porque, depois disso, atacou a minha boca em um beijo que me deixou momentaneamente sem fôlego, cheio de língua e mordidinhas que me fez puxar seu quadril de encontro ao meu,

necessitando de mais contato com o seu corpo, com aquela bocetinha roçando lentamente no meu pau, bem mais perto do que na noite passada. Eu quase podia sentir o calor através dos tecidos e a sensação foi forte o suficiente para fazer o meu membro babar, a cabeça pulsando levemente.

Meu coração bateu forte junto com o desejo e desci minha boca pelo seu pescoço, sentindo seu cheiro, a textura suave da pele em minha língua, o pulsar da veia que eu fiz questão de morder até ouvir o meu nome saindo baixinho do fundo da sua garganta. Ela se esfregou contra mim do jeito que dava dentro da água e raspou os mamilos duros pelo meu peito, me deixando cheio de vontade de chupá-los de novo. Era isso que eu faria, mas não dentro da água. A queria deitada debaixo de mim, com as coxas bem abertas e completamente nua.

Com suas pernas bem apertadas em minha cintura, comecei a sair do lago a beijando na boca. Ela me agarrou pelo ombro, se segurando em mim quando pisei fora da água e me ajoelhei sobre a canga, longe das bandejas de comida que ela havia tirado da cesta. Seus olhos encontraram os meus quando a deitei, mas logo desceram pelo meu corpo até encontrarem minha ereção, que marcava o tecido encharcado da sunga. Meu maior desejo naquele momento era colocar o pau pra fora e bater uma punheta enquanto mamava gostoso nos seus peitos, mas me segurei, sem saber ao certo o que fazer para não a assustar. Apesar de todo o tesão, eu tinha consciência do seu histórico e não podia me esquecer dele. Só iria até onde ela permitisse.

Olhando em seus olhos, voltei a me ajoelhar no meio das suas pernas com a cabeça na altura da sua barriga e deixei uma trilha de beijos pela pele molhada, notando cada nuance dela, seus músculos se retesando, seus pelos ficando arrepiados, a respiração se tornando ofegante, o modo como apertava a canga entre os dedos conforme eu ia subindo e descendo. Fiz tudo lentamente, não porque queria torturá-la, mas porque queria conhecer cada pedacinho do seu corpo e saber como reagia ao mínimo toque. Percebi como era sensível ao redor do umbigo e passei a minha língua lentamente sobre ele, enquanto subia os meus dedos pela lateral do seu corpo, chegando na altura das costelas e descendo até a cintura. Ela ondulou, seus quadris subiram e sua boceta ficou tão perto da minha boca, que não resisti. Sem tirar os olhos dela, dei um beijo bem no meio das suas pernas abertas, na altura do clitóris. Ela gemeu e esfregou de novo os quadris contra os meus lábios, me permitindo beijar mais uma, duas, três vezes, antes de jogar a cabeça para trás e fechar os olhos.

— Caio... Por favor... — ela implorou baixinho e eu toquei na lateral da calcinha, enganchando um dedo de cada lado. Seus olhos encontraram os meus e senti inveja dos seus dentes por fincarem os lábios que eu amava beijar.

— Posso? — perguntei e ela assentiu, respirando fundo quando comecei a descer a calcinha do biquíni por suas pernas.

Ela rapidamente fechou as coxas, nervosa e envergonhada, apesar de excitada, e eu resolvi fazer tudo bem devagar. Peguei seu pé e beijei seu tornozelo, enquanto descia a mão pela sua panturrilha e a parte de trás do joelho. Ela gemeu quando mordisquei a pele e se apoiou nos cotovelos para poder me observar. Eu podia ver seus mamilos marcando o tecido molhado do biquíni e fiquei mais excitado quando, sem eu pedir, ela se livrou da parte de cima, desfazendo os laços e largando a peça em algum lugar que não fiz questão de ver qual era. A luz do sol iluminava parte da sua pele e incidiu sobre os mamilos quando ela respirou mais forte, me deixando tão louco de tesão que minhas bolas doeram. Negligenciando a minha ereção monstruosa, me dediquei a ela, pegando seu outro pé e repetindo as mesmas carícias, até ela se soltar e abrir as pernas para mim, revelando a boceta pequena e melada, com os lábios levemente separados e sem pelos. Minha boca se encheu d'água para prová-la e temi gozar ali mesmo, sem nem tocar no meu pau.

Ela me olhou ainda meio envergonhada, as coxas vacilando sem saber se as mantinha separadas ou não e eu não resisti. Descendo uma mão pelo meio delas, toquei de leve em sua virilha, observando seus quadris ondularem como se precisassem muito do meu toque, coisa que eu sabia que era verdade.

— Você é perfeita, gatinha — falei com a voz rouca pelo desejo, encontrando seus olhos de novo. Dei um beijo na parte interna da sua coxa, bem perto da virilha, antes de passar a língua por ali lentamente. — Quero tocar você e...

— Pode tocar — ela disse um pouco desesperada, muito excitada e eu sorri, completando:

— E passar a língua bem gostoso nessa boceta linda, até fazer você gozar.

— Ah... — murmurou com os olhos meio arregalados, como se estivesse sem palavras. — Pode fazer o que quiser.

— O que eu quiser? — perguntei, subindo pelo seu corpo até alcançar a sua boca. — Eu quero muita coisa, pequena.

— Eu também — ela sussurrou, passando as mãos pelas minhas costas até

chegar em minha bunda, apertando de leve.

— Fala a verdade, você queria fazer isso desde aquela chamada de vídeo.

— Talvez — respondeu com um sorriso, parecendo perder parte do nervosismo.

— Talvez? Não negligencie a minha bunda assim, gatinha. Ela tem sentimentos!

— Hum, deixa eu ver... — Ela me surpreendeu ao dar um tapa forte em minha bunda e riu baixinho, divertida. — Ela é bem dura, não parece ter muitos sentimentos.

— Tem outra coisa muito dura aqui e ele tem muitos, muitos sentimentos — falei baixinho, encostando minha ereção bem no meio da sua bocetinha.

Porra, que tortura! Dessa vez senti perfeitamente como ela estava quente e nunca senti tanta raiva de uma sunga na minha vida. Ela ofegou baixinho e eu deixei a conversa de lado, capturando sua boca na minha em um beijo muito intenso, minha língua dançando em meio aos seus gemidos, enquanto esfregava lentamente meu pau duro no meio das suas pernas, sentindo muita vontade de gozar bem gostoso, mas me segurando ao fechar os lábios sobre um mamilo, enquanto tocava o outro. Estavam tão durinhos que pareciam duas pedras deliciosas, mas macias, que se tornaram maiores depois que eu chupei e mordisquei. Precisei afastar minha ereção do meio das pernas dela, pois temi realmente perder o controle e espalhei beijinhos no vão dos seus seios enquanto escorregava minha mão pela sua barriga até chegar na sua boceta.

Seu gemido me fez respirar fundo para conter o espasmo que tomou conta da cabeça do meu pau e desci lambendo a pele suave da sua barriga até chegar na sua bocetinha, finalmente vendo onde eu estava tocando. Ela estava muito molhada, os pequenos lábios chegavam a brilhar e foram eles mesmo que eu afastei para poder gravar cada detalhe da sua intimidade em minha memória. Ela era pequena, tinha os grandes lábios gordinhos e os pequenos lábios delicados, que pouco faziam para esconder o clitóris inchado, que parecia implorar pelo toque. Deixei meu polegar passear lentamente pela sua umidade, desde a abertura apertada, onde não forcei a entrada, até o grelinho macio, que massageei lentamente, arrancando um gritinho do fundo da sua garganta. Ela fechou rapidamente as pernas com o golpe de prazer, mas logo as abriu de novo, me dando acesso ao seu corpo e àquela bocetinha que estava me deixando com a boca cheia d'água e o pau doendo dentro da cueca.

Sem conseguir resistir mais, espalhei beijos suaves pelo interior das suas

coxas, sua virilha, até chegar na fenda da sua boceta e passar a língua no meio dos lábios sensíveis. Seus quadris se arquearam em direção à minha boca e eu deixei que se esfregasse em mim por alguns segundos, antes de tomar o controle da situação e me dedicar ao clitóris arrebitado e muito excitado, durinho e delicioso, assim como o seu sabor. Sexo oral era algo que eu adorava fazer, mas em Luna, foi coisa de outro mundo. Cada uma das suas reações parecia vibrar em mim, a ponto de eu sentir a cabeça do meu pau ficar completamente melada dentro da sunga, despejando muito líquido, doendo de tesão. Ela revirou os olhos e abriu a boca tentando pedir por mais e chamar o meu nome, mas parecia estar perdida demais nas sensações para ter um pensamento coerente e acabou externando o que queria com gestos, enfiando as duas mãos em meus cabelos e me pressionando no meio das suas pernas, e eu dei o que ela queria.

Deixei a ponta da minha língua bem dura e subi e desci lentamente pelo seu grelhinho, antes de fechar os lábios sobre ele e o sugar com um pouco mais de pressão para dentro da minha boca, enquanto esfregava minha barba por fazer nos seus lábios vaginais, ficando melado com a sua lubrificação. Suas pernas estremeceram ao redor da minha cabeça e senti o tremor dos músculos no pé da sua barriga, anunciando que ela estava muito perto de gozar. Subi minha mão até o seu seio e o apertei, esfregando o bico sensível entre os meus dedos e abri a boca em sua boceta inteira, querendo engoli-la e beber o seu orgasmo, que explodiu quando acariciei seu clitóris com a minha língua pela última vez.

— Ai, Caio... Caio... — ela gemeu arqueando a coluna e revirando os olhos, estremecendo, enquanto eu sentia o seu sabor em minha língua e minhas coxas tremerem de tesão. — Para, por favor, por favor...

Com muito custo, afastei minha boca da sua boceta sensível, mas não consegui me afastar dela. Subi com beijos intensos sobre o seu corpo, sugando a pele arrepiada para dentro dos meus lábios até alcançar os seus seios e mamar bem gostoso de novo por alguns segundos. Seu olhar lânguido encontrou o meu e observei como suas bochechas estavam coradas, os lábios inchados e entreabertos, a respiração ofegante, a expressão de quem havia gozado bem gostoso. Senti tanto prazer que quase esqueci que meu pau estava mais duro do que uma barra de ferro dentro da sunga.

— Quero beijar você — ela pediu em um fio de voz e eu fui, deixando que ela sentisse seu sabor afrodisíaco e viciante em meus lábios e minha língua.

Gememos juntos em meio ao beijo e fiquei arrepiado quando senti suas

mãos acariciarem o meu corpo, até alcançarem a frente da minha sunga. Só o seu toque por cima do tecido já me deixou louco, mas quando senti as pontinhas dos seus dedos afastando um pouco o cóis, perdi a compostura de vez. Deixando os seus lábios, ajoelhei-me no meio das suas pernas e desci a sunga até o meio das coxas, finalmente liberando o meu pau do seu confinamento. Luna olhou para ele sem nem piscar, passando a língua pelos lábios e respirando fundo. Não aguentei ver o seu desejo tão explícito e comecei a me tocar devagar, sentindo cada veia desenhada pelo meu membro, a pele quente, a cabeça inchada e melada.

— Quer tocar? — perguntei, descendo meus olhos pelo seu corpo, as pernas ainda abertas, a boceta ali tão melada com os lábios vermelhos, bem pertinho de mim. Ela piscou e se sentou na minha frente, deixando agora meu pau bem perto dos seus seios e da sua boca.

— Quero — respondeu em um sussurro, mas muito certa do que queria, me fazendo sorrir de ansiedade.

Pensei que ela já viria com tudo para o meu pau, mas me surpreendeu ao passar as mãos pelas minhas coxas, minha virilha, acariciando-me até chegar na base do meu membro. Tirei as mãos e o deixei livre para que ela fizesse o que quisesse, mesmo sabendo que seria difícil segurar o orgasmo que já estava quase fazendo as minhas bolas explodirem. Com muita delicadeza, ela o pegou na mão direita e percebeu que faltava alguns milímetros para que seus dedos se encontrassem, deixando bem claro que eu era muito grosso para sua mão delicada.

— Ai, meu Deus, seu pau é grande mesmo — ela sussurrou e ergueu os olhos para mim. — Retiro tudo o que eu disse antes, isso aqui não vai caber dentro de mim.

Mesmo mergulhado no tesão, precisei rir entre um gemido quando ela começou a subir e descer a mão pelo meu comprimento.

— Claro que vai caber, gatinha. E vai ser muito gostoso.

“Depois da primeira vez e da segunda, provavelmente”, pensei em acrescentar, mas achei melhor deixar aquela informação para outro momento, puxando sua boca para a minha e me concentrando na punheta delicada demais para o meu gosto, mas gostosa do mesmo jeito. Ela arranhou a minha nuca e eu não pude me segurar, queria que ela gozasse mais uma vez, junto comigo, por isso, encontrei seu clitóris meladinho e o acariciei com um polegar, segurando seu cabelo perto da nuca com a outra mão. Luna gemeu e passou o polegar de leve pela minha glândula, me fazendo estremecer. Ao ver

que gostei do movimento, ela repetiu e eu mordi o seu lábio, suguei sua língua, até precisar pedir:

— Mais forte, gatinha.

Ela aumentou a pressão e a velocidade dos movimentos, gemendo em meus lábios e esfregando o quadril de encontro ao meu polegar. Olhando em seus olhos, afastei um pouco a minha boca e a segurei firme pela nuca, sem machucar, mas apenas para manter seu olhar dentro do meu.

— Está gostoso assim?

— Sim...

— Vai gozar pra mim de novo, gatinha? — Ela assentiu e eu lambi seu lábio, sentindo o pulsar do seu clitóris. — Onde vai querer que eu goze? Porque estou tão perto quanto você.

Ela ofegou com a informação e juntou a outra mão em meu pau, me masturbando com as duas ao mesmo tempo. Precisei fechar os olhos com força, porque ficou bem do jeito que eu queria e meus quadris acompanharam o movimento, me fazendo perder a linha de raciocínio.

— Onde você está com a mão — ela disse de repente e, por um momento, não entendi.

— Como?

— Quero que você goze onde está com a mão — repetiu, olhando rapidamente para baixo. — No meio das minhas pernas.

Putaquepariu.

Acho que meu coração chegou a falhar duas batidas quando finalmente entendi o que quis dizer.

— Gatinha, isso é perigoso... Eu estou limpo, sei disso porque fiz todos os exames antes de doar sangue para o Ramon, mas...

— Eu pensei nisso, por isso que estou pedindo. E, apesar das chances serem muito pequenas, não vou engravidar de qualquer forma, pois tomo anticoncepcional.

— Porra, pequena...

Não precisei ouvir mais nada, apenas ataquei a sua boca e toquei com mais dedicação a sua bocetinha, sentindo seus quadris ondularem de encontro aos meus movimentos e ouvindo seu gemido em minha boca quando começou a gozar, me tocando com mais força. Eu aguentei até ela terminar e quando senti que estava sensível demais, me agigantei sobre o seu corpo, fazendo que com voltasse a se deitar no chão. Ela se apoiou em um cotovelo e eu toquei em cima da sua mão, a auxiliando com a punheta, vendo suas pernas se

abrirem bem e ela lambeu os lábios ansiosa, excitada, sorrindo com desejo, me fazendo explodir. Olhei para a sua bocetinha no momento em que minha porra banhou o seu clitóris, esprorando muito e em jatos longos, em um orgasmo que estava engasgado desde a noite anterior. Seu nome saiu dos meus lábios e eu não consegui nem piscar, vendo sua boceta tão delicada e com os lábios avermelhados, ficar coberta com o líquido branco e viscoso, até ficar sensível demais para deixar que ela continuasse a me tocar.

Quase sem forças, deixei meu corpo cair ao lado dela, mas só respirei por um ou dois segundos antes de me virar e beijar sua boca, a puxando para cima do meu corpo. Pude sentir sua bocetinha toda melada de encontro a minha coxa e meu pau deu sinal de que poderia se recuperar bem rápido para uma segunda rodada, mas o ignorei. Tomando seu rosto em minha mão, perguntei:

— Tudo bem?

— Tudo mais do que bem, *advogado* — sussurrou pertinho da minha boca com um sorriso. — Meu *advogado*. Só meu.

— Você também é só minha, gatinha. Todinha minha.

Olhei para o seu sorriso satisfeito e feliz mais uma vez, antes de beijá-la com toda a intensidade que havia dentro de mim.



Capítulo 29

Caio

Ficamos por um bom tempo deitados lado a lado, trocando carícias e beijos enquanto sentíamos aquele torpor delicioso trazido pelo orgasmo. Eu não conseguia me lembrar se já tinha me sentido tão satisfeito quanto naquele momento, de uma forma que transcendia o físico; era como se algo me envolvesse de dentro para fora, um sentimento que eu nunca havia experimentado antes, mas que Luna me fazia sentir com total intensidade. Eu não era um homem cético, acreditava de verdade na paixão e no amor, sabia que eles existiam, mas ter os dois dentro de mim daquela forma era algo que estava me pegando completamente de surpresa. E eu estava adorando.

Decidimos dar um mergulho rápido para poder tirar o suor do corpo — e a minha porra seca da boceta da minha gatinha, que fiz questão de limpar debaixo d'água enquanto ela escondia o rosto em meu pescoço — e voltamos a nos sentar sob o sol, completamente nus, para poder atacar as comidinhas maravilhosas que ela havia feito. Realmente, minha pequena de cabelos coloridos cozinhava muito bem e não deixamos sobrar quase nada nas bandejas. Satisfeita, ela se deitou de bruços ao meu lado, deixando aquela bunda arrebitada bem amostra e eu sorri, deitando-me ao seu lado e passando a ponta dos dedos pelas suas costas.

— Um homem não deveria ser tentado desse jeito, gatinha — falei, ouvindo a sua risada.

— Uma mulher também não, ou você acha que eu sou imune ao Caio Júnior?

— É difícil ser imune a ele e a mim, eu sei disso — brinquei, esticando-me para pegar o protetor solar jogado ao lado da sua bolsa no chão. — Posso passar nas suas costas?

— Claro que sim. Você é tão cuidadoso, amor.

— Adoro quando você me chama de amor — confessei, dando um beijo no canto dos seus lábios antes de posicionar cada joelho em um lado do seu quadril.

Precisei fingir que meu pau não estava a centímetros da sua bunda e espalhei uma quantidade generosa de protetor solar nas suas costas, ouvindo seu gemidinho satisfeito quando massageei seus ombros e pressionei os polegares na linha suave da sua coluna. Ela se empertigou toda quando desci as mãos para sua bunda durinha e virou de leve a cabeça para me olhar.

— Eu sabia que você tinha segundas intenções, *advogado*.

— Segundas intenções? Eu? Nunca! Só estou sendo cuidadoso, não quero que você fique ardida mais tarde — falei com toda a minha inocência, apertando suas nádegas de leve e sentindo sua pele ficar arrepiada. — Sou um namorado muito dedicado.

— É sim, o melhor namorado do mundo.

Observei o seu sorriso antes de voltar a esfregar minhas mãos em suas costas, temendo ter uma ereção a qualquer momento se continuasse a me dedicar demais à sua bunda. O protetor solar já havia sido absorvido há muito tempo pela sua pele, mas como eu adorava tocá-la, continuei até sentir o seu corpo relaxar completamente e os seus olhos começarem a pesar. Uma brisa suave cortava o calor intenso do sol e passei o protetor rapidamente em meus braços, peitoral e rosto, sentindo necessidade de me deitar um pouco, aproveitar aquele momento a sós com ela. Seus olhos se abriram de leve quando me deitei ao seu lado e ela veio correndo acomodar a cabeça em meu peito, me dando um beijo rápido antes de se deitar e jogar a perna sobre o meu quadril. Daquele jeito, olhei rapidamente para o céu e acariciei os seus cabelos, me dando conta de que nunca me senti tão em paz.



Os raios do sol bem na minha cara e um mosquito chato picando a minha perna acabaram me despertando e me fazendo dar conta de que havíamos dormido por duas horas direto. Com muita vontade de mijar, desvencilhei o corpo de Luna do meu e fui rapidamente até uma árvore me aliviar, antes dar um último mergulho no lago e sair para vestir a sunga. Luna ao menos havia se mexido e notei que fiz bem em passar o protetor nela, pois, apesar do sol não estar mais em cima da sua pele, ela com certeza ficaria toda ardida se eu

não tivesse lembrado da proteção.

Peguei a toalha que ela havia trazido e me sequei rapidamente só para tirar o excesso da água da pele e dos meus cabelos, antes de me ajoelhar abaixo da sua bunda e inclinar meu corpo sobre o dela. Fui espalhando beijinhos pela linha da sua coluna, até chegar ao pescoço, onde enfiei o rosto e deixei que sentisse o peso do meu corpo em suas costas.

— Hum... Que delícia sentir você assim, gatinha... — sussurrei antes de morder a pele do seu pescoço e levar uma cotovelada em cheio na altura das costelas.

O golpe me deixou sem ar e demorei um segundo para poder entender de onde ele havia vindo, enquanto saía de cima de Luna e ouvia o seu grito estridente e assustado. Ela engatinhou para bem longe de mim, completamente pálida, levando os olhos arregalados para cada canto do lago, antes de finalmente me encontrar. Eu pude ver o terror absoluto dentro deles e isso me machucou mais do que a cotovelada, pois fez com que a realidade desse um soco bem em cheio no meio da minha cara, mostrando a merda que eu havia acabado de fazer.

— Gatinha... — Aproximei-me devagar, ainda de joelhos, erguendo as mãos para que ela pudesse ver que eu não representava perigo algum. Eu não sabia se ela ainda estava em choque, ou se estava acordada o suficiente para saber que eu era eu. — Gatinha, está me ouvindo? Sou eu, Caio. Não vou fazer mal a você.

Ela abriu e fechou a boca rapidamente, ofegando baixinho e piscando com força, como se finalmente estivesse acordando do transe. Novamente, olhou a nossa volta, mas acabou me encarando de verdade quando seus olhos encontraram os meus. Foi quase imperceptível, mas vi o momento em que seu queixo tremeu de leve.

— Eu... Eu... — Ela parecia não saber o que falar e percebi suas pernas começarem a tremer.

— Está tudo bem, meu amor, fica calma. Eu fui acordar você e acabei te assustando — falei, tocando de leve em seu pé, só para testar se ela iria se afastar, mas continuou no mesmo lugar. — Sinto muito, gatinha, eu fui um idiota...

— A culpa não foi sua. Eu só... Eu pensei que... — ela parou de falar e pressionou os lábios um no outro, escondendo rapidamente os seios com o braço. — Quero me vestir.

— Claro.

Peguei seu biquíni jogado em cima da canga e dei a ela a parte de cima, enfiando seus pés na calcinha e subindo a peça por suas pernas, me sentindo um completo imbecil. Como pude deixar aquilo acontecer? Onde eu estava com a cabeça quando achei que acordá-la daquela forma seria uma boa ideia? Suas palavras invadiram a minha mente com a força de um tornado, me trazendo uma consciência tardia do que eu podia ou não fazer com ela.

“Eu estava dormindo em uma cama no canto do quarto, estava muito escuro, mas acordei no susto ao sentir uma pessoa grudada em minhas costas.”

Grudada em suas costas! Porra!

Ela levantou os quadris e permitiu que eu terminasse de vestir a calcinha do biquíni em seu corpo, enquanto amarrava a parte de cima no pescoço. Eu queria falar alguma coisa, remediar aquela situação, mas nada do que vinha na minha cabeça parecia ser o suficiente.

— Posso amarrar nas suas costas? — perguntei e ela assentiu, mal olhando para mim, até que arregalou os olhos ao notar alguma coisa em minha barriga.

— Meu Deus! Eu que fiz isso? — perguntou muito rápido, ajoelhando-se na minha frente e tocando na região da minha costela.

Eu olhei para o lugar onde seus dedos estavam, sentindo que estava realmente magoado e a pele vermelha, mas ignorei aquilo, tomando seu rosto em minhas mãos. Meu coração despencou no peito ao ver seus olhos se encherem de lágrimas.

— Gatinha, esqueça isso...

— Machuquei você — falou muito baixinho, seu queixo tremendo com força. — Eu machuquei você.

— Meu amor, você só se defendeu, apenas isso.

— De você! Eu não tenho por que me defender de você!

Suas bochechas ficaram banhadas pelas lágrimas, mas antes que eu tivesse a chance de secá-las, ela se levantou, abraçando o próprio corpo. Nunca na vida vi uma pessoa tão vulnerável e perdida, parecendo estar sozinha dentro da própria cabeça, cercada por medos invisíveis, mas muito reais. E a culpa de tudo aquilo era minha. Também senti vontade de chorar, mas engoli em seco e me levantei, voltando a me aproximar dela com muita cautela, percebendo que não era só o seu queixo que tremia, mas todo o seu corpo.

— Luna... Gatinha, olha para mim — pedi, tocando em seu queixo, mas ela fechou os olhos e balançou a cabeça, mordendo o lábio para tentar parar de

chorar. — Por favor, meu amor, olha para mim.

— Eu machuquei você.

— Não importa...

— Como não importa? Eu confundi você com ele! Como pude fazer isso? — perguntou com raiva, mas percebi que não era de mim. Ela estava muito indignada, o rosto ficando vermelho e o corpo tremendo. — Eu quero ir embora.

— Tudo bem, nós vamos embora, só vem aqui, me deixa abraçar você...

Minha voz foi morrendo aos poucos quando a vi balançar a cabeça, negando o meu pedido, rejeitando o meu abraço. Eu me senti muito mal, a culpa me corroendo da cabeça aos pés, uma sensação de impotência cobrindo o meu corpo. Só consegui pensar em mim como alguém parecido com o filho da puta que a havia machucado, mesmo tendo consciência de que não havia agido com maldade, nem que tentei me aproveitar da sua fragilidade enquanto dormia.

Sem reação, a observei dar um nó de qualquer jeito no biquíni na altura das costas, vestir o *short* jeans e começar a jogar as bandejas dentro da cesta de qualquer jeito. Uma voz em minha cabeça me alertava que eu tinha que fazer alguma coisa, falar alguma coisa, mas o quê? O que eu poderia fazer além de pedir perdão e dizer que a culpa havia sido minha? Parecia tão pouco perto do desespero que eu via em seus olhos e em suas ações. Acho que fiquei momentaneamente em choque, primeiro pelo o que havia acontecido, depois pela sua reação e sua rejeição, pois só voltei a agir quando me dei conta de que ela já havia recolhido tudo e que eu ainda estava parado no mesmo lugar, usando apenas a sunga. Vesti-me no automático, sem conseguir tirar os olhos dela, que encarava o chão tentando controlar as lágrimas.

— Deixe-me levar isso — pedi, tocando a alça da cesta. Ela me deu e começou a andar ao meu lado, completamente em silêncio. — Pequena, eu sinto muito... Eu...

As palavras me faltaram. Como se minha mente tivesse se calado, me vi sem saber o que dizer para ela, enquanto seus ombros tremiam de leve. Eu queria ter o poder de voltar no tempo e mudar tudo, não só o que havia acontecido hoje, mas o que havia acontecido a ela no passado. E ali, no meio daquelas árvores enquanto voltávamos para o carro, eu reafirmei dentro de mim a promessa de fazer o filho da puta pagar pelo o que havia feito a minha garota. Logicamente, não iria apagar da sua mente o que havia acontecido, mas acabaria com aquela sensação de impunidade que vibrava dentro de mim

e que parecia brilhar dentro dos olhos dela. Talvez Luna nem soubesse que precisava da certeza de que ele estava pagando pelo o que fez para poder encontrar um pouco de paz, mas eu mostraria isso a ela quando o desgraçado estivesse atrás das grades.

Ninguém fodia com o que era importante para mim e saía impune. Eu poderia ser o cara mais legal e gente boa que alguém poderia conhecer, mas sabia ser implacável quando precisava proteger aqueles que eu amava.

Entramos em meu carro e fizemos o caminho até a sua casa permeados pelo silêncio, com o céu já escurecendo. Luna olhou o tempo todo pela janela e senti muita falta do som da sua voz, da sua risada, do seu toque e do seu olhar. Nunca a tinha visto tão quieta e introspectiva, nem mesmo na noite do nosso primeiro beijo, quando me contou tudo. Saber que ela estava daquele jeito por minha culpa, me matava por dentro. Justo eu, que sempre fiz de tudo para que ela sorrisse, para que se sentisse bem e feliz, a havia magoado de forma tão profunda por conta de um descuido.

Eu vinha agindo com ela de forma tão protetora e cuidadosa, fazendo de tudo para não ir além, mesmo quando via em seus olhos que ela queria mais, mas acabei relaxando depois do que havia acontecido entre nós dois, a intimidade que partilhamos à beira do lago, em meio à natureza. Achei que estávamos protegidos de tudo, mas havia me esquecido que o monstro invisível que a acompanhava estava bem ali, à espera de uma brecha para atacar.

E se ela nunca mais me perdoasse? Se perdesse a confiança em mim? Eu poderia falar mil vezes que não havia agido com maldade, mas não sabia se ela iria acreditar. Aquelas dúvidas estavam terminando de retorcer a faca dentro do meu peito e, não suportando mais aquilo, acabei esticando a mão e ligando o rádio, tentando fazer tudo para abafar as vozes dentro da minha cabeça. O som repentino acabou chamando a atenção de Luna, que me encarou com os olhos secos, mas que pareciam chorar. Sem suportar mais aquele golpe, decidi que não deixaria que ela saísse daquele carro sem que pelo menos me escutasse, sem que soubesse o quanto eu estava arrependido, por isso, embiquei o veículo no canto da trilha e acendi a luz no teto, olhando bem dentro dos seus olhos.

— Quero muito falar com você. Pode se sentar aqui?

Apontei para as minhas pernas, sem saber ao certo se aquele pedido seria muito para ela ou não. Sem dizer nada, ela apenas assentiu e se livrou do cinto de segurança, vindo se sentar de lado no meu colo. Como não queria

que fugisse do meu olhar, tomei seu rosto delicadamente em minhas mãos e observei seus cílios ainda úmidos e os olhos agora cheios de lágrimas contidas.

— Eu sei que, provavelmente, você nem quer ouvir o som da minha voz agora, mas eu preciso muito que você saiba que eu não fiz aquilo por maldade, pequena. Em momento algum eu pensei em me aproveitar de você ou em fazer com que você se sentisse mal ou abusada, nem quis que você se lembrasse do que aconteceu no passado. Estou me sentindo o pior dos homens por ter te machucado tanto, justo quando o meu objetivo é te fazer sorrir, te fazer feliz. Eu realmente sinto muito e espero que você consiga me perdoar pelo que aconteceu.

— Eu sei que você não quis me machucar, eu não estou pensando mal de você — ela disse baixinho com a voz embargada. — Eu só estou me sentindo mal porque não queria que aquilo tivesse acontecido, não queria ter reagido daquele jeito e machucado você. A culpa foi minha.

— Claro que não! Luna, a culpa foi totalmente minha! Eu não deveria ter acordado você daquela forma, tinha que ter tido consciência de que poderia te despertar lembranças, te fazer mal — falei, vendo-a tentar conter o choro e as emoções. Aproximando seu rosto do meu, pedi: — Não se feche para mim, meu amor. Fale o que você está sentindo.

Eu estava pronto para tudo, principalmente para se ela admitisse que eu era mesmo o culpado e jogasse na minha cara que eu não deveria ter agido daquela forma, mas nada me preparou para as palavras que saíram da sua boca:

— Eu estou sentindo muita vergonha, porque... Porque eu não queria que tudo aquilo tivesse acontecido comigo e nem queria ter pensado que você era ele ou ter te machuca-cado...

Ela soluçou no final e escondeu a cabeça no vão do meu pescoço, começando a chorar muito. Eu até tentei me conter, mas não consegui, as lágrimas vieram com força total, mas desceram silenciosamente pelo meu rosto enquanto eu a apertava entre os meus braços e a deixava colocar tudo para fora. Deus sabia que o meu maior desejo naquele momento era tirar a dor de dentro dela e passar tudo para mim. Eu suportaria cada lembrança, cada medo, cada fissura que o filho da puta havia feito na alma da minha garota, apenas para que ela não tivesse que passar pelo o que estava passando agora. Seu choro doía dentro de mim, ecoava em cada batida do meu coração e me fazia questionar que tipo de prazer doentio uma pessoa podia sentir em

fazer alguém inocente sofrer dessa maneira. Porque com certeza o desgraçado deveria rir de cada lágrima derramada por Luna, mas eu iria o fazer pagar, fosse por bem ou por mal.

Seus soluços foram cessando aos poucos, mas ela não fez menção de sair do casulo criado pelos meus braços, por isso, pisquei bem forte para dispersar as lágrimas e acariciei o seu cabelo, torcendo para que o meu carinho ajudasse a curar um pouco as feridas dentro do seu coração. Eu queria ter o dom das palavras e dizer muitas coisas naquele momento, algo que fugisse da raiva que eu estava sentindo do filho da puta e da indignação que parecia me deixar engasgado por ela estar sentindo vergonha e culpa quando, na verdade, era vítima de tudo o que havia acontecido, mas eu não sabia muito bem o que dizer. Muita coisa vinha a minha mente, mas nada parecia bom ou forte o suficiente, por isso, deixei que o rádio continuasse a preencher o silêncio, até que prestei atenção na música que estava tocando. Cindy Lauper cantava *True Colors* e, baixinho, me peguei traduzindo algumas partes que pareciam falar por mim naquele momento.

— *Se este mundo te deixa louca e você aguentou mais do que poderia tolerar, me chame, porque você sabe que eu estarei lá. Eu vejo as suas cores verdadeiras, e é por isso que eu te amo, então, não tenha medo de deixá-las aparecerem, suas cores verdadeiras são lindas, como o arco-íris.*

Puxei o seu rosto para cima quando terminei a última estrofe e encontrei os seus olhos repletos d'água e o semblante triste.

— Um dia eu falei que te via através de todas as suas cores, mesmo aquelas que você esconde do mundo, lembra? — Ela assentiu e eu continuei: — Eu continuo enxergando e isso nunca vai mudar, gatinha. Mesmo quando o mundo estiver ruindo, ele não vai mais ruir apenas sobre você, vai ruir sobre nós dois, porque agora a sua dor é a minha dor, a sua tristeza é a minha tristeza, a sua alegria também é a minha alegria. Você não está mais sozinha para suportar tudo, porque eu estou aqui e continuarei aqui enquanto você permitir.

Ela ofegou baixinho e eu sequei as lágrimas que rolavam em abundância pelas suas bochechas.

— Você vai querer ficar comigo mesmo depois de eu ter te dado uma cotovelada na costela?

— Mas é claro que sim! A culpa não foi sua.

— Se a culpa não foi minha, então ela também não foi sua. A culpa foi do meu passado.

— A culpa foi *dele* — concluí demonstrando um por cento da raiva que eu sentia pelo desgraçado. — E, um dia, quando você se sentir pronta para compartilhar o nome do filho da puta, eu vou o fazer pagar. Eu prometo para você, pequena. Ele vai pagar por tudo o que fez.

— Um dia eu vou conseguir contar quem foi, eu juro.

— Eu vou esperar — falei, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Vou tomar mais cuidado de hoje em diante, juro que o que aconteceu hoje nunca mais vai se repetir.

— Você sempre foi muito cuidadoso comigo, eu sei que não fez por mal, sei que não quis se aproveitar de mim. Não quero que você fique pensando assim. Eu confio e vou continuar confiando em você.

— Não imagina como me faz bem ouvir isso, pequena.

— Eu só consigo agradecer a Deus pela cotovelada ter sido na costela. Se fosse no Caio Júnior, eu nunca iria me perdoar — ela conseguiu brincar mesmo em meio às lágrimas e eu ri, principalmente por ver que estava recuperando o bom-humor.

— Acho que você está gostando mais dele do que de mim.

— Eu me apaixonei por ele bem antes de me apaixonar por você, acho bom deixar claro.

— Fui traído pelo meu próprio pau! Por esse golpe eu não esperava, Luna!

Ela gargalhou de verdade e eu a olhei encantado, com o coração batendo bem forte no peito, sentindo parte da dor e da culpa abrandar. Quando voltou a olhar para mim, ainda com lágrimas nos olhos, mas sem chorar, eu voltei a tomar seu rosto em minhas mãos e me aproximei até conseguir tocar os meus lábios em suas bochechas. Sequei a sua pele com beijos curtos e suaves, até alcançar a sua boca, onde dei um beijo longo e cheio de sentimentos que eu nem sabia que um único coração era capaz de nutrir.

O que eu sentia por aquela pequena era algo que eu nem conseguia mensurar. Se alguma coisa acontecesse a ela, se algo voltasse a feri-la, se alguém ameaçasse machucá-la, iria despertar uma parte em mim que talvez ninguém tivesse conhecimento. Eu moveria o céu, a terra e o inferno por Luna. Faria qualquer coisa para protegê-la.



Capítulo 30

Luna

Foi praticamente impossível dormir naquela noite.

Fiquei rolando de um lado para o outro na cama, olhando para o teto, para a janela, para as paredes, procurando dentro de mim um motivo plausível para ter atacado Caio daquele jeito, quando, conscientemente, eu sabia que era ele que estava comigo. Peguei no sono deitada sobre o seu peito, sentindo seu corpo colado ao meu, muito feliz por ter dado um passo tão importante no nosso relacionamento. Entregar-me a ele daquele jeito à beira do lago foi ainda melhor do que eu havia imaginado um dia. Nada no mundo tinha me preparado para sentir tanto prazer, para os orgasmos intensos que haviam tomado conta de todo o meu corpo, muito menos para o momento crucial em que finalmente o vi completamente nu e tive a real dimensão do quão grande ele era — em todos os sentidos.

Em minha cabeça, nada poderia atrapalhar o sonho que eu estava vivendo ao seu lado. Estar com Caio era como dar um passo para fora da bolha em que eu mesma havia me enfiado nos últimos anos. Apesar de ter muitos “amigos”, sempre vivi muito sozinha, pois não tinha uma pessoa de verdade ao meu lado para poder me abrir, alguém que estivesse disposto a me ouvir, me entender e me apoiar. Aprendi o que era ter uma amizade verdadeira quando Gabi entrou em minha vida, mas, o que eu vivia com Caio, era algo mais intenso, avassalador. Eram sentimentos diferentes, apesar de ele também ser o meu melhor amigo. Nele, eu confiava muito mais do que os meus segredos, do que o meu passado, eu confiava o meu corpo, o meu coração e a minha alma. Mesmo assim, acabei estragando tudo.

Uma parte de mim sempre me culpou pelo o que havia acontecido naquele final de semana. Era quase impossível calar aquela vozinha amargurada, que esfregava na minha cara que eu poderia ter sido mais cuidadosa, que eu não

deveria ter dado confiança a *ele*, que eu deveria ter gritado, pedido por socorro, esperneado, feito *qualquer coisa* para que ele não conseguisse ir até o fim. Às vezes eu conseguia conversar comigo mesma e alertar que eu fui uma vítima, mas tinha momentos que era muito difícil de acreditar nisso. A culpa vinha com tanta força, que ameaçava me sufocar. Hoje era um desses dias. Não conseguia me perdoar por ter atacado Caio daquela maneira tão covarde, quando ele não havia feito nada.

Eu quase não conseguia me lembrar do que tinha acontecido de verdade, mas recordava do susto que levei ao sentir um corpo forte pressionado contra as minhas costas, o rosto enfiado em meu pescoço, o sussurro. Não me recordava das suas palavras, mas me lembrava do sussurro cadenciado ao pé do meu ouvido. Isso tudo foi o suficiente para fazer com que um alerta apitasse em minha cabeça, me avisando que eu estava em perigo novamente e que precisava me defender, que eu não poderia deixar que aquilo acontecesse de novo e eu só reagi. Não consegui me lembrar que eu não estava naquele quarto escuro, que eu não era mais aquela menina indefesa e que eu havia pegado no sono ao lado de Caio, o homem em quem eu mais confiava no mundo, meu melhor amigo, meu namorado.

Quis morrer quando me dei conta do que havia feito com ele. Além da cotovelada na costela, eu havia magoado os seus sentimentos, vi o como ficou chocado com o que havia acontecido, abalado, se culpando, quando, na verdade, a culpa era minha por não ter me lembrado que era ele que estava comigo. A culpa era *dele* por ter me traumatizado dessa forma. Caio era o único que não tinha culpa ali. Qualquer namorado se aproximaria daquela forma da mulher por quem estava apaixonado, ele não quis se aproveitar de mim enquanto eu dormia, não quis me fazer mal, só quis me acordar de um jeito carinhoso, um jeito *normal*. Mas eu não era normal.

Será que nosso relacionamento sempre seria assim? Com ele tendo que se privar de fazer coisas comuns, que faria com qualquer outra mulher que não tivesse passado pelo o que eu passei? Será que era justo fazer isso com ele? Talvez, o melhor fosse deixar que ele ficasse livre para encontrar alguém melhor do que eu, que não carregasse tanta coisa, que não o atacasse de repente e destruísse um dia que deveria ter sido perfeito.

Pensar em deixar Caio me machucou mais do que a culpa. Havia conhecido tanta coisa incrível com ele, principalmente sobre mim mesma. Meu *advogado* era a personificação do amor, pois ao seu lado eu havia aprendido a amar a mim mesma, a ter confiança em mim e nos meus sonhos e

havia entendido que eu poderia ser amada de volta, pois, apesar da culpa e da tristeza, eu senti o amor dele por mim atravessar os sentimentos ruins e aquecer a minha alma. Já havia lido em vários livros sobre o poder do amor, mas, hoje, eu havia o conhecido pessoalmente, cara a cara, sem maquiagem ou pudores. Eu o vi nos olhos de Caio no momento em que me sentei sobre o seu colo dentro do carro. Ainda assim, sozinha no silêncio do meu quarto, minha mente acabava me fazendo pensar em um monte de besteiras com as quais eu não estava nem um pouco preparada para lidar.

Fiquei com medo de enlouquecer e ponderei ligar para Caio para conversar, mas já passava das cinco da manhã quando peguei meu celular e desisti. Resolvi colocar uma música para tentar distrair a mente e *True Colors*, de Cindy Lauper, começou a tocar pelos meus fones de ouvido. Deixei a música no *repeat* e encarei o teto, lembrando-me do momento em que Caio a traduziu bem baixinho ao pé do meu ouvido, me emocionando mesmo sem querer. Eu não conseguia parar de pensar sobre quanto ele era especial, cuidadoso e amoroso, tão diferente do que gostava de mostrar ao mundo. Acabei chegando à conclusão de que Caio só mostrava a sua verdadeira face para quem ele sentia que merecia e eu ficava feliz por ter sido uma das escolhidas.

Uma notificação em meu celular me fez voltar ao mundo real e eu encarei a tela, percebendo que havia recebido um *direct* no *Instagram*. Pensei em ignorar e deixar para ler depois, mas, logo em seguida, apareceu uma nova notificação me informando que Elizabete Alcântara havia acabado de me seguir. Meu coração parou em minha garganta e eu me sentei na cama, abrindo rapidamente a rede social só para conferir se era verdade ou não, mas era. E o *direct* era dela. Nervosa, abri o *chat* e mordi o lábio ao ver que ela havia respondido um *story* que eu havia postado mais cedo. Era uma foto minha e de Caio, eu sentada entre as pernas dele, sorrindo, e ele beijando a minha bochecha.

“Vocês formam um casal lindo, norinha!”

Ai, Jesus. Ela não só havia escrito essas palavras, como havia enviado um monte de coraçõezinhos, fazendo o *meu* coração quase entrar em colapso. Tomando coragem, respondi:

“Obrigada, sogra! É quase impossível algo não ficar lindo quando

seu filho está incluído.”

Para a minha surpresa, ela respondeu um segundo depois.

“Não fale isso perto dele, por favor! Amo o meu filho, mas ele puxou ao pai e é um convencido de marca maior, rsrs. Por que está acordada tão cedo? Não me diga que está com Caio e eu atrapalhei vocês, por favor!”

“Não, eu estou em casa. Hoje só não está sendo uma noite fácil, mas vai passar. E a senhora? Por que já está acordada?”

“Minha querida, sinto muito por isso. Quer conversar? Eu estou no aeroporto e meu voo só sai daqui a duas horas.”

Li a sua mensagem e acabei me lembrando do conselho de Caio sobre começar a conversar com a sua mãe, pois ela era psicóloga e poderia me ajudar de alguma forma. Eu não sabia até que ponto era ético me abrir com a minha sogra de um jeito profissional e nem sabia se estava preparada para falar tudo para ela, já que pouco a conhecia, mas decidi que faria como Caio havia me aconselhado. Eu poderia me abrir aos poucos e seria bom ter alguém para conversar nesse momento em que eu estava me sentindo tão sozinha e confusa. Aceitei a sua proposta e ela me chamou no *WhatsApp* segundos depois. Fiquei encarando a tela por um tempinho, pensando em como poderia iniciar aquela conversa e sobre o que eu estava disposta a falar.

“Eu passei a madrugada inteira me perguntando sobre o porquê da mente nos pregar peças de vez em quando. Parece que o nosso subconsciente só espera uma brechinha para poder nos atacar de forma cruel e isso machuca muito.”

Enviei a mensagem com o coração acelerado, pensando que, provavelmente, Elizabete me acharia uma louca que não falava nada com nada, no entanto, sua resposta me mostrou como eu estava errada. Ela era psicóloga, já deveria estar acostumada a ter que lidar com a confusão mental dos seus pacientes.

“Às vezes, algumas situações realmente desencadeiam pensamentos, lembranças e sensações que nos machucam, nos pegando de forma inesperada.”

“Por que isso acontece?”

“Essas ‘peças’ que a mente nos prega se chama gatilhos emocionais. Vou te dar um exemplo simples para que possa entender: às vezes, você está em uma festa e escuta uma música e essa música acaba despertando memórias de um momento especial que você viveu enquanto a escutava. Ou, às vezes, você acaba sentindo um cheiro que faz com que você se lembre de algo ou de alguém. Essas lembranças e sensações que chegam em nossa mente através de algo, são chamadas de gatilhos emocionais. Em alguns momentos, nos trazem uma sensação boa de felicidade e nostalgia, em outras, nos fazem mal. Tudo vai depender de como esse gatilho foi gerado e de que lembranças e sensações ele nos desperta.”

Fazia todo o sentido. Estar novamente naquela posição indefesa, com Caio em cima de mim, havia despertado lembranças daquela noite e fez com que eu me sentisse em perigo, desprotegida e atacada.

“Então eu só preciso evitar que situações ruins aconteçam para poder evitar esses gatilhos?”

“Eu não diria que você precisa evitar situações, porque nem sempre teremos o poder de evitar algo que possa nos despertar memórias ruins, mas, sim, que você precisa aprender a lidar com essas situações, para que esses gatilhos não ocorram com tanta frequência e, quando e se por um acaso ocorrerem, você possa lidar com eles.”

Novamente, ela tinha razão. Como eu poderia me privar do toque e do abraço de Caio enquanto estivéssemos juntos, às vezes até mesmo dormindo, só para evitar lembranças e sensações que me fariam mal? Isso não seria viver e eu queria realmente *viver* ao lado de Caio, queria que ele se sentisse à vontade para me tocar da forma que quisesse e que seu toque não me gerasse qualquer outra coisa que não fosse amor e prazer. Não poderia me tornar refém do medo, já havia vivido com ele por bastante tempo ao meu lado.

“Quero aprender a lidar com isso, sogra. Você pode me ajudar?”



Eu não fazia ideia de que precisava tanto conversar com uma profissional até começar a conversar com Elizabete naquela manhã. Não que eu tivesse contado o meu passado, mas ela parecia pegar detalhes do que eu deixava escapar, como se visse através do que eu escrevia. Conversamos até ela precisar colocar o celular em modo avião, minutos antes de voar para São Paulo, onde participaria de um congresso e combinamos que conversaríamos por vídeo-chamada quando voltasse para Goiânia. Ela deixou bem claro que tudo o que falássemos uma para outra seria confidencial e disse que estava ansiosa para podermos nos aproximar cada vez mais.

Eu me senti muito acolhida e querida enquanto conversava com ela e pude observar, mesmo quando falava de uma maneira mais profissional, que Caio tinha muito da sua personalidade. Elizabete era doce, simpática e muito fácil de conversar. Enquanto falava com ela, me senti uma boba por ter ficado com medo de que não gostasse de mim no almoço na casa de Ramon e agradei a Deus por ela ser tão maravilhosa. Tinha mesmo que ser uma mulher incrível, afinal, ela tinha dado à luz ao Caio! Aquele homem perfeito não teria sido gerado no útero de qualquer uma. O pensamento me fez rir e percebi que estava me sentindo bem melhor depois de ter trocado mensagens com ela.

Elizabete me fez entender que o sentimento de culpa que tanto me assolava era algo que iríamos trabalhar juntas para diminuir e me explicou que a psicoterapia me ajudaria a me conhecer melhor, a trabalhar os meus medos e adquirir autoconfiança. Eu sentia que havia melhorado muito com a presença de Gabi e Caio em minha vida, mas o suporte de uma profissional era de suma importância.

Sobre a questão ética, Elizabete deixou claro que o Código de Ética dos Psicólogos não proibia que o profissional atendesse familiares ou amigos, por isso, nós continuaríamos a conversar de forma honesta e que, em breve, ela me apresentaria a uma amiga de confiança, o que me deixou mais confortável. Eu preferia mesmo começar aos poucos, aquela era uma situação nova para mim e, apesar de ter conhecido Elizabete há tão pouco tempo, sentia que poderia aprender com ela como funcionava todo o processo entre profissional e paciente, até ser encaminhada para outra pessoa.

Acabei pegando no sono depois que nos despedimos e acordei com o meu celular tocando às onze da manhã. Era uma ligação do meu pai e eu sorri ao atender.

— Então quer dizer que você está namorando e eu sou o último a saber? — Foi a primeira coisa que ele perguntou depois que eu atendi.

— Eu ia ligar para contar a você, pai.

— Claro que ia, mas não é com você que quero conversar, é com o tal do Caio. Fernanda me contou tudo sobre ele.

— Se ela contou, então o senhor já sabe que ele é um homem maravilhoso.

— Eu não sei de nada, só vou saber quando olhar na cara dele — ele disse com uma voz fechada, o que me arrancou uma risada. Eu não conseguia imaginar o meu pai todo sério daquele jeito. — Já estou marcando a minha próxima viagem para Santo Elias.

— O senhor estará de férias no próximo mês, não é?

— Sim. Mal posso esperar para ver vocês e a sua mãe também, mas não deixe ela saber disso, você a conhece, sabe como ela gosta de se fazer de durona.

— Sim, eu sei.

— Mas ainda vou convencê-la a voltar para mim, você vai ver! Agora, me conte melhor sobre esse tal de Caio, para eu poder escolher a melhor arma que vou colocar dentro da minha mala.

Só quem não conhecia o meu pai que acreditaria naquela braveza toda. Ele sempre foi o primeiro a me incentivar a sair, curtir a vida, beijar na boca, sempre com prudência, é claro. Ele não fazia muito o papel de pai de ciumento, mas eu acreditava que queria mesmo conhecer Caio, conversar com ele, descobrir se era um homem de confiança... Meu pai era o melhor pai do mundo! E eu torcia mesmo para que ele e minha mãe voltassem a se acertar, pois, apesar de todas as brigas e separações, o fato de nunca terem se apaixonado ou se envolvido com outras pessoas, deixava bem claro, pelo menos para mim, que um ainda gostava do outro.

Assim que desligamos, eu me levantei e fui ao banheiro rapidinho, antes de ir para a cozinha. Minha mãe já estava no casarão trabalhando e havia deixado um recado na porta geladeira pedindo para que eu preparasse o almoço e foi isso que fiz, ocupei-me na cozinha e aproveitei para gravar uns *stories* cozinhando, enquanto pensava em colocar em prática o que havia comentado com Caio no nosso jantar. Queria mesmo ter uma fonte de renda extra para poder comprar os cortes de tecido e achava que vender doces poderia ser uma boa ideia. Na fazenda mesmo eu poderia vender tudo, nem precisaria me desgastar e ir até o centro da cidade. Também seria uma ótima forma de me fazer sentir útil, já que ainda não estava na faculdade. Fiz uma nota mental de comentar sobre aquilo com a minha mãe mais tarde e deixei de lado o pensamento quando meu celular tocou com uma notificação. Era

uma mensagem de Caio respondendo ao meu *story*.

“Que delícia, gatinha! Saiba que isso não se faz com um namorado faminto, que está no meio de uma reunião chata com um bando de homem engravatado.”

“Saia da reunião e venha aqui que eu te alimento, advogado.”

“Tentador, mas quem vai te alimentar hoje, sou eu. Que tal um jantar na minha casa?”

“Sim! Finalmente vou conhecer onde habita o namorado mais gostoso do mundo!”

“Assim eu vou ficar me achando, amor.”

“Mais? Isso é possível?”

“Nunca duvide da minha capacidade. Te busco às sete, tá bom?”

“Está bem. Beijos, advogado.”

“Beijos, gatinha.”



Às sete em ponto Caio me mandou uma mensagem falando que estava na porta da minha casa. Ele entrou rapidinho para dar um abraço em minha mãe e em Fernanda e eu precisei fingir que não queria babar na sua versão engomadinha, com gravata e tudo. O homem ficava irresistível usando um terno feito sob medida.

— Estava morrendo de saudade, gatinha — ele disse baixinho em meu ouvido ao me abraçar em frente ao seu carro.

— Eu também estava. Você está muito gostoso nesse terno — falei, arrancando uma risada dele.

— Engraçado, os advogados com quem passei boa parte do dia não me falaram isso.

— Eles não queriam admitir que você que era o mais bonito de todos eles.

— Provavelmente. Eu sei como a minha beleza pode ser intimidante — falou com aquele sorriso sensual que fazia minhas paredes vaginais baterem palmas. — Como você está?

— Estou bem e você?

— Agora eu estou bem.

Sua voz baixa e aveludada fez uma carícia quando passaram pelos meus

ouvidos, me deixando toda derretida. Ele me beijou lentamente, encostando-me na lataria do carro e acariciando a minha língua por longos segundos, antes de se afastar e abrir a porta do carona para mim. Fomos conversando sobre tudo e sobre nada no caminho para a sua casa, evitando falar sobre o que havia acontecido no dia anterior. Eu sabia que iríamos falar sobre aquilo em algum momento, mas achei melhor deixar que o assunto viesse de forma natural, quando chegasse a hora. Um tempo depois, ele embicou o carro para a direita e subiu na calçada até estacionar em uma vaga ao lado de uma casa com a fachada moderna em mármore e madeira, bem iluminada. Eu desci já olhando tudo, querendo me alimentar do bom-gosto do *advogado*. Ao dar de cara com aquele tipo de porta alta de casa de rico, eu senti o impacto e me preparei para entrar no mundo do homem que eu amava.

Ele deixou que eu entrasse e o primeiro cômodo que vi foi a sala, entendendo que a cor predominante, até aquele momento, era o branco, o cinza e o chumbo, tudo bem masculino e a cara de Caio. A parede central era toda em chumbo, com um painel de mármore onde ficava a TV gigantesca e prateleiras com livros e objetos de decoração embaixo. O ponto de cor ficava para a poltrona vermelha em cima do tapete cinza claro e a almofada da mesma cor em cima do sofá enorme e muito confortável, também cinza. Pela parede de vidro e as portas de correr, dava para ver o pequeno jardim do lado de fora e a piscina.

— Meu Deus do céu, a sua casa é linda! — falei de uma vez, porque não ia conseguir guardar aquele elogio dentro de mim por muito tempo.

— Achei que você iria dizer que era sem graça e sem cor — ele disse ao tirar o paletó e a gravata. Precisei piscar duas vezes para poder parar de olhar para aquelas mãos enormes trabalhando no nó em seu pescoço.

— Não tem como falar que é sem graça, muito menos sem cor. Essa casa é a sua cara, combina demais com você e eu gostei da paleta de cores, o branco não deixa que o ambiente fique escuro demais. De dia deve ser lindo com o sol entrando pela parede de vidro.

— Vai ser lindo mesmo quando fizermos amor aqui no tapete e o sol começar a banhar o seu corpo quando amanhecer — ele disse todo safado, se aproximando de mim e me dando um beijo por cima do meu sorriso. Nem precisava dizer que minhas partes baixas concordaram imediatamente e que a minha mente criou a imagem com perfeição. — Vem cá, deixa eu te mostrar os outros cômodos.

Ele me levou pela mão até a cozinha, que acompanhava a mesma paleta de

cores da sala, com o piso de cerâmica branco, ilha cinza com mármore chumbo, eletrodomésticos em inox, depois, me levou até o escritório pequeno, mas muito confortável, com chão e paredes lisas em madeira, prateleiras modernas e uma mesa que pegava de um canto a outro da parede, bem espaçosa. Apresentou-me o banheiro social rapidamente, em seguida, me levou ao seu quarto e, caramba, os outros cômodos pareceram um ovinho de codorna perto da imensidão que era a sua suíte.

Para começar, a cama parecia um campo de futebol de tão grande, suspensa por uma armação de ferro preto com quatro colunas, imitando um dossel moderno. Atrás dela, havia uma parede cinza com um painel de madeira com iluminação especial no teto e, ao lado, havia uma poltrona lindíssima que dava para a porta de correr que levava à lateral da casa.

— Você já comprou essa cama pensando nos quinze filhos que queria ter um dia, fala a verdade — falei ao me virar para ele, ouvindo a sua risada.

— Então agora você concorda que vamos ter quinze filhos?

— Claro que não! Mas essa é a única explicação plausível para alguém comprar uma cama como essa.

— Eu tenho outra explicação bem mais condizente, gatinha — ele disse, puxando-me pela cintura até colar o corpo ao meu. — Eu sou um homem grande, gosto de espaço e de conforto, principalmente na hora do sexo.

— Eu deveria saber que você sempre pensa com a cabeça do Caio Júnior. É impressionante como vocês dois não têm um pinga de vergonha!

— A gente tinha um resquício de vergonha sim, mas ela foi embora quando conhecemos você, afinal, não é todo dia que elogiam o nosso tamanho sem ainda nos conhecer formalmente — falou arqueando as sobrancelhas e me dando um sorriso de lado bem safado, que me deixou de pernas bambas. — Vou te mostrar o banheiro e o closet, pois ainda preciso tomar um banho rápido antes de cozinhar o nosso jantar.

— Você vai cozinhar para mim?

— Claro que sim! Está na hora de você conhecer o meu lado *chef*.

Ele me deu uma piscadinha rápida e me levou até o closet maravilhoso e o banheiro moderno e lindo, com uma banheira cinza chumbo — onde ele prometeu que tomaríamos um banho em breve — e o box enorme com chão de madeira com a ducha direto no teto. No *teto*. Tomar um banho ali dentro deveria ser um evento, eu sentia que precisaria me lavar antes de entrar, só para não correr o risco de ofender a beleza daquele chuveiro.

Ele me deixou conhecendo a parte externa da casa, onde ficava a piscina e

o jardim e disse que eu poderia ficar à vontade, pois iria jogar uma água no corpo. Falar que iria jogar uma água no corpo dentro daquele banheiro era quase um insulto, mas deixei passar e fiquei babando em como era lindo aquele jardim pequeno, mas florido, a piscina com pequenos pontos de luz. Dali pude perceber que não era só da sala que tínhamos acesso à área externa, mas da cozinha também. A casa do *advogado* era tão perfeita quanto ele e finalmente entendi o porquê de ele sentir cada vez mais necessidade de dar uma pausa nas viagens à trabalho e aproveitar mais aquele lugar. Mal havia sido apresentada e já não queria mais ir embora e não era porque a casa era linda, moderna e até mesmo luxuosa em muitos aspectos, mas porque tinha cara de lar.

Resolvi o esperar na sala e liguei a TV só para romper o silêncio, aproximando-me das prateleiras abaixo dela para ver os porta-retratos ali. Tinha muitas fotos de vários momentos da vida de Caio, ele ainda criança no colo do pai, outras dele bem mais jovem na época do colégio, já lindo demais e, certamente, atazanando o juízo das meninas. Ele com a mãe, vestido no que parecia ser a sua formatura, algumas com Ramon e outras com outros homens que eu não conhecia. Em todas ele estava muito sorridente e feliz, tornando impossível não sorrir ao ver cada uma das fotografias. Tomei um susto quando uma música surgiu do nada, inundando a sala e ouvi a voz de Caio por cima dela.

— Gatinha, vem aqui na cozinha, tenho uma surpresa pra você.

Curiosa, coloquei o porta-retrato de volta no lugar e fui até a cozinha, parando na entrada e começando a rir quando encontrei Caio de costas para mim, cortando cebola em uma tábua de madeira, usando apenas uma cueca box branca e um avental. Ele rebojava lentamente ao som de *Fly Me To The Moon*, de Frank Sinatra, e se virou para mim, depois de deixar a faca em cima da tábua. Gargalhei ainda mais quando li “*Cuidado, chef gostoso na cozinha! Alto risco de se apaixonar (e não é pela comida)!*” na frente do avental.

— Não acredito nisso! — falei, indo até ele sendo puxada pela sua mão.

Ele me agarrou pela cintura e deu um selinho em cima do meu sorriso, começando a dançar comigo no meio da cozinha.

— Pensei em realizar a sua fantasia gastronômica... Ou seria sexual?

— Com você, é um pouco dos dois. Onde achou esse avental? É a sua cara!

— Achei em uma loja de artigos masculinos na cidade vizinha, ao lado do

prédio onde tive uma reunião. Aparentemente, eu não sou o único homem egocêntrico no mundo, o que é um absurdo.

— Podem até existir outros, mas ninguém é como você, *advogado*. Você é insuperável e insubstituível — falei, soltando um gritinho quando me fez rodopiar e voltar aos seus braços bem rápido, tendo minha boca capturada em um beijo de tirar o fôlego. — Amei a surpresa.

— Vai amar ainda mais depois que comer o que vou preparar para você.

Nós dançamos até a música chegar ao final e ele me deu um beijo longo antes de voltar a cortar a cebola. Eu me ofereci para ajudar, mas ele não deixou, disse que eu deveria ficar sentada e relaxar, então, foi isso que fiz. Sentei-me no banquinho em frente à ilha da cozinha e bati palminhas silenciosas quando ele apareceu com o mesmo vinho maravilhoso que tomamos no restaurante, servindo-o em duas taças. Brindamos rapidamente e comecei a beber, observando a desenvoltura do *advogado* na cozinha, enquanto babava em sua bunda dura escondida pelo tecido da cueca. O homem era uma perdição para os olhos, para o coração, para a mente... Para tudo.

Ele preparou um risoto de camarão e o serviu em dois pratos, ralando queijo parmesão por cima, todo concentrado e gostoso. O cheiro estava maravilhoso, mas todos os meus sentidos se concentraram nele quando tirou o avental e deixou à mostra aquele abdome perfeito, o V bem marcado, as veias maravilhosas que se escondiam dentro da cueca, que mal parecia suportar o volume maravilhoso do Caio Júnior...

— Gatinha, a comida está aqui no prato, não dentro da minha cueca — o safado disse, quase me fazendo morrer de vergonha.

— Como você é idiota, meu Deus! — exclamei, querendo fugir dali, mas tentando fazer a plena e bebendo mais um pouco do vinho.

Ele riu e deu a volta na ilha da cozinha, virando-me no banquinho e parando entre as minhas pernas. Eu precisei segurar um suspiro quando seus dedos se infiltraram em meu cabelo, ficando toda arrepiada.

— Estava brincando, você pode olhar para a minha cueca o quanto quiser.

— Correção: só eu tenho o *direito* de olhar para a sua cueca o quanto eu quiser.

— Exatamente, só não fique chocada se o Caio Júnior se achar no direito de se meter na nossa conversa.

— Ele pode se meter onde quiser — deixei escapar e Caio gargalhou, esfregando aquele volume absurdo em minha barriga.

— Dê mesmo abertura a ele, depois não reclame quando ele não te deixar em paz.

— Ainda bem que eu passei os últimos dezoito anos em paz, posso muito bem enfrentar uma batalha agora. Porque, convenhamos, vai ser uma luta conter esse arsenal gigantesco dentro de mim.

— Se Deus fez, é porque cabe — ele repetiu a minha frase, abaixando-se para beijar a minha boca.

Eu queria muito que o beijo tivesse durado umas dez horas no mínimo, mas aí Caio me lembrou que deveríamos comer antes que a comida esfriasse, então, nos afastamos e pegamos os pratos, talheres, nossas taças, a garrafa de vinho e fomos pra sala. O tapete de Caio era muito confortável e foi sobre ele que nos sentamos para poder comer e, meu Deus, estava delicioso! Não bastava ser lindo, gostoso, bom profissional e dono do meu coração e dos melhores orgasmos da minha vida, ele também tinha que ser um ótimo cozinheiro. Caio fazia com que os outros homens se tornassem um experimento malsucedido perto da perfeição que ele era.

Foi difícil me concentrar em comer e conversar enquanto ele estava de cueca bem ao meu lado, mas fui guerreira e consegui, fraquejando só de vez em quando ao escorregar os olhos para cima do Caio Júnior. Por fim, quando estávamos quase terminando a refeição, me senti preparada para tocar no assunto que vínhamos ignorando por toda noite e compartilhei a conversa com a sua mãe. Ele demonstrou surpresa enquanto eu contava e largou o prato vazio em cima da mesinha de centro para me puxar para os seus braços quando eu terminei.

— Não imagina como estou feliz em saber disso, gatinha. Sempre achei que seria bom se você conversasse com ela, minha mãe é uma das melhores psicólogas do Brasil e sei que vai conseguir te ajudar.

— Ela foi maravilhosa comigo e me explicou muita coisa... Eu não contei nada demais para ela, mas, mesmo assim, ela pareceu entender o que eu sentia e me acalmou demais ao esclarecer o que aconteceu comigo ontem à tarde.

— Ela é acostumada a enxergar além do que os pacientes gostam de mostrar, pequena, é por isso que consegue abrir a mente deles e fazer com que enxerguem um monte de possibilidades, que entendam o que realmente está acontecendo... Enfim, ela é foda — concluiu e eu assenti, rindo baixinho.

— Sim, ela é muito foda, é por isso que você é assim — falei, virando-me de lado para poder olhar em seus olhos. Levantando a mão para o céu, falei:

— Abençoado seja o útero da minha sogra, que gerou e deu à luz ao *advogado* mais perfeito do mundo!

Caio gargalhou bem forte e muito alto, ao ponto de eu conseguir sentir os músculos da sua barriga vibrarem de encontro ao meu corpo. Eu o acompanhei, sentindo cada pelinho do meu corpo ficar eriçado quando ele me colocou deitada de costas no tapete, apoiando-se em cima de mim pelos cotovelos. Arrependi-me imediatamente de ter decidido colocar um *short* naquela noite; se eu estivesse de vestido, facilitaria muito as coisas.

— Sou louco por você, gatinha... Já falei isso?

— Hoje não.

Ele sorriu e beijou o meu pescoço, subindo até chegar ao pé da minha orelha, me dando um arrepio no início da coluna.

— Eu sou completamente louco por você — sussurrou, me deixando sentir o Caio Júnior inteirinho no meio das minhas pernas. — Minha pequena de cabelos coloridos.

Eu realmente pensei em responder de volta, mas não tive tempo, pois logo seus lábios encontraram os meus e me fizeram perder qualquer linha de raciocínio.



Capítulo 31

Luna

Caio me beijou de modo muito lento, calmo, delicioso, que me deixou completamente apaixonada e fez com que o desejo começasse dominar cada célula do meu corpo lentamente, como a mudança de tempo que começa com uma brisa e logo se torna um vendaval. Com ele, eu sempre me sentia corajosa, por isso, logo desci minhas mãos pela sua nuca, suas costas, sentindo os músculos fortes se retesarem, a pele quente, até chegar em sua bunda, onde apertei com vontade. Ele riu baixinho de encontro aos meus lábios e se afastou apenas alguns centímetros para olhar em meus olhos.

— Eu acho que você gosta mais da minha bunda do que do meu pau.

— Por quê? O Caio Júnior está com ciúmes?

— Sim, ele está se sentindo negligenciado.

— Tadinho, me deixa resolver isso.

Caio me olhou com uma sobrancelha arqueada quando o empurrei de leve pelos ombros, mas logo entendeu o que eu queria, deitando-se em meu lugar e me deixando ficar por cima. Minha nossa, que visão espetacular que era ter aquele homem embaixo de mim, completamente à minha mercê, seminu e com a coluna grossa do pau marcando o tecido da cueca. Senti minha calcinha ficar ensopada e meus mamilos clamarem por atenção, mas os ignorei e decidi que brincaria um pouco no meu *playground* particular chamado Caio Alcântara. Peguei seus pulsos grossos em minhas mãos e os coloquei para cima, atrás da sua cabeça, ficando com o corpo inclinado por cima do dele. Olhando em seus olhos, perguntei:

— Promete me deixar fazer tudo o que eu quiser com o seu corpo, *advogado*?

— Sim, senhora — respondeu com um sorriso safado, entrelaçando os dedos. — Sou completamente seu para fazer o que quiser, só gostaria de fazer

um pedido.

— Não sei se irei conceder, mas pode falar.

— Fique nua para mim.

Caramba, as borboletas loucas que voaram pelo meu estômago quase me fizeram retorcer de nervoso, mas mordi o lábio para me conter, já me sentindo nua sob o olhar sedutor e intenso de Caio, que mexia demais comigo. Levei minhas mãos a barra da minha blusa, não me permitindo ficar nervosa demais e ele pareceu engolir em seco ao notar o meu sutiã rosa, respirando fundo quando soltei o fecho em minhas costas. Os bicos intumescidos dos meus seios deixavam bem claro que eu estava tão excitada quanto ele e senti uma onda de desejo descer pelas minhas veias quando ele lambeu os lábios com os olhos fixos em meus mamilos. Caio só desceu o olhar pelo meu corpo quando me levantei para poder tirar o *short* e suspirou baixinho quando desci a calcinha, ficando completamente nua.

— Perfeita — sussurrou, fazendo meu clitóris doer de excitação. — Vem cá, gatinha, me deixa beijar você.

Não consegui não ceder àquele pedido dele e me sentei novamente sobre o seu colo, bem em cima do seu pênis duro feito uma barra de ferro e me inclinei sobre o seu corpo, beijando a sua boca. Ele me surpreendeu ao não colocar as mãos em mim, em compensação, esfregou tanto a língua na minha, que eu me senti presa naquele beijo, como se ele estivesse me segurando no lugar e não quisesse mais soltar. Foi o pulsar doloroso das minhas paredes vaginais que fez com que eu despertasse e ouvi o gemido de Caio quando me afastei, mordendo seu lábio inferior no processo.

Ansiosa para poder explorar cada cantinho do seu corpo, comecei a passar os lábios pelo seu maxilar cerrado, livre da barba por fazer do dia anterior, que havia me deixado louca ao se esfregar no meio das minhas pernas, e desci pelo seu pescoço, primeiro beijando delicadamente, depois, passando a língua. Ele gemeu baixinho em meu ouvido e esfregou o quadril contra o meu, deixando que o pau tocasse meu clitóris nu e inchado. Como recompensa, suguei a pele do seu pescoço, bem em cima da veia e passei as mãos pelos músculos tensos dos seus braços.

— Que tortura, gatinha — reclamou em um gemido rouco, que me fez sorrir.

Desci mais um pouco e passei a língua pelo seu pomo de adão, escorregando até encontrar o peitoral firme e livre de pelos, com a pele sedosa esticada sobre o músculo. Eu quase não conseguia acreditar que

estava mesmo explorando o corpo do *advogado* com as mãos, a boca e a língua, me sentia nas nuvens e tão excitada, que foi quase impossível não descer meus quadris e esfregar minha boceta em seu pau, mas consegui ser forte e segui com o que eu queria, ouvindo o gemido alto de Caio quando passei a língua pelo seu mamilo e o suguei para dentro dos meus lábios.

Ele jogou a cabeça para trás e estremeceu, esfregando novamente o quadril no meu, me fazendo gemer também. Ele parecia mais duro do que antes e eu podia jurar que o tecido da sua cueca estava molhado, mas não sabia dizer se era por minha causa ou por causa dele. Fiquei ansiosa para descobrir, mas não acelerei o processo, pelo contrário; passei o polegar bem de leve pelo outro mamilo muito duro e fui até ele, lambendo devagar antes de chupar.

— Porra... — ele vibrou por entre os lábios e pareceu retorcer as mãos acima da cabeça.

Realmente, deveria ser uma tortura estar totalmente à mercê de outra pessoa, sem ao menos poder tocá-la, mas continuei porque sabia que ele estava gostando. O modo intenso e maravilhado como me olhava deixava isso bem claro. Deixei o mamilo escapar pelos meus lábios e passei a língua pelos músculos tensos da sua barriga, descendo gominho por gominho, passando a ponta dos dedos por eles, sugando de leve a pele, até ir para a lateral do seu corpo, onde descí as pontas das unhas. Eu mal podia acreditar que estava colocando em prática tudo o que havia aprendido em anos de leitura de livros eróticos e o melhor, estava dando super certo. Caio parecia estar tão excitado, que comecei a ficar com pena da sua expressão levemente angustiada e dos gemidos que saíam da sua boca, por isso, decidi me dedicar ao outro lado do seu corpo.

Passei os lábios olhando em seu rosto, lambendo a pele, desviando os olhos apenas quando fui descer com as pontas das unhas. Foi nesse momento que senti como se um balde de água fria tivesse sido jogado em minha cabeça. Bem ali, debaixo das minhas mãos — e dos meus olhos — estava o hematoma da cotovelada que eu havia dado em Caio no dia anterior. A mancha levemente arroxeadada, que antes eu nem tinha percebido, agora parecia estar dando um tapa na minha cara.

— Gatinha... — Caio me chamou, mas não consegui tirar os olhos do hematoma, voltando a me sentir mal e culpada. Aquela mancha não deveria estar ali, eu não deveria ter feito aquilo com ele. Tomei um susto quando senti as mãos do *advogado* em meu rosto, percebendo só naquele momento que ele havia se sentado e que estava com os olhos a centímetros dos meus.

— Esqueça aquilo, meu amor.

— Não tem como esquecer. Eu machuquei você, Caio.

— Foi inconsciente e, quer saber? Eu nem estou sentindo nada, tinha até esquecido que ela estava aí. Estive muito concentrando pensando em você o dia todo, planejando esse jantar, doido para te ver, te beijar, te abraçar — ele disse baixinho, descendo as mãos pelas minhas costas. — Eu estava quase gozando com os seus lábios deliciosos e essas mãos curiosas sobre o meu corpo. Não vai deixar que aquela manchinha idiota te desconcentre, né?

Mesmo sem querer, eu comecei a sorrir, mas logo tentei voltar ao foco:

— Tem certeza que não está doendo?

— Eu estou sentindo dor, sim, mas não tem nada a ver com a minha costela...

— Meu Deus, Caio! — exclamei em meio a risada, sentindo-o beijar os meus lábios e subir com as mãos pela lateral do meu corpo, me deixando arrepiada e me fazendo voltar ao plano original. — Pare de se aproveitar de mim e volte a se deitar com as mãos atrás da cabeça!

— Você que manda, gatinha — falou, fazendo exatamente o que pedi. — Pelo o que eu me lembre, você já estava prestes a tirar a minha cueca.

— A uma distância muito grande entre as suas costelas e o seu pau, *advogado*.

— Nem é tão grande assim, se você descer a minha cueca, vai ver que o Caio Júnior chega no meu umbigo — ele disse bem orgulhoso, mas acabou gemendo quando dei um tapinha no pé da sua barriga. — Tapas estão permitidos agora? Bom saber, quando chegar a minha vez, vou me lembrar disso.

— Vamos ver se vou deixar chegar a sua vez.

— Claro que vai deixar e, quando chegar, vou afundar minha cara nessa bocetinha deliciosa até fazer você gozar umas três vezes na minha língua. Quem tirar minha cara do meio das suas pernas antes disso, vai ser nomeado o novo Thor.

Deus do céu, só Caio conseguia dizer coisas que me faziam ficar cheia de tesão e com vontade de rir ao mesmo tempo. Para calar a sua boca, me inclinei e o beijei rapidamente, sentindo o sabor da sua saliva e do vinho, antes voltar para o seu corpo. Decidi ir direto para o umbigo, pois não queria ficar encarando aquele hematoma horrível por mais tempo e precisei conter um gemido ao perceber que eu estava realmente muito perto do seu pau. Lambi a sua pele e contornei aquelas veias sobressalentes que desciam pelo

pé da sua barriga até se esconderem dentro da cueca e toquei a barra da peça íntima com a ponta dos dedos, finalmente vendo a mancha no tecido e entendendo que havia sido provocada por Caio. A cabeça do seu pau estava babando e eu quase babei também, sentindo um choque bem em meu clitóris.

Desci a cueca pelas suas pernas longas e torneadas, mas não consegui prestar atenção nelas quando seu pau saltou do casulo feito pelo tecido e caiu pesado e muito duro sobre a sua barriga, realmente encostando-se no umbigo, todo enorme e glorioso. Tão de perto, banhado pela luz da sala, pude ver com mais detalhe aquela perfeição que era o Caio Júnior, que de Júnior não tinha nada, era tão grande e sem vergonha quanto o dono. Um sorriso se abriu em meus lábios ao me dar conta disso e falei baixinho, deixando as suas coxas entre os meus joelhos.

— Eu acho que Caio *Big Júnior* combina muito mais — falei e Caio cruzou as mãos sob a cabeça, arqueando uma sobrancelha.

— Sim, esse é um bom apelido e acho que ele concorda — ele disse, olhando rapidamente para o pau e me fazendo olhar também. Seu pênis deu um pulinho, como se realmente concordasse e eu fiquei boquiaberta com aquilo.

— Impressionante como vocês dois não valem nada.

Ele riu baixinho, mas mordeu o lábio quando me inclinei e dei um beijo bem acima do umbigo, muito perto da cabeça melada do seu pau, que deu aquele pulinho de novo, como se quisesse muito ter um pouco da minha atenção. Decidindo dar o que ele queria — e eu também — o tomei em minhas mãos, ficando chocada novamente por não conseguir fazer com que meus dedos se encontrassem naquela circunferência grossa e, com o polegar, espalhei o líquido da glândula pelo comprimento bem suavemente, sentindo como ele estava quente e muito duro, como as veias faziam um alto-relevo maravilhoso. Caio gemeu com o meu toque e prendeu rapidamente a respiração quando o masturbei com uma mão e toquei suas bolas pesadas com a outra. Uma gota transparente escapou pela frestinha da cabeça e eu senti minha boca ficar cheia d'água, louca para experimentar.

— Eu percebi que você gosta mais forte, não é?

— Sim, mas se você acelerar agora, eu vou gozar — avisou com o maxilar tenso e a voz rouca. — Estou com muito tesão, gatinha, e a culpa é sua.

Ai, caramba. Uma onda enorme de orgulho se misturou ao tesão que me invadiu, fazendo meu clitóris ficar muito sensível e os meus mamilos doerem. Eu estava tão molhada, que fiquei com medo da lubrificação começar a

escorrer para o alto das minhas coxas.

— Então, como você quer?

— Bem desse jeitinho, mas com você esfregando essa bocetinha melada na minha coxa.

Eu fiquei realmente muito tentada, mas acabei deixando escapar:

— Se eu fizer isso, não vou conseguir te chupar.

— *Pooooorra!* — Ele gemeu bem longo e eu ri, vendo-o fazer uma careta e sentindo seu corpo se retesar todo. — Pelo amor de Deus, pequena, você não pode falar uma coisa dessas para um homem na minha posição e não esperar que eu comece a gozar na sua mão de repente!

— Você precisa ser forte, *advogado*.

— Mais forte do que já estou sendo? Não dá!

Ele estava muito exasperado e, para não rir do seu sofrimento, aumentei um pouco a velocidade da minha mão e me inclinei sobre o seu corpo, beijando sua boca. O filho da mãe segurou minha cabeça com as mãos, antes de descer uma delas pelo meu corpo e alcançar o meio das minhas pernas, me fazendo gemer quando raspou o dedo pelo meu clitóris e quase me dando um orgasmo instantâneo. Um gemido escapou da sua garganta quando eu mordi o seu lábio e dei um tapinha em seu ombro, fazendo cara de brava.

— Eu falei para ficar com as mãos acima da cabeça!

— Eu estou — disse ele, enfiando os dedos em meu cabelo e tocando meu clitóris com um pouco mais de pressão, me fazendo rebolar sem querer sobre a sua mão. — Porra, você está ensopada, gatinha. Me deixa te fazer gozar assim.

— Não...

— Por favor — pediu, descendo o rosto pelo meu pescoço e pressionando dois dedos contra o meu clitóris, bem rápido e forte, quase me fazendo perder a força nos joelhos. — Como você é gostosa, puta merda... Isso, rebola gostoso pra mim.

Meu coração ficou muito acelerado no peito e minhas coxas tremeram, quase me fazendo ceder, mas fui forte e resisti, empurrando Caio pelos ombros até fazer com que ele se deitasse e tirasse a mão do meio das minhas pernas. Meu clitóris doeu, eu não podia negar, minhas paredes vaginais estremeeceram, mas estava decidida sobre o que queria e não iria fraquejar. Antes que Caio reclamasse, desvencilhei minha cabeça da sua mão e descí pelo seu corpo até colocar sua cabeça ensopada em minha boca. Ele gemeu muito alto e estremeceu, voltando a tocar minha cabeça de novo e me

segurando de leve pelos cabelos.

— Puta que pariu, gatinha, devagar! — implorou daquele jeito intenso e eu diminuí um pouco a pressão da sucção, sem saber ao certo o que eu estava fazendo. — Não quero gozar tão rápido e é isso que vai acontecer se você me chupar assim.

Eu assenti e tirei a glândula da minha boca, sentindo seu gosto salgado e levemente amargo. Duas coisas que havia aprendido com os meus livros, era que eu precisava tomar cuidado com os dentes e podia abusar muito da língua, por isso, a coloquei para fora e lambi sua extensão dura e cheia de veias desde a base até a cabeça, ouvindo seu gemido entrecortado enquanto ele se apoiava sobre um cotovelo e segurava meu cabelo longe do rosto com a mão livre. Seus olhos muito abertos encontraram os meus e me senti poderosa ao ver sua expressão de prazer, o modo como mordia o lábio para se conter.

— Lambe de novo — pediu com as sobrancelhas franzidas e eu lambi lentamente, demorando ao contornar cada veia pelo meio do caminho, sentindo seu pulsar contra a minha língua. — Que visão, Luna, caralho...

Nossa, o *advogado* tinha a boca suja na hora do sexo e eu amei saber daquilo, ficando muito excitada. Seguindo o seu pedido anterior, fechei minha boca sobre o seu pau e suguei sem muita pressão, tentando descer os lábios e tomar cuidado com os dentes ao mesmo tempo. Era difícil, eu precisava admitir, principalmente porque ele era muito grosso e meu maxilar logo começou a doer, mas eu persisti, indo até onde dava. Arregalei os olhos ao perceber que eu não tinha abocanhado nem a metade e ele já estava quase na minha garganta.

— Está bom até aí, gatinha, não quero que você engasgue — ele disse e sorriu ao ver o meu olhar condescendente. — Estou sendo cuidadoso.

Precisei tirar seu membro da minha boca para dizer:

— Podia ter sido cuidadoso ao pedir um pau com dez centímetros a menos para Deus.

— Aí você nem teria dado bola para mim, sei que só está aqui por causa do meu pau grande mesmo — disse ele com cara de cachorro, me fazendo rir. — Agora vem cá me dar um beijo e me deixar tocar essa bocetinha molhada.

— Só depois que você gozar na minha boca.

Ele me deu um olhar semicerrado, mas só gemeu quando voltei a chupá-lo, decidida a ir até o fim daquela vez. O levei até onde conseguia e suguei um pouco mais forte, encostando meus dentes uma vez só, mas ele pareceu não

se incomodar muito. Senti o seu pulsar em minha língua e o modo como franziu o cenho com muita força, apertando meu cabelo perto da nuca e retesando o quadril, como se quisesse muito meter em minha boca, mas estivesse se segurando. Era bom se segurar mesmo, pois se ele entrasse mais um pouco, eu não iria aguentar. Meu nome escapou dos seus lábios quando comecei a masturbar o que não consegui chupar e suas coxas tremeram de encontro ao meu joelho.

— Cospe, gatinha — ele pediu de repente, muito rápido, me fazendo franzir o cenho. — Cospe e espalha sua saliva pelo resto do meu pau, vai ajudar a me masturbar.

Ah! Caramba, como não tinha pensado naquilo antes? Sem sentir nojo, juntei saliva na minha boca e deixei que caísse pela sua glândula, espalhando pelo seu comprimento bem rápido, vendo-o jogar a cabeça para trás.

— Que punheta gostosa, porra... Não vou aguentar por muito tempo, amor... Caralho!

Eu consegui prender o sorriso ao o ouvir exclamar quando voltei a chupar, sentindo a cabeça lisa pressionar o céu da minha boca e o comprimento grosso encher os meus lábios. Mesmo com o maxilar dolorido, consegui chupar e o masturbei rápido, sentindo seu agarre ficar mais forte em meu cabelo e o pulsar do seu pau aumentar de repente.

— Vou gozar, gatinha — ele avisou com o quadril ondulando. — Ainda dá tempo de me deixar sair, não preciso gozar na sua boca.

Ah, claro, porque eu *com certeza* teria aquele trabalho todo no meu primeiro boquete, pra ele gozar na minha mão. Ainda que fosse o pior sabor do mundo, eu queria provar, por isso, ignorei o seu aviso e tentei caprichar um pouco mais, deixando minhas bochechas côncavas — com muito custo — e sentindo um sabor mais acentuado na minha língua quando o primeiro jato me pegou de surpresa. Caio gemeu, sem tirar os olhos de mim, gozando em minha boca e metendo de leve em minha língua, seu corpo tremendo, meu nome escapando dos seus lábios e os seus músculos se retesando. Eu achei aquilo o máximo, tão excitante que quase gozei junto, apesar do sabor realmente não ser o melhor de todos. Talvez eu não engolissemos sempre, mas, naquele momento, eu me senti muito poderosa, dona do prazer do *advogado*, que parecia estar em outra dimensão.

Notei sua respiração entrecortada quando terminei de engolir e seus olhos se fecharam quando o deixei escapar pelos meus lábios e passei a língua sobre a cabeça. Seu corpo estremeceu com força.

— Está bom, gatinha, estou muito sensível — avisou voltando a me olhar e eu parei, deixando o Caio — agora Big — Júnior cair pesado e ainda duro sobre a sua barriga. Ele me puxou de encontro ao seu corpo e eu fui, gemendo quando me sentei sobre a sua coxa. — Foi o melhor boquete e o melhor orgasmo da minha vida!

— Tá bom, acredito muito.

— Eu estou falando muito sério — ele disse e, realmente, não parecia estar brincando. — Ninguém nunca me provocou tanto ou me deixou tão louco para gozar quanto você. E quando me colocou na boca... Eu quase gozei naquele segundo.

— Então, parece que os meus livros eróticos têm realmente alguma utilidade.

— *Muita* utilidade. Vamos colocar toda a sua teoria na prática, gatinha — ele disse, sentando-se e descendo as mãos pela minha cintura. — Agora sou eu que preciso colocar em prática algumas coisas...

Ele riu do gritinho assustado que soltei quando me pegou pela cintura e me jogou no sofá, separando as minhas coxas e se metendo no meio delas para poder colocar meu mamilo na boca. Nossa, eu não fazia ideia do quão excitada eu estava até aquele momento, pois podia jurar que consegui sentir a pressão dos seus lábios bem em cima do meu clitóris. Caio enfiou um polegar em minha boca e eu o acolhi entre os meus lábios, me sentindo uma deusa do sexo enquanto chupava seu dedo e sentia sua língua rodear o meu mamilo. Ele levou o dedo molhado pela minha saliva até o outro bico do meu peito e o esfregou ali, deixando-o bem melado e assoprando de leve quando se aproximou para chupá-lo. O safado sorriu quando me contorci sobre o sofá e chupou o mamilo bem lentamente, antes de o morder e fazer com que um choque atravessasse o meu corpo até chegar às pontinhas dos meus dedos dos pés.

— Caio! — exclamei quando ele pegou meus seios com as duas mãos e os colocou juntos, com os mamilos bem perto um do outro. — Por favor...

— Agora está me pedindo por favor? — perguntou com um sorriso malicioso e eu assenti, mordendo o lábio. — Chegou a minha vez de explorar esse corpinho delicioso, gatinha. Já falei como amo os seus peitos? — Eu apenas balancei a cabeça, muito excitada para falar algo e ele continuou: — Me apaixonei completamente por eles no aniversário do fedelho do Nicolas... Fiquei louco com o seu decote, quase perdi a cabeça quando a encostei contra o meu carro naquela noite.

— Eu não iria reclamar se tivesse perdido — confidenciei e ele sorriu.

— Eu também não, mas foi bom que não tenha acontecido, pois eu ia querer afastar o seu vestido e chupar os seus peitos ali mesmo.

Meu Deus do céu, como ele tinha coragem de falar aquelas coisas? Como se soubesse que eu estava sem palavras, o safado sorriu e lambeu bem devagar cada bico muito duro e inchado, antes de mamar por mais alguns minutos e me deixar louca de ansiedade e tesão. Precisei apertar as almofadas do sofá e segurar a respiração quando ele foi descendo a boca pela minha barriga, chupando e lambendo e quase gozei quando mordiscou o meu umbigo. Eu não sabia que aquela área do meu corpo era tão sensível, mas Caio parecia ter um manual de instruções sobre como eu funcionava, pois ele me tocava e eu quase desfalecia.

Ele desceu mais um pouco, contornando minha pele com a língua e me deixando completamente arrepiada, até finalmente parar acima da minha boceta, que pulsava sem controle. Enfiando as mãos na parte de trás dos meus joelhos, o *advogado* afastou bem as minhas coxas e pressionou beijos longos e molhados pelo interior delas até chegar à minha virilha. Olhando-me, ele pediu:

— Separa os lábios da sua bocetinha pra mim, pequena.

Senti minhas bochechas ficarem quentes ao constatar que eu iria me abrir completamente para ele e fiz o que pediu, levando meus dedos até lá embaixo e separando os lábios melados da minha vagina. Caio deu um olhar tão guloso para ela, que me fez sentir a mulher mais desejada do mundo e lambeu os lábios bem devagar, como se estivesse doido para apreciar o meu sabor.

— Tão linda... Está tão molhada, que chega a estar escorrendo, gatinha. Está sensível? — Eu assenti e ele sorriu, aproximando-se dela e assoprando bem em cima do meu clitóris, me fazendo estremecer com força. — Vai aguentar gozar três vezes para mim?

— Não... Não sei...

— Vai sim — disse com muita certeza naquela voz rouca e eu precisei morder o lábio para não gritar quando passou a língua bem entre a fenda, desde a minha entrada até o meu clitóris, que doía. — Gostosa. Sou viciado no seu sabor, Luna...

Ele endureceu bem a pontinha da língua e a esfregou para cima e para baixo em meu clitóris, tão rápido que não consegui suportar, gritei e gozei forte, segurando firme em seus cabelos quando fechou os lábios sobre o nervo sensível e que pulsava muito, me deixando louca. O orgasmo foi tão

potente que, por alguns segundos, eu fiquei cega mesmo estando de olhos abertos. Meu corpo estremeceu, meus mamilos doeram, as pontas dos meus dedos ficaram rígidas e minha garganta ficou seca, completamente arranhada.

— Caio... Ai... Meu Deus!

Eu queria pedir para que ele parasse, mas quando encontrei seus olhos e vi o tesão brilhando dentro deles, não consegui. Seus lábios deixaram o meu clitóris sensível e se fecharam sobre os meus pequenos lábios, primeiro de um lado, depois de outro, antes de sua língua descer e pressionar minha entrada, que pulsava muito, como se eu precisasse que algo me penetrasse até o fundo. Caio gemeu baixinho e esfregou a cara toda em minha boceta, seu nariz roçando meu clitóris e a língua... Meu Deus, a língua abrindo caminho para dentro do meu corpo.

Ele enfiou só a pontinha e tirou, depois enfiou novamente e mais um pouco, tentando ocupar um espaço no lugar apertado e muito sensível que pulsava ao redor da sua língua. Eu gemi sem aguentar aquela tortura, sentindo a pressão se construindo de novo ao pé da minha barriga e descendo até se concentrar em meu clitóris, onde ele passava a ponta do nariz de um lado para o outro. Apoiando os pés no sofá, impulsionei os quadris para cima e ele não me deteve, deixou que eu rebolesse com as pernas abertas, que eu esfregasse a boceta na sua cara e o lambuzasse todo, pertinho de gozar.

— Não para — pedi com a respiração entrecortada, segurando-o pelos cabelos para que não saísse do lugar. E ele parecia mesmo que não queria ir a lugar algum. — Caio, vou gozar de novo... Ai, assim...

Ele me olhou com muita determinação e apertou a minha cintura, me puxando para perto, enfiando a língua dentro de mim, e o nariz no meu clitóris, pressionando, esfregando, penetrando, até me fazer explodir em um orgasmo que me deixou tonta e tremendo muito. As ondas de prazer me desnorream e senti até medo de cair e perder os sentidos com a sensação tão forte e surreal. Sem realmente aguentar mais, o empurrei pelos ombros e ele se afastou um pouco, espalhando beijos pelo interior das minhas coxas, minha virilha, minha barriga, até chegar perto dos meus lábios com aquele rosto todo melado por minha causa.

— Meu Deus... — eu ri baixinho, ainda morta de prazer, passando os dedos trêmulos ao redor da sua boca e na ponta do seu nariz. — Você é doido.

— Sou sim, doido por você — sussurrou com aquele sorriso lindo, que me deixava que nem um sorvete derretido sob o sol. — Pronta para mais um?

— Não!

— Sim. Já falei que, comigo, promessa é dívida, gatinha.

— Eu te liberto dessa promessa. Estou sensível.

Ele arqueou uma sobrancelha e me tocou de leve com o polegar, me fazendo gemer.

— Vou te chupar bem devagarzinho enquanto toco uma punheta gostosa, porque estou duro de novo — disse e riu como o safado que era ao sentir o meu clitóris pulsar. — Parece que a sua bocetinha gostou da ideia.

— É impossível ficar indiferente quando você abre essa boca suja, *advogado*.

— Eu sei que você gosta da minha boca suja...

Ele me beijou e eu pude sentir meu sabor todinho na sua língua e nos seus lábios, antes de ele voltar para o meio das minhas pernas e começar a me chupar. Ele foi sincero quando disse que seria devagarzinho, pois começou apenas com a língua, quase como se quisesse gravar cada cantinho da minha boceta com ela, antes de se dedicar ao clitóris com golpes suaves e chupadinhas curtas que me deixaram maluca e me fizeram gozar bem gostoso, não de forma estrondosa, mas de maneira delicada. Dando-me um sorriso satisfeito, ele se afastou e se masturbou na minha frente, tocando o pau muito duro bem rápido e eu não aguentei, me juntei ele no chão, sentei-me sobre os seus joelhos e tomei seu pau na minha mão enquanto ele enfiava a língua na minha boca e me dava um beijo intenso, segurando-me pelo cabelo e pela cintura.

— Vou gozar bem gostoso pra você, gatinha — sussurrou, puxando-me para mais perto no momento em que seu esperma começou a molhar a minha mão e espirrar em nossas barrigas. — Que delícia, porra... Você é perfeita, meu amor...

Continuei a tocá-lo até ele terminar e sorri entre os seus lábios quando me deu mais um beijo, roubando completamente o meu fôlego e cada uma das batidas do meu coração.



Capítulo 32

Caio

Foi muito difícil ter que levar Luna para casa, quando tudo o que eu queria era ir com ela para debaixo dos meus lençóis e ficar com o seu corpo agarrado ao meu. Como estávamos namorando há pouco tempo e eu não queria abusar muito da boa vontade da minha sogra, achei que era melhor não fazer o convite para que passasse a noite comigo. De qualquer modo, eu teria que acordar bem cedo no dia seguinte para poder ir à Goiânia, então, decidi que seria melhor que ela dormisse na minha casa quando eu não tivesse nenhum compromisso inadiável.

Ficamos pelo menos uns vinte minutos ainda dentro do carro, com ela sentada em meu colo e eu atacando aquela boca que havia me deixado louco no chão da minha sala. Puta merda, eu sabia que aquele era o seu primeiro boquete, ela havia encostado os dentes algumas vezes, sugado com mais força do que o necessário e quase esfolado meu pau quando me masturbou sem lubrificação, mas, mesmo assim, para mim, foi o melhor boquete do mundo. Gozei como um louco, sem acreditar que a danada havia me deixado no auge do tesão com aquelas mãos curiosas e aquela boca ágil. Luna poderia montar sobre o meu corpo e me explorar todas as vezes que quisesse e eu jamais iria reclamar.

Por fim, a levei até a porta e me despedi com muito custo, já sentindo a sua falta quando voltei para o carro. O caminho de volta para minha casa foi feito em um silêncio confortável, onde não senti necessidade de ouvir música para me distrair, pois estava com a mente longe, lembrando de cada detalhe daquela noite. Depois de tudo o que havia acontecido no dia anterior, eu estava com receio de que Luna ainda estivesse muito abalada e não quisesse me ver, mas me surpreendi ao ver como estava bem e sorridente. Saber que havia conversado com a minha mãe tinha me deixado muito aliviado, pois

sabia que Luna precisava mesmo ter um acompanhamento profissional. Provavelmente, minha mãe não seria sua psicóloga por muito tempo, conhecia muito bem a Dona Elizabete e sabia como era séria sobre não misturar vida pessoal com profissional, mas pelo menos iria ajudá-la a entender como funcionava aquela relação entre psicólogo e paciente, antes de encaminhá-la para outra pessoa de sua confiança.

Quanto àquela questão, eu estava tranquilo. O que me incomodava era não ter a mínima ideia de quem era o filho da puta que a havia machucado, nem que idade ela tinha quando tudo aconteceu. Talvez para Luna a idade não fosse importante, mas, para mim — e para a Justiça — era algo primordial. A gravidade do crime seria definida de acordo com a idade que Luna tinha quando tudo aconteceu. Eu sabia que precisava ser paciente e que, quando ela se sentisse confortável e segura, iria me contar, mas estava quase enlouquecendo, pensando em buscar outros meios para descobrir. Tinha algumas informações que poderiam me ajudar, sabia que o abuso havia acontecido em um sítio onde estava sendo comemorado o aniversário de Maíra. Eu não achava que os pais dela alugassem um sítio todo ano para que ela comemorasse o aniversário com os amigos, então, poderia começar as minhas investigações a partir desse ponto. Também tinha Alana, que, segundo Luna, tinha visto tudo o que aconteceu e poderia não só me dar detalhes, como me falar a identidade do desgraçado.

O que me segurava era ter a certeza de que Luna não iria me perdoar se eu invadissem dessa forma a sua vida privada e mexesse em algo que a machucava tanto. Ela havia confiado em mim para contar praticamente tudo o que havia acontecido, como se sentiria se eu passasse por cima de tudo isso e descobrisse as duas únicas coisas que ainda não se sentia preparada para me contar? Só podia torcer para que as conversas que teria com a minha mãe a ajudassem a revelar o que ainda escondia. Enquanto isso, eu seria paciente e não meteria os pés pelas mãos.

Já em casa, guardei as louças que Luna havia insistido em lavar e me perguntei se estava tarde demais para mandar uma mensagem para Gabi. Enquanto ouvia Luna me contar mais detalhes da coleção que estava criando enquanto jantávamos, comecei a maquinar um jeito de comprar tudo o que ela precisava para começar. Provavelmente ela iria me matar quando eu aparecesse com a surpresa, mas que tipo de namorado idiota eu seria se não a ajudasse com algo tão importante? Era do seu futuro profissional que estávamos falando, eu tinha condições de dar a ela o que precisava, então,

não pouparia esforços. Eu só precisava ter detalhes do que ela realmente estava precisando.

Fiz uma anotação rápida em meu bloco de notas, listando o que ela havia me contado na noite do restaurante. Havia me dito que precisava de uma máquina de costura nova, material para fazer moldes das roupas, tecidos... Não fazia a mínima ideia de onde compraria tudo isso, nem se ela precisava de mais coisas e não havia comentado, por isso, abri o *WhatsApp* e comecei a escrever uma mensagem para Gabi. Pedi para que fosse discreta e sondasse com Luna sobre o que ela precisava para começar a trabalhar de verdade na coleção que estava criando, falei que queria fazer uma surpresa para ela. Gabi me respondeu rapidamente, muito animada e disse que iria falar com Luna no dia seguinte. Em seguida, deixou bem claro que eu era o melhor homem do mundo, depois do Ramon.

“Depois do Ramon? Fala sério, Gabizinha!”

“Claro! Você sabe que eu te amo, mas Ramon supera tudo. Ele é o melhor homem do mundo para mim.”

“Vou deixar passar, porque você está grávida e os seus hormônios estão alterados. Aliás, como está o meu afilhado ou a minha afilhada?”

Ela passou os próximos minutos discorrendo sobre como estava se sentindo cansada, com sono, com fome e com vontade de fazer sexo. Eu achei a última informação desnecessária e enviei um áudio falando que havia ficado traumatizado, mas só consegui ouvir a sua risada — e a do babaca do Ramon — quando ela me respondeu com um áudio de quinze segundos. Depois disso, achei que era melhor deixar que os dois fossem trepar que nem coelhos e fui me deitar, satisfeito demais depois da noite que havia passado com a minha gatinha e já sentindo a sua falta entre os meus braços.



Só consegui ver as novas mensagens de Gabizinha de tarde, quando cheguei ao meu apartamento depois de ter resolvido todas as pendências e documentações de um cliente no fórum, e percebi que minha comadre não havia brincado em serviço. Ela foi passar a manhã na casa de Luna — disse que a gravidez estava a deixando ansiosa e que não queria esperar muito

tempo para concluir aquela missão — e disse que conversaram muito sobre tudo até começarem a falar sobre a coleção de roupas e sondar sobre o que ela realmente precisava. Em seguida, veio uma lista enorme, com o nome da máquina de costura e um monte de coisa que eu simplesmente não conseguia imaginar o que era ou para que servia.

“O que seria um vazador? E uma carretilha?”

“Eu também não fazia ideia, mas ela me explicou que o vazador cria marcações no molde e a carretilha eu não lembro direito, mas acho que faz furos pequenos no molde, algo assim... Olha, eu merecia um prêmio, viu? Pois coloquei meu celular pra gravar a nossa conversa e depois tive que ouvir e transcrever tudo para você. Tudo pela felicidade da minha amiga!”

“Você é foda mesmo, Gabizinha! Muito obrigado!”

“De nada, agora, deixa eu te dar um conselho. Eu acho que seria interessante se você deixasse que ela comprasse os tecidos, pois percebi que Luna gosta de ser independente. Ela quer muito conquistar isso, até começou a fazer os doces hoje para vender pela fazenda. Inclusive, estou comendo o brigadeiro e está sensacional. Vou terminar essa gravidez pesando trezentos e cinquenta quilos.”

Não pude deixar de rir da Gabizinha, enquanto me lembrava das fotos que Luna havia me enviado há mais ou menos duas horas. Ela me mandou uma mensagem bem cedo falando que Rosana não só havia achado fantástica a ideia de que ela vendesse os doces, como se ofereceu para ir ao mercado para comprar todo o material. No início da tarde, ela já estava fazendo os doces, toda animada. Era bom demais ver a minha gatinha entusiasmada daquele jeito.

“Para de graça, você vai ser uma grávida linda. E acho que tem razão, vou deixar os tecidos de fora. Agora preciso correr, pois ainda tenho que pesquisar onde vou comprar tudo isso.”

“Como eu sou uma ÓTIMA amiga, fiz isso por você. Vou enviar o nome das três maiores lojas de corte e costura que achei aí no centro de Goiânia.”

“Porra, Gabizinha! Já falei que te amo hoje? Você é fantástica!”

“Também te amo, agora vai logo. Beijos!”

“Beijão!”

Ela me enviou o nome das lojas e eu só terminei de comer um sanduíche antes de sair do meu apartamento. Coloquei o nome de uma delas no GPS do meu carro e dirigi ansioso, já pensando em qual seria a reação de Luna quando visse a surpresa, só esperava que ela não me matasse. Uma atendente veio em minha direção quando entrei na loja enorme, certamente percebendo como eu estava perdido naquele mundo de máquinas, rolos de linha coloridas e tecidos, e eu passei a ela a lista que Gabi havia me enviado. Muito entusiasmada, ela chamou uma outra atendente e, juntas, começaram a me passar os preços de tudo. O valor não era um problema e decidi que compraria tudo ali mesmo, caso tivessem cada item da lista.

Uma hora depois, caminhei com dois ajudantes da loja até o meu carro, carregando a caixa pesada com a máquina de costura, mais três bolsas gigantescas cheias de material. Havia até comprado alguns itens a mais que, segundo as atendentes da loja, ela poderia precisar. Era melhor pecar pelo excesso do que pela falta. Dei uma gorjeta para os rapazes depois de colocar tudo dentro da mala e me acomodei no banco do motorista, começando a ter consciência de que, provavelmente, Luna não teria espaço em casa para guardar tudo aquilo. Seu quarto era modesto e percebi que a mesa que usava para costurar era pequena e já ocupava bastante espaço.

Foi só mais tarde, quando já estava a caminho de Santo Elias, que tive uma ideia fantástica sobre onde montar um espaço de criação — ou costura, não sabia ao certo — para Luna. Entusiasmado, meti o pé no acelerador e aumentei o som, recebendo uma ligação de Luna quando já estava entrando na cidade. Senti meu coração se acelerar um pouco quando a voz dela interrompeu o som e inundou o meu carro. “*Porra, estou muito apaixonado mesmo*”, pensei, rindo baixinho.

— Oi, *advogato*! Já está em casa?

— Oi, gatinha. Infelizmente, só vou conseguir voltar amanhã, acabei saindo muito tarde do fórum. — Precisei mentir, mas era por uma boa causa.

— Jura? Que droga! Eu ia te chamar pra jantar aqui em casa e experimentar o brigadeiro com morango que guardei para você.

— Eu ia poder experimentar direto da sua boca? Tenho certeza que ficaria ainda mais gostoso.

— Caio! Ainda bem que o meu celular não está no viva voz.

— Sim, ainda bem, desse jeito eu posso falar umas putarias sem

escandalizar a minha sogra e a minha cunhadinha.

— Você é terrível!

— Terrível foi passar essa noite sem você. Eu e o Caio B. Júnior nos sentimos muito sozinhos.

— Caio B. Júnior? — ela riu e eu a acompanhei.

— É um nome muito grande, achei melhor abreviar.

— Também estou com saudades de vocês. Talvez a gente possa se ver amanhã.

— Com certeza, gatinha. Guarda o meu brigadeiro.

— Nada disso, eu vou comer, amanhã faço outro para você. Acredita que vendi tudo hoje? E o pessoal já quer mais amanhã! — falou muito entusiasmada.

— Isso significa que você faria tanto sucesso sendo *chef* ou estilista, pequena.

— Você é tão fofo quando não está sendo safado e sem vergonha!

— Eu sou fofo, gatinha, só que você desperta esse meu lado tarado. Não consigo me controlar quando te vejo toda gostosa perto de mim.

Eu pude ouvir a sua risada do outro lado da linha e senti muita vontade de seguir viagem até a fazenda, mas consegui me segurar e fui direto para casa, me despedindo dela minutos depois. Assim que cheguei, tirei tudo do carro e levei até o andar de baixo, onde ficava a minha academia. Ali, havia um espaço grande e vazio, onde eu pretendia montar uma área para praticar *crossfit*, mas como nunca havia tempo, tinha até mesmo me esquecido da ideia. Agora, aquele lugar teria uma outra serventia. Fui ao andar de cima apenas para trocar de roupa e comer uma fruta, em seguida, desci e comecei a trabalhar.



Luna

Quando a ideia de vender doces veio à minha mente há algumas semanas, eu quase a rechacei. Aquele meu lado inseguro, que sempre tentava minar as minhas iniciativas, me fez questionar várias e várias vezes sobre a possibilidade de ninguém querer comprar, de os doces não serem bons o

suficientes, de eu acabar colocando em risco parte da grana que vinha juntando há alguns meses por algo que poderia não dar certo. Por muito tempo, essa insegurança guiou a minha vida, mas agora que estava disposta a ser mais forte do que ela, nada mais iria me deter.

Por isso que fiquei emocionada quando me sentei à mesa da cozinha no final da tarde seguinte, depois de ter terminado de vender os duzentos docinhos e os cinquenta *brownies* que havia feito naquela manhã. À minha frente estava todo o dinheiro que havia conseguido arrecadar naquele dia e quase não acreditei que, juntando com o que eu já tinha guardado, mais o que eu havia ganhado no dia anterior, daria para comprar pelo menos três cortes do tecido que eu queria! Claro que precisaria separar uma parte para comprar mais material para os doces, mas, ainda assim, era uma conquista. Uma conquista *minha*!

Sequei as minhas lágrimas, me sentindo um pouco boba por estar chorando, mas sem conseguir conter direito as minhas emoções. Estava muito feliz e acabei agarrando Fernanda quando ela entrou na cozinha, fazendo com que rodopiasse comigo no meio do cômodo.

— Minha nossa, que felicidade toda é essa?

— É por causa disso aqui! — falei, apontando para o dinheiro em cima da mesa. — Vou conseguir comprar aqueles tecidos que falei!

— Sério?

— Sim!

— Que bom, mana! — ela riu, me abraçando de novo. — Aproveita que estou sendo boazinha e nem estou te cobrando cinquenta por certo por ter me feito colocar os doces na forminha quando cheguei da escola.

— Como minha irmã, a sua obrigação é me ajudar!

— Claro, eu ajudo agora e usufruo da sua fortuna no futuro, quando você for uma estilista famosa.

— É um acordo justo.

Ela assentiu e se afastou quando meu celular começou a tocar em cima da mesa. Eu atendi com um sorriso no rosto ao ver que era Caio e aceitei o convite para jantar na sua casa de novo, já sentindo um frio na barriga ao pensar em tudo o que iria acontecer *depois* da refeição. Ele disse que já estava na fazenda, tendo uma reunião rápida com Ramon e que viria me buscar dali a meia hora, por isso, fui logo tomar um banho e me arrumar, achando aquela calcinha preta no fundo da minha gaveta quando fui me vestir. Fiquei pensando no que ele faria ao me ver vestida com ela e comecei

a rir de ansiedade enquanto a colocava. Já estava terminando de pentear o cabelo, quando minha mãe parou na porta do meu quarto com um sorriso enorme.

— Fernanda me contou que você já tem dinheiro suficiente para comprar os tecidos. Estou tão feliz, querida!

— Eu também, mãe — falei, indo abraçá-la. — Não faltava muito para chegar na quantia exata, mas pensei que demoraria um pouco mais.

— Eu sabia que ia conseguir vender tudo o que fizesse, você cozinha muito bem.

— Puxei a senhora! Esqueceu que tudo o que eu sei, é por que você me ensinou? Imagina o que mais você não vai me ensinar depois que fizer a tão sonhada faculdade de Gastronomia...

— Só nos seus sonhos mesmo que farei faculdade. Não tenho mais idade para isso e nem dinheiro.

— Nunca é tarde para começar a estudar! E o papai já falou várias vezes que queria te ajudar a pagar a faculdade.

— Luna, seu pai e eu não somos mais um casal.

— Por enquanto — falei, vendo-a revirar os olhos e segurar um sorriso. — Eu sei que a senhora ainda o ama e que ele a ama também.

— Nós não damos certo juntos, você sabe disso.

— A única coisa que eu sei, é que ele nunca arrumou uma namorada e nem a senhora se apaixonou por ninguém. Eu acho que, agora que estão mais maduros e depois que passaram esses anos separados, vocês podem se dar mais uma chance e tentar. — Vi certa indecisão em seus olhos, como se estivesse tentada a concordar comigo, por isso, continuei: — Mês que vem ele estará de férias e disse que vai vir para Santo Elias. Acho que essa é uma ótima oportunidade para vocês consertarem as coisas.

— Não sei se temos alguma coisa para consertar — disse ela, afastando-se um pouco e me dando um sorrisinho. — Vamos deixar esse assunto quieto por enquanto, você está tão apaixonada, que já está até idealizando meu futuro com o seu pai.

— Claro! Eu estou feliz no amor, quero que vocês sejam felizes também. Falando nisso, mãe, vou jantar na casa do Caio, está bem?

— Eu sei, sua irmã me contou.

— Ela é muito linguaruda! — brinquei, mas logo voltei a ficar séria, sentindo um friozinho na barriga ao questionar: — A senhora se importaria se eu dormisse lá?

Certo, eu nem sabia se Caio ia querer que eu dormisse na sua casa, mas estava muito ansiosa para dormir nos seus braços de novo, como na noite do nosso primeiro beijo. Minha mãe soltou um suspiro e passou a mão pelo rosto.

— Já, Luna? Não está muito cedo para isso?

— É só dormir!

Ela me deu um olhar meio debochado, que me deu vontade de rir.

— Você acha que eu sou boba? Sei que vocês vão fazer tudo, menos dormir. Isso se já não fizeram, né.

— Não fizemos, mas eu sei que Caio é o homem certo para isso. Ele é o homem certo para tudo na minha vida, mãe — falei e ela assentiu, perdendo o ar debochado e me dando aquele olhar de mãe carinhosa.

— Está bem, mas, pelo amor de Deus, use camisinha! Não é porque você toma anticoncepcional, que pode fazer loucuras, Luna!

— Sim, eu sei disso, mas, sabe... Caio doou sangue para Ramon.

— E o que uma coisa tem a ver com a outra?

— Ele não poderia doar se tivesse alguma infecção sexualmente transmissível — falei, dando uma piscadinha para ela, que me olhou um pouco chocada.

— Não tinha pensado nisso, mas, mesmo assim... Tome cuidado!

— Está bem, eu vou tomar. A senhora só será avó daqui a muitos anos!

— Assim eu espero — ela riu, me dando um beijo na bochecha. — Amo você, filha.

— Também amo muito você, mãe.

Ela saiu do quarto no momento em que recebi uma mensagem de Caio, avisando que estava me esperando lá fora. Despedi-me dela e de Fernanda, encontrando-o daquele jeito todo másculo e dono de si encostado na lateral do carro, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Assim que encurtei a nossa distância, ele se aproximou e me deu um beijo intenso, cheio de saudade.

— Hum... Está cheirosa. E linda — disse ao se afastar, olhando-me de cima a baixo. Tinha colocado um vestido daquela vez, pensando em facilitar as coisas para mais tarde. Talvez eu estivesse um pouco ansiosa, mas, tendo um homem como Caio como namorado, ninguém poderia me julgar. — Cadê os meus doces?

— Estão aqui! — falei, levantando a bolsinha. — Hoje eu fiz *brownie* e consegui guardar dois para você antes de vender tudo.

— Eu vi nos seus *stories*, a cara estava muito boa.

— Eu sou boa em tudo o que faço — brinquei, o imitando.

— Meu Deus, acho que você está andando muito com aquele *advogado* gostoso e que tem um pau enorme...

— Eu também acho, mas não posso fazer nada se o meu coração cismou em se apaixonar por ele.

— Seu coração é muito sábio, gatinha.

Ele me beijou mais uma vez antes de entrarmos em seu carro. Queria falar que minha mãe havia me deixado dormir na sua casa, mas fiquei um pouco envergonhada, pensando que ele poderia achar que eu estava me oferecendo, por isso, resolvi guardar a informação para mais tarde, depois que descobrisse se ele tinha algum compromisso no dia seguinte. Assim que chegamos, ele confidenciou que havia trazido comida da casa de Ramon. Foi impossível não rir quando ele tirou uma bolsa térmica do banco de trás.

— Não acredito nisso, Caio!

— Em minha defesa, foi Cissa que insistiu que eu trouxesse o jantar — ele disse, passando o braço pelos meus ombros. — E eu não podia recusar, não é? É da comida de Cissa que estamos falando!

— Tem razão, é até pecado recusar a comida dela.

— É exatamente desse jeito que eu penso.

Entramos em sua casa e fomos direto para a cozinha deixar a bolsa térmica e os doces. Pensei que ele já iria abrir para que pudéssemos nos servir, mas me surpreendeu ao tomar a minha mão e me levar para perto de uma porta.

— Eu esqueci de te mostrar a minha academia na noite em que veio aqui. Vem cá.

— Você tem uma *academia* em casa?

— Sim.

— Está falando sério?

— Muito sério! Como você acha que eu sustento esse corpo pelo qual você é apaixonada, gatinha?

Eu estava tão chocada com a informação, que nem consegui esfregar na sua cara como ele era convencido, só o segui pelo pequeno corredor que ficava atrás da porta e descí a escada segurando a sua mão. Estava muito escuro lá embaixo, mas ele logo acendeu a luz e metade do ambiente se iluminou. Ele não estava brincando, era realmente uma academia de verdade, com esteira, aparelhos de musculação, pesos e até mesmo um saco de pancada pendurado no teto.

— Meu Deus do céu, você não estava brincando quando disse que era *fitness*.

— Malhar, para mim, é um prazer, não uma obrigação — ele disse, rindo quando viu a minha careta. — Vou fazer você malhar comigo um dia desses.

— Não, muito obrigada, eu estou bem assim.

— Não pode ser sedentária, gatinha. Você tem que ganhar resistência para aguentar tudo o que eu quero fazer com esse corpinho delicioso — disse, tomando minha cintura em suas mãos.

— Eu não sou sedentária, quase todo dia eu coloco uma música e fico dançando no meu quarto.

— É mesmo? E quando eu vou poder receber uma dancinha particular?

— Não sei se você está merecendo...

— Será que eu vou merecer depois da surpresa que preparei para você? — perguntou e eu olhei para ele sem entender nada.

— Surpresa? Que surpresa?

— Uma surpresa que está bem aqui, nesse cômodo.

Eu olhei a nossa volta de novo, mas não consegui ver nada além de um monte de aparelhos de academia e um espelho que tomava conta de toda a parede. Então, olhei para o saco de pancadas e chutei:

— Não vai me dizer que comprou um par de luvas rosa para eu poder massacrar aquele saco horroroso pendurado no teto?

— Não, mas você acabou de me dar uma ótima ideia! Vou encomendar um par para você.

— Faça isso e vamos apostar quem consegue dar mais socos em trinta segundos. É lógico que eu vou ganhar, mas deixo você tentar me vencer.

Ele riu alto, afastando-se um pouco de mim.

— Só você mesmo, gatinha. Eu estou nervoso aqui, você pode respeitar os meus sentimentos, por favor?

— Nervoso? Por quê? Você está bem normal para mim.

— Tudo fingimento. Quero mostrar a surpresa para você, mas vou ter que fechar os seus olhos, tudo bem?

— Ai, meu Deus, por quê? Não vai me dizer que a essa altura do campeonato você vai revelar que é um dominador, tipo o Christian Grey de Cinquenta Tons de Cinza? Eu sou fraquinha, não gosto desse lance de chicotes, Caio!

Ele balançou a cabeça ao gargalhar e me puxou para um beijo, certamente para ver se eu calava a boca, só que eu estava começando mesmo a pensar

um monte de besteiras. Que raio de surpresa era aquela? Nem era meu aniversário. Assim que se afastou, ele parou atrás de mim e colocou a mão enorme sobre os meus olhos. Eu até tentei enxergar por alguma frestinha deixada pelos seus dedos, mas só consegui encarar a escuridão e fui andando com ele para sabe-se lá onde, até pararmos depois de alguns passos.

— Espero que você goste, gatinha. E que não queira me matar pela surpresa — sussurrou em meu ouvido, antes de tirar a mão da frente do meu rosto.

Ah, pronto, se ele estava com medo de morrer, era porque a coisa era bem séria mesmo! Tomando coragem, abri os olhos e demorei uns dois segundos para me adaptar à claridade, finalmente enxergando tudo e constatando que era *eu* que deveria implorar a Deus para não cair durinha sobre o chão. Não era possível que eu estivesse *mesmo* diante de tudo aquilo. Com certeza eu estava delirando.

— Jesus Cristo... — murmurei, dando um passo à frente, mas parando antes de dar outro. Encarei Caio ao meu lado, olhando-me cheio de expectativas, então, voltei a olhar para frente. Tudo com o que eu vinha sonhando durante todo aquele tempo estava ali, pertinho de mim. — Não estou acreditando nisso...

Precisei colocar a mão na frente da boca, pois fiquei com medo de que eu começasse a chorar que nem uma criança de dois anos de idade. Parando na minha frente, Caio tomou o meu rosto em suas mãos.

— Pode acreditar, gatinha. É tudo para você.

Eu nem conseguia o enxergar mais por conta dos olhos cheios de lágrimas, mesmo assim, poderia jurar que ele também estava emocionado. Tirando a mão da frente da minha boca, ele deu um selinho longo em meus lábios, em seguida, deu um passo para trás.

— Vai ver tudo, antes que eu comece a achar que você odiou a surpresa.

— Odiei? Como é possível odiar isso? Ai, meu Deus!

A minha voz estava horrorosa por conta do choro, mas nem liguei, dando logo alguns passos à frente para poder notar tudo com detalhes. Em um espaço no canto da academia, Caio havia feito algo impensável: um pequeno ateliê de costura para mim! Sim, só poderia definir assim, pois a mesa enorme com a máquina de costura que sempre sonhei, cadernos para desenhos, lápis de cor, canetas esferográficas e rolos de papel para os moldes das roupas, as prateleiras afixadas na parede cheias de rolos de fitas, linhas, rendas, materiais para costura e réguas, tesouras e colas, mais os dois bustos

no canto, só poderiam compor um ateliê.

— Co-como você conseguiu fazer i-isso? — perguntei aos soluços, passando a mão pela máquina. — Como sabia que eu que-queria essa máquina? E todas essas co-coisas?

— Gatinha, fica calma — ele pediu, parando na minha frente e pousando as mãos em meus ombros. — Respira fundo.

— Eu estou res-respirando...

— Não está não — ele riu e eu me senti ridícula, mas uma ridícula muito feliz e emocionada. Não conseguia parar de chorar. — A Gabi me passou uma lista de tudo o que você precisava e eu comprei.

Parecia muito simples, mas eu sabia que não tinha nada de simples ali. Era tão especial. Meu Deus, Caio era *tão* especial! Então, me lembrei:

— Foi por isso que ela me fez listar tu-tudo o que eu queria comprar! — Ele assentiu e eu ri em meio às lágrimas. — Eu nem me dei conta de que estava sendo manipulada! Espera, eu conversei ontem com ela. Você comprou tudo ontem mesmo?

— Sim. E vim para casa para arrumar tudo... Espero que não fique brava com a mentirinha que eu contei ontem.

— Eu não sei se eu quero te bater ou te abraçar e te beijar!

— Eu prefiro a segunda opção — falou com aquele sorriso que eu tanto amava, mas precisei me afastar um pouco dele para olhar tudo de novo. Era tão lindo e tão surreal!

— Eu nem sei o que dizer... — murmurei, ficando com os olhos cheios de lágrimas de novo. — Você não precisava ter feito isso, Caio, deve ter custado uma fortuna...

— Poderia ter custado milhões de reais, ainda assim, eu moveria céus e terras para dar isso para você — ele disse, puxando-me de encontro ao seu corpo. Eu podia ver a verdade em seus olhos. — Porque eu sei como esse sonho é importante para você, gatinha. Você tem um dom lindo, é esforçada, inteligente, talentosa... Isso aqui não é nada perto de tudo o que você ainda vai conquistar.

— Isso aqui é tudo — falei baixinho, porque minha garganta estava com um nó gigantesco de emoção. Ficando na ponta dos pés, tomei o rosto de Caio em minhas mãos e confidenciei: — Eu te amo, *advogado*. Eu te amo tanto, que nem sei como começar a explicar a dimensão. E não estou falando isso porque você me fez a surpresa mais linda e especial de toda a minha vida, mas porque eu acho que você deveria saber como é importante para

mim. Eu nunca pensei que iria viver o que estou vivendo ao seu lado, que eu conseguiria me entregar e confiar completamente em um homem, como confio em você. Você é o amor da minha vida.

Ele me apertou bem forte pela cintura, até me impulsionar e fazer com que minhas pernas agarrassem seus quadris. Eu quis muito aproveitar aquela posição privilegiada e dar um beijão em sua boca, mas ele foi mais rápido e disse:

— Eu também te amo muito, gatinha, como nunca pensei que amaria uma mulher em toda a minha vida. Quero ter a oportunidade de ter você para sempre ao meu lado, quero ver você conquistar cada um dos seus sonhos e te apoiar em cada passo até lá, sendo seu melhor amigo, seu amor e seu amante.

— Meu três A — falei com um sorrisinho emocionado e ele assentiu.

— Sim, *seu* três A, apenas seu. Eu te amo, minha pequena de cabelos coloridos.

— Eu também te amo muito, *advogado*. Obrigada por tudo!

Ataquei a sua boca em um beijo cheio de amor e gratidão, sentindo-me muito abençoada por Deus por ter colocado Caio em minha vida.



Capítulo 33

Luna

Em algum momento Caio disse que iria subir para tomar um banho, mas eu só consegui concordar com a cabeça e continuar no mesmo lugar, namorando aquele cantinho especial e imaginando tudo o que eu poderia criar ali. Enquanto ainda estava comigo, ele disse que achou que não caberia tudo no meu quarto — o que era verdade — e que eu ficaria mais confortável se tivesse um espaço só meu, por isso que havia arrumado tudo ali embaixo. Em minhas mãos, eu tinha a chave reserva da sua casa, que ele me deu depois de ter se declarado para mim. Ainda tinha suas palavras em minha memória, sua voz sussurrando em meu ouvido que agora sua casa também era minha, que eu poderia vir aqui quando e a hora que eu quisesse, que eu poderia até morar com ele, se essa fosse a minha vontade. Eu ri baixinho, porque a ideia era realmente tentadora.

Parecia que eu estava vivendo um sonho. Passei as mãos em cada rolo de fita, senti a textura das rendas, quase chorei de novo em cima da minha máquina de costura. Meu Deus, a máquina que eu sempre sonhei! A vontade que eu tinha, era de me sentar ali e começar a trabalhar, mas havia algo, ou melhor, *alguém*, que merecia toda a minha atenção e a minha dedicação naquele momento. Dando uma última olhada em tudo e agradecendo baixinho a Deus por ter o melhor namorado do mundo, apaguei as luzes e subi as escadas, encontrando Caio só de bermuda na cozinha, tirando as embalagens com comida da Cissa de dentro da bolsa térmica.

— Estava indo agora te chamar para comer — ele disse com aquele sorriso que era capaz de me fazer perder todo o discernimento.

— Desculpa a demora, é que eu estava muito ocupada namorando o meu novo ateliê.

— Espero que eu consiga me sair bem nessa relação de poliamor.

— Claro que vai! Eu não sei se já tinha comentado com você, mas esse é o meu trisal dos sonhos — falei, ficando na ponta dos pés para o abraçar pelo pescoço.

— Graças a Deus, porque, se você ainda estivesse fixada naquela história de irmãos gêmeos, eu estaria fodido, gatinha. Minha fórmula é muito especial, Deus só fez um exemplar.

— E reservou para mim! Eu não sou muito privilegiada?

Ele riu e beijou o meu pescoço, me deixando toda eriçada.

— Eu que sou privilegiado, porque tenho certeza que, a partir de agora, nunca mais vou precisar comprar roupas na minha vida.

— Sabia que tinha algum interesse por trás! Você não dá um ponto sem nó, Caio!

— Mas é claro! Pensa pelo lado bom, você vai poder tirar todas as minhas medidas e se aproveitar do meu corpo nu.

— Vou poder medir o Caio B. Júnior? Acho importante saber com exatidão com quantos centímetros eu estou lidando.

— Você pode fazer tudo o que quiser com ele, gatinha. O filho da mãe está completamente louco por você, assim como eu.

A capacidade que Caio tinha de ser safado e romântico ao mesmo tempo precisava ser estudada! Dando-me um beijo, ele se afastou e começamos a nos servir, antes de colocar os pratos no micro-ondas para aquecer um pouco mais. Cissa havia feito uma carne assada deliciosa com batatas coradas e arroz com brócolis, que nós devoramos rapidamente sentados no sofá. Eu gostava do fato de Caio se sentir muito confortável na própria casa, a ponto de não precisar se sentar à mesa para comer, assim, ficávamos ainda mais perto um do outro. Assim que terminamos, ele colocou os nossos pratos na cozinha e voltou devorando um dos doces que eu havia feito, puxando-me para me sentar no seu colo ao se acomodar no sofá.

— Não vai ser fácil manter o meu corpo com você fazendo essas delícias, gatinha — ele disse, encostando o *brownie* na minha boca para que eu comesse um pedaço. — Por isso que vende tudo tão rápido, é muito bom.

— Obrigada, amor. Eu estou muito feliz pela ideia ter dado certo. Acredita que já tenho dinheiro pra começar a comprar os tecidos? Isso significa que, muito em breve, eu vou estreiar o ateliê maravilhoso que o meu namorado incrível montou para mim!

— Tenho muito orgulho de você, pequena — ele disse, colocando a embalagem vazia do doce em cima do sofá e me puxando mais perto pela

cintura. Não passou despercebido por mim que eu estava sentada bem em cima do Big Júnior. — Será que esse namorado incrível merece um beijo?

— Só um? Eu estava pensando em algo na base de dois ou três milhões...

— Então acho melhor começar logo essa sessão de beijos, pois temos um longo caminho até a casa dos milhões.

Eu concordei, indo para cima daquela boca maravilhosa, sentindo o gosto do chocolate levemente amargo na sua língua. Beijar Caio era como participar de uma experiência científica, cada mordidinha, cada carícia, cada suspiro, contribuía para avivar todos os meus sentidos e fazer o meu corpo despertar. E eu achava que ele sentia o mesmo enquanto me beijava, pois logo se tornava mais intenso, suas mãos fortes passavam pela minha pele, apertavam a minha cintura, me seguravam pela bunda e o Caio Júnior começava a se fazer presente entre as minhas pernas.

Ele gemeu baixinho quando eu passei a língua pelo seu maxilar e desci pelo seu pescoço, sentindo o cheiro de sabonete em sua pele deliciosa, antes de beijá-la e rebolar sobre o seu colo. Suas mãos se infiltraram em meu vestido e sorri quando apertou minha bunda com mais força.

— Você me deixa doido, gatinha... Já falei como está maravilhosa com esse vestido? — perguntou baixinho em meu ouvido. — Fiquei com vontade de enfiar a mão debaixo dele desde o momento em que você saiu de casa.

— Claro que ficou com vontade, você é um tarado — falei, encontrando o seu sorriso quando levantei minha cabeça para olhar em seu rosto. — Me vesti pensando em você. E pensando em facilitar o acesso do Caio Júnior também, confesso.

— E depois eu que sou tarado?

— Você é!

— Sim, eu sou e agora fiquei ainda mais. Você não pode me falar essas coisas e esperar que eu continue a agir como um homem civilizado, gatinha. Vai ser muito difícil deixar você ir embora dessa casa hoje, acho que vou te prender dentro do meu quarto.

Eu ri, mas senti um frio no estômago ao perceber que ele havia chegado no assunto que eu queria ter tratado desde o início da noite. Passando as mãos pelo seu peitoral maravilhoso, falei baixinho:

— Eu não preciso ir embora. — Caio me olhou com o cenho levemente franzido e eu continuei: — Minha mãe permitiu que eu passasse a noite com você.

Seus olhos se arregalaram e ele se aproximou ainda mais de mim, tirando

as mãos da minha bunda para poder pegar em meu rosto.

— Está falando sério?

— Sim, mas, se você não quiser ou se tiver algum compromisso amanhã, não tem problema, eu vou entender.

— Gatinha, eu poderia ter uma reunião com a rainha da Inglaterra e estaria pouco me fodendo! Iria cancelar tudo só para ficar com você! — disse com um sorriso lindo, que fez o meu coração ficar disparado no peito. — Não imagina como foi difícil deixar você ir embora na última noite que nos vimos.

— Foi horrível, eu queria muito ter aproveitado a sua cama e aquele chuveiro chique.

Ele riu, passando o nariz pelo meu.

— Hoje você vai poder aproveitar tudo.

— Você também — falei, ficando subitamente ofegante e excitada. — Eu quero tudo, *advogado*. Quero fazer amor com você.

Caio parou de rir e me olhou de forma muito intensa, carinhosa, me deixando cheia de expectativa.

— Tem certeza, pequena?

— Nunca estive tão certa sobre algo em toda a minha vida. Você não quer?

Ele desceu uma mão pela minha cintura e me pressionou contra a sua ereção, que parecia ter dobrado de tamanho naqueles poucos minutos.

— Isso aqui responde a sua pergunta? — questionou, me fazendo rir baixinho. — O que eu mais quero é fazer amor com você, pequena.

— Então faça.

Caio não precisou ouvir mais, simplesmente beijou a minha boca por longos minutos, muito carinhoso e intenso, antes de se levantar comigo em seu colo. Eu não estava nervosa, mas um friozinho intenso revolvía o meu estômago, me deixando ansiosa. Sempre que imaginava a minha primeira vez, me via de modo inseguro, com receio e cheia de questionamentos, mas isso era porque eu nunca havia ido tão longe ao ponto de sonhar que teria Caio em minha vida e que ele seria tão maravilhoso comigo. Com ele, eu não sentia medo, nem vontade de me esconder, só sentia amor e desejo de me entregar completamente.

Eu estava prestes a fazer amor com o meu *advogado*! Minha nossa, mal podia acreditar!

Só descobri que estávamos em seu quarto quando ele me colocou deitada sobre a cama, vindo para cima de mim e acomodando-se entre as minhas

pernas. Achei que iria arrancar logo o meu vestido e me deixar completamente nua, mas Caio parecia não estar com pressa naquela noite. Ele afastou os fios de cabelo do meu rosto e passou o nariz de leve pelo meu, fechando os olhos e respirando fundo, antes de beijar a minha bochecha, meus lábios, meu maxilar, até escorregar para o meu pescoço e me deixar toda arrepiada. Eu era muito sensível ali e ele sabia exatamente como me tocar para me deixar mais excitada, ansiosa, com o corpo doendo em expectativa. Gemi seu nome quando mordiscou minha pele e arranhei sua nuca quando lambeu meu ombro, escorregando para o outro lado do meu pescoço e me deixando muito excitada. Ele estava praticamente beijando e namorando aquela parte do meu corpo, me fazendo ficar um pouco desesperada por conta do choque de prazer que se espalhava pelas minhas veias e se concentrava no meio das minhas pernas.

Muito devagar, ele subiu as mãos pela minha barriga por cima do vestido e pressionou meus mamilos com o polegar, deixando-os ainda mais eriçados e pontiagudos. Uma dorzinha deliciosa se espalhou sobre eles e eu mordi o lábio para não gritar, sendo observada pelos olhos atentos do *advogado*.

— Quero ouvir os seus gemidos, gatinha — disse ele com aquela voz rouca, pressionando-se no meio das minhas pernas. — Não reprima nada.

— Eu também quero ouvir os seus — falei, querendo muito ter acesso a frente do seu corpo para poder desabotoar a bermuda e descer a roupa junto com a sua cueca. — Me deixa despir você.

Ele sorriu e acariciou meus mamilos mais uma vez, antes de se ajoelhar na frente do meu corpo e me puxar pelas mãos para que eu me sentasse. Claro que não fui direto ao Caio Júnior, com todo aquele monumento na minha frente, levei alguns segundos lambendo e beijando a sua barriga, ouvindo seus gemidinhos até desabotoar a sua bermuda e descer a peça junto com a roupa íntima. Seu pau muito duro e já melado na ponta saltou bem perto do meu rosto e eu só esperei que ele tirasse as roupas aos chutes, antes de o tocar de leve.

Senti vontade de pressionar minhas coxas para poder conter o pulsar incessante do meu clitóris, enquanto sentia cada veia que desenhava a extensão do seu pau, a pele delicada e quente, a cabeça perto dos meus lábios. Caio estremeceu quando passei a língua sobre ela, recolhendo a gota transparente que tinha acabado de escorrer pela sua abertura pequena, mas não me deixou ir mais longe do que isso. Pegando meu cabelo perto da nuca, ele me afastou delicadamente, me fazendo deitar de novo na cama e vindo

para cima de mim.

— Essa noite é sua, gatinha — murmurou com os lábios a centímetros do meu. — Quero amar você completamente, com tudo o que há em mim.

— Inclusive com o seu pau de trinta centímetros — deixei escapar, ouvindo sua risada baixinha.

— Não seja exagerada! São apenas vinte e nove centímetros e meio — brincou, me fazendo rir também e ficar mais relaxada e excitada. — Prometo ser cuidadoso.

— Eu sei que você será, *advogado*. Eu amo você.

Seu olhar se tornou mais terno e suas mãos passearam pela minha coxa.

— Eu também amo você, pequena.

Mordi o lábio quando ele ficou de joelhos entre as minhas pernas e levei as minhas mãos as dele quando começou a levantar o meu vestido, o ajudando a me despir. Ele fez tudo lentamente, revelando centímetro por centímetro da minha pele, até chegar à altura da calcinha. Assim que seus olhos bateram nela, ele se deteve:

— Eu conheço essa coisinha indecente — falou me arrancando um sorriso.

— Achei que você iria gostar que eu a usasse nessa ocasião especial.

Sorrindo, o safado parou de agir com lentidão e subiu o resto do meu vestido em um piscar de olhos, me deixando apenas com a *lingerie*. Eu me senti poderosa ao ver a expressão de desejo que tomou conta do seu rosto quando praticamente me engoliu com o olhar.

— Não imagina como sonhei em ver você vestida com essa calcinha. Quase morri quando me enviou a foto, fiquei louco de ciúmes com a possibilidade de você realmente usar com aquele fedelho abusado, que não merece ter o nome mencionado.

— Eu jamais usaria com ele. Acho que, inconscientemente, eu comprei pensando em usar com você.

Ele mordeu o lábio e assentiu, passando o polegar por cima da renda, bem perto do meu clitóris, me deixando louca de desejo.

— Prometo que vamos fazer com que ela se torne mais memorável e importante do que já é, gatinha — falou me dando uma piscadinha que, eu juro, senti bem no meio das minhas pernas.

Pegando-me de surpresa, o *advogado* voltou para cima de mim e me deu um beijo de tirar o fôlego, esfregando o pau duro em meu clitóris por cima da calcinha, me fazendo gemer em seus lábios. O contato era maravilhoso, eu podia sentir sua ereção com uma perfeição que não tinha conseguido antes,

por cima da cueca, o que me fez ficar ainda mais ansiosa para quando eu ficasse totalmente nua.

Seus lábios desceram novamente pelo meu pescoço, mas, dessa vez, ele não se demorou muito, chegando logo em meus seios. Ele amava mesmo aquela parte do meu corpo, pois levou o seu tempo para me deixar louca de tão excitada dedicando-se a eles, lambendo um mamilo enquanto apertava o outro, chupando de forma intensa e depois mordiscando, sempre se esfregando em mim lá embaixo, fazendo minha vagina palpitar e meu clitóris doer. Largando um mamilo duro e inchado, ele foi para o outro, passando a língua sobre ele enquanto eu gemia e arranhava suas costas, lutando com a vontade de gozar.

Sua mão direita desceu pela minha barriga e me tocou por cima da calcinha no momento em que ele começou a chupar o bico sensível do meu seio e precisei fechar os olhos quando seu dedo encontrou o meu clitóris, resvalando sobre ele bem de leve, me deixando doida. Ele gemeu junto comigo e esfregou o pau em minha virilha, me deixando consciente de quão melada a sua glândula estava.

— Que delícia, gatinha... Consigo sentir como você está molhadinha por cima dessa calcinha indecente — disse ele, escorregando os lábios pela minha barriga.

— Se você a tirar do meio do caminho, vai conseguir sentir melhor — falei um pouco desesperada por mais contato e senti seu sorriso em minha pele.

— Sem pressa.

Como ele podia falar aquilo quando eu sentia seu pau tão duro pressionado contra a minha coxa? Caio parecia muito seguro de si, enquanto eu estava quase delirando e doida para gozar. Ele lambeu de leve ao redor do meu umbigo e desceu até a lateral da calcinha, separando bem as minhas pernas com as mãos para poder acomodar o rosto entre elas. Ansiosa para saber o que faria, me apoiei nos cotovelos e segurei a respiração, estremecendo quando encostou o nariz em cima dos meus lábios vaginais e cheirou forte, soltando um gemido rouco.

— Amo o seu cheiro — murmurou antes de afastar a calcinha com a ponta dos dedos e dar uma lambida bem no meio da fenda, me fazendo gemer ao tocar o meu clitóris com delicadeza. — Amo o gosto dessa bocetinha linda... Mal vejo a hora de estar dentro dela.

Minha nossa, eu poderia ter gozado apenas com as suas palavras, pois a onda de prazer que invadiu o meu corpo ao pensar no seu pau dentro de mim,

me deixou sem fôlego. Olhando em meus olhos, ele colocou a língua sensual para fora e me lambeu de novo, bem devagar, desde a abertura apertada até o clitóris, antes de fechar os lábios sobre ele e sugar com uma pressão deliciosa, que me fez ver o céu, a lua e as estrelas. Foi difícil manter o discernimento e voltar a abrir os olhos, mas consegui e encontrei novamente os dele, intensos e cheios de tesão.

Os gemidos escaparam sem controle do fundo da minha garganta quando ele voltou a lamber o meu maior ponto de prazer, dessa vez mais rápido, enquanto me dedilhava entre os pequenos lábios, bem lentamente. Seus olhos não deixaram os meus nem por um segundo e foi presa neles que senti a pressão delicada em minha entrada, seu dedo abrindo caminho de leve, apenas a pontinha entrando e saindo, me fazendo mover os quadris poder sentir mais. Ele gemeu e fechou os lábios sobre o meu clitóris, metendo um pouco mais o dedo, fazendo minhas paredes vaginais se apertarem e gritarem por mais.

— Está doendo? — perguntou bem rouco, pressionando os quadris contra a cama.

— Não.

— Acha que aguenta mais um?

Eu apenas assenti, sentindo-me incapaz de responder com clareza. Ele lambeu os lábios e olhou para o meio das minhas pernas, bem concentrado, antes de eu sentir a pressão aumentar, seus dedos agora entrando de verdade.

— Porra, que visão do caralho, gatinha — falou tirando um pouco os dedos, antes de voltar a penetrar. — Que bocetinha linda... Dói?

— Não, mas... Eu sinto uma pressão — falei, sem saber ao certo como explicar.

— Mas está gostoso?

— Sim, muito.

— Que bom, porque vou fazer você gozar assim, com os meus dedos e a minha língua.

Eu nem pensei em responder, porque ele logo voltou a meter a boca em minha boceta, me fazendo soltar um gemido longo e muito excitado. Seus dedos começaram a entrar e sair um pouco mais rápido, sem ir muito fundo, mas me fazendo conhecer novas sensações que, junto com a sua língua em meu clitóris, me fizeram enlouquecer. Sem controle algum sobre o meu próprio corpo, comecei a mover os quadris com mais força de encontro ao seu rosto e aos seus dedos, ouvindo os seus gemidos guturais e excitados,

enquanto o prazer dominava cada um dos meus sentidos.

Seu nome escapou do fundo da minha garganta quando ele girou os dedos lá dentro, tocando cada terminação nervosa das minhas paredes vaginais e deixou a ponta da língua durinha, tocando meu clitóris de cima para baixo, de um lado para o outro. Foi demais, um arrepio intenso tomou conta do meu corpo e o orgasmo me fez explodir de dentro para fora, ondulando meus quadris, arqueando minha coluna, me deixando completamente sem fôlego. Não sei em que momento Caio tirou os dedos de dentro de mim, mas, quando consegui recuperar parte dos meus sentidos, o encontrei com dois dedos enganchados em minha calcinha, retirando a *lingerie* com delicadeza pelas minhas pernas, antes de seus lábios espalharem beijos ternos em minha virilha e subirem pelo meu corpo, até chegarem em minha boca.

Eu o abracei pelos ombros e preendi seus quadris com a minha perna, sentindo sua ereção enorme pressionada bem no meio delas. Estava relaxada depois do orgasmo quase fulminante que ele havia me proporcionado, mas senti aquele frio na barriga voltar ao me lembrar que ainda não tínhamos acabado, que faríamos amor de verdade daquela vez. Ele moveu o quadril de leve contra o meu, deixando que o seu pau me acariciasse de cima a baixo, fazendo com que meu corpo despertasse para novas sensações e estremecesse. Sua língua acariciou a minha e seus lábios sugaram os meus, antes de ele se afastar um pouco e olhar em meus olhos.

— Está nervosa?

— Ansiosa — falei, tocando em seu pescoço. — E com um frio na barriga.

Ele sorriu e acariciou o meu corpo com muita delicadeza, sem tirar os olhos de dentro dos meus.

— Eu estou nervoso — admitiu e eu fiquei surpresa.

— Por quê? Nem é a sua primeira vez.

— É a minha primeira vez com a mulher que eu amo. Quero que seja perfeito.

Ai, meu Deus. Senti o meu coração ficar derretido no peito, pois podia ver em seus olhos a verdade. Tomando seu rosto em minhas mãos, falei:

— Já está sendo perfeito. Você suspira e eu já sinto a perfeição cobrindo o meu corpo, *advogado*.

Ele riu baixinho e acariciou o meu rosto com a pontinha do nariz.

— Você faz muito bem ao meu ego, gatinha.

— Eu sei, estou sentindo-o bem duro e pressionado contra mim lá embaixo — falei, acariciando a sua bochecha. — Você é o melhor homem do mundo,

Caio. Meu coração não poderia ter escolhido alguém melhor para amar.

Seu olhar emocionado encontrou o meu e ele murmurou baixinho antes de me beijar:

— Eu te amo muito, minha pequena de cabelos coloridos.

Eu sempre me sentia especial nos braços do *advogado*, mas, naquele momento, algo transcendental aconteceu. Eu não saberia colocar em palavras, mas o amor que me envolveu foi tão forte, que lágrimas vieram aos meus olhos e o mundo se calou, tornou-se apenas de nós dois. Ele me beijou e eu me entreguei de corpo e alma, sentindo o tesão se misturar à paixão que nos envolvia, esfregando meu corpo contra o dele, sentindo o calor da sua pele contra a minha, até ele se afastar um pouco, tomar o pau em sua mão e passar a cabeça de leve pela minha vagina, acariciando o meu clitóris por tortuosos segundos que me deixaram louca, até descer e pressionar a minha entrada.

Eu respirei fundo e ele me penetrou muito devagar, franzindo o cenho, focado em mim, abrindo espaço no canal muito apertado. Meu suspiro saiu em haustos pela minha boca, porque a dor me pegou desprevenida e me fez fechar os olhos com força. Eu tinha consciência de que iria doer, não era idiota e Caio era enorme, mas, poxa vida, eu não sabia que seria tanto! Ele parou e beijou meu pescoço, meu rosto, até chegar em meus lábios.

— Sinto muito, gatinha, eu queria que fosse melhor para você — sussurrou com pesar, tocando em meu rosto e me fazendo abrir os olhos. — Quer que eu pare?

— Não — murmurei, sentindo-o escorregar para fora de mim. — Só vai devagar.

— Sempre — garantiu, escorregando os dedos pela fenda da minha boceta até encontrar o meu clitóris, me fazendo gemer de leve com o contato. — Eu juro que depois vai ficar tão gostoso, que você não vai conseguir viver sem ter o Caio Júnior bem enterrado nessa bocetinha.

— Eu mal posso esperar por isso — falei bem ansiosa e com um sorriso enorme, porque, realmente, eu mal via a hora de aproveitar de verdade o pau do *advogado*.

Ele sorriu também e voltou a me beijar, posicionando o pau rapidamente em minha entrada de novo, mas sem penetrar. Seu dedo voltou a acariciar meu clitóris sensível e só quando gemi de prazer, foi que ele empurrou a cabeça para dentro, me alargando e invadindo. Eu arranhei seus ombros com força, sem conseguir segurar o gemido de dor e Caio parou, me beijou, acariciou, sugou meus lábios, beijou meu pescoço, esperou que eu relaxasse o

máximo possível antes de escorregar um pouco mais e mais, até que senti uma queimação muito forte em algum ponto dentro do meu canal vaginal, que me fez gritar.

— Agora você não é mais virgem, gatinha — ele disse com a voz entrecortada, que eu não sabia se era de emoção ou de tesão e secou uma lágrima idiota que escorreu pela lateral do meu rosto. — Está doendo muito?

Estava doendo pra cacete!

— Sim, mas não quero que você pare.

— Não vou parar, mas vou tentar fazer com que fique bom para você.

Sem que eu esperasse, ele saiu de dentro de mim e voltou a meter a cabeça no meio das minhas pernas, colocando meu clitóris dentro da boca. Eu não sabia que ainda estava excitada até aquele momento, pois o choque de prazer contrastou com a vagina muito dolorida e me fez contorcer sobre a cama e agarrar os seus cabelos. Ele me olhou lá debaixo rapidamente, antes de fechar os olhos e enfiar a cara na minha vagina, penetrar um pouco a língua e esfregar o nariz no nervo sensível e excitado. Quando subiu as mãos pelo meu corpo e apertou os meus seios, jurei que poderia gozar.

— Caio...

Chamei por ele e mordi o lábio, plantando os pés no colchão para poder me esfregar em seu rosto, mas ele segurou minha cintura e subiu muito rápido pelo meu corpo, enfiando a língua em minha boca e me penetrando lentamente, sem ir muito fundo. Doeu, mas quando ele tocou o meu clitóris, eu consegui suportar a picada de dor misturada ao prazer.

— Caralho, gatinha... — ele gemeu contra os meus lábios, metendo e tirando lá embaixo, indo cada vez mais fundo. — Está doendo menos? — perguntou e eu assenti, vendo seu rosto coberto pelo prazer. — Acha que consegue gozar assim?

— Não sei, mas eu quero que você goze.

Ele apertou o maxilar e estremeceu, fechando os olhos bem forte muito rápido, acelerando um pouco os movimentos do quadril e do dedo em meu clitóris.

— Porra, como é apertada! — gemeu, escondendo o rosto em meu pescoço e indo mais fundo, antes de sair completamente e se ajoelhar no meio das minhas pernas. — Só vou voltar a te penetrar quando você estiver quase gozando, assim, vamos gozar juntos, tá bom?

Eu só consegui assentir, me apoiando nos cotovelos para poder olhar para o meio das minhas pernas. Seu pau estava muito duro, a cabeça vermelha e

melada pelo meu sangue e nossos fluídos, o que me fez estremecer e ficar excitada. Ele gemeu e se tocou de leve com a mão esquerda, passando a glândula pela minha boceta, deixando que ela ocupasse o lugar do seu polegar por alguns segundos e tocasse o meu clitóris. Eu arquejei pela visão tão sexual e explícita e pelo prazer que me golpeou, abrindo mais as pernas, querendo abrigar Caio inteiro entre elas.

— Estou quase — avisei, mexendo os quadris, muito excitada e molhada, apesar de dolorida. — Vem!

Caio não esperou nem meio segundo, assim que o orgasmo me atingiu, ele me penetrou até o fundo, enfiando o pau inteiro dentro de mim e metendo bem rápido sem tirar demais, segurando-me pela cintura e beijando a minha boca. A dor me atingiu, claro, mas em meio ao orgasmo, nem me atentei muito a ela, apenas à sensação de estar sendo completamente envolvida pelo pau, pelos braços e pela boca do meu *advogado*. Ele gemeu alto entre os meus lábios e meteu mais forte, fechando os olhos ao gozar bem fundo dentro de mim, seus quadris em potência máxima, o pau pulsando contra os meus lábios vaginais, seu calor me inundando por dentro.

— Luna... Minha gatinha, meu amor... — ele gemeu, deitando-se sobre o meu corpo e metendo bem devagar, enquanto passava os lábios pelo meu rosto, meu pescoço, meus ombros, até chegar perto da minha boca. — Eu amo você.

— Eu amo muito você, *advogado* — sussurrei de volta, extasiada e completamente apaixonada por ele.



Capítulo 34

Caio

Despertei com os raios do sol sobre o meu rosto e um corpo delicioso praticamente sobre o meu. Geralmente, eu sempre acordava de bom-humor, mas essa manhã foi diferente, especial, pois acordei com a minha gatinha em meus braços. Eu podia sentir sua respiração cadenciada em meu pescoço, a forma como sua pele aquecia a minha embaixo dos lençóis, despertando lembranças da nossa primeira noite de amor.

Noite de amor. Caramba, nunca havia pensado em sexo de outra forma que não fosse, bom... Sexo. Mas, com Luna, havia sido muito mais. Mesmo nervoso, com medo de fazer alguma coisa que pudesse machucá-la, tenso por saber que ela iria sofrer na hora da penetração, o amor esteve presente e a noite havia sido sensacional. Claro que eu sabia que ficaria ainda melhor com o passar do tempo, que chegaria o momento em que ela ia sentir apenas prazer e não dor — coisa que eu já estava ansiando —, mas fiz de tudo para tornar esse momento inesquecível — de um jeito bom — para nós dois. Pelo seu sorriso quando terminamos, eu sabia que tinha conseguido.

O momento pós-sexo com ela foi perfeito, ficamos de chamego na cama, conectados de uma forma que nunca senti com outra mulher. Não que eu tivesse comparando a minha experiência com Luna com as tantas outras que eu já carregava, mas porque era difícil não notar a diferença entre estar com ela e estar com todas as outras mulheres que passaram pela minha cama. Tudo o que havia acontecido em meu passado tinha sido uma aventura, uma distração para que eu conhecesse o prazer de verdade estando com ela, a pequena de cabelos coloridos que o meu coração havia escolhido para amar.

Não saberia dizer em que momento nós pegamos no sono, mas tinha plena consciência de que havia sido a melhor noite da minha vida. Com cuidado, coloquei sua cabeça sobre o travesseiro e me levantei, ostentando uma ereção

matinal que tinha tudo para se transformar em outra coisa se eu continuasse deitado ao seu lado, e fui ao banheiro. Ainda havia resquícios do seu sangue em meu pelos pubianos, por isso, tomei uma chuveirada rápida, fazendo de tudo para não ficar com tesão enquanto imagens da noite anterior voltavam à minha mente e me sequei, vestindo uma cueca limpa ao ir ao closet. Ela nem havia se mexido e, achando melhor deixar que descansasse mais um pouco, fui para a cozinha arrumar o café da manhã.

Eu não sabia o que ela costumava comer nesse horário além daquela bomba de açúcar com gosto artificial de chocolate — que eu sequer tinha em casa —, por isso, dei uma olhada na minha geladeira e peguei frios, *waffles* integral que ficavam prontos em quinze minutos no forno, uma geleia de frutas vermelhas e manteiga. Enquanto os *waffles* assavam, coloquei um café para passar na cafeteira e mandei um *e-mail* marcando a vídeo conferência que teria mais tarde com um cliente, pois queria que nada atrapalhasse aquele dia ao lado da minha gatinha. Talvez a gente pudesse dar um pulo na piscina mais tarde, namorar um pouco, o que me deixou ansioso, apesar de saber que, provavelmente, ficaríamos apenas no sexo oral. Eu era realmente safado e tarado, mas ainda tinha algum resquício de consciência.

Resolvi fazer algumas torradas e estava terminando de fazer ovos mexidos para complementar, quando senti um corpo delicado me agarrar por trás e mãos ousadas acariciarem toda a extensão do meu abdome, fazendo meu pau despertar mesmo sem ter sido chamado.

— Meu Deus, que cheiro delicioso!

— Meu cheiro, suponho? — perguntei, desligando o fogo e me virando para ela.

Precisei conter a onda de desejo que me golpeou ao vê-la vestida com uma regata minha, que marcava os seus mamilos, e aquela calcinha maravilhosa, que quase não cobria a sua boceta. Dessa vez o meu pau realmente se agitou dentro da cueca.

— Você sempre está cheiroso, mas eu estava falando da comida. Espero que não se importe por eu ter roubado uma blusa sua. Juro que peguei a menor de todas, acho que essa aqui nem cabe em você.

— Não cabe mesmo, ganhei de presente em um dos meus aniversários e a pessoa errou o tamanho.

— Se essa pessoa for uma mulher, fala logo para eu poder tacar fogo — disse com uma carinha de ciumenta e eu não aguentei, precisei puxá-la para mim para poder beijar a sua boca.

— Não foi uma mulher, acho que foi um dos meus amigos. Homem não sabe comprar roupa pra outro homem — falei, descendo minhas mãos pelas suas costas até parar em sua bunda praticamente nua. — Que tal tomarmos o café da manhã à beira da piscina?

— Acho ótimo e muito chique.

Com um sorriso animado, ela me ajudou a levar tudo para a mesa que ficava perto da piscina e eu a puxei para o meu colo quando começamos a nos servir. Foi um sacrifício tentar me comportar com aquela bunda macia e deliciosa bem em cima do meu pau, mas consegui agir como um homem romântico e civilizado, fraquejando apenas quando ela se mexia ou soltava um gemidinho ao comer alguma coisa, como o morango que coloquei perto da sua boca.

— Pode confessar, esse café da manhã é muito melhor do que aquela imitação fajuta de cereal — falei, passando a mão aberta por sua coxa e ouvindo a sua risada.

— Você pode deixar o meu cereal de chocolate em paz, por favor?

— Não consigo, é demais para o meu coração! Já vi que vou precisar cuidar à risca da alimentação dos nossos filhos.

— O jeito como você fala, parece até que eu só como besteiras. É muito raro eu comer aquele cereal, tá? Ele é mais da Fernanda do que meu.

— Pior ainda! Minha cunhadinha está em fase de crescimento, não pode comer essas coisas. Vou precisar conversar com a minha sogra.

— Tente tirar o cereal da Fernanda e você vai ver se ela continuará sendo sua amiga — ela disse, passando os dedos pelo meu cabelo perto da nuca.

— Ela vai entender que é para o bem dela, assim como nossos filhos entenderão. Por falar em filhos, está tomando o anticoncepcional direitinho, gatinha? Não usamos preservativo ontem.

Talvez fosse tarde demais para perguntar, mas, na cama, eu só consegui me atentar ao fato de que ela disse que tomava o contraceptivo no lago e não pensei em mais nada. Assentindo, ela tomou o resto do suco de uva e colocou o copo vazio na mesa.

— Sim, eu tomo religiosamente todo dia antes do almoço desde os dezesseis anos.

— Jura? Por quê?

— Porque eu sofria muito com o ciclo irregular e cólicas, então, depois de fazer alguns exames, a ginecologista me receitou.

— E melhorou?

— Sim. Eu sofri um pouco com acnes nos primeiros meses, foi horrível, mas depois o meu organismo se acostumou — disse ela, me dando um sorrisinho malicioso. — Seus quinze filhos vão ter que esperar alguns anos para começarem a vir.

— Ainda bem que eu não tenho a mínima pressa para ser pai — falei, dando beijos no seu pescoço e ouvindo a sua risada baixinha por conta das cócegas. Ela estremeceu quando acariciei o interior das suas pernas. — Está muito dolorida, gatinha?

— Sim... Acho que o Caio B. Júnior não vai poder brincar por aqui hoje — ela murmurou entre um arquejo e um lamento, afastando as coxas quando abri minha mão sobre a sua bocetinha por cima da calcinha.

— A gente pode se divertir sem ele precisar entrar.

Ela me olhou com as bochechas levemente coradas, já ficando excitada e rebolou de leve em cima da minha ereção, que eu já não conseguia mais disfarçar.

— Vai querer que eu monte em você que nem no restaurante? Pelo menos aqui você vai poder gozar à vontade.

Eu não aguentei e comecei a rir da sua cara de espertinha, enquanto subia minha camisa pelo seu corpo. Porra, os peitos dela eram fantásticos e eu já estava doido pra dar uma chupadinha neles de novo.

— Aquela noite foi incrível, mas foi difícil para mim — falei, ouvindo o seu suspiro.

— Para mim foi ótima, parecia que eu estava levitando ao sair de lá.

— Por causa da comida, suponho?

— Sim, aquela sobremesa com leite condensado estava perfeita... Ai, Caio!

Luna exclamou e riu ao mesmo tempo quando enfiei um mamilo arrebitado na minha boca, sentindo a textura perfeita na minha língua. Acho que nunca iria me acostumar com a visão perfeita que ela era e com o modo como seu corpo respondia ao meu, como sua pele se arrepiava e seus músculos estremeciam. Aproveitando que ainda estava com a mão entre as suas pernas, dedilhei sua bocetinha por cima da calcinha delicada, deixando apenas o dedo médio invadir a fenda entre os lábios e pressionar o clitóris durinho. Já conseguia sentir a sua lubrificação molhar a renda da *lingerie*.

— Adoro a forma como fica excitada para mim, gatinha — falei, passando para o outro mamilo. Ela mordeu o lábio e arranhou de leve minha nuca quando o lambi. — Estou completamente viciado em você, no seu gosto, nesses peitos deliciosos, nessa bocetinha apertada... Mal vejo a hora de

poder comer você do jeito que desejo.

— Eu também mal vejo a hora de isso acontecer — ela sussurrou, puxando meu rosto para cima e dando uma lambidinha em meus lábios. — Acha que vai demorar muito para eu me acostumar ao seu tamanho, *advogado*?

— Eu espero que não, enquanto isso, a gente se diverte de outra forma.

Só deixei que ela concordasse com a cabeça antes de puxar seu rosto para perto do meu e beijar a sua boca, enquanto colocava sua calcinha de lado e finalmente acariciava a sua boceta do jeito que queria. Ela gemeu entre os meus lábios e se esfregou em meu colo, fazendo meu pau sofrer um espasmo doloroso dentro da cueca, que me deixou com o coração acelerado, doido pra meter nela. Ainda bem que paciência era uma virtude que eu tinha e cuidado também, por isso, me concentrei em fazer com que ela ficasse louca de tesão, quase gozando, antes de tirar a mão do meio das suas pernas e me levantar com ela em meus braços.

Seu olhar confuso encontrou o meu, mas não respondi nada, só beijei a sua boca e fui com ela até o outro lado da piscina, parando ao lado da espreguiçadeira que havia ali. Ela se apoiou em meus ombros quando a coloquei de pé e passou a língua pelos lábios quando tirei minha cueca e espalhei a lubrificação da glândula pelo meu pau em uma punheta rápida.

— Confia em mim, gatinha?

— Você sabe que sim — disse esticando a mão para me tocar, mas me afastei e me sentei sobre a espreguiçadeira, diminuindo a velocidade da masturbação.

— Então, vire-se de costas e sente-se em cima de mim, bem perto da minha barriga — pedi, tocando em uma região do meu abdome que ficava acima do meu pau.

Com o semblante ainda confuso, Luna fez como pedi e se sentou no pé da minha barriga, encostando as costas em meu peito. Largando meu pênis que quase clamava por um orgasmo, subi minhas mãos pela lateral do seu corpo, até pegar um seio em minha mão e afastar seu cabelo para o ombro com a outra. Seu gemido foi audível quando dei um chupão em seu pescoço.

— Flexione os joelhos e abra as pernas, gatinha — sussurrei em seu ouvido e, assim que ela fez como pedi, minha ereção pressionou o meio das suas coxas. — Está sentindo meu pau na sua boceta?

Sua resposta saiu em um arquejo e seu corpo estremeceu de leve:

— Sim, estou.

— Afaste a calcinha e deixe ele ficar bem no meio dela, entre os lábios —

pedi, precisando morder de leve o seu ombro para conter a onda de tesão que me invadiu quando ela tomou o meu pau na mão e o colocou de encontro a sua boceta molhada. — Agora coloque sua calcinha por cima dele e se esfregue em mim.

Senti quando a renda cobriu o meu pau e criou um casulo bem apertado, que possibilitava sua boceta se esfregar em mim sem que ele escorregasse e saísse do lugar. Gemi junto com ela quando senti seus lábios delicados subirem e descerem pela minha extensão, o clitóris roçando o desenho da cabeça sensível do meu pau. Puta que pariu, que sensação do caralho!

— Meu Deus... — ela arquejou, aumentando o movimento dos quadris para cima e para baixo, rebolando sobre o pé da minha barriga. — Ai, Caio...

— Que delícia, gatinha... Não para — pedi rouco ao seu ouvido, tomando seus peitos em minhas mãos e beijando seu pescoço, enquanto ela passava os braços pela minha cabeça. — Sou tão apaixonado por você e por essa bocetinha gostosa... Vai me deixar gozar sobre ela de novo?

— Sim — murmurou em um gemido entrecortado, subindo e descendo mais rápido. — É muito gostoso...

— Eu sei, meu amor. Você é maravilhosa.

Ela jogou a cabeça para trás e gemeu bem alto, plantando os pés na espreguiçadeira e rebolando, roçando a boceta pelo meu pau duro, grosso, me deixando todo melado e fazendo minha cabeça babar. A renda da calcinha era uma sensação a mais, me deixando muito sensível e cheio de tesão. Tomando sua cintura, a ajudei a ir mais rápido e gemi seu nome quando espalmou a mão em meu pau e o pressionou mais contra a bocetinha, gritando e puxando meu cabelo perto da nuca. Eu podia sentir as leves contrações do seu clitóris contra o meu membro.

— Quero sentir você gozar bem gostoso no meu pau, pequena... — sussurrei, apertando seu mamilo e sua cintura. — Vem, goza pra mim.

Ela me pressionou mais contra a boceta e subiu e desceu bem rápido, arquejando e gemendo, até gritar meu nome e estremecer com força, fechando as coxas e me pressionando muito enquanto gozava, me fazendo perder a cabeça e esporrar no meio das suas pernas. Meu coração parecia que ia sair pela boca enquanto o prazer surreal dominava o meu corpo e a minha mente, me fazia gemer e ondular os quadris, querendo prolongar a sensação.

Gemendo baixinho, ela se soltou contra o meu peito e tirou a mão de cima do meu pau, abrindo as pernas aos poucos e me fazendo estremecer com o contato da renda melada sobre a cabeça sensível. Sua respiração ofegante

refletia a minha e sua pele ficou toda arrepiada quando a beijei atrás da orelha.

— Me lembre de fazer um quadro acima da minha cama só para poder emoldurar essa calcinha fantástica, gatinha — murmurei, ouvindo a sua risada.

— Em que momento ela passou de indecente para fantástica?

— Ela ainda é indecente, isso não mudou. Só que, agora, ela é especial — falei, tocando em sua barriga e em seus seios, com meu pau ainda pressionado em sua boceta. Minha ereção estava indo embora, mas senti que poderia voltar com força total se continuássemos naquela posição. — Que tal darmos um mergulho na piscina, antes de você me deixar beijar essa boceta gostosa?

— Meu Deus, será que não vou ter um segundo de paz? — perguntou em meio a uma risada, soltando um gritinho quando tirei meu pau do meio das suas pernas e passei meu braço por trás dos seus joelhos.

— Foi você que me disse que viveu os últimos dezoito anos em paz, então, a minha função é te deixar bem ocupada de hoje em diante, gatinha. Agora, segure a respiração, porque vamos cair na piscina.

Ela pressionou o nariz com as pontas dos dedos e eu pulei com tudo dentro da água, arrumando um jeito de atacar a sua boca em um beijo delicioso antes de emergirmos.



Luna

Parecia que eu estava pisando nas nuvens quando cheguei em casa à noite, ainda sem acreditar que tudo o que eu estava vivendo era realidade e não um sonho ou um conto de fadas moderno com um príncipe lindo e gostoso. Cada hora ao lado de Caio havia sido perfeita, desde o momento em que recebi aquela surpresa maravilhosa, até a nossa noite de amor e o dia seguinte. Meu Deus do céu, o dia seguinte! Precisei morder os lábios para não rir enquanto atravessava a sala e ia para cozinha, lembrando-me da loucura que fizemos à beira da piscina e de como continuamos naquele seu chuveiro incrível, onde o

chupei até ele gozar sobre os meus seios. Ele retribuiu o sexo oral após o almoço, me deixando ainda mais sensível, louca e apaixonada por ele. Agora eu sentia que precisava dar um descanso de pelo menos quarenta e oito horas para a minha vagina, mas havia valido a pena.

— Cheguei! — anunciei ao entrar na cozinha, encontrando minha mãe terminando de lavar a louça.

— Oi, meu amor! Pensei que se mudaria de vez para a casa do Caio — disse ela ao me dar um beijo, exagerada como sempre.

— Como a senhora é boba! Onde está a Fê?

— Foi ver um filme com a Vitória e ainda não voltou — disse ela, secando as mãos em um pano de prato. Vitória era a melhor amiga de Fernanda, uma garota muito bonitinha e simpática, eu gostava dela. — E então, como foi a sua noite?

Senti um frio na barriga ao pensar em compartilhar aquela intimidade com a minha mãe, mas, ao ver o seu sorriso doce e um brilho de curiosidade em seus olhos, resolvi me abrir. Ela também era minha amiga e sabia das minhas intenções ao pedir permissão para dormir na casa do Caio, não tinha por que mentir ou esconder dela o que havia acontecido.

— Foi perfeita, mãe. E não estou falando apenas sobre termos feito amor, mas sobre tudo. Caio me fez uma surpresa incrível.

Passei os próximos minutos contando a ela sobre o ateliê que Caio havia feito para mim na sua academia e foi incrível observar como minha mãe pareceu ficar tão encantada por ele quanto eu. Claro que era um sentimento diferente, mas, ainda assim, ele estava ali e pareceu acabar de vez com qualquer tipo de reserva que ela ainda tinha sobre o *advogado*.

— Ele fez isso mesmo?

— Sim, eu tirei algumas fotos antes de vir embora, para poder te mostrar. Olha!

Minha mãe precisou tampar a boca que caiu aberta conforme eu ia passando as fotos no meu celular. Eu havia feito alguns *stories* também, mas pretendia postar mais tarde, junto com um textinho amoroso em homenagem ao meu namorado incrível.

— Ficou lindo, querida. Ele foi tão cuidadoso!

— Sim! Eu quase morri de tanto chorar — falei, ouvindo a risada da minha mãe.

— Eu imagino, do jeito que você é uma manteiga derretida, ele deve ter tido trabalho para limpar as suas lágrimas. Eu fico muito feliz por você estar

apaixonada por um homem tão bom, filha. Senti tanto medo de que você acabasse machucada ao começar a se envolver com Caio, porque ele não tinha uma fama muito boa, mas fico aliviada ao perceber que me enganei. Ele realmente ama você.

— Eu também o amo muito, mãe.

— Eu sei, consigo ver esse sentimento nos seus olhos há muito tempo.

Eu nem fiquei envergonhada ao ouvir aquilo, pois qualquer mulher no meu lugar ficaria suspirando pelos cantos e com os olhos brilhando ao falar sobre Caio. Dando um abraço rápido em minha mãe, fui direto ao banheiro para tomar um banho, rindo baixinho ao lembrar que estava sem calcinha, pois Caio pediu que eu deixasse a *lingerie* com ele. O doido disse que iria lavar e guardar junto com as suas cuecas, pois ela era “especial”. Pelo menos ele tinha desistido da ideia de emoldurá-la na parede do seu quarto.

Depois do banho, peguei o notebook e concluí a compra dos tecidos que eu tanto queria. Vinha sonhando com eles há tanto tempo, que já tinha até os colocados no carrinho da loja virtual, com o objetivo de concluir a compra o mais breve possível. Mal podia acreditar que em alguns dias eles estariam em minhas mãos e que, agora, eu tinha todo o material que precisava para poder trabalhar de verdade na coleção que vinha desenhando. Pensar nisso me fez lembrar de mandar uma mensagem para Gabi, não só para agradecer por ter ajudado Caio, mas para contar tudo o que havia acontecido entre nós dois. Como estava tarde, apenas falei que precisava muito conversar com ela e marcamos de nos encontrar no casarão no dia seguinte. Estávamos nos despedindo, quando recebi uma mensagem de Caio. Sorri ao ver uma foto sua deitado na cama, com aquela carinha de cachorro abandonado.

“Estou muito solitário sem você, gatinha. Vem dormir comigo de novo.”

“Também estou solitária sem você, advogado. Queria estar agarrada ao seu corpo delicioso.”

“Você acha que se eu for te buscar agora, a minha sogra vai me expulsar à vassouradas?”

“Eu acho que não, ela está muito encantada por você depois da surpresa que me fez. Tirei algumas fotos e mostrei a ela, parece que agora você a conquistou de vez.”

“Um genro precisa usar de alguns artifícios para poder entrar no coração de uma sogra.”

“Sabia que tinha algum interesse por trás daquela surpresa, advogado!”

“Na verdade, eu tinha um único interesse: te fazer feliz. O que viesse depois disso seria lucro, gatinha.”

“Para com isso, você vai fazer com que eu fique ainda mais apaixonada por você, Caio!”

“Esse sempre será o meu objetivo, pequena.”

Meu coração não aguentava com aquele homem! Aproveitando que ele ainda estava online, fui rapidamente até o *Instagram* e postei os *stories* que havia feito do ateliê com a música *Best Part*, de Daniel Caesar e H.E.R., de trilha sonora, marcando o *advogado* em todos eles até chegar ao último, com uma foto de nós dois, que eu havia tirado naquela tarde. Estávamos sentados no sofá e eu fiquei tentando tirar uma foto decente, enquanto ele tentava me arrancar um beijo. A que eu havia escolhido estava justamente assim, com ele me dando um selinho em cima do meu sorriso. Ao lado da foto, escrevi algumas palavras que pouco faziam para expressar o meu amor pelo melhor homem que eu já havia conhecido em toda a minha vida.

“Obrigada por ser o meu melhor amigo e o melhor namorado do mundo, por cuidar de mim em cada detalhe, por estar ao meu lado e apoiar todos os meus sonhos. Que eu possa retribuir pelo menos um por cento da felicidade que você me traz por estar em minha vida.

Eu te amo para sempre, meu advogado.”

Dois minutos depois, ele me mandou um vídeo como resposta ao *story* da nossa foto. Eu fiquei que nem uma idiota sorrindo para tela ao ver o seu semblante emocionado.

— Porra, gatinha, quase chorei aqui! Você sabe que eu te amo muito, não é? Você também me faz muito feliz, minha pequena de cabelos coloridos.

Pensei que minha alma iria sair voando pelo quarto tamanho o amor que me invadiu, enquanto repetia várias e várias vezes o vídeo do meu *advogado*, o amor da minha vida.



Capítulo 35

Luna

A manhã seguinte foi corrida, mas maravilhosa. Acordei com minha mãe avisando que tinha vizinhos perguntando se teria algum doce naquele dia e decidi que daria tempo de fazer uma fornada de *brownies* para vender. Antes das onze da manhã, eu já havia vendido praticamente todos e, os que sobraram, resolvi guardar para quando fosse visitar Gabi de tarde. Perto do meio-dia, recebi uma mensagem da minha sogra perguntando se eu estava livre para fazermos uma vídeo-chamada e foi maravilhoso passar aqueles quarenta minutos conversando com ela.

Eu não precisava contar detalhes da minha vida para que ela entendesse o que eu queria dizer, pois parecia que Elizabete conseguia me ler nas entrelinhas. Eu sentia cada vez mais confiança nela e concordei quando perguntou se, na nossa próxima conversa por vídeo, ela poderia me apresentar uma amiga que também era psicóloga, pois esclareceu que seria melhor se eu comesse a me abrir com alguém que não fosse participar efetivamente da minha vida. Eu concordava, pois havia questões mais profundas dentro de mim que eu não me via contando diretamente para ela, apesar de me sentir muito confortável para falar sobre os meus sentimentos. A verdade era que, assim como ela, eu pensava no futuro e sabia que seria melhor se eu encontrasse outra profissional para seguir com a psicoterapia.

Assim que terminamos de conversar, eu me sentei para almoçar com Fernanda e a ajudei rapidamente com um trabalho da escola antes de ir ao casarão conversar com Gabi. A encontrei na sala, sentada no sofá e lendo uma revista de gestantes bem compenetrada.

— Ai, meu Deus, você está grávida mesmo, agora é oficial! Já está consumindo tudo sobre o mundo dos bebês! — falei, me jogando ao seu lado e ouvindo a sua risada.

— Ramon comprou um monte de livros e revistas, chegaram hoje! Não me contive e já comecei a ler uma. Sabia que o bebê faz xixi dentro da barriga? Quando eu completar nove semanas de gestação, esse garotão vai começar a mijar na mamãe! — ela disse com muito entusiasmo e carinho passando a mão na barriga, como se não estivesse falando sobre xixi.

— Garotão, é? Acha mesmo que é um menino?

— Ramon e eu achamos que sim. Eu até tento pensar em uma menina, mas meus instintos me dizem que é um Baldezinho teimoso igual ao pai.

Eu não aguentei ouvir aquela fofura e precisei acariciar a sua barriga, que nem existia ainda. Era surreal imaginar que ali dentro havia um bebê, que a minha melhor amiga estava mesmo prestes a ser mãe. E que eu seria a madrinha! Parecia um sonho.

— A dindinha já está ansiosa para te conhecer, lindão. Vou fazer um monte de roupinhas para você! Principalmente agora, que a espertinha da sua mãe ajudou o espertinho do meu namorado a montar um ateliê para mim!

— Não acredito que Caio já te mostrou a surpresa! Amiga, me conta tudo!

Não só contei, como mostrei as fotos e vídeos que havia feito, pois sabia que ela quase não mexia nas redes sociais e que não deveria ter visto os meus *stories*. Gabi olhou para tudo encantada, assim como eu.

— Quando ele me pediu ajuda para descobrir o que você precisava, eu fiquei toda derretida. Eu sempre soube que Caio era um homem incrível, mas não imaginei que seria assim ao se apaixonar. Ele é um príncipe.

— Sim, ele é o melhor homem do mundo. Eu ainda preciso me beliscar de vez em quando, só para ter a certeza de que não estou sonhando.

— Eu sei como é, amiga, sinto o mesmo quando me dou conta do meu relacionamento com Ramon. Nós somos abençoadas por ter esses dois ao nosso lado.

— Somos sim e me dei conta disso oficialmente anteontem, quando ele me fez essa surpresa e depois, quando passamos a noite juntos.

Gabi arregalou os olhos quando soltei a bomba em seu colo e ficou boquiaberta.

— Juntos? Juntos mesmo?

— Sim!

— Meu Deus, como você me fala isso assim, como se não fosse nada? Luna, eu estou grávida, não posso passar por fortes emoções! — Ela disse um tanto histérica, me fazendo rir.

— Desculpa, amiga, é que eu achei que seria melhor falar assim, do que

chegar anunciando que eu não sou mais virgem, porque você fez isso comigo, lembra? Pensei em contar de um jeito diferente.

— O impacto seria o mesmo. Agora você precisa me contar todos os detalhes!

— Foi perfeito, simples assim. Não teria outra palavra para definir melhor — falei em meio a um suspiro, lembrando da nossa noite e imaginando como seria a próxima vez. — Doeu muito, preciso confessar, até porque, estive certa o tempo todo. Meu *advogado* tem um pau grande! Enorme!

— Retiro o que eu disse, acho que não preciso de todos os detalhes — ela brincou, pegando a minha mão. — A próxima vez já não vai doer tanto, amiga, pode acreditar.

— Eu espero mesmo. Ontem a gente nem tentou, porque eu estava bem dolorida... Hoje eu já estou pronta para tentar mais uma vez — confessei, sentindo meu rosto ficar quente de vergonha enquanto Gabi ria. — Amiga, nem nos meus sonhos mais loucos eu imaginei que estaria conversando com você sobre a minha primeira vez com Caio.

— Eu vinha sonhando com isso há bastante tempo, porque sempre quis que vocês fossem um casal, mas você nem me dava bola. Agora está pagando a língua.

— Estou mesmo! E estou bem feliz por isso.

— Hum, está sendo bom pagar a língua, não é, sua safada!

— Está sendo muito bom, você nem imagina!

— Eu imagino, pode ter certeza.

Nós começamos a rir como duas idiotas e passamos o resto da tarde juntas, ela fazendo planos para o futuro — como viagens de casal e nossos filhos brincando juntos pela fazenda — e eu finalmente concordando com tudo, pois agora não era mais um sonho louco de Gabi ou uma esperança vã que flamejava dentro de mim, era a realidade. A *nossa* realidade.



Caio

Dei uma última olhada no contrato feito pelo advogado de Luís Otávio

Nobrega, antes de passar para Antônio, meu cliente, assinar. Não que já não tivesse lido cada cláusula ao ponto de memorizar algumas delas, mas uma coisa que havia aprendido com meu pai, era que uma releitura minutos antes da assinatura nunca era demais.

— Está perfeito, Antônio — falei, passando a papelada para ele, que havia relido antes de mim. — Tenho certeza que esse será um negócio bem lucrativo e de muito sucesso.

— Sim, será! Agora que já assinamos o contrato, precisamos comemorar! — disse Luís com entusiasmo. — Estava pensando em fazer uma festa para poucos convidados, apenas os fazendeiros mais importantes da região, para podermos anunciar a nossa parceria. O que acham?

— Acho ótimo. Uma noite de comemoração é tudo o que precisamos depois de todas essas reuniões — disse Theodoro Vargas, o segundo fazendeiro com quem Luís havia fechado negócios.

— Concordo plenamente — disse Antônio ao meu lado.

— Perfeito! Espero que todos nessa sala se sintam mais do que convidados! — Luís disse, olhando para mim e para os outros advogados. — Agora, por favor, vamos fazer um brinde para fechar o início da nossa parceria com chave de ouro!

Luís nos serviu uísque e fizemos um brinde simbólico, encerrando a reunião que havia levado mais de três horas. Despedi-me de todos no final da tarde, garantindo a minha presença na festa que Luís daria no sábado e respirei ar puro ao sair da sala fechada, feliz por ter ajudado mais um cliente a fechar um negócio bem lucrativo. Antônio seria detentor de mais alguns milhões de reais em poucos anos, quando a parceria com Luís começasse a trazer lucros. Tanto ele quanto Theodoro só tinham a ganhar.

Estava saindo da fazenda quando meu celular tocou sobre o console do carro. Um sorriso idiota se abriu em meus lábios quando vi o nome de Luna na tela.

— Oi, gatinha.

— Oi, amor. Acabou a reunião?

— Sim, estou saindo daqui agora. Vamos nos ver mais tarde?

— Foi por isso mesmo que liguei. Minha mãe quer fazer um jantar para você, disse que precisamos agradecer a surpresa que fez para mim.

— Gatinha, sabe que não precisa agradecer.

— Claro que preciso! E não aceitamos não como resposta.

— Como se eu fosse negar. Chego na sua casa às sete, ok?

— Está bem. Te amo, *advogado*.

— Também amo você, pequena.

Havia momentos na vida em que, sem querer, a gente olhava para o passado e se perguntava como havia conseguido viver sem algo ou alguém durante tanto tempo. Foi isso que me vi fazendo quando desliguei o celular e olhei para o sol se pondo no horizonte, perguntando-me como consegui viver até ali sem ter Luna ao meu lado. Não que minha vida tivesse sido ruim ou que eu fosse infeliz, mas porque, com Luna, tudo a minha volta estava mais bonito, com mais vida. Era como se eu tivesse um propósito além de ser um profissional competente. Meu propósito, agora, era amar aquela gatinha de cabelos coloridos e aproveitar cada minuto da minha vida ao seu lado.



Cheguei à casa de Luna no horário marcado, levando uma garrafa de vinho branco, que eu havia ganhado do meu pai de presente de aniversário. Foi Fernanda quem abriu a porta para mim e nos abraçamos rapidamente, enquanto ela murmurava:

— Minha irmã está se emperiquitando pra você lá no quarto.

— Emperiquitando? Eu não sabia que adolescente falava essas coisas de velho.

— A gente não fala, só achei que essa palavra seria ideal para gente do seu tempo.

— Do meu tempo? Está me chamando de velho, cunhadinha?

Ela me olhou de cima a baixo com aquele cinismo de quem tinha onze anos e disse:

— Bom, novinho é que você não é, mas não se preocupe, eu sou livre de preconceitos e me dou bem com pessoas de todas as idades.

Ela soltou um gritinho quando baguncei o seu cabelo e riu da minha cara quando falei:

— Eu poderia te dar o dedo do meio agora, só para provar que eu não sou nem um pouco velho!

— Nossa, isso só provaria que você é velho! Ninguém dá o dedo do meio mais, isso é tão *old*^[6]!

— Como assim ninguém dá o dedo do meio mais? Como vocês mandam os outros se foder e tomar no cu silenciosamente agora?

Provavelmente, aquele não era o assunto ideal para se debater com a minha cunhada de onze anos, mas como eu não tinha vergonha na cara, nem me dei ao trabalho de me desculpar. Revirando os olhos, Fernanda me explicou:

— A gente simplesmente fala. Não existe mais esse lance de fazer gestos.

— “A gente”? Por que você está se incluindo? Não quero que você fique falando palavrão por aí, cunhadinha — falei, trazendo um pouco da minha consciência de adulto para a conversa.

— Você acabou de me falar que poderia me dar o dedo do meio!

— Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

— Citar ditados também é coisa de velho, só para você saber.

— Vamos ver se você vai falar isso daqui a alguns anos, quando precisar buscar sabedoria nos ditados populares — falei, entregando o vinho para ela.

— Sua mãe está na cozinha?

— Não, está tomando banho. Aproveita e vai logo ver a minha irmã no quarto, sei que é isso que você quer mesmo — falou com deboche, me arrancando uma risada.

— Cunhadinha, já falei que te amo hoje?

— Hoje ainda não, mas vou relevar essa falha.

A espertinha piscou para mim e sumiu em direção à cozinha, me deixando ainda rindo no meio da sala. Era inacreditável a capacidade que nós dois tínhamos de embarcar em uma conversa cheia de provocações e ironia, o que me levava a questionar se ela era muito madura para a sua idade ou se eu que era criança demais. Provavelmente, a segunda opção era a mais coerente. Seguindo o seu conselho, fui até o quarto de Luna e abri de leve a porta, espiando lá dentro e a encontrando apenas de calcinha e sutiã em frente ao guarda-roupa.

— Acho que cheguei na hora certa.

Luna deu um pulinho de susto e se virou para mim, abrindo um sorriso enorme ao me ver. Olhei rapidamente para o corredor, só para ter certeza de que sua mãe não estava me vendo prestes a entrar em seu quarto e passei pela porta, a fechando atrás de mim. Luna encurtou a nossa distância e me abraçou pelo ombro, dando um beijo delicioso em minha boca. Como eu não era de ferro, aproveitei seu corpo seminu colado ao meu e descí minhas mãos pelas suas costas, até apertar aquela bunda arrebitada, que a calcinha azul quase não cobria.

— Estava com saudades, *advogado*.

— Eu também, gatinha. Você está linda, pediria para ficar exatamente

assim se não fosse desrespeitoso demais ficar babando em cima de você na frente da minha sogra e da minha cunhada — falei antes de escorregar meus lábios para o seu pescoço, ouvindo a sua risada.

— Como você é safado, Caio! Se minha mãe escutar isso, vai cancelar o jantar.

— Por isso que eu só sou safado com você. Na frente da minha sogra, eu sou um homem comportado.

— Só você acredita nisso.

Eu a beijei mais uma vez antes de deixá-la ir se arrumar. Acomodei-me na cama e fiquei observando enquanto ela vestia um *short* jeans e uma blusa rosa de meia manga que batia na altura do umbigo.

— Você quer mesmo atentar o meu juízo, não é? Não posso jantar com o pau duro na presença da sua mãe e da sua irmã, Luna!

A danada riu da minha cara e se aproximou de mim, parando entre as minhas pernas.

— Você que lute contra o tesão, *advogado*!

Em um gesto rápido, tampei a sua boca porque sabia que ela soltaria um gritinho histérico e a puxei com tudo para a cama, acomodando meu corpo em cima do dela enquanto ouvia a sua imprecação abafada pela palma da minha mão. Seus olhos brilhavam de surpresa e seu corpo estremeceu em uma risada contida.

— Depois do jantar, eu vou te levar naquela parte da fazenda e vou te mostrar o que acontece quando preciso lutar contra o meu tesão, gatinha — sussurrei, destampando a sua boca e encontrando o seu sorriso. — Vou te comer tão gostoso, que você vai sentir o meu pau dentro dessa bocetinha pelo resto da noite.

Ela mordeu o lábio e estremeceu de leve com a minha promessa, fazendo meu pau acordar dentro da cueca.

— Agora sou eu que vou ficar excitada durante o jantar, Caio!

— Isso mesmo, deixa essa boceta gostosa bem molhadinha para mim, assim, o Caio Júnior vai entrar com facilidade — murmurei, beijando o seu pescoço. — Estou doido para sentir você de novo. Prometo que vai ser melhor dessa vez, gatinha.

— Tomara, porque não fiquei sonhando com o seu pau grande à toa — ela respondeu, me fazendo rir.

— Eu sei que não é fácil no começo, mas depois você não vai querer viver sem o meu pau dentro de você, pequena.

— E é óbvio que você vai fazer a gentileza de o manter sempre bem duro para que eu possa sentar, não é?

— Mas é claro! Eu *sou* um homem gentil, gatinha!

Ela balançou a cabeça em meio a uma risada baixinha, como se não acreditasse na minha cara de pau e me puxou para um beijo longo, sensual, que me deixou cheio de expectativa para o que iríamos fazer após o jantar. Como sabia que não podia ficar com ela sobre a cama para sempre, deixei seu lábio inferior escapar por entre os meus dentes e me ergui, deixando que ela terminasse de se arrumar. Saímos do seu quarto quinze minutos depois, encontrando sua mãe e Fernanda pondo a mesa.

— Até que enfim, pensei que teríamos que passar pela vergonha de ter que bater na porta do quarto! — Fernanda disse prendendo um sorriso ao nos provocar.

— Fernanda, tenha modos! Caio, é tão bom ver você! Como você está? — Rosana perguntou ao me abraçar. Nem parecia mais aquela mulher que me olhava desconfiada, o que me deixou muito feliz. Era bom saber que eu finalmente havia conquistado a sua confiança.

— Estou muito bem, sogrinha e você? Adorei o convite para jantar.

— Estou ótima e muito feliz por você ter vindo. Queria muito agradecer o presente que deu a Luna, foi muito especial.

— Foi mesmo. Arrasou, advogado! — Fernanda disse.

— Minha gatinha merece — falei, puxando Luna para perto de mim pela cintura.

— Ah, pronto, vai começar a melação!

— Para de ser chata — Luna disse para Fernanda e as duas riram.

Eu nunca liguei muito para ter irmãos, pois sempre tive muitos amigos e depois Ramon entrou em minha vida, ocupando esse espaço, mas tinha certeza de que, se eu tivesse um irmão, minha relação com ele seria igual a relação de Luna e Fernanda, um provocando o outro, mas sempre se apoiando. Ajudei a colocar a mesa junto com elas e nos sentamos minutos depois. Rosana havia feito uma lasanha à bolonhesa que estava maravilhosa e combinou com o vinho que eu havia levado. Comemos em meio à uma conversa descontraída e Fernanda tentou me aterrorizar ao falar que o pai delas chegaria em breve em Santo Elias.

— Ele é tão bravo, que Luna não teve coragem de contar a ele que estava namorando, eu que precisei falar.

— Você é muito ridícula! — Luna riu. — É mentira dela, *advogado*. Meu

pai é tranquilo, era da minha mãe que você precisava ter medo.

— Que horror, Luna! Parece que eu sou um general — Rosana reclamou.
— Eu só estava fazendo o meu papel de mãe.

— Eu entendo, sogra. Tive medo de que você me matasse quando vim pedir Luna em namoro? Com certeza, mas eu entendo perfeitamente.

— Não pensei em te matar, não sou tão extrema assim — Rosana brincou.
— Mas o que Luna disse é verdade, Fernando é bem tranquilo, não vai chegar aqui com sete pedras nas mãos.

— Fernando, é? — perguntei já rindo para Fernanda, que revirou os olhos.

— Sim, meu nome é em homenagem ao meu pai. Ainda bem que ele é o melhor pai do mundo, se não, eu teria que trocar de nome quando fizesse dezoito anos.

Foi impossível não rir da pestinha da minha cunhada, que tinha uma personalidade fora do comum. O jantar transcorreu nesse clima maravilhoso e, depois de comer o mousse de maracujá feito por Luna, nós avisamos que iríamos dar uma volta na fazenda e nos despedimos. Já conseguia sentir meu sangue começar a se aquecer nas veias quando entramos no carro e acariciei os pés de Luna quando ela os colocou sobre as minhas pernas.

— Gostou do jantar, *advogado*?

— Adorei! Já estou pensando em fazer um assim lá em casa, mas com os meus pais presentes. Minha mãe disse que está doida para te ver pessoalmente de novo.

— E eu a ela! Hoje nós conversamos por vídeo-chamada e foi maravilhoso. Ela disse que vai me apresentar a uma amiga que é psicóloga na nossa próxima sessão.

— Que bom, gatinha. Tenho certeza que vai dar tudo certo — falei, subindo minha mão pela sua panturrilha, enquanto dirigia com a outra. Pegando-me de surpresa, a danada passou o pé por cima do meu pau, massageando-o e fazendo-o despertar dentro da calça. — Luna...

— O que foi? Estou vendo se o Caio *Big* Júnior está pronto para brincar.

— Você vai ver em breve como vamos brincar com você, gatinha.

Acelerei e embiquei o carro para cima da grama assim que chegamos naquele ponto da fazenda que havia se tornado o nosso favorito. Só tive tempo de pegar o lençol que havia deixado no banco traseiro — pois tinha mesmo a intenção de vir aqui com ela após o jantar — e o abrir sobre o chão antes de a agarrar pela cintura e beijar a sua boca. Luna gemeu baixinho, amolecendo em meus braços e sorriu entre o beijo quando a coloquei deitada

e me acomodei sobre o seu corpo. Cada pequena parte dentro de mim já estava viva, acesa, pronta para ela e mostrei isso ao pressionar minha ereção no meio das suas pernas, odiando o tecido da minha calça e do seu *short* por nos atrapalhar.

Mesmo dominado pelo tesão, tive o cuidado de a despir devagar, grato por ter deixado os faróis do carro acesos para poder enxergar o seu corpo. Ela logo me seguiu e puxou a minha blusa, deixando-a de lado para poder desabotoar a minha calça, enquanto eu me desfazia do seu sutiã. Seus peitos ficaram livres e eu coloquei um mamilo na boca, ouvindo seu gemido se propagar pelo campo aberto, enquanto ela abaixava as minhas roupas e tomava meu pau nas mãos, tocando uma punheta lenta que me deixou arrepiado e com as bolas pulsando.

Ainda mamando bem gostoso no seu peito, desabotoei seu *short* e o puxei para baixo junto com a calcinha, a deixando completamente nua e ainda sentada com as pernas abertas para mim. Toquei em sua barriga com delicadeza, descendo pela pele arrepiada até chegar na bocetinha melada e com o clitóris durinho, que rodeei lentamente com o polegar, ouvindo seu gemido.

— Que delícia sentir você toda molhadinha assim, gatinha... Está gostoso? — perguntei e ela assentiu, esfregando os lábios nos meus e rebolando de leve com o quadril. Seu grelinho pulsava de encontro ao meu polegar e encontrei sua entrada encharcada, penetrando um dedo e depois mais um. Meu pau sofreu um espasmo doloroso quando senti suas paredes vaginais piscando e acolhendo os meus dedos. — Está doendo?

— Não. Quero sentir você — ela pediu enquanto aumentava a pressão em meu membro, rodeando a cabeça babada.

— Eu sei, mas quero que você fique bem abertinha para mim.

Afastei-me um pouco e mirei a sua boceta sob a parca luz, cuspiendo sobre ela. Luna soltou um suspiro chocado e abriu mais as pernas. Percebi que gostou da crueza do meu ato, pois suas paredes vaginais se contraíram bem rápido e seu clitóris pulsou, enquanto eu espalhava minha saliva pelos seus lábios delicados e enfiava um terceiro dedo. A visão me deixou tão excitado, que cheguei a estremecer.

— Logo será meu pau aqui — falei com a voz rouca de desejo, encontrando um nervo macio dentro da sua boceta, atrás do clitóris. Ela gemeu bem alto e rebolou de encontro a minha mão, muito excitada. — E vou te fazer gozar bem gostoso com ele, gatinha. Nada vai nos impedir hoje.

Ela assentiu com o ar entrecortado e os olhos pesados de prazer, largando o meu pau para poder pegar a minha cintura com as duas mãos.

— Vem, por favor, amor...

Não aguentei me segurar depois do seu pedido tão necessitado. Agigantei o meu corpo sobre o dela e desci mais um pouco a minha calça, enquanto metia os três dedos com um pouco mais de pressão, separando-os levemente para que ela ficasse mais dilatada, o que não foi fácil. Luna era muito apertada e gememos juntos quando substituí meus dedos pelo meu pau, esfregando a cabeça rapidamente em seu clitóris antes de penetrá-la. O prazer quase me deixou cego, fez com que minhas bolas pulsassem e um arrepio dominasse o meu corpo, mas fui forte e me concentrei nela, apoiando as duas mãos ao lado da sua cabeça e olhando em seus olhos. Ela me apertou com força dentro da boceta e soltou um suspiro que eu não soube identificar se era de dor ou de prazer.

— Relaxa pra mim, gatinha — pedi, escorregando meus lábios pela sua bochecha. — Está doendo muito?

— Um pouco — confidenciou em um lamento baixinho e eu afastei o cabelo do seu rosto com as duas mãos, segurando de leve em sua cabeça, doido para meter bem forte nela.

— Abre bem as pernas pra mim — pedi, sentindo suas coxas relaxarem.

Seu corpo estava tenso sob o meu, mas decidi que não iria tocá-la, só iria fazer com que se concentrasse no que estava acontecendo lá embaixo. Devagar, comecei a rebolar de encontro ao seu quadril, enfiando um pouco o meu pau e tirando, sentindo como estava quente, molhada e excitada, por mais que ainda doesse. Ela gemeu e mordeu o lábio, arranhando de leve a minha cintura.

— É gostoso assim? — Ela assentiu e eu prossegui: — Aguenta mais um pouco do meu pau dentro de você?

— Sim...

— Então beija a minha boca e me deixa fazer amor bem gostoso com você, gatinha.

Ela conseguiu me dar um sorrisinho sacana antes de colocar uma mão em minha nuca e me puxar para um beijo delicioso. Era uma tortura aquela penetração extremamente lenta, aquele roçar do meu pau em suas paredes vaginais apertadas, mas fui firme e segui em frente, sabendo que era necessário fazer isso, ou ela iria sofrer demais. Seu gemido ecoou em minha boca quando rebolei mais rápido, abrindo espaço na bocetinha ensopada, até

entrar mais da metade. Meu pau pulsava e doía, a necessidade de tirar e enfiar com força me deixava rígido, mas consegui controlar os impulsos que meu cérebro enviava para os meus quadris e meti uma mão entre os nossos corpos para poder tocar o seu clitóris e fazer com que me recebesse mais um pouco.

— Ai, Caio... — ela gemeu de encontro a minha boca e levantou o quadril, me fazendo entrar mais. O golpe de prazer me deixou desorientado e, quando percebi, já estava todo dentro dela, metendo rapidinho e ouvindo seu gemido. — Ai!

— Desculpa! Desculpa, gatinha. Doeu?

— Sim, mas foi bom.

Olhei para ela com um sorriso incrédulo e meti de novo, sentindo seu corpo se reter e estremecer.

— Dói?

— Um pouco. Eu prefiro quando você rebola — disse com sinceridade, apesar da voz entrecortada. Mordendo o seu lábio, aproveitei que já estava todo dentro dela e rebolei lentamente, sentindo muita vontade de acelerar, mas me segurando. — Assim... É bom para você também?

— É uma delícia, gatinha, apesar de ser uma tortura. Você é muito apertada — fui sincero também, escondendo meu rosto em seu pescoço e sugando a pele. — E muito gostosa. Estou louco pra sentir você gozar no meu pau.

Ela gemeu com as putarias faladas ao pé do ouvido e apertou meu quadril com a mão, puxando-me de encontro ao seu corpo. Eu entrei e saí só um pouquinho, rangendo os dentes e rebolando mais rápido, antes de repetir o processo de meter bem de leve e tirar, ouvindo seus gemidos, identificando que agora eram de prazer. Voltando a olhar em seus olhos, ergui meus quadris e enfiei meu pau entre as paredes meladas da sua bocetinha, tirando minha mão do meio das suas pernas e deixando que meu osso púbico esfregasse o clitóris a cada vez que eu entrava e saía, que metia e rebolava. Luna gemeu muito alto e me segurou pela nuca com as duas mãos, cruzando as pernas em meu quadril.

— Mais rápido — pediu entre os meus lábios, antes de jogar a cabeça para trás quando acelerei. — Ai, meu Deus, Caio!

Segurei firme em sua cintura com uma mão e resolvi investir mais, tirando meu pau até a metade e enfiando, primeiro lento, depois mais rápido, mais forte, sentindo a pressão se construir dentro de mim e a necessidade de gozar me atingindo. Luna me arranhou e apertou as pernas em meu quadril,

mostrando que estava tão perto quanto eu, o que me fez ficar cheio de tesão. Finalmente ela iria gozar com o meu pau dentro dela, como tanto quis na nossa primeira vez. Puxei sua boca para a minha e enfiei minha língua dentro dela quando seus gemidos aumentaram, sentindo seu suor se misturando ao meu, as paredes da bocetinha me agarrando e soltando bem rápido, muito excitada.

— Goza comigo, gatinha — pedi entre os seus lábios, metendo muito forte, talvez até mais do que deveria. — Estou doido pra encher essa bocetinha gostosa com a minha porra, só estou esperando você.

Seu cenho se franziu de prazer e eu suguei a pele do seu maxilar quando jogou a cabeça para trás e se retesou toda ao gozar, gemendo meu nome e estremecendo, fincando a unha em minha pele, me prendendo muito forte dentro da boceta. Senti como se estivesse ordenhando meu pau, pois gozei justamente quando ela começou a pulsar, o orgasmo me deixando cego e elétrico, me fazendo meter sem parar enquanto os jatos escapavam da glândula e a inundavam por dentro.

Minutos depois, ainda muito sensível, passei a mão pelo seu corpo suado, sentindo as curvas suaves sob os meus dedos, até chegar ao seu rosto, onde encontrei seu sorriso satisfeito e o olhar lânguido de quem havia gozado bem gostoso. Com um gemidinho, saí de dentro da sua boceta deliciosa e me deitei ao seu lado, puxando seu corpo para cima do meu. Seu cabelo escondeu os nossos rostos e eu precisei tirar os fios para poder encontrar aqueles olhos azuis que eu tanto amava.

— Fui muito bruto, gatinha?

— Você foi perfeito — ela sussurrou com a voz ainda rouca depois de ter gritado tanto. — Você sempre é perfeito, *advogado*. Eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

— Eu que sou o homem mais sortudo do mundo, amor.

Aquela era uma verdade que ninguém poderia contestar.



Capítulo 36

Cairo

Dei uma última olhada no espelho, ajeitando o cabelo displicente que insistia em cair na minha testa, praticamente avisando que estava precisando de um corte, antes de desligar a luz e sair do quarto. Mandeí uma mensagem rápida avisando a Ramon que já estava saindo de casa e mandei outra para Luna, dizendo que chegaria em vinte minutos. Ela me respondeu avisando que já estava à minha espera no casarão e acrescentou que estava com um frio na barriga por estar prestes a me acompanhar em um “evento importante”.

“Acostume-se, gatinha, porque vai ser assim de agora em diante. Você comigo em todo lugar.”

Deixei o celular e liguei o carro, lembrando da nossa última noite juntos dois dias antes, o sexo sob a luz do luar e quando a convidei para me acompanhar na festa de Luís Otávio. Ela ficou chocada pelo convite e eu fiquei assustado por ela achar que eu realmente iria sozinho, quando tinha uma namorada linda para ser a minha acompanhante. No fundo, sabia que aquela era uma situação muito nova para Luna e para mim também, já que nunca ia acompanhado a evento algum. Agora a minha realidade — e a dela — era diferente e, assim como Ramon jamais deixaria Gabizinha para trás, eu também não deixaria a minha garota. Era uma equação bem simples.

Estacionei em frente ao casarão e entrei encontrando Gabi e Luna sentadas no sofá, cochichando como se contassem confidências uma para a outra. Quando vi as bochechas coradas de Luna, soube que era exatamente isso que estava acontecendo.

— Cheguei! Ninguém vai vir me dar um abraço?

— A única pessoa que tem que te abraçar é a Luna, deixa a minha menina

em paz — Ramon disse atrás de mim, entrando na sala e me dando um tapinha na nuca.

— Ramonzinho, você tem que parar de ser tão ciumento... — Eu ia falar mais alguma coisa, mas perdi completamente as palavras quando Luna se levantou e veio caminhando em minha direção, parecendo uma deusa grega naquele vestido branco colado ao corpo, sustentado por alças finíssimas que evidenciavam o seu colo. — Puta merda, desisti agora de ir à essa festa!

Luna parou a poucos passos de mim e fez uma careta insegura, passando as mãos na frente do corpo.

— Por quê? Está muito exagerado? Ai, Gabi, eu disse que estava exagerado e você insistiu que não estava! — ela disse, virando-se rapidamente para Gabizinha, que balançou a cabeça.

— Você está linda, amiga.

— Exatamente! Você está perfeita, gatinha — falei, puxando-a pela mão e fazendo com que desse uma voltinha, só para testar se o meu coração era forte mesmo. Continuei vivo, apesar de ele ter disparado no peito. — Está tão linda, que eu não sei se quero aquele bando de macho babando em cima de você.

— Caio, você tem que parar de ser tão ciumento — Ramon disse em tom de deboche, passando o braço bom pela cintura de Gabi. — É tão bom ver você pagando a língua. Luna, obrigado por isso.

— Cala a boca, seu idiota — falei, dando o dedo para ele e ouvindo a sua risada. — Sabia que dar o dedo do meio agora é coisa de velho? Apreendi com a Fernanda que isso é muito *old*.

— Old? Que porra é essa? — Ramon perguntou.

— Desaprendeu a falar inglês? Significa que é algo velho, ultrapassado.

— Não sabia que essa palavra tinha se tornado uma gíria — ele disse pensativo.

— O que demonstra claramente o quão *old* você é, Ramonzinho.

O babaca me devolveu o dedo do meio — que, por mais velho, ultrapassado e antiquado que fosse, ainda tinha muita serventia entre nós dois — e disse que iria nos esperar lá embaixo, como se soubesse que eu precisava de alguns minutos a sós com Luna. Apesar de ser um idiota, ele ainda me conhecia como ninguém. Tomando o rosto da minha gatinha nas mãos, dei um beijo singelo em seus lábios e reafirmei:

— Você está deslumbrante, pequena. Não precisa se sentir insegura.

— É porque eu fiquei pensando... Não vai ser esquisito você chegar em um

evento do seu trabalho com uma garota com o cabelo pintado de rosa? Estou com medo das pessoas pararem de te levar a sério — ela disse em tom de brincadeira, mas eu sabia que não estava brincando, sua insegurança ainda era muito real e se fazia presente em momentos em que ela saía da sua zona de conforto.

— As pessoas vão sentir inveja de mim, por eu estar ao lado da mulher mais linda do mundo. A cor do seu cabelo só demonstra a sua coragem em mostrar quem realmente é, sem ligar para o que os outros vão pensar ou achar. Foi por você ser assim que eu me apaixonei, gatinha. Não precisa sentir medo ou vergonha de ser quem você é.

Os olhos dela ficaram rasos d'água e eu fiquei com medo de ter falado alguma besteira, mas ela logo balançou a cabeça e sorriu.

— Para de dizer essas coisas! Eu não aguento mais me apaixonar por você, *advogato*!

— Eu só falei a verdade, não tenho culpa se o seu coração é louco por mim.

— Louco ele era antes de te conhecer, agora, ele já está completamente dominado e ensandecido — disse ela, me abraçando pelos ombros. — Me desculpa por ser tão boba, é que às vezes eu tenho receio de não ser boa o suficiente para você.

— Boa o suficiente para mim? Que história é essa?

— É que você é tão perfeito em tudo... Eu não quero te desapontar — ela disse com um pouco de vergonha.

— Luna, nós não estamos em uma competição, estamos em um relacionamento, isso significa que, além de confiarmos um no outro, precisamos confiar em nós mesmos. Eu não me apaixonaria por você, se você não fosse exatamente do jeitinho que é. Sabe o que isso quer dizer?

— O quê?

— Que você é perfeita pra mim, gatinha. Não quero que pense que tem que mudar ou fazer algo diferente porque acha que assim vai se adequar ao que você *pensa* que eu quero, porque eu quero *você*. Apenas você, entendeu?

Ela me deu um sorrisinho emocionado e assentiu.

— Sim.

— Entendeu mesmo?

— Sim, eu entendi. Que droga, acho que agora estou te amando mais do que eu amava um minuto atrás! Sabe o que isso quer dizer, *advogato*?

— O quê?

— Que você é perfeito pra mim.

Eu não podia ser indiferente àquilo, por isso, tasquei um beijo em sua boca sem me importar se o seu batom iria manchar a minha cara, puxando seu corpo para bem perto do meu. Ela veio sem resistência alguma, retribuindo a minha paixão e suspirando quando me afastei.

— Eu te amo, gatinha.

— Eu também te amo muito, meu *advogado*.

A beije mais uma vez antes de deixarmos o casarão para trás e encontrar Ramon e Gabi já dentro do carro, que seria guiado por um dos funcionários da fazenda, já que Ramon ainda estava usando uma tipoia por conta do tiro. Entrei em meu carro junto com Luna e fomos conversando até a fazenda de Luís sobre o motivo da festa. Expliquei a ela sobre a negociação feita entre ele, meu cliente e o outro fazendeiro e ela ouviu com atenção, dizendo que já havia ouvido falar dos três homens, mas que não os conhecia pessoalmente.

— Você tem quantos clientes ao todo?

— Quinze.

— Quinze? E mesmo assim precisa viajar tanto?

— Sim, pois alguns moram em Minas Gerais, outros são de Mato Grosso, também tenho dois no interior de São Paulo... Há meses em que eu viajo mais e outros em que viajo menos, minha agenda depende da demanda de cada cliente.

— Eu lembro que você ficou semanas viajando quando começamos a nos aproximar... Vou ficar morrendo de saudades quando você precisar viajar com mais frequência, estou ficando mal-acostumada em te ver quase todos os dias.

— Eu estou pensando em diminuir o ritmo, gatinha. Lembra que falei sobre isso com você meses atrás?

— Sim, eu lembro.

— Antes, eu estava pensando em encerrar contratos com alguns clientes só porque estava cansado da rotina agitada, mas, agora, eu tenho um motivo ainda mais importante: você — falei, pegando a mão que ela havia apoiado em minha coxa durante a viagem e dando um beijo no nó dos dedos.

— Verdade?

— Claro que é verdade. Não quero ficar tanto tempo sem ver você, ainda mais ano que vem, que vai começar a faculdade.

— Nem me fale, só de pensar, já sinto um frio na barriga — ela disse com entusiasmo. — Já vi que em Goiânia tem uma faculdade muito boa e a nota

do curso de Moda é bem alta, então, acho que é lá mesmo que vou estudar. Meu pai disse que no começo do ano que vem vai procurar por apartamentos pequenos próximos à universidade, porque não vou conseguir ficar indo e voltando para Santo Elias todos os dias, é inviável.

— Já pode descartar esse item da sua lista. Eu tenho um apartamento em Goiânia e você pode morar nele.

— Não! Claro que não, Caio, eu não posso aceitar uma coisa dessas, nem meus pais aceitariam.

— Por que não? Meu apartamento fica dentro de um condomínio fechado e seguro, a localização é ótima, pois fica bem no centro da cidade. Sem contar que seria uma despesa a menos para os seus pais, gatinha — falei, manobrando para entrar na fazenda.

— Não sei... Não quero me aproveitar das suas coisas, Caio.

— Eu que vou me aproveitar tendo você no meu apartamento e dormindo ao seu lado todas as noites — falei com um sorriso bem safado, vendo seus olhos brilharem antes de voltar a olhar para frente. — Porque, se você se mudar para Goiânia, eu vou me mudar também. Não vou ficar a semana toda sem ver você, já não basta as minhas viagens. Vou ficar em abstinência sem você, gatinha.

Ela gargalhou e deu um tapinha na minha coxa.

— Sabia que tinha algum interesse por trás! Você é muito espertinho, *advogado*.

— Essa é uma das maiores características de um *advogado*, pequena, enxergar vantagem em tudo o que se faz — falei, estacionando e me virando para olhar em seus olhos. — Agora, brincadeiras à parte, eu realmente acho besteira os seus pais gastarem dinheiro alugando um imóvel para você, quando eu tenho um apartamento onde você poderia morar com tranquilidade. Pensa nisso e depois me diz a sua resposta, assim, eu me sento com eles e converso sobre essa possibilidade, está bem?

— Está bem, mas... Você se mudaria mesmo para Goiânia comigo?

— Gatinha, com você eu iria até para a Sibéria viver com os nômades. Isso responde a sua pergunta?

— Com certeza — ela riu, acariciando a minha nuca. — Se você estará comigo, eu posso *pensar* em aceitar.

— Pensa pelo lado positivo, além de me ter ao seu lado, terá também o Caio *Big Júnior*. Eu adoro andar pelado pela casa, ou seja, ele sempre estará a um passo de você. Eu só vejo vantagens.

— Eu me vejo assada, isso sim — ela disse, me arrancando uma gargalhada estrondosa. Não acreditava no que tinha acabado de ouvir.

— Ainda bem que você tem uma boca linda e essa bunda deliciosa...

— Nem pensar! Se Caio B. Júnior entra aqui atrás, eu fico uma semana impossibilitada de andar!

— Como você é exagerada! Eu acho que em cinco dias você já estaria apta a levantar da cadeira de rodas.

— Isso era para me convencer?

Aproximando-me dela, resvalei meus lábios pela sua bochecha e sussurrei:

— Um dia iremos te convencer, mas vai ser com muito carinho.

— Muito carinho para me arrombar no cu. Que delícia — debochou, segurando o meu rosto entre as mãos enquanto eu ria.

— Eu adoro as coisas que saem da sua boca, já falei isso?

— Ainda não, mas eu fico lisonjeada, *advogado*.

Eu beijei acima do seu sorriso e ela logo fechou os lábios sobre os meus, fazendo com que o tão mencionado Caio Júnior despertasse em minha calça, ansioso para participar da brincadeira. Como sabia que não tinha tempo para aquilo e que não poderia iniciar uma ereção quando não fazia ideia de que horas poderia acabar com ela dentro da boceta da minha garota, deixei os seus lábios escaparem dos meus e me afastei.

— Acho melhor a gente sair, antes que eu desista mesmo dessa festa e leve você para minha casa.

Luna riu do meu desespero e saímos do carro, encontrando Ramon e Gabi saindo do veículo atrás do nosso. Juntos, fomos conduzidos por uma funcionária do *buffet* até a área da festa que, apesar de Luís ter dito que seria para poucos convidados, já estava bem cheia, com mais ou menos sessenta pessoas.

— Não seria algo íntimo? — Gabi perguntou e Ramon respondeu:

— Íntimo ao estilo de Luís Otávio. Ele é conhecido por fazer de cada evento um espetáculo.

Era verdade, Luís Otávio não era bom apenas nos negócios, mas também era muito conhecido por ser um ótimo anfitrião. Assim que nos viu, ele se desvencilhou de um grupo de pessoas e se aproximou, nos cumprimentando com apertos de mão entusiasmados.

— Por um momento, pensei que não viriam! Como está esse braço, Ramon? Está se cuidando direito?

— Estou sim, devo me livrar da tipoia em breve. Luís, essa é Gabriela

Rodrigues, minha namorada.

— É um prazer conhecer você, Gabriela. Fiquei sabendo que seu pai já está melhor, saiba que estimei muito a melhora dele.

— Obrigada, Luís, é um prazer o conhecer também.

Achei prudente da parte de Luís não citar a ex-defunta que agora estava definitivamente morta. Era o primeiro evento que Ramon e Gabi compareciam depois de tudo o que havia acontecido e sabia que estavam com receio de que comentassem alguma coisa ou fossem curiosos. Virando-se para mim, Luís disse:

— Muito bom te ver também, Caio! E essa moça linda é sua namorada?

— Exatamente. Luna, esse é Luís.

— É um prazer — ela disse muito simpática, apertando a mão dele.

— O prazer é meu, espero que se sinta em casa, assim como todos vocês! Vou pedir para que um garçom os acompanhe até a mesa.

Acomodamo-nos em uma mesa perto do pequeno palco onde um cantor se apresentava e aceitamos as bebidas e petiscos oferecidos pelo garçom. Ramon se limitou ao suco e eu uma peguei tulipa de chope, decidido a não beber nada mais forte naquela noite, principalmente porque Luna iria comigo para casa. Queria estar bem sóbrio para poder curtir a madrugada com ela.

Meia hora depois, resolvemos dar uma volta para poder cumprimentar alguns conhecidos. Aquele tipo de evento era ótimo para se fazer contatos, mas tanto eu quanto Ramon não estávamos pensando em trabalho naquela noite, portanto, sempre que algum fazendeiro tentava esticar o assunto, a gente declinava e se afastava educadamente, indo circular pelo lugar. Apresentei Luna para várias pessoas e pude perceber como muitos — principalmente as mulheres — pareciam surpresos por eu não só estar acompanhado, como namorando. Também percebi olhares curiosos, provavelmente sobre a nossa diferença de idade, que era nítida no rosto e no corpo bem mais jovem de Luna, mas não fiquei nem um pouco incomodado, apenas preocupado por ela se abalar, mas Luna parecia estar indiferente, o que era bom. Depois da conversa que tivemos na casa de Ramon, não queria que ela voltasse a se sentir insegura por causa de alguns idiotas.

— Luna, vamos ao banheiro comigo? Estou apertada — Gabi pediu ao nosso lado, depois que dois homens com quem estávamos conversando se afastaram.

— Claro, só precisamos descobrir onde é.

— Só perguntar para alguma garçonete e ela instrui vocês, gatinha — falei,

dando um beijo em seus lábios. — Vamos ficar aqui esperando vocês voltarem.

Ramon deu um beijo em Gabi e as duas se afastaram, pedindo informação para uma das funcionárias do *buffet*, que rapidamente se prontificou em guiá-las.

— Limpa aqui — Ramon disse ao meu lado, chamando a minha atenção e passando o dedo pelo queixo.

— Limpar o quê?

— A baba que está escorrendo enquanto você olha para Luna — disse o idiota, rindo da minha cara.

— Olha quem fala! Já reparou em como você fica quando olha para Gabizinha?

— Eu sei exatamente como eu fico, mas nunca pensei que um dia veria você assim por alguma mulher.

— Sempre falei que eu era romântico, mas você nunca me levou a sério. Eu só estava esperando para conhecer a mulher certa.

— Agora vou ter que ser obrigado a concordar com você. Fico feliz que Luna seja a mulher certa, você dá segurança a ela. Sem contar que está completamente de quatro pela menina.

— Quem diria que ficaríamos apaixonados praticamente ao mesmo tempo, Ramonzinho?

— Você sempre gostou de me seguir desde criança, isso explica essa sincronia.

— Nossa, depois eu que sou egocêntrico. Você é um babaca, Baldez!

— Só para comprovar essa minha teoria, você precisa engravidar a Luna também — ele riu.

— Está com medo de virar pai sozinho, né? Precisa me ver agindo com um filho meu para poder me imitar. Você precisa aprender a andar com as próprias pernas, Ramon, nem sempre eu estarei aqui para te guiar — falei e ele revirou os olhos ainda rindo. — Luna e eu conhecemos o sexo seguro, isso significa que o mini-cavalo só vai ter companhia para brincar daqui a alguns anos.

— Mini-cavalo? Respeita o meu filho, Caio!

— Se o seu pau pode ter um apelido carinhoso, por que o meu afilhado não pode? Agora eu preciso de um apelido para o caso de ser menina, vou pensar com carinho.

— Estou pensando seriamente em te retirar do cargo de padrinho.

— É mais fácil eu deixar de ser o seu advogado do que deixar de ser o padrinho do mini-cavalão, Ramon. Aceita!

Ele balançou a cabeça com um sorrisinho debochado, pois sabia que eu jamais deixaria de ser o seu advogado e tinha consciência de que eu seria padrinho de todos os seus filhos, assim como ele seria dos meus. Deixamos as provocações de lado quando alguns conhecidos se aproximaram. Entre eles, identifiquei Davi e Enzo Montenegro, que haviam se recolhido depois da morte de Carlos. Puxei os dois para um abraço solidário, dedicando tapinha nas costas de Davi, com quem eu tinha realmente mais intimidade e considerava como um amigo.

— Como vocês estão? — perguntei ao me afastar, vendo Ramon dar atenção aos outros homens e me permitindo falar com eles com um pouco mais de privacidade.

— Melhores do que antes — Davi disse, apertando o ombro do irmão mais novo. — Ainda estamos decidindo o que vamos fazer com a fazenda... Talvez a gente possa marcar uma reunião, o que acha? Queria muito me aconselhar com você, Caio.

— Claro! É só me dizer o dia e a hora!

— Eu nem agradeço direito por tudo o que fez por nós dois — Enzo disse, chamando a minha atenção. — Se não fosse você naquele momento, eu nem sei o que teria acontecido.

— Jamais os deixaria sozinhos, Enzo, podem sempre contar comigo — falei, apertando o ombro dele e vendo ao longe Gabi e Luna se aproximarem. — Que bom que estão aqui, quero que conheçam a minha namorada. Na verdade, creio que já a conhecem, mas não sei se lembram dela.

Afastei-me um pouco e encontrei com Luna e Gabi no meio do caminho, puxando minha gatinha pela cintura. Ela sorriu para mim, surpresa pela interrupção e abriu a boca para falar alguma coisa, mas vi, como que em câmera lenta, toda a sua alegria desmoronar. De um segundo para o outro, Luna mudou, sua postura se tornou diferente, seu sorriso desapareceu e o pavor brilhou forte em seus olhos.

— Gatinha, o que foi? Está se sentindo mal? — perguntei, puxando seu rosto para mim. Seus olhos arregalados e assustados encararam os meus. — O que você está sentindo?

— Luna, o que houve? — Gabi perguntou tocando a mão dela. — Nossa, ela está gelada! Acho que está passando mal, Caio!

A música alta e o vai e vem de pessoas ao nosso redor não deixava que

ninguém notasse o seu estado, mas eu notava, assim como Gabi. Muito preocupado, tomei seu rosto novamente em minhas mãos, sentindo seu maxilar rígido e percebendo que ela não me olhava mais. Parecia estar presa a algo ou alguém além de mim.

— Gatinha, fala comigo! O que está acontecendo?

— Amiga, você está nos assustando!

Ela abriu a boca como se fosse falar alguma coisa, mas nada saiu e seus olhos não focaram em nenhum de nós dois, continuaram em algum lugar atrás de mim. Confuso, tentei enxergar o que estava a abalando tanto, mas só vi uns cinco ou seis homens, contando com Davi e Enzo, a alguns passos de nós dois, conversando com Ramon. Não conseguia ver nada demais ali, mas, então, algo pareceu se acender bem no fundo do meu cérebro, me deixando tenso, alerta e tão assustado quanto ela. Pegando seu rosto em minhas mãos, perguntei com clareza:

— Luna, ele está aqui, não está?

— Ele? Ele quem? — Gabi perguntou um tanto confusa, mas senti quando também teve o mesmo estalo que eu, ficando rígida. — Ah, meu Deus! Amiga, ele está aqui?

— Luna! — Puxei o seu rosto em direção ao meu e entrei em seu campo de visão, vendo agora que seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Quem é ele? Só me aponta quem é ele.

— Pode falar, amiga, ele não vai te machucar, nós estamos ao seu lado!

O queixo dela tremeu, assim como o seu corpo e suas mãos apertaram o meu braço.

— Me tira daqui, por favor — pediu em um sussurro que quebrou o meu coração, mas eu não fraquejei.

— Só me diga quem é ele, Luna — perguntei, sentindo meu cérebro trabalhar, juntar alguns pontos, como se encaixasse peças soltas de um quebra-cabeça. Ela havia dito que o filho da puta era alguém que ela conhecia, mas que não via há muitos anos. Sua mãe havia trabalhado para Carlos Montenegro quando ela era criança. Seria possível que fosse um dos irmãos? Meu estômago se contorceu de ódio, mas eu prossegui: — É o Davi Montenegro?

Ela começou a chorar e Gabi a abraçou pelos ombros, pedindo para que ficasse calma, enquanto eu aguardava a resposta.

— Só me diga sim ou não, Luna — pedi bem sério, quase sem conseguir conter a minha raiva. Muito discretamente, ela balançou a cabeça em

negativa e eu apertei o maxilar. — Enzo?

Ela nem precisou assentir duas vezes. Assim que seu rosto desceu uma única vez, eu me desvencilhei de seus braços, ignorando o seu chamado desesperado e caminhei enxergando apenas Enzo a alguns passos de mim, de costas, completamente alheio ao ódio que me consumia como se fosse um incêndio. Pela minha visão periférica, vi Ramon franzir o cenho e falei apenas três palavras para ele, antes de puxar Enzo com força pelo ombro:

— Ligue para Henrique!

Então, meu punho se chocou com toda força contra o olho arregalado daquele abusador filho de uma puta. Ouvi gritos assustados e não esperei que ele se recuperasse do golpe, apenas o soquei de novo, quebrando o seu nariz e fazendo o sangue explodir na sua cara.

— O que você...

O soquei de novo, silenciando a sua voz, fazendo-o cambalear e cair no chão. Senti mãos tentando me segurar pelos braços, mas nada no mundo iria me impedir de acabar com aquele desgraçado que havia destruído parte da vida da minha garota. Desvencilhei-me com raiva e bati com o meu pé em cheio no meio do seu tórax para que ele não se levantasse, em seguida, dei um chute certeiro no seu saco, esmagando aquele pau nojento que havia se aproveitado da fragilidade de Luna. Ele ofegou e se encolheu e me aproveitei daquele momento para montar o seu corpo e destruir a sua cara. Minhas mãos socavam e abriam sua pele, esmagavam sua carne, quebravam os seus ossos, enquanto eu gritava com raiva, com dor pelo o que ele havia feito Luna passar.

— Isso é para você aprender a nunca mais tocar em uma mulher sem permissão! — gritei, entortando o seu maxilar e ouvindo o seu gemido. — A nunca mais se aproveitar de meninas em um quarto escuro! A nunca mais ser um covarde de merda, um filho da puta, que se esconde atrás do sobrenome do papai!

Eu ia o socar mais uma vez, mas muitas mãos se apoderaram do meu corpo, me ergueram pelos braços e pela cintura, até me tirar de cima dele. Encarei o seu rosto completamente deformado, os olhos inchados que não abriam mais, o nariz destruído, os lábios sangrando e o maxilar deslocado, querendo me sentir melhor por ter o machucado, mas sem conseguir, porque nenhuma dor no mundo que eu o fizesse sentir chegaria perto do que ele havia feito com Luna. Só de lembrar do seu relato, da sua dor, do seu trauma, eu senti vontade de terminar de matá-lo, mas um punho cerrado se chocou em

cheio contra o meu maxilar e me fez cair de costas contra um peitoral atrás de mim.

— Seu filho da puta! Você enlouqueceu? Como teve coragem de fazer isso com o meu irmão? Vem me encarar, porra! Bate em mim! — Davi gritou, empurrando-me pelo peito com raiva e eu retribuí, empurrando-o de volta.

— Por quê? Você também assedia mulheres? Abusa sexualmente? Se faz isso, fala logo, assim eu acabo com os dois ao mesmo tempo! — gritei de volta, vendo-o paralisar e me olhar com os punhos cerrados.

— Meu irmão não fez isso!

Aproximei-me dele até estar perto o suficiente para que me ouvisse sussurrar com raiva:

— Fez com a minha garota e ninguém machuca o que é meu!

Fui afastado dele por alguém que não fiz a mínima questão de saber quem era e só consegui tirar os meus olhos de cima da sua cara assustada quando senti braços finos me agarrarem com força pela cintura. Luna afundou o rosto em meu peito, chorando muito e consegui me desgarrar um pouco do ódio para olhar para ela, notando que o som havia sido interrompido e que os convidados nos observavam com espanto. Senti-me um idiota por a expor àquela situação, mas não tinha outro jeito, eu não poderia ficar indiferente estando no mesmo lugar que aquele filho da puta. Vi quando Davi se ajoelhou ao lado de Enzo e limpei minhas mãos sujas de sangue na calça, tomando o rosto dela entre os meus dedos.

— Me perdoe, gatinha — sussurrei, tentando enxergar os seus olhos através do rio de lágrimas que o inundavam. — Mas agora acabou. Acabou, meu amor, ele vai pagar pelo o que fez a você.

Ela não disse nada, mas eu também não esperava por uma resposta, apenas a abracei muito forte, escondendo seu rosto em meu peito, enquanto via Henrique chegar acompanhado por alguns policiais. Assim que chegou perto de mim, eu olhei para Enzo como o lixo que ele era e falei:

— Esse filho da puta é um assediador e eu tenho como provar.



Capítulo 37

Caio

As próximas horas foram um borrão. Enzo precisou ser levado para o hospital e como não havia sido indiciado formalmente, tive que recolher a minha raiva ao saber que ele não seria acompanhado pelos policiais. Ainda assim, Henrique garantiu que ficaria de olho nele e em Davi e só então eu comecei a sair do transe e segui o conselho de Ramon para irmos embora. Gabi ficou ao lado de Luna o tempo todo depois que precisei me afastar para conversar com Henrique, mas a encontrei antes de irmos para o carro e a abracei bem forte, pensando na loucura que havia acabado de acontecer.

A viagem de volta foi pesada e triste. Ela não chorava com a mesma força de antes, mas silenciosamente, olhando pela janela, com a mão entrelaçada a minha. Com a consciência voltando, fiquei com medo de que Luna ficasse com raiva de mim pela minha reação, por eu ter ficado cego pelo ódio e pela vontade de matar o desgraçado, mas ela não parecia estar sentindo outra coisa além de tristeza. Doía dentro de mim vê-la daquele jeito, queria ter o poder de tirar aquele sentimento de dentro dela, bem como as memórias do que Enzo havia feito, mas como sabia que não podia, fiz o que estava ao meu alcance: fiquei ao seu lado e comecei a agilizar a prisão do filho da puta.

Assim que chegamos em minha casa, fiz um chá para que ela se acalmasse e me sentei ao seu lado na sala, explicando tudo o que iria acontecer a partir daquele momento. A primeira coisa que precisava ser feita, era o boletim de ocorrência, para que fizéssemos a acusação formal a Henrique, que era delegado. Como era meu amigo, ele disse que tomaria o depoimento dela em minha casa ainda naquela noite.

— Eu vou ter que reviver tudo o que aconteceu? — ela perguntou baixinho, segurando a xícara com as duas mãos.

— Você quer que ele seja preso e que pague pelo o que fez a você, não

quer? — perguntei com delicadeza, colocando algumas mechas do seu cabelo atrás da orelha. Ela apenas assentiu. — Então será necessário contar tudo o que aconteceu, pequena. Eu vou estar com você o tempo todo, prometo.

— Agora todo mundo vai saber o que aconteceu... Meus pais vão saber. Eu não queria que eles soubessem — ela murmurou com lágrimas nos olhos, voltando a tremer.

Peguei a xícara das suas mãos e a coloquei em cima da mesinha de centro, antes de puxá-la para os meus braços e ampará-la em meu colo. Ela escondeu o rosto em meu peito e me abraçou forte pela cintura, chorando baixinho, destruindo o meu coração.

— Eu sei que você não queria que eles soubessem, meu amor, mas chegou a hora de fazer justiça e não se faz justiça estando calado, entende? Seus pais são pessoas maravilhosas, eu tenho certeza que ficarão ao seu lado, porque você foi vítima daquele filho da puta, gatinha. Você não teve culpa do que aconteceu.

— Eu sei, mas... Eu poderia ter gritado, poderia ter feito alguma coisa e não fiz nada.

— Não fez porque sentiu medo, se sentiu ameaçada — falei, tomando seu rosto em minha mão e limpando suas lágrimas. — Eu quero te fazer uma pergunta muito séria, gatinha. Dependendo da sua resposta, esse crime muda completamente de figura. Promete que vai me responder? Não há mais motivos para você esconder partes do que aconteceu.

Ela assentiu e fungou, esfregando os olhos sem delicadeza e borrando o resto de maquiagem ainda existia lá. Eu me preparei para perguntar, falando para mim mesmo que teria que controlar a minha raiva, pois não poderia bater em Enzo mais uma vez e limpei as suas bochechas para ganhar tempo e me acalmar. Por fim, perguntei de uma vez:

— Quantos anos você tinha quando aquilo aconteceu?

O queixo de Luna tremeu e, por um momento, pensei que ela fugiria da minha pergunta mais uma vez, como havia feito semanas atrás, mas ela respirou fundo e respondeu bem baixinho:

— Treze.

Eu fiz uma conta rápida. Lembrei que Enzo tinha vinte e três anos atualmente e Luna tinha dezoito. O abuso havia ocorrido há cinco anos, então, na época, Enzo tinha dezoito. Já era maior de idade, um homem adulto, completamente responsável pelos seus atos.

O mundo pareceu congelar enquanto eu olhava dentro dos olhos marejados

de Luna e a imaginava com treze anos, ainda uma criança, completamente inocente e pura, sofrendo abuso em um quarto escuro, ameaçada e impedida de se defender. Cada soco que dei na cara de Enzo voltou à minha mente e me arrependi por não ter empregado mais força, por não ter ido além e o matado bem ali, quando tive oportunidade. Senti a raiva voltar com tudo e quase me cegar, mas olhando dentro dos olhos de Luna, consegui achar um pouco do meu equilíbrio e me concentrar nela, na sua dor e no fato de estar precisando do meu apoio para passar por tudo aquilo.

— Isso muda tudo, gatinha — falei, tentando esconder a raiva em meu tom de voz. — O que ele fez se enquadra em estupro de vulnerável.

— Mas eu não fui estuprada, eu disse.

— Para a lei, você foi, mesmo que não tenha havido penetração, pois você era menor de quatorze anos. Você era uma criança, meu amor, o crime que ele cometeu tem um peso mil vezes maior e eu vou fazer questão de acompanhar o caso dele de perto para que ele pegue a pena máxima.

— Quantos anos ele pode pegar?

— De oito a quinze anos — falei, vendo seus olhos se arregalarem. — Isso, é claro, se ele cometeu esse crime apenas contra você, o que, sinceramente, eu acho improvável. Homens como ele não se contentam apenas com uma vítima, sempre precisam de mais.

— Você acha que ele pode ter feito isso com outras pessoas?

— Acho e tenho certeza que Henrique vai achar também e vai começar uma investigação detalhada sobre a vida dele — falei, sentindo meu sangue ferver nas veias. — Só de pensar que eu o conheço desde moleque, que estive em sua casa, convivi com ele, o ajudei quando Carlos morreu... Queria voltar no tempo e aproveitar cada uma dessas oportunidades para socar a sua cara!

— Você não sabia, não fique assim — ela disse, tomando meu rosto nas mãos. — Eu não tinha pensado na possibilidade de ele ter feito outras vítimas, talvez meninas com a mesma idade que eu tinha. Se ele fez isso, precisa pagar. Ele tem que pagar por todas elas!

— Exatamente, gatinha. Ele precisa pagar por toda maldade que cometeu.

— Eu sempre senti muito medo de que o que aconteceu comigo, se repetisse com a minha irmã ou com as amigas dela, sempre tive muito cuidado em saber onde ela estava, com quem estava, porque tinha pavor de que ela passasse pelo o que eu passei.

— É por isso que é tão importante colocar cada um desses abusadores atrás das grades, para protegemos quem foi vítima e quem poderia se tornar uma

vítima desses desgraçados.

Luna me encarou com muita atenção, sem chorar, parecendo diferente de quando chegamos em casa. A tristeza ainda se fazia presente em seu olhar, mas também havia uma determinação que não estava ali antes da nossa conversa.

— Eu quero contar tudo para o delegado, quero que Enzo seja preso. E se ele fez algo contra outras meninas ou mulheres, quero que pague também — disse com firmeza, olhando dentro dos meus olhos. — Eu vou reviver aquela noite quantas vezes for necessário até que a justiça seja feita.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela não deixou que nenhuma caísse, como se quisesse manter o seu orgulho.

— Você é forte, Luna — falei, vendo a surpresa tomar a sua expressão ao ouvir o meu elogio. — Você é corajosa e eu tenho muito orgulho por ser o homem que o seu coração escolheu para amar. Qualquer um no meu lugar se sentiria privilegiado por estar ao lado de uma mulher como você.

— Eu que tenho a sorte de ter você ao meu lado, *advogado*. O que você fez essa noite... Eu nunca vou esquecer como você me defendeu, como olhou para mim e percebeu tudo o que estava acontecendo, como se pudesse enxergar cada um dos meus sentimentos. Desde que você chegou na minha vida, eu me transformei, olhei para dentro de mim e me conheci, descobri que sou capaz de ser amada apenas por ser quem eu sou, que não preciso me moldar para caber na vida de ninguém, que sou forte para passar por cima das minhas inseguranças e realizar cada um dos meus sonhos. Sem o seu amor, talvez eu ainda estivesse no mesmo lugar, cercada pelas mesmas pessoas, acorrentada pelos meus medos. Agradeço a Deus todos os dias por ter me escolhido para viver ao seu lado.

Porra! Eu mentiria se dissesse que tinha conseguido controlar a emoção, pois não consegui. A puxei para um beijo que tinha o gosto das nossas lágrimas, que, dessa vez, eram de amor e não de dor ou desespero. Ouvir cada uma das suas palavras, saber o quão importante eu era, só me fazia sentir ainda mais grato por, meses atrás, ter decidido que queria virar seu amigo. Claro que tinha consciência de que a nossa história já estava escrita, que Deus tinha planos maiores para nós dois, mas eu poderia ter deixado passar a história do pau grande e só ter dado atenção a Luna meses ou anos depois. Ainda bem que o meu lado levemente egocêntrico não a deixou escapar de mim.

Nos afastamos quando ouvi o barulho da campainha e soube que Henrique

havia chegado. Luna me olhou com aquela expressão forte e coberta de certeza do que queria e eu me levantei para atender, o recebendo em minha casa como alguém que ia além de um representante da lei, mas como meu amigo, uma pessoa que eu sabia que não descansaria até descobrir cada crime cometido por Enzo e o colocar atrás das grades.



O dia seguinte foi repleto de emoções. Por mais que os convidados não tivessem a remota ideia do que realmente havia acontecido, o fato de eu ter batido em Enzo na festa e ter gritado com todas as forças que ele era um assediador, fez com que a história se espalhasse por Santo Elias e chegasse aos ouvidos de Rosana, que nos recebeu com o semblante muito preocupado, como se soubesse que o que havia acontecido tinha algo a ver com Luna.

Ser espectador do momento em que ela se sentou ao lado da filha e ouviu cada detalhe do que havia acontecido quando ela ainda era uma criança, era algo que eu jamais esqueceria. A sua dor como mãe me atingiu em um nível quase insuportável. Ela gritou e chorou enquanto agarrava Luna como uma leoa que cobria e protegia sua cria, claramente querendo voltar no tempo para impedir que qualquer mal a atingisse, culpando-se por ter permitido que Luna fosse à festa de Maíra naquele final de semana. Por mais que Luna deixasse claro que a culpa não havia sido dela, Rosana não se conformava e, me colocando em seu lugar, eu conseguia entender. Os pais achavam que a sua única missão na Terra era proteger os filhos, quando algo ruim acontecia, se culpar era inevitável.

— Eu pensei que sair daquela casa iria te proteger — ela disse em prantos, passando as mãos pelo rosto molhado de Luna e chamando a minha atenção. Até aquele momento, eu estive quieto, deixando que as duas conversassem, mas ao ouvir aquilo, não pude ficar indiferente.

— O que quer dizer?

Rosana me olhou com o rosto muito vermelho e molhado, os olhos marejados e aquela expressão de dor que me golpeava o estômago, mas respondeu:

— Enzo gostava muito de brincar com Luna, ela tinha seis anos e ele tinha onze, já era um rapazinho, mas, mesmo assim, sempre ficava perto dela. Eu nunca vi problema nisso, até ouvir as suas palavras para Luna quando

estavam brincando perto da piscina. Ele pediu para que ela se sentasse no colo dele e rebolesse ao ritmo da música que estava tocando na rádio. Na hora eu me assustei e apareci na frente dos dois, ele ficou assustado, mas Luna me olhou de forma inocente, como se não estivesse acontecendo nada de errado. Na cabeça dela, realmente, não havia nada de errado, até porque, ela era uma criança, mas ele sabia muito bem o que estava fazendo. Depois desse episódio, eu perguntei a Luna se ele havia tocado nela de forma indevida, se a havia machucado, mas ela disse que não, mesmo assim, não poderia ficar naquela casa, não poderia deixar minha filha perto dele, ainda mais conhecendo a fama do Sr. Montenegro. Ele era totalmente intolerante com empregados, nunca levaria a sério qualquer acusação que eu fizesse contra Enzo, por isso, pedi demissão e vim trabalhar aqui.

Eu precisei fechar as mãos em punhos e cerrar o maxilar para tentar conter a minha raiva. Era impressionante como aquela história só piorava! O filho da putinha desgraçado havia tentado se aproveitar de Luna quando os dois ainda eram crianças! Que merda era aquela?

— Eu não lembro disso — Luna disse.

— Você era muito pequena, meu amor, não tinha como se lembrar.

— Mesmo assim, se eu tivesse lembrado, não teria ficado perto dele naquele final de semana. Eu só conseguia me lembrar que a gente brincava quando a senhora trabalhava para o pai dele, nada além disso.

— Eu não fiz questão de ficar falando sobre aquilo depois que saímos de lá, principalmente porque não queria que o seu pai soubesse e tentasse se meter com o Sr. Montenegro. Ele era um homem rico e poderoso, senti medo de que fizesse alguma maldade com a gente.

— Foi esse medo que eu senti quando Enzo me ameaçou. Ele fez questão de falar que o pai dele era um homem muito rico e que se eu contasse algo para alguém, todos nós poderíamos sofrer as consequências.

— Mas agora isso acabou — falei, pousando as minhas mãos nos ombros das duas. — Carlos Montenegro está morto e Enzo vai pagar por tudo o que fez a você, meu amor.

— Muito obrigada — Rosana disse, tirando minha mão do seu ombro para segurá-la com força. Seus olhos voltaram a se encher de lágrimas. — Espero que me perdoe se um dia eu duvidei que você era o homem ideal para minha filha. Nem que eu viva por mil anos, serei capaz de agradecer o suficiente por tudo o que está fazendo por ela, pela forma como a ama e como a protege. Quero que saiba que você é muito mais do que um genro para mim, Caio,

você é como um filho.

— Eu amo a sua filha, sogrinha. Luna é a mulher da minha vida e por ela eu faço tudo.

Rosana assentiu e me puxou para um abraço bem forte, que falou muito mais do que qualquer palavra, em qualquer língua. Depois disso, abraçou Luna novamente, ainda muito abalada com tudo o que havia acontecido, dividida entre a culpa, a tristeza e a dor. Ao se afastar, disse que faria uma ligação para Fernando, pai das meninas, para contar tudo. Luna se ofereceu para isso, mas ela foi irredutível e se afastou, nos deixando sozinhos na sala. Por sorte, Fernanda estava na casa de uma vizinha e não havia presenciado a conversa. Luna disse que depois explicaria tudo com calma para ela, sem muitos detalhes, mas apenas o suficiente para que ela entendesse o que havia acontecido.

— Eu não queria que a minha mãe ficasse assim, não queria que se culpasse — Luna disse baixinho ao meu lado, muito triste. — A culpa não foi dela, os pais de Maíra vieram aqui, garantiram que o lugar era seguro, que as crianças seriam supervisionadas por adultos, que as meninas dormiriam em um quarto e os meninos em outro... Eu lembro que ela demorou a se decidir, mas eu insisti muito, afinal, era aniversário de quinze anos de Maíra e ela era a minha melhor amiga. Minha mãe não conseguiu me dizer não.

— A gente sabe que não foi culpa dela, gatinha, mas mãe é mãe, ela sempre vai se culpar por algo ruim que aconteça ao seu filho. O que precisamos fazer nesse momento, é estar ao lado dela, assim como ela estará ao seu lado. Uma vai apoiar a outra e eu estarei aqui para apoiar as duas.

Luna me olhou com um sorriso lindo que eu não via em seu rosto desde a noite anterior. O amor que vi brilhando em seus olhos aqueceu o meu coração.

— Eu te amo — ela disse simplesmente, sem precisar acrescentar uma única vírgula e eu senti tudo dentro de mim.

— Eu te amo.

A beije com delicadeza, imerso por inúmeros sentimentos. O mundo havia desmoronado na noite anterior e eu sabia que ainda tínhamos algumas batalhas pela frente, mas tinha certeza que venceríamos cada uma delas. Duas batidas na porta da sua casa fizeram com que ela se afastasse e me olhasse com o cenho franzido, claramente se perguntando quem era. Eu me prontifiquei para atender, pensando que poderia ser Ramon ou Gabi, mas me surpreendi ao encontrar Maíra bem ali. Fiquei momentaneamente sem

palavras com a presença dela e vi a surpresa nos olhos de Luna quando parou ao meu lado e a encarou.

— Oi, Luna. A gente pode conversar? — ela perguntou sem aquela arrogância com a qual estávamos acostumados.

Luna me olhou como se pedisse a minha opinião, mas eu apenas me virei para Maíra e questionei:

— Tem certeza que será apenas uma conversa? Pois da última vez em que estive no mesmo lugar que Luna, você apenas a machucou.

— É só uma conversa e uma oportunidade para pedir desculpas.

Não falei mais nada depois disso, apenas deixei que Luna decidisse se queria ou não conversar com ela. Por fim, Luna pediu para que entrasse e segurou a minha mão para que eu me sentasse ao seu lado no sofá, de frente para Maíra. A garota parecia sem graça e o semblante arrependido em seu rosto não parecia falso.

— Eu ouvi comentários na cidade sobre o que aconteceu na festa do Luís Otávio ontem à noite e, quando tive acesso aos detalhes, logo pensei que tinha algo a ver com você. Quero que saiba que não foi apenas isso que me fez vir aqui, mas saber do que aconteceu me deu coragem para olhar novamente para você e dizer que me arrependo muito do que te falei na festa de Alex. Nada do que eu disser vai justificar a minha crueldade e as palavras duras que usei contra você, Luna, eu sei disso, mas achei que deveria te explicar o porquê de eu ter agido daquela maneira. A verdade é que desde aquele final de semana no sítio, eu comecei a nutrir por você um sentimento muito ruim, que acabou fazendo muito mal a nós duas. Quando vi você e Enzo na cama naquela noite, eu fiquei muito mal, porque eu gostava dele e, na minha cabeça, ele me notaria naquele final de semana, pois era meu aniversário. Então, você contou para mim e para Alana sobre o que realmente havia acontecido e...

— E você não acreditou — Luna concluiu e Maíra assentiu, retorcendo as mãos sobre o colo.

— Sim, eu não acreditei. Eu não acreditei porque, na minha cabeça, era impossível que você não quisesse que aquilo tivesse acontecido, pois Enzo era lindo, rico, charmoso, havia dado atenção a você o final de semana inteiro, eu não quis acreditar que você estivesse falando sério. Desde esse dia, eu comecei a tentar entender o porquê de você ter atraído a atenção dele e, sem que eu percebesse, acabei nutrindo inveja de você, não apenas por aquilo, mas por você ser a mais divertida do grupo, a que fazia todo mundo

rir, a que era a mais estilosa e bonita, a que fazia sucesso nas redes sociais...

— Maíra, isso é loucura — Luna disse, fazendo com que ela se calasse. — Eu passei anos da minha vida tentando me encaixar entre você e as meninas, tentando me adequar ao que vocês queriam, mesmo me sentindo mal. Como você tem coragem de falar que sentia inveja de mim?

— Eu sentia. Estou sendo sincera, Luna, eu não inventaria isso. Sei que você realmente lutou para se encaixar, porque eu fazia comentários maldosos para que você se sentisse mal, mas entendi que eu fazia isso para tentar *me* satisfazer. Eu fui me afastando cada vez mais da amizade que construímos quando éramos crianças e me transformei na pessoa horrível que te atacou naquela noite. Eu sei que você se afastou de mim e que não queria mais contato, mas, depois daquela noite, eu tive um estalo e percebi que não queria mais ser aquela pessoa. Eu não queria mais fazer mal a você e conversei com os meus pais, pedi ajuda... Agora eu estou fazendo terapia e, durante essas semanas, vim me preparando para esse momento. Para vir aqui, olhar nos seus olhos e pedir perdão. Saber do que aconteceu ontem à noite foi o empurrão que eu precisava para tomar coragem e encarar você.

Luna me olhou muito surpresa, sem reação, assim como eu estava. Voltamos a encarar Maíra quando ela voltou a falar:

— Eu sei que, provavelmente, você não queira me perdoar, assim como sei que a nossa amizade acabou porque eu a destruí, mas eu precisava muito vir aqui e falar tudo isso para você. Fazendo terapia, eu comecei a entender que os sentimentos ruins que eu nutria me transformaram em uma pessoa tóxica, que machuca as pessoas e eu quero me livrar disso. Não está sendo fácil, mas eu estou lutando para melhorar. Além disso, quero que saiba que se você precisar que eu conte a polícia o que eu vi naquela noite, eu estou disposta a falar.

— Está mesmo disposta a testemunhar? — perguntei, chamando a sua atenção.

— Sim, eu estou. E tenho certeza que Alana também estará.

— Sim, eu contava com ela, mas não com você. Maíra, eu sinceramente não sei o que dizer. Eu acredito que perdão não é algo que deve ser dado no calor do momento, é um sentimento que vai se construindo dentro da gente, assim como o amor e a amizade. Durante anos eu acreditei que você era minha amiga, que o nosso relacionamento era bom, mas foi só depois que eu conheci Gabi e Caio que entendi como você me fazia mal e depois daquela noite... Você me machucou muito ali, de uma forma que eu não esperava. A

única coisa que posso dizer no momento, é que fico feliz que você tenha caído em si, decidido pedir ajuda e agradecer por oferecer seu testemunho a polícia. Realmente, eu tenho certeza que a nossa amizade acabou, mas isso não quer dizer que tenhamos que ser inimigas ou que nunca mais vou falar com você. Eu vou pensar com carinho no seu pedido de perdão.

— Obrigada, Luna, de verdade — ela disse com muita sinceridade, se levantando. — Eu espero que tudo se resolva e que Enzo pague pelo o que fez a você.

— Eu também — Luna disse, indo com ela até a porta.

As duas se despediram sem abraço ou aperto de mão e Luna se virou para mim com os olhos meio arregalados depois de fechar a porta.

— Que loucura foi essa?

— Milagre divino. Isso é Deus intercedendo por nós, gatinha — falei, ouvindo sua risada e a puxando para o meu colo. — Estou falando muito sério.

— Eu sei, eu também acredito nisso. Só milagre mesmo para fazer Maíra cair em si dessa maneira. Será mesmo que ela estava sendo sincera?

— Ela parecia estar sendo sincera, mas vamos descobrir quando Henrique a chamar para testemunhar. Se ela contar a verdade, saberemos se estava sendo falsa ou não. Prefiro acreditar que agora ela é uma *ex-Traíra*.

— *Ex-Traíra*, ex-defunta... Você e sua incrível capacidade de ser criativo.

— Esse é outro milagre divino, que Deus separou exclusivamente para mim.

Ela sorriu e se inclinou para me beijar, ainda abalada, mas bem mais calma e segura do que na noite anterior. Eu sabia que os acontecimentos das últimas doze horas haviam sido um choque, mas iríamos nos recuperar e a justiça seria feita.



Capítulo 38

Luna

Foi difícil pegar no sono, apesar de Fernanda ter insistido para ficar ao meu lado naquela noite. Depois do turbilhão de emoções que havia me assolado naquele dia, ter o apoio de Caio, Gabi e Ramon que vieram me visitar no final da tarde, minha mãe e minha irmã, era tudo o que eu precisava. Perto das nove horas, Caio precisou ir embora e eu resolvi que ficaria em casa naquela noite, porque sentia que minha mãe e minha irmã — para quem eu havia explicado tudo sem entrar em detalhes pesados demais — me queriam por perto. Ele compreendeu, claro, mas garantiu que voltaria no dia seguinte.

Eu passei a noite encarando o teto, deixando que imagens da festa voltassem à minha mente, o momento em que vi Enzo bem ali, na minha frente. Só consegui ver o seu perfil, pois ele estava de lado e, em algum momento, acabou se virando de costas para mim, mas o reconheci de imediato. Não se esquecia do rosto e da postura de alguém que havia te machucado tanto, era como se o cérebro fizesse questão de gravar cada detalhe, para que nunca mais esquecêssemos.

O desespero que senti ao vê-lo foi tão latente, que me incapacitou. Eu ouvia Caio e Gabi falando comigo, eu queria me expressar, queria que me tirassem dali, que me protegessem daquele homem, mas não conseguia. O choque me paralisou de tal maneira, que eu ao menos conseguia me lembrar de onde tirei força e coragem para contar a Caio que Enzo era *ele*. Depois disso, só existia um borrão em minha cabeça, Caio socando Enzo no chão e Gabi me abraçando em desespero, antes de Ramon se aproximar de nós duas e esconder Caio do nosso campo de visão.

A ficha ainda não havia caído direito, meu cérebro ainda estava processando cada uma das informações que nos atingiram nas últimas horas.

Enzo seria preso em breve, meus pais já sabiam do que tinha acontecido, Maíra havia me procurado para pedir perdão... Era como se o meu mundo tivesse saído e entrado no eixo muito rápido, deixando um rastro de sentimentos poderosos para trás. Eu me sentia grata, mas também me sentia exposta, ferida, com vergonha, porque agora meu passado não era mais um segredo, as pessoas mais importantes para mim, sabiam tudo o que tinha acontecido. A reação da minha mãe me destruiu, a do meu pai também. Ele garantiu que estava pegando o primeiro voo para Goiânia e que chegaria no dia seguinte. Eu não queria que nenhum dos dois se culpasse, pois tinha consciência de que a culpa não havia sido deles. Nem minha, apesar do sentimento ainda me oprimir e machucar. A culpa era única e exclusivamente de Enzo e, agora, ele iria pagar.

Vi o dia amanhecer e, perto das oito horas, desvencilhei-me do corpo de Fernanda grudado ao meu e me levantei, precisando muito fazer xixi. Assim que deixei meu quarto, pude ouvir uma movimentação e vozes na sala e me aproximei nas pontinhas dos pés para não fazer barulho, encontrando meu pai e minha mãe abraçados perto do sofá, ela chorando baixinho e ele a amparando, chorando em silêncio. A cena fez o meu peito doer e precisei reprimir um gemido de lamento para que eles não me escutassem.

— Eu sou uma mãe horrível... Como pude permitir que isso acontecesse com a nossa filha?

— Rosana, pelo amor de Deus, não fale isso! A culpa não foi sua! Se há um culpado nessa história, além daquele desgraçado, sou eu! Se eu estivesse aqui, se tivesse protegido vocês...

— Você sempre foi um pai maravilhoso, Fernando, tanto que as meninas idolatram você!

— Mas fui ausente...

— Nunca! Você nunca foi ausente, muito pelo contrário! Quando nos separamos definitivamente, você nem quis sair de Santo Elias, eu que te apoiei a estudar, porque sabia que o seu sonho era dar uma vida melhor para as meninas e elas também sabiam disso! Mesmo morando longe, você sempre esteve com elas. Você é o melhor pai do mundo, Fernando — ela disse, secando as lágrimas dele.

— Minha mãe tem razão — falei, resolvendo acabar com o martírio dos dois. — E papai tem razão, mãe, a culpa não foi sua. A culpa não foi de nenhum de vocês dois. Vê-los assim só me deixa mais triste, por favor, parem com isso.

— Oh, meu amor... — meu pai veio em minha direção e me abraçou muito forte, a ponto de me tirar do chão. — Eu queria ter o poder de tirar toda essa dor de dentro de você e passar para mim! Também queria poder matar aquele desgraçado!

— Eu sei, mas ele vai pagar pelo o que fez, pai.

— Isso me conforta, mas não é o suficiente. Nunca será o suficiente perto do que ele fez a você — ele disse, secando minhas lágrimas. — Por que não nos contou antes? Você poderia ter confiado na gente, filha.

— Não era uma questão de confiança, ele me ameaçou, ameaçou vocês, eu não poderia colocar vocês em risco. Senti medo.

— Senti medo, guardou tudo isso durante anos e eu nunca percebi — minha mãe lamentou, aproximando-se de mim. — Se eu tivesse prestado mais atenção...

— Eu sempre fiz de tudo para que a senhora não percebesse e aprendi a conviver com as lembranças, mãe — falei, pegando em sua mão. — Não pense que fui infeliz durante esse tempo, pois não fui. Eu sempre tive você, a Fernanda e o papai, vocês sempre me apoiaram e estiveram do meu lado, mesmo sem saber.

— Nós sempre estaremos ao seu lado, meu amor! E eu prometo que estarei mais perto de você, da sua irmã e da sua mãe.

— Como assim? — perguntei.

— Estou pensando em voltar para Goiás — ele disse, dando um olhar cheio de emoção para minha mãe. — Já estou até mesmo pesquisando algumas empresas em Goiânia para poder enviar currículo.

— Sério, pai?

— Sim! Se antes eu já queria estar perto de vocês, agora quero ainda mais — ele disse, abraçando a mim e a minha mãe ao mesmo tempo. — Quem sabe vocês não possam vir morar comigo?

— Não começa, Fernando!

— Por que não? Eu sei que você ainda é louca por mim, assim como eu sou por você — ele disse, me fazendo rir. Meu pai sempre falava essa mesma frase toda vez que conversava com a minha mãe.

— Você está muito enganado — disse ela, se desvencilhando dos seus braços. — Deixa eu terminar de fazer o café da manhã!

Ela secou o resto das lágrimas e fugiu, deixando nós dois sozinhos.

— O que eu falei é verdade, quero mesmo voltar pra cá, filha. E gostaria muito de voltar para a rabugentinha da sua mãe.

— Eu sempre soube que um dia vocês voltariam.

— O nosso amor é daquele tipo que precisa ser vivido na maturidade, nós éramos muito jovens quando nos envolvemos, logo tivemos você e precisamos nos estabelecer como uma família. Não foi fácil, mas nós lutamos para que desse certo, até perceber que, se forçássemos mais, poderíamos destruir tudo o que havíamos construído até ali e resolvemos nos separar de verdade. Agora que somos bem mais velhos e experientes, acredito que podemos nos dar mais uma chance.

— Eu vou torcer para que dê certo, sempre vi muito amor em vocês dois, mesmo vocês sendo tão complicados.

— Sempre viu o amor, porque ele realmente existe. Por falar em amor, quando vou conhecer o seu namorado? Sua mãe me contou tudo o que ele fez, quero muito poder olhar nos olhos dele e agradecer.

— Ele vai vir mais tarde. Estou louca para que vocês se conheçam, pai, tenho certeza que o senhor vai adorar o Caio.

— Eu também acho que vou gostar muito desse rapaz.



Caio chegou perto da hora do almoço e explicou que Maíra e Alana haviam prestado depoimento naquela manhã e contado tudo o que haviam testemunhado naquele final de semana. Eu não fazia ideia de que o caso iria se desenrolar tão rápido daquele jeito e, como não havia mexido no meu celular ainda, não tinha visto se Alana havia me enviado alguma mensagem. Assim que ele terminou de falar, eu peguei o aparelho e vi que ela não só havia me enviado mensagens, como tinha me telefonado. Eu retornei imediatamente e passamos os próximos minutos conversando, agradei muito por ter ficado ao meu lado e comentamos sobre Maíra também. Ela confirmou que Maíra havia mesmo começado a fazer terapia e parecia que havia parado de falar com Joyce. Foi estranho ouvir tudo aquilo e não sentir a mínima falta de nenhuma das duas, pelo contrário, eu estava aliviada por finalmente estar longe, apesar de me sentir grata por Maíra ter testemunhado a meu favor.

Aproveitei que estava com o celular em mãos respondi às mensagens de Nicolas e Alex, que perguntaram se eu estava bem, pois haviam ouvido falar da discussão entre Caio e Enzo. Fiquei aliviada ao ver que eles não sabiam

mais detalhes e eu esperava que continuasse assim. Não queria que todo mundo soubesse o que havia acontecido comigo, apesar de ter consciência de que seria inevitável o falatório e que alguma coisa poderia escapar quando o caso ganhasse mais repercussão pela cidade. O que me confortava, era saber que eu teria minha família, meus amigos e meu namorado por perto.

Por falar em Caio, minha certeza sobre ele e meu pai se darem bem se concretizou a olhos vistos. Os dois conversaram bastante antes de Caio receber uma ligação de Henrique avisando que havia sido expedido o mandado de prisão para Enzo, que tinha recebido alta do hospital naquela manhã e estava em casa acompanhado pelo irmão.

— Ele vai mesmo ser preso hoje?

— Agora, gatinha. Henrique já está com a viatura a caminho da Fazenda Montenegro. Eu vou para a delegacia, quero ver o desgraçado algemado e acompanhar tudo de perto.

— Eu vou com você — meu pai disse, erguendo-se do sofá.

— Você fica, tudo bem? Não quero que aquele filho da puta coloque os olhos em cima de você — Caio disse, puxando-me para os seus braços.

— E eu não quero ter que olhar para a cara dele nunca mais. Promete me contar todos os detalhes quando voltar?

— Claro que sim. Amo você, gatinha.

— Também amo você, *advogado*.

Ele me deu um beijo longo e carinhoso, antes de sair com meu pai rumo à delegacia. Como se a ficha estivesse caindo sobre mim apenas naquele momento, me joguei no sofá e encarei a parede, finalmente tendo consciência de que Enzo, o homem que roubou parte da minha infância e toda a minha adolescência, que havia me marcado de forma irremediável e me machucado tanto, estava prestes a ser preso. *Preso*. As lágrimas que começaram a cair dos meus olhos, daquela vez, foram de puro alívio.



Caio

Fernando e eu chegamos à delegacia minutos antes de Henrique chegar

com Enzo algemado e com a cara arrebatada pelas porradas que havia levado de mim. Ele ao menos conseguiu nos encarar, como o bom covarde que era, sendo seguido por policiais, um homem de terno, que eu reconheci como o advogado da família Montenegro, e Davi, que estava com um semblante arrasado.

— Você fez um bom trabalho na cara dele, quase consigo me sentir satisfeito — Fernando disse com raiva ao meu lado quando Enzo entrou na sala de Henrique acompanhado por Davi e o advogado.

— Teria feito mais se não tivessem me tirado de cima dele. Juro para você que eu poderia matá-lo tamanho o ódio que sinto.

— Imagina o meu sentimento de pai? Tudo o que queria fazer com ele está bem engasgado aqui — ele disse, apontando para a própria garganta. — Mas ele vai pagar por tudo o que fez.

— Com certeza. Eu prometi a mim mesmo que não descansaria enquanto não acabasse com o desgraçado que havia machucado Luna.

Fernando me olhou com compreensão e um brilho de satisfação nos olhos.

— Você é o homem certo para a minha filha, Caio. Meio velho para ela, confesso, mas nem tudo pode ser perfeito.

— Não sou mais velho, sou mais experiente — consegui brincar, arrancando uma risada baixa do meu sogro.

— Gosto do seu senso de humor. Tenho certeza que seremos grandes amigos.

— É o que eu mais quero, Fernando.

Ele deu dois tapinhas nas minhas costas e nos levantamos da cadeira minutos depois, quando a porta da sala de Henrique se abriu e um policial escoltou Enzo para a área onde ficavam as celas. Já estava prestes a entrar com Fernando para poder conversar com Henrique, quando Davi parou no meio do caminho, bloqueando a minha passagem.

— A gente pode conversar, Caio? Prometo que não vou tomar muito do seu tempo.

Eu não deveria olhar na cara dele depois de ter defendido o escroto do Enzo, mas logo percebi que estaria sendo injusto, pois, por mais calhorda que fosse, ele ainda era seu irmão. Em seu lugar, se visse alguém agredindo meu irmão mais novo e o acusando de coisas que eu não sabia se eram verdades ou não, também teria feito o mesmo. Apenas por isso eu assenti e pedi licença a Fernando, indo com Davi para o lado de fora da delegacia. Lá, ele se encostou contra a lataria de um carro e desabou, deixando os ombros

caírem e uma expressão de derrota tomar o seu rosto. Senti vontade de apertar o seu ombro e o consolar, mas me contive.

— Eu ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo. Desde a morte do meu pai, parece que eu venho vivendo em um pesadelo — ele desabafou, respirando fundo e parecendo tomar coragem para me encarar. — Não consigo olhar para o meu irmão, o garoto que eu peguei no colo, que vi crescer, que aconselhei e dei amor, que senti tanto orgulho ao ver se formando na faculdade no início do ano e enxergar um estuprador de merda! Não consigo, Caio!

— Eu imagino que deve ser muito difícil, mas é isso que ele é.

— Eu sei! — admitiu em um grito furioso. Ele estava com raiva, mas percebi que não era de mim. — Eu sei que ele é, ele confessou! Aquele covarde confessou! Falou o que fez com a sua namorada quando ela tinha treze anos e assumiu na minha cara que estuprou quatro garotas na época da faculdade. Quatro mulheres, Caio! Uma delas tinha dezessete anos!

Porra! Eu imaginava que ele tinha feito outras vítimas, mas jamais achei que iria confessar.

— Como você descobriu?

Davi limpou as lágrimas de raiva e decepção que haviam escorrido pelas suas bochechas e me fitou com uma espécie de vergonha, como se não quisesse me contar em detalhes o monstro que seu irmão era.

— Depois do que aconteceu na festa, ele foi para o hospital e em algum momento da madrugada, eu voltei para casa. Eu não queria acreditar que a sua acusação tinha algum fundo de verdade, no entanto, acabei me lembrando de um caso que havia acontecido há mais ou menos dois anos. Enzo foi denunciado para a reitoria da faculdade por ter assediado uma aluna, mas o caso foi arquivado, pois, segundo a instituição, não havia provas. Meu pai disse que a aluna foi expulsa por ter mentido sobre o meu irmão e eu lembro de ter achado tudo aquilo muito estranho, porque uma denúncia tão séria não seria simplesmente arquivada em questão de dias, mas relevei. Coloquei na minha cabeça que Enzo era mesmo inocente e deixei de pensar no que havia acontecido, até duas noites atrás. Sua acusação e a forma como agiu com ele só fizeram com que um alerta soasse em minha mente, então, cheguei em casa e comecei a procurar por alguma prova de que meu irmão poderia ser mesmo o monstro que você estava pintando e eu encontrei. No computador dele há uma série de vídeos de ele estuprando quatro garotas diferentes. E não apenas isso, ele também coleciona um monte de pornografia de meninas

novinhas, na faixa dos treze, quatorze anos.

— Pornografia infantil — corriji, vendo a sua cara de nojo.

— Exatamente. Ao ver aquilo, eu não aguentei e o confrontei ainda no hospital, onde ele me confessou tudo. Ainda teve a cara de pau de falar que meu pai o acobertou naquele caso da faculdade. Ele molhou a mão do reitor para que Enzo saísse como inocente e ainda obrigou que a menina fosse expulsa! Ela era uma vítima, Caio! Todas elas são vítimas do doente pervertido do meu irmão! — gritou com raiva, socando o próprio peito em meio às lágrimas. — Tem ideia disso? Meu irmão é um criminoso, um estuprador de merda! Meu irmãozinho, cara!

Não aguentei me fingir de indiferente ao ver aquilo e puxei Davi para um abraço, deixando que ele descarregasse aquelas lágrimas em meu peito. Davi sempre foi um cara justo e honesto, coisa que pensei que seu pai e seu irmão também fossem. Com eles, eu havia me enganado, mas graças a Deus não havia me enganado com Davi, que sempre foi meu amigo.

— Por favor, Caio, me perdoa por ter dado aquele soco na sua cara... Se eu soubesse que era verdade, tinha te ajudado a espancar o meu irmão — ele disse com a voz abafada, se afastando de mim.

— Esquece aquilo, no seu lugar, eu acho que também faria o mesmo. O que importa é que você não está acobertando o que ele fez.

— Nunca! Eu estou destruído, de verdade, mas jamais passaria a mão pela cabeça dele ou esconderia as provas que achei, como meu pai fez. Enzo sempre foi mimado, mas nunca pensei que era a esse ponto. Se meu pai tivesse agido de forma correta naquela época, teria poupado as outras mulheres de serem vítimas do meu irmão.

— Seu irmão usou o nome do seu pai para ameaçar Luna naquela época, isso já diz muita coisa sobre a relação dos dois, Davi. Com certeza o seu pai sempre se mostrou disposto a colocar panos quentes em cima de qualquer erro do seu irmão e salvar a sua pele quando cometia algo grave.

— Sim, agora eu sei disso, mas essa merda acabou, Caio. Enzo não tem mais o nosso pai para o proteger e as provas já estão com o delegado, ele vai pagar na justiça por todos os crimes que cometeu até hoje. Eu vou sofrer, sei disso, ele é meu irmão e não vou deixar de amá-lo, mas essa foi a escolha dele. Cada um dos atos horríveis que cometeu o trouxe até aqui e eu não posso fazer nada para mudar isso.

Eu assenti e apertei o seu ombro para demonstrar apoio, imaginando como aquela situação devia ser difícil para ele.

— Conte sempre comigo, Davi. Eu sei muito bem separar as coisas, os erros do seu irmão não refletem em você e na nossa amizade.

— Obrigado, Caio, mas eu estou decidido a ir embora de Santo Elias. Sei que ainda tenho muito o que enfrentar ao lado do meu irmão e farei isso, mas longe daqui. Vou colocar a fazenda à venda.

— Tem certeza disso?

— Sim, eu tenho. Está na hora do nosso sobrenome ter um novo legado. Sei que não era o que meu pai queria, mas essa é a minha decisão.

— Eu apoio você, faça o que a sua intuição diz que é certo, Davi.

Ele assentiu e nos abraçamos rapidamente antes de nos despedir. A dor e a decepção em seus olhos eram esmagadoras, mas eu iria torcer para que Davi conseguisse se recuperar e encontrasse paz em meio ao caos que assolava a sua vida.



Capítulo 39

Luna

As próximas semanas passaram bem rápido e serviram como uma espécie de bálsamo para cada uma das minhas feridas. Descobrir que Enzo realmente havia feito outras vítimas ao longo dos anos havia sido um choque e deixou ainda mais claro para mim que a culpa por tudo o que tinha acontecido era apenas e totalmente dele. Libertar-me do peso daquele segredo e ter o apoio de todos a minha volta foi fundamental para atravessar aquela tempestade, além, é claro, do suporte maravilhoso que minha sogra e Andréia Castilho — a psicóloga que era sua amiga e com quem agora eu me consultava duas vezes por semana por vídeo-chamada — me davam.

Nesse meio tempo, mergulhei de cabeça na confecção da minha coleção de roupas, o que me ajudou a “sair do ar” quando detalhes sobre o caso de Enzo invadia os meus ouvidos. Eu não quis me envolver mais do que o necessário, principalmente quando descobri que o que ele havia feito comigo era apenas a pontinha do *iceberg* e fiquei acompanhando tudo dos bastidores, preferindo ficar envolvida com a minha família e aproveitando a companhia do meu pai — que havia se mudado definitivamente para Goiânia e arrumado um emprego na filial da empresa em que trabalhava no Rio de Janeiro —, de Gabi e Ramon e, claro, do amor da minha vida.

Pensar em Caio me fez sorrir e despertar completamente, sentindo seu braço ao redor do meu corpo e seu rosto bem perto do meu pescoço. Ele tomava muito cuidado para não me abraçar por trás ou fazer qualquer coisa que pudesse me deixar desconfortável ou despertar algum gatilho emocional, mesmo quando estava dormindo, o que me enchia de amor. Com a ajuda da Doutora Andréia, eu vinha trabalhando naquele trauma em específico, pois queria aproveitar a presença de Caio por completo e não viver com medo de que alguma coisa me despertasse aquelas memórias terríveis, mas ela disse

que eu precisava ser paciente. O maior passo eu já tinha dado há muito tempo, que foi entregar o meu coração e o meu corpo para Caio, confiar nele indubitavelmente. O que ainda faltava, nós alcançaríamos com o tempo.

Adquirir essa consciência me ajudou a não me sentir presa ao trauma e a enxergar que a minha vida ia muito além do que havia acontecido naquele final de semana anos atrás. E saber que Enzo estava preso e completamente incapaz de voltar a cometer maldades contra mim ou contra qualquer outra mulher, também me tranquilizava muito. Eu não sabia que precisava ter a certeza de que ele estava atrás das grades para poder respirar com alívio e me desprender das amarras que me mantinham presa ao passado, até colocar a minha cabeça no travesseiro na noite em que ele foi preso e sentir a ficha cair completamente e me acertar por dentro.

Acaricieei o cabelo de Caio bem de leve, sentindo meu coração ficar acelerado no peito ao me dar conta, mais uma vez, que tudo aquilo havia acontecido por causa dele. Desde o dia em que entrou definitivamente em minha vida, tudo ao meu redor e dentro de mim havia florescido, mudado para melhor. Era até difícil pensar em como eu havia vivido até aquele momento sem ter o *advogado* ao meu lado, sendo meu amigo, meu amor e meu amante. O meu três A que eu tanto amava. Aproximei-me dele e espalhei beijos carinhosos pela sua testa, seus olhos, suas bochechas, até chegar em seus lábios, onde senti o seu sorriso preguiçoso de quem havia acabado de acordar.

— Hum... Me lembre de te dar mais orgasmos antes de dormirmos, pois isso faz com que você acorde toda carinhosa no dia seguinte — ele murmurou com a voz rouca, me fazendo rir.

— Até parece que eu só sou carinhosa quando você me faz gozar, *advogado*. Eu sou carinhosa sempre!

— Não sei. Ontem eu acordei e você nem estava na cama. Eu me senti desprezado e deixado de lado, Luna!

— Eu estava no banheiro fazendo xixi! — falei meio exasperada enquanto ria, sentindo suas mãos subirem pelo meu corpo. — Da próxima vez, vou fazer xixi na cama, só para esperar você acordar.

— Eu não sou adepto à chuva dourada, gatinha, então, deixo você acordar antes de mim e ir ao banheiro. Inclusive, essa é a sua última chance de sair dessa cama pelos próximos quarenta minutos.

— Mesmo? Por quê?

Caio me deu um sorrisinho e subiu em meu corpo, pressionando a ereção

gigantesca no meio das minhas pernas, me fazendo ficar toda arrepiada.

— Porque você não despertou apenas a mim com essa sessão de beijos, despertou o Caio Júnior também e você sabe que ele não gosta de ser negligenciado.

— Sim, assim como o dono, ele precisa de atenção total quando está a postos.

— Gatinha, para você, ele sempre estará a postos.

Decidi não responder, porque, além de saber que era verdade, eu preferi puxar a boca do *advogado* para perto da minha e dar um beijo cheio de língua, para demonstrar que eu também sempre estaria a postos para ele e o Caio Júnior. Não contive um gemido que saiu do fundo da minha garganta quando ele se esfregou bem no meio das minhas pernas, encaixando o pau entre os lábios sensíveis da minha boceta, acariciando o clitóris com aquela cabeça bem delineada, que me fazia ficar doida quando estava dentro de mim, fosse lá embaixo ou na minha boca.

A cada vez que fazíamos amor, eu ficava mais viciada em Caio, em seu corpo, seus beijos, suas mãos maravilhosas que faziam o que queriam comigo, e aquele pau enorme, que agora eu abrigava sem sentir dor. Como eu mesma havia dito um dia, se Deus tinha feito, era porque cabia, e eu agradecia todos os dias por estar certa. Caio passou o braço pela minha cintura e apoiou minha nuca com a outra mão, antes de se virar na cama e me deixar por cima. Aproveitei a posição para rebolar sobre o seu pau, sentindo meu clitóris pulsar de encontro a pele quente e macia, antes de se esfregar pela glândula, que eu sentia estar tão melada quanto eu.

— Porra, gatinha, vem aqui, senta na minha cara antes que eu esqueça as preliminares e enfie meu pau nessa boceta gostosa.

— Você é tão depravado!

— Não tem como não ser depravado com você se esfregando em mim desse jeito — ele disse, correndo os lábios pelo meu maxilar e dando um tapinha na minha bunda. — Vem, estou doido pra chupar você.

Gemi em antecipação ao ouvir aquilo e o beijei mais uma vez antes de subir pelo seu corpo, sendo guiada por suas mãos enormes e ansiosas em minha cintura. No entanto, quando estava perto do seu pescoço, resolvi surpreendê-lo e o montei virando-me de costas para a cabeceira da cama e de frente para aquele peitoral maravilhoso e o pau duro, que melava sua barriga. Caio apertou a minha cintura e riu baixinho, dando um beijo no início das minhas coxas, enquanto eu me deitava de bruços sobre o seu corpo e tomava

seu pau em minha mão.

— Você me chama de depravado e logo em seguida quer fazer um 69! Como você é safada, Luna! Ah, porra!

Ele gemeu alto quando meti seu pau em minha boca e bateu de novo na minha bunda, puxando meu quadril para baixo e invadindo a minha boceta com a língua. Eu gemi de encontro ao seu pau, pois foi impossível conter a onda de prazer que me golpeou de repente, crescendo em espiral pelo meu baixo ventre e se espalhando pela minha espinha. Foi difícil conseguir me concentrar no boquete, mas deixei que minha saliva escorresse de leve pela glândula e o masturbei, antes de passar minha língua sobre a sua extensão.

— Caralho, que delícia, gatinha — ele murmurou com a voz rouca enquanto me penetrava com dois dedos e me deixava louca. Senti um chupão bem em cima dos meus lábios vaginais e gritei, rebolando para sentir mais do que ele tinha para me dar. — Vou fazer você gozar bem gostoso e depois vou te dar uma surra de pau que vai te deixar louca pelo resto do dia.

— Meu Deus, Caio!

— Duvida? — perguntou antes de passar a língua pelo meu clitóris e encontrar aquele nervo dentro da minha vagina que me deixava maluca e muito perto de gozar.

— Não... Ai, não para!

Ele não me respondeu, só fechou os lábios sobre o meu clitóris inchado e o chupou de leve, aumentando a pressão junto com os movimentos do seu dedo dentro da minha boceta. O barulho de coisa molhada foi substituído pelo seu gemido abafado quando meti seu pau em minha boca e chupei a cabeça, descendo pela sua extensão até pegar o máximo que eu conseguia, chegando perto da metade. Eu sabia que ainda tinha que aprender a fazer garganta profunda, mas Caio parecia amar o meu boquete de qualquer jeito, mesmo quando eu não engolia seu esperma.

Ele empurrou os quadris de leve em direção à minha boca e eu rebolei sobre a sua cara, sentindo meu orgasmo pertinho de explodir. De alguma forma, ele conhecia meu corpo tanto quanto eu, pois aumentou os movimentos dos dedos e passou aquela língua dura no meu clitóris bem rápido para cima e para baixo, de um lado para o outro, me deixando desorientada a ponto de não conseguir mais chupar o seu pau e só sentir aquele prazer que me golpeou como um tapa na cara, fazendo meu corpo estremecer e minha garganta ficar seca enquanto eu gozava em sua boca e ondulava o quadril, esfregando-me em seus lábios, seus dedos, sua língua e

até mesmo em seu nariz.

Sabendo que eu estava sensível, ele tirou os dedos de dentro de mim e espalhou beijinhos pelo lado de fora da minha vagina, subindo até a bunda, onde deu uma mordidinha que me deixou toda arrepiada e me fez gemer com o seu pau ainda perto da minha boca. Voltei a chupá-lo porque queria que ele ficasse tão louco para gozar quanto eu, mas foi ele que me surpreendeu ao abrir as minhas nádegas e passar a língua entre elas, lambendo meu ânus e me deixando excitada. Ele passou a língua de novo e de novo enquanto eu gemia com o seu pau em minha boca, até que senti minhas paredes vaginais implorando para que eu deixasse de lado as preliminares partisse logo para a ação.

Dei uma última lambida na cabeça vermelha e inchada do seu pau e ergui meu corpo, sentindo suas mãos me prenderem sobre o seu rosto e sua língua me penetrar na vagina. Precisei morder o lábio para não gritar e rebolei de leve, sentindo sua mão direita tocar meu clitóris pela frente do meu corpo, me deixando muito excitada e doida por mais.

— Caio... Quero sentar em você — consegui falar com a voz entrecortada. Ele gemeu baixinho e tirou a língua de dentro de mim, enfiando-a de novo em seguida. — Por favor...

Ele apertou minha bunda com força e deu um tapa na nádega direita antes de tirar a língua de dentro de mim e me libertar. Com as coxas trêmulas, desmontei o seu rosto e o vi se sentar rapidamente na cama e encostar as costas na cabeceira, antes de pegar o pau na mão e se masturbar bem rápido. Seus lábios e seu queixo brilhavam por conta da minha lubrificação e uma gota transparente escapou da cabeça do seu membro quando montei suas coxas e deixei que me tocasse entre as pernas.

— Senta devagar, gatinha — pediu com a voz rascante, segurando-me pela cintura com uma mão e guiando o pau para dentro de mim com a outra. Apoiei-me em seus ombros e rebolei lentamente quando senti a cabeça me penetrar, vendo seu cenho se franzir de prazer. — Caralho, Luna, assim eu não vou aguentar por muito tempo. Tenha dó de mim, gatinha!

— Não — falei com um sorriso, descendo só um pouco pela sua extensão e subindo, aproveitando que agora eu conseguia sentar sem sentir muito desconforto. Ele gemeu e apertou a minha cintura com força. — Adoro sentir seu pau me invadindo, *advogado*...

— Então deixa ele te invadir direito, gatinha. Senta bem gostoso, vai...

Ele parecia estar sofrendo com aquela tortura, assim como eu comecei a

sofrer com a vontade louca de o sentir completamente dentro de mim. Dando uma lambidinha em seus lábios, eu me sentei de vez, prendendo a respiração ao sentir a pressão desconfortável no começo, enquanto Caio jogava a cabeça para trás e gemia, segurando-me pela cintura com as duas mãos.

— Puta que pariu, como eu amo essa bocetinha apertada! — falou muito alto, antes de me puxar pela nuca e me beijar com força.

Rebolei sobre o seu pau muito duro e gemi de encontro a sua boca enquanto o sentia tocar cada pequena parte dentro de mim, ocupando tudo de uma forma que me deixava completamente louca de prazer. Ele me ajudou com os movimentos e ondulou o quadril, descendo a boca pelo meu pescoço, deixando chupões deliciosos até inclinar o meu tronco para trás e colocar um mamilo na boca. Meus seios estavam sensíveis, pois Caio havia se dedicado especialmente a eles na noite anterior, mas não senti dor, apenas muito tesão, que me impulsionou a aumentar os movimentos e esfregar meu clitóris em seu osso púbico. O contato com os seus pelos aparados fez com que minhas paredes vaginais se apertassem ao redor do seu pau, que pareceu crescer dentro de mim.

— Me aperta de novo, gatinha — ele pediu antes de seguir para o outro seio. Não era fácil fazer aquele movimento com os músculos internos da vagina, mas eu consegui o apertar duas vezes seguidas, sentindo-o estremecer de prazer. — Porra, você me deixa doido, Luna.

Eu amava quando ele me chamava pelo nome na hora do sexo, como seus olhos ficavam vivos, o cenho se transformava com as sobrancelhas franzidas, a expressão concentrada no prazer que nós dois estávamos sentindo. Saber que eu o fazia ficar daquele jeito me deixava louca, tão excitada que sempre chegava um momento em que eu me perdia nas sensações e me concentrava exclusivamente nele até gozar. Foi isso que fiz, apoiando meus pés no colchão, comecei a quicar sobre o seu pau, sentindo-o me invadir profundamente, criando aquela pressão deliciosa que se concentrava no baixo ventre e descia até o meu clitóris excitado, que ele começou a tocar só para me enlouquecer.

— Ai, Caio! — Precisei exclamar, arranhando sua nuca e colando meu rosto ao dele. Ele mordeu meu lábio inferior e esfregou meu clitóris com o polegar, enquanto me guiava para cima e para baixo com a outra mão em minha cintura. — Quero que você goze comigo.

— Só estou esperando você, gatinha, sei que está quase lá — sussurrou com os lábios entre os meus, compartilhando o ar, o tesão, o prazer, tudo

comigo. — Goza bem gostoso do meu pau, amor, vem...

E eu fui, fechando os olhos e sentindo o orgasmo explodir lá embaixo e me deixar louca, gemendo e rebolando sobre o seu colo, enquanto o sentia vir comigo. Caio me beijou na boca com ferocidade ao gozar, empurrando o quadril de encontro ao meu e me enchendo com o seu esperma, seu pau pulsando junto com as minhas paredes vaginais.

Só parei de rebolar sobre o seu membro quando senti meus movimentos ficarem lânguidos com aquela sensação pós-orgasmo que me deixava mole de encontro ao seu corpo. Ele sorriu entre os meus lábios e acariciou a língua na minha em um beijo calmo e cheio de paixão, me fazendo sorrir também.

— Quero acordar assim todos os dias.

— Você não tem pena dessa preciosidade que eu carrego no meio das pernas? Acha que ela vai aguentar o Caio B. Júnior duas vezes por dia?

— Duas vezes é o mínimo, gatinha — ele disse, levantando-se da cama comigo no colo. — Quando morarmos juntos definitivamente, o Caio Júnior vai viver dentro dela vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Você é muito iludido mesmo! E quem disse que eu vou morar com você?

— O seu pai. Esqueceu que eu conversei com ele sobre a possibilidade de você morar no meu apartamento em Goiânia?

— Você e o meu pai se tornaram amiguinhos demais para o meu gosto — falei com falsa desdém, soltando um gemidinho quando a água daquele chuveiro maravilhoso caiu sobre nós dois.

— Meu sogro me ama, assim como minha sogra, minha cunhadinha e você... Enfim, só não me ama, quem não me conhece ainda.

— Já falei como o seu ego é insuportável, *advogado*?

— Agora ele é insuportável? Ele parecia ser maravilhoso enquanto você quicava sobre ele minutos atrás...

Caio me colocou no chão no momento em que minhas mãos começaram a dar tapinhas fracos em seus braços, enquanto ria da minha cara.

— Você não vale nada!

— Isso já não é mais novidade, gatinha — disse ele, encostando-me contra a parede e descendo o nariz pelo meu pescoço. — A minha sorte, é que você me ama mesmo assim.

Eu amava mesmo, não tinha como negar.



Depois do café da manhã, Caio precisou se trancar no escritório para fazer uma vídeo-chamada com um cliente e eu aproveitei para ir ao meu espaço favorito em sua casa — depois do seu quarto e do banheiro. Toda vez que encarava o pequeno ateliê que ele havia feito para mim, eu ficava emocionada, ainda que já tivesse me acostumado com cada detalhe. Durante as últimas semanas, passando mais tempo aqui do que na minha própria casa, eu havia transformado aquele lugar no meu mundo. Ao canto, havia colocado uma arara para pendurar os dois vestidos que já estavam prontos e ao seu lado, estavam os dois bustos que Caio havia me dado, um com o molde ainda em papel e o outro já com um vestido para ser finalizado.

Não era fácil confeccionar uma roupa do zero sozinha, mas eu acabava transformando cada dificuldade em um desafio e isso me motivava a continuar, mesmo quando eu ficava cansada demais e pensava em desistir para partir para uma nova peça. Aquela era a minha verdadeira paixão e eu não estava disposta a deixar que nada me desanimasse, muito pelo contrário. Aproveitando o engajamento que eu tinha no *Instagram*, acabei criando uma outra conta na rede social e a nomeei de *Luna's Collection*, onde eu compartilhava um pouco do trabalho que vinha fazendo no ateliê. Eu não pensei que a ideia daria tão certo, mas eu já estava chegando na casa dos dez mil seguidores e muita gente mandava mensagem perguntando quando eu iria lançar a coleção, se iria vender em alguma plataforma *online* e até mesmo se eu aceitava encomendas.

Eu tinha plena consciência de que seria inviável começar a vender as roupas, pois eu trabalhava sozinha e algumas peças demoravam semanas para ficarem prontas, mas, conversando com Caio, comecei a alimentar uma ideia de colocar realmente as peças à venda quando toda a coleção estivesse pronta. Seria uma peça de cada modelo, é claro, mas eu via isso como uma estratégia de *marketing*, pois cada cliente teria uma roupa exclusiva, afinal, minha produção não era em grande escala. Eu estava ansiosa para colocar tudo em prática, mas, antes, eu precisava me concentrar em tirar cada ideia do papel e transformar em roupas, por isso, comecei a me dedicar cem por cento na confecção de cada uma.

Eu vinha trabalhando muito bem, mas minha inspiração tinha me

surpreendido nos últimos dias e me peguei desenhando algo que nunca imaginei que faria o meu estilo: um vestido de noiva. A ideia para aquele modelo havia surgido em minha mente no dia em que Ramon pediu Gabi em casamento na semana passada e praticamente consegui visualizá-la dentro dele. Talvez ela não gostasse do vestido, mas eu precisava o colocar no papel e foi isso que fiz. Dividi o meu tempo entre fazer os moldes para a próxima peça da minha coleção e rascunhar o vestido de noiva, até ter certeza que era realmente aquilo que queria, em seguida, montei o *croqui*. Agora estava aqui, sentada de frente para ele em minha mesa, tentando imaginar qual seria a reação de Gabi ao vê-lo.

— Ei, gatinha, terminei a minha reunião. O que acha de irmos almoçar na casa do Ramon? — Caio perguntou ao descer as escadas da academia, me olhando com aquele sorriso de menino arteiro que eu amava.

— Eu acho que você é muito cara de pau, mas isso nem me surpreende mais.

— Eu tenho certeza que Ramon anseia pela nossa presença todos os dias, apesar de não admitir.

— Mesmo? Eu acho que daqui a pouco ele vai proibir a sua entrada na fazenda — falei enquanto me levantava e colocava o *croqui* dentro de uma pasta.

— Só a minha? Por que não a sua também?

— Porque eu ainda moro lá.

— Disse bem, *ainda* — disse, puxando-me para os seus braços. — Em breve, vai morar comigo.

— Eu ainda não aceitei a sua proposta, *advogado* — brinquei, pois, apesar de não ter dito “sim” oficialmente, ele sabia muito bem qual era a minha resposta.

— O que eu preciso fazer para te convencer?

— Não sei, mas prometo pensar em algo bem maravilhoso.

— Eu pensei que o bônus de me ter pelado andando pelo apartamento seria o suficiente — disse com uma carinha triste, que me arrancou uma risada.

— Eu já tenho você pelado aqui.

— Mas lá seria todos os dias — falou bem sensual, descendo as mãos pelo meu corpo. — O apartamento é bem grande, já imagino nós dois marcando cada cantinho dele. Vou te comer no sofá, no chão da sala, no quarto, na bancada da cozinha, na sacada do apartamento...

— Na sacada? Que horror! — falei com falso espanto, já ficando excitada

e cheia de expectativa.

Caio sorriu e passou o nariz pela minha bochecha e a linha do maxilar até chegar ao pé do meu ouvido, onde sussurrou:

— Claro, pensa bem, você vai estar observando a movimentação lá embaixo, usando um vestido bem curtinho e aquela calcinha indecente, então, eu vou chegar por trás e te abraçar, levantar o vestido e enfiar minha mão discretamente embaixo dele, até colocar a calcinha de lado e tocar essa bocetinha, enquanto beijo o seu pescoço... — Ele parou quando eu estremeci e precisei morder o lábio ao imaginar tudo aquilo, fechando os olhos. — Vou te deixar bem molhadinha para mim e quando estiver me implorando para gozar, vou descer o zíper da minha calça, colocar o pau para fora e meter bem gostoso dentro de você, enquanto o pessoal lá embaixo nem imagina o que estaremos fazendo. Promete que não vai gritar muito? Não podemos chamar a atenção dos vizinhos.

Eu pensei em responder em voz alta, mas não consegui e apenas assenti com a cabeça, me sentindo muito excitada e com a calcinha molhada ao imaginar tudo aquilo. Aquela era uma limitação que ainda existia entre nós dois, eu não conseguia aceitar muito bem quando ele me abraçava por trás, principalmente na hora do sexo, mas eu estava trabalhando para superar aquele trauma. Ouvir a sua voz sussurrando em meu ouvido como queria fazer sexo comigo naquela posição, só me deixava mais ansiosa para me sentir completamente livre e confiante de que esse momento estava cada vez mais perto. Não sabia se ele estava falando tudo aquilo propositalmente ou se não tinha sido com aquela intenção, mas, com certeza, havia mexido em algo bem profundo dentro de mim — e que ia muito além do sexo.

— Quero viver isso logo com você — sussurrei ao sentir os seus beijinhos em meu pescoço até chegarem em meus lábios, onde ele deu um selinho longo antes de me olhar com intensidade.

— Nós vamos viver, gatinha. Vamos viver tudo o que temos direito e seremos muito felizes, eu prometo a você.

— Eu acredito em cada uma das suas promessas, *advogado*.

Ele sorriu parecendo estar muito feliz com a minha resposta e me deu um beijo cheio de emoção, que me deixou sem fôlego. Minutos depois, deixamos a sua casa e fomos direto para a fazenda, ouvindo música e conversando sobre meu pai e minha mãe. Eles ainda não estavam oficialmente juntos, mas peguei os dois aos beijos na cozinha quando cheguei em casa no final da tarde dias atrás. Não deixei que me vissem, mas observei tudo por alguns

segundos sentindo a paixão dos dois me invadir em ondas invisíveis, como era antigamente.

— Eu não entendi muito bem por qual motivo eles se separaram. Parecem se gostar tanto — Caio comentou, entrando na fazenda.

— Eles brigavam muito, era o típico casal que vivia entre tapas e beijos. Eles nunca brigavam na minha frente ou na frente da Fê e também não viviam aos gritos nem nada assim, mas como eram muito diferentes, acabavam entrando em choque. Segundo meu pai, o amor deles é do tipo que tem que ser vivido na maturidade, então, espero que se deem uma nova chance e que dê tudo certo dessa vez.

— Eu também espero, assim fica todo mundo feliz, seu pai e sua mãe, Ramon e Gabizinha, eu e você... — falou, inclinando-se para me beijar depois de estacionar o carro em frente ao casarão. — Eu só vejo vantagens.

— Eu também. Antes de sairmos, deixa eu te mostrar uma coisa — falei, abrindo a pasta que havia trazido comigo e dando em suas mãos. — Eu fiz para Gabi, você acha que ela vai gostar?

Caio ficou encarando o *croqui* por alguns segundos e eu esperei em expectativa, ansiosa. Abrindo um sorriso, ele me encarou.

— É lindo, gatinha! Tenho certeza que ela vai amar. Já falei o quanto você é talentosa?

— Hoje ainda não — brinquei.

— Você é talentosa *demais*! O mundo da moda que se prepare, pois você vai chegar quebrando todas as barreiras. Agora, eu preciso perguntar uma coisa muito séria...

— O quê?

— Quando vai fazer o *seu* vestido de noiva?

Eu olhei bem dentro dos seus olhos azuis maravilhosos, observando a sobrancelha arqueada e um sorrisinho no canto dos lábios, enquanto sentia meu coração falhar dentro do peito. Quase engasguei com a saliva e senti minhas mãos suarem, no entanto, forcei uma risada e consegui, por mais incrível que pudesse parecer, responder com certa tranquilidade:

— Quando eu for pedida em casamento.

Dando um beijo rápido em seus lábios, eu tirei o cinto, peguei a pasta das suas mãos e saí do carro, sentindo meu coração recuperar a sua força e bater muito rápido em meu peito. Ai, meu Deus! Por que Caio havia me perguntado aquilo? Será que estava planejando me pedir em casamento? Eu senti vontade de dar uma leve surtada, mas consegui me segurar e o abracei

pela cintura quando saiu do carro e me alcançou, subindo as escadas junto com ele para entrar no casarão. Eu não sabia se conseguiria aguentar ser pedida em casamento por ele.

Com toda a certeza, eu iria morrer e perder a chance de me casar com o meu *advogato*!



Capítulo 40

Caio

Porra, eu estava nervoso!

Enquanto tentava fazer um nó decente na gravata de seda em frente ao espelho do quarto de hóspedes da fazenda de Ramon, deixei que meu cérebro corresse pelos últimos dois meses para ver se eu parava de suar frio e conseguia me distrair da ansiedade que me golpeava. Não adiantou de muita coisa, porque, ao invés de eu me lembrar da satisfação que senti ao saber que o desgraçado do Enzo havia sido condenado há mais de trinta anos de prisão e do orgulho que eu sentia da minha gatinha por ter conseguido um estágio para o ano que vem no ateliê de renome que havia trabalhado com ela no vestido de noiva de Gabi, só consegui focar na ideia incrível que eu tive no dia em que perguntei quando ela desenharia o seu vestido de casamento.

Desde então, eu vinha me controlando para não agir como um louco ao redor dela, pois a minha vontade era falar: “amor, você vai ter uma puta surpresa no casamento da Gabi”. Descobri durante esses meses, que eu era péssimo em guardar segredo, mas muito bom em *fingir* que eu não estava guardando um segredo, pois Luna não parecia ter notado a minha ansiedade. Vivi ao seu lado como se nada demais estivesse acontecendo, a apoiando na criação da sua coleção, que ficaria pronta no início do ano que vem, fazendo planos para quando nos mudássemos para Goiânia, indo com ela até a faculdade para que se matriculasse, comemorando ao seu lado quando a dona do ateliê de costura a contratou.

A mulher ficou encantada com o talento da minha gatinha e quase não acreditou que ela ainda não estava na faculdade e que estava montando uma coleção sozinha. Disse que não poderia deixar que um prodígio como ela saísse debaixo dos seus olhos e a chamou para iniciar um estágio no ateliê quando entrasse para a faculdade no próximo ano. Nem era preciso dizer que

todos nós morremos de orgulho de Luna e que ela quase surtou de felicidade com a proposta, aceitando sem pensar duas vezes. Seria muito bom que ela aprendesse tudo na teoria e na prática, sem contar que era um ateliê de renome, só faria com que ela crescesse como profissional e ficava bem perto do meu apartamento em Goiânia e a caminho da sua faculdade. Era perfeito!

O que não estava ficando perfeito, era o maldito nó na gravata! Frustrado, a deixei em cima da poltrona e passei a mão pelo cabelo perfeitamente alinhado, ouvindo um gemido de espanto atrás de mim e tomando um susto.

— Não faça isso, pelo amor de Deus! Sabe quantas horas eu levei para arrumar o seu cabelo? — Luna perguntou ao entrar no quarto.

Eu ainda não havia me acostumado com a sua beleza naquele vestido rosa colado ao corpo, que estava me deixando cheio de tesão. A ansiedade também não ajudava a esfriar o sangue em minhas veias.

— Você levou apenas dez minutos, gatinha — falei, vendo seus olhos se revirarem quando chegou perto de mim.

— Dez minutos no seu relógio. Cadê a sua gravata?

— Ali em cima — apontei para a poltrona e ela pegou a gravata rosa nas mãos, da cor do seu vestido. Achava uma graça aquele lance de combinar as cores nos casamentos. — Por um momento, eu achei que só iria te ver na hora da cerimônia junto com a Gabi.

— Bobinho, até parece que eu deixaria você se arrumar sozinho. Eu sou uma namorada dedicada — disse ela, caprichando nó em meu pescoço.

— E gostosa. Já falei como você está deliciosa nesse vestido?

— Esse adjetivo você ainda não tinha usado.

— Você está — falei, passando as mãos pela lateral do seu corpo até parar na altura dos seios, que eu apertei. Porra, ela estava sem sutiã e eu pude sentir os mamilos ficarem duros sob o meu polegar. — Será que dá tempo de darmos uma rapidinha? O Caio *Big* Júnior quer saber qual é a cor da sua calcinha e se enfiar dentro dela.

Ela abriu a boca para responder, mas um punho esmurrando a porta do quarto a impediu de falar e assustou a nós dois.

— *É óbvio que não dá para você dar uma rapidinha faltando cinco minutos para a porra do meu casamento, Caio, a não ser que você sofra de ejaculação precoce!*

— Ai meu Deus, que vergonha! — Luna sussurrou em meio à uma risada e eu gritei:

— Seu empata foda do caralho! Pode nos dar licença? Estamos em um

momento íntimo!

— *Depois da cerimônia vocês podem voltar a ficar íntimos, agora eu preciso do meu casal de padrinhos ao meu lado no altar!*

— Vamos logo, antes que eu não consiga mais olhar na cara do Ramon — Luna pediu, puxando-me pela gravata para sussurrar perto da minha boca: — Mais tarde a gente volta aqui e termina o que começamos.

— Porra, gatinha, agora eu vou ficar de pau duro durante toda a cerimônia, pensando na cor da sua calcinha.

Ela me deu um sorriso safado e disse lentamente:

— Ela teria uma cor, se eu estivesse usando uma.

Sem me dar chance de resposta, ela me puxou pela mão até a porta e eu fui aos tropeços, tentando assimilar o que ela havia me dito enquanto meu cérebro entrava em curto-circuito. Pensei em perguntar se ela havia dito aquilo mesmo que eu *achava* que tinha entendido, mas a danada abriu a porta e demos de cara com Ramon nos esperando do lado de fora, todo engomadinho em um terno claro e o cabelo alinhado.

— Vou dar uma última olhada na Gabi e encontro vocês lá embaixo, tá bom? — ela disse, me dando um beijo rápido e escapando pelo corredor até a suíte máster, onde Gabi estava se arrumando com uma equipe de profissionais de beleza.

— Eu que vou casar e você que fica com cara de assustado? — Ramon perguntou, me fazendo sair do transe.

— Você já sentiu medo de enfartar em algum momento ao lado da Gabi?

— A pergunta certa é: em qual momento eu *não* senti medo de enfartar ao lado da Gabi?

— Acho que você precisa me passar o número do seu cardiologista. Não vou durar muito tempo ao lado da Luna, tenho certeza — falei enquanto caminhávamos pelo corredor, passando a mão sobre o meu peito, onde meu coração quase sofria uma síncope.

— Vou fazer isso após a minha lua de mel. Aproveito e procuro também algum médico especialista em prótese peniana para ver se você dá um *up* no que tem no meio das pernas.

— Que porra é essa?

— Eu que pergunto. É tão pequeno assim que você precisa chamar de Caio Júnior?

Olhei chocado para Ramon e ele riu da minha cara.

— É Caio *BIG* Júnior, seu idiota! Fale o nome todo e respeite o meu pau,

antes que eu te jogue escada abaixo.

— Você não faria isso, até porque, precisa que eu me case para que coloque o seu plano em prática.

— Um meio para um fim, Ramonzinho, nunca ouviu falar isso?

O babaca riu e saímos do casarão, encontrando muitos convidados do lado de fora. A banda ao vivo já tocava para os entreter e o *buffet* já servia petiscos e bebidas — ainda sem álcool. Estava cumprimentando alguns amigos quando Luna apareceu ao meu lado e a cerimonialista pediu para que nos acomodássemos em nossos lugares no altar. Os próximos minutos foram emocionantes, principalmente quando Gabi entrou ao lado de Abraão, que a levava com orgulho até o altar para se casar com Ramon, o cara que, um dia, foi o seu maior inimigo. As voltas que a vida dava eram surpreendentes. Em dado momento, enquanto o Juiz de Paz falava, eu me virei discretamente para Luna e perguntei:

— Você está mesmo sem calcinha?

Suas bochechas ficaram vermelhas e seus dedos apertaram os meus.

— Estamos no meio da cerimônia, Caio!

— Eu sei, mas eu preciso saber, ou vou aproveitar todas essas flores e pedir para que façam o meu velório aqui mesmo.

— Olha, Ramon vai falar os votos — ela sussurrou com um sorriso travesso e eu passei a mão pela sua cintura discretamente.

— Conta pra mim, gatinha, não me tortura dessa forma. Eu sou muito novo para morrer.

Luna me olhou dentro dos olhos com aquele sorriso safado nos lábios, as bochechas coradas e sussurrou muito baixinho:

— Estou.

Ah, merda! Acho que tonteei, mas lutei para me manter firme e apertei a sua cintura, cerrando os olhos para poder prender toda a sua atenção em mim e esquecer o resto do mundo.

— Você vai pagar por isso, pequena! Quando essa cerimônia acabar, vou te levar para o primeiro cômodo vazio que eu encontrar no casarão, levantar o seu vestido, abrir as suas pernas e te foder bem forte. Vai ficar melada com a minha porra durante todo o casamento, só para lembrar que está sem calcinha — sussurrei bem devagar, vendo seu sorriso desaparecer para que ela mordesse o lábio inferior e seu corpo estremecer de tesão de encontro ao meu.

Não esperei pela sua resposta, só voltei a olhar para frente no momento em

que Gabi começou a falar os votos, toda emocionada, enquanto meu pau sofria com o tesão dentro da cueca. A cerimônia terminou quinze minutos depois e eu já estava planejando levar Luna para dentro do casarão, quando os fotógrafos pediram para que ficássemos em alerta, pois tiraríamos fotos com os noivos em poucos minutos. Acho que a minha cara de desagrado se tornou evidente, pois Luna riu baixinho ao meu lado.

— Quero ver se você vai rir quando meu pau estiver bem enterrado nessa boceta nua, gatinha — falei, cheio de expectativa, mas fui frustrado pelas próximas duas horas.

Primeiro foram as fotos, que levaram boa parte do nosso tempo, depois fui interceptado por alguns amigos, inclusive Arthur e Marina, que tinham vindo de São Paulo especialmente para o casamento, depois minha mãe roubou Luna de mim e, por fim, veio a valsa dos noivos. Nesse meio tempo, só consegui comer e ao perceber que o momento da surpresa estava se aproximando, percebi que eu precisava tomar algo mais forte. Fui atrás de um dos garçons que estava circulando pelo lugar com uma garrafa de uísque na mão e pedi duas doses sem gelo, virando de uma vez só. Desceu rasgando a minha garganta, mas me deixou mais preparado para o que estava prestes a acontecer.

Eu sabia que a dança dos noivos seria emocionante, mas estava ficando nervoso e quase não consegui aproveitar. Ao final, Gabi e Ramon protagonizaram uma cena com um beijo romântico e eu respirei fundo, ouvindo a cerimonialista falar ao microfone que estava na hora da noiva jogar o buquê. A alguns passos de mim, vi Fernanda praticamente empurrar Luna para o meio das mulheres e minha gatinha me deu um sorriso nervoso, como se estivesse envergonhada demais para se meter entre as solteiras e brigar para ver quem seria a próxima se casar. Eu apenas ri e acenei, como se estivesse muito tranquilo e aproveitei o momento em que se misturou entre as mulheres para poder colocar o meu plano em prática.

Parei em um ponto estratégico ao lado do palco e um dos funcionários que estava ajudando com o som me deu um microfone. De onde eu estava, tinha uma visão privilegiada de Gabi de frente para mim e as mulheres atrás dela, esperando que jogasse o buquê. Gabizinha me deu um sorriso confiante e fez um gesto como se fosse jogar o arranjo de flores, enquanto todo mundo contava:

— Um...

Meu coração começou a disparar.

— Dois...

Senti um medo muito real de morrer ali mesmo.

— Três...

Dei-me conta de que, só naquele dia, eu tinha sentido que iria morrer umas duzentas vezes.

— E...

Ramon parou ao meu lado e apertou o meu ombro, não sabia se era para me dar força ou para me ressuscitar caso eu enfartasse.

— Já!

Como em que câmera lenta, todo mundo esperou que Gabi jogasse o buquê e a expectativa ficou no ar para ver quem pegaria o arranjo, mas ela se virou e abriu espaço entre as mulheres, tomando Luna pelo braço e entregando o buquê nas mãos dela. Minha gatinha ficou pálida e sem entender nada, os olhos arregalados, os lábios separados e franziu o cenho quando Gabi lhe disse alguma coisa, saindo da sua frente e me encontrando indo em sua direção. Respirando fundo, coloquei o microfone perto da boca e percebi que tinha esquecido cada palavra do discurso que havia escrito dias antes, mas não me importei. Deixei que o meu coração falasse por mim.

— Gatinha, eu sei que você não está entendendo absolutamente nada do que está acontecendo, mas eu juro que Gabizinha não ficou louca e que eu também não perdi a cabeça. Bom, acho que essa última parte está um pouco equivocada, pois nós dois sabemos que eu não tenho muita noção, que não tenho um pinga de vergonha na cara e que, no momento em que decidi que iria entrar na sua vida, deixei para trás o restinho de consciência que me mantinha nos trilhos e perdi completamente a minha cabeça por você, assim como o meu coração e a minha alma. Eu não fazia a menor ideia de que uma baixinha de cabelos coloridos teria um poder avassalador sobre mim. Nunca imaginei que a minha vida se transformaria completamente com a sua chegada. Você me trouxe alegria com essa língua afiada, que fala umas coisas que até Deus duvida, me trouxe carinho com a sua amizade sincera, amor com esse seu coração lindo e esperança sobre o futuro, sobre o que eu ainda pretendo viver ao seu lado.

Parei na frente dela, observando seus olhos marejados e a pontinha vermelha do nariz. Ao fundo, *She Will Be Loved*, do Maroon 5, começou a tocar e eu acariciei o seu rosto, secando a lágrima que molhou a sua bochecha.

— Eu cantei essa música para você na noite do nosso primeiro beijo. Na

época, eu a achei muito apropriada, porque eu queria que você entendesse que de qualquer forma, em qualquer circunstância, fosse aqui em Santo Elias ou no Xingu, você seria amada. E não importasse o tempo que levasse, eu iria esperar pacientemente até ter a chance de ser o homem escolhido pelo seu coração para poder te amar. E você me escolheu. Dentre tantos outros que poderiam ser o sortudo, você *me* escolheu, gatinha, assim como eu te escolhi. E eu não quero viver nem mais um minuto sem ser o homem que vai te amar para sempre, como minha amiga, meu amor, minha amante, minha namorada e minha esposa.

Luna colocou a mão na frente da boca e observou estupefata enquanto eu me ajoelhava aos seus pés e tirava do bolso uma caixinha com o anel que havia encomendado especialmente para ela. No centro havia um solitário de diamante e, em volta, pequenas pedrinhas preciosas, cada uma de cor, representando exatamente o que ela era. A minha pequena que havia colorido o meu mundo.

— Permita-me continuar ao seu lado, te amando e apoiando, sendo seu porto seguro e seu melhor amigo, aquele que vai comemorar cada uma das suas vitórias e secar cada uma das suas lágrimas, que vai acordar todos os dias com a missão de fazer de você a mulher mais feliz do mundo, como seu amigo, amor e amante. Como seu esposo. Aceita se casar comigo, minha pequena de cabelos coloridos?

Ela deixou o buquê cair no chão e passou as mãos pelo cabelo enquanto ria e chorava, como se estivesse completamente sem reação, até que eu ouvi, vindo lá do fundo do seu peito, a resposta que eu tanto queria e que tanto esperei durante aqueles dois meses:

— Sim! Ai, meu Deus, é claro que sim! Eu não acredito nisso! Sim, sim e sim!

Eu só tive tempo de colocar o anel no seu dedo antes de me levantar e sentir o seu corpo trombar contra o meu. Acho que bateram palmas, que gritaram, teve chuva de pétalas de rosas que Gabi insistiu em colocar quando contei a ela sobre o meu plano, mas tudo aquilo parecia muito distante. Apenas Luna, minha gatinha, minha futura *esposa*, importava para mim e era o centro do meu mundo naquele momento — e seria para sempre.

— Eu acho que vou morrer. Eu não acredito que você armou tudo isso e não me contou nada! — Ela disse aos prantos, escondendo o rosto em meu pescoço.

— Era uma surpresa. Você não gostou?

Seu rosto molhado pelas lágrimas entrou em meu campo de visão e uma expressão de deboche se misturou à sua feição emocionada.

— Olha o meu estado! Você acha mesmo que eu não gostei? Eu amei, ainda não acredito que isso tudo está acontecendo. É verdade mesmo? Ninguém vai entrar aqui falando que é pegadinha?

— É mais do que verdade, gatinha — falei, limpando suas lágrimas. — Eu amo você com tudo o que há em mim. Quero que seja minha esposa, mãe dos meus quinze filhos e que fique velhinha ao meu lado.

— Serão apenas dois filhos — ela fungou, me fazendo rir. — E você vai ficar velho antes de mim.

— Promete me ajudar com o andador quando eu não tiver mais força nas pernas?

— Só se você prometer que o Caio Júnior ainda estará de pé.

Eu gargalhei, agradecendo internamente pelo som estar alto e ninguém ter ouvido aquela putaria.

— Para você ele sempre ficará de pé, gatinha — murmurei, tomando seu corpo pela cintura. — Agora você já pode começar a desenhar o seu vestido de noiva. Já estou ansioso para te ver toda linda e depois o tirar do seu corpo na nossa noite de núpcias.

— Antes disso você precisa fazer amor comigo em um dos cômodos do casarão e aproveitar que eu estou sem calcinha, *advogado* — ela disse com um sorriso e os olhos repletos de lágrimas, me chocando com aquela ousadia. — Eu te amo muito, futuro esposo. Foi o melhor pedido de casamento do mundo!

— Eu te amo mais, futura esposa.

Nos beijamos de novo e, dessa vez, eu prestei atenção nas palmas que voltaram a soar, sentindo que todos a nossa volta partilhavam totalmente da nossa felicidade.



Capítulo 41

Caio

Três meses depois...

Observei meio atônito pela sacada do quarto de hóspedes a fazenda de Ramon tomar forma. Um arco de arame cercado por flores coloridas se transformou na porta de entrada para área onde seria feita a cerimônia e a festa do meu casamento. Meu *casamento*. A palavra brilhava com força suficiente em minha cabeça, a ponto de me deixar meio tonto e me fazer suar frio. Não estava com medo de me casar, Deus sabia que era o que eu mais queria na vida, mas, e se Luna desistisse?

— Filho? Está tudo bem?

Virei para trás e encontrei minha mãe já arrumada, tão linda que nem parecia real. Luna havia desenhado para ela um vestido maravilhoso em um tom azul pastel, assim como havia desenhado vestidos para sua mãe, sua irmã, Gabi e Cissa, que ficariam conosco no altar. Cada vestido tinha uma cor diferente, pois ela disse que queria um arco-íris nos abençoando em forma das mulheres que mais amávamos no mundo. Minha gatinha era perfeita.

— Acho que ele está prestes a desmaiar — disse Ramon, saindo do banheiro.

— E se Luna decidir que não quer mais se casar comigo? — perguntei que nem um idiota e Ramon riu.

— Ela estaria sendo sábia. Imagina ter que te aturar pelo resto da vida?

— Mãe, tampe os ouvidos, por favor — pedi, virando-me para Ramon. — Já mandei você se foder hoje, seu idiota?

O babaca continuou a rir da minha cara e ainda teve a ousadia de se aproximar. A sorte dele, era que eu estava nervoso demais para agir com violência e não queria amassar o meu terno.

— É óbvio que Luna não vai desistir, meu amigo. Não sei o porquê, mas ela é louca por você.

— É isso mesmo, querido! Minha nora te ama, ela está linda e muito ansiosa para te encontrar no altar.

— Sério, mãe? Qual é a cor do vestido? Ela disse que seria laranja e roxo e eu não consegui decidir se estava tirando uma com a minha cara ou se era verdade mesmo.

Minha mãe riu alto e pegou em minha mão.

— Ainda se fosse verde neon, ela continuaria linda, querido. Sua futura noiva é a mulher mais linda do mundo e eu estou muito feliz por você.

— Eu sei, mãe, eu também a acho a mulher mais linda do mundo, mas só queria ficar preparado para a visão que terei.

— Nada que eu disser vai te preparar, sinto muito. Agora vou atrás do seu pai, pois quero ter certeza de que ele estará perfeito no altar.

Dona Elizabete me deu um beijo na bochecha e outro na bochecha de Ramon, antes de nos deixar a sós no quarto. Apertando o meu ombro, Ramon tirou aquele ar debochado da cara e me deu o olhar sincero que sempre dávamos um ao outro quando queríamos dizer algo profundo.

— Eu estou muito feliz por você, meu amigo, e muito orgulhoso também. Durante todos esses anos de amizade, sempre estivemos um ao lado do outro, compartilhando os momentos mais importantes e difíceis e, agora, os mais felizes também. Será um privilégio estar no altar e testemunhar a sua união com Luna, principalmente depois de tudo o que ela passou nas mãos daquele desgraçado que não merece ser nomeado. Tenho certeza que vocês trilharão um caminho repleto de amor e felicidade, pois os dois merecem.

— Porra, Ramonzinho, assim eu vou chorar antes da cerimônia, cara! — falei, já precisando fungar para as lágrimas não caírem. — Ter a sua amizade é um presente, principalmente por eu poder usar a fazenda para me casar. Isso me poupou um bom dinheiro para poder passar um mês de lua de mel na Europa!

— Eu sempre soube que você só esteve ao meu lado durante todos esses anos por interesse, Caio!

— É claro, por que mais seria? Você é um pé no saco! — falei, arrancando uma gargalhada dele. — Obrigado, Ramon, por tudo.

— Sabe que sempre pode contar comigo.

Nós nos abraçamos bem forte, com direito a tapinhas nas costas e nos afastamos quando Gabi entrou no quarto praticamente sendo guiada pelo

barrigão de quase oito meses.

— Por que vocês ainda estão aqui? Está na hora de irmos para o altar, Luna já está pronta!

— Estamos indo, meu amor — Ramon disse, indo passar a mão pela barriga dela. O homem praticamente lambia a cria e o mini-cavalão nem havia nascido ainda. — Tem certeza que esse salto não está muito alto? Você não pode se cansar, Gabi.

— Ramon, Gabi está grávida, não doente, seu chato! — brinquei, recebendo um dedo do meio dele.

— Quero ver você falar isso quando Luna voltar grávida da lua de mel.

— Vire essa boca pra lá! Não posso engravidar a minha gatinha pelos próximos quatro anos, esse foi o nosso acordo. Primeiro ela precisa se formar na faculdade — falei, indo me olhar uma última vez no espelho, só para garantir que não estava nada fora do lugar. Meu terno era escuro, mas a camisa social rosa pastel havia dado um puta contraste, tudo obra da minha futura esposa, claro. — Estou bem?

— Na medida do possível.

— Ramon! — Gabi riu. — Primeiro, meu salto está muito confortável, amor. Segundo, você está maravilhoso, Caio. Agora vamos, se não o noivo vai chegar depois da noiva!

Saímos juntos do quarto e passei os próximos cinco minutos cumprimentando alguns convidados até finalmente chegar ao altar, onde encontrei minha mãe e meu pai já acomodados, Rosana com os olhos cheios de lágrimas, Fernanda com o seu vestido rosa — por insistência de Luna, claro — e Cissa, que me olhava como se eu fosse seu filho prestes a se casar. Ramon e Gabi tomaram os seus lugares e eu apertei as mãos atrás das costas, ansioso, com medo de minhas pernas fraquejarem a qualquer momento. Quando o instrumental de *True Colors*, de Cindy Lauper, começou a tocar e Luna apareceu no caminho de pétalas de rosas que a traria até mim, eu senti o meu coração falhar duas batidas.

Ela nunca esteve tão linda.

Seu cabelo rosa estava metade preso e metade solto, com ondas leves no comprimento e alguns fios na frente do rosto. Seus olhos brilhavam de emoção, seu sorriso me fez perceber que eu seria capaz de me apaixonar por ela por mais mil vezes ao longo dos anos e o seu vestido... Porra, era sensacional! O corpete firme era bordado com pequenas flores coloridas em tons pastéis, tinha mangas delicadas ombro a ombro e desenhava os seus

seios, marcando a sua cintura fina e se abrindo em uma saia rodada. Ela parecia uma princesa e estava prestes a se casar comigo. *Comigo!* Havia algum homem mais sortudo no mundo do que eu? Eu tinha certeza que não.

Fui em sua direção quando faltava poucos passos para que ela me alcançasse e apertei a mão de seu pai, que me fitava com os olhos emocionados.

— Estou te entregando um dos meus maiores tesouros, Caio, mas estou fazendo isso com o coração repleto de alegria, pois sei que você merece ser o homem que vai cuidar da minha filha de hoje em diante. Que Deus abençoe vocês.

— Obrigado, sogro!

Nós apertamos as mãos e ele deu um beijo demorado na testa de Luna, antes de entregá-la a mim. Eu não fiz questão de esconder a emoção que sentia e passei a mão pelo rosto dela, secando a lágrima solitária que escorreu pela sua bochecha.

— Você está linda, meu amor. É e sempre será a mulher mais linda do mundo para mim.

— Você também está lindo, *advogado*. Você já sabe que é o homem mais lindo do mundo mesmo, eu nem preciso falar.

Mesmo em meio a emoção, aquela danada conseguiu me arrancar uma risada e precisei me segurar muito para não a beijar na boca bem ali, antes mesmo de recebermos a permissão. Tomando a sua mão, fui com ela para frente do altar e os próximos minutos foram emocionantes, principalmente quando chegou a hora dos votos. Eu me declarava para Luna todos os dias, sempre de maneiras diferentes. Talvez ela não percebesse, mas a cada vez que eu falava “eu te amo”, deixava explícito que o meu coração era e seria para sempre completamente dela. E eu sentia o mesmo quando ela me respondia, ou quando me surpreendia com beijos quando acordávamos, com a sua mão em minha nuca enquanto eu dirigia, com o seu sorriso a cada vez que me encontrava. Pequenos gestos, geralmente, falavam muito mais do que qualquer palavra, no entanto, ao olhar em seus olhos naquele altar, prestes a me tornar o seu esposo, eu deixei que cada emoção transbordasse de mim enquanto falava os meus votos de casamento, aqueles que eu resolvi não escrever, pois sabia que iria esquecer tudo quando chegasse o momento de os proferir.

— Minha gatinha, hoje, enquanto via a fazenda do meu melhor amigo se transformar no lugar onde selaríamos a nossa união, percebi que se Deus

chegasse para mim com o Livro da Vida e me desse a oportunidade de escrever a minha história, eu não conseguiria imaginar algo tão singelo e perfeito quanto esse momento. Eu não teria o poder de preparar para mim uma história tão bonita quanto a que estou vivendo agora. É por isso que eu posso afirmar com todas as letras que Deus separou um minutinho do seu tempo tão precioso para pensar em cada detalhe da minha vida e me dar você de presente. Porque ter a oportunidade de te amar, de ser o seu esposo e o homem que vai acordar todos os dias ao seu lado pelo resto da nossa eternidade, é um presente que só Deus poderia ter reservado para mim. Eu te amo muito, minha pequena de cabelos coloridos, e prometo que vou continuar te amando para todo o sempre.

Eu consegui segurar as minhas lágrimas enquanto secava as dela, sentindo meu coração repleto de alegria. Respirando fundo, Luna olhou em meus olhos e sorriu, parecendo engolir o nó na garganta antes de começar a falar:

— Hoje quando acordei, fiquei me perguntando se, um dia, eu tive a ousadia de imaginar que estaria prestes a me casar com você. A resposta, é claro, foi não e isso me fez sorrir e chorar ao mesmo tempo, porque me dei conta de que Deus esteve o tempo todo esperando o momento certo para me surpreender com a sua chegada em minha vida. Você foi o primeiro homem que despertou sentimentos no meu coração quando eu ainda era uma menina e, mesmo que com o tempo eu tenha deixado esses sentimentos de lado, eles voltaram com força total no momento em que você disse que queria ser meu amigo. Ali eu não tinha entendido, mas aquele foi o começo da nossa história e eu sou grata por cada passo que demos até aqui. Você é o melhor homem do mundo, *advogado*, e o único que o meu coração seria capaz de amar. Obrigada por ser o meu porto seguro, por me amar com tanta intensidade e por ser o meu três A favorito. Eu te amo e prometo que vou continuar te amando para todo o sempre.

As lágrimas que eu havia segurado começaram a descer com força total enquanto cada uma das suas palavras tocava diretamente o meu coração. Colocamos as alianças com as mãos trêmulas e, assim que recebi a permissão para beijá-la, a deitei sobre o meu braço e tomei os seus lábios nos meus, selando o nosso amor e iniciando o nosso para sempre com Deus e todos os nossos convidados como testemunhas.



Nossa festa de casamento foi inesquecível e eu não consegui desgrudar de Luna nem por um segundo. Tiramos muitas fotos, dançamos, rimos, e, no final, voltamos para minha casa — ou melhor, *nossa* casa — esgotados. Ainda assim, antes de passarmos pela porta, eu a surpreendi e a peguei no colo ouvindo, sua risada muito animada por conta dos drinques que havia ingerido durante a noite.

— Você é tão romântico, *advogado* — ela disse, abraçando-me pelos ombros.

— Lembre-me de fazer isso quando chegarmos no nosso apartamento em Goiânia quando nos mudarmos.

— Vai querer que eu me vista de noiva de novo para podermos repetir o ritual?

— Com certeza! Vai ser um prazer tirar esse vestido lindo do seu corpo pela segunda vez.

Seu sorriso sumiu do meu campo de visão quando seus lábios encontraram os meus. Sendo beijado com muita emoção pela minha esposa, fui com ela em meu colo até o nosso quarto, ouvindo o seu suspiro quando a coloquei no chão. Eu havia decorado a suíte com pétalas de rosas brancas e pequenas luzes douradas em forma de velas, pois fiquei com medo de acabar colocando fogo na casa se comprasse velas de verdade. Para dar um efeito ainda mais real nas velas artificiais, comprei um aromatizador de ambiente para fingir que eram elas que estavam deixando o quarto perfumado. A abraçando por trás, dei um beijo em seu pescoço e sussurrei ao pé do seu ouvido:

— Queria que a nossa noite de núpcias fosse tão especial quanto o nosso casamento, gatinha.

Ela se virou em meus braços e puxou meu rosto em suas mãos, beijando de leve os meus lábios.

— É impressionante como você sempre pensa em tudo. Eu te amo tanto, *advogado*!

— Eu também te amo muito, pequena — falei, espalhando beijinhos pela sua bochecha até chegar em seu pescoço. — E agora será para sempre.

— Sim, para sempre.

Trouxe seu corpo para mais perto do meu e beijei a sua boca com

intensidade, já sentindo o tesão aquecer as minhas veias e acordar o meu pau dentro da cueca. Sempre ficava muito excitado com Luna, mas, daquela vez, resolvi fazer tudo bem devagar. Queria aproveitar a nossa primeira noite como marido e mulher. Deixei que sua língua acariciasse a minha enquanto passava a mão pela lateral do seu corpo, já pensando em lambar a pele nua da sua clavícula, mas ela me surpreendeu ao morder o meu lábio inferior e se virar de costas para mim.

— Chegou a hora de tirar o meu vestido, marido — sussurrou bem sensual, me deixando louco para deixá-la completamente nua.

Coloquei seu cabelo em cima do ombro e espalhei beijos pela sua nuca, enquanto desfazia o laço pequeno ao final do vestido e puxava a fita de seda branca do corpete, afrouxando a peça até que ela descesse pelos seus ombros. Aproveitando que ainda estava de costas para mim e que, agora, era mais tolerante quando eu a tocava ali, desci com beijos pela linha da sua coluna, enquanto empurrava o vestido para baixo e a deixava apenas com uma calcinha branca de renda, tão pequena que sumia entre as bandas da sua bunda deliciosa. Meu pau babou forte na calça ao ver a peça e Luna gemeu baixinho quando dei um beijo em cada nádega.

— Hoje eu percebi que tenho o coração muito forte, gatinha. Não morri quando te vi de noiva e nem ao ver essa calcinha minúscula — falei enquanto ela pulava para fora do vestido e se virava para mim. De frente a calcinha quase não tampava os lábios da boceta pequena. — Pelo amor de Deus, você é muito gostosa. Eu sou o homem mais sortudo do mundo!

— Eu que sou a mulher mais sortuda do mundo, marido — disse, desfazendo os botões da minha blusa. A gravata e o paletó eu já havia tirado há muito tempo.

Deixei que ela me despisse enquanto beijava a sua boca e subia minhas mãos para os seus seios, deixando os mamilos durinhos com o meu toque, ficando sedento por mais. Completamente nu, a peguei em meu colo e a levei para a cama, tirando suas sandálias e subindo com beijos pelo interior das suas pernas até chegar à *lingerie*, onde cheirei e lambi, já sentindo sua lubrificação molhar a renda. Ela gemeu e esfregou os quadris na minha cara, deixando bem claro o que queria e eu dei. Coloquei a calcinha de lado e dei uma boa lambida naquela boceta gostosa, que era a minha perdição, fechando os lábios sobre o clitóris excitado e sentindo a cabeça do meu pau doer e babar.

O corpo de Luna ondulou e ela se apoiou nos cotovelos para me olhar,

abrindo bem as pernas do jeito que sabia que me enlouquecia, mordendo o lábio e gemendo meu nome. Quando a penetrei com um dedo e toquei naquele nervo atrás do clitóris, ela estremeceu e rebolou, me deixando muito excitado, doido para meter nela.

— Quero você dentro de mim — ela pediu em um tom sôfrego, tocando em meu ombro e minha nuca.

Não consegui recusar o seu pedido, por isso, desci a calcinha pelas suas pernas e subi pelo seu corpo com beijos lentos e lambidinhas até chegar em sua boca, onde beijei com vontade, deixando que sentisse meu pau muito duro de encontro a sua bocetinha excitada. Ela rebolou sobre a cabeça melada e sensível, me fazendo gemer e perceber que eu precisava estar dentro dela, ou corria um sério risco de perder a cabeça e acabar gozando só com aquela fricção. Tomando sua cintura em uma mão e me apoiando sobre a outra, comecei a colocar o meu peso sobre o seu corpo, querendo que se deitasse para que eu pudesse penetrá-la, mas ela me deteve empurrando-me de leve pelos ombros.

— Quero de outro jeito — disse em um sussurro.

— Quer ficar por cima? Pode vir, gatinha, sabe que eu adoro quando você senta no meu pau — falei bem safado, arrancando um sorriso lindo dos seus lábios enquanto me deitava ao seu lado e tocava meu pênis.

— Não quero ficar por cima — disse e eu franzi o cenho, sem entender onde ela queria chegar.

— Como você quer então?

Dando-me um olhar cheio de sentimentos, ela se virou de costas para mim e colocou os cabelos espalhados pelo travesseiro, antes de virar um pouco a cabeça para me olhar por cima do ombro. Meu coração se acelerou no peito quando eu finalmente entendi.

— Meu Deus, gatinha... Você tem certeza?

— Nunca estive tão certa — ela murmurou com os olhos rasos d'água. — Eu venho me preparando para esse momento há meses, sei que estou pronta.

— Meu amor... — Eu me aproximei dela sem encostar meu corpo em suas costas e tomei seu rosto em minha mão, dando um beijo lento e cheio de emoção em seus lábios. — Eu sei o quanto esse momento significa para você.

— Eu também sei o quanto significa para você. Muito obrigada por ter me esperado, amor. Agora eu me sinto livre para ser sua de todas as formas.

— Eu esperaria o tempo que fosse necessário, gatinha. Obrigado por confiar tanto em mim.

— Eu sempre confiei em você, *advogado*. Você é o homem da minha vida.

Eu não imaginei que encerraria aquele dia ainda mais emocionado do que quando acordei. Fazer amor daquele jeito com Luna era algo que sempre almejei, não pela posição em si, mas por saber que, quando déssemos esse passo, ela estaria realmente livre das amarras que a prendiam. Eu sabia que aquele era um trauma que ela nunca esqueceria, mas esperava ansiosamente pelo momento em que ela conseguiria lidar com o meu toque sem o medo de avivar aquelas memórias. Esse dia havia chegado, não em um passe de mágica ou de uma hora para outra, mas depois de muitas conversas com a psicóloga, muito esforço e muito amor.

Lentamente, a abracei por trás e senti sua mão por cima da minha enquanto acariciava seu seio e sua barriga, indo para sua perna e a colocando por cima da minha, enquanto meu pau a tocava por trás. Fiz questão de fazer tudo bem devagar, para que ela sentisse que era eu e apenas *eu* atrás dela, seu marido, o homem que a amava mais do que tudo no mundo. Espalhei beijos pelo seu pescoço e quando cheguei ao pé do seu ouvido, sussurrei:

— Você é a mulher mais forte que eu conheço, meu amor, tenho tanto orgulho de ser seu marido, de ter a oportunidade de viver para sempre ao seu lado. Eu te amo muito, minha gatinha, muito mesmo.

Ela suspirou baixinho e se empinou para mim quando rocei a cabeça do meu pau pela sua bocetinha, até entrar em seu corpo. A penetrei lentamente, puxando seu rosto para perto do meu e beijando a sua boca, sentindo minhas lágrimas de emoção se misturarem às delas. Naquele momento, o tesão foi deixado de lado e o amor prevaleceu em sua forma mais sublime, abrindo as portas para o futuro maravilhoso que teríamos e deixando claro que a nossa cumplicidade, a forma como nos reconhecíamos dentro um do outro, duraria para sempre.



Caio

Sete anos depois...

Despertei com mãozinhas pequenas e delicadas dando tapinhas em meu peito, enquanto uma voz fininha invadia o meu ouvido.

— Papai, *acóda*! Papai, *acóda*!

Abri os olhos tentando segurar um sorriso, dando de cara com o sorriso animado de Nina. Assim que me viu acordado, ela pulou sobre o meu peito e me abraçou bem forte pelo pescoço.

— Papai, *acóda*. Vamos à *fazenda*!

— Quer ir à fazenda?

— Sim! — gritou com muito entusiasmo, levantando-se para pular na cama. Suas marias-chiquinhas estavam desengonçadas, mostrando que ela havia acabado de acordar. — *Quelo* vê Thomas!

— Você está muito agarrada com o mini-cavalo para o meu gosto.

— Claro, eles são praticamente irmãos — Luna disse saindo do banheiro enrolada em uma toalha. Precisei respirar fundo para não ficar de pau duro, pois a nossa filha de apenas dois anos e onze meses estava bem ali, pulando para cima e para baixo na cama.

— Irmãos, sei. Quero ver se vão continuar a agir como irmãos quando tiverem quinze anos!

— Amor, pelo amor de Deus, você está na casa dos quarenta já. Se continuar assim, seu coração vai começar a falhar.

Cerrei os olhos para ela ouvindo a sua risada, enquanto Nina ria junto mesmo sem entender nada.

— Você está falando isso, porque sabe que não posso fazer nada agora — falei, apontando para Nina com a sobancelha. — Mas vai me pagar por isso mais tarde, gatinha.

— Mal posso esperar, *advogado*.

— *Adíogatu! Adíogatu!* — Nina disse rindo e apontando para a minha cara, soltando um gritinho quando a derrubei na cama e comecei a lhe fazer cócegas na barriga.

— É o que, mini-gatinha? Repete para o papai!

— Ai, *adíogatu*, para! Mamãe, *aúda* eu!

— Sua mãe não vai ajudar, agora você está presa com o papai para sempre!

Ela riu mais e eu não aguentei, comecei a espalhar beijos por aqueles bracinhos ligeiros e aquele rostinho que eu amava, antes de deixar que saísse correndo para fora do quarto. Aproveitando aqueles minutinhos sozinho com a minha esposa, levantei-me da cama e a puxei para os meus braços, acariciando sua cintura por cima da toalha.

— Quanto mais o tempo passa, mais Nina fica parecida com você.

— Comigo? Já se olhou no espelho? Eu a carreguei por nove meses e ela nasceu a sua cópia!

— Fisicamente, sim, mas ela tem o seu jeitinho lindo — falei, dando um beijo em sua boca. — Nem acredito que finalmente estamos de férias. Será que Ramon se importaria em ficar uma semana com a Nina pra gente poder ficar trancados em casa e foder que nem coelhos?

— Meu Deus, é impressionante como você não vale nada! Não sei como ainda me surpreendo!

— Mas fala a verdade, você sente falta de me ter andando pelado pela casa e tocando no Caio B. Júnior sempre que tinha vontade.

— Sim, eu sinto, mas ainda bem que tenho o privilégio de tocar nele todas as noites — disse baixinho, passando a mão pelo meu pau por cima da calça do pijama.

— Se continuar a fazer isso, vou te arrastar de volta para o chuveiro.

— Vamos fazer isso mais tarde, *advogado*. Agora eu preciso dar um banho na sua filha que, aliás, já sumiu das nossas vistas.

Dando-me um beijo rápido, ela tirou a toalha exibindo aquele corpo maravilhoso e sumiu dentro do closet, me deixando semiereto e sozinho no quarto. Sabendo que não daria para dar uma rapidinha com a minha esposa, pois nossa filha havia acordado mais cedo do que o previsto, fui para o banheiro tomar um banho. Debaixo do chuveiro, acabei sorrindo de felicidade, pois, apesar de ter sido privado de sexo naquela manhã, eu ainda era o homem mais sortudo do mundo.

Os últimos anos tinham sido maravilhosos! A primeira coleção de Luna foi um sucesso e ela passou de estagiária para estilista contratada do ateliê em poucos meses, assinando com eles sua segunda coleção, que veio com mais força no mercado. Enquanto isso, se dedicou à faculdade e se formou com louvor, quase na mesma época que Rosana, que havia mesmo reatado com o pai de Luna e finalmente decidido que iria cursar Gastronomia. Com isso, eles acabaram se mudando definitivamente para Goiânia, onde moravam até hoje. Agora, minha sogra era dona de um restaurante aconchegante na capital

e vivia um conto de fadas com o meu sogro, mostrando realmente que o amor deles era para ser vivido agora e não no passado.

Assim que pegou seu diploma, minha gatinha descobriu que estava grávida e passou a gestação tentando decidir se abria o seu próprio ateliê ou se aceitava a proposta de assinar uma nova coleção com o ateliê para o qual trabalhava. Eu acreditava muito no potencial de Luna, sabia que poderia ir muito longe se fosse dona do seu próprio negócio, por isso, a incentivei a recusar a proposta e a ajudei no planejamento do ateliê *Luna's Collection* que, hoje, era uma marca de renome em todo o Brasil e, em breve, do mundo. Ela já havia assinado coleções para grandes marcas brasileiras e, agora, estava estudando a proposta que havia recebido de uma marca inglesa, que estava interessada em fazer uma parceria com ela. Como havíamos entrado oficialmente de férias no dia anterior, ela tinha algumas semanas para poder enviar a resposta, mas eu já tinha certeza de que iria aceitar.

Eu, claro, era seu advogado e acabei encerrando contrato com a maioria dos meus clientes, ficando apenas com Emanuel Tavares, Antônio Carvalho e, é claro, meu eterno Ramonzinho que quanto mais velho ficava, mais chato se tornava — apesar de Gabizinha não concordar comigo. Nesse meio tempo, fixamos residência em Goiânia por conta do trabalho de Luna e compramos uma boa casa por lá, deixando nossa casa de Santo Elias para quando viéssemos nos finais de semana e nas férias. Transformamos o meu escritório em um quarto para Nina para não ter que fazer obra na casa e fizemos desse lar o nosso refúgio da agitação da cidade.

Todos os dias eu agradecia a Deus pela vida perfeita que eu tinha e pela família maravilhosa que havia formado com a minha gatinha. Claro que, como qualquer casal, tínhamos os nossos desentendimentos, mas nunca dormíamos brigados, era o nosso pacto. No final, a reconciliação era sempre maravilhosa. Terminei de me arrumar no closet e encontrei Nina já arrumada sentada em sua cadeirinha de refeição, tomando uma mamadeira. Ao me ver, ela sorriu e esticou os bracinhos, me pedindo colo e, claro, como o bom cachorrinho que eu era para ela, a peguei.

— Papai, eu não *quelo* mais *mamadeira*, eu sou *adúta*.

— Quem disse que você é adulta?

— Eu! — apontou para si mesma com orgulho.

— Filha, você é a bebê do papai, vai demorar muito para ficar adulta.

— Mas eu *quelo sê adúta* pra *pintá* o cabelo que nem a mamãe!

Luna riu enquanto guardava um copo no armário e eu olhei para ela e seu

cabelo, que, agora, estava loiro e quase batia na cintura. Ela havia decidido tirar a cor lilás que estava por todo ele meses atrás, mas disse que já estava pensando em pintar de rosa de novo. Quando Nina ouviu, só faltou vomitar arco-íris.

— Não precisa ser adulta para pintar o cabelo, meu amor. A mamãe vai pintar o seu quando pintar o meu, tá bom?

— *Veidade*, mamãe?

— Verdade! Mas só as pontinhas.

— Oba! O Thomas vai *gostá*! A gente pode *pintá* o dele também?

— Com certeza. Seu dindo Ramon vai adorar! — falei em meio a uma gargalhada.

— A gente pinta o dele também! E o seu, papai!

— O meu? De que cor?

— Rosa! *Poique* rosa é a cor mais linda do *mundu*!

Ela se remexeu para descer do meu colo quando ouviu a música do seu desenho favorito na TV e Luna riu da minha cara.

— Você vai ficar lindo de cabelo rosa, amor.

— Eu sei, eu sou lindo de qualquer jeito, gatinha. É sério que vai pintar o cabelo dela? Não faz mal?

— Vou fazer com papel crepom e só nas pontinhas — disse, ficando na ponta dos pés para me beijar. — Fica de olho nela? Preciso me arrumar.

— Quer ajuda para tirar a minha camisa desse corpinho gostoso?

— Mais tarde você me ajuda, quando a Nina estiver dormindo.

Ela soltou um gritinho quando dei um tapinha em sua bunda e sumiu das minhas vistas segundos depois.



Chegamos à fazenda de Ramon perto do almoço e o encontramos na varanda junto com Gabi e Thomas, que veio correndo em nossa direção quando tirei Nina do carro. Se abraçaram bem forte, ele todo alto com o seus seis anos e alguns meses de idade e ela uma princesinha. Meu coração bateu forte ao ver os dois juntos. A verdade era que eu implicava, mas, se por um acaso eles viessem a se tornar um casal no futuro, eu iria adorar.

— Cadê o meu abraço? — perguntei e ele se jogou contra o meu corpo. Baguncei seus cabelos enquanto ouvia a sua risada. — Estava com saudades

do meu mini-cavalo!

— Também estava com muitas saudades, dindo! O senhor viu o vídeo que minha mãe te enviou no *WhatsApp*? Eu ajudei a domar o filho do Trovão!

— Eu vi, estou muito orgulhoso de você!

— E eu também — Luna disse o puxando para um abraço. — Meu Deus, você não para de crescer? Está quase do meu tamanho!

— É que eu sou forte e alto que nem o meu pai, dinda! — falou cheio de orgulho, enquanto nos encaminhávamos para a varanda, onde Nina já estava sendo paricada por Gabi e Ramon.

Nos cumprimentamos com abraços e vi quando Gabi e Luna começaram a cochichar daquele jeito só delas, cheias de confidências, antes de se abraçarem de novo com um sorriso. Logo me dei conta de que Luna deveria estar compartilhando com ela a proposta da marca inglesa e me foquei em Ramon, vendo as crianças correrem para dentro do casarão.

— O que a Cissa fez de bom para mim hoje? — perguntei.

— Para você, nada, ela cozinhou especialmente para a minha afilhada e para Luna — Ramon disse com falsa desdém, rindo da minha cara quando dei um soquinho em seu ombro.

— Babaca, você sabe que a Cissa não vive sem mim.

— Pior que eu sei mesmo. Inclusive, ela só estava esperando vocês chegarem para colocar o almoço na mesa, vamos?

As meninas se aproximaram de nós dois e eu puxei Luna pela cintura para podermos entrar. Encontramos Cissa com Nina no colo, que falava sem parar e Thomas do lado delas, prestando atenção em tudo. Assim que nos aproximamos, ela disse:

— Mamãe, papai, não é *veidade* que eu vou *pintá* o cabelo?

— Sim, é verdade — falei.

— Viu! E a minha mamãe disse que o papai, o *didu Ámon* e o Thomas vão pintar também!

— Vamos? — Thomas perguntou com os arregalados.

— Sim, de rosa! — minha filha disse.

Assustado, Thomas se virou para Gabi e tocou no braço dela.

— Mãe, eu sei que a senhora me ensinou que não existe cor de menino e cor de menina, mas eu não gosto de rosa.

— Mas rosa é a cor mais linda do *mundu*! — disse Nina indignada.

— Não posso pintar de azul?

— Não! Azul é feio!

— Azul é a cor do céu. Você acha o céu feio? — Gabi perguntou e Nina arregalou os olhos, pensando seriamente em uma resposta para aquela pergunta.

— Eu acho o céu lindo — ela disse.

— Então, Thomas quer pintar o cabelo da cor do céu.

— Isso, Nina, aí nós dois vamos ficar com o cabelo colorido, só que cada um de uma cor! — Thomas disse abrindo aquele sorriso irresistível que fazia os seus olhos de cores diferentes brilharem.

Sorrindo, Nina se remexeu para descer do colo de Cissa, que sorria encantada para os dois, e se aproximou de Thomas.

— Tá bom! Mas aí o *didu* e o papai vão *pintá* de roxo. Eu gosto de roxo também.

Minha gargalhada ecoou pela sala de jantar e encarei Ramon, que olhava para Nina um pouco atordoado.

— Eu acho que você combina com roxo, Ramonzinho. Vai ficar perfeito com o seu tom de pele.

— Eu também acho! — Nina disse, abraçando a perna de Ramon. — Você vai *ficá* lindo, *didu*!

Ramon riu e a pegou no colo, perguntando:

— Vou, querida?

— Vai! Aí a mamãe e a *dida* *Abi* *pode* *pintá* de rosa igual eu!

Gabi sorriu e passou o braço pelo de Luna, que sorriu para ela de volta, como se estivessem compartilhando de algo que a gente não sabia. Acho que Ramon notou o mesmo, pois olhou para Gabi com atenção, pressentindo que alguma bomba estava chegando.

— A gente não vai poder pintar o cabelo — Gabi disse.

— Pois é, não vamos — Luna concordou.

— *Poi* quê? — Nina perguntou.

— Porque nós estamos grávidas! — Luna anunciou e eu quase enfartei.

— Que coisa maravilhosa! Ah, que alegria! — Cissa comemorou, indo abraçar as duas.

Ao meu lado, vi as pernas de Ramon fraquejarem e consegui falar:

— Se você deixar a minha filha cair, vai levar um tapão! — Virando-me para Luna, perguntei: — É sério?

— Muito sério! — Gabi respondeu, pousando a mão sobre a barriga. — Eu falei com Luna essa semana que estava me sentindo estranha e ela disse que também estava, então, começamos a desconfiar de que poderíamos estar

grávidas e fizemos o teste hoje de manhã... Deu positivo!

— Meu Deus... Meu Deus, minha menina!

Ramon colocou Nina em meu colo e se aproximou de Gabi, dando um beijo em sua boca e puxando Thomas, que parecia não estar entendendo nada. Atordoado, me aproximei de Luna, que me fitava com os olhos cheios de lágrimas. Realmente, ela havia reclamado que estava enjoada uns dias atrás, mas não imaginei que poderia ser uma gravidez! Com o coração acelerado, a puxei para mim pela cintura com um braço, mantendo Nina em meu colo com o outro.

— É verdade, gatinha?

— Sim, é verdade!

— Tem certeza que saíram dois risquinhos no teste de gravidez? Se for alarme falso, eu vou morrer, Luna!

— Eu fiz aquele que mostra as semanas, seu bobo! Você me engravidou há quatro semanas.

— Misericórdia, Luna! Ontem eu te comi de quat...

Ela tampou a minha boca e eu arregalei os olhos, lembrando que Nina estava em meu colo. Ainda bem que minha filha era inocente e continuou olhando para nós dois como se eu não tivesse falado nada demais.

— Desculpa — murmurei quando ela destampou minha boca, mas minha gatinha não parou de sorrir. Olhando para Nina, falei: — Mini-gatinha, você vai ganhar um irmãozinho! Ou uma irmãzinha!

— Mas eu já tenho um *rimão*. O Thomas é o meu *rimão*.

— Irmão — Luna corrigiu, a pegando do meu colo. — Mas agora você vai ganhar mais um irmãozinho! E o Thomas também vai ganhar mais um irmão.

— Vai?

— Vai sim. Vocês terão mais crianças para brincar — falei, vendo seus olhos brilharem.

— Isso vai ser muito legal! Thomas, a gente *vamos* ter *rimãos*! — ela gritou, saindo do colo de Luna e indo até Thomas, que sorria todo alegre.

Eles começaram a falar sobre as novas crianças e como iriam brincar com elas, enquanto Ramon e Gabi comemoravam em um canto. Aproveitei aquele momento para puxar a minha garota para os meus braços e beijar a sua boca, sentindo meu peito repleto de emoção e alegria, enquanto levava minha mão à sua barriga.

— Estou muito feliz, meu amor. Você está feliz?

— É claro que estou feliz! Eu estava louca para te contar, mas Gabi e eu

combinamos de falar ao mesmo tempo. A gente queria testar o coração de vocês.

— Agora a gente não morre mais, pode ter certeza!

— Você vai me aguentar por mais alguns meses loira? Eu sei que você adora meu cabelo rosa.

— Gatinha, não importa com que cor seu cabelo esteja, para mim, você sempre será a minha pequena de cabelos coloridos — sussurrei, passando meus lábios pelos dela. — Obrigado por fazer de mim o homem mais feliz do mundo. Eu amo você.

— Eu também te amo muito, meu *advogado*. Para sempre.

— Para sempre.



Capítulo Bônus

Abraço

— Vovô! Vovô! É uma menina! Minha mãe está esperando uma menina! Eu sabia!

Observei a felicidade de Thomas ao entrar no casarão da fazenda de Ramon acompanhado por ele e por Gabi, que veio com pressa me abraçar.

— Pai, que bom que o senhor veio! Já vi que Thomas contou a novidade.

— Sim, meu neto é o meu informante oficial — falei, puxando-o para um abraço apertado. — É você o responsável por me contar todas as novidades, não é, querido?

— Sim, senhor! Agora a gente precisa pensar em um nome. O senhor que escolheu o nome da minha mãe, vô?

— Sim, fui eu. Assim que soube que era uma menina, o nome dela veio à minha cabeça.

— Pai, o nome da minha irmã já chegou na sua cabeça?

— Ainda não — Ramon disse, aproximando-se para apertar a minha mão. — Eu acho que podemos escolher juntos, que tal? Cada um dá uma sugestão.

— Isso! Eu posso ligar para Nina? Eu quero saber se o bebê da dinda é menino ou menina!

— Eles já devem estar chegando, meu amor. Agora, que tal você ir contar a novidade para Cissa? Ela deve estar te esperando na cozinha — Gabi disse e Thomas saiu correndo em disparada com toda aquela energia de uma criança de seis anos de idade, enquanto Ramon ia atrás dele. — Pai, como o senhor está?

— Estou muito bem, filha. E feliz por saber que terei uma netinha!

— Já vi que vai mimá-la igual mima o Thomas.

— Mas é claro que sim. Venha aqui, me deixe falar com ela — pedi e ela veio em minha direção, exibindo a barriguinha de quatro meses que já estava bem aparente. — O vovô já está ansioso para te conhecer, querida. Prometo

que serei o melhor avô do mundo para você!

— O senhor já é o melhor avô e o melhor pai do mundo todo. Eu amo muito o senhor.

— Eu também te amo muito, Gabi. Obrigado por me deixar fazer parte da sua vida.

— Para com isso, pai! Eu não seria nada sem o senhor, sabe disso — ela disse muito emocionada, dando um beijo em minha bochecha. — Esses hormônios me deixam chorando à toa!

— E ainda tem mais alguns meses pela frente...

Ela sorriu para mim e se afastou quando Caio chegou com Luna e a filhinha deles, que havia completado três anos há alguns meses. Nina era uma gracinha e veio correndo me dar um abraço apertado, perguntando quando poderia mexer na minha cadeira. Era impressionante como as crianças se divertiam com ela!

— Mais tarde, querida — garanti, apertando a mão de Caio e cumprimentando Luna com um abraço. Ela e Gabi haviam engravidado praticamente ao mesmo tempo e agora estavam vivendo a experiência da segunda gestação juntas, deixando Caio e Ramon loucos. — E então, é menino ou menina?

— Não conseguimos descobrir. O bebê se recusa a abrir as pernas! — Luna disse revirando os olhos.

— Mas eu tenho certeza que é um menino — Caio disse.

— Você também achou que Nina era um menino. Eu não acredito mais nesse seu instinto de pai.

— Gatinha, foi um desvio de percurso! Eu era pai de primeira viagem, mereço um desconto, não?

— Claro que sim! — ela disse, beijando-o na boca.

Eles se afastaram para ir falar com o pessoal na cozinha e Gabi foi com eles, dizendo que voltaria em breve. Aproveitei que estava sozinho para poder ir até a varanda e, ali, deixei meus pensamentos se perderem. Nunca imaginei que, um dia, estaria na casa de Ramon em um sábado à tarde, observando a paisagem a se perder de vista da sua fazenda, me sentindo completamente em paz. Ainda na juventude, perdi muito tempo da minha vida criando por ele um sentimento horrível, que só serviu para me deixar amargurado e infeliz. Mesmo quando me casei com Cecília e garanti que ela era apenas minha, não consegui encontrar a felicidade e, agora, eu entendia o porquê.

O que nutri por ela não foi um sentimento saudável. Apaixonei-me sim, a amei, mas acabei me tornando um homem obsessivo, a ponto de afastar a minha filha por anos e me fechar em um luto que só me destruiu. Não conseguia enxergar uma saída para mim enquanto me afundava no amargor que era a minha vida, sozinho naquela fazenda enorme, fazendo de tudo para compensar a minha tristeza com dinheiro, chegando até mesmo a passar por cima do meu caráter e da minha ética para ter mais. E tudo isso para nada. Eu poderia ter sido feliz depois da falsa morte de Cecília, poderia ter aproveitado a infância e juventude da minha filha, ter me dedicado a ela como me dediquei aos meus negócios e ao luto que me consumia, mas fui egoísta, olhei apenas para mim e a afastei, me preocupei apenas com os meus sentimentos e negligenciei os dela.

Quando me dei conta de tudo de ruim que havia causado em nossas vidas, quase foi tarde demais. Sofri aquele acidente, passei meses em coma. Se não fosse por Ramon, Gabriela teria ficado sozinha e à mercê da cobra que era Cecília. Saber que estava viva foi um golpe inesperado, mas descobrir sobre sua verdadeira personalidade fez o meu coração ruir. Além da dor de ter sido enganado, de ter amado uma mulher que nunca existiu de fato, o arrependimento pela forma como vivi e como obriguei minha filha a viver quase me matou. Retomar a minha consciência após o acidente foi como enxergar uma luz no fim do túnel. Naquela cama de hospital, eu entendi que tinha apenas duas opções: desistir de uma vez por todas ou aproveitar a segunda chance que Deus havia me dado e lutar para continuar vivo, me tornar o mais saudável possível e viver ao lado da minha filha.

Por isso que, talvez, eu tenha aceitado o relacionamento dela e de Ramon com uma facilidade que me espantou. Não foi apenas porque ele salvou a sua vida, nem porque vi o amor em seus olhos quando conversamos, mas, sim, por saber que não podia privá-la da felicidade depois de tudo o que havia feito. E porque eu queria estar presente, da forma que ela achasse melhor, para poder a observar *sendo* feliz. Por sorte, eu tinha uma filha maravilhosa, que mesmo depois de tudo, ainda me amava, que havia me perdoado e que, hoje, fazia questão de me ter ao seu lado, não apenas como uma visita ou um parente qualquer, mas como seu pai, parte essencial da sua família, um avô presente para o meu neto e, agora, para a minha netinha que estava por vir.

Para completar a minha felicidade, havia finalmente encontrado o verdadeiro amor da minha vida. Foi mais um presente inesperado que a vida me deu e levei um tempo para admitir a mim mesmo que era amor, para me

dar a chance de viver aquilo, mesmo tendo as minhas limitações. Não foi fácil entregar o meu coração, confiar novamente em uma outra mulher, mas Rosa foi me conquistando aos poucos, primeiro a minha amizade ao ser a minha enfermeira particular, depois a minha alma, se tornando essencial em minha vida.

— Meu amor, o que está fazendo aqui fora? — ela perguntou, abraçando-me por trás e beijando o meu rosto.

Virei um pouco a cadeira e a puxei para o meu colo, vendo suas bochechas ficarem coradas por estarmos trocando intimidades ali, onde qualquer um poderia ver.

— Estava pensando em como sou feliz por ter você e a família da minha filha em minha vida.

Rosa me fitou emocionada e passou a mão pelo meu rosto, fazendo meu coração ficar acelerado no peito. Era por me causar essa comoção que eu sabia que ela era o verdadeiro amor da minha vida.

— Nós amamos muito você, querido.

— Eu também amo muito vocês.

A puxei para um beijo, selando aquela conversa curta, mas cheia de emoção e me preparando para muitas outras que eu ainda iria sentir, já ansiando ter minha neta em meus braços, que chegaria em breve para trazer ainda mais luz, alegria e paz em minha vida.



Eu queria, antes de mais nada, reservar esse primeiro parágrafo para escrever algo especial para Deus. Deus, eu nunca imaginei que naquele dia, quando eu estava deitada no sofá da minha casa ouvindo Fábio Jr. e vendo em minha mente a primeira cena de Ramon e Gabi, o Senhor já estava vendo lá na frente e cuidando para que eu conhecesse Caio e Luna. Eu costumo falar que esse casal foi um presente que veio diretamente das Suas mãos, pois

jamais imaginei que os dois ganhariam o meu coração e o de tantas leitoras ao longo do livro do meu eterno cavalo. Muito obrigada por ser esse Deus de detalhes, que vê muito além do que nossos olhos conseguem alcançar, que planeja tudo com tanta delicadeza. Espero que saiba que o meu amor pelo Senhor é eterno, assim como a minha admiração por ser tão especial em minha vida!

Aos meus pais e minha família, eu só posso agradecer por todo o apoio e todo carinho! Amo vocês!

Luana, obrigada por doar tanto para Luna! Ela realmente tem muito do seu jeitinho, da sua personalidade cativante. Obrigada por ser a minha melhor amiga, por surtar comigo em cada capítulo, por insistir para que eu escrevesse mais, mesmo que eu não tenha atendido o seu pedido. O seu Caio está chegando, eu creio! Te amo, migs!

Raquel, minha beta e revisora! O que seria de mim sem você? Obrigada pelos puxões de orelha, por me alertar quando tinha alguma ponta solta, por brigar comigo quando eu me atrasava a mandar os capítulos. Amei demais ter a sua companhia durante a construção desse livro e já quero repetir nos próximos. Agora você vai ter que me aturar!

Kel, minha gêmea, o que posso falar para você? Todo dia me mandava sair das redes sociais para escrever, mesmo quando você estava atrasada com Dona da Máfia! E ainda tinha a ousadia de ficar o tempo todo falando que o Caio era seu marido. Sei que até aqui você vai estar com essa ilusão, mas espero que não me odeie por ter deixado a Luna viva, casada e grávida pela segunda vez do *advogado*. Te amo!

Minhas meninas do *WhatsApp*, o que seria da minha vida sem vocês todos os dias ao meu lado, surtando, implorando por *spoilers* e torcendo para que eu colocasse logo o nosso casal na Amazon? De verdade, vocês são essenciais na minha vida! Cada uma tem um cantinho especial dentro do meu coração.

Meus leitores maravilhosos do Wattpad, obrigada por cada meta batida, por terem travado o site com aqueles oito mil comentários em um único capítulo, por todas as leituras, as divulgações nas redes sociais... Obrigada por tudo! Vocês são incríveis!

Aos meus leitores que me acompanham nas redes sociais, que ficam roendo as unhas para ler tudo na Amazon, eu só posso agradecer por vocês existirem na minha vida. Amo cada um!

E você que chegou até aqui, meu muito obrigada. Eu espero que esse livro

tenha aquecido o seu coração assim como aqueceu o meu, que o *advogado* tenha te conquistado ainda mais e que você volte aqui mais vezes, para ler e reler, para matar a saudade do Caio (e do Caio Big Júnior), da Luna, do Ramon, da Gabizinha e de todos os personagens que foram essenciais para a construção dessa história.

Um beijo e até a nossa próxima aventura!

Não esqueça de avaliar.

A sua opinião é muito importante para mim e para aquele leitor que está lendo a sinopse e pensando em comprar o livro.

Sendo assim, não esqueça de deixar a sua avaliação na Amazon.

Adorarei saber a sua opinião.

Contato com a autora

Quer falar comigo? É muito fácil, me encontre nas redes sociais ou me envie um e-mail. Vamos conversar.

Instagram: [@tatahbarcellos](https://www.instagram.com/tatahbarcellos)

Facebook: Tamires Barcellos

Grupo do Facebook: Romances – Tamires Barcellos

E-mail: tata-alexandrino@hotmail.com



[Compre aqui](#)

À Sua Espera

Dono de uma das maiores fazendas de criação de cavalos do Brasil, Ramon Baldez estava acostumado a comandar o seu império com punhos de ferro. Reconhecido como um profissional sério e respeitado, pensava que tinha todos os âmbitos da sua vida sob controle, até descobrir que o seu sócio, Abraão Rodrigues, havia sofrido um grave acidente de carro.

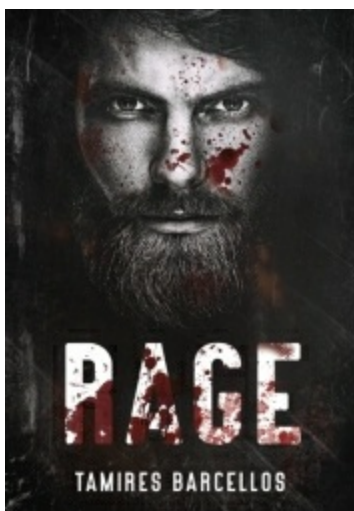
Com o sócio em coma, Ramon se vê diante de um enorme dilema: tomar para si a responsabilidade de lidar com Gabriela, a filha de Abraão, que se vê sem o pai, seu único parente vivo. Sabendo que não poderia dar às costas para a jovem de dezenove anos, ele a acolhe em sua fazenda, enquanto Abraão está em estado grave no hospital.

Ramon acreditava que cumpriria o papel de amigo da família ao estar ao lado de Gabriela naquele momento tão difícil para a menina. O que ele não poderia imaginar era que, ao assumir a responsabilidade de cuidar dela, iria descobrir que esteve durante toda a sua vida à espera de conhecê-la, para encontrar o seu verdadeiro amor.

Mas como ele poderia aceitar que estava perdidamente apaixonado por uma menina? Seria ele capaz de se entregar a esse sentimento, sendo quase dezenove anos mais velho do que ela.

E o mais importante: conseguiria lidar com o fato de Gabriela reascender um passado que, para ele, já estava enterrado?

Ramon irá descobrir que, às vezes, a vida toma caminhos inexplicáveis para juntar dois corações que se amam.



[Compre aqui](#)

Rage

Amber Bloom só tem um objetivo na vida: destruir o seu pai.

Filha de um dos empresários mais prestigiados e ricos do mundo, Amber foi criada sob regras rígidas, consciente de que seu futuro estava nas mãos de seu pai, um homem frio e arrogante, que nunca fez questão de lhe demonstrar carinho ou afeto.

No entanto, quando começa a desconfiar de que a fortuna e o poder de seu pai não são provenientes apenas da empresa que havia fundado décadas atrás, Amber decide começar a investigá-lo e o que o descobre a faz conhecer um homem que desperta e rouba completamente o seu coração.

Rage só tem uma coisa em mente: matar o homem que é obrigado a chamar de Mestre.

Sequestrado ainda na infância e jogado em um quarto escuro, Rage vê sua vida passar em meio a torturas, enquanto é obrigado a se submeter a um homem que o humilha de todas as formas. Completamente destruído, sem saber há quantos anos está preso, ele só pensa em uma coisa, matar o Mestre. As consequências que encararia depois não lhe faria a mínima diferença; ele não se importava, pois sabia que já estava morto por dentro.

Pelo menos era o que pensava, até uma mulher com olhos de anjo aparecer em seu caminho.

A vida une uma alma corrompida pela maldade humana a uma alma com sede de justiça e o amor nasce entre eles.

Mas seria o amor forte o suficiente para derrotar um inimigo impiedoso, que fará de tudo para destruí-los?

- "Rage" é um romance dark;
- Contém cenas sensíveis como violência e estupro **sem romantização**;
- Proibido para menores de 18 anos.



[Compre aqui](#)

A Morte de um Solteirão

Gosto de pensar que sou um homem livre, um verdadeiro solteirão e nada nunca abalou essa minha convicção. Veja bem, aos trinta anos, bem-sucedido, com tempo livre para sair, curtir e transar, a palavra “relacionamento” pode ser tão fria quanto um *iceberg* ou tão ruim quanto a própria morte.

Sem contar que, sabemos, romance, amor e paixão, são verdadeiras baboseiras. Um casamento é muito lindo na hora do sim, mas, depois do sim? A palavra “divórcio” brilha tão forte quanto o sol no verão do Rio de Janeiro. Sem contar as traições, que, convenhamos, não existiriam se as pessoas não se escondessem atrás de um amor falso.

É por isso que sou totalmente contra a qualquer tipo de relacionamento sério. Sexo é muito bom, mas fica melhor ainda quando se pode ir embora na manhã seguinte sem ressentimentos ou cobranças. Foi para isso que nasci — sim, *nasci*, pois se falar que fui *criado* para isso, *mamma* me corta a cabeça — e estava muito bem com a minha vidinha do jeito que era, até Alice Carvalho aparecer em meu caminho e me desestabilizar completamente. Nem se eu pudesse, conseguiria explicar o que senti quando a vi pela primeira vez e quando, inesperadamente, ela reapareceu em minha vida.

Por isso, soube que precisava tê-la em minha cama, mas ela disse “não”. E persistiu no “não”. Mas eu estava louco para ouvir um “sim” e, em meio ao desespero, fiz algo impensável: prometi a ela que, se aceitasse ficar comigo, poderíamos passar um tempo tendo sexo casual, sem nos envolvermos com outra pessoa. “Ficantes fixos”, nomeei.

Não, não era um relacionamento. Não tinha nada de romantismo. Era apenas dois adultos se encontrando algumas vezes por semana para fazerem sexo.

Mesmo assim, nunca pensei que essa inocente proposta poderia promover uma morte...

A minha morte.

A morte de um solteirão.



[Compre aqui](#)

A Voz do Silêncio

A vida simples que Marina Alencar levava sendo professora, muda drasticamente em uma tarde que deveria ter sido normal como todas as outras. Ao ser atropelada, Marina é socorrida por um homem que havia testemunhado o acidente. Mas ele não era um homem comum.

Alto, bonito e com lindos olhos azuis, ele era encantador. Bem-humorado e com um coração enorme, o homem que a ajudou no momento em que ela mais precisou, acabou se tornando o centro do seu mundo.

Apaixonar-se por ele foi inevitável, assim como entregar o seu coração em suas mãos e confiar em cada uma de suas palavras.

Marina nunca acreditou em contos de fadas, mas quando se viu vivendo um, achou que príncipes encantados realmente existiam.

Mas quando o amor começa a ser sufocado pela dor e pelo medo, tudo muda de figura e resta apenas o silêncio.

Um silêncio ensurdecedor.

Um silêncio que precisa ser ouvido.



[Compre aqui](#)

O Astro Pornô

Emma Glislow é uma mulher de vinte e dois anos. Cursa faculdade de odontologia, ama ler e é apaixonada por seu noivo, Frederick. Tudo em sua vida sempre foi perfeito e em ordem, até que seu noivo a trai de forma descarada.

Seu mundo magnífico é destruído em um segundo, enquanto ela passa uma semana inteira trancada no quarto, sem falar ou ver ninguém.

Quando finalmente resolve sair da fossa, uma noite de bebedeira e balada com sua melhor amiga parecia ser o lance perfeito para tirar da cabeça, a cena de seu noivo trepando com uma vadia.

Mas o que ela não sabia, era que em meio a essa noite super divertida, uma proposta lhe seria feita e em meio a todas as tequilas e margaritas ingeridas por ela e sua amiga, ela aceitaria e assinaria um contrato.

O contrato que a colocaria de cara com o maior astro pornográfico do momento.



[Compre aqui](#)

A Paixão do Rei

O misterioso Dominick Andrigheto Domaschesky, Príncipe de Orleandy, país que se estende por boa parte da Europa, se vê diante do trono de Rei muito mais cedo do que gostaria.

Com o falecimento de seu pai, o Rei Patrick, Dominick com seus trinta anos de idade, assume o reinado como principal sucessor ao trono. Se sentia preparado e firme para assumir o poder, seu pai o havia preparado para aquilo e ser Rei já estava em seu sangue.

Se sentia confiante para tudo, menos para o que seus conselheiros lhe propuseram: achar a Rainha ideal.

Totalmente adverso a relacionamentos, Dominick tinha colocado em sua cabeça que jamais se casaria. Tinha gostos diferentes, não tinha paciência para cortejar uma mulher fora da cama e ao menos pensava em colocar uma aliança no dedo, mas, segundo a filosofia de seu pai, "um Rei não é nada perante a sociedade, sem uma Rainha ao seu lado".

Com tudo conspirando contra seu favor, Dominick chega à conclusão de que sim, iria se casar, mas seria do seu jeito. Com a ajuda de seu melhor amigo e conselheiro, Dimir, ele entra em um mundo diferente, desaparece por algumas semanas e volta com a Rainha perfeita ao seu lado.

Kiara Neumann era uma mulher sem opções na vida. Em um dia não tinha nada, não tinha uma história para contar e nem um futuro para imaginar. No outro, havia se tornado noiva do Rei de Orleandy e era amada e ovacionada por todo um povo que amava seu país.

Mas como ela era noiva se ao menos se lembrava de sua vida? Poderia

confiar na palavra de Dominick, que não fazia a mínima questão de ser cortês com ela? Como poderia se casar se ao menos o amava? Ou melhor... Seria ela capaz de amar um homem tão frio quanto aquele Rei? Em meio a segredos, sedução e todo um reino a ser comandando, Dominick seria capaz de se apaixonar por sua doce esposa? Talvez sim, mas se segredos do passado comesçassem a rondar o casal, o mundo frágil de contos de fadas seria abalado para sempre.

-
- [\[1\]](#) SS Pleasury – Romance da autora Kel Costa
 - [\[2\]](#) A Morte de um Solteirão – Romance de Tamires Barcellos
 - [\[3\]](#) Meu café da manhã
 - [\[4\]](#) She Will Be Loved – Maroon 5
 - [\[5\]](#) Beauty queen of only eighteen/She had some trouble with herself –
Trecho de She Will Be Loved, Maroon 5
 - [\[6\]](#) Velho/Ultrapassado